

# UMA NOVA *chance*

UM ROMANCE ESCRITO POR

TATIANE BIASI

# UMA NOVA *chance*

UM ROMANCE ESCRITO POR  
**TATIANE BIASI**

Copyright © 2023 Tatiane Biasi

**UMA NOVA CHANCE**

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte dessa obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meios eletrônicos ou mecânico sem consentimento e autorização por escrito do autor/editor.

**Capa:** Lilly Desiggn

**Ilustração:** @olhosdtinta

**Revisão:** Gabrielle Andrade

**Diagramação:** April Kroes

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com fatos reais é mera coincidência. Nenhuma parte desse livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes – tangíveis ou intangíveis – sem prévia autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do código penal.

TEXTO REVISADO SEGUNDO O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

# SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Aviso](#)

[Nota 1](#)

[Nota 2](#)

[Playlist](#)

[Prólogo](#)

## [CAPÍTULO 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)  
[Capítulo 46](#)  
[Capítulo 47](#)  
[Capítulo 48](#)  
[Capítulo 49](#)  
[Capítulo 50](#)  
[Capítulo 51](#)  
[Capítulo 52](#)  
[Capítulo 53](#)  
[Capítulo 54](#)  
[Capítulo 55](#)  
[Capítulo 56](#)  
[Capítulo 57](#)  
[Capítulo 58](#)  
[Capítulo 59](#)  
[Capítulo 60](#)  
[Capítulo 61](#)  
[Capítulo 62](#)  
[Capítulo 63](#)  
[Epílogo 1](#)  
[Epílogo 2](#)  
[Notinha final](#)  
[Agradecimentos](#)  
[Outras obras](#)



Esse livro é recomendado para maiores de 18 anos, por conter cenas de sexo, uso de substâncias lícitas ou ilícitas, violência e palavras de baixo calão. Ele também faz menção à temas sensíveis, como aborto. Apesar de não me aprofundar nos assuntos, se você não se sentir confortável, pare a leitura. Além disso, gostaria de deixar claro que é sempre importante buscar informação sobre educação sexual e temas sensíveis. Ressalto também que o livro é uma **obra de ficção**, assim, qualquer semelhança com a realidade é **mera coincidência**.

Para todas as mães que tomaram decisões difíceis achando que era o melhor para seus filhos. Para a minha mãe, que é o grande amor da minha vida, que viveu e abdicou tanto por mim e mesmo quando errou, foi tentando acertar.

# NOTA 1

As pessoas sempre me falaram que era impossível viver da escrita. Isso fez com que eu desistisse dos meus sonhos, por medo de não conseguir me manter. Atualmente, sou uma autora independente e a escrita é minha única fonte de renda. Esse é o meu trabalho e é gratificante poder fazer o que eu amo e pagar minhas contas.

Se isso for um PDF, espero que tenham plena consciência do quanto isso me prejudica. Os livros estão de graça para assinantes do Kindle Unlimited e por um valor acessível na Amazon. Muitos não entendem que isso é um trabalho, assim como o de vocês. Pelo menos da minha parte, existe muito estudo, pesquisa e conversas com profissionais de diversas áreas. Algumas pessoas não possuem o mínimo de empatia e pegam pesado até mesmo na forma de falar sobre a obra, caso não as agrade.

Espero que vocês sempre sejam valorizados no trabalho de vocês e que nunca sejam humilhados como já aconteceu comigo em alguns casos isolados por alguns leitores. Não sejam esse tipo de pessoa, existe sempre alguém por trás e ninguém sabe sobre minhas dores. Minhas histórias são o meu trabalho, são a minha vida.

Valorizem os autores nacionais.

# NOTA 2

Como em todas as minhas histórias, aqui você vai encontrar personagens reais, que fazem escolhas erradas, muitas vezes achando que estão tomando a melhor decisão. Talvez você não entenda porque pelos seus valores e vivências não seria o que você escolheria, mas isso não invalida os caminhos que foram tomados pelos personagens e suas escolhas. Eu escrevo seres humanos e assim como todos nós, eles também são falhos. Muitas vezes temos atitudes infantis, imaturas, egoísticas e não é porque somos adultos que isso se torna irreal.

Adultos com seus 22, 26, 30 ou 45 anos podem ter atitudes infantis. Superem.

Isso também não quer dizer que as pessoas mereçam menos por isso, não significa que não são dignos de alguém que as ame. Nós não temos o poder de afirmar algo assim, porque o amor nada mais é do que o sentimento irracional que temos pelo outro, uma incoerência absurda que nunca vamos poder mensurar.

# PLAYLIST

Ouça a playlist do livro clicando [aqui](#)  
ou escaneie o code abaixo.







# PRÓLOGO

*Dante Perazzo*

Era como se o meu coração estivesse sendo arrancado do meu corpo, deixando um vazio quase insuperável. Aquele seria um dos dias que eu nunca mais iria esquecer. Eu me lembrava de todos os momentos que já havíamos passado juntos. O dia em que nos conhecemos ou o solavanco que fez com que eu derramasse café por todo o seu tecido. Recordava-me de como meu coração disparava sempre que algo parecia dar errado, de como seu perfume era reconfortante, presente em diversas memórias que tivemos juntos.

O destino hora ou outra nos colocava em situações complicadas, mas me orgulhava da forma como lidávamos com isso. Suspirei, pensando em quantos caminhos eu tinha percorrido por sua causa, sendo levado a lugares que nem mesmo podia imaginar serem reais.

Viagens, jantares, encontros e desencontros. As vezes em que eu achei que tudo daria errado, sabia que havia algo que sempre estaria comigo.

A sua toxicidade era muito grande, entretanto. Eu sabia do mal que era causado, entendia que agora precisávamos seguir caminhos diferentes.

E agora, eu encarava o horizonte com um aperto na garganta, prestes a me separar daquilo que pensei ser o único amor da minha vida.



*Ontem  
Todos os meus problemas pareciam tão distantes  
Agora parece que eles vieram pra ficar.  
:: YESTERDAY – THE BEATLES ::*

## *Maria Manuela Guerra*

A vida do trabalhador brasileiro era mesmo uma merda.

Senti minha cabeça pesada no momento em que o despertador soou baixinho, bem próximo ao meu ouvido. Levantei em direção ao banheiro, caminhando lentamente e dei uma topada com o pé em um dos móveis no meio do caminho, xingando-o de todos os nomes possíveis e imagináveis. Parabéns, esse era o prêmio que o universo me dava por ser uma boa funcionária e ficar até tarde preenchendo relatórios.

Era difícil ser coordenadora de um setor inteiro, em especial depois de um membro da sua equipe pedir demissão, mas eu precisava mostrar que estava apta a realizar todas as tarefas ou então nunca conseguiria me tornar gerente.

Por mais que Júlio Fazano fosse o dono de um dos maiores escritórios de advocacia do Rio de Janeiro, o posto de gerente era dado para os funcionários com um real destaque e ele ficaria vago em breve porque Fausto iria se aposentar. E mesmo que eu fosse

relativamente nova, era a pessoa mais capacitada para o cargo e precisava que meus superiores me considerassem pronta para assumir aquela posição.

Minha principal responsabilidade atual era que os assuntos chegassem quase resolvidos para a gerência e diretoria, para que eles apenas tomassem uma decisão final. Além do mais, eu sabia que poderia fazer muito mais do que Fausto, o pobre coitado estava exausto e havia sido jogado para a minha área mesmo que não fosse sua especialidade.

Trabalhávamos em conjunto, mas nem sempre a palavra definitiva era minha, ainda estava sujeita à aceitação dos dois. De qualquer modo, eu ganhara uma posição de destaque, uma que sabia que contaria pontos ao meu favor.

Havia sido convidada para um novo projeto de assessoria para a SOS Eco, a organização em que eu havia começado minha carreira jurídica. Agora iria auxiliar, através do escritório, na sugestão de alterações de leis ambientais que pudesse apertar as já existentes.

Sim, eu era uma defensora do meio ambiente, aquela que uma parte da sociedade adora ridicularizar. Afinal, quem precisa de baleias felizes e árvores saudáveis quando temos os incríveis seres humanos para nos mostrar o verdadeiro valor da vida? Existem tantos outros problemas “mais importantes” para lidar, não é mesmo? A cor do novo *iPhone*, fazer listas intermináveis de metas de Ano-Novo que nunca serão cumpridas, ficar obcecado com a contagem de seguidores nas redes sociais. Isso tudo definitivamente é o que importa. Os pobres botos podem se foder.

Antes de aceitar o emprego no Fazano Advogados, eu havia trabalhado na ONG, mas entendi que indo para um local com maior visibilidade, alcançaria mais gente e poderia ajudar diversas empresas no caminho. O meu nome se tornou conhecido dentro do meio pelo meu trabalho incisivo e desde então eu era muito odiada por diversas empresas multimilionárias, em especial as petrolíferas.

Meu chefe me contratou exatamente por isso e agora, com o projeto, ele queria que toda mídia soubesse que era eu quem estava por trás daquilo.

Ainda estava amanhecendo, então abri a porta bem devagar para não acordar Giovanna. Eu me peguei observando-a por alguns minutos, distraída, com o coração todo derretido, enquanto minha bebê ainda dormia, respirando devagar, envolta em um sono profundo.

Resolvi tomar um banho demorado, na intenção de relaxar um pouco mais. Aquela última semana estava mais turbulenta do que o normal e não conseguia de maneira alguma ficar menos ansiosa com a quantidade de tarefas que eu teria que realizar. Tentei pensar nas atividades que precisava finalizar no dia, organizando em minha cabeça para que isso não me tomasse tempo quando chegasse ao escritório.

Minha rotina estava tão caótica que eu mal tinha tempo para separar as roupas brancas das pretas, fazer os meus exames atrasados, lembrar de trocar a lâmpada do abajur que estava quebrada há uma semana. Tocar uma siririca, então... E como se não bastasse, os momentos em que eu ficava excitada nunca eram propícios.

Na última semana, cheguei a ficar com tesão depois de ver um cara parado no meio da Avenida das Américas com uma *BMW* branca enguiçada. Ele era lindo, estava irritado e todo suado. Tinha um volume maravilhoso marcando as calças e quando tirou a camiseta, o motorista do *Uber* aumentou o rádio que tocava um louvor e começou a cantar junto.

Cheguei até a engasgar com a minha água.

Soltei o ar em frustração ao lembrar daquele dia sofrido, mas a cena não deixou a minha cabeça. E graças a Deus agora não havia nenhuma música gospel para fazer com que eu me sentisse culpada por estar excitada no caminho para o trabalho.

Decidi esquecer um pouco das minhas atividades e focar naquele homem lindo de pele negra com mãos grandes e fortes que provavelmente marcariam a minha bunda inteira na hora de uma foda. Fechei os olhos, perdida nas minhas memórias e esfreguei os dedos em meu clitóris, sentindo a água quente correndo pelo meu corpo.

Eu deixaria aquele gostoso me comer em cima do carro no meio da rua e não daria a mínima se alguém passasse buzinando.

Macho lindo do caralho, parecia até mesmo o Duque de Hastings da série da Netflix, *Os Bridgertons*.

A cena do ator lambendo a colher veio na minha mente, eu aumentei o ritmo e...

Abri os olhos ao ouvir os ruídos vindos do cômodo ao lado e cheguei até mesmo a choramingar com a porra do *timing*<sup>[1]</sup> de merda que minha filha tinha.

Certeza de que tinha alguém no inferno destinado a foder com a vida da mulher hétero solteira. CERTEZA! Era muita desgraça para um grupo tão específico.

Suspirei, enrolando-me em um roupão e fui até o quarto, porque a calmaria daquela manhã havia acabado. Junto com meu tesão.

O choro aumentava cada vez mais à medida em que eu me aproximava do cômodo. Seus olhinhos estavam molhados e Gio gritava incessantemente, até o momento em que me viu. Ainda era difícil para ela acordar longe de mim e mesmo que me magoasse não dormir ao seu lado todas as noites, sabia que era algo necessário. Bebês precisavam criar independência desde cedo e era importante que minha filha o fizesse.

— Meu amor, está com fome, não está? — falei, pegando-a no colo e caminhando em direção à cozinha enquanto a criança soluçava, cessando as lágrimas.

Fui em direção ao fogão, preparei um café com torradas e comi, apoiada na bancada, enquanto a observava equilibrar a mamadeira nas mãos. Ela balbuciava barulhos engraçados e sorria feliz enquanto levantava seus bracinhos no ar.

Sorri. Não havia nada mais maravilhoso do que aquela cena. Sentia falta de passar mais tempo com minha bebê, mas, ultimamente, as coisas estavam bem agitadas no trabalho e muitas vezes chegava em casa tarde e já tinha que sair pela manhã, quase sempre apressada.

Observei meu reflexo no espelho, notando as olheiras em volta dos meus olhos. Meu bronzeado estava quase extinto, comprovando que eu necessitava de um pouco mais de vitamina D com urgência.

Estava um trapo.

Eu sempre amei os meus cabelos, em especial pela cor, um marrom-chocolate que era só meu. Eles costumavam ser espessos e fortes, mas agora gritavam desesperadamente por uma hidratação e por uma tesoura para acabar com aquelas pontas duplas.

Bem-vindos à vida de uma mãe solo, senhoras e senhores.

— Vamos nos arrumar, sim? — perguntei e ela respondeu animada com mais alguns sons indecifráveis.

Eu a vesti com o macacão de tricô que minha mãe havia feito, cheio de bolinhas azuis e lilás. Ela ficava parecendo uma cópia do Sully de *Monstros S.A.* e eu sempre ria sozinha disso. O tempo já estava alterando no Rio e era importante que Gio ficasse bem agasalhada. Não queria que ela pegasse uma gripe ou qualquer coisa parecida.

Tentava de todas as formas protegê-la, às vezes sendo até exagerada, como Adriano sempre dizia, mas aquele era meu bem mais precioso, não podia deixar que nada acontecesse. Não saberia viver sem ela ou sabendo que fui responsável por algo de ruim que pudesse vir a ocorrer.

Meu Deus, eu tinha tanto medo. Era um pavor que nunca dava trégua e eu senti desde o momento em que descobri que estava grávida.

Nunca pensei que aquele tipo de sentimento existisse. Ser mãe era desesperador e os medos apenas iam se alterando ou se multiplicando conforme os dias se passavam.

E sim, eu era muito protetora e continuaria sendo.

Coloquei um vestido cinza com um decote quadrado no busto e o comprimento um pouco acima do joelho em uma tentativa de que o *look* desse um jeito no meu atual estado. Fiz uma maquiagem básica, joguei um *blazer* preto por cima, pendurei minha bolsa no ombro enquanto ajeitava Giovanna no colo e saí de casa.

Minha mãe, Mônica, não morava longe. Ela tinha uma pensão na Praia da Macumba, no Recreio, e eu morava em um apartamento no Posto 12, apenas alguns minutos de *Uber*.

No segundo em que cheguei, percebi que ela estava com meu afilhado nos braços, balançando-o de um lado para o outro. Lucca era o filho do meu melhor amigo de infância, o Guilherme, que também trabalhava comigo no escritório.

Nós dois crescemos juntos porque nossas mães eram melhores amigas antes da mãe dele falecer. Éramos praticamente irmãos e por um breve momento, achamos que seríamos da mesma família.

Ele era casado com a Julia, irmã do meu ex e os dois tinham uma casa em um condomínio próximo. E todos os dias, Dona Mônica cuidava das crianças, afinal, ela tinha sido babá durante boa parte da vida, trabalhando para a família do Adriano.

Minha mãe era o tipo de pessoa que se tornava a maezona do grupo. Ela gostava de cuidar e tratava todos como família. Era por isso que meu ex estava morando com ela e também o motivo dos membros da pensão (e meu primo) nunca terem vontade de deixar o lugar.

Eu e Julia engravidamos praticamente na mesma época, mas ela estava tentando, eu não. No início, foi bem difícil e eu não teria conseguido sem o suporte da minha mãe. Por Deus, cuidar de um recém-nascido era tenso, mal dava tempo para cagar.

### *Tocar uma, então...*

Quando minha licença estava perto de expirar, minha mãe insistiu para ficar com nossos filhos até que eles pudessem ir para a creche e nós entendemos que era a melhor solução.

— Ma! — Lucca gritou na minha direção, assim que pousou os olhos em mim, fazendo com que eu abrisse um largo sorriso.

Lucca era lindo, uma perfeita mistura dos meus amigos. Sua pele era negra como a do Gui e os olhos castanho-escuros eram exatamente do mesmo formato e tonalidade de Julia.

Era uma criança animada e esperta, assim como minha filha, e era indiscutível o quanto eles se gostavam mesmo desde novinhos. Lucca era poucos meses mais velho, então já conseguia pronunciar algumas palavras.

— Bom dia, mãe! Tudo bem? — Sorri, indo em direção à mulher e encostando em seu ombro.

— Tudo bem, meu amor. Você comeu direito ontem?

— Sim, sim — menti, lembrando que tudo o que eu tinha feito era um miojo para mim.

Os únicos momentos em que eu me aventurava na cozinha era para preparar as comidas da Gio. Minha mãe sempre tentava

me obrigar a levar marmitinhas, mas eu recusava todas as vezes, ela já me ajudava o suficiente e não aceitava uma ajuda de custo de jeito nenhum.

Ouvi um barulho e me virei para o meu afilhado que rapidamente enrolou os dedinhos nos meus cabelos.

— Como você está, Luquinha? Vão brincar muito?

Ele sorriu e fiz o mesmo, notando que havia começado a dançar animado no colo da minha mãe e bater palminhas com as mãos.

— Minha filha, estou em uma correria hoje porque sua tia teve uns probleminhas — explicou, andando em direção à pia cheia de louças.

— Tem certeza que posso deixá-la com você, mãe? Já disse que não quero te dar trabalho, poderia muito bem contratar uma babá.

— Não seja idiota, Manu. Acha que não sou capaz de cuidar dos meus netos? — Ela sorriu de um jeito carinhoso e colocou uma das mãos no meu rosto, pegando-a do meu colo. — Pagar uma babá... Como se eu fosse uma velha inválida... — resmungou, como se não acreditasse no que estava falando.

— Julia volta hoje? — perguntei.

— Sim, finalmente! Eu já disse a ela que deveria tirar uns dias de folga e Gui fez o mesmo, mas não adianta, ela não consegue ficar longe do trabalho — bufou, irritada, colocando as duas crianças no cercadinho da sala, cheio de brinquedos.

Os dois engatinhavam juntos, tentando pegar um ursinho de pelúcia que ficava rodando em cima de suas cabeças, suspenso por umas cordas com estrelinhas. Eles davam risadas altas, entretidos com a brincadeira.

— Sabe que Julia é teimosa e que não consegue ficar presa dentro de casa — lembrei. — Bem, tenho que ir, desde que perdi minha funcionária, mal tenho tempo de almoçar.

— Não deixe de se alimentar, filha — pediu em um tom preocupado. — A filha da Jurema outro dia desmaiou com pressão baixa porque fica fazendo aquelas dietas doidas...

— Pode deixar — afirmei, dando um abraço nela e fui em direção ao cercadinho para me despedir dos bebês.

— Bom dia. — Ouvi a voz de Adriano seca, logo atrás de mim.

Ele estava arrumado com um terno escuro e uma gravata azul-marinho. Nossos olhares se cruzaram e nos encaramos com a mesma expressão de uma semana atrás: raiva. Havíamos discutido feio. Mal estávamos nos falando e era bem ruim estar dentro da casa da minha mãe com aquele clima pesado entre nós.

Já havia alguns meses que ele estava morando na pensão e eu não achava que ele fosse sair dali tão cedo. Adriano via Dona Mônica como uma mãe, já que ela praticamente o criou. Bem, nós meio que crescemos juntos e depois acabamos namorando, mesmo que sua família tivesse sido contra no início.

Adriano tinha um “berço de ouro”, bem diferente de mim. O meu era de MDF parcelado em doze vezes no carnê das Casas Bahia<sup>[2]</sup>.

Nossas vidas sempre foram bem desiguais e eu senti muito mais isso quando entramos em um relacionamento. Descobri, ainda nova, a existência de algumas famílias no Rio de Janeiro que faziam parte de uma “sociedade” chamada Círculo de Ouro. Elas eram a nata, as pessoas mais ricas e mais insuportáveis de todas.

Aquele tipo de gente que acha que é superior a qualquer um e que as leis não as atingem. O tipo de gente que eu abominei a vida inteira. Era quase como se eles fossem da realeza, os idiotas nem mesmo costumavam se relacionar com pessoas de fora. Eles achavam realmente que tinham a porra de um sangue azul.

A grande maioria era fútil e desprezível. E não dizia isso porque meu ex-namorado me contou, mas sim porque eu convivi com muitos deles na época da faculdade.

Na minha casa sempre fomos meio fodidos de grana, minha mãe ganhava um salário bom porque era babá e depois se tornou governanta da casa dos Lacerda, mas ela sempre juntou para poder comprar a pensão. Primeiro, porque era seu sonho, segundo, porque tinha medo de um dia ser demitida com uma mão na frente e outra atrás.

Bem, graças a Deus ela fez isso, porque os pais de Adriano perderam tudo por conta de um “golpe”, foram expulsos do Círculo de Ouro e logo depois se mudaram para os Estados Unidos. Eles

não aguentaram a pressão, a humilhação e foram embora com a irmã mais nova deles, a Ana Carolina.

Minha mãe pigarreou, olhou para mim, depois para ele e suspirou frustrada, voltando sua atenção para o fogão. Ela amava Adriano como um filho também e não aceitava que tivéssemos terminado.

— Bom dia, Adriano.

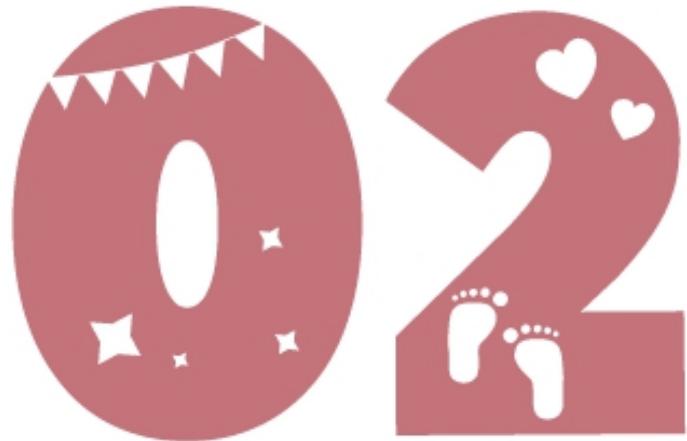
— Bom dia — respondeu de má vontade e um silêncio constrangedor se instaurou no ambiente.

Não tinha nada para dizer. Ele, muito menos.

— Bem — suspirei cansada —, preciso ir. Estou atrasada.

— Bom trabalho, Manu.

E para ser sincera, eu não sabia como eu teria um bom dia de trabalho depois de uma manhã tão frustrante sem ter conseguido gozar.



(Socorro)  
*Preciso de alguém*  
(Socorro)  
*Não qualquer pessoa*  
:: HELP! – THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

Peguei um carro de aplicativo e fui direto para o escritório, já checando a enxurrada de e-mails enquanto andava pelos corredores. Meu dia sempre começava dessa forma, lotado de informações antes mesmo de parar na frente da minha mesa.

Quando cheguei no meu andar, o décimo, minha secretária, Deusa, correu em minha direção. Estava mais agitada do que o normal e aquela reação nunca era uma boa notícia.

— Senhorita Guerra, devo avisar que o senhor Fausto está em sua sala — disse, ofegante.

— Não me lembro de ter sido informada a respeito de nenhuma reunião com o Fausto, Deusa. — Parei, retrucando em um tom irritado.

Era só o que me faltava, estava entupida de trabalho e não tinha tempo algum para uma reunião. Da última vez, ele me alugou

por vinte minutos para tentar argumentar sobre eu ter abolido a máquina de *Nespresso* do meu setor.

— Ele avisou apenas essa manhã — justificou a mulher e eu revirei os olhos.

Sabia que Fausto, de tempos em tempos, aparecia no meu escritório para tratar de algum assunto, mesmo sem marcar qualquer hora. Odiava aquilo, eu gostava de organização e de uma agenda que eu pudesse seguir. Suas aparições sempre atrasavam ainda mais minha rotina e depois era obrigada a perder mais tempo tentando reorganizar meus compromissos.

— Bom dia, Fausto — cumprimentei, dando um sorriso sem muita vontade e colocando minha bolsa em cima da mesa.

Ele estava sentado em um dos sofás grandes de couro no canto da sala e lia o jornal.

— Bom dia, Manuela. Você parece cansada — comentou, analisando-me.

Claro, o que você esperava, porra?

— É, estou — confessei, puxando o ar. — Desde que a Jô saiu, tenho acumulado suas funções porque a equipe está sobrecarregada e temos tantas coisas pra resolver. Tenho uma reunião com os advogados agora pela manhã e não tenho muito tempo — avisei, sentando-me na mesa, mexendo nos papéis à minha frente.

— Creio que seu problema tenha acabado então — afirmou, abrindo um largo sorriso.

— Como assim? — perguntei, confusa.

— Contratei um advogado e ele vai dividir a coordenação com você e vamos trabalhar juntos naquele projeto que temos com a SOS Eco — contou, animado.

— Certo. Só não entendi porque o Júlio não me avisou. Aconteceu algo? — indaguei, ainda sem entender.

Por mais que tivéssemos um RH, Júlio, eu e Fausto fazíamos as entrevistas juntos, afinal, a pessoa também trabalharia comigo. E o dono do Fazano nunca tomava aquele tipo de decisão sem me informar antes.

— Ele pediu que eu fosse o porta-voz dessa vez — respondeu, mexendo-se um pouco desconfortável em sua cadeira.

— E por qual motivo seria isso? — indaguei, acompanhando-o com os olhos enquanto ele caminhava em direção à porta.

E então ela se abriu, junto com os meus lábios, no mesmo instante. Eu observei a figura caminhando para dentro da minha sala, após apertar a mão de Fausto e dar um sorriso largo.

Não.

Não.

Não.

Só podia ser brincadeira!

Diante de mim estava Dante Perazzo. O idiota que tirou minha paz por cinco anos consecutivos na época da faculdade. O herdeiro de uma das maiores petrolíferas do Rio de Janeiro. O filho do arrombado que tinha feito meu ex perder tudo. O babaca mimadinho que sempre soltava piadinhas a respeito de eu ser pobre.

Porra, eu odiava aquele homem.

Eu pisquei, observando-o parado na minha frente com toda sua prepotência e arrogância. Ele vestia um terno elegante, que provavelmente era mais caro do que o meu salário de três meses. O cabelo loiro estava um pouco mais curto do que eu me lembra. As laterais eram mais baixas e a parte superior quase formava um topetinho, ressaltando um desarrumado despojado.

Até a porcaria daquele cabelo era insuportável.

— Bom dia, Maria Manuela — falou, parando em frente à minha mesa.

Ele me olhou com aqueles olhos castanho-esverdeados tão únicos e que eu conhecia bem demais.

Senti cada partícula do meu corpo tremer. O desespero começando a se enredar pela minha coluna, buscando cada espaço vazio, tomando conta de tudo como um maldito furacão. O que diabos aquele imbecil estava fazendo ali, parado no meio do meu escritório?

Eu o encarei, sentindo um misto de confusão e raiva e depois direcionei o olhar para o meu gerente, que parecia ainda mais incomodado agora.

Passei a mão pela testa, não me importando nem um pouco se estava estragando a maquiagem leve que havia passado no

rosto, sem acreditar na cena diante de mim.

— O que faz aqui, Dante? — indaguei com o resto de paciência que eu ainda tinha.

— Manuela, o Dante irá trabalhar com você, como eu estava mencionando agora há pouco — meu chefe explicou bem pausadamente, ainda receoso com a minha reação.

— Não, ele não vai — avisei por fim, sem me tocar com quem estava falando.

Não era possível! Todos sabiam sobre os embates que eu tinha constantemente com a *Petrolio*. Qualquer ser humano que soubesse o mínimo sobre Direito Ambiental no país tinha noção do meu ódio por aquela empresa. Não era possível que Fausto estava *metendo o louco*<sup>[3]</sup> achando que aquela “proposta” era aceitável.

Dante segurou uma risada e eu o lancei um olhar ameaçador.

Naquele momento, eu achei que fosse explodir. Quem ele pensava que era para rir das minhas reações? Como ele não via que aquilo tudo era um absurdo? Nós nos odiávamos! O que havia passado por aquela cabeça oca ao aceitar um emprego para trabalhar comigo?

— Perdão? — O homem para quem eu devia um mínimo de educação andou na minha direção. — Sinto muito, Manuela, mas não é você quem decide isso. Entendo que a relação de vocês é conturbada, mas sei que é profissional o suficiente para entender as minhas escolhas.

— Posso falar com você a sós? — perguntei, sem olhar para o loiro à minha frente.

Minha cabeça doía, girava e eu não podia acreditar que estava passando por isso. Meu corpo parecia querer entrar em combustão, minhas mãos suavam e sentia cada veia do meu corpo pulsando de nervoso.

Não fazia sentido ele estar ali, até onde sabia, ele estava viajando pelo mundo, fazendo sabe-se lá o quê. Dante Perazzo não precisava trabalhar, ele era incrivelmente rico e o seu irmão mais velho era o braço direito do seu pai.

Qual era o sentido de tudo aquilo? Como se não bastasse durante cinco anos ter tido o desprazer de encontrá-lo nos

*Bootcamps* de Direito e nos Jogos Jurídicos, agora seria obrigada a coordenar a área de um escritório com ele?

*Bootcamp* era apenas um nome chique que davam para um evento imersivo criado por algumas faculdades elitistas que tinham aquela mania de americanizar tudo.

Foi o local onde nos conhecemos e nossos embates começaram. Os problemas que eu tinha com a família dele, que eram conhecidos por qualquer pessoa do nosso meio, eram só a ponta do iceberg. Todo o restante era o nosso passado regado ao ódio durante a faculdade.

— Dante, por favor, nos dê um momento. Já avisarei para que retorne — pediu, arrancando-me dos meus devaneios.

Cheguei à conclusão de que Fausto estava senil. Era por isso que iria se aposentar e Júlio Fazano ficaria furioso ao saber disso.

O idiota assentiu, olhando na minha direção e rapidamente desviei os olhos, cruzando os braços e encarando meu chefe.

— Fausto, eu não entendo — comecei, já sentindo meu corpo esgotado.

— Manuela, estive com Dante algum tempo atrás e ele se desvinculou totalmente do pai dele e da família no que diz respeito à área profissional — explicou com calma. — Ele viajou por muitos lugares por um bom tempo, fez cursos em diversos países, tem um conhecimento absurdo, contatos e além disso, conversamos sobre o projeto para apertar as leis ambientais e ele está muito empenhado em auxiliar.

Dei uma risada. Só podia ser piada.

O pobre coitado realmente precisava se internar.

— Fausto, os Perazzo, caso não se lembre, são donos de uma das maiores petrolíferas do país. Esqueceu disso? — expliquei, como se estivesse falando com alguém que não tivesse noção nenhuma sobre o mundo, porque era isso que ele parecia no momento.

Acho que até mesmo minha filha conseguia entender aquele absurdo.

— Sim, Manuela, mas desde que ele rompeu com a família, as coisas mudaram. Acho que você sabe bem disso, Dante já deu diversas declarações na mídia sobre não ter mais um vínculo

profissional com seu pai. Inclusive, trabalhou em um outro escritório de advocacia especializado em Direito Ambiental pelos quatro últimos meses.

— Não sabia dessa última, mas...

— Além disso, conversamos e Dante está disposto a fazer mais pelo escritório — ele falava muito tranquilamente, tentando me fazer enxergar seu ponto de vista. — Cheguei à conclusão de que ter vocês dois como as mentes por trás disso será um bom *marketing*. Sabe o quanto isso é importante, Manuela, e devo lembrá-la de que isso foi uma ideia sua.

Eu ri daquela piada e depois senti toda a raiva voltando a irradiar pela minha superfície. Definitivamente, eu precisava ser promovida por ter que lidar com alguém que com certeza estava fora das suas faculdades mentais.

— Minha? Não me lembro de ter falado para chamar Dante Perazzo, de todas as pessoas, para nos ajudar com isso — respondi, sem paciência.

— Não, mas foi você quem me jogou a possibilidade de ter um aliado. Comentou que talvez fosse interessante para que soubessem que isso também partiu de uma pessoa que era do meio, para demonstrar consciência social — lembrou, com um sorriso vitorioso no rosto.

Balancei a cabeça em uma negativa. Aquilo só podia ser algum tipo de pesadelo.

— Mas existem outras pessoas influentes que poderiam fazer isso, tanta gente famosa por aí. Marcos Palmeira, Christiane Torloni... — tentei, na esperança de que ele me ouvisse.

— É diferente, sabe disso — decretou por fim. — As pessoas verem que o herdeiro da *Petrolío* está lutando para mexer nas leis ambientais tem um impacto muito grande. Na hora que a ONG estiver buscando assinaturas, isso vai fazer diferença.

E ele estava certo, eu sabia disso. Por mais que me desse ódio pensar nisso, sabia que a figura de Dante Perazzo em prol do meio ambiente era algo muito relevante.

— Manuela, eu e Júlio confiamos em você e no seu profissionalismo — falou, encostando uma das mãos no meu ombro.

— São negócios e estamos juntos por um bem maior.

— Sim, é claro. Obrigada, Fausto — respondi baixinho.

Esbocei um sorriso falso e engoli toda a vontade de mandar aquele velho caduco, que tinha acabado de arruinar a minha vida, se foder.

— Bem, conto com você para explicar tudo a ele e arrumarem a melhor forma de trabalharem juntos. Ele irá ocupar a sala ao lado da sua. Marcarei com sua secretária um horário para que possamos discutir sobre algumas das leis que a ONG está pensando em solicitar alterações em breve — avisou, andando em direção à porta, como se quisesse sair na minha sala o mais rápido possível.

Inacreditável, era totalmente absurda toda essa história. Minha cabeça palpitava forte e meu coração batia em um ritmo rápido. Sentia cada parte de mim pulsar de ódio.

Não queria trabalhar com ele, não queria estar na presença daquele estúpido. Sentia-me como se estivesse caindo dentro de um buraco e não tivesse nenhuma escada que pudesse subir.

Um breu. Eu havia encontrado o abismo e sido engolida por ele.



*Me deixe te levar comigo  
Porque eu estou indo para Strawberry Fields  
Nada é real  
E não há nada com o que se preocupar*  
:: STRAWBERRY FIELDS FOREVER – THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

— Senhorita Guerra, posso mandá-lo entrar? — Deusa perguntou e eu assenti com a cabeça enquanto anotava algumas informações no relatório à minha frente.

Ouvi seus passos ecoando pela madeira, mas não levantei os olhos, continuei escrevendo, enquanto Dante sentava na cadeira à minha frente.

— Você... — ele começou a dizer.

— Estou ocupada — eu o cortei sem sequer levantar os olhos na sua direção.

Fingi por alguns minutos que não havia ninguém ali, tentando me concentrar no que estava fazendo e quando olhei para o relógio, percebi que precisava ir para a reunião da manhã.

Levantei, ainda incapaz de me comunicar com ele. Eu precisava digerir tudo aquilo. Queria entender o que eu tinha feito na minha vida passada para estar pagando aquele *karma*.

— Onde estamos indo? — perguntou.

— Eu estou indo para minha reunião — avisei, sem paciência. — Você não tem nada pra fazer?

— Até onde fui informado, você é a encarregada de me passar as coisas.

Parei e me virei em sua direção, tentando controlar a imensidão de sentimentos que se alternavam dentro de mim. Eu estava com tanta raiva que nem mesmo conseguia mensurar.

Segurei a respiração quando me dei conta de que nossos corpos quase se chocaram com minha parada brusca. Abri e fechei a boca, um pouco desnorteada pela proximidade, o que fez com que Dante abrisse um sorriso, a ironia presente em cada uma das expressões.

Seus olhos desceram para a minha boca, ele umedeceu os lábios e um calor queimou minha superfície. Deus, eu o odiava. E aquele ódio era cada vez mais intensificado pela forma como o idiota me encarava.

Eu sabia que o afetava da mesma forma, mas odiava toda a vulnerabilidade. Ergui o queixo, dando um passo para trás em uma tentativa meio ridícula de mostrar que era totalmente indiferente e limpei a garganta.

— Por que está fazendo isso? — indaguei, sentindo um vinco se formar na minha testa.

— Fazendo o quê?

— Achei que tivesse seus “projetos pessoais” que não incluíam trabalhar — comentei, cheia de desdém.

— Não foi você quem disse que ficar à toa era um desperdício da minha inteligência? — retrucou com ironia.

— E desde quando segue o que eu digo? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Não se sinta especial, Manuela... Apenas estou seguindo meus próprios projetos — afirmou de maneira convencida.

Bufei. Ainda não entrava na minha cabeça que ele estava ali. Dante era herdeiro, nem precisava trabalhar.

— O que aconteceu? Está atrasada, você nunca se atrasa! — Gui comentou ao me ver entrando pela porta.

Então seu olhar caiu no loiro e ele me olhou surpreso, com um leve desespero também.

— Guilherme — Dante o cumprimentou educadamente.

Gui também não gostava dele. Porque além da família dele ter feito com que os Lacerda perdessem tudo, meu amigo também era uma das suas vítimas na época da faculdade.

— Dante? O... Que faz aqui? Manu, ele está... Com você? — Sua voz falhou um pouco e toda a confusão estava estampada em suas feições.

— Trabalho aqui agora — comunicou, ajeitando o terno e passando os olhos pela sala.

Meu melhor amigo me puxou pelo braço até um canto da sala, ainda com um olhar extremamente perdido.

— Que história é essa? — indagou baixinho.

Tentei me concentrar no caminho que o ar fazia para os meus pulmões, porque eu precisava de calma para não surtar.

— Gui, à noite conversamos. Tudo que precisa saber é que ele entrou no lugar da Jô. Fui avisada essa manhã, também não estava sabendo — contei e ele passou a mão pelos cabelos pretos, ainda sem acreditar. — Vamos para a reunião?

Ele assentiu e entramos em uma das salas do departamento, juntamente com os funcionários que participariam da reunião. Sabia que seria estressante, mas não contava com aquele elementos-surpresa no meu dia. Além de coordenadora da área de Direito Ambiental, era responsável por cuidar da Comissão de Desenvolvimento de Pessoas e Sustentabilidade.

Ou seja, eu era o pé no saco de quase todas as áreas, implementando diversas políticas que os gestores odiavam seguir.

— Bem, como já havíamos mencionado, os níveis de treinamentos para os futuros advogados vão se tornar ainda mais rigorosos — comecei explicando. — Resolvi que iremos inserir um programa de capacitação mais amplo e também focar na parte de Diversidade e Inclusão, onde será possível explorar temas como preconceitos inconscientes, igualdade de gênero, inclusão de pessoas com deficiência, respeito às diferenças culturais e étnicas, entre outros

A gestora da área de Tributário, Janice, se mexeu agitada em sua cadeira. Aquela idiota só estava preocupada em tentar fazer mais dinheiro, cagava para o que eu tentava fazer para melhorar o padrão dos funcionários.

— Manuela, não acha que isso é um pouco de exagero? Sabemos o quanto os treinamentos são árduos e isso desestimula demais nossos recém-formados.

— Discordo, Janice. Precisamos garantir que dentro desse escritório só estejam aptos a trabalharem os profissionais com nosso padrão de excelência. Acho que precisamos de reformas e isso é algo que queremos que seja implementado o mais rápido possível — avisei, riscando um dos itens da minha lista.

— Manu, entendo a necessidade, mas já temos uma turma em andamento, talvez fosse melhor que essas medidas fossem postergadas... — Guilherme ponderou, olhando para mim, sério. — Podemos deixar esse módulo como algo extra?

— Gui, acho que seria mais prudente que eles passassem por todos os novos treinamentos.

— Mas, Manuela, isso atrapalharia todo o cronograma que estamos seguindo, sendo que temos um evento chegando! — Reno, da área de Direito Empresarial, exclamou, levemente irritado. — Meus funcionários não têm tempo a perder!

— Sinto muito, vocês terão que readequar os cronogramas. Seriam mais 2 meses de curso apenas, não acho que...

— 2 meses? — a insuportável da área Penal quase gritou e eu lancei um olhar ameaçador. — Manuela, isso não faz sentido algum, já estamos lidando com esse cronograma insano e ainda teremos que adequar mais 2 meses de curso?

— Talvez eu consiga reduzir para 1 mês e meio — comentei, pensativa e eles soltaram o ar, descrentes —, mas preciso sentar e reanalisar o que precisa ser inserido.

Olhei para o lado e percebi que Dante Perazzo observava tudo com uma expressão extremamente entretida. Parecia gostar de me ver ali, encurrallada, tendo que fazer com que os gestores das áreas aceitassem algo que consideravam ruim. Óbvio que todos estavam contra mim, já sabia disso, mas era minha função.

Ficamos mais algumas horas discutindo quais aulas e treinamentos extras os funcionários precisariam cumprir e solicitei que arranjassem uma lista de potenciais melhorias para minhas propostas.

— Manu... — Gui pinçou os dedos em cima da têmpora, após todos deixarem a sala. — Depois vamos conversar sobre isso, mas aumentar o cronograma vai acabar nos prejudicando.

— Não tem o que conversar, Gui. É assim que deve ser feito. Já conversei com Júlio e ele concorda. É uma ordem direta — expliquei, preparando-me para sair do escritório.

— Nos vemos mais tarde, certo? — perguntou, desviando o olhar para o loiro ao meu lado.

— Certo. E por favor, não diga nada para o Adriano — pedi baixinho, ele assentiu com a cabeça e deixei a sala.

— Sua função é basicamente ser odiada por todos os departamentos? — perguntou em um tom divertido.

Respirei fundo mais uma vez e soltei o ar devagar.

— Dante, sou o contato direto com todos os setores e nem sempre levo boas notícias. Acostume-se, porque é o que vai fazer a partir de hoje. E caso não ache interessante, peça demissão — respondi, ríspida.

Voltei para minha sala e o idiota me acompanhou. Eu expliquei que teria uma outra reunião em breve e precisava atualizar alguns relatórios antes. Ele apenas disse “tudo bem” e se sentou na cadeira.

— Você não tem uma sala? Deveria ir pra lá.

— Não tenho nada pra fazer lá.

— Então vá embora. Tire o dia de folga! — respondi com sarcasmo e dei um sorriso falso antes de voltar para minhas anotações.

Dante apenas deu uma risada abafada, ignorando minha sugestão e continuou ali, como um maldito urubu.

Ele me observava em silêncio, sentia que seus olhos estavam sobre mim e aquilo começou a me irritar pra caralho.

— Da última vez que nos vimos, sua recepção foi um pouco mais... Calorosa — comentou, parecendo estar entretido com um peso de papel.

Olhei para ele com fogo nos olhos. Não queria relembrar aquele encontro.

— Eu culpo o álcool pela última vez que nos vimos — lembrei, levantando-me da cadeira e caminhando até uma pilha de pastas que estava ao seu lado.

Comecei a tentar organizar todas elas e deixei que algumas caíssem no chão, odiando-me por ficar tão afetada na presença dele. O idiota riu, achando graça do meu comentário e saiu da cadeira, abaixando-se para me ajudar.

— Você está realmente usando a desculpa que disse que usaria naquela noite? — respondeu em um tom baixo e rouco, o olhar fixo nos meus lábios. — Porque me lembro de que você estava bem decidida no que queria.

— Eu sou burra.

— Você sabe que não é. — Ele deu uma risada.

Chegava a ser ridículo. Nossa relação sempre tinha sido regada e nutrida a ódio, mas no segundo em que ficamos perto demais, tudo desandou.

*Uma noite.*

Um único instante em que eu estava entediada e senti falta de todo o nosso atrito, de deixar que a raiva explodisse até que minha racionalidade se esvaísse. Só Dante Perazzo conseguia fazer aquilo comigo e eu nunca tinha entendido o porquê, até o momento em que ficamos sozinhos em uma sala.

Talvez fosse isso. Talvez não pudéssemos ficar presos em um cômodo fechado sem uma distância considerável um do outro.

Eu me lembrava das discussões que tivemos durante os *Bootcamps* de Direito, de todas as simulações de júri em que éramos debochados um com o outro.

As competições, as brigas, as vezes em que gritamos até que tudo à nossa volta não tivesse importância. Os olhares queimando de raiva, a fúria irrompendo pelas nossas veias, transbordando.

*Uma noite.*

Capaz de transformar toda uma relação muito bem estabelecida. Capaz de mudar toda a minha vida.



*Cara, você tem sido uma danadinha*

*Você deixou a sua calcinha cair*

**:: I AM THE WALRUS – THE BEATLES ::**

# *Maria Manuela Guerra*

— Podemos esquecer essa maldita noite de horrores? — perguntei, limpando a garganta e me levantando logo em seguida.

Dante apoiou os quadris na minha mesa e cruzou os braços. Passou uma perna por cima da outra, bloqueando um pouco a passagem, parecendo bem à vontade dentro da minha sala. Era ridículo o quanto ele se achava dono de qualquer espaço que estivesse presente.

Inferno. Eu teria que me esfregar nele para sair dali, então me mantive imóvel no mesmo lugar. Era mais seguro assim.

— Maldita noite de horrores? — Ele deu uma risada que fez com que um arrepio se arrastasse pela minha coluna. — É assim que você classifica aquele dia?

— É! — respondi, levantando o queixo e alinhando minha postura.

— Ah, por favor, Maria Manuela...

*Maria Manuela...*

A voz rouca ecoou pelos meus ossos, desestabilizando-me de vez. Só ele me chamava pelo meu nome completo.

Ele fez um estalo com a boca, achando graça e balançou a cabeça em uma negativa.

— Se dê algum crédito, você não foi horrorosa... Teve um ótimo desempenho, inclusive — comentou, debochado, e eu senti meu sangue ferver.

— Você é tão babaca! — Meu tom de voz começou a subir, mas eu o abaixei, chegando mais perto do seu rosto, junto com o meu indicador. — Não estou falando de mim, estou falando de você!

Ele se mexeu, parecendo entretido, esperando que eu continuasse, e quando abriu aquele sorrisinho insuportável, tudo ruiu para mim.

— De toda essa sua prepotência, desse seu jeito insuportável e babaca e... — Engasguei uma respiração quando ele ficou reto, o corpo quase colado no meu.

— E...?

— E... Esse seu sorriso debochado que eu odeio e... — As palavras abandonaram o meu corpo, como soldados fugindo da guerra.

Recuei, dando um passo para trás enquanto ele fazia o inverso, praticamente me colocando contra a parede que ficava em frente à lateral da mesa.

Travei. Todas as fibras do meu corpo enrijeceram de uma só vez. Minha respiração se tornou um pouco mais pesada e senti minha cabeça ficar zonza apenas com a proximidade.

Minhas veias pulsavam rápido demais, o contato visual se sustentando em uma espécie de confronto silencioso. O ar parecia condensado ao nosso redor, suprimindo o ódio e dando lugar aos outros sentimentos perturbadores que tínhamos um pelo outro.

Não conseguia mexer minhas pernas, inerte.

Como, depois de tanto tempo, eu não tinha controle algum? Meu corpo parecia que não respondia ao meu cérebro e aquilo começou a me preocupar de verdade. Era como se houvesse uma grande batalha dentro de mim, entre minha racionalidade e todo o restante. Aqueles olhos naquela tonalidade tão única estavam

cravados nos meus e era possível sentir seu hálito quente de menta queimando meus lábios.

Estremeci quando uma de suas mãos pousou no meu pescoço e ele deslizou o polegar pela linha da minha garganta. Engoli em seco, sentindo a pressão do dedo na minha pele, fazendo com que o nó descesse mais devagar. Meu coração martelava freneticamente dentro do meu peito, como se quisesse rasgá-lo à procura de mais espaço.

Dante se aproximou um pouco mais, eliminando o restante de espaço entre nós e eu puxei uma respiração quando olhei para sua boca. O loiro continuava me encarando com uma expressão safada no rosto, aquele maldito sorriso prepotente que eu odiava.

As veias do meu pescoço pulsavam contra seus dedos e eu preendi a respiração por alguns segundos, desejando cair no chão.

Talvez desmaiada não teria que passar por aquele momento.

O mais sensato era empurrá-lo, mas ao mesmo tempo, todas as partes de mim gritavam desesperadas pelo calor do seu corpo. Como aquilo era possível?

Ele umedeceu os lábios com a ponta da língua e antes que qualquer coisa fizesse sentido, fui consumida pelo desejo latente que eu tinha por aquele homem desprezível. Inclinei meu corpo e rocei os lábios nos dele, fechando os olhos, como se ainda estivesse tentando lutar contra aquilo.

E aquele momento durou apenas uma batida do meu coração, porque quando eu senti sua outra mão puxando minha cintura para si, eu o beijei como se minha vida dependesse daquilo. E a resposta veio da mesma forma, sua língua se entrelaçando na minha, entre gemidos abafados e respirações entrecortadas.

Dante me segurou de forma mais bruta e minha mão espalmou o seu peitoral, descendo por seus braços. Ele me puxou para mais perto, com força, colando o corpo cada vez mais no meu, sem desgrudar a boca da minha.

Sem que eu nem me desse conta, empurrei nossos corpos em direção à porta enquanto afrouxava sua gravata e tentava me livrar do terno dele.

Nem mesmo entendia o que estava acontecendo. Tudo à minha volta foi reduzido a pó. Quem éramos e nosso passado. Eu

me esqueci do que havíamos vivido e das consequências.

Era uma espécie de necessidade. Incontrolável. Desenfreado, como um trem descarrilhado.

Consegui chegar até a porta e girei a chave, perdendo o restante de fôlego que ainda tinha quando ele mordeu o lábio inferior, que se esticava em um sorrisinho de canto de lábio. As pupilas totalmente dilatadas, escuras, engolindo-me por completo e deixando claro que ele me desejava na mesma proporção.

Em uma conexão única e sufocante, como se estivéssemos condenados.

Seu braço envolveu minha cintura com mais força e ele me beijou de novo, com uma intensidade ainda maior. Meus pés foram tirados do chão e ele me carregou até o sofá que ficava na minha sala.

Nós meio que caímos desajeitados em cima do móvel, eu por cima dele, posicionada com os joelhos um de cada lado das suas pernas. Meu vestido já estava embolado na minha barriga e eu nem mesmo percebi quando ele tinha feito aquilo.

Separei os lábios dos dele em busca de ar e percebi que ambos estavam inchados e vermelhos. E Deus, como eles podiam ser tão macios e perfeitos?

Como meu corpo era capaz de responder ao dele daquela forma? Eu nunca entenderia. Poderia buscar em livros, em artigos e qualquer tipo de documentário sobre os absurdos da humanidade e, ainda assim, não encontraria uma resposta.

Eu sabia. Aquilo era algo sobrenatural. Certeza!

Mesmo depois de tanto tempo, não conseguia formar nenhum tipo de raciocínio lógico para aquilo e isso me irritava em um nível inexplicável. Meu pensamento desintegrou novamente quando sua boca encontrou a minha mais uma vez.

Estava sentada no seu colo, sentindo a pressão do seu pau crescendo dentro da calça, por cima da minha calcinha. A fricção dos tecidos já estava me deixando louca e comecei a desabotoar os botões da sua camisa com rapidez, mas desisti logo depois. Parecia difícil demais naquele momento e eu sabia que não havia muito tempo.

Dante deslizou uma das mãos pela minha coxa, escorregou para minha bunda e apertou com força com suas mãos grandes e grossas.

— Não acho que devemos fazer isso — sussurrei, ofegante, sem sequer abrir os olhos e sem nenhuma intenção de parar.

Precisava tentar, talvez ele tivesse um pouco mais de poder de resistência.

Sua mão se fechou no meu pescoço e ele me olhou no fundo dos olhos, com uma expressão que beirava o ridículo. Tão prepotente, tendo a certeza de que sabia exatamente tudo o que eu queria dele.

— Você disse a mesma coisa da última vez, mas é difícil acreditar com você montada em mim, esfregando a boceta no meu pau. Não acho que você queira parar. — E sorriu cheio de malícia.  
— Ou quer?

Pisquei.

Seria até incoerente parar agora, certo? Eu não era uma pessoa incoerente.

Além do mais, já tinha jogado minha dignidade no lixo, não conseguindo resistir. O que era um peido para quem estava cagado?

— Não quero parar.

Ele puxou meu lábio inferior com os dentes e girou-me em um movimento brusco, vindo para cima de mim. Conforme minhas mãos abriam a fivela do cinto, as dele tiravam minha calcinha em uma rapidez extraordinária.

A agitação e pressa de nós dois eram nítidas, nossos corpos pareciam agir por conta própria e em total desespero. Talvez a palavra certa fosse necessidade. Era como se necessitássemos um do outro.

Ele beijou minha boca, fazendo um caminho molhado até o meu pescoço, deixando toda minha pele completamente arrepiada. Suas mãos tentavam tocar cada centímetro de mim e percebi que ele estava tão irritado quanto eu pela quantidade de roupa restante entre nós.

Eu estava tão excitada, tão fora de mim...

Desejava todos aqueles toques explorando cada ponto do meu corpo de um jeito tão viciante que era impossível de parar. E o maldito sabia os locais exatos capazes de me levar à completa perdição.

Ele esfregou os dedos na minha boceta que já estava pingando e pulsando desenfreadamente e eu joguei a cabeça para trás, arqueando as costas, tomada pelo prazer.

— Puta merda, Manuela... Como eu senti falta dessa boceta gostosa do caralho! — saiu como uma lufada de ar, quase dentro da minha boca.

Resolvi manter para mim mesma que também tive saudades do pau dele. Falar já era difícil naquelas condições, pois estava me segurando para não gemer alto. Não me esforçaria em nada para dar um vexame voluntário.

Ele me penetrou com dois dedos e continuou massageando meu clitóris, produzindo aquele calor gostoso que se espalhava por cada espaço vazio, tomando conta de tudo.

Inclinei minha cabeça para o lado, deixando meu pescoço exposto para que sua língua deslizasse por ele. Tudo fluía pelo meu corpo de uma só vez, mantendo o latejar da minha boceta anulando quase todos os meus sentidos.

Seria humilhante, eu gozaria mais rápido do que o tempo de um vídeo no *TikTok*. Porra, Manuela, reage! Bota um *cropped*<sup>[4]</sup>!

A fricção aumentou e nosso contato visual se manteve estável. O meu reflexo nas pupilas dilatadas me deixava ainda mais enlouquecida. E a forma como ele analisava cada detalhe do meu rosto, hipnotizado, fodia comigo.

Choraminguei quando ele diminuiu um pouco o movimento e tentei socar o seu peito quando o babaca sorriu, entretido.

— Quer gozar, não é? — indagou, achando graça e meu olhar queimou o dele.

— Você é um escroto — cuspi as palavras, mas precisei comprimir os lábios quando Dante apertou meu clitóris entre o polegar e o indicador.

Seu nariz se arrastou pela minha mandíbula e todos os meus nervos derreteram quando sua respiração incendiou a minha pele, perto da minha orelha.

— Diz, Manuela... — instigou. — Diz quem que você quer que te faça gozar.

— Não!

Sua mão livre segurou meu rosto de uma maneira agressiva e ele sorriu, movendo os dedos tão devagar que senti que estava sendo torturada.

— Não? Eu vou parar o que estou fazendo e sair por aquela porta — avisou e eu senti o pânico começando a tomar conta do meu corpo.

Não. De novo não. Eu não podia passar por aquilo pela segunda vez no dia! Estava tão perto... Tão perto.

— É o que quer? — sussurrou, a boca se arrastando contra a minha.

Fiz uma negativa com a cabeça, arrancando uma risada rouca da sua garganta. Um arrepió correndo ao longo da minha coluna até a minha cabeça apenas com aquela ação.

Dante Perazzo era o homem mais sexy que eu já tinha colocado os olhos em toda a minha vida, por mais que me desse admitir. Ele deixava qualquer galã de filme no chinelo e aquele sorrisinho ordinário fodia com todo o resto.

Não era um sorriso de mocinho. Mocinhos não sorriam daquela forma. Já os vilões... Ah, os vilões desgraçavam sua vida apenas com os lábios.

— E sei que você não vai sair por aquela porta. Não é o que você quer também — retruquei, tentando mostrar que eu não era a única fora de mim e ele sorriu.

— Me diz o que você quer — mandou, sério.

— Quero que me faça gozar, seu desgraçado — respondi com ódio, não aguentando mais.

Então ele enfiou novamente dois dedos na minha boceta, movendo-os com rapidez, deixando que parte da mão esfregasse no meu clitóris. Tentei me segurar nos seus braços, cravando as unhas no tecido da camisa.

Eu me contorci um pouco mais, tentando fechar as pernas em um movimento involuntário. O orgasmo me despedaçou, extinguindo cada fagulha de sanidade que existia no meu interior. E

no mesmo instante, sua mão livre cobriu minha boca, como se ele soubesse a exata altura que eu iria gemer.

— Isso, gostosa... Você vai me obedecer e ficar quietinha hoje — avisou e eu tentei morder sua mão, irritada por ele querer me dar mais alguma ordem.

Uma risadinha desdenhosa deixou sua garganta e eu dei um tapa de leve em seu rosto. Ele fechou os olhos e respirou fundo antes de virar a mão na minha cara com mais força.

Eu sorri, satisfeita, e mordi o lábio inferior, fazendo com que ele desse uma outra risada antes de voltar a me beijar. Aquela era nossa dinâmica, dentro e fora do sexo.

Tentei, sem sucesso algum, ganhar controle, mas ele segurou meus pulsos com força com uma das mãos, o meu pescoço com a outra e me encarou cheio de desdém.

— Quando eu entrei nessa sala hoje e vi você com esse seu jeito insuportável achando que tinha alguma autoridade, tudo o que eu queria fazer era te colocar no seu devido lugar...

— E qual é o meu devido lugar, seu babaca desagradável? — praticamente cuspi as palavras, fuzilando-o com os olhos.

Ele sustentou o olhar, as pupilas quase negras agora, engolindo toda minha sanidade por completo. A forma como Dante me olhava era como uma espécie de descida deleitosa para o inferno. Eu sabia que me queimaria, mas estava ansiosa por aquilo.

O polegar roçou no meu lábio inferior e ele observou o movimento por alguns segundos antes de voltar a fazer contato visual e seu sorriso se curvar em algo que beirava o indecente.

Aquele rosto era a coisa mais perigosa do mundo.

Eu tinha o meu próprio Inferno de Dante.

— Tão insolente... — respondeu em um lamento irônico, afastando mais minhas pernas.

Nem me dei conta do momento em que ele buscou por uma camisinha. Quando dei por mim, Dante já estava desenrolando o preservativo naquele pau lindo e grosso que ele tinha. Agora, olhando-o totalmente sóbria, acho que ele era maior do que eu me lembra... Talvez uns vinte centímetros? Senti até vontade de chorar vendo-o fazer aquilo.

— Ei — ele me chamou, fazendo com que meus olhos encontrassem os seus. — O seu devido lugar é embaixo de mim, sentido meu pau inteiro enterrado nessa sua boceta molhada.

Eu não tive tempo para resposta, porque na mesma hora, ele cobriu a minha boca e meteu em mim até o fundo, fazendo com que tudo ao meu redor evaporasse por completo.

Puxei uma respiração com dificuldade e ele se mexeu, o pau entrando e saindo de mim em um ritmo perfeito, o corpo roçando em um ângulo exato no meu clitóris capaz de me deixar louca.

Dante continuou. Pressionando meus quadris com força, movimentando-se por cima de mim e o olhar fixo no meu, dissecando-me inteira.

O aperto na minha boca aumentou. Eu queria gemer alto, gritar, mas toda a restrição era ao mesmo tempo maravilhosa e estava me deixando com mais raiva daquele filho da puta.

Um palavrão saiu dos seus lábios e ele fechou os olhos com força, tentando se controlar. Eu sabia que não deveria estar tão satisfeita porvê-lo perdendo resistência, tinha noção que não deveria me deixar impressionar pelo fato de ele ter dito que queria me foder no minuto em que entrou na minha sala.

Ainda assim, era um alívio do caralho. Porque eu odiava o quanto de poder aquele homem tinha sobre o meu corpo e me irritava quase que de uma forma física querer ser submissa a ele em alguns momentos.

Eu havia amado a “guerra” que tínhamos transferido das nossas vidas para o sexo e eu sonhava com aquela merda desde o fatídico dia que eu assinei o meu contrato tácito com o demônio.

Eu havia cedido a Dante Perazzo e o diabo jamais me deixaria esquecer daquilo. Ele era meu pesadelo e também o meu maior desejo.

Meus pensamentos desintegraram com uma estocada mais firme e eu gozei de novo com força, sentindo todo meu corpo tremer em uniformidade, trazendo aquela sensação de preenchimento que só um bom orgasmo é capaz de proporcionar.

E Deus, ele me dava os melhores.

Ele grudou a boca na minha e me beijou com urgência, sem parar de meter na minha boceta, aproveitando todas as contrações.

— Puta... Que... Pariu... — soltei, ofegante, cada palavra sendo dita conforme seu pau me atingia no fundo.

— Porra, você fica ainda mais gostosa quando está gozando...

Dante soltou meus pulsos e na mesma hora, minhas unhas fincaram nas suas costas, arranhando-as por cima da camisa em total agonia ao sentir sua língua chupando meu pescoço.

Ele estocou novamente. E mais uma vez.

— Odeio o quanto você é gostoso — deixei escapar, junto com um ruído de frustração e o idiota riu.

— Sentiu falta do meu pau, Manuela? — sussurrou no meu ouvido, fazendo com que um arrepio se enredasse por todas as minhas vértebras.

— Você acha que “senti falta”? Nós treparamos uma vez, Dante — retruquei, cheia de deboche.

Sim, nesse ponto qualquer um já sabia que eu senti, mas negaria até mesmo se Jesus aparecesse na minha frente implorando pela verdade.

— Uma? — Ele arqueou uma sobrancelha, com um sorrisinho sarcástico no canto do lábio.

— Um único dia — concluí, revirando os olhos. — Não é o suficiente para que eu sinta falta.

Ele mordeu o canto do lábio, achando graça. Babaca prepotente e insuportável. Como eu odiava homens héteros e gostosos que sabiam que eram gostosos.

Dante tinha noção do quanto era lindo, o quanto trepava bem e já tinha percebido que eu não tinha dignidade alguma perto dele. Eu estava condenada para sempre.

Por ser uma putinha sem controle da própria boceta.

— Você andou muito ocupada? — indagou, deslizando de uma maneira tão lenta dentro de mim que era quase torturante.

— Sim. Muito ocupada.

— Esteve ocupada... Não sentiu falta do meu pau... E ainda assim, abriu as pernas no segundo em que ficou sozinha comigo em um espaço fechado... — pontuou, cheio de si.

Que ódio desse desgraçado. Até mesmo meus argumentos pareciam de uma criança de oito anos. Meu cérebro parecia feito de

gelatina agora e eu nem mesmo conseguia dar uma resposta que fizesse sentido.

Além do mais, a lentidão estava me matando.

— Cala logo essa boca, Dante, e me fode direito.

Ele riu novamente.

— Já disse que você não me dá ordens. Mas eu vou refrescar sua memória do porquê você sentiu falta do meu pau. — Ele fez uma pausa. — Mais uma vez.

E foi o que ele fez. Acelerando o ritmo até que se tornasse rápido, constante, avassalador. Os segundo se rompiam como os fios do meu autocontrole e tudo ao meu redor passou a se resumir a beijos, sussurros, respirações recicladas e xingamentos.

Eu o sentia se enterrando com força dentro de mim e me perguntava se seria rasgada ao meio, mas não me importando nem um pouco se aquele fosse o resultado. O tempo parecia suspenso e nada mais fazia sentido além de nós dois liquefazendo um no outro.

Meu coração e veias pulsavam em uma só frequência: a dele.

Entrando e saindo, enquanto meu corpo se ondulava abaixo do seu, tornando-se apenas uma matéria vaporosa e se desfazendo até deixar de existir.

A imagem daquele homem lindo e gostoso por cima de mim, me fodendo sem pausas ficaria mais do que vívida na minha cabeça por anos. Talvez eu fosse capaz de me lembrar nas próximas vidas que eu teria que voltar, já que estava me envolvendo com o próprio Satanás reencarnado.

Eu certamente voltaria. Para pagar os meus pecados.

Meu Deus, o que eu estava fazendo? Todos os meus neurônios haviam sido queimados, certeza. E nem tinha como culpar a porra do álcool dessa vez. Eu estava muito sóbria. Dentro do meu trabalho.

Puta merda, eu estava dentro do...

No momento em que ele estocou com força, todo meu corpo se retraiu e atingi outro orgasmo, tendo meu gemido mais uma vez restrinido, mas dessa vez por um beijo abafado.

Era espantoso o que aquele homem conseguia fazer comigo de forma tão rápida.

Então ele intensificou o beijo, segurando meu rosto com uma das mãos, de uma maneira um pouco mais agressiva, deixando-me mais alucinada ainda. Passou a língua pelo meu lábio inferior e o puxou para si, como se não pudesse se conter. E eu fiz o mesmo, porque a verdade é que eu queria cada parte dele.

Mais e mais.

Mais duas investidas e Dante arfou um pouco mais alto quando seu corpo relaxou sobre o meu. Os dedos se embolaram nos meus cabelos e ele me beijou de novo, dessa vez vagarosamente, como se quisesse aproveitar cada segundo que se desdobrava diante de nós.

Eu fiz o mesmo, ignorando todo o restante até que a letargia passasse, até que o formigamento fosse extinto. Então, respirei fundo, ainda sem acreditar no que tinha acabado de acontecer.



*Escute*

*Você quer saber um segredo?*

*Você promete não contar? Whoa, oh, oh*

**:: DO YOU WANT TO KNOW A SECRET? – THE BEATLES ::**

# *Maria Manuela Guerra*

Já estávamos em silêncio por algum tempo.

— Isso... Não pode acontecer de novo. Muito menos aqui dentro. É um ambiente de trabalho — comecei a dizer, séria, encarando-o.

— Você não pareceu ter se importado tanto em ser um ambiente de trabalho alguns minutos atrás. — Aquele sorriso prepotente surgiu em seus lábios e ele passou a mão pela minha coxa.

Fechei os olhos e puxei uma respiração, sentindo-a quebrar no mesmo instante. Era realmente difícil obter algum tipo de controle quando as mãos dele estavam em contato com a minha pele.

O calor. Os arrepios espiralando por cada célula. Era como se meu corpo reagisse de uma forma singular a ele.

— Não vou repetir — avisei, tentando me desvencilhar de seus braços e olhando o relógio em cima da mesa. — Inferno, estou atrasada!

Levantei, ajeitando meu vestido e dei mais uma olhada no homem à minha frente. Os olhos queimando, a camisa amassada aberta até a metade, o peito seminu subindo e descendo pela respiração ofegante.

Quase choraminguei por dois motivos: o primeiro é que eu queria voltar e sentar no pau dele de novo e o segundo é que eu sabia que tinha feito merda.

Examinei a sala em busca da minha calcinha, afundada em toda a minha humilhação e amaldiçoando-me internamente por não ter resistido a ele. Qual era o meu problema, afinal?

Achei a peça no cantinho do sofá e fui em direção ao espelho do banheiro da minha sala, sem olhar para trás. Não havia nada que eu amasse mais naquele escritório do que ter meu próprio banheiro.

Esse é o tipo de coisa que só um funcionário de carteira assinada sabe apreciar após passar um dia entupindo o cu de *McDonald's* porque não consegue sair do trabalho para fazer uma refeição decente. Ou uma mãe que acabou com a licença-maternidade e precisa bombear nos primeiros meses de vida do seu filho.

Já fazia uns dois meses que havia parado de produzir leite e foi bem frustrante no início, em especial porque eu queria amamentar. Hoje, entretanto, eu não estava reclamando, toda a função de tirar leite era bem chata.

Encarei meu reflexo no espelho.

— Burra. Estúpida. Idiota — eu me xinguei, balançando a cabeça negativamente enquanto ajeitava meu cabelo e maquiagem.

Sabia que me xingar não adiantaria de nada, que eu tinha feito mais uma cagada sem pensar direito. Não conseguia entender como eu, uma mulher tão inteligente, conseguia perder qualquer linha de raciocínio perto daquele homem. Era como se uma nova pessoa tomasse conta do meu corpo, uma bem burra que tinha fetiche por tomar decisões ruins.

Alisei as roupas e em menos de dez minutos, eu estava minimamente apresentável. Ninguém desconfiaria que eu havia dado uma rapidinha no meu escritório.

Quando adentrei de novo o cômodo, ele já estava vestido, terminando de dar um nó em sua gravata. Eu observei enquanto ele

fazia aquela ação cheio de cuidado, na frente do espelho redondo que havia na parede e os segundos pareceram passar devagar.

Sério, achava incrível o quanto Dante Perazzo era bonito, chegava a doer os olhos. Era inexplicável a quantidade de sensações que ele era capaz de me fazer sentir ao mesmo tempo. Suspirei e balancei a cabeça, tentando afastar aqueles pensamentos que já começavam a fazer com que meu corpo queimasse por dentro. Como era possível?

Peguei uma das pastas da mesa e saí pela porta como um furacão, sem avisar qualquer coisa para o idiota. Seria um martírio estar perto daquele homem todos os dias, ainda mais se ele pretendia me provocar como tinha feito hoje. Só que nunca mais deixaria acontecer aquilo novamente. Nem fodendo. Eu queimaria o meu sofá assim que voltasse.

Não demorou nem mesmo dois minutos para que eu ouvisse seus passos andando apressado atrás de mim.

Eu não ousei olhar para ele durante a reunião seguinte. Decidi fingir que ele era uma pilhastrada. Passei boa parte do tempo pensando nas coisas que delegaria para Dante para que tivéssemos menos contato possível.

E foi o que fiz assim que encerramos a reunião. Distribuí algumas tarefas para que ele pesquisasse e pedi para voltar na minha sala no final da tarde, sem paciência alguma.

Claro que o idiota não pareceu nem um pouco contente em seguir o que eu estava falando. Dante Perazzo nunca gostou de seguir ordens. Reclamou um pouco, mas depois deixou o cômodo.

Eu precisava resolver outras coisas e também me recompor de toda a montanha-russa de loucuras que aquele dia estava sendo.

O restante do expediente correu bem rápido, como normalmente acontecia. Fui capaz de adiantar todas as coisas que precisava fazer e tentei me acostumar com a ideia de que o encontraria de novo. E talvez eu não estivesse fazendo um bom trabalho porque continuava achando tudo aquilo um absurdo.

Ficamos algumas boas horas na minha sala e sequer vi o tempo passar. Não reparei que já estava escuro e esqueci que meu celular existia. Era tanto trabalho e tantas informações que precisava explicar para ele, que quando eu me via entrando em um

assunto, rapidamente se desviava para um outro tão importante quanto.

Estava exausta e pelo visto Dante também. Deveria estar se perguntando de tempos em tempos o que diabos estava fazendo ali. Talvez ele desistisse ao ver a quantidade de trabalho que tínhamos em nossas mãos.

Eu torcia por isso.

Depois de um tempo, ouvi leves batidas e pedi que entrassem. E então, quando a porta se abriu, meu corpo gelou por completo. Toda cor do meu rosto se esvaiu e senti cada partícula minha virar pedra. Comecei a suar frio, tomada pelo medo e desespero, claramente estampados nos meus olhos.

— Ma... Mãe... — gaguejei — O que faz aqui? — perguntei, nervosa, olhando desesperada em seus olhos.

Aquilo não podia ser real.

Dante se virou na cadeira para ver quem estava parada na porta. Olhou confuso para o colo da mulher, que trazia em seus braços uma criança. Piscou devagar, mais de uma vez, olhou na minha direção e depois novamente para a porta.

Naquele momento, eu soube que estava mais do que fodida.



Silêncio. Ninguém disse uma palavra.

Nem em um milhão de anos, eu imaginava que aquilo pudesse acontecer.

O meu estômago revirou, aquela sensação nauseante se instalando, subindo para minha garganta até que um bolo se formasse ali. Tudo parecia congelado, pulmões, veias, respiração. Meu cérebro lutava para encontrar uma mentira e o suor acumulava-se nas minhas mãos como se o meu corpo também estivesse desesperado por uma saída.

Engoli em seco, sem saber muito bem como conduzir a situação. Desejava sair daquele cômodo o mais rápido possível. O pânico na expressão da minha mãe entregava tudo.

— Vim... — Ela tentou não parecer nervosa. — Trazê-la. Sua tia precisava da minha ajuda e achei melhor dar um pulo aqui... — ela se justificou, andando na minha direção e entregando-me Giovanna.

O herdeiro mais novo dos Perazzo estava estático, com a boca entreaberta sem conseguir mover um nervo, um som. Ao mesmo tempo, era possível ouvir o barulho do meu coração batendo cada vez mais alto.

Ele não piscava, olhando para o rosto da garota no meu colo, analisando cada mínimo detalhe: os cabelos loirinhos presos em um tufinho no topo da cabeça, os olhos grandes de um castanho-esverdeado que era somente dele, as bochechas levemente rosadas.

Dante sabia.

Também, era impossível não saber.

E quando ela levantou um dos bracinhos, agitada, eu achei que aquele homem fosse desmaiar. O olhar desviou para um ponto exato, o da manchinha amarronzada que ela tinha perto do pulso, que se assemelhava com um “M”. Era uma marca bem pequena, quase imperceptível, mas impossível de não se notar quando se tinha uma igual.

Gio começou a fazer bolinhas com a boca e sorrir feliz, mostrando os dentinhos que começavam a surgir. Balançou as mãos na direção do loiro, como se estivesse pedindo por colo. Respirei fundo, segurando seus bracinhos e os abaixei.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou depois de um tempo, com a voz esganiçada e a expressão começando a se modificar de perplexo para irritado.

— Dante... Precisamos conversar.

E então ele voltou a arregalar os olhos e me encarar completamente transtornado. Minha mãe olhava de um lado para o outro com a mão na boca, como se estivesse vendo um filme de horror.

E que talvez fosse mesmo.

— Mãe, obrigada por ficar com a Gio. Falo com você assim que sair daqui e diga a Guilherme e Julia que os encontro no meu

apartamento mais tarde. — Ela concordou, lançando-me um olhar como se estivesse pedindo desculpas e saiu apressada da sala.

Silêncio.

Ele ainda me olhava transtornado.

— Quanto tempo essa criança tem? — foi a única coisa que perguntou, sem nem tentar esconder o medo da minha resposta.

— 10 meses — disse por fim, soltando o ar, cansada.

Automaticamente, Dante afundou o rosto nas mãos, apoиando o cotovelo nos joelhos, como se tivesse desabado.



*Eu posso sentir que minha espinha começa a rachar  
Eu estou olhando pro futuro  
Eu continuo olhando pra trás*  
:: BACK TO ZERO – THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Minha cabeça parecia girar tão forte que cheguei a me sentir tonto. Um breu tomou conta dos meus olhos e um zunido forte preenchia todos os cantos do meu cérebro. Era como se diversas facas estivessem sendo enfiadas no meu crânio ao mesmo tempo. Doía raciocinar e tentar assimilar o que estava diante de mim. Aquilo não podia estar acontecendo. Deveria ser algum tipo de sonho incrivelmente realista.

Era isso.

Eu abria os olhos e estaria dormindo na minha cama, coberto com meus lençóis e cercado por travesseiros. Não passava de um pesadelo absurdo.

Não havia nenhuma outra possibilidade.

Minhas pálpebras se moveram devagar e quando enfim se abriram, percebi que elas continuaram ali. Maria Manuela Guerra, segurando uma criança que sem dúvidas era minha.

Era indiscutível. Todos os traços eram de um Perazzo, exceto pelo formato do nariz e da boca, esses eram dela. Até mesmo a porra da minha marca de nascença a garota tinha.

Um teste de DNA ao vivo e a cores.

A criança agora estava passando as mãos pelo cabelo da mulher, brincando com seus fios enquanto ria despreocupadamente. Respirei fundo e aquilo chamou sua atenção, porque ela me olhou, abrindo um largo sorriso e exibindo dois únicos dentinhos inferiores.

Esticou os pequenos braços na minha direção, abrindo e fechando as mãos, como havia feito alguns minutos atrás. Soltou alguns barulhos, como se estivesse reclamando e eu continuei ali, encarando-a, perplexo, até que seus olhos se encheram de lágrimas e ela começou a chorar, olhando-me frustrada.

Manuela ficou muito desconfortável com a situação e começou a balançar a bebê de um lado para o outro, tentando acalmá-la.

Não ousei me mexer. Sentia um nó na garganta junto com uma complexidade enorme de sentimentos que pareciam de minuto em minuto se alterar dentro de mim. Não sabia o que fazer, o que dizer, o que pensar. Tantas coisas passavam pela cabeça que era difícil apenas movimentar um único músculo sequer.

— Quando pretendia me dizer que eu tinha uma filha, Manuela? — perguntei, irritado.

— Não pretendia — afirmou baixinho.

Meu estômago caiu e meus músculos retesaram. O ódio roubou o controle de tudo dentro de mim, impedindo que o ar chegasse até os meus pulmões.

— Você por acaso é louca? — explodi aos berros e a criança arregalou os olhos, parando de chorar e me observando, levemente alarmada.

Queria que minhas palavras tivessem força, que elas demonstrassem toda a minha fúria, mas nem sabia direito se estava conseguindo me expressar, porque continuava incrédulo com aquela situação.

— Não grite! — ela me repreendeu, abraçando a garota contra seu peito.

Sentia cada partícula de mim pulsar de raiva. O tempo parecia se entranhar pelos meus pensamentos, tornando tudo uma confusão a ponto de eu não ter certeza se tudo à minha volta estava se movendo rápido ou lento demais.

Como ela podia fazer aquilo? Como fora capaz de esconder algo como isso de mim?

— Por que fez isso? Qual é o seu problema? Você é doente?

— perguntei com a voz fraca, sentindo-me completamente desolado, olhando para a menininha no seu colo.

— Pra quê eu te contaria, Dante? Pra sua maldita família tentar me fazer tirá-la? — respondeu, seca, e senti cada parte do meu corpo entrar em combustão.

As ondas de decepção rebatiam contra os meus próprios nervos, impulsionando uma infinidade de sentimentos ruins. Raiva, ódio e suas variantes. Era tudo o que eu sentia naquele momento. Meus músculos ao redor da boca estavam doloridos pela força que eu fazia para não explodir de novo.

Como ela podia pensar algo tão desumano? Como ela podia ser tão cruel?

— Você não tinha o direito... — comecei a dizer, cerrando os dentes.

— Giovanna é minha filha! — exclamou.

— Sua? Você a fez sozinha, porra? — perguntei com desdém, meu tom de voz voltando a aumentar enquanto a criança me olhava curiosa.

— Não precisamos de nada de vocês, apenas distância.

Soltei uma risada incrédula. Ela definitivamente estava louca de achar que aquilo iria acontecer. Puxei uma respiração, que se quebrou no mesmo instante. Era difícil suprimir a fúria que pinicava minha pele, rompendo as barreiras do meu próprio corpo. A névoa de ódio havia ultrapassado, cercando-me a ponto de contaminar tudo à minha volta.

— É bom que você se acostume com a distância — retruquei, sentindo cada gota de raiva correr por todo meu sangue.

— O que isso quer dizer? — perguntou, confusa.

— Quer dizer que ela não vai ficar com você — avisei com ódio, olhando mais uma vez para ela e saindo de seu escritório,

batendo a porta atrás de mim.

Não conseguia pensar. Não conseguia dividir o mesmo ar que aquela mulher, precisava sair de perto, entender o que diabos estava acontecendo na minha vida.

**COMO ASSIM EU TINHA UMA FILHA, PORRA?**

Andei rápido até o elevador do prédio e fui para a garagem. Fiquei uns seis minutos perdido, dando voltas em mim mesmo sem conseguir me lembrar onde tinha estacionado o meu carro. Era o único *McLaren* do estacionamento e eu nem mesmo conseguia achá-lo.

Entrei no carro e me senti ainda mais sufocado. Abri os botões da camisa, afrouxei a gravata, sentindo dificuldade para respirar. Eu puxava todo ar à minha volta, mas nada parecia suficiente. Cada parte de mim estava esgotada, moída, como se um dragão tivesse passado por cima do meu corpo.

Praticamente voei até a mansão e tenho certeza de que fui bem imprudente no trânsito, furando alguns sinais vermelhos e ligando o foda-se para os radares.

Não queria ir para o meu apartamento, eu precisava falar com o meu irmão, com minha mãe ou qualquer pessoa. Assim que cheguei, fui direto até o bar, servindo-me de um pouco de uísque sem nem me importar em colocar gelo.

Caminhei devagar até o hall de entrada e nem tive forças para subir as escadas, sentando-me ali mesmo, nos degraus.

Não fazia ideia do que fazer, meu crânio doía tanto, como se alguém estivesse comprimindo-o. Apoiei o copo no mármore e passei as mãos pelo rosto, em uma tentativa ridícula de tentar digerir tudo aquilo.

— O que houve, Dan? — minha mãe perguntou ao me ver sentado no pé da escada.

— Dante? — A voz firme do meu irmão fez com que eu olhasse para cima.

Domenico era muito parecido comigo. Cabelos loiros, olhos castanho-esverdeados e porte atlético. A maior diferença entre nós era que eu normalmente fazia a barba e o Dom não. Ah, meu irmão também era alguns anos mais velho, ele tinha trinta e dois e eu vinte e oito, mas isso nunca foi um problema, sempre fomos muito unidos.

Encarei seus rostos ainda sem saber o que dizer. Como eu iria dar aquele tipo de notícia? Como alguém soltava esse tipo de informação?

*“Então, gente, tenho uma filha de 10 meses e acabei de descobrir.”*

Parecia uma piada, mas não era.

Permaneci quieto durante alguns minutos, buscando qualquer força dentro de mim, ignorando os chamados do meu irmão, que já estava começando a ficar preocupado.

Dom era o responsável, eu fazia as merdas na família. Nem queria imaginar o esporro que ele me daria. Meu Deus, como eu estava fodido.

— Vocês se lembram da Maria Manuela Guerra, certo? — perguntei, tentando introduzir aquele assunto de alguma forma.

— Como não lembraríamos, Dan? Essa mulher tem como meta de vida foder com a nossa empresa — meu irmão resmungou, cruzando os braços.

— Não foi ela que namorou o Adriano? — minha mãe perguntou, pensativa.

Ela não costumava se envolver demais nos assuntos da empresa, mas sabia tudo sobre as relações das pessoas que pertenciam ou pertenceram ao nosso círculo.

— Eu... — pausei, as palavras não saíam da minha boca.

Fiquei um tempo em silêncio, reunindo todas as forças que tinha para contar, em vão. Era como se houvesse um bloco de concreto na minha garganta, impedindo que eu falasse.

— Você o quê, Dante? Já estou começando a ficar preocupada. — O tom de voz de Paola Perazzo se alterou e ela colocou a mão na cintura, levemente irritada.

A forma como meu irmão me olhava, já esperando pela merda que sairia da minha boca, fez com que minha espinha gelasse. Tantas vezes... Ele tinha me dito tantas vezes para encapar a porra do meu pau antes de qualquer foda. E eu nunca esquecia, nunca tinha me esquecido antes.

— Acabei de descobrir que... — Respirei fundo. — Ahn... Eu... Ela tem uma filha...

— Foda-se? — Dom franziu o cenho, confuso.

— Minha.

— Sua o quê? — indagou, sem entender, como se não tivesse conseguido unir as duas frases anteriores.

— Ela tem... — Puxei o ar. — Uma filha que é minha.

Minha mãe cobriu o rosto imediatamente, arregalou os olhos e me fitou perplexa. A cor do meu irmão se esvaiu por completo e sua boca se entreabriu em silêncio.

Nunca tinha visto meu irmão daquela forma, sem ideia de como conduzir uma situação. Ele começou a andar em círculos pelo cômodo, passando a mão na cabeça, abrindo a boca para falar alguma coisa e fechando-a logo em seguida.

— Você come merda, Dante? — ele berrou, furioso, as veias saltando do pescoço. — Como...?

Domenico fechou os olhos e puxou o ar, cobrindo o rosto com as mãos e empurrando os cabelos para trás.

— Dante, isso não pode ser verdade. — Minha mãe me encarava, incrédula. — Vocês estão juntos ou alguma coisa do tipo? Por que fez isso? Como se já não bastasse romper com o seu pai sobre a empresa, agora está com uma qualquer? — Ela fez uma pausa e balançou a cabeça em desaprovação. — É por ela que fez tudo isso?

— Não, mãe — vociferei em sua direção, levantando-me. — Eu me desvinculei de vocês porque não concordo com várias coisas que fazem na empresa atualmente e também cansei de toda essa palhaçada de Círculo de Ouro. Nós não somos melhores que os outros, porra!

— Dante... — meu irmão me repreendeu e apertou seu maxilar, olhando-me irritado.

— Chega, Dom! — gritei. — Se você quer continuar com esse absurdo, o problema é seu, já te disse mil vezes que não quero isso para minha vida.

— Você não sabe o que está dizendo — minha mãe retrucou, olhando-me como se eu fosse um tolo.

— Sabe muito bem das nossas responsabilidades — Dom me advertiu.

— Não, isso foram as ideias que meu pai enfiou na cabeça de vocês, como fez comigo desde sempre. Nós não somos

melhores que ninguém, nosso sangue não é azul, caralho.

Nós fazíamos parte de uma sociedade um pouco complexa. Passei toda a minha vida ouvindo que éramos melhores porque pertencíamos ao Círculo de Ouro e aquele tipo de lavagem é pesado. Eu fiz muita merda das quais não me orgulhava. Tratei mal as pessoas, debochei de quem era de classes inferiores e mais várias outras coisas que me diziam ser normais.

É difícil crescer em uma família com valores distorcidos e tão incrustados que você acaba reproduzindo as merdas que ouve, acreditando que é o correto.

Nós éramos ensinados a só se envolver com nossos semelhantes e dentro do C.O., os casamentos por conveniência eram quase uma obrigação. Na verdade, tínhamos poder de escolha na maioria das vezes, mas se envolver com pessoas de classe baixa ou média era quase um crime. Eventualmente, abriam exceções para famílias importantes e muito ricas que eram bem vistas pelo Círculo.

Chegava a ser bizarro, quando você conseguia romper a bolha para analisar toda aquela podridão. Mesmo que eu ainda comparecesse em eventos, entre outras coisas, estava tentando ao máximo me desvincular daquele mundo.

— Dante, somos os Perazzo! — minha mãe exclamou, transtornada. — Nossa linhagem é completamente pura!

Linhagem. Meus pais agiam como se fôssemos cachorros com pedigree. Chegava a ser ridículo.

Os membros do Círculo de Ouro de fato se achavam parte da realeza.

— Não mais — concluí, cheio de desdém, fazendo com que ela balançasse a cabeça em negativa e me olhasse como se eu tivesse dito que cometido algum tipo de crime.

E talvez ela preferisse que eu realmente tivesse cometido um.

Meu irmão me encarava em silêncio, analisando meus movimentos e respostas. Aquela reação não me causava bem-estar, eu odiava quando Dom ficava quieto, nunca era um bom sinal.

— Você não pode esperar que vamos aceitar uma bastarda dentro dessa família... Essa criança nunca será uma Perazzo —

minha mãe respondeu, decidida, colocando um dos dedos na minha frente, furiosa. — E como você tem tanta certeza assim de que é sua filha? Talvez essa vagabunda apenas queira dinheiro.

— Aposto que ela quer dinheiro — Dom afirmou, seco.

— Não fale assim dela, você nem a conhece — retruquei para minha mãe, irritado.

Mesmo que estivesse puto com a escrota, não iria deixar que minha mãe a chamassem de vagabunda quando o errado era eu. Fui eu quem esqueci da merda da camisinha, para início de conversa.

Nunca tinha visto Paola Perazzo tão desconfortável dentro de sua própria casa, toda a perfeição que ela sempre insistia em transparecer tinha se extinguido.

— A Manuela não quer dinheiro, Domenico. Sequer queria que eu soubesse — respondi, olhando-o de cima a baixo, repreendendo-o por suas suposições. — E sim, mãe, ela é uma Perazzo. Não existe dúvida alguma. Essa criança carrega meu sangue, queira você ou não. Não vou dar as costas para a minha filha. Está louca? Ela é sua neta.

A mulher ficou um tempo me olhando, um músculo da boca tremia juntamente com suas mãos. Eu sabia que aquela palavra a havia atingido. Minha mãe sempre quis que eu me casasse, sempre ansiou por netos.

Confesso que alguns anos atrás essa ideia me parecia ridícula, mesmo que eu tivesse sido ensinado de que aquela era minha responsabilidade. Ainda assim, não era um desejo, mas após viajar e conhecer tanta gente, depois de tudo que eu já havia passado, uma noite percebi que talvez eu quisesse sim ter uma família. Se eu achasse a pessoa certa para dividir isso.

Eu sempre fui uma pessoa solitária, nunca tive muitos amigos e a maioria das pessoas que se aproximavam de mim o faziam por interesse, exceto pela minha mãe e meu irmão. E então, de uma forma, aquele sentimento de um dia ter um filho havia crescido dentro de mim. Não era algo que eu pretendia fazer agora, mas quem sabe em alguns anos.

O sentimento que minha mãe tinha por mim era algo além de tudo que eu podia imaginar e ela havia vivido quase toda sua vida abaixo do medo, respeitando e fazendo tudo que meu pai decidia.

Eu sabia o quanto ela me amava, o quanto dava valor à família e às pessoas do nosso sangue. Aquela merda de sociedade era tudo que ela conhecia, era como havia vivido durante toda sua vida: o nome dos Perazzo, a glória de ser uma Perazzo. Certamente não aceitaria fácil a ideia de que a mãe da minha filha fosse uma pessoa de fora.

Sabia também que minha mãe tinha um grande coração e que passava por cima de muitas coisas por mim e pelo meu irmão.

A atmosfera era incrivelmente pesada e ela estava tentando pensar no que dizer. Meu irmão parecia preso em uma espécie de bolha isolada. Não conseguia sequer imaginar o que os dois estavam sentindo, tampouco sabia a respeito dos meus próprios sentimentos.

— Ela se parece comigo — contei, quebrando o silêncio, voltando a sentar na escada e fitando o copo à minha frente. — E se chama Giovanna.

Seu olhar vacilou por alguns minutos e seu corpo pareceu abandonar a típica postura que costumava ter. Um relance de ansiedade tomou seus olhos e depois sua expressão se tornou triste.

— Quanto tempo ela tem? — Dom questionou, engolindo em seco e eu senti todo o receio em sua voz.

— 10 meses — falei, sentindo aquele aperto preenchendo meu peito, a dor se alastrando cada vez mais.

10 meses. Ela existia há 10 meses e eu sequer sabia disso. A pulsação quase que selvagem no meu coração martelava nos meus tímpanos, provocando uma dor física real. Meus músculos se tornaram tão rígidos que eu parecia ser incapaz de me mover. A impressão que eu tinha era de ter sido destruído de dentro para fora.

Mais silêncio.

Meu irmão usou o corrimão de apoio e se sentou ao meu lado na escada, virando o restante de uísque que estava no meu copo. Suspirei, sentindo-me esgotado mental e fisicamente. Não conseguia pensar no que fazer, em qual atitude tomar.

Queria segurá-la.

Por que diabos eu não havia pedido para segurá-la, caralho?  
Eu saí da sala, transtornado sem sequer chegar perto da garota.  
Que merda eu tinha na porra da minha cabeça?



*Eu sento e observo  
Como as lágrimas passam  
Minhas riquezas não podem comprar tudo*  
:: AS TEARS GO BY – THE ROLLING STONES ::

## *Dante Perazzo*

Burro do caralho.

Xinguei-me mentalmente e me levantei.

— Onde vai? — Domenico perguntou, confuso.

— Preciso falar com ela. Preciso ver a garota.

— Dante... — minha mãe segurou meu braço.

Soltei sua mão e corri para o jardim, em direção ao meu carro. Eu sabia onde ela morava. Já havia sido tentado à visitá-la desde o dia em que eu pisei no Rio de Janeiro de novo, duas semanas atrás.

Na verdade, já havia pensado nisso desde a noite que passamos juntos. Mas então, quando essas ideias surgiam na minha cabeça, lembra-me que ela era Maria Manuela Guerra, que havíamos nos odiado a vida toda e nada daquilo fazia sentido algum.

“*Não passava de desejo, de ter de novo a melhor transa que eu já havia tido*”, eu repetia de forma constante para mim mesmo,

durante todos aqueles meses.

Repetia até o dia de hoje, em que tivemos que dividir o mesmo ar, sozinhos, no mesmo ambiente dentro daquele escritório e então, eu simplesmente perdi o controle.

Não que não fosse minha intenção, desde o dia em que eu soube que o trabalho que havia aceitado era com ela. Sabia que hora ou outra aquilo iria acontecer, mas não esperava que fosse ser tão rápido e muito menos que ela cederia no mesmo instante.

Balancei a cabeça, frustrado, querendo fazer sumir todos aqueles pensamentos. Não queria pensar nela daquela forma, estava tremendo de raiva.

Ela não morava longe, meu novo apartamento era no final da Barra e o dela no Recreio, perto do escritório. Por todo o caminho, eu repeti uma infinidade de xingamentos e acusações. Queria gritar com ela, mas nem mesmo sabia ao certo o que dizer, porque se eu chegasse aos berros, Manuela não me deixaria ver a garota.

Fiz um sinal para o porteiro, que sorriu, achando que eu era um dos moradores e fui entrando. Foda-se, se eu interfonasse, ela não me deixaria subir.

Respirei fundo quando cheguei. Ainda não conseguia acreditar que estava ali. Hesitei um pouco, mas após alguns segundos, bati com força na porta.

Manuela abriu rapidamente, estava com os olhos vermelhos e inchados e uma taça de vinho na mão. Trajava uma calça de flanela xadrez larguinha e uma blusa branca quase transparente, que marcava o sutiã preto de renda que usava.

Quando me viu, na mesma hora seu maxilar travou e ela fez menção de fechar a porta, mas a interrompi, colocando a mão na frente.

— O que você quer? — perguntou, impaciente, cerrando os dentes.

— Quero ver minha filha — respondi, vendo seus olhos encherem de água.

— E por que acha que eu deixaria você fazer isso, depois do que me disse, Dante? — Seu tom de voz emitia tanto ódio e, porra, fazia muito tempo que não lembrava de vê-la falando dessa forma comigo.

— Manu? — Ouvi a voz do Guilherme logo atrás e ele veio na minha direção, arregalando um pouco os olhos ao me ver. — O que faz aqui, Dante?

— Quero ver minha filha — repeti, ríspido.

— Manu, deixa ele entrar — ele pediu e eu levantei as duas sobrancelhas, completamente surpreso.

— Não, Guilherme, não vou deixar — afirmou, cruzando os braços e olhando-o com raiva, quase como se estivesse se sentindo traída.

Era bom, não era?

— Manuela, por Deus, ele é o pai da Gio! Tem todo direito de vê-la. Sempre te falei que uma hora isso iria acontecer, mas você não me ouviu. Vamos... — Ele envolveu seu braço ao redor dos ombros dela e abriu a porta, dando-me passagem. — Não faça eu me arrepender disso, Dante — disse baixinho, enquanto a afastava.

— O que está acontecendo aqui? — Julia Lacerda apareceu, saindo de um corredor segurando outro bebê que começou a gritar “papai” ou algo próximo a isso.

Puta merda, eles iriam abrir uma creche?

A filha do meio dos Lacerda continuava a mesma desde que eu me lembra. Ela era baixinha e assim como eu, com certeza, não parecia muito adepta ao sol. A pele branca quase pálida contrastava bastante com os olhos e cabelos castanhos escuros.

— Ele parece uma miniatura sua — comentei, observando a criança e Guilherme afirmou, dando um sorriso e pegando o garoto no colo.

— Julia e Manu, posso falar com o Dante em particular? — pediu, olhando para as duas mulheres que estavam ali paradas na nossa frente e Manuela no mesmo segundo saiu, pisando forte, sumindo pelo corredor.

Ele sentou-se na mesa e sinalizou para que eu fizesse o mesmo. Colocou o garotinho em uma das pernas e ficou balançando-a enquanto ele ria animado.

— Olha, sei que nunca nos entendemos quando estávamos na época da faculdade, mas somos adultos agora — começou.

— Não sou mais a mesma pessoa que você conheceu naqueles eventos de Direito, Guilherme — afirmei calmamente.

— Acredito que não seja. Na verdade, estou contando com isso. Andei pesquisando sobre você desde que... Bem, desde que descobri que era o pai da Gio — ele falava baixinho e a criança em seu colo começou a coçar os olhos e encostar a cabeça em sua barriga.

Respirou fundo e soltou o ar com calma.

— Sei que tem se afastado da sua família e que está tentando mudar suas visões, mas preciso saber... O que quer de verdade vindo aqui? — perguntou, aninhando o garoto nos braços.

— Eu disse, quero ver minha filha e pelo visto ela não quer deixar — expliquei, impaciente.

— Sabe que ela teve um motivo pra tudo isso, certo? — indagou em um tom baixinho.

Dei uma risada sem humor.

— Claro, me punir por eu ter sido um babaca com ela. E não acho justo esconder isso de mim como uma forma de vingança.

Ele puxou ar e balançou a cabeça negativamente.

— Quando Manuela nos contou da gravidez, fui o primeiro a dizer que ela deveria te procurar, mas ela ficou desesperada, achou que sua família poderia dar um jeito de fazer com que ela perdesse o bebê e entrou em uma paranoia grande por conta disso. Ela não fez nada por maldade, como você está pensando. Manuela nunca foi uma pessoa vingativa.

Senti o amargo na minha boca. Nada daquilo fazia sentido.

— Como você se sentiria se estivesse no meu lugar, Guilherme? Sendo privado de saber que tem uma filha? O que passaria pela sua cabeça? — perguntei, ríspido, e ele ficou me encarando.

— Não estou contra você. Não concordo com a decisão da Manuela, nunca concordei. Apenas estou dizendo que ela teve os motivos dela — disse, por fim.

— Não sei o que fazer! — soltei, mexendo as mãos, exasperado.

— Ela disse que você falou que iria pegar a Giovanna dela.

— Estou com raiva — expliquei, como se fosse óbvio. — O que quer que eu faça?

— Você não pode ameaçar tirar a filha dela — concluiu, franzindo o cenho. — Como quer começar as coisas dessa forma?

— Ela a tirou de mim primeiro, privou a minha chance de conhecê-la — lembrei. — Eu não sou o vilão aqui, Guilherme.

— E você pretende começar uma guerra, então? — perguntou, sério e logo depois voltou a olhar para a criança em seu colo, que estava começando a ficar sonolenta.

— Não sei o que pretendo fazer. Sei que, agora, quero ver a minha filha.

— Se eu a convencer, promete que não vai fugir com ela nem nada do tipo? Ela é uma bebê, Dante, tem sua rotina e não te conhece. Não faça com que eu me arrependa de tentar te ajudar — alertou, olhando-me de um jeito desconfiado.

Fugir? Meu Deus, o que eles achavam que eu era? A Nazaré Tedesco da alta sociedade, porra?

— Não vou fugir com a criança, Guilherme. Está doido? É cada uma... — Soltei o ar, irritado com a falta de bom senso que aquelas pessoas claramente tinham.

— Ok, segure Lucca um minuto. — Arregalei os olhos, meio apreensivo, enquanto ele me entregava a criança, como se fosse um simples saco de arroz.

Mantive meus braços retos na minha frente. Exatamente na mesma posição de quando os estiquei para pegá-lo. Minhas mãos o seguravam por debaixo dos braços e o corpo do garoto balançava no ar, junto com as pernas.

Puta que pariu, acho que nunca, em toda minha vida, havia segurado um bebê. Minhas mãos suavam frio e era impossível mexer um músculo sequer.

Não sei quanto tempo fiquei ali, todo nervoso, com medo da criança cair no chão, porque ele se balançava de um lado para o outro, rindo, como se aquilo fosse algum tipo de brincadeira.

— Você está assim desde a hora que saí? — questionou algum tempo depois, trazendo a menina no colo.

Afirmei com a cabeça e ele riu. A garotinha abriu um sorriso, esticando os bracinhos novamente na minha direção, como fizera mais cedo.

Senti meu estômago dar uma cambalhota.

— Ela não vai vir — suspirou, cansado —, está no quarto com Julia, no momento, me xingando de todos nomes que consegue se lembrar.

— Obrigado por fazer isso, Guilherme — falei por fim e ele pegou o filho no colo, equilibrando-o no outro braço.

— Sem problemas — disse, entregando-me a bebê. — Dante, pelo amor de Deus, você nunca segurou uma criança? — indagou, chocado, ao ver que eu estava de novo com os braços esticados para frente.

— Não. Ela pode cair, acho assim mais seguro — afirmei, olhando a criança na minha frente e ele revirou os olhos.

Ele sentou o filho no chão, que na mesma hora saiu engatinhando em direção ao tapete e ajeitou Giovanna no meu colo, passando meus braços em volta de seu pequeno corpo. A garotinha estava com dois tufinhos de cabelo presos no topo da cabeça, fazendo uma espécie de maria-chiquinha. Ela se virou para mim e segurou meu rosto com as duas mãos, olhando hipnotizada no fundo dos meus olhos.

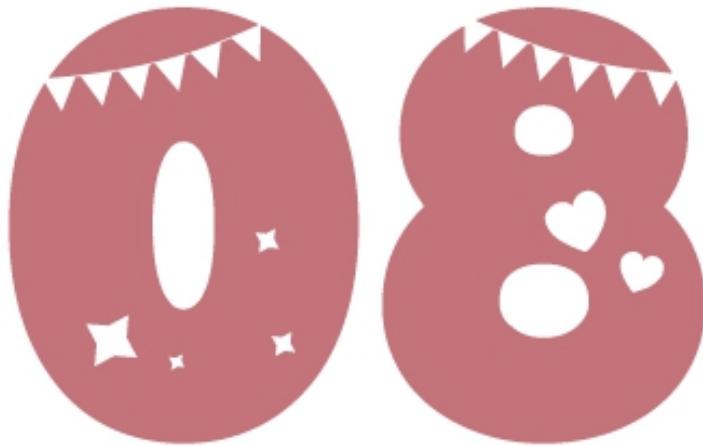
Não sei explicar o que senti naquele momento, mas algo acendeu dentro de mim, olhando uma minicópia minha, tão perfeita. Meu coração batia acelerado enquanto diversas sensações se revezavam para preencher cada parte. Era um turbilhão de emoções rompendo todas as barreiras dentro de mim, alastrando-se por todo meu corpo. Ela sorriu, mostrando os dentinhos e soube naquele momento que meu coração havia se derretido.

Estava com um nó apertado na garganta, com os olhos doendo da força que estava fazendo para segurar as lágrimas.

— Pode chorar, Dante. Ninguém vai te julgar... Também passei por isso — falou de uma forma solidária, provavelmente percebendo minha luta interna e foi em direção ao filho, dando-me privacidade.

Abracei a menina, afundando meu rosto e deixei algumas lágrimas rolarem. Fiquei assim durante algum tempo, tentando me recompor. Nunca, em toda minha vida, havia passado por nada parecido.

Pela primeira vez desde que eu me entendia por gente, sentia-me estranhamente completo, transbordando.



*Sob meu controle  
A garota que uma vez me desprezou*

*Sob meu controle*

*A garota que uma vez me esnobou*

**:: UNDER MY THUMB – THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

Deitei a cabeça no travesseiro, ainda tentando organizar todos meus pensamentos a respeito daquele dia e noite. Segurei uma criatura tão pequena nos meus braços, despertando todos os tipos de emoções que eu sequer cogitei ter algum dia em minha vida.

Guilherme a havia convencido de me deixar ver Giovanna. Não pedi que me desse nenhum tipo de ajuda, ele apenas decidiu que faria aquilo.

Colocou-se no meu lugar, bateu de frente com sua melhor amiga apenas para que eu pudessevê-la. É, talvez estivéssemos amadurecendo, no final das contas, deixando o passado como segundo plano.

Ela não apareceu mais naquela noite. Depois de algum tempo, Guilherme disse que as crianças estavam cansadas e com sono e seria melhor colocá-los para dormir.

Encarei o teto durante algum tempo e fechei os olhos, deixando que finalmente meus ombros suavizassem. Era possível sentir meus músculos relaxando um a um enquanto eu era consumido pelas lembranças do passado.

### *Flashback – DEZEMBRO DE 2021*

*Era esquisito voltar depois de 5 anos.*

*O Bootcamp JurisMaster era um programa de treinamento intensivo que oferecia uma imersão prática com o objetivo de aprimorar as habilidades e conhecimentos dos participantes. Um acampamento bem elitista que durava três semanas, cheio de estudantes de Direito, que entravam na faculdade com sangue nos olhos.*

*Mesmo que algumas merdas rolassem, era um evento bem sério e só os melhores participavam. Os alunos eram convidados no seu primeiro ano de faculdade e normalmente voltavam nos três seguintes, já que no último ano do curso nós nos dedicávamos a OAB<sup>[5]</sup> e ao TCC<sup>[6]</sup>.*

*Foi lá que eu a conheci. Maria Manuela fazia parte da cota de alunos de baixa renda que eram convidados para o programa. E nós fazíamos da vida daquelas pessoas um inferno.*

*Nós já nos odiávamos desde antes da primeira interação, afinal, ela namorava Adriano Lacerda, o maior babaca já existente. Nossos pais tinham uma rixa por conta de negócios e eles acusaram minha família de roubar suas fazendas de café.*

*Na verdade, o pai do Lacerda tentou foder o meu antes, aplicando um golpe nele, mas ninguém mexia com Genaro Perazzo e ficava impune. Eles perderam quase tudo e foram expulsos do Círculo de Ouro. A sorte dele é que seus estudos já tinham sido bancados e a vaga dele garantida tanto na faculdade, quanto no Bootcamp.*

*Estar sentado no Salão de Eventos, cinco anos depois da última vez que pisei naquele lugar, trazia-me diversas lembranças estranhas. Eu não conhecia boa parte das pessoas e também não tinha ideia do que estava fazendo ali, mas era mais uma meta pessoal que pretendia cumprir: ser um pouco mais sociável.*

*A coordenadora do JurisMaster enviara um convite para todos os antigos monitores para um encontro. Eu me tornei monitor logo no primeiro ano porque sabia que teria um quarto só para mim e queria um lugar mais confortável para comer mulher.*

*Foda, né? Bem, esse era eu uns anos atrás.*

*Normalmente eles escolhiam quatro por ano, o que dava um total de 16 monitores e, claro, a insuportável era uma delas. Éramos responsáveis por organizar os alunos, fazer rondas, entre outras coisas que eles diziam serem muito importantes, como tornar o ambiente inclusivo e acolhedor, oferecer suporte para os demais, etc.*

*Eu estava bem longe de fazer essas últimas coisas da lista, pelo contrário. Infernizava todos que ousassem olhar para mim atravessado.*

*O Salão estava lotado, com pessoas de diversas idades e na entrada havia uma mesa repleta de broches para que pegássemos um relativo ao nosso grupo, porque também havia uma divisão dentre os alunos de cada ano e eu era dos “Ursos”. As “Raposas”, por uma coincidência do destino, era onde os bolsistas sempre caíam, o que criava uma rivalidade ainda maior entre nós.*

*O intuito daquele evento era agradecer por todo serviço que havíamos feito em prol do acampamento. Uma grande idiotice na minha opinião, porém, decidi ir, até porque, não tinha nada melhor para fazer naquela noite.*

*Conversei com algumas pessoas que eram conhecidas e sentei na frente do bar, passando os olhos pelo local. Maria Manuela Guerra estava no centro de uma roda, sendo entupida de perguntas, abrindo sorrisos de tempos em tempos, segurando uma taça de champanhe na mão.*

*Ela tinha ganhado o Prêmio de Defensora Ambiental do Ano por todo seu trabalho excepcional na defesa do meio ambiente e na proteção de ecossistemas ameaçados.*

*E de quebra fez a empresa do meu pai perder uma fortuna.*

*Já estava até mesmo arrependido de ter inventado de vir. Havia me esquecido de que a maldita estaria aqui.*

*Tomei mais algumas doses, ansioso para que o álcool fizesse algum efeito e fiquei feliz quando percebi que já estava ficando alto.*

*Aqueles eventos eram sempre melhores de serem aproveitados alcoolizado.*

*Observei o relógio no meu pulso e forcei a minha visão. Apenas mais uma hora ou duas para que eu inventasse alguma desculpa e sumisse dali.*

*— DANTE PERAZZO! — Maria Manuela praticamente gritou, fazendo com que eu levantasse as sobrancelhas sem entender nada.*

*E então ela deu uma risada longa, subindo no banco ao meu lado. A mulher trajava um vestido preto, colado até a cintura, com um pequeno decote em V, mas que era o suficiente para ressaltar seus seios avantajados. Os cabelos caíam sobre os ombros e os olhos estavam delineados com traços pretos que realçavam ainda mais o castanho de sua íris. Como podia alguém com a capacidade de ser tão insuportável, ser tão bonita?*

*— Exatamente quem eu estava procurando... — falou, encostando a mão no queixo e cerrando os olhos.*

*Dei uma risada. Ela tinha sido minimamente simpática?*

*Certo, acho que eu estava bêbado demais.*

*— Você? Me procurando? — perguntei, com uma risada fraca. — Quantas tacinhas dessa você bebeu?*

*— Quase nenhuma.*

*— Então por acaso bateu com a cabeça? Será que finalmente alguma coisa entrou aí?*

*Ela riu.*

*— Nossa, é bizarro dizer que senti falta disso? — Seu tom era quase que descrente.*

*— Sim, é. Certeza de que você bateu com a cabeça. — Demos uma risada, o que foi bem esquisito.*

*— Não aguento mais essas pessoas me bajulando e me dizendo o quanto sou incrível. — Respirou fundo, passando os olhos pelo salão. — São tão falsas... Preciso de um pouco de hostilidade.*

*Eu sabia o que ela estava buscando vindo falar comigo. O nosso típico jogo de gato e rato. Se havia alguém dentro daquele salão que não a adularia, esse alguém era eu.*

*Pelo contrário.*

— Por que estão te bajulando? Por acaso você fez algo grandioso? — perguntei em um tom sarcástico. — É triste, não é? As pessoas se surpreendem com tão pouco.

Um sorriso grande surgiu em seu rosto ao conseguir o que queria.

— Não é? E essa ideia de dar uma festa pra monitores e ainda te incluir? Sempre achei essa seleção dos grupos uma furada — disse com desdém, claramente se divertindo com o rumo da conversa.

— Ah, Maria Manuela, isso tudo é inveja por não ter conseguido exceder meus pontos nos últimos simulados de júri? — respondi, cheio de ironia, colocando o copo na boca e abafando o riso.

— Seus pontos não excederam os meus — afirmou, cheia de si.

— Tenho certeza que sim.

— Tenho certeza que não — retrucou de forma convencida, levantando-se da cadeira.

Manuela deu uma risada e pegou o meu copo de uísque que estava à minha frente, afastando-se do bar.

— O que está fazendo parado aí?

Pisquei, encarando-a completamente confuso.

— Vamos, vou te provar que está errado. Ou está com medo de passar vergonha? — indagou, quase que me desafiando.

— Não tem nada que me dê mais prazer do quevê-la quebrando a cara, Manuela — avisei, saindo do salão logo atrás dela.

Nós disputávamos muito durante o Bootcamp, principalmente nos simulados em que atuávamos em lados opostos. Ela quase sempre era a defesa e eu, na maioria das vezes, a acusação.

Todo o acampamento era pensado para estimular a competição, com o intuito de nos envolver em debates acalorados para testar nossas argumentações, persuasão, entre outras coisas.

Ela tirou os sapatos assim que chegamos no corredor, achando graça do que estava fazendo e levando o copo com a bebida à boca de tempos em tempos. Dei algumas risadas, porque

*a verdade é que eu nunca a havia visto assim, tão solta, divertida, espontânea.*

— O que tem feito da vida, Dante? Além de torrar o dinheiro da sua família? — Ela deu uma risada. — Nunca ouvi nenhum rumor de você trabalhar.

— Tenho meus projetos pessoais — disse, sem abrir espaço para muitas perguntas.

— Nossa, projetos pessoais — imitou minha voz, dando outra gargalhada. — Não acha que está desperdiçando sua inteligência?

— Agora sou inteligente? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Sempre foi, mas não mais que eu — retrucou em um tom soberbo.

*Como era arrogante!*

— Ah, claro... E você? Onde tem gastado toda sua preciosa inteligência?

*Eu sabia onde ela trabalhava, apenas fingi que não. Maria Manuela e as ONGs eram as pedras nos sapatos da empresa do meu pai e mesmo que eu tivesse cortado alguns vínculos com eles, acompanhava o que acontecia.*

— Trabalho na... — Ela fez uma pausa, deu um soluço e tornou a rir. — SOS Eco. É uma ONG.

— Nossa, realmente grandioso — comentei em tom sarcástico e ela me olhou com raiva.

— Meu trabalho é muito recompensador, no momento, estamos lutando a favor da proteção dos mariscos...

— Mariscos? — perguntei, rindo. — Você só pode estar de sacanagem.

— Não é sacanagem, seu idiota! É um trabalho muito sério. Caso não se lembre, a empresa da sua família fode com todo o ecossistema — vociferou na minha direção e eu levantei as mãos no ar para que ela se acalmasse, demonstrando que não tocaria mais no assunto.

Nós andamos mais um pouco pelo acampamento até chegarmos ao local. Ela foi até um banco que ficava na varanda do chalé de madeira e tirou uma chave dali. Seu sorrisinho convencido me fez rir em resposta.

— Não acende a luz — alertou. — Vão saber que estamos aqui.

Pegou o celular e iluminou o local. Logo depois, fechou as cortinas e acendeu uma lamparina que estava em cima de uma das mesas.

Passei os olhos por todo o cômodo e suspirei, percebendo que estava perfeitamente igual.

— O que foi? — perguntou, olhando para mim.

— Nada, só estou refletindo em quantas vezes já transei nessa sala... — comentei, pensativo, abafando uma risada. — Boas lembranças.

— Por Deus, Dante, era a sala onde a gente trabalhava! — brigou, olhando-me com julgamento.

Dei de ombros, colocando as mãos nos bolsos e indo em direção às estantes em que ela já estava remexendo nos papéis, abrindo as gavetas.

— Não se faça de santa, Maria Manuela. Vai dizer que nunca transou com o babaca do Adriano no acampamento? — indaguei, com um sorriso no rosto.

— Não aqui! — Seu rosto corou de leve.

— Pelo visto você não soube aproveitar os benefícios de ser monitora — comentei, com um falso lamento, dando uma risada e ela revirou os olhos. — Ainda estão juntos?

— Não — respondeu, seca.

— Pelo menos não vai ter que aturar aquele pau no cu. — Gargalhei e ela me fuzilou com os olhos, pegando duas pastas e colocando em cima da mesa.

Ficou um tempo comparando os papéis à sua frente. Checou mais uma vez, aborrecida em saber que eu estava certo.

— Parece que temos uma raposa muito errada — falei baixinho no seu ouvido, atrás dela, fazendo com que sobressaltasse um pouco. — Como se sente? Sabendo que aproveitei mais a vida que você e ainda te superei nos simulados?

Ela se virou, incrivelmente irritada, com o rosto a centímetros do meu. Abri um sorriso prepotente e ela rolou os olhos.

— Já tinha esquecido o quanto você me tira do sério — retrucou, sem paciência.

— Achei que tivesse dito que sentia falta. Não acha isso um pouco sádico, Manuela? — impliquei, encostando uma das mãos na mesa, de modo com que meu corpo agora estivesse contra o dela.

Nem mesmo sabia o que estava fazendo, o álcool já tinha me deixado alterado demais. Eu estava flertando com a mulher que eu odiei por toda a minha vida?

Que merda?



*Assim como todo policial é um criminoso  
E todos os pecadores são santos*

*Assim como cara é coroa  
Apenas me chame de Lúcifer  
Pois preciso que você me contenha*

**:: SYMPATHY FOR THE DEVIL – THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

### **FLASHBACK – DEZEMBRO DE 2021**

*A respiração ficou pesada e seu peito subiu e desceu com rapidez. Nunca havia chegado tão perto assim. Sentia meu corpo ser atraído ao dela como se fosse um imã.*

*Ficamos presos em um silêncio opressor, encarando-nos por alguns segundos como se estivéssemos tentando raciocinar sobre o que estava acontecendo entre nós. Quebrei o contato visual quando fitei a sua boca, mas em seguida voltei a olhá-la nos olhos, quase que hipnotizado.*

*No mesmo instante, ela mordeu o lábio inferior e soltou o ar, o hálito queimando os meus lábios pela proximidade quase sufocante. Era como se um estivesse esperando pelo outro, para dar um passo que queríamos e não queríamos ao mesmo tempo.*

*Mesmo que nunca tivéssemos estado naquela situação antes, eu sabia. Pela forma como sua pupila estava dilatada, pelo jeito como aquela mulher me encarava. E a atmosfera ao nosso redor também denunciava o que desejávamos.*

*Ela colou a boca na minha alguns segundos depois, passando uma de suas mãos por trás da minha nuca. Demorei alguns milésimos de segundos até associar o que estava acontecendo.*

*Em um minuto, estávamos nos provocando e depois, sua língua estava entrelaçada com a minha e eu me deixei levar. Eu derreti nos seus braços enquanto ela fazia o mesmo.*

*Aquela ideia nunca sequer havia passado pela minha cabeça. Por mais que Maria Manuela fosse bonita, jamais cogitei qualquer coisa com ela. Não fazia sentido, havíamos nos odiado por tanto tempo que aquele tipo de pensamento soava absurdo. E agora, eu estava sendo consumido.*

*Aquele beijo era simplesmente incrível, nossas típicas brigas pareciam estar acontecendo dentro de nossas bocas, batalhando entre si para abusar de cada espaço. Tinha vontade de afastá-la e dizer que não deveríamos estar fazendo aquilo, mas era impossível. Ela tinha um sabor doce, os lábios macios e quentes e eu já estava curioso, sentindo meu corpo pulsando de desejo para experimentar mais daquilo.*

*Entre suspiros, nossos lábios procuravam um ao outro em completo desespero, como se estivessem há anos esperando por aquele contato. E no meio de tudo, eu parei de tentar entender, desisti de buscar alguma lógica para o desejo iminente que surgiu das profundezas abismais do nosso ódio.*

*Sem descolar a boca da dela, levantei levemente seu corpo, sentando-a na mesa. Por mais que precisássemos respirar durante aquele processo, nem eu e nem ela parecíamos muito interessados nisso e pouco tempo depois comecei a me sentir zonzo.*

*Foda-se, não dava a mínima.*

*Minhas mãos se perderam em seus cabelos enquanto minha boca percorria o caminho do maxilar até seu pescoço. As costas arquearam de leve e seus olhos permaneceram fechados, tentando puxar um pouco de oxigênio. Seu perfume entranhava nas minhas*

*narinas, seus dedos se enterravam nos meus cabelos e ela rapidamente entrelaçou as pernas na minha cintura, fazendo com que o vestido subisse.*

*Tornei a beijá-la e escorreguei a mão por baixo dele, sentindo a pele suave contra as pontas dos meus dedos, apertando suas coxas e puxando-as ainda mais em minha direção.*

— Não acho que devemos fazer isso, Dante — sussurrou com a voz falhando.

— Quer que eu pare? — perguntei, afastando-me um pouco e ela me fitou nos olhos, que brilhavam de excitação.

— Não.

— Tem certeza? — tentei novamente e a irritação começou a aparecer nas suas feições. — Porque isso não é normal entre nós, talvez você tenha bebido um pouco a mais...

*Algo dentro de mim desejava que a insuportável me mandasse parar, já a outra parte estava rezando para que não ela quisesse. Porque, que se foda, eu estava louco por ela mesmo que aquilo fosse um efeito do uísque daquela noite.*

Será que tinham batizado minha bebida com alguma coisa? Isso justificaria todo o tesão desesperado que eu estava sentindo pela mulher mais chata do universo.

— Tenho certeza — afirmou. — Poderia recitar o artigo quinto da Constituição inteiro para você agora sem dificuldade alguma.

Revirei os olhos.

— Quer que eu assine um contrato? — perguntou, debochada. — O álcool me deixa um pouco tarada e também será uma desculpa para isso amanhã, mas fique tranquilo, estou bem o suficiente e com total controle para decidir o que eu quero fazer.

Foi inevitável não sorrir.

— E o que você que fazer, Maria Manuela?

*Seus lábios estavam vermelhos e inchados e ela passou a língua por eles. Respirou fundo e sorriu cheia de malícia enquanto tirava meu terno. Dei uma risadinha quando ela segurou o topo da minha gravata, puxando-me com força para perto e tornou a me beijar.*

— Quero que você me foda... — sussurrou de forma sensual, mas depois me olhou, parecendo preocupada. — E por favor, não

*tente ser... Hm... Fofo?*

— *Acha que vou ser fofo fodendo? — Dei uma risada fraca. Era sério isso?*

— *Não. Não acho. Não estaria cogitando isso se achasse, eu só... Ahn... Só estou me certificando porque...*

— *Cala a boca, Manuela... — mandei, beijando-a. — Você fica muito melhor calada.*

*Segurei sua cintura com facilidade com as duas mãos e a levei até a frente do sofá. Ela apoiou os pés no chão, ainda nos meus braços e começou a tirar minha camisa, pelo que parecia uma eternidade.*

— *Por Deus, qual o problema desses botões? — perguntou, agitada, tendo dificuldade para abrir.*

— *Finalmente achamos algo que você não consiga fazer com rapidez? — Ela me fuzilou com os olhos, aborrecida, e arrebentou a camisa, fazendo com que os botões se perdessem no chão e me deu um sorriso convencido.*

*Sempre tão insuportável...*

*Manuela ficou alguns segundos olhando para o meu corpo e piscou devagar. Dei uma risada baixa, achando graça e voltei a tomar sua boca enquanto as roupas iam sendo arrancadas uma a uma até que não restasse quase nada entre nós.*

*Apenas calor. Na sua mais pura forma.*

*E a impressão que eu tinha era de que uma combustão ocorreria a qualquer instante.*

*Eu a levantei do chão, colocando-a no sofá e tirando alguns segundos para vislumbrar todo seu corpo, apreciando aquela cena.*

*Maria Manuela Guerra, que sempre havia sido uma garota sem graça, mandona e nerd, agora era uma mulher muito sedutora, com curvas que jamais imaginei que teria, usando uma lingerie preta de renda com detalhes em branco.*

*Os cabelos caíam sobre seu rosto, levemente bagunçados e a desgraçada mordeu o lábio inferior, que já estava bem volumoso, deixando-me ainda mais duro. Deitei por cima dela, meus dedos passando pela cintura, barriga e roçando no tecido de renda, fazendo com que seus seios ficassem enrijecidos.*

*Chegava a ser perturbadora a vontade que eu estava de provar cada centímetro daquela pele. E pela primeira vez na vida, eu invejei a vida do Adriano, apenas por saber que ele teve aquela mulher na sua cama por tantos anos.*

*Tudo nela era perfeito, como a porra de uma pintura. A lingerie parecia ter sido feita sob medida e se ela me dissesse que era a modelo da marca, certamente acreditaria. Acho que naquele ponto, acreditaria em tudo o que aquela maldita diria.*

*Maria Manuela poderia afirmar que o carbono não estava presente na composição do petróleo que eu assentiria e falaria: claro que não.*

*Me peguei tentando categorizar cada detalhe na minha memória porque sabia muito bem que aquilo era uma daquelas coisas da vida que só fazemos uma vez.*

*Deus, que merda estava acontecendo?*

*Foco, Dante! Supera! É só uma porra de uma mulher, caralho!*

*Manuela levantou um pouco o tronco e rapidamente voltei a ficar no controle. Tirei seu sutiã, lambendo e chupando seus mamilos e fazendo com que ela gemesse ainda mais alto. Já estava louco apenas com os sons que saíam de sua boca e pela maneira como ela me olhava.*

*Deslizei a mão para dentro da calcinha, sentindo o quanto aquela boceta já estava encharcada e ela arfou ao sentir meus dedos frios em contato com sua pele quente. A maldita segurou meu rosto, lambendo minha boca e mordendo o lábio inferior antes de sorrir cheia de malícia.*

*Respirei fundo e massageei devagar o seu clitóris enquanto voltava a beijá-la, abafando os palavrões que agora eram ditos dentro da minha boca. Eu sequer sei explicar o quanto estava alucinado por qualquer ação daquela mulher.*

*— Mais rápido... — ordenou, mexendo os quadris e forçando-o contra minha mão.*

*Que ótimo, ela continuava mandona.*

*— Acha que pode me dar ordens? — perguntei baixinho em seu ouvido, com um sorriso sarcástico no rosto, enquanto enterrava dois dedos dentro dela, fazendo-a soltar um “porra” em resposta.*

*Seu corpo se arqueou e ela fechou os olhos, completamente fora de si.*

— *Eu preciso te dizer o que fazer? — indagou, erguendo um pouco o queixo para demonstrar sua típica prepotência.*

*Envolvi minha mão no seu pescoço, percebendo o quanto ela parecia frágil assim. A fúria se tornou visível e eu abri um sorrisinho, amando vê-la com raiva.*

*Irritá-la parecia tão mais prazeroso agora...*

*Aumentei o aperto e a puxei alguns milímetros para frente antes de forçar sua cabeça no estofado do sofá. Queria que não tivesse dúvidas que eu estava no controle, não ela.*

— *Não. Você não vai me dizer o que fazer, Maria Manuela...*

*Desci a boca pelo seu ombro, meus dentes arranhando cada parte da sua pele, passando pelo peito, barriga, coxa, lambendo todas as partes. Eu a mordi e distribuí alguns chupões pelo caminho porque eu queria marcá-la por inteiro. Minha mão continuava firme no seu pescoço e encostei minha boca na dela enquanto a olhava nos olhos, deixando que minhas palavras morressem nos seus lábios:*

— *Eu sempre te coloquei no seu lugar, mas hoje vou fazer isso de uma forma que você não vai esquecer. Eu vou chupar sua boceta e meter meu pau em você até que queira gritar pra porra desse acampamento inteiro ouvir. Eu vou te foder como você nunca foi fodida e você só vai gozar quando eu te disser que pode fazer isso, está me ouvindo?*

*Ela me olhou cheia de ódio e eu repeti o movimento, batendo de leve a sua cabeça no braço do sofá. Seus lábios comprimiram e ela os mordeu, tentando esconder o sorrisinho satisfeito.*

*Ah, porra, aquilo era uma perdição.*

— *Responde!*

— *Vamos ver o quanto você fala e o que de fato faz — retrucou de maneira insolente, arrebentando a minha sanidade.*

*Eu gostava de estar no controle durante o sexo e normalmente não curtia quando as mulheres eram teimosas. A foda era sempre melhor quando elas eram submissas, mas havia algo diferente hoje e eu não sabia o que era.*

*Talvez fosse ela. Todo aquele efeito que aquela insuportável causava em mim. O jeito prepotente, a mania de nunca dar o braço a torcer, o nosso passado regado de insultos e discussões.*

*Era uma divisão meio incoerente. Uma parte de mim queria ver aquele lado dela, a outra desejava que ela “se curvasse”, que cedesse ao meu lado dominador.*

*Eu desci mais uma vez, devagar, explorando o corpo delicioso que ela tinha, amando a sensação dos arrepios contornando a minha língua. Puxei sua calcinha, tirando-a rapidamente enquanto os suspiros se tornavam cada vez frequentes. Era maravilhoso vê-la daquela forma, saber que eu a estava fazendo perder o controle daquele jeito.*

*Abri suas pernas e perdi alguns segundos com os lábios próximos da sua boceta, vendo-a se mexer de maneira ansiosa. Um gemido longo escapou quando minha boca encostou no seu clitóris.*

*Ela estava tão quente, tão molhada e vê-la daquele jeito por minha causa era uma experiência singular. Deixei que minha língua corresse preguiçosamente, perdendo-me nos movimentos circulares enquanto eu me deliciava com o seu gosto.*

*Segurei seu quadril com as duas mãos quando ela tentou forçar contra o meu rosto. Recebi um ruído de frustração em resposta, que se perdeu logo depois, sendo substituído por um palavrão.*

*Sentia o clitóris inchado sob a minha língua e o coloquei entre meus lábios, chupando-o com força até arrancar mais um gemido da sua garganta. Suas mãos se entranhavam nos meus cabelos e ela se contorcia cada vez mais, levantando os quadris e mexendo-os contra meu rosto em desespero.*

*Suas pernas se abriram mais e em algum momento, ela descansou uma delas no meu ombro. E eu a chupei até que perdêssemos totalmente a noção de tempo, torturando-a e ignorando todos os insultos que deixaram a sua boca durante o processo.*

— Você é sádico? — ela perguntou, ofegante e depois choramingou. — Por que está demorando tanto?

— Talvez... Eu... Seja... Um... Pouco... Sádico. — Cada uma das palavras foi acompanhada por uma lambida lânguida.

— Meu Deus, eu te odeio!

— É, é, eu também te odeio — respondi, com uma risada fraca, esfregando os dedos na sua boceta. — E é meio burro você me lembrar disso, porque só aumenta minha vontade de te torturar.

Seu olhar pegou fogo e eu fiquei ainda mais excitado. Porra, eu tinha desbloqueado um novo fetiche agora.

Voltei a enterrar o rosto entre as suas pernas e quando ela tentou fechá-las, eu as abri e dei um tapa forte na lateral da sua coxa, rindo do palavrão que ela soltou em seguida.

*Eu a chupei até que Maria Manuela sequer conseguisse finalizar uma frase. Brinquei com seu clitóris até que ela perdesse o controle do próprio corpo, vendo-o se contorcer com um simples movimento da ponta da minha língua.*

Quando percebi que mais uma vez ela estava perto, cobri o seu corpo com o meu e puxei seus lábios com os dentes.

— Por que você parou? — Ela parecia prestes a chorar.

— Quer que eu continue?

*Ela assentiu, fechando os olhos quando voltei a esfregar os meus dedos na sua boceta melada. Puxou uma respiração, buscando por qualquer autocontrole, desfazendo-se nos meus toques.*

— Você fica perfeita assim... Tão obediente... Vou acabar com seu sofrimento, linda.

— Por favor — saiu como uma súplica enquanto ela cerrava os olhos e quase gozei com o pedido.

*Agarrei seu pescoço novamente, forçando-a a olhar no fundo dos meus olhos, fascinado pela forma como ela queimava de desejo por mim.*

— Por favor o quê? Pede, Manuela!

— Me deixa gozar, Dante... Por favor... Eu não aguento mais.

— Tem ideia do quanto é satisfatório ver você assim? — perguntei entre os beijos e ela mordeu o meu lábio quando eu aumentei os movimentos.

*Não me importei com o gosto de sangue. Era amargo, assim como o sentimento que nutríamos um pelo outro e doce na proporção exata.*

Raiva.

*Ressentimento.*

*Hostilidade.*

*Desejo.*

*E eu poderia facilmente me afogar naquela mistura viciante.*

*Me movimentei, voltando a chupar aquela maldita boceta gostosa, empenhado em fazê-la chegar lá. Desejava sentir suas contrações na minha língua, queria estar com o rosto enterrado nela quando ela gozasse.*

*E não demorou muito, seu corpo tremeu no mesmo instante em que suas unhas cravaram com força no meu couro cabeludo.*

— Geme baixo, porra! — mandei, dando um tapa forte na sua boceta. — Se interromperem a gente antes de eu te comer, eu vou ficar muito puto, Maria Manuela.

— Puta merda...

*Ela tentou fechar as pernas, mas eu fiz força contra, puxando novamente seus quadris contra o meu rosto, voltando a deslizar a ponta da língua por seu clitóris sensível. As frases quebradas começaram a preencher o cômodo, ricocheteando e entranhando-se nas minhas veias.*

*Ignorei todos os seus protestos em que ela afirmava não aguentar mais, dizendo que não conseguiria gozar mais uma vez. E alguns minutos depois, eu provei que ela estava errada.*

*E eu amava aquela sensação. Era uma das minhas preferidas em toda a vida desde o dia em que a conheci.*

*Maria Manuela gozou com força e graças a Deus eu me antecipei, prevendo o grito que viria e abafando-o com a minha mão. Era quase como se a idiota quisesse que fôssemos pegos.*

*Porra, ela definitivamente não tinha experiência em trepar naquele acampamento.*

*Uma pena, eu poderia ter ensinado tão direitinho...*

*Ela estava ofegante, o peito subindo e descendo em um ritmo frenético, as pernas moles, como se estivessem sem vida. Eu me coloquei entre suas coxas e voltei a beijá-la, o gosto do seu gozo se misturando com nossas salivas.*

— Está pronta pra mim, Maria Manuela? — perguntei baixinho novamente em seu ouvido, vendo todos os seus pelos se arrepiarem.

*Ela concordou com a cabeça, olhando-me com os olhos castanhos, cintilando desejo. Suas mãos desceram, retirando a cueca boxer e ela as pressionou contra meu pau que já estava duro pra caralho.*

*Não conseguia esperar mais, então deslizei lentamente para dentro dela, quase em sincronia com um gemido estrangulado que fugiu da sua garganta. Respirei fundo, sentindo o meu pau se acomodar na sua boceta quente e molhada.*

*Porra, ela estava encharcada e cheguei à conclusão de que não havia sensação melhor do que aquela. Eu já tinha metido em dezenas de bocetas, mas nada havia sido minimamente parecido.*

*Era um encaixe perfeito que eu denominei como minha ruína pessoal.*

*E quando eu me movimentei, tudo se tornou incoerente.*

*— Dante... — ela sussurrou, ainda de olhos fechados, mordendo o lábio inferior para segurar os sons que estava fazendo.*

*Nunca meu nome havia soado tão maravilhoso como daquela forma, com sua voz rouca, completamente entregue. Conforme eu me movimentava, toda minha atenção foi capturada. Observei seu corpo embaixo de mim, contorcendo-se, as unhas arranhando minha pele, como se quisesse rasgar tudo.*

*Eu me mexi devagar por alguns minutos, aproveitando cada espasmo do seu corpo, focado em memorizar suas expressões, mas não durou muito, porque o jeito como aquela mulher me olhava e gemia fodia com tudo à minha volta.*

*Voltei a beijá-la, aumentando o ritmo aos poucos até que comecei a estocar mais forte, erguendo levemente seus quadris.*

*Nossos lábios se pressionavam com força, quase como se estivéssemos tentando roubar um do outro qualquer sinal de fraqueza.*

*A intensidade fazia com que ela gemesse ainda mais, soltasse alguns palavrões hora ou outra e fincasse as unhas no sofá, cada vez mais fundo, sem controle algum. Eu me encontrava do mesmo jeito, fora de mim, fora de órbita.*

*Mudei de posição, ficando de joelhos no sofá e levantando uma das suas pernas, apoiando seu tornozelo perto do meu ombro para uma angulação diferente.*

*Estoquei mais algumas vezes, deixando que apenas os sons dos quadris se chocando me guiassem. Estava totalmente anestesiado, perdido nos nossos corpos se fundindo em um só.*

— Meu Deus! — Ela arqueou as costas quando fui mais fundo.

— Porra, você é perfeita!

*Saiu sem que eu nem percebesse e pude notar o seu sorrisinho convencido de canto de lábio. Dei um tapa na sua bunda e seus lábios se esticaram ainda mais.*

*Bunda gostosa do caralho!*

*Eu a virei de costas, inclinando-a no braço do sofá, segurando sua cintura com força e ignorando o fato dos meus músculos estarem ardendo apenas para mantê-la exatamente como eu queria. Então, percebi que aquela posição me faria gozar em muito pouco tempo.*

*Desferi mais um tapa na sua bunda e repeti a ação mais algumas vezes, incentivado pelas palavras positivas que ela externou.*

— Porra, Manuela... Você é gostosa pra caralho — confessei, mordendo o seu ombro quando colei o corpo no dela.

*Suas mãos tentaram agarrar minhas coxas, mas eu assegurei atrás do corpo, usando-a de âncora para me impulsionar com mais força. A quantidade de palavrões que saíram da sua boca ultrapassou qualquer briga que tínhamos tido na época de faculdade.*

*E para ser sincero, o tom em que eles estavam sendo ditos agora era muito mais prazeroso.*

*As frases incompletas, os pensamentos se desintegrando, a racionalidade se esvaindo, tudo espiralando dentro de mim, monopolizando cada nervo do meu corpo. A forma como ela estava entregue, sua pele contra os meus lábios, os arrepios incontroláveis faziam com que eu me perdesse dentro de mim mesmo.*

— Quero que você goze comigo!

— Eu... Estou... Quase... Continua... Assim... — As palavras foram espaçadas a cada metida bruta que eu dava nela. — Meu Deus!

*Ela abaixou o rosto para afundá-lo no sofá e me fodeu, empinando a bunda um pouco mais com o movimento. O vislumbre de uma luz forte e branca piscava de forma irregular contra minhas pálpebras, ofuscando absolutamente tudo e gozei com força dentro dela quando ela se tremeu por inteiro.*

— Fica assim — ordenei, ao ver que ela queria se mexer.

*Sai de dentro dela e trilhei um caminho de beijos do seu ombro até a sua bunda, afastando um pouco mais suas pernas para ver o meu gozo escorrendo da sua boceta.*

— Porra... — Passei as mãos pelo rosto, incapaz de me conter.

*Minha respiração era precária, mas se tornou ainda mais com aquela visão. Dei mais um tapa, mordendo o local logo em seguida e ela se encolheu um pouco, dando uma risadinha.*

*Eu deitei no sofá e a puxei para cima de mim, ainda querendo sentir o seu calor se misturando com o meu. Nós ficamos alguns minutos em silêncio, esperando que as batidas do nosso coração voltassem a uma frequência aceitável.*

*Deixei que meus dedos se perdessem nos seus cabelos e que sua respiração queimasse o meu peito, gostando da sensação de calma que aquilo me proporcionava.*

— Oficialmente, sua experiência como monitora está completa, ainda que tenha demorado cinco anos pra isso. — Fiz uma pausa e ela se virou para me encarar. — De nada — falei em um tom irônico e ela revirou os olhos.

— Não estou orgulhosa disso — respondeu, levantando-se.

*Eu odiei quando seu corpo se separou do meu e precisei me conter para não deixar que minhas mãos tentassem agarrar o ar em um impulso, impedindo-a de ir embora.*

*Ela puxou a minha camisa do chão e a vestiu. Olhou para o local onde deveriam estar os botões e soltou o ar em frustração.*

— Você arruinou minha camisa — comentei e ela deu de ombros, prendendo o cabelo em um coque bagunçado.

*Manuela andou até a mesa. Observei quando ela pegou o copo de uísque e caminhou devagar, quase que de forma sedutora, parando na minha frente.*

— Você arruinou minha calcinha — retrucou, arrancando uma risada minha e voltando a se sentar no sofá, com a camisa entreaberta, as pernas cruzadas, levando o copo até os lábios.

Era uma imagem fantástica, definitivamente.

— Quem diria, Maria Manuela, que essa noite insuportável iria acabar em sexo — constatei, divertido.

Ela se aproximou.

— O que te faz pensar que acabou? — perguntou com um sorriso pervertido no rosto, dando mais um gole no uísque, deixando o copo no chão e subindo em cima de mim.

— Você realmente fica safada quando bebe, não é? — questionei, segurando sua cintura com as duas mãos e ela gargalhou, jogando a cabeça para trás e assentindo. — Deveria ter bebido durante uma das rondas que fazíamos, talvez tivéssemos aproveitado bem mais nosso tempo do que nos xingando.

— Eu tinha um namorado me esperando no quarto em quase todas as noites de ronda, Dante — lembrou, de um jeito entretido, perto do meu ouvido.

— Isso não teria me impedido — afirmei, deslizando a mão pela sua coxa e beijando sua boca.

Ela passou os lábios pelo meu pescoço e foi descendo, de maneira devagar, por todo meu peito, abdômen, antes de se ajoelhar na minha frente, ficando entre minhas pernas.

— O que vai fazer? — indaguei, divertido, apoiando meus braços no encosto do sofá.

— Não seria uma experiência completa se eu não aproveitasse a única parte... Aceitável que você tem.

Eu gargalhei, jogando a cabeça para trás e depois segurei seu queixo, deslizando o polegar por seus lábios.

— Meu pau é a única coisa aceitável em mim?

— Sim — respondeu, abrindo a boca e chupando o meu dedo quase em câmera lenta.

— Aceitável? É esse o adjetivo que você vai usar? Mesmo?

Seu olhar brilhou em expectativa quando ela segurou meu pau e um sorrisinho travesso se esticou nos seus lábios.

— No momento, sim... Acho que preciso de uma análise mais detalhada... — Sua língua deslizou lentamente pela base,

*arrastando-se em seguida por toda extensão.*

*Afundei uma das mãos nos seus cabelos e os segurei com um pouco mais de força.*

*— Certo... Faça uma análise bem detalhada — incentivei, louco por vê-la naquela posição. — Use o tempo que quiser, eu sei o quanto você é dedicada com o que se propõe.*

*Ela mordeu o lábio inferior, passando a ponta da língua pela minha glande. Murmurei algum palavrão quando ela começou a me chupar ainda mais rápido, sem tirar os olhos dos meus. Suas mãos se moviam em sincronia com os lábios e eu já estava alucinado.*

*A boca quente rodeando o meu pau... Aquela maldita boca irritante que me tirava do sério. Eu estava recebendo um boquete da mulher que eu odiava, da bolsista que eu costumava fazer bullying.*

*O quão bizarro era isso?*

*Ainda assim, parecia tão certo. Era como se tudo o que tivéssemos vivido, toda a combustão de raiva, fosse apenas um preparo para aquela explosão iminente entre nós dois.*

*Óbvio que eu me arrependia por ser um babaca quando era mais novo, mas com o tempo eu percebi que ela não se afetava com as coisas que eu dizia. Os debates, as simulações, tudo se tornava mais intenso pela raiva que sentíamos um pelo outro. O ódio nos motivava. Era uma consequência quase que necessária para que tudo funcionasse como deveria.*

*Ela me engoliu totalmente, queimando meus pensamentos e fazendo com que eles virassem cinzas. Eu deixei de lado qualquer controle, desesperado para gozar naquela boca que tirou meu sono tantas noites.*

*Tudo era tão intenso, um fogo corria pelas minhas veias e incendiava cada partícula do meu corpo.*

*— Foda-se, seu pau é gostoso pra caralho, Dante...*

*Puta merda, eu já estava prestes a gozar.*

*Segurei seus cabelos em um rabo de cavalo malfeito, incentivando-a a continuar. Foi impossível não forçar meus quadris no seu rosto, vendo que ela estava gostando disso.*

*A língua rodeando a cabeça do meu pau, a cara de safada que a maldita fazia... Ela me chupou com tanta vontade e eu perdi o*

*rumo quando ela começou a se tocar, como se fosse incapaz de se conter.*

*Ainda estava hipnotizado por aquela cena e ela parou, olhou-me de modo provocante e envolveu minha cintura com as pernas enquanto se encaixava perfeitamente no meu pau, indo até o fundo.*

*Soltei outro palavrão e ela sorriu, claramente sentindo-se satisfeita por estar no controle.*

— Porra, devagar... — pedi, sentindo meu pau latejar.

— Você acha que me dá ordens? — perguntou com um sorriso prepotente no rosto, rebolando em cima de mim.

*Colou os lábios nos meus, fazendo com que eu ficasse ainda mais desnorteado.*

— Te fiz uma pergunta! — Então ela acertou um tapa no meu rosto e eu fechei os olhos, respirando fundo.

Segurei seu pescoço e fiz o mesmo com a mão livre.

— Manuela... — chamei em um tom de alerta, mas ela sentou com mais força no meu pau, cedendo o meu aperto.

*A insuportável ganhou controle, cavalgando em cima de mim a ponto de transformar tudo ao meu redor em poeira.*

— Já tinha imaginado você me batendo antes, mas nunca assim — confessei.

— Se você soubesse o quanto eu já imaginei a minha mão dando nessa sua cara arrogante — sussurrou contra os meus lábios e eu dei uma risada.

— Aposto que em nenhuma delas o meu pau estava enterrado na sua boceta...

*Um sorriso diferente fez com que eu estreitasse os olhos. O que aquilo queria dizer? Ela já tinha imaginado nós dois trepando?*

*Suas costas arquearam e eu me perdi novamente nos peitos perfeitos que ela tinha, balançando sem parar perto do meu rosto. O jeito como Manuela se movia, os gemidos que saíam da sua boca, a forma como estava tão quente, tão encharcada, deixava-me louco, como nunca havia ficado antes.*

*Era uma experiência fora do normal. Não sabia se de fato estava tão fora de mim pela surpresa de ela transar daquela forma, se era por sentir algo diferente de ódio durante tantos anos ou se*

*era apenas por nossos corpos terem tanta química e um encaixe tão absurdo.*

*Ela subia e descia, respirando ofegante, segurando meus cabelos com força enquanto nos beijávamos violentamente. Não demorou muito para que eu sentisse todo seu corpo estremecer, denunciando seu orgasmo. Ela diminuiu o ritmo por alguns segundos, recuperando as forças, mas logo depois, voltou a cavalgar em cima de mim. E em um movimento mais fundo, eu cheguei no meu limite e gozei de novo dentro dela.*

*Seu corpo caiu sobre o meu e ela ficou ali, sentada em cima de mim, com o rosto afundado no meu pescoço. Não sentia nenhuma parte do meu corpo mais, a única força que tinha estava concentrada em segurar sua cintura para que ela não caísse.*

*Não sei por quanto tempo ficamos assim. Sentia seu corpo quente e suado sobre o meu, a respiração se acalmando e sua boca ainda em contato com minha pele. E confesso que tive a impressão de que chegamos a cochilar nessa posição.*

— Realmente achamos algo que somos bons fazendo juntos... Talvez devêssemos fazer isso mais vezes.

*Ela riu.*

— Isso não vai acontecer de novo — afirmou. — Amanhã eu espero estar no meu mais perfeito bom senso.

— E desde quando você tem um? — impliquei e ela comprimiu os lábios.

— Sempre tive. É que claramente sua definição de bom senso não é a mesma que a minha — respondeu, cheia de si.

*Mulher infernal e chata do caralho.*

— Você sempre tem uma resposta pra tudo, não é? — perguntei em um tom divertido.

— Você sabe que tenho — disse, rindo.

— Talvez seja melhor ficar um pouco quieta — falei, voltando a beijá-la.

*Transamos mais uma vez e quando achei que iríamos para uma outra rodada, ela olhou o relógio e saiu apressada, pedindo que eu esperasse um tempo antes de deixar a sala.*

Já era de madrugada e com certeza quase todas as pessoas já tinham ido embora. E eu fiquei ali, sentado no sofá,

*completamente aturdido com aquela noite.*

*Sabia que aquilo não iria acontecer de novo, por mais que eu quisesse. Tínhamos todo um passado péssimo e eu sabia que a missão de vida daquela mulher era foder com a empresa do meu pai o máximo que pudesse.*

*Não que agora eu me importasse muito com isso, mas sabia que, para ela, o meu sobrenome tinha muito peso. Aos olhos dela, eu sempre seria o herdeiro babaca de uma petrolífera.*

*E com certeza aquele dia havia sido algo totalmente aleatório e único.*



*Deixe estar, deixe estar  
Deixe estar, sim, deixe estar  
Oh, haverá uma resposta  
Deixe estar*  
**:: LET IT BE - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Quando Guilherme e Julia foram embora, coloquei Giovanna para dormir, deitei a cabeça no travesseiro e fiquei observando o teto, sentindo as lágrimas rolarem.

Aquilo tudo parecia um pesadelo.

Todos os medos que eu tive desde o dia que descobri que estava grávida tomaram conta de mim e era impossível parar de chorar. Ainda mais quando as palavras que ele tinha dito ressoavam na minha cabeça insistenteamente. Eu sabia o quanto a família dele era poderosa, influente, o quanto tinha dinheiro e sempre conseguia o que queria.

E também sabia o que eles já tinham feito no passado.

Percebi que não dormi a noite toda, quando minha filha começou a chorar no cômodo ao lado e vi que já era de manhã. Ela comeu algumas frutas, arrumei nossas coisas com pressa e fui para a pensão.

No momento em que cheguei, notei que o carro de Guilherme e Julia estava na entrada e assim que passei pela porta, vi os dois sentados à mesa, tomando café. O silêncio se instaurou no momento em que todos perceberam minha presença e eu sabia que eu era o assunto.

Aquele não era um dos dias em que tomávamos café juntos, normalmente fazíamos isso às sextas-feiras e ainda estávamos no início da semana.

— Bom dia, Manu. Sinto muito por ontem, não tinha ideia de que ele poderia estar lá — minha mãe começou a se explicar, olhando-me com lágrimas nos olhos e pegando a bebê do meu colo.

— Não tem problema, mãe. Você não tinha como saber — eu a tranquilizei e peguei uma xícara, servindo-me de café.

Sendo que queria mesmo umas vinte doses de tequila.

— Não queria que nada disso tivesse acontecido.

— Mãe, por favor! Você não é responsável por nada, não se culpe dessa forma — pedi, indo até ela e limpando as lágrimas que já começavam a cair de novo.

— Tudo bem, vou levar a Gio lá pra dentro.

Minha mãe saiu apressada, dizendo que provavelmente precisava trocar a fralda da Giovanna, deixando-nos a sós. Caminhei até a mesa e coloquei mais um pouco de café na xícara.

— Está melhor? — perguntou Julia, passando a mão pela minha de forma carinhosa.

— Não dormi nada. Ainda não digeri essa história — comentei, distraída, contornando a porcelana com a ponta dos dedos.

— Está chateada comigo, não está? — Guilherme perguntou, coçando a cabeça, um pouco sem jeito.

— Não estou — menti, seca e sua esposa o olhou de cara feia porque ela concordava comigo.

— Manu... — Ele veio mais perto, mantendo o tom de voz brando. — Eu te disse desde o início. Não era o certo esconder isso do Dante, você sabia que uma hora ou outra isso iria acontecer.

— Eu tomaria as medidas certas pra não acontecer — retruquei, ríspida.

— Ia fazer o quê? Pintar o cabelo dela de castanho, colocar lentes e esconder a garota de todas as redes sociais? — perguntou em um tom debochado. — Ela é a cara dele e temos colegas em comum.

— Não sei, Guilherme! — falei de má vontade. — Não pensei nessas coisas e agora ele descobriu e simplesmente quer tirá-la de mim. Acha isso certo?

— Manuela, o Dante está com raiva, disse ontem pra mim que não sabia o que fazer. E ele ficou bem emocionado, inclusive...

— Virou defensor dele agora, porra? — Era impossível não esconder a raiva nas minhas palavras.

— Você pode jogar sua raiva em mim, tudo bem — ele suspirou, cansado, ajeitando os óculos na ponte do nariz. — Mas isso não faz com que esteja certa. Se Julia tivesse escondido um filho de mim, tenho certeza que você acharia um absurdo.

— É diferente, Guilherme — minha amiga disse, franzindo o cenho.

— Por mais que todos aqui tenham um passado péssimo com ele, as pessoas evoluem. Além disso, ele tinha o direito de saber — respondeu calmamente.

Odiava toda aquela tranquilidade dele. Em alguns momentos, nem eu sabia como o aguentava.

— Guilherme, você sabe o que a família dele é capaz e sabe melhor do que ninguém o que eles fizeram com a minha. Eles são parte do Círculo de Ouro. Eles têm poder, dinheiro... — lembrou e eu pude sentir todo o amargor nas suas palavras.

Julia, Adriano e a irmã mais nova deles perderam tudo por conta dos Perazzo. Tudo bem que meu ex-namorado era bem mais revoltado com a vida e com o que tinha acontecido, mas ela ainda tinha mágoa por todo o resto.

O seu padrão de vida mudou de uma hora para a outra, tudo o que ela sonhava virou poeira. Eu sabia o quanto Guilherme tinha feito a diferença em sua vida, principalmente para aceitar tudo, mas continuava sendo dolorido.

— Sei disso, amor, mas ainda assim, não é justo. Eu não consigo sequer imaginar perder o nascimento do Lucca, não saber que ele existe...

— Manu, bom dia... Podemos conversar? — Ouvi a voz de Adriano atrás de mim, interrompendo Guilherme.

— Adriano, vou me atrasar. Podemos deixar isso pra depois? — indaguei, soltando o ar, cansada.

Lidar com ele era a última coisa que eu queria.

— Certo... Você está bem? Sua mãe contou sobre o Perazzo. Sinto muito — disse, segurando minha mão.

— Obrigada. Vou ficar bem, prometo. Vamos, Gui? Depois conversamos mais, ok? Eu realmente estou cheia de trabalho.

Fui até o quarto para me despedir da minha mãe e das crianças que brincavam animadamente no cercadinho e depois eu e Guilherme fomos para o escritório.

Sentei-me na minha cadeira e encarei o sofá por alguns minutos, antes de me forçar a começar a organizar as atividades que precisava fazer aquele dia.

Consegui me distrair com o trabalho por algum tempo, até que ouvi batidas na porta e me lembrei de tudo. Agora Dante sabia sobre Giovanna e para completar ainda trabalhava comigo.

Cheguei à conclusão de que minha vida não teria mais um único minuto de paz, já que seria obrigada a olhar para a cara dele todos os dias.

— Está atrasado — afirmei, sem olhar em sua direção.

— Estava resolvendo outros assuntos. — Ele fez uma pausa.

— Sobre a Giovanna, acho que...

— Dante, não vamos conversar sobre isso aqui — avisei, séria. — Se começarmos a misturar nossa vida pessoal com esse trabalho, teremos grandes problemas.

— E quando vamos conversar? — Ele cruzou os braços, demonstrando toda sua impaciência, mas voltei a olhar para minhas anotações e ignorei que ele se aproximou.

— Não sei. No momento é a última coisa que quero fazer.

— É incrível como você ainda acha que pode decidir as coisas da maneira que bem entende depois do que fez — respondeu, exasperado, apoiando as duas mãos na minha mesa.

— Dante, não vou conversar com você. Se não tiver nenhum assunto sobre o trabalho, peço que se retire da minha sala — retruquei em um tom mais grosseiro. — Estou ocupada.

Ele me olhou incrédulo e abriu a boca para começar a dizer mais alguma coisa, mas eu o cortei:

— Eu. Estou. Ocupada — repeti, fazendo com que ele bufasse e deixasse o escritório puto.

Não estava em condições de ter uma discussão com ele naquele momento, muito menos dentro do meu local de trabalho. Massageei a têmpora, tentando aliviar a grande dor de cabeça que estava sentindo e tentei focar nos relatórios que precisava enviar.

Durante a tarde, chamei Deusa e ele e pedi que ela explicasse algumas outras coisas sobre a reunião de amanhã. Dante sequer olhava no meu rosto agora. Seu maxilar estava travado e seus músculos enrijecidos, demonstrando o quanto estava aborrecido.

Já no final do dia, após terminar minhas pendências, parei em frente ao elevador, aguardando sua chegada, quando meu celular começou a tocar.

— *Boa tarde, senhorita Guerra. Sou o Renato Tozzi, advogado do senhor Dante Perazzo e gostaria de solicitar uma reunião de urgência amanhã no meu escritório.*

Fiquei paralisada, piscando os olhos lentamente. Os segundos pareceram se dissolver diante de mim, as palavras ecoando na minha cabeça.

— *Senhorita?* — A voz do outro lado me puxou para a realidade.

— Não... Eu... Que reunião? Reunião pra quê?

— *A respeito da guarda da menor... Sugerí ao Dante que fizéssemos isso, em uma forma de mediação antes de dar início a todos os trâmites judiciais.*

Tudo ao meu redor desmoronou e a impressão é que havia um buraco fundo abaixo dos meus pés. Ele tinha envolvido outro advogado, um especializado na área de família. E o melhor da cidade inteira, porque eu já tinha ouvido falar daquele sobrenome.

— Olá? Podemos marcar amanhã cedo?

— Não quero uma reunião — retruquei, sem raciocinar direito.

— *Senhorita Guerra, eu aconselho fortemente que faça essa reunião. Sou advogado e amigo da família há bastante tempo e as*

*coisas tendem a acontecer rápido demais quando os Perazzo estão envolvidos... — Ele pigarreou. — Juridicamente falando. Na verdade, eu convenci o Dante de fazer essa reunião antes de tomarmos qualquer medida mais drástica pensando no melhor interesse da garota.*

As palavras me atingiram de uma só vez. Aquilo não podia ser real.

— Me mande o endereço por mensagem, por favor.

Foi a única coisa que consegui responder e o homem assentiu, desligando logo em seguida. Girei, voltando pelo caminho que tinha feito, pisando furiosa em direção à mesa da minha secretária.

— Onde está o Dante? — perguntei de imediato, pronta para agredi-lo.

— Ele já foi — contou, levemente aflita. — Tem algo que eu possa fazer pra ajudar?

— Não, Deusa. Obrigada.

Suspirei, frustrada, e saí andando pelo escritório tomada pelo ódio. Sentia cada parte do meu corpo pulsar de raiva. Em menos de vinte e quatro horas, ele havia envolvido um advogado que já estava falando sobre trâmites judiciais e guarda.

Senti meu estômago embrulhar e meus olhos arderem. Minha cabeça girava sem parar e nada mais parecia fazer sentido.

Tentei me manter neutra, mas as lágrimas caíram no segundo em que entrei dentro do *Uber*. Chorei pelo caminho inteiro até a pensão e quando cheguei, desabei no chão.



*Há lugares de que vou lembrar  
Por toda a minha vida, embora alguns tenham mudado*  
:: IN MY LIFE - THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

Adriano quase caiu da cadeira em que estava sentado e correu ao meu encontro. E eu não conseguia parar de chorar, sentada no piso, cobrindo o rosto com as mãos.

— O que aconteceu? — perguntou, passando os braços em volta de mim.

— O que houve, Manuela? — Agora a voz preocupada da minha mãe ecoava pelo cômodo.

— Ele... Ele... — balbuciei e novamente voltei a chorar.

Os dois se entreolharam sem entender.

— Tome um pouco de água, filha! — ela pediu, entregando um copo na minha mão.

Virei o líquido rapidamente e busquei acalmar minha respiração. Tentei me concentrar, engolir o nó que parecia não querer descer pela minha garganta. Os dois estavam segurando minhas mãos, preocupados, sem saber o que dizer.

— Ele marcou uma reunião e sabemos que isso nada mais é do que uma mediação extrajudicial — contei por fim, sentindo-me

esgotada. — O advogado mencionou sobre a guarda da Gio.

— Manu, fica calma, essas coisas demoram a acontecer... E até lá vocês podem conversar — ela tentou, com um sorriso singelo no rosto.

— Mãe, ele marcou para amanhã! — exclamei, sentindo mais algumas lágrimas escorrerem. — E o advogado deu a entender que eles vão agilizar todo o processo.

— Como, Manu? O sistema jurídico do Rio de Janeiro é uma piada. — Adriano estalou a boca, descrente.

— Esqueceu quem ele é, Adriano? Ele é um Perazzo! Como acha que eles vão agilizar tudo? — retruei, limpando minhas lágrimas e sentindo a raiva vibrar para fora do meu corpo.

— Manu, respira. É uma reunião. Nada vai ser decidido de imediato. Vou te acompanhar e nós vamos...

— Eu não quero você lá.

Ele me encarou com um pouco de ressentimento pelas palavras duras que usei, mas respirei fundo e tentei explicar:

— Sabe que isso só inflamaria mais as coisas. Vocês não têm um bom passado e eu não posso arriscar piorar as coisas — desabafei.

— Meu amor, vamos. Adriano, me ajude a levantá-la. Vamos tomar um banho, não acho que você deva ficar em casa sozinha hoje — minha mãe afirmou, enquanto sentia os braços do meu ex-namorado me erguerem do chão.

— Mãe, preciso ir em casa. Não tenho nada aqui.

— Posso buscar pra você. Fica aqui e eu já volto — Adriano garantiu em um tom solidário e depois de pegar a minha chave, saiu pela porta.

Olhei para o lado e vi minha filha distraída com a televisão.

Tão feliz.

Ela sequer tinha noção do que estava acontecendo. Eu estava aterrorizada, via-me tão fraca, tentando me agarrar em qualquer parte de mim que tivesse um pouco mais de força.

Como ela ficaria sem mim se ele pedisse pela guarda? Como eu ficaria sem ela? Minha cabeça latejava, sendo inundada de pensamentos horríveis. Subi as escadas devagar e minha mãe me

entregou uma toalha e disse que me esperaria na cozinha para jantar.

Fiquei algum tempo sentindo a água quente bater nas minhas costas enquanto chorava descontroladamente. Imaginei Dante tirando-a dos meus braços, levando-a para dentro daquela mansão horrível que ele morava com os pais.

Senti meu peito apertar.

Nem sei quanto tempo permaneci ali, coexistindo com a água como se nada mais existisse além de nós. Quando os meus dedos enrugaram por completo, saí do chuveiro e percebi que minha mãe tinha deixado uma bolsa. Então me troquei e desci as escadas, encontrando-a com Adriano, os dois sentados à mesa, esperando por mim.

Os outros membros da pensão já deveriam estar dormindo, porque eventualmente alguém aparecia pela área da casa da minha mãe para tomar um cafezinho ou algo do tipo.

— Obrigada, Adri — falei, esticando uma camiseta dos *Beatles* que ele havia me dado uns anos antes.

— Não foi nada. Está melhor?

— Não. Estou tão preocupada com tudo isso, com medo dele pegar a Giovanna de mim, preocupada com a hora em que toda a mídia vai descobrir...

Eles eram da alta sociedade do Rio de Janeiro, as pessoas os conheciam. Os membros do Círculo de Ouro e das famílias tradicionais sempre estavam sendo mencionadas em algumas colunas.

— Apenas não estou preparada para nada disso. — Soltei o ar, cansada. — Tive tanto cuidado em esconder a gravidez para que ninguém descobrisse.

— Filha, você sabe que eventualmente isso teria alguma consequência. Você não tinha como esconder a Gio pra sempre e também não iria poder mentir pra sua filha quando ela perguntasse pelo pai — minha mãe pontuou, colocando um prato à minha frente.

— Sei disso, mamãe. Mas eu te disse que quando ela estivesse um pouco mais velha, poderia dizer que tomei essa decisão por não querer envolvê-la com aquela família, com a mídia. A vida dela seria muito diferente.

— Sinto muito que esteja passando por isso — Adriano falou em um tom compreensivo e eu retribuí com um meio-sorriso.

— Meu amor, vai ficar tudo bem. Entendo que você fez o que achava melhor, mas vamos combinar que a mídia saber é o de menos.

— Não se ele me pintar como um monstro.

— Aquela família não tem uma boa imagem, Manuela. Os Perazzo são odiados por muita gente — ele lembrou.

Afirmei com a cabeça, mesmo sem ter certeza de que aquilo fazia algum sentido. Talvez as pessoas achassem que eu era uma mulher sem coração por privar um pai de conhecer seu filho, talvez tivessem um pouco de empatia em saber que minha filha não era fruto de um daqueles casamentos arranjados, algo que a família Perazzo sempre prezou. De qualquer forma, não queria pensar nisso agora.

Terminei de comer enquanto dava o jantar da Gio e fiquei um bom tempo brincando com ela no chão do quarto até que ficasse sonolenta e dormisse.

Desci para a cozinha novamente, as luzes já estavam apagadas e provavelmente todos já tinham ido dormir. Fiz um chá, fui para o lado de fora e fiquei sentada no jardim, olhando para as plantas da minha mãe.

A pensão ficava de frente para a praia e era possível sentir o cheiro de maresia e o vento gelado que vinha do mar.

— Achei que já estava dormindo... — Ouvi a voz de Adriano atrás de mim, também segurando uma caneca de chá.

— Queria ter sono pra dormir.

— Manu... Sinto muito pelas coisas que eu disse na semana passada — falou, olhando-me nos olhos.

— Tudo bem. Não posso exigir que você goste da minha filha — respondi, seca.

— Você sabe que não é isso.

— Adriano, você não precisa fingir, as coisas que disse naquele dia só comprovam o que eu já achava.

Na semana anterior, havíamos discutido porque a Gio estava implicando com Lucca, tirando todos os brinquedos da mão dele e então Adriano resmungou que ela não negava o sangue que tinha.

E aquilo me atingiu de uma forma inexplicável, porque eu sabia o que ele queria dizer.

Quando Adriano olhava para Giovanna, tudo o que ele enxergava era mais um dos herdeiros dos Perazzo.

Ele nunca foi de ficar próximo dela, não brincava da forma que fazia com seu sobrinho, mas durante os primeiros meses de vida da minha filha, achava que pudesse ser coisa da minha cabeça. Ninguém nunca espera que alguém por quem você nutre tanto carinho não vá gostar da sua filha.

Havia me fechado para todos os pequenos comentários, para o jeito como ele a via, porque eu amava o Adriano. Apesar de sermos ex-namorados, fomos criados juntos e éramos muito amigos.

Então, depois que ele soltou aquela frase, tive certeza. Foi como se todas as peças se encaixassem de uma vez. Lembro-me de gritar, falar que ele era um péssimo amigo, que estava doente por descontar sua raiva em uma criança e fui embora.

Não havíamos conversado desde então, mas eu estava exausta. Não desejava retomar uma briga. Já me bastava ter que lidar com tudo o que estava acontecendo comigo.

— Manu, é difícil pra mim. Desde que terminamos, sempre teve uma parte de mim que achava que iríamos voltar. Pensava que era contigo que eu iria formar uma família e então você ficou grávida de uma das pessoas que mais odeio. No início, sabe que tive raiva, mas desde então tenho tentado ser um bom amigo pra você.

— Adriano, eu vejo como você olha pra ela — confessei, sentindo um nó na garganta. — Já disse, não posso obrigar você a gostar da Gio, mas você também não pode exigir que eu ache isso aceitável. Não posso fingir que ela não existe pra manter nossa amizade.

— Não quero perder você — ele falou, chateado, olhando no fundo dos meus olhos enquanto encostava a mão no meu rosto e colocava uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Sinto muito, mas não existe uma vida minha sem a Giovanna e não consigo ignorar a maneira como você a vê.

— Por favor, Manu... Me dá uma chance pra consertar as coisas — pediu. — Eu não tenho problema algum com a garota... É

só dificuldade de resolver algumas coisas internas sobre o passado.  
Juro pra você.

Respirei fundo e o silêncio durou algum tempo.

— Manu... — ele chamou com uma voz melosa.

— Tudo bem, Adriano — respondi por fim.

Estava cansada, não queria ter que lidar com isso agora. Não tinha emocional para afastá-lo naquele momento, já bastava todo o medo de perder a guarda integral da minha filha.

Tudo bem que nossa relação havia ficado fragilizada durante quase todo tempo em que eu estava grávida, mas tínhamos bons momentos e além de tudo, eu sabia que podia contar com ele.

Talvez Adriano só precisasse de mais algum tempo.

Ele deu um beijo na minha testa e estendeu a mão.

— Vamos, tem que tentar dormir.

Parecia até piada.

Como se dormir fosse possível.



*Você diz sim, eu digo não  
Você diz pare e eu digo vá, vá, vá  
Oh, não  
Você diz adeus e eu digo olá*  
**:: HELLO, GOODBYE - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Quando entrei no escritório do Tozzi, Dante já estava sentado, com uma postura rígida. O homem me cumprimentou cordialmente e indicou que eu sentasse de frente para ele, acomodando-se em uma cadeira entre nós dois. O loiro olhou rapidamente na minha direção e logo desviou, cruzando os braços.

— Bom, nós estamos aqui hoje para discutir a questão de guarda da Giovanna Guerra — ele explanou, parecendo um pouco desconfortável e checando uma documentação. — Vejo que na certidão da menor não existe nada que remeta aos Perazzo.

— É uma grande surpresa, não é mesmo, Renato? — Dante indagou em um tom sarcástico, fuzilando-me com os olhos.

O homem pigarreou, um pouco sem graça, e eu revirei os olhos, irritada com sua atitude infantil.

— Pelo o que o Dante me explicou, a senhorita omitiu a existência da menina. Correto?

— Correto.

Eu respondi sem deixar de fazer contato visual e me forçando a engolir o nó preso na minha garganta.

— Bem, não estou aqui para discutir leis, até porque nós sabemos que a senhorita é uma advogada fantástica — começou a dizer, de forma simpática. — E tenho certeza de que sabe o quanto está errada nessa situação, juridicamente falando.

Sabia todas as coisas que ele pretendia alegar e mesmo que direito de família não fosse minha área, tinha pleno conhecimento da lei.

— Eu e Dante conversamos muito de ontem pra hoje e por mais que meu cliente esteja insistindo pela guarda da criança, acredit...

— De jeito nenhum! — eu o interrompi, olhando irritada para o idiota que estava sentado na cadeira à minha frente. Comecei a me levantar, completamente transtornada pela frase que ele tinha dito, sentindo todo o desespero se arrastar pelas minhas extremidades.

— Está vendo? — Dante se levantou também e começou a mexer as mãos, cuspindo as frases de um jeito agressivo. — Ela é impossível! Não quer que eu veja a garota de jeito nenhum. Tentei conversar, mas não dá! Eu te disse que não tinha outra alternativa, não sei por qual motivo concordei com essa porra de reunião.

O homem olhou de mim para ele e suspirou, cansado.

— Por favor, será que os dois podem se sentar?

— Não vou sentar! E acha que não percebi que estão querendo me emboscar com essa “reunião amigável”?

— Perceber? Minha intenção é uma só, Maria Manuela — Dante retrucou, cheio de ódio. — Você não me contou sobre a garota, não quis conversar comigo e eu só estou aqui porque Renato me pediu. Depois dessa sua palhaçada, por mim, teria resolvido tudo nas vias judiciais. Já disse e vou repetir: eu quero a minha filha comigo.

A raiva flutuou ao meu redor, atingindo-me novamente como uma espécie de marreta, incrustando-se em mim e cegando-me por completo. Era um absurdo ter que ouvir aquilo.

— Foda-se, ela não vai ficar com você! E eu não tenho que fazer as coisas no seu tempo! Sei que passou a sua vida inteira tendo tudo nas mãos, mas o mundo não gira em torno do seu umbigo. Acorda!

— Está vendo, caralho? Acha mesmo que vou deixar minha filha com essa sem-noção?

— Sem-noção é a puta que te pariu, Dante!

— Dante... — ele chamou em um tom de repreensão e eu respirei fundo, irritada comigo mesmo por perder a paciência.

— Você é muito teimosa, porra!

— Eu não sou teimosa, seu mimado do caralho! — respondi, furiosa, e depois olhei para o homem horrorizado à nossa frente. — Dante acabou de descobrir sobre a Giovanna, sequer passou mais de meia hora na sua presença. Não existe a menor possibilidade de deixar a minha filha com ele.

— Entendo, senhorita Guerra. E também sei que a menor tem apenas dez meses de vida, mas estamos aqui tentando encontrar a melhor solução para o bem-estar da criança.

O homem ficou em silêncio e cruzou as mãos.

— Afinal, isso não é uma disputa de egos, estou correto? — Renato alfinetou e olhou de mim para ele.

Nossas respirações estavam ofegantes e reparei no seu peito subindo e descendo com rapidez, o olhar queimando em mim, cheio de ódio. Eu estava muito aborrecida, porque era uma audácia sem tamanho que ele chegasse querendo impor suas vontades sem levar nada em consideração. Aquele era Dante Perazzo, entretanto. O babaca que eu tinha dado o azar de trepar sem camisinha.

Vê-lo assim, pensando só em si, apenas fazia com que eu tivesse certeza da decisão que tinha tomado. Talvez eu tivesse me martirizado tanto à toa, por todos aqueles meses.

— Certo — respondemos em uníssono e reviramos os olhos quase em sincronia.

— Eu estou tentando trazer uma solução melhor para essa unidade familiar, foi por isso que propus esse encontro. Ninguém está tentando “te emboscar”, senhorita Guerra.

— Não? — Arqueei a sobrancelha e alinhei minha coluna, tentando soar o mais séria possível. — Ele está literalmente dizendo

que quer tirar a minha filha de mim como se isso fosse algo aceitável. Nenhum juiz vai dar a guarda dela pra você, Dante.

— Você sabe muito bem o que fez, Maria Manuela — ele respondeu, cortando o mediador quando ele começou a tentar falar.

— Você me privou de saber que eu tinha uma filha, sabe muito bem que a guarda pode ser invertida nesses casos. Te conhecendo, tenho certeza de que pesquisou muito sobre isso.

Era muita audácia que ele falasse daquele jeito comigo e que ficasse me ameaçando usando a porra da lei ignorando todo o caso concreto.

— Você não tem relação alguma com ela, eu duvido que você consiga isso, seu babaca. A chance de isso acontecer deve ser menor do que um por cento e...

— Você duvida? — Ele deu uma risada debochada, tentando mascarar toda a raiva que estava sentindo. — Quer pagar pra ver? Está mesmo a fim de descobrir se você vai fazer parte desse um por cento? Porque se acha mesmo que não sou capaz, eu te garanto, Maria Manuela... Eu sou. Moveria a merda do mundo pra isso, então abaixa a porra dessa sua bola.

— Dante, pelo amor de Deus, já conversamos sobre isso e...

Nem consegui prestar atenção no que o Renato estava dizendo. Todo o meu foco estava direcionado para ele, nossos olhares crepitando ódio. Dante sabia jogar. Por mais que não fosse minha área, já tinha lido dezenas de jurisprudências e decorado todos os artigos possíveis.

As chances de ele conseguir a guarda eram mínimas, nenhum juiz em sã consciência faria aquela inversão. O meu medo como mãe parecia borrar minha racionalidade, entretanto. Mesmo que quase tudo estivesse ao meu favor, não podia confiar cegamente na justiça, ainda mais no nosso país. Era incerto, eu não sabia quem eles conheciam, mas tinha plena noção do poder daquela família.

Em muitos momentos, a *Petrolio* passava por cima de leis, nem sempre nós conseguíamos vencer, pelo contrário. Mesmo que a lei estivesse do nosso lado, muitas vezes os babacas a ignoravam e davam um jeito.

Isso porque estávamos falando em uma escala muito maior, empresas que lidavam com valores absurdos. O que era um simples caso familiar dentro da esfera civil para eles?

Ainda que eu entendesse melhor do que ninguém sobre a probabilidade daquele absurdo, a justiça nem sempre era justa. E isso foi uma das minhas primeiras desilusões dentro do Direito.

A que preço valeria a pena confiar no judiciário? Até que ponto eu poderia fazer isso sem comprometer o bem-estar da minha filha?

Eu tinha medo, essa era a verdade. Mesmo que todas as chances estivessem ao meu favor, nada era garantido e não me parecia muito inteligente continuar desafiando aquele imbecil. Ao mesmo tempo, não poderia esmorecer e deixar transparecer meus receios, precisava me manter firme por ela.

— Por favor, me deixe conduzir isso. — A voz baixa do Renato me puxou de volta dos meus pensamentos. — Você está irritado e não está sendo lógico... Nós já conversamos sobre essas questões.

O advogado estava conversando baixo com ele, tentando acalmá-lo, mas logo depois se virou para mim e sorriu, um pouco sem graça. Dante cruzou os braços, como a porra de uma criança birrenta.

— Como eu estava dizendo, meu intuito é chegar a um meio-termo nessa situação.

Ouvimos batidas na porta e logo em seguida, o segundo herdeiro dos Perazzo entrou pelo cômodo, com o queixo em pé e uma postura impecável. Ele me encarou cheio de desprezo, mas eu não esperava nada diferente. Aquele homem já me odiava pelo meu trabalho, provavelmente me odiaria mais por ter manchado a imagem imaculada da sua família.

— Bom dia — ele cumprimentou e seu irmão franziu o cenho, um pouco confuso, mas logo se ajeitou, tentando parecer casual.

— Eu não quero você aqui — falei, quando ele abriu o terno e se sentou.

— Você perdeu o direito de opinar sobre qualquer coisa quando tomou a decisão de esconder a criança do meu irmão —

respondeu, ríspido e depois pigarreou. — Não é minha intenção começar um embate, Manuela.

— Claro que não, vocês são sempre tão gentis e amáveis — comentei, debochada.

— Renato, peço desculpas por chegar no meio da reunião, ainda não sei o que foi discutido, mas acho que posso ajudar.

— Nada foi resolvido — ele contou, soltando o ar em desistência. — Estamos tendo alguns problemas... Ahn... De comunicação.

— É difícil quando uma das partes desconhece a arte de saber se comunicar — alfinetei.

— Imagino... Bem, eu tinha conversado com o Dante e o Renato e nem pretendia vir aqui hoje, mas acredito que pensei em uma solução para o problema inicial de vocês — ele começou a dizer, muito sério, quase em um tom ameaçador, ignorando meu comentário. — Você errou em ter escondido a garota dele e nós bem sabemos que isso não irá contar pontos ao seu favor. Em contrapartida, meu irmão foi a pessoa mais lesada dessa situação porque perdeu os primeiros meses de vida da herdeira dele.

*Herdeira*. Parecia até piada.

— Herdeira? — Arqueei uma das sobrancelhas, enfadada, e Dante me olhou com raiva.

— Ela é sim a minha herdeira!

— Nós duas não queremos nada de vocês. — O gosto amargo na minha boca parecia contaminar absolutamente tudo.

— Já disse que não fez ela sozinha, Maria Manuela. Você não decide isso.

As sobrancelhas quase juntas e o lábio trêmulo demonstravam toda sua insatisfação. A cada frase que eu dizia, tinha a impressão de que se Dante pudesse voar em cima de mim para me esganar, ele faria isso.

— Por favor, podemos ouvir o que o Domenico tem a dizer?

— Renato nos interrompeu, impaciente.

O mais velho dos Perazzo se mexeu na cadeira, ajeitando a postura e mexendo na abotoadura da camisa.

— Voltando ao que eu estava dizendo... Estive pensando em muitas coisas. Primeiro, não acho que precisamos trazer isso para a

mídia de imediato e quando fizermos isso, creio que seria melhor não criarmos um escândalo. Ninguém precisa saber que o Dante não sabia sobre a garota, isso só vai gerar mais confusão...

Ok, isso era sensato. Não queria minha filha exposta nas manchetes de jornais como a filha bastarda de um dos Perazzo.

— É algo que apenas mencionaremos durante o processo — ele completou, fazendo com que meu estômago revirasse. — De qualquer forma, acho que a melhor solução para resolvemos esse impasse seria um casamento, mas...

— Você é louco? — berrei em resposta e o Dante arregalou os olhos, chocado, empurrando o braço do próprio irmão.

— Eu não vou me casar com ela, Domenico! Que merda você usou? Drogas?

Domenico olhou de cara feia de mim para ele e trancou o maxilar, provavelmente puto por termos interrompido seu grande discurso. Meu Deus, aquele cara era um porre!

— Como eu estava dizendo, ainda acho que isso seria positivo, apesar dos nossos pais pensarem o contrário. Só que sei como você se sente em relação aos casamentos por conveniência e não acho que ela... — Ele me encarou com desgosto. — Consiga entender como nos portamos dentro do C.O. e também não acho que iria aceitar.

— Óbvio que não! — Uma risada nervosa e incrédula fugiu da minha garganta.

— Sendo assim, pensei em algo mais simples. Acho que vocês precisam ter um pouco mais de convívio e meu irmão precisa ser introduzido na vida da menina, então sugiro que vocês morem juntos.

Ele estava sério quando disse a última frase e foi impossível não dar uma risada e Dante fez o mesmo. Porém, cessamos logo em seguida, ao ver que ele nos reprendia com os olhos.

Aquele homem era algum tipo de comediante ou alguém com sérios problemas mentais?

— Não pode estar falando sério — Dante falou, percebendo que seu irmão não estava brincando. — Que parte da história você perdeu? Essa mulher não me contou que eu tinha uma filha e você

quer que eu vá morar com ela? Renato, uma ajuda, por favor? Meu irmão perdeu totalmente o juízo!

O olhar dele para nós dois chegava a ser irritante, Domenico nos encarava como se fôssemos duas crianças idiotas que não sabiam nada da vida e ele era um deus soberano capaz de sanar todos os problemas do mundo.

Tão arrogante quanto o Dante.

— Não é uma ideia ruim... — o advogado começou a dizer, um pouco receoso, e eu vi meu queixo cair. — Bem, não é o procedimento padrão, definitivamente, mas tive dois casos parecidos que optaram por esse caminho e foi um sucesso.

Pisquei, incrédula.

— Vocês estão completamente fora de si! Eu não vou morar com ele!

— Eu não vou morar com ela! — Dante repetiu, seco, olhando para os dois com raiva. — Sem condições.

— Você não quer resolver essa situação, seu idiota? — Domenico indagou entredentes, baixinho, virando-se para o irmão.

— A garota nem sabe quem é você. Mesmo que a gente consiga uma liminar para uma guarda compartilhada, ainda assim, a menina tem dez meses! Como vai ser pra ela ficar metade de uma semana com um desconhecido, porra?

De que merda ele estava falando? Liminar? Que porra? Tentei controlar minha respiração, ignorando o fato de que eles tinham discutido muitas opções. Um juiz nunca deferiria uma liminar absurda daquela, disso eu tinha certeza.

— Ele não vai passar metade da semana com ela! — afirmei de imediato. — E ninguém vai permitir isso. Você se ouve, seu estúpido?

— Não é você que decide isso! — Dante retrucou logo em seguida, voltando a me encarar.

— Você deveria rever a faculdade de merda que fez... — ponderei. — Tanto dinheiro, sempre jogando na nossa cara que éramos menos por fazer faculdade pública.

Eu me lembrei dos Jogos Jurídicos, das musiquinhas babacas que os alunos da faculdade de merda dele amavam entoar. Em uma das letras, tinha algo do tipo “meu pai tem escritório e o seu

trabalha lá (de faxineiro)". Era ridículo e pesado! Em contrapartida, nós debochávamos do fato deles pagarem mensalidade e o que mais pudéssemos.

As rixas eram absurdas nesses eventos entre as federais e as particulares. Infantil e idiota, eu sei, mas era como as coisas eram.

— Vocês podem parar com essa palhaçada? — A voz de Domenico ecoou firme pela sala. — Parecem dois adolescentes, pelo amor de Deus!

Respirei fundo, odiando concordar com imbecil do irmão dele. Era muito fácil me tornar irracional perto de Dante, sempre fora. Toda a carga do passado derrubava minhas melhores percepções e eu parecia voltar no tempo, como se tivesse novamente meus dezoito ou dezenove anos.

Além disso, era ainda mais complicado quando refletia sobre toda aquela situação. Ele parecia decidido a tirá-la de mim. Seus olhos brilhavam de ódio, eu sentia toda sua raiva emanando daquela cadeira. Então tudo tomava conta de mim e só o que eu queria era voar pela mesa em cima dele e enchê-lo de socos.

— Dante, você acabou de conhecer a sua filha e ela é uma bebê de dez meses, que está começando a associar as coisas, aprendendo, desenvolvendo uma rotina — Renato ponderou com bastante sensatez. — Além disso, é necessário que ela crie um vínculo contigo. Giovanna não sabe que você é o pai dela. Acho que seria interessante vocês fazerem essa experiência até que a menina entenda o espaço do Dante na vida dela e depois, podemos conversar sobre a guarda.

— Ele não pode vê-la uma vez na semana, de modo supervisionado? — indaguei, tentando, de qualquer maneira, excluir aquela ideia absurda.

Eu nem estava conseguindo pensar direito e isso não era algo que costumava acontecer comigo. Era uma pessoa muito racional, mas todas as alternativas estavam me soterrando como uma avalanche. Não era capaz de analisar a situação porque meus sentimentos estavam sobressaindo. O medo cedendo, querendo consumir qualquer lógica.

— Não vouvê-la apenas uma vez na semana! — explodiu, levantando-se e apoiando as duas mãos na mesa. — Você já me fez perder 10 meses da vida dela e ainda acha que vou aceitar essa putaria, Manuela?

— Acha que o que eu sugeriu é uma putaria? Putaria é o que você está fazendo! Você é um idiota por criar todo esse circo aqui!

— Eu sou idiota por ter recorrido a um advogado? — Ele deu uma risada sem humor. — Supera, porra! Além do fato de você ter sido uma completa babaca tendo escondido minha filha de mim, não quis conversar e foi extremamente grossa. O que queria que eu fizesse? Esperasse até você decidir o que você achava melhor? Quem você pensa que é, caralho? — cuspiu as palavras, olhando-me com raiva.

— Foi você quem começou com essa história de querer tirá-la de mim! Como esperava que eu reagisse?

— Foi você quem me privou de conhecer a minha filha e me fez perder 10 meses da porra da vida dela — berrou, furioso. — Então, sim, eu vou fazer o que for pra ficar com ela.

— Você não vai ficar com ela! — avisei a plenos pulmões, os olhos tão fixos nos dele que nem mesmo conseguia ver ninguém mais ao redor. — Você não sabe o que é ser pai, não tem condições de cuidar de uma criança!

— Não sei! — ele explodiu novamente, seu tom contendo não só uma raiva explícita, mas também ressentimento. — E a culpa disso é inteiramente sua, porra!

Ele estava com tanto ódio. Ofegava furioso enquanto me encarava com os olhos brilhando. E não era o típico ódio que havia nutrido por mim durante a época da faculdade. Era muito mais.

Dante saiu da sala e antes de bater a porta, eu o ouvi dizer que já voltava, que precisava tomar um ar, porque não conseguia dividir o mesmo espaço que eu naquele momento.

Fechei as pálpebras quando senti minha visão turvar. Um nó se instalou na minha garganta e eu me forcei a engoli-lo, tentando conter as lágrimas que eu sabia que queriam fugir.

Mesmo que eu estivesse com raiva, eu vi a dor refletida no seu olhar e a cordas da culpa me puxaram, dissecando-me até que eu estivesse em carne viva.

Renato deixou o cômodo, seguindo-o, mas no momento em que levantei os olhos, percebi que o herdeiro mais velho dos Perazzo continuou em silêncio, sentado à minha frente, sem tirar os olhos de mim.

— Você sabe muito bem que o que fez foi errado — ele começou a dizer, sério.

— Mesmo? Você, de todas as pessoas, vai me julgar? — perguntei, cheia de ironia, arqueando uma das sobrancelhas e ele franziu o cenho, confuso.

Talvez ele não fizesse ideia de que eu sabia sobre o que ele e a sua família escrota tinham feito, mas não desejava entrar em uma discussão.

— Manuela, você sabe que nesse processo o juiz irá analisar tudo, moradia, salário, disponibilidade de tempo e sabemos que nossa família pode oferecer uma qualidade de vida muito melhor para a filha de vocês. E tenho certeza de que será levado em consideração o fato de você ter escondido a criança dele, não sou formado em Direito, mas acredito que se enquadre em alienação parental.

Engoli em seco e fitei a mesa enquanto ouvia suas palavras. Minha cabeça parecia um furacão. Sentia-me no fundo do poço. Jamais imaginava que a situação chegaria a esse ponto. Fechei os olhos e puxei todo o ar dos meus pulmões.

— Não sei por qual motivo estão insistindo nisso. Estou certa de que nenhum juiz irá dar a guarda para ele — retruquei, erguendo o queixo para me manter firme.

— Estou tentando ter uma conversa franca.

— Não, você está fazendo uma ameaça velada.

Ele deu uma risada sem humor.

— Como estava dizendo, por mais que eu esteja com raiva do que você fez, não desejo que minha sobrinha sofra com isso. Meu irmão está puto, magoado e sendo irracional — ele disse e eu levantei os olhos, um pouco esperançosa pelas últimas frases. — Mas eu não o julgo. Estou passando por cima dos valores da minha família me metendo nessa confusão que criaram, mas entendo que os dois precisem criar uma relação menos hostil entre vocês.

Ele respirou fundo, parecendo exausto e alinhou a coluna.

— Acredito que uma guarda compartilhada no futuro seja o mais indicado para vocês, mas se entrarem em um processo agora, tudo será decidido pela raiva e ressentimento. Dante já perdeu muito da convivência com a garota e minha sugestão de morarem juntos é uma forma de tornar tudo menos traumático e confuso. E sendo bem sincero, no seu lugar, é a melhor opção. Essa é a primeira vez que coloco duas pessoas acima do meu irmão. Não preciso fazer ameaças veladas, mas eu não meço esforços por ele. Se acontecer de isso chegar a um extremo e você perder a guarda da sua filha, será uma culpa inteiramente sua.

Eu entendia o peso daquelas palavras. Ele estava deixando claro que moveria céus e terras para que Dante tivesse a guarda dela, se aquilo se desencadeasse em uma disputa. E mesmo que eu fosse uma ótima advogada, não era burra, sabia bem quem eles eram. Domenico estava me dando um caminho, uma forma diferente de conduzir aquela situação, mesmo que parecesse absurda.

Era um pouco estranho acreditar que ele estivesse pensando no bem-estar da minha filha, até porque ela não era fruto de um dos casamentos que sua família tanto prezava. Eu sabia do histórico de Domenico Perazzo e o maior peso da minha decisão foi pelo que aconteceu com ele no passado.

Não fazia ideia se aquele homem tinha se arrependido das decisões que tomou, mas havia algo na sua forma de dizer que me fazia acreditar que ele estava preocupado com Giovanna.

Além disso, uma guarda compartilhada no futuro era melhor do que ser limitada avê-la algumas vezes na semana, caso o juiz ficasse louco e concedesse a guarda para ele. Porque a verdade é que eu sabia que aquilo era uma possibilidade mesmo que mínima, principalmente pelo que eu tinha feito.

Fiquei um tempo quieta, tentando organizar meus pensamentos. Estava estática, com as frases ecoando pela minha cabeça. Loucura demais aquela ideia. Morar junto com ele! Como aquilo poderia ser a solução eficaz? Era capaz de nos matarmos convivendo no mesmo espaço. Como aquele idiota não via isso?

— Ele não vai aceitar isso — foi só o que consegui dizer.

— Eu lido com Dante.

Os dois entraram na sala segundos depois e o semblante do loiro parecia um pouco menos irritado. Ele se sentou ao lado do irmão, que me olhava quase que esperando por uma atitude minha.

— Antes de continuarmos, queria dizer que vamos resolver ainda essa semana os documentos para o reconhecimento da paternidade, mas preciso que assine algumas coisas...

Renato colocou uma pasta na minha frente e fiquei olhando para os papéis, um pouco sem reação. Não estava esperando por aquilo naquele momento. Achei que todas as etapas seriam mais lentas, para que eu tivesse ao menos tempo para digerir tudo.

Então, me lembrei de quem ele era. Os procedimentos normais se aplicavam às pessoas normais. Os Perazzo não eram esse tipo de gente.

Minha garganta parecia que iria fechar. Não tinha muito o que fazer, além de assinar, é claro. E Dante me fitou como se dissesse: “ande logo!”.

Sentia minhas mãos suando somente com o pensamento de adicionar o sobrenome Perazzo na certidão da Giovanna. Ela seria um *deles* e sendo honesta, não era o que eu desejava para a minha filha.

Ainda assim, encostei a caneta no papel depois de ler as linhas rapidamente. Hesitei por alguns segundos e assinei, sentindo uma dor forte no peito, por toda a pressão daquela nova realidade que me cercaria.

— Obrigado — Renato falou, pegando a pasta de novo antes de pigarrear para chamar nossa atenção. — Eu sei que “barracos” são esperados dentro do Direito de Família e acho que já tivemos nossa cota por hoje, então gostaria que tentassem manter a calma a partir de agora.

Ajeitei minha postura em um movimento involuntário, buscando mostrar um pouco de imposição, ignorando o fato de que estava me sentindo totalmente sem saída. Para mim, era muito difícil dar o braço a torcer e fui assim durante toda a vida, em especial quando aquele loiro estúpido estava envolvido.

Na minha época de faculdade, perdi noites e mais noites remoendo as vezes que seus argumentos sobrepuseram os meus. Eu odiava os momentos em que ele estava por cima ou quando

conseguia o que queria. Então mesmo que eu estivesse cedendo, tentaria fazer com que aquilo soasse como minha decisão.

Ah, foda-se! Dante era um babaca mimado e sempre conseguia o que queria. Não daria mais esse gosto para ele de bandeja.

— Por mais que a sugestão do seu irmão seja absurda, me parece algo... Viável — falei, fazendo com que ele piscasse, incrédulo.

Dante olhou de mim para Domenico com a boca entreaberta, a confusão presente em cada microexpressão do seu rosto. O advogado parecia um pouco em choque também, mas limpou a garganta, assentindo várias vezes para demonstrar que estava de acordo.

— Está dizendo que acha minimamente aceitável essa ideia louca de morarmos juntos? — Soltou uma risada descrente. — Dom, sei que você está querendo ajudar, mas...

— Dante, se você quer que as coisas aconteçam, tem que fazer sacrifícios. Sabe muito bem como tudo funciona dentro da nossa família.

— Dom, eu não quero...

— Dante! — ele o chamou em repreensão, como se estivesse colocando um ponto final naquela conversa.

Ele estava puto, isso era nítido.

— Você não pode decidir as coisas por mim — murmurou com raiva.

Seu irmão mais velho deu um meio-sorriso para nós dois e o puxou pelo terno para o lado de fora da sala ao som de xingamentos.

— Tenho certeza que isso pode dar certo — Renato concluiu, um pouco sem graça, quando o silêncio rodeou o cômodo.

— Eu não — confessei, tamborilando meus dedos na mesa de maneira ansiosa.

Dante voltou uns cinco minutos depois e Domenico chamou o Renato para que nós dois ficássemos a sós. Ele se sentou na cadeira à minha frente e me deu um longo olhar, quase como se estivesse me perguntando porque diabos eu tinha concordado com aquilo.

— Certo — foi a única coisa que saiu da sua boca.

— Certo?

— Vou pedir para preparar um quarto para você e um para ela no meu apartamento — respondeu a contragosto.

É, pelo menos ele não morava mais com os pais.

— Não, de jeito nenhum. Não vou morar na sua casa! — avisei.

— Não espera que eu vá morar naquele seu apartamento minúsculo, certo? — retrucou com toda sua soberba.

— Eu já estou abrindo mão da minha privacidade e ainda quer que eu saia do meu apartamento? A Giovanna está acostumada com o lugar e acredito que já teremos muitas alterações na rotina dela. Isso não vai acontecer.

Ele desviou o olhar e se mexeu na cadeira, desconfortável.

— Ok — disse por fim e suspirou.

— Ok? — indaguei um pouco confusa por ele ter aceitado de forma tão rápida.

— Ok, me mudo para o seu apartamento. Não quero que ela tenha problemas de adaptação — murmurou.

Dante encarou sua própria mão e eu assenti, buscando ignorar toda a tensão desconfortável que rasgava a sala. O silêncio sufocante e o olhar penetrante fizeram com que eu desejassem algumas doses de álcool. Abri a boca em uma tentativa desajeitada de conversa, mas apenas soltei um suspiro.

— Acha que isso vai dar certo? — ele questionou algum tempo depois.

— Se não nos matarmos antes... — concluí ironicamente, soltando um riso fraco e forçado.

Um incômodo pairava no ar. Achei que ele fosse insistir mais para que eu me mudasse para a sua casa, afinal, Dante estava acostumado com luxo e meu apartamento provavelmente tinha o tamanho de um dos seus quartos.

Não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas talvez o idiota tivesse sido acometido do milagre do bom senso.

Respirei fundo.

Por mais insano que parecesse, aquilo iria acontecer.

Eu iria morar com Dante Perazzo.



*Estou consertando um buraco onde a chuva cai  
E me impede de pensar*

*Aonde ela vai*

*Estou tapando rachaduras que corriam pela porta*  
**:: FIXING A HOLE - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

— Você o quê? — Adriano perguntou, perplexo, quando terminei de contar sobre a reunião que havia tido naquela manhã.

— Manuela, você tem certeza que é uma boa ideia? — indagou Guilherme, também receoso.

Todos estávamos sentados na cozinha da pensão enquanto eu era atingida com milhares de questionamentos e olhares assustados, como se fosse uma completa louca por ter aceitado que Dante morasse comigo.

Até mesmo eu achava que era maluca.

— Gente, claro que é uma péssima ideia — disse calmamente —, mas eu ponderei todos os pontos e na hora me pareceu viável.

— Viável? — A voz da minha mãe saiu esgançada.

Era impossível suprimir o sentimento de que toda minha vida estava indo por água abaixo, porque era exatamente isso que

estava acontecendo. Meu mundo estava virando ao contrário.

— Não existe nenhum outro jeito? Onde esse merda desse advogado estudou para sugerir isso? — Julia perguntou, colocando a mão na cintura.

— Não foi o advogado que sugeriu, foi o Domenico. O advogado apenas disse que já teve duas situações parecidas que deram certo.

— E nessas duas situações os pais da criança queriam se matar? — Antonio indagou, dando uma risada, mas cessou assim que eu o repreendi com os olhos.

Ele era meu primo, morava na pensão há alguns meses e tinha acabado de voltar de viagem. E claro que minha mãe já tinha colocado-o a par de tudo e pelos olhares dos outros residentes, sabia que ele não era o único sabendo de cada passo da minha vida.

— Deve ter outro jeito... E se você deixasse a garota com ele alguns dias? Seria muito melhor do que ter o babaca do Dante enfurnado na sua casa — Adriano sugeriu e eu o olhei com raiva.

— Está louco? Não vou deixar a Gio com ele! Ele mal a conhece, Adriano. Que merda você tem na cabeça? — respondi, ríspida, revirando os olhos.

— É, talvez não seja uma boa opção — retrucou um pouco desanimado.

— Não estou gostando nada disso — minha mãe comentou, balançando a cabeça em uma negativa. — Essa família não presta. Você sabe o que eles fizeram com os Lacerda...

Ela se sentou e suspirou. Minha mãe não aceitava o fato de eu ter me envolvido com Dante. Primeiro, por todo o passado com os seus antigos patrões e segundo, porque o sonho da vida dela era que eu me casasse com Adriano.

— Acha que estou em um parque de diversões, mãe? Sei bem quem eles são e é por isso que estou preocupada. Não dá pra ligar o foda-se sabendo que as leis normalmente não se aplicam àquela família.

— Ela não está errada — Julia intercedeu. — O filho da puta do Genaro deu um jeito de sumir com qualquer evidência das nossas fazendas. Eles compraram todo mundo que podiam.

Minha amiga suspirou, com o olhar um pouco perdido. Ela não costumava falar sobre aquele assunto porque achava que o seu pai também tinha uma certa responsabilidade naquela confusão toda entre as famílias.

Diferente de Adriano, ela tentava não nutrir todo aquele ódio. Tinha decidido não voltar mais naquele assunto.

— E vocês vão ficar no seu apartamento? — Guilherme tornou a questionar, colocando uma das mãos no ombro dela e fazendo carinho.

— Sim, ele queria que eu fosse morar com ele, mas disse que não na mesma hora. Expliquei que seria melhor a Gio ficar no apartamento, já tem muita coisa acontecendo pra cabeça dela assimilar e por mais estranho que pareça, ele aceitou sem discutir.

— Dei de ombros.

— Vocês não entraram em uma briga sobre isso? — Julia perguntou, descrente, abafando uma risada e eu respondi balançando a cabeça negativamente.

— Eles também já querem dar entrada em toda a documentação para mudar o nome dela.

— Mas já? — Julia quase berrou.

— Ele parece bem empenhado em tentar se inserir na vida da Giovanna — Guilherme comentou, distraído.

— Em atormentar a minha vida também — resmunguei.

— Manuela, deixe de ser teimosa! Ele descobriu que tem uma bebê e está tentando recuperar o tempo perdido. — Respirou fundo, irritado por me dar um sermão. — Você realmente acha que seria melhor ele fingir que a Giovanna não existe? E quando ela ficasse mais velha? Como acha que sua filha se sentiria em saber que o pai não deu a mínima pra ela?

Odiava quando Guilherme era supersensato e dizia coisas assim, demonstrando o quanto eu estava sendo irracional. E sim, eu sabia que não estava no meu melhor momento. Tinha plena consciência de que era muito melhor que Giovanna crescesse com um pai presente do que não tivesse contato nenhum com ele, mas ainda assim, eu estava com raiva.

— Eu não imaginei que ele fosse agir dessa forma. Parece que ligou um botão de “vou ser o pai do ano” — comentei com

desdém.

Foda-se, eu tinha direito de ser cabeça-dura. Minha vida estava sendo completamente revirada sem que eu nem mesmo pudesse tomar as rédeas. E eu odiava não estar no controle.

— Você nunca nem deu a chance de saber como as coisas seriam. — Lá vinha Guilherme de novo, acusando-me das minhas decisões.

— Gui, você sabe melhor do que ninguém que não esconde minha filha por birra e sim porque tinha medo da família dele — disse, explicando o óbvio.

— Eu sei, mas...

— Então, pare de agir como se eu fosse apenas uma garota imatura e inconsequente. Olha o que ele está fazendo agora, está ameaçando tirá-la de mim. Não entendo toda essa defesa, você deveria estar do meu lado — retruquei, cruzando os braços.

— Não acho que você é imatura e inconsequente, não coloque palavras na minha boca. E muito menos concordo com o que ele está fazendo, mas ele está com raiva. Não estou defendendo o Dante, Manuela, apenas consigo ver o cenário todo e me coloco no lugar dele também.

— Deveria se colocar no meu!

— Eu me coloquei — afirmou, calmo. — Diversas vezes. Continuo não concordando em como você conduziu toda história, mas é a sua vida e te apoiei no que decidiu.

— Você não precisa ficar o tempo todo jogando na minha cara isso! — exclamei com raiva.

Julia, Adriano e minha mãe estavam levemente alarmados vendo a discussão, sem soltarem um único som. Seus olhos pulavam de mim para Guilherme, na medida em que íamos falando.

— Manu, por que acha que estou contra você? — Ele parecia aborrecido. — Estou apenas tentando te fazer enxergar as coisas.

— Obrigada, mas se eu precisar dos seus óculos, eu peço — disse sarcasticamente e ele revirou os olhos, quando Julia deu uma risada alta, sendo repreendida com o olhar do marido logo depois.

Era foda! Não existia nada mais chato do que ter alguém condenando suas decisões e meu melhor amigo era mestre em fazer isso. Guilherme era aquele cara altruísta, sensato que nunca

errava, nunca pisava em falso. Um maldito julgador perfeitinho do caralho que, infelizmente, eu amava mais do que qualquer coisa.

Sim, eu era teimosa e odiava dar o braço a torcer e ele era a pessoa que mais trazia para a superfície todas as minhas contradições.

Giovanna acordou e começou a chorar e logo depois, Lucca fez o mesmo. Minha mãe se levantou, mas fiz sinal para que se sentasse e chamei Julia para irmos até o quarto.

— Preciso te contar uma coisa — falei, um pouco sem graça, pegando minha filha no colo e embalando-a de um lado para o outro. — Oi, meu amor!

Julia apareceu no campo de visão de Lucca, fazendo uma careta, e ele na mesma hora começou a gargalhar e gritar “mamãe”. Gio me olhava com um biquinho, soluçando, com os olhinhos molhados, claramente irritada por eu ter demorado um pouco mais de tempo que o normal para ir ao seu resgate.

— Conte-me tudo! — pediu, animada, balançando seu filho no colo.

— Você não vai falar pro Guilherme, eu já não aguento mais todo esse julgamento dele — avisei em um tom um pouco ameaçador.

— Você sabe como ele é! — Ela revirou os olhos. — E sei que está sobrecarregada e que tem horas que o Gui parece implorar para tomar um fora com toda aquela positividade tóxica... — Julia riu. — Mas acho que você está descontando no seu melhor amigo.

Suspirei, cansada. Sim, talvez eu estivesse mesmo.

— Merda!

— Sei que vão se entender, afinal, irmãos brigam... — Ela abriu um sorriso.

Eu estava tão cansada e tão decepcionada comigo mesma. A sensação era de que não importava o que eu fizesse, no final, estava falhando. Minha vida parecia uma sucessão de erros.

E não havia nada que eu odiasse mais do que errar. Eu lutei contra isso por toda a vida, seguindo tudo à risca, buscando ser uma mulher forte, independente, correta e honrada. Então ele entrou na minha vida e descarrilhou todo o meu trem direto para o precipício.

— Agora... Quero a fofquinha, Manu!

Dei uma risada e fiz carinho nos braços de Giovanna, apoiando sua cabecinha no meu ombro.

Eu precisava falar aquilo para alguém, não conseguia esconder toda raiva de mim mesma e toda angústia a mais por estar indo morar com Dante.

— Transei com o babaca — contei de uma vez, apenas mexendo os lábios, sentindo meu rosto ficar vermelho.

— O quê? Você não está falando sério! — quase berrou com indignação, decerto não acreditando no que eu havia dito.

Senti meu coração acelerar só por ter proferido aquelas palavras. Xingava-me mentalmente de todas as formas que conseguia encontrar. Como eu podia ser tão estúpida?

Maldito desgraçado descarrilhador de trens!

— Queria não estar falando sério. — Soltei o ar, sentando-me com Gio no chão e entregando uma bolinha que piscava em suas mãos.

— Manuela! Quando foi isso? Achei que estavam brigando... Se bem que, vocês brigam por tantos anos e da última vez isso não foi um problema... — Abafou uma risada, acomodando-se ao meu lado enquanto colocava um bichinho de pelúcia perto do rosto de Lucca e tirava, fazendo com que o garoto tentasse pegá-lo.

— Julia, foi antes. Antes de ele descobrir.

Meu pai eterno, eu me sentia tão humilhada. A dignidade mais baixa do que a de um cachorro tentando pegar o próprio rabo. Não, pior... Do que a de um malabarista de bananas em um monociclo bêbado!

— Por Deus, mas ele não descobriu no primeiro dia de trabalho? — indagou, curiosa, claramente entretida com todo meu vexame.

— Sim, foi...

Respirei fundo, com vergonha de mim mesma e um pouco chocada, enfim refletindo sobre qual era a probabilidade de aquilo tudo ter acontecido em tão pouco tempo. Parecia um roteiro ridículo de filme. Certeza de que tinha um filho da puta escrevendo minha vida e se divertindo com o meu martírio, criando diversas situações

absurdas para se entreter com a minha desgraça. Se eu soubesse o nome do desgraçado ou da desgraçada...

— Ficamos sozinhos na sala e ele simplesmente veio pra cima de mim e meu corpo não respondeu aos meus comandos! — justifiquei, como uma perfeita idiota que eu era e ela gargalhou.

Eu era uma estúpida de merda.

CERTEZA QUE ESTAVAM BRINCANDO DE *THE SIMS*<sup>[7]</sup> COMIGO.

Era a única explicação!

— O corpo de Maria Manuela Guerra não resiste ao pau de Dante Perazzo! — implicou, cessando as risadas. — Não se julgue, ele sempre foi gostoso e você mesma disse que aquele dia teve a melhor foda da sua vida. Espero que dessa vez não tenha se esquecido da camisinha ou então teremos mais um herdeirinho correndo pela casa.

Eu a olhei com ódio nos olhos e ela tornou a rir.

— Julia, eu fui burra uma única vez em toda minha vida. Você me insulta cogitando que faria isso de novo. — Cruzei os braços e Gio se segurou neles, ficando em pé. — Oh! — exclamei aovê-la fazer aquilo sozinha. — Meu amor, a mamãe nem te ajudou e você conseguiu ficar em pé sozinha! — comemorei, enchendo-a de beijos e ela sorriu dando um gritinho de alegria.

— Muito bem, Gio! — Julia festejou, apertando suas bochechas.

Nós ficamos um tempo tentando fazer com que ela ficasse em pé sozinha, mas tudo o que minha filha fez foi cair de bunda no chão diversas vezes, achando muita graça daquilo.

— Bem, voltando ao assunto... Então, sabemos o motivo de você ter aceitado de bom grado que ele fosse morar com você — insinuou com um tom malicioso.

Era muito atrevimento!

— Julia! Não fala merda. Foi um deslize, na hora eu sequer pensei em nada. Isso não vai acontecer de novo, além do mais, tudo que eu sinto por ele nesse momento é ódio — afirmei e ela me olhou desconfiada.

— Vocês sempre se odiaram e isso não fez diferença antes — disse, cheia de desdém, e deu de ombros.

— Antes ele não estava querendo tirar minha filha de mim — disse por fim.

— Talvez você devesse marcar outro encontro com o Marlon — sugeriu, pensativa.

— Não tenho tempo para encontros. Sabe disso, Julia — respondi sem paciência.

— Posso ficar com a Gio qualquer dia, como fizemos semana passada e talvez dessa vez você faça algo mais ao invés de beijar na boca. — Deu uma risadinha. — Irônico, não acha? Você saiu com um cara bonito, legal e não achou uma oportunidade para fazer nada além, mas o Dante num passe de mágica fez suas pernas abrirem

Eu a fitei com raiva. Marlon tinha entrado no escritório uns meses atrás. Ele era um dos amigos do Dante da época da faculdade e sempre o achei um babaquinha, mas aquele homem era persistente. E muito gostoso. Como minha amiga tinha insistido muito que eu precisava de uma distração e estava mais seca do que um cacto morto, acabei aceitando.

— Não achava uma boa ideia antes e agora me parece ainda pior, com o Dante ressurgindo das cinzas. — Minha voz saiu um pouco esganicada. — Como explicaria toda essa história? Vou ficar com um cara e esconder que tenho uma filha do colega dele?

— Manuela, ninguém está pedindo que o peça em casamento. — Lucca balbuciou algumas palavras, chamando sua atenção. — Estou falando de T-R-E-P-A-R! — ela soletrou as últimas palavras, como se só agora tivesse se dado conta de que nossos filhos estavam ali.

— Temos que parar de falar desses assuntos perto deles — ralhei.

— Às vezes me esqueço. Sou uma péssima mãe — disse, colocando a mão na cabeça e depois voltou a rir. — Sério, deveria sair com o gostosinho de novo.

Soltei um grunhido de frustração. Será que era mesmo uma boa ideia ter outro encontro com Marlon?

Já tinha alguns meses que conversávamos, desde que ele assumiu um cargo dentro da área de Tributário. Nossas reuniões eram sempre agradáveis e Marlon era um homem engraçado. No

último mês, ele flertou comigo mais do que o normal e então me chamou para sair.

Meu encontro com Marlon havia sido ótimo, e por Deus, ele beijava tão bem. Só que depois de algum tempo sentada em um bar com ele, simplesmente lembrei de toda minha vida e não consegui ir adiante. E desde então, estava fugindo dele, colocando a culpa no fato de estar muito ocupada. O que não deixava de ser verdade.

Eu era constantemente convidada para sair, mas não me sentia confortável. Tive dois encontros que foram supertediosos, que não resultaram em nada e o último tinha sido com Marlon, mas por mais que tivesse sido bem agradável, não consegui cogitar sexo com ele porque não conseguia parar de pensar na bagunça que era minha vida.

Ou seja, a noite que passei com Dante no encontro de monitores havia sido a última vez que tinha transado com alguém. Então, parando para pensar, fazia um pouco de sentido que meu corpo tivesse reagido a ele daquela maneira alguns dias atrás, a ponto de eu sequer lembrar que escondia que tinha uma filha dele.

De qualquer modo, não podia continuar vivendo dessa forma. Precisava de fato transar com outra pessoa e superar aquilo.



*Ah, uma tempestade está ameaçando  
A minha vida hoje  
Se eu não arranjar algum abrigo  
Sim, eu vou desaparecer*  
:: GIMME SHELTER – THE ROLLING STONES ::

## *Dante Perazzo*

Meu pai me olhava de cima a baixo, cheio de desgosto. Decidiu me ignorar no dia anterior quando minha mãe contou a ele sobre a bebê. E agora, estava em casa para o jantar semanal que costumávamos ter, tomado pela fúria ao descobrir que eu havia procurado um advogado e assumido a paternidade.

— Você é mesmo um inconsequente, Dante! — cuspiu as palavras na minha direção. — Registrar uma bastarda com nosso sobrenome. Tem noção do que fez, seu idiota? Paola, seu filho é uma vergonha!

— Volto a repetir, ela é a minha filha, era óbvio que iria registrá-la com meu nome — respondi, levantando-me da mesa.

— Dante, sente-se, por favor... — pediu minha mãe, nervosa.

— Você tem ideia do que fez? Manchando toda a linhagem da nossa família! — gritou, cheio de ódio.

Ele ergueu o queixo, aquela expressão arrogante estampada no seu rosto, ostentando todo o seu desprezo habitual. Era difícil ignorar a torção no meu estômago, que sempre surgia quando meu pai levantava o tom de voz. Desafiá-lo e receber um sermão em resposta era nossa nova dinâmica agora e meu pai não gostava nem um pouco daquilo.

— Foi trepar com uma vagabunda qualquer e sequer pensou nas consequências. É uma decepção ter você como filho!

— Já chega! — Dei um soco na mesa, fazendo com que minha mãe soltasse um gritinho. — Não sou mais uma criança e você não decide nada por mim.

— Claramente é uma criança. Um moleque de merda! — vociferou. — Jogou todos os valores da família no lixo no momento em registrou a bastarda dessa piranha...

Quando percebi, estava cruzando o cômodo.

— Cala a porra da boca! — ordenei, segurando a gola da sua camisa e cerrando os dentes.

Minha mãe arregalou os olhos e levou a mão à boca.

— Parem vocês dois! Por favor! Por favor! — pediu, desesperada, tentando se colocar entre nós.

— O que está acontecendo aqui? — A voz de Domenico ecoou pela sala.

Meu irmão entrou na sala de jantar e pigarreou, olhando-me com repreensão, como se buscasse uma explicação.

— Seu irmão é um idiota! Está querendo afundar essa família de vez. Como se não bastasse não querer casar com a filha dos Rangel, se bandeou para aquele escritoriozinho de merda e está empenhado em bancar o filho revoltado agora com quase trinta anos na cara...

— Não estou querendo afundar merda nenhuma. Não estou aqui para ser mais um peão do seu jogo de xadrez, pai!

Ele deu uma risada tóxica, o nojo repuxado em seus lábios, o olhar que descia de cima a baixo. Era frustrante pra caralho e eu já tinha cruzado todos os limites de respeito com meu pai e aquilo era desgastante.

— Não há o que fazer — meu irmão intercedeu. — A menina é filha dele.

— Foda-se, Domenico. Nós temos um espaço dentro dessa sociedade que não permite certos deslizes e vocês dois sabem muito bem disso. Você entende o papel que precisa desempenhar nessa família, mas seu irmão é um idiota e está perdido. Tem ideia do que vão falar de nós? Isso se não nos expulsarem do C.O.!

— Pai, não acho que isso irá acontecer e...

— Isso é sua culpa, Paola — ele interrompeu meu irmão, apontando o dedo para minha mãe. — Sua culpa por mimar esses garotos demais, dando mais afeto do que era necessário. Você sempre foi fraca e seu filho é igual a você.

Minha mãe o olhava com lágrimas nos olhos, balançando a cabeça em uma negativa, com as duas mãos próximas ao peito.

— O que os jornais vão falar? Nossa reputação inteira está acabada! Tem noção disso, moleque? — gritou, completamente fora de si.

— Será... Será que não seria melhor que Dante se casasse com ela? — ela perguntou com a voz falhando.

— Você está louca, mãe? Não quero me casar com ela! — afirmei, olhando-a sem entender de onde vinham aquelas ideias absurdas.

— Já cogitei isso, mãe, mas Dante não quer.

— CASAR? — meu pai estava a plenos pulmões agora, andando de um lado para o outro. — Além de um bastardo, ainda quer enfiar uma vagabunda pobre na família? Paola, está totalmente fora de juízo? Domenico, você perdeu a noção de bom senso? O que está acontecendo com vocês dois?

— O que quer fazer, Genaro? Dante já disse que vai assumir a paternidade da criança! — ela lembrou e ele passou a mão pela cabeça, transtornado.

— Não traga essa bastarda para dentro dessa casa — avisou, apontando o dedo na minha direção.

— Fique tranquilo, não pretendo pisar aqui.

— Como assim? — Minha mãe me olhou desesperada.

— Isso mesmo que ouviu. Se minha filha não é bem-vinda, eu também não sou.

Ajeitei o terno e o olhei com raiva antes de girar para deixar o cômodo.

— Não! Não, Dante, por favor, volte aqui. — Ela correu na minha direção, envolvendo-me em um abraço e começou a chorar.

Meu pai olhou para ela com descontentamento e saiu rapidamente da sala, sem dar uma única palavra.

— Dante, por favor. Eu irei falar com seu pai. Por favor, essa casa é sua também — suplicava, segurando meus braços, com lágrimas nos olhos.

— Mãe, já está decidido — disse por fim. — Vou pegar mais algumas coisas no meu quarto antes de ir, porque não pretendo voltar.

Não disse que me mudaria para o apartamento de Maria Manuela. Talvez fosse muita informação para um dia só e minha cabeça já latejava com tanta gritaria.

Fazia pouco tempo que eu tinha saído da mansão. Sabia que seria insuportável morar com meus pais depois do emprego que eu tinha arrumado, um que atrapalharia os planos da *Petrolio*. Quando contei, umas semanas atrás, foi um caos e como eu previa que aquilo fosse acontecer, tratei de me instalar no novo apartamento que havia comprado.

O pior de tudo aquilo era a decepção do meu irmão pelas minhas escolhas. Lidar com o meu pai era melhor, porque ele era um babaca que não conseguia ver nada além do próprio umbigo. Domenico era diferente, ele cumpria o seu dever como o filho perfeito, mas não entendia o motivo de eu não ceder e fazer o mesmo. E bem ou mal, isso refletia nele, mesmo que não quisesse que ele fosse afetado no meio do caminho.

Subi para o meu antigo quarto, coloquei um pouco de uísque no copo e fiquei sentado na varanda, observando os jardins, distraído.

— O que eu faço com você? — ele perguntou assim que entrou, servindo-se da bebida e dando um grande gole.

— Comigo? — Soltei uma risada descrente. — Ele é um babaca!

— Ele está velho, Dante.

— É sério que vai usar essa desculpa pra todo o preconceito de merda dele, Dom?

— Eu não aguento mais ficar no meio de vocês dois.

— Se você está feliz sendo a porra da marionete dele, Domenico, ótimo pra você, mas não espere que eu faça o mesmo.

— Sabe que temos responsabilidades — respondeu, seco.

— Estou cagando pra essa merda.

Ele suspirou, cansado.

— Seria muito mais fácil se você casasse com a Marcella como ele queria. Sabe como essas coisas funcionam, Dante. Você pode continuar tendo a vida que quiser fora do Círculo de Ouro, só precisa de uma mulher pra exibir. Ninguém vai te obrigar a ser fiel e só comer a mesma boceta, seu idiota.

— Case você com ela, Domenico, caralho, que inferno!

— Nem fodendo. — Ele riu, erguendo um dos braços no alto.

— Ela é sua. Cada cachorro que lamba sua caceta, porra.

Meu irmão ainda não tinha encontrado alguém “à altura” para se casar, como costumava dizer. Ele sabia que eventualmente precisaria fazer isso e estava em paz com essa decisão, mas disse que postergaria o máximo que pudesse. E como ainda não tinha ocupado o lugar do meu pai na empresa, não estava com pressa.

— Sei que ainda está puto comigo por hoje, mas...

— Não estou — eu o interrompi. — Não queria morar com ela, mas entendi o seu ponto. Nem sei o que estou fazendo, pra ser sincero...

Fiz uma pausa, sentindo meus olhos arderem. Dei outro gole no uísque e fitei novamente os jardins à minha frente, tentando puxar um pouco de oxigênio.

— Só estou com tanta raiva de tudo. Do que ela fez, de ter perdido tanto tempo de vida da Giovanna, de toda essa sociedade babaca em que vivemos.

— Sei que está — ele disse, apoiando a mão no meu ombro.

— Só que vocês dois estão deixando os problemas de vocês entrarem na frente de tudo. Entendo que a Manuela é chata para um caralho e uma pedra no nosso sapato, mas foi sua decisão trepar com ela sem encapar a porra do seu pau...

Eu o olhei, irritado, e arqueei a sobrancelha, como se perguntasse se era sério que ele iria jogar aquilo na minha cara.

— Só estou dizendo que isso gerou uma consequência. Só que a consequência é uma criança que não tem culpa de os pais

serem dois idiotas. E eu entendo que ela não seria a mulher que você escolheria para ser a mãe dos seus filhos, mas é o que temos pra hoje.

Algo naquela frase me incomodou e eu não sabia bem o que era, mas meu irmão não estava errado. De todas as pessoas do mundo, Maria Manuela Guerra seria a última pessoa na minha lista, se eu tivesse uma. Porque somente um louco teria um filho com a mulher que odiava.

— Obrigado por ter ficado do meu lado — falei, dando um abraço nele e recebendo alguns tapinhas nas costas, seguido por um beijo no rosto.

— Eu sempre estou do seu lado, Dan.

— Porra nenhuma, Dom.

Ele gargalhou.

— Só quando você faz cagada que não dá pra ficar do seu lado... O problema é que normalmente você faz merda — ele se justificou, rindo.

— E não considera tudo isso uma merda?

— Na real, a situação inteira é uma cagada por si só, mas eu nunca diria que o fato de você ter uma filha é uma merda, Dante — suspirou, olhando-me nos olhos com carinho. — E não é certo o que nossos pais estão fazendo. Tudo tem um limite e eles estão ultrapassando isso.

Eles já faziam isso há um bom tempo, o problema é que Domenico não enxergava dessa forma. Meu pai tinha feito uma boa lavagem cerebral nele, uma que tentou fazer comigo a vida toda. Por sorte, algumas coisas me abriram os olhos.

E Maria Manuela Guerra era uma delas, mesmo que me desse admitir.



*Você não pode ter sempre o que quer  
Mas se você tentar algumas vezes, você pode descobrir  
Você pode descobrir  
Que consegue o que precisa!*  
**:: YOU CAN'T ALWAYS GET WHAT YOU WANT – THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

— Quando irá se mudar? — Maria Manuela perguntou no dia seguinte, após me passar algumas informações sobre a próxima reunião que teríamos.

— Achei que não fôssemos tocar em assuntos pessoais dentro do local de trabalho — respondi sem muita vontade.

— Apenas preciso saber quando irá se mudar.

Tudo precisava ser na hora dela e isso era uma coisa que me irritava profundamente. Quando eu quis conversar sobre a Giovanna, ela me cortou, alegando que estávamos no escritório, mas agora estava voltando com assuntos pessoais.

— Como você disse no outro dia, estamos em local de trabalho e não acho que devemos misturar as coisas. Você tem meu número, seu dedo não vai cair se me ligar — respondi em um tom irônico, fazendo com que seus olhos revirassem.

Ela pegou algumas pastas à sua frente e rumou em direção à porta.

— Você vem ou não? — perguntou, impaciente.

Levantei sem vontade alguma e a segui pelos corredores do escritório. Ela andava apressada, os sons do salto ressoando no piso de madeira, chamando toda atenção para si. Cumprimentava rapidamente todos que passavam pelo caminho com meneios e acenos enquanto puxava para baixo a saia do vestido, que levantava de tempos em tempos por estar andando rápido demais.

Aliás, malditas eram aquelas pernas.

Chegamos em um corredor repleto de portas e ela forçou a maçaneta de uma delas, revelando uma sala grande com uma mesa redonda de madeira e sentado em uma das cadeiras estava ninguém menos que Marlon Serra.

Ele abriu um sorriso grande quando entramos na sala e se levantou, alinhando o terno e vindo na nossa direção.

— Dante, quanto tempo! — disse, apertando minha mão com força e eu o cumprimentei em resposta. — Manuela... — E encostou em seu braço, deslizando o polegar lentamente por ele.

— Bom dia, Marlon. Como você está? — indagou com uma voz doce e deu um sorriso largo.

— Melhor agora — retrucou, galanteador, e com um olhar provocante que a fez corar.

Que porra estava acontecendo ali?

Sério que ele estava flirtando com ela?

— Não me falou que Dante iria começar a trabalhar aqui — comentou com Manuela, como se fossem bem íntimos a ponto de terem conversas habituais entre si, ignorando-me como se eu fosse a porra de uma porta.

Fiquei encarando os dois. Ele não poderia ter feito essa pergunta diretamente para mim? Eu estava invisível por acaso?

— Também fui pega de surpresa — cochichou com ele e logo depois cumprimentou as outras pessoas presentes. — Podemos começar?

— Um minuto que a Janice já está subindo.

Ela se sentou em uma cadeira na cabeceira da mesa, parecendo sem muita paciência. Na mesma hora, me acomodei em

uma das pontas, percebendo que Marlon ocupou a outra com alguns membros que pareciam ser do setor dele e que antes também estavam em pé.

Maria Manuela estava um pouco afastada da mesa, lendo uma pasta distraída. Cruzou as pernas, fazendo com que a saia subisse alguns centímetros, deixando uma parte da sua coxa à mostra. Marlon a olhou de cima a baixo e manteve os olhos em suas pernas por alguns segundos, até que ela começasse a falar, ainda sem tirar os olhos dos papéis, atraindo sua atenção. Era ridículo o quanto ele a olhava com desejo, mesmo quando ela estava totalmente alheia, despindo-a com os olhos.

Me mexi na cadeira, desconfortável. Será que ninguém mais estava percebendo?

Durante toda a reunião, o babaca ignorou quase todos, dirigindo-se a ela na maioria das vezes, olhando-a com interesse, fazendo brincadeiras, arrancando algumas risadas e todo mundo na sala parecia achar aquilo supernormal. Marlon sempre fora alguém com facilidade de comunicação, extrovertido e vivia de socializações. Pelo visto, as pessoas que trabalhavam com ele o adoravam e com certeza a insuportável também.

Ao final, todos saíram da sala apressados enquanto a Manuela juntava o material que havia espalhado pela mesa e eu terminava de anotar algumas informações em uma ficha.

Porra, como eu odiava preencher aqueles relatórios. Era um trabalho tão escroto e eu me sentia como a porra de um estagiário. Certeza que ela tinha me dado aquilo para me torturar. Não era possível um advogado ter que fazer aquela merda.

Levantei os olhos disfarçadamente quando Marlon se aproximou e colocou uma das mãos em sua cintura. Na mesma hora, ela se afastou um pouco, constrangida e ele deu uma risada, virando-se para mim.

— Foi bom te rever, Dante — disse, estendendo a mão. — Podemos tomar algo depois do trabalho qualquer dia.

— Que tal hoje? — perguntei e ele pareceu surpreso, olhando rápido na direção de Manuela.

— Claro.... — Ele fez uma pausa. — Podemos sim. Às sete na portaria?

— Certo. Encontro você lá.

— Manuzinha, você pode ir conosco se quiser... — Marlon a convidou.

*Manuzinha?*

Que porra de apelido era aquele?

E era normal que ele a convidasse para sair?

— Não posso, tenho um compromisso — ela o interrompeu na mesma hora, como se não quisesse dar mais abertura para aquilo.

— Não sabe a dificuldade que é levar essa mulher para um bar! Ela praticamente mora nesse prédio — contou entre as risadas e esbocei um sorriso sem vontade.

Por qual motivo ele ficava tentando levá-la para bares?

*Manuzinha...*

— Alguém tem que trabalhar aqui dentro — brincou, arrancando uma gargalhada dele.

Nem era uma piada engraçada para rir daquele jeito.

Que papelão.

Os dois riram juntos e depois ela mudou de expressão, quando seu olhar caiu em mim, percebendo que eu estava julgando aquela interação ridícula. Depois, despediu-se dele e saiu da sala apressada.

Queria entender que tipo de relação eles tinham, porque pelo visto, Marlon estava dando em cima dela. E foda-se, foi exatamente por isso que marquei de encontrá-lo após o trabalho.

Maria Manuela com certeza não me diria nada, mas ele sim e eu queria entender o que estava acontecendo entre os dois. Eu iria morar com ela, certo? Tinha que ter aquele tipo de informação.



Nós nos encontramos na portaria e acabamos indo em um bar que ficava na esquina do prédio e sentando em uma das mesas próximas ao balcão.

— Dante, Dante... Por onde esteve? — perguntou Marlon, curioso, levando o copo de cerveja à boca.

— Estive ocupado — respondi, não entrando em detalhes. — E você? Não imaginei que você fosse advogar, não ia estudar para a promotoria?

— E eu nunca achei que você fosse trabalhar e cá estamos nós — ele zombou, dando uma risada.

— Recebi um convite direto do Júlio — contei e ele pareceu surpreso.

— Interessante... Não tem falado com Marcella ou os meninos, tem? — perguntou, mudando de assunto.

— Não... E você?

Eu havia viajando bastante antes de aceitar um emprego em São Paulo, em um escritório de advocacia especializado em Direito Ambiental. Quase nunca parava muito tempo no mesmo lugar, então havia perdido o contato com a maioria das pessoas da época da faculdade. As ocasiões em que encontrava Marcella eram raras e não perdíamos muito tempo conversando, por mais que ela tentasse.

Era uma decisão que tinha tomado: desligar-me do meu passado para que pudesse ver a vida de uma outra forma.

— Já faz algum tempo que não nos encontramos. Eles não fazem mais tanta parte do meu ciclo de amizade como antes — comentou, distraído.

— Maria Manuela agora faz parte do seu ciclo de amizades? — perguntei com desdém e ele deu uma risada.

— Tenho outras intenções com a Manuzinha, além de amizade — disse com um sorriso malicioso no rosto.

Era só o que me faltava!

“Manuzinha, Manuzinha, Manuzinha”.

Argh!

Senti uma onda de calor percorrer meu corpo e sabia que não era o efeito do uísque que estava tomando. Não queria que ele tivesse intenção nenhuma com ela, aquilo não fazia o menor sentido, afinal, tínhamos uma filha e Marlon foi um dos meus melhores amigos durante a faculdade.

— Marlon, eu e ela temos uma filha — contei, sem pensar muito e ele arregalou os olhos.

— Ai, Dante, senti falta desse seu humor — disse, gargalhando e dando um tapinha no meu ombro.

— Não é piada — afirmei, sério, e ele me encarou, piscando devagar.

— Como...? A filha... Hän? — Marlon se engasgou com as palavras, as sobrancelhas tão juntas que formavam uma única linha.

— Você é o pai da Giovanna?

— Sim.

— Mas que porra? — Sua voz saiu estridente. — Como ninguém sabe disso? Como caralhos você tem uma herdeira que ninguém sabe?

— Ela não queria que ninguém soubesse — retruquei, seco.

“*Não queria que ninguém soubesse, incluindo eu mesmo*”, pensei. Só que era óbvio que não daria aquela informação para ele.

— Puta que pariu! E vocês estão juntos ou algo do tipo? — perguntou, confuso. — Porque eu não sabia de nada disso e se soubesse, não teria nem chegado perto dela — ele imediatamente começou a se justificar.

— Não, não estamos juntos — tratei de esclarecer, mas franzi o cenho assim que a informação atingiu meu cérebro. — Chegado... Espera, você ficou com ela?

Marlon pareceu sem graça, mas logo depois coçou a cabeça, respirando aliviado e dando uma risada.

— Ah, que susto! Bem, e que ótima notícia.

O que ele queria dizer com aquilo? Por que que era uma ótima notícia que não estivéssemos juntos? Significava que ele iria continuar investindo? E por que não havia me confirmado se havia ficado ou não com ela?

Puxei uma respiração, tentando focar no ar percorrendo meus pulmões, buscando entender a raiva iminente que pulsava dentro de mim. Já estava completamente sem paciência para aquela conversa.

— Ótima notícia?

— Sim... Fico mais aliviado em saber que não estão juntos — explicou, dando outra risada. — Sabe, sempre dividimos garotas na

*facul*, Dante, até porque nunca tivemos nada sério com nenhuma delas, mas a Manu é diferente.

Sim, claro que era diferente, ela tinha uma filha comigo!

— Não acha isso meio bizarro? Ficar com a mãe da minha filha? — tentei, porque talvez ele não tivesse percebido o quanto aquilo seria estranho.

— Não me importo dela ter uma filha com você. Acho muito bizarro o fato de vocês terem transado, até porque vocês sempre se odiaram. — Ele parou por alguns segundos, com um olhar aéreo. — Mas eu entendo... Manuzinha é linda e gostosa pra caralho — disse, com um sorriso no rosto e eu me mexi desconfortável na cadeira.

*Manuzinha...*

Que merda de apelido ridículo do caralho.

— Não acha estranho ela não ter contado sobre nossa relação? — perguntei, mudando de assunto.

Talvez fosse melhor alterar a estratégia.

— Dante, provavelmente ela não se sentiu confortável para me falar, já que você mesmo disse que ninguém sabe. Até porque, sendo bem sincero, não ficamos conversando muito quando saímos — contou, abafando uma risada. — É tudo bem recente.

Dei um grande gole no uísque. Não tinha o menor cabimento ficar ali ouvindo ele insinuar coisas sobre o que tinham feito.

— E sobre seu trabalho? Acha interessante? Sério que deixou de lado o concurso? — desisti, não sabia mais o que dizer e definitivamente estava começando a ficar irritado com aquela conversa.

Concurseiros mal tinham tempo para namorar. Talvez esse fosse um caminho mais inteligente para fazer com que ele desistisse daquele absurdo.

O idiota ficou algum tempo falando sobre sua área, enquanto eu fingia ter interesse em ouvir, quando na verdade, na minha cabeça, só conseguia pensar nos dois juntos. Que inferno!

Durante todo nosso tempo de faculdade, nunca liguei de dividir mulheres com Marlon, até porque ele sempre ficava com elas depois de mim e eu não costumava voltar avê-las. Exceto Marcella, que mesmo antes de ser minha namorada, eu impus alguns limites. Afinal, não dividia o que de fato era meu.

Não que Manuela Guerra tivesse alguma relevância para mim.

Ela não tinha.

Claro que não.

Saber que eles poderiam ter qualquer relação me incomodava, no entanto. E óbvio que era por conta da Giovanna, afinal, ela era minha filha e não gostaria que tivesse uma relação mais profunda com Marlon, se ele viesse a namorar Manuela. Eu havia acabado de conhecer a garota, sequer sabia se gostaria de mim. Não queria ter que disputar a atenção da minha própria filha com um suposto “padrasto”.

Aquele pensamento puxou algumas inseguranças. Não podia perder mais tempo de qualquer forma e muito menos queria isso. Precisava me inserir na vida dela o mais rápido possível.

O que eu estava fazendo? Por que estava perdendo meu tempo com aquele imbecil?

Depois de alguns minutos, disse a Marlon que precisava ir embora e fui até o apartamento dela.

Fiquei alguns segundos parado no corredor, tomando coragem antes de dar uma batida fraca na porta. Ainda não era tarde, havia ficado apenas uma hora e meia no bar, mas não tinha ideia de que horas uma criança dormia.

Ela não demorou muito para abrir. Estava levemente ofegante e vestia uma camiseta comprida e larga dos *Beatles* e um short curto. Os cabelos estavam presos em um coque bagunçado e ela tinha alguma sujeira laranja no rosto.

— O que faz aqui? — perguntou, um pouco impaciente.

— Vim conversar... Sobre a mudança.

— E eu marquei algo com você? — Ela tentou soar irritada, mas por alguns segundos pareceu duvidar de si mesma.

— Sou uma ótima pessoa, decidi te poupar o trabalho — disse com ironia. — Tem alguma coisa no seu rosto.

Ela revirou os olhos e limpou a bochecha, dando passagem para que eu entrasse. Daquela outra vez não havia reparado muito bem no local. Não era pequeno, mas também não era grande. Claro que se comparasse à mansão ou ao meu apartamento, era minúsculo.

A mesa de jantar ficava bem próxima à porta e um pouco mais à frente havia um grande sofá cinza, uma poltrona e uma estante imensa cheia de livros. A decoração era bem simples, mas havia um quadro horroroso preto de girassóis amarelos na parede, algumas plantas e uns prêmios e certificados próximos à estante. Os brinquedos espalhados pelo chão com certeza não faziam parte da decoração.

O quadro era realmente pavoroso.

Ouvimos alguns barulhos vindo da cozinha e ela andou apressada. Gio estava sentada em uma cadeira alta, espalhando comida para todos os cantos.

— Por Deus! — exclamei, vendo a criança totalmente suja e com um pedaço de brócolis na mão.

Seus olhos caíram em mim e a garota começou a se balançar na cadeira, dando gritinhos e abrindo um sorriso. Ela era linda, com as bochechas rosadas e os dentinhos inferiores à mostra.

Eu não tinha ideia de como agir ali. Deveria falar com ela? Pegá-la no colo? Ajudá-la de alguma forma? Estava tão perdido e deslocado.

— Ela está um pouco mais agitada do que o normal hoje — contou, inclinando-se em sua direção e limpando seu rosto com um guardanapo. — Vamos, Gio, você não comeu quase nada, meu amor, por favor.

Manuela mordeu um pedaço do vegetal que estava em sua mão, disse que era muito bom, mas a menina não deu a mínima. Esticou o braço com o brócolis para mim e balbuciou alguns sons aleatórios, o que fez com que sua mãe respirasse fundo, claramente mal-humorada.

— Ela quer que você coma o brócolis — explicou, olhando na minha direção, e eu fiquei estático sem saber o que fazer. — Vai ficar aí parado, Dante? — resmungou, colocando as mãos na cintura.

— Não sei o que fazer. O que tenho que fazer? — perguntei, levemente alarmado.

— Só come um pedaço e diz que está ótimo — pediu, puxando um pouco do ar.

Manuela com certeza estava esgotada e aquela atividade parecia ter tomado um bom tempo da sua noite. A criança, por sua vez, permanecia ligada no 220 volts. E na medida em que me aproximava, ela parecia ficar mais agitada.

Peguei o vegetal da sua mão e mordi um pedaço.

— Está ótimo! Deveria provar, Giovanna — falei, entregando o alimento novamente em suas mãos, então, ela sorriu.

Levou o brócolis até a boca e depois fez o mesmo com o restante que estava no prato. A menininha ficava olhando para mim e depois para Manuela, supercuriosa, enquanto comia.

— É sempre difícil pra ela comer? — perguntei, quebrando o clima desconfortável que pairava sobre nós.

— Só algumas vezes. Ela gosta quando como junto, mas nem sempre consigo jantar na hora que a Gio tem que comer. Às vezes, só consigo comer algo quando ela vai dormir — comentou, distraída, suspirando cansada e tirando-a da cadeirinha. — Preciso dar banho nela — avisou.

— Precisa de ajuda? — indaguei, mesmo sem ter noção de como poderia ajudá-la de alguma forma.

Ela me encarou um pouco surpresa.

— Acho que podemos deixar isso pra um outro dia — disse calmamente. — Estou um pouco cansada e acho que vai ser mais rápido se eu fizer isso sozinha.

Assenti com a cabeça, olhando enquanto Manuela colocava algumas coisas na bancada e equilibrava a bebê no colo.

— Pensei que chegaria aqui e encontraria a Giovanna usando fraldas de pano.

— Você vai lavar? — Ela arqueou uma das sobrancelhas, cheia de deboche. — Nem eu. Por mais que eu ame a ideia, não é algo que consigo encaixar na minha rotina.

Ela foi até a passagem que dividia a cozinha da sala, mas depois se virou, olhando na minha direção.

— Bem, sinta-se em casa, porque aparentemente ela vai ser mesmo — comentou em um tom irônico. — Não vou demorar.

E sumiu pelo corredor.

Fiquei um tempo observando a cozinha, sentindo-me um pouco inútil. Não estava confortável de vê-la fazendo tudo sozinha,

por mais que estivesse naquela situação por sua culpa exclusiva, por não ter me contado sobre a garota desde o início.

Respirei fundo.

Não arrumaria briga com ela hoje, até porque precisávamos conversar sobre a mudança. Tínhamos que começar aquilo com pelo menos um pouco de paz.

Ok, eu podia, por hoje, levantar a bandeira branca.

Olhei para a bancada zoneada e suspirei. Não me custaria nada dar um jeito em toda aquela bagunça e acho que ela não se incomodaria com isso, certo? Eu moraria ali em breve e organização dentro de uma cozinha era algo que eu me orgulhava.

Foi o que fiz e logo em seguida abri alguns armários e a geladeira, à procura de algo para cozinhar. Vi um pacote de pão e decidi fazer um sanduíche. E mesmo se eu quisesse fazer alguma outra coisa, a falta de ingredientes não me permitiria.

Porra, ela não fazia compras? Bem, aquilo teria que servir. Talvez o mau humor dela melhorasse com comida.

Eu aprendi a cozinhar em uma das viagens que fiz para a Itália. Sempre fui o tipo de cara cheio de empregados e nunca precisei me esforçar para preparar nada na cozinha. Sequer sabia ligar um fogão.

E esse havia sido um dos meus projetos quando decidi sair da minha bolha. Além disso, cozinhar nada mais era do que seguir instruções da receita e eu não queria ser tão dependente assim.

Quando Manuela voltou com Gio nos braços, seus olhos arregalaram e ela não conteve uma risada.

— O que está fazendo? — questionou, ainda confusa. — Você... Arrumou minha cozinha?

— Foi o que deu pra fazer — falei, empurrando um prato com um queijo quente em sua direção, pela bancada. — Você não faz compras?

— Não tive tempo. Desde quando você sabe ligar um fogão? — perguntou com desdém, sentando-se no banco alto, de frente para mim, e ajeitando Gio novamente na cadeira alta. — Achei que os Perazzo tivessem mordomos até para abrir a própria porta, pra não correr o risco de a mão cair.

— Na mansão temos, mas eu fiquei bastante tempo longe dela. O suficiente pra aprender que minha mão não iria cair — respondi em um tom divertido e ela riu.

— Meu Deus! O que você colocou aqui? — perguntou após morder o sanduíche a primeira vez e depois voltou a levá-lo até a boca.

Dei uma risada, enquanto ela me olhava sem entender, mastigando e soltando alguns sons de aprovação.

Definitivamente seu humor parecia melhor agora, como eu imaginava.

— Não está tão bom assim — afirmei após comer o que tinha feito para mim e ela me lançou um olhar perplexo.

Gio começou a dar mais gritinhos e esticar a mão em sua direção, olhando para a comida. Manuela tirou um pedacinho do pão e deu em sua boca e ela comeu animada e depois pediu mais.

— Acho que ela gostou. — Manuela olhou para mim e sorriu.

— Posso fazer algumas coisas pra ela comer, meu brócolis definitivamente fica melhor do que aquele — comentei, como se estivesse me gabando e ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Sabe fazer outras coisas além disso? — A chata parecia descrente.

— Muitas outras coisas. — Ela riu, claramente achando toda a situação engraçada.

— Viu, Gio? — Ela se virou para a menina sorrindo, dando mais um pedaço de pão em sua boca. — Seu pai sabe cozinar.

Não sei se ela disse aquilo sem pensar, porque pareceu um pouco sem graça, pela maneira como se movimentou no banco.

Ainda era estranhovê-la falando daquela forma tão natural sobre aquele assunto, tendo em vista que só havíamos brigado desde então e Manuela sempre usava expressões como “minha filha”.

Ainda não havia dito para Giovanna que eu era o seu pai, pelo menos não na minha frente.

Não sabia se ela entendia o sentido daquela palavra, mas certamente para mim, significava muito.



*Eu sinto que o gelo está, lentamente, derretendo*

...

*Lá vem o Sol*

*E eu digo*

*Está tudo bem*

**:: HERE COMES THE SUN - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Era estranho estar no meio da minha cozinha com Dante e Gio. Eles eram tão iguais e vê-los um ao lado do outro, de uma determinada maneira, parecia incrivelmente certo.

Sentia-me uma completa idiota.

Não fazia sentido algum continuar privando minha filha de ter uma vida com a presença do pai. Não era justo com nenhum dos dois. Não podia continuar dificultando as coisas.

Dante estava tão perdido, sem ter a mínima noção do que fazer e Giovanna parecia fascinada nele, em cada uma das suas ações. De alguma forma, minha filha parecia saber que havia uma ligação entre eles, mesmo que nunca tivessem convivido um com o outro.

Sentamos no sofá e eu a coloquei no tapete, dando uma risada por ela ter disparado a engatinhar atrás dos brinquedos.

— Precisamos definir algumas coisas, certo? — perguntei quando Gio já parecia entretida com um jogo de encaixar formas.

— Certo. — Ele parecia um pouco apreensivo.

— Ok. Quando você pretende se mudar?

— A casa é sua, quando for melhor pra você — respondeu, voltando a atenção para o tapete e dando um meio-sorriso quando Gio mostrou um ursinho para ele.

— Por mim tanto faz se for amanhã ou depois... — comentei, percebendo seus olhos se arregalarem um pouco.

Sua postura surpresa não se sustentou muito, porque ele pigarreou e fitou as mãos, tentando soar sério. Tudo parecia “burocrático” demais e eu sabia que seria assim. Nós não tínhamos uma boa relação, não esperava que as coisas fossem ser fáceis.

— Posso vir amanhã. É sábado, acho que seria mais fácil...

O silêncio desconfortável se arrastou entre nós no segundo em que nos entreolhamos. Dante me observava com atenção, os olhos fixos em mim como se esperasse por um direcionamento.

Talvez ele estivesse na expectativa de que eu dissesse que havíamos nos precipitado, que aquela ideia era um absurdo sem tamanho.

— Ok... Bem, você pode ficar no quarto de hóspedes — afirmei, vendo-o engolir em seco. — Te mostro antes que você vá embora.

— Eu não quero que você altere nada na rotina dela ou na sua, Manuela. Ah, e eu transferi um valor para sua conta...

— Você o quê? — indaguei, perplexa.

Minha voz esganiçada chamou a atenção de Giovanna e ela deu um gritinho, balançando os braços no ar. Dei um sorriso em sua direção e no momento em que a bebê se distraiu, franzi as sobrancelhas e olhei para ele, irritada.

— Pra quê fez isso?

— Vou me mudar, não vou? Não vou morar às suas custas, Manuela... Além do mais, a Giovanna tem gastos e...

— Não precisava ter feito nada disso — resmunguei, cruzando os braços.

Dante era bilionário e eu sabia disso, mas não ficava confortável em saber que tinha transferido dinheiro para a minha

conta sem ao menos me falar sobre valores. Tinha até medo de abrir o aplicativo no meu banco para descobrir o que “um valor” significava.

Eu não vivia com luxo, ganhava bem o suficiente para me manter e dar uma vida boa para minha filha. Tinha plena noção do que o dinheiro podia fazer com as pessoas.

— Não é discutível — avisou e eu rolei os olhos.

— Estou cansada demais para discutir isso agora... Sobre a Gio, eu tento fazer o máximo de rotina com ela, mesmo horário pra comer, tomar banho, dormir — expliquei e ele assentiu com a cabeça, prestando atenção. — Minha mãe normalmente fica com ela durante o dia enquanto estou trabalhando.

— Posso pagar uma babá pra ficar aqui — sugeriu e eu balancei a cabeça em uma negativa.

— Minha mãe não quer e pra ser sincera, acho que prefiro que ela fique na pensão. Além do mais, o Lucca fica com ela e isso é uma ótima interação para os dois — continuei falando e Dante me encarou, parecendo frustrado. — O que foi?

— Nada, estou ouvindo — respondeu sem muita vontade, antes de voltar a olhar para a bebê que estava concentrada em encaixar uma bolinha no lugar correto.

— Gio está quase fazendo 11 meses e gosta de imitar o que a gente faz e também já vai começar a falar, então precisamos prestar atenção no que dizemos perto dela. Já tentei fazer com que ela fale algumas coisas repetindo várias vezes a mesma palavra, mas até agora nada — suspirei, triste. — E o principal... Conhecendo bem nosso histórico, não podemos brigar na frente dela e nem gritar.

— Isso vai ser um pouco difícil, visto que você me tira do sério todos os dias, Manuela.

— Você também me irrita — afirmei com um tom de voz calmo e um sorriso bem falso. — Mas quando estivermos na frente dela, mesmo que a gente queira se matar, vamos continuar agindo normalmente, sem levantar nossas vozes.

Giovanna engatinhou com rapidez até ele e tentou se levantar do chão, puxando a barra de sua calça, fazendo com que

Dante abrisse um sorriso genuíno. Comprimi os lábios, processando aquela cena diante de mim.

— Ela fez isso a primeira vez ontem, nunca tinha ficado em pé sozinha — comentei, orgulhosa, apoiando a mão no queixo. — Porque ela é muito inteligente, não é, meu amor?

A impressão que tive foi de que Dante estava mais uma vez sem saber como agir e então, Giovanna esticou as mãos em sua direção, fazendo com que uma expressão de desespero cruzasse seu rosto.

Prendi a vontade de rir, comprimindo meus lábios.

— Ela quer ir pro seu colo — avisei e ele me olhou com mais pânico ainda. — É só pegar a menina. Pra ser sincera, não existe grande dificuldade nisso.

— Tenho medo de deixar ela cair no chão — confessou, sem graça.

— Ela não vai cair no chão — afirmei, rolando os olhos.

Dante ficou alguns segundos imóvel, mas depois a pegou com muita cautela, colocando-a no colo. Passou um dos braços ao seu redor, segurando firme em seu tronco e cheguei a me perguntar se ele não iria sufocar a pobre coitada. Gio ficou algum tempo olhando para ele, acomodou-se em seus braços e encostou a cabeça em seu peito, colocando o dedo na boca. Não demorou muito para que seus olhinhos pesassem.

— O que ela está fazendo? — indagou, completamente imóvel e olhando para mim, por não ter uma visão do rosto da menina.

— Está quase dormindo — sussurrei, observando agora que sua mãozinha livre segurava um dos dedos dele.

Encostei a cabeça no sofá e fiquei observando-a cair no sono, enquanto Dante olhava para baixo, para o dedo que ela estava segurando.

E ficamos assim, em total silêncio, até que ela dormisse. Um sentimento de alívio parecia irradiar do meu peito até as minhas extremidades. A parte que eu conhecia de Dante Perazzo não era boa. Aquele homem nunca tinha sido um ser humano muito exemplar, pelo contrário. Então, eu realmente não imaginava que

fosse ter aquela sensação de paz na sua presença, muito menos junto com a Giovanna.

— Vem, vamos colocá-la no berço — pedi, levantando-me e percebendo que ele não estava nada animado com aquilo.

— Você quer que eu ande com ela até o quarto? — perguntou, nervoso.

— Sim. Ou você pretende ficar a noite toda aí sentado com ela babando em você?

Ele piscou devagar e ficou me encarando, enquanto eu balançava as mãos para que saísse do sofá. Senti vontade de rir, mas abafei a risada. Era muito engraçado vê-lo, sem a menor coordenação motora, sem ter noção alguma do que estava fazendo e olhando para mim desesperado.

Ele levantou, apertando-a contra o peito e andou bem devagar durante o caminho. Travou mais uma vez quando chegamos na frente do berço e percebeu que precisaria colocá-la ali. Dei uma risada e o ajudei a acomodar Giovanna, reparando que um suspiro aliviado escapou da sua boca quando eu a cobri com a manta.

— Isso foi mais difícil do que eu pensei — confessou, passando uma das mãos pelo cabelo.

— Vai pegar o jeito — afirmei, dando um sorriso torto, deixando que a frase ecoasse pela minha cabeça até se firmar.

Ele me acompanhou quando saí do cômodo e caminhei pelo corredor, abrindo a porta do quarto de hóspedes que eu normalmente usava como escritório.

— Bem, você pode ficar aqui.

Dante passou os olhos pelo quarto com uma expressão indecifrável, mas eu tinha certeza de que estava horrorizado pela falta de espaço.

— Pense que é temporário, em breve você vai voltar para o palácio que provavelmente mora.

— Eu não moro em um palácio — rebateu, revirando os olhos.

— Ahn... Então, se quiser mudar qualquer coisa de lugar, não tem problema — avisei, vendo-o distraído observando o cômodo.

Dante assentiu.

— Não sei se há muito o que eu possa fazer aqui — suspirou, frustrado, olhando para a escrivaninha antiga de madeira. — Por que você tem um móvel do século passado?

Cruzei os braços, irritada.

— É *vintage*! E foi restaurado...

— Meu Deus, por quem? — Ele me olhou horrorizado. — Você deveria pedir seu dinheiro de volta e...

— Por mim, seu idiota! — vociferei baixinho e ele comprimiu os lábios, mas não conseguiu segurar, explodindo em gargalhadas.

— Como você é ridículo.

Deixei que ele ficasse rindo sozinho na porta do quarto e fui caminhando para a sala, mas Dante me seguiu, cessando as risadas. Quem ele pensava que era para debochar do meu móvel? Eu tinha feito exatamente tudo o que tinha visto nos vídeos e para ser sincera, estava muito parecida com as que eu via nos programas de reforma.

— Espera aí...

— Não fale da minha escrivaninha — avisei, apontando o dedo perto do seu peito e ele arregalou os olhos, parecendo divertido.

— Certo... Eu vou indo e amanhã de manhã trago minhas coisas — falou, andando até a porta.

Ainda estava aborrecida. Eu teria que aturar o idiota na minha casa e como se não bastasse, ele estava zombando da escrivaninha que eu levei dois meses para restaurar. Quando percebi que ele estava saindo e se despedindo, mandei que esperasse e fui até minha bolsa.

— Tenho uma chave pra você — disse, indo até a porta e entregando-a em sua mão, percebendo que estava presa a um chaveiro de coração. — Você pode tirar o chaveiro, se quiser.

— Obrigado. Boa noite.

— Boa noite... — Fiz uma pausa, segurando a porta enquanto o observava caminhar pelo corredor do meu andar. — Ah, e obrigada pelo sanduíche.

— Sem problemas — respondeu, me encarando durante alguns segundos e depois entrou no elevador.

Aquela situação como um todo era frustrante. Estávamos irritados um com o outro e ainda seríamos obrigados a morar no mesmo espaço. E como se não bastasse, ainda trabalhávamos juntos e sequer podíamos nos ignorar, por conta da Giovanna.

Não tinha ideia de como seria essa convivência, mas a partir de amanhã, aquilo se tornaria minha nova realidade.

Porra, eu era mesmo uma azarada do caralho.



*Então navegamos em direção ao Sol  
Até encontrarmos o verde mar  
E vivemos sob as ondas*

*Em nosso submarino amarelo*

:: YELLOW SUBMARINE - THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

Ele bateu na porta quando chegou no dia seguinte, na parte da tarde. Aquela imagem de Dante Perazzo com suas malas na frente da minha casa me deu um arrepio no corpo.

— Eu te dei uma chave ontem — lembrei, enquanto dava espaço para que passasse.

— Ainda estou tentando me acostumar com isso, Maria Manuela.

— Manuela — pedi. — Pare de me chamar pelos meus dois nomes, isso é irritante.

— É o seu nome.

Revirei os olhos e ele abriu um sorriso falso.

Giovanna o viu e saiu em disparada do tapete em direção aos seus pés. Ela tentou se levantar, mas caiu de bunda no chão e começou a chorar. Dante me olhou com os olhos arregalados e no mesmo instante se abaixou, transtornado.

— Meu Deus! Ela caiu! Meu Deus, meu Deus!  
Dei uma risada e me sentei no chão ao seu lado.

— Não foi nada, meu amor, não machucou — falei para minha filha em um tom calmo enquanto ela gritava ainda mais com os olhos molhados e fazendo biquinho. — Shhh, não foi nada.

— Ela deve ter se machucado, Manuela, por Deus! — Ele começou a examinar as pernas dela e os braços, preocupado.

— Não machucou — afirmei e Giovanna começou a chorar ainda mais alto. — Foi só um susto, Gio.

— SUSTO? — A voz de Dante saiu esganiçada. — Ela caiu!

Eu a peguei no colo e logo o choro começou a cessar, mas ela soluçava ainda com os olhos molhados, coçando-os enquanto dava alguns suspiros dramáticos.

— Ela às vezes chora só porque se assusta, não precisa surtar — expliquei, rindo ao ver seu semblante suavizando. — Você precisa de alguma coisa?

— Não... Vou arrumar as coisas no quarto — avisou, carregando as malas pelo corredor. — Me avisa se precisar de ajuda com ela?

Afirmei com a cabeça e ele se fechou no cômodo. Alguns minutos depois, Gio cochilou, o que foi o suficiente para que eu pudesse relaxar um pouco tomando um banho quente. Coloquei um vestido liguinho, sequei os cabelos e quando fui até a sala, os dois estavam brincando no chão.

— Quando fui até o quarto, ela estava em pé no berço querendo brincar — se justificou, ao me ver apoiada na parede observando-os.

Dante estava sentado de pernas cruzadas e vestia uma camiseta branca de manga comprida larga e uma calça de jeans.

— Ela está fedendo — cochichou, apontando para a garota e fazendo uma careta.

— Seria tão melhor se ficassem sempre cheirosinhos e de fralda limpa, não é? — perguntei em um tom sarcástico.

Eu a peguei no colo, fui em direção ao quarto e Dante veio andando atrás de mim.

— Puta merda, como pode algo tão pequeno fazer um estrago tão grande? — indagou ao sentir o cheiro quando abri a

fralda para trocar a Gio.

Dei uma risada alta enquanto pegava os produtos para trocá-la. Expliquei para ele a ordem e como se trocava uma fralda. Dante observava tudo com um olhar confuso e ao mesmo tempo curioso.

— Finalmente cheirosinha de novo! — comemorei em um tom animado, assoprando sua barriguinha e ela começou a gargalhar.

Ouvi batidas na porta e pedi que ele segurasse a Giovanna. Dante balançou a cabeça em concordância e a envolveu em seus braços, parecendo um pouco mais confortável com isso do que na noite anterior.

Bem, ela não estava sendo esmigalhada contra seu peito agora.

— Meu Deus, esqueci completamente que vocês vinham hoje

— falei, surpresa ao olhar Julia, Guilherme, Lucca e Adriano parados do lado de fora.

— Não acredito que esqueceu da nossa noite de jogos. Você já foi melhor, Manu. — Adriano sorriu, dando um beijo no meu rosto e todos fizeram o mesmo.

Dante apareceu no corredor com a bebê no colo e a expressão dos três foi a mesma, ou seja, estavam perplexos com aquela cena.

— Não sabia que você já tinha se mudado — Julia comentou, aproximando-se dele e apertando a bochecha da minha filha.

— Cheguei hoje.

Adriano estava de cara fechada, braços cruzados e não o cumprimentou. Eu sabia que aquilo iria acontecer no minuto em que aceitei que Dante entrasse na minha vida.

— A gente se reúne sempre aqui pra jogar — expliquei para ele.

— E beber, é claro! — minha amiga lembrou, rindo e levantando a garrafa de vinho para o alto.

— Parece que agora pelo menos está sabendo segurá-la direito, Dante — Guilherme constatou, dando uma risada.

Caminhou em sua direção com Lucca no colo e fez carinho na cabeça da sua afilhada.

— É, mas acho melhor colocar os dois no chão — concluiu ao perceber que Gio praticamente estava se jogando para cima de

Lucca, querendo brincar.

— Ele vai ficar aqui? — Adriano me puxou para um canto.

— O que quer que eu faça, Adriano? Agora ele mora aqui — lembrei e ele bufou, cruzando os braços.

— Ele podia pelo menos não ser inconveniente e se trancar no quarto — resmungou.

— Por favor, não torne isso mais difícil.

— Trouxe um presente pra Giovanna — disse, mudando de assunto.

Abri um sorriso feliz em resposta. Estava contente por ele estar se esforçando para ter uma relação melhor com a minha filha. Eu necessitava daquilo, precisava que minha vida não fosse uma completa confusão.

— Entrega pra ela, sabe que ela ama abrir embalagens — encorajei e ele andou até a menina.

— Gio, quer abrir? — perguntou, sentando-a em seu colo enquanto ela rasgava todo o papel, agitada e dando gritinhos de animação.

Lucca também estava apoiado em Adriano, balançando o corpinho, querendo ver o que os dois estavam fazendo. Em contrapartida, Dante estava em pé e de braços cruzados com um semblante sério, observando tudo, ao lado de Guilherme.

— Como estão as coisas? Já treparam em algum lugar da casa? — Julia perguntou baixinho, abafando uma risada e entregando-me uma taça de vinho.

— Cala a boca, Julia! Isso não vai acontecer, eu te disse — ralhei, franzindo o cenho e ela deu de ombros.

— Não dou nem um mês pra isso voltar a acontecer — afirmou em um tom divertido e eu dei um tapa no seu braço.

— Um mês? Eu não tenho credibilidade nenhuma pra você? — perguntei, boquiaberta.

— Sinceramente? Não. — E gargalhou.

— Inacreditável.

— Gio, pelo menos finja que gostou desse bicho horrível que seu tio Adriano te deu! — Julia brincou ao ver que a garota olhava para a pelúcia sem muito entusiasmo.

Dante abafou uma risada disfarçadamente.

— Deixa de ser implicante, Julia! — falei, indo até os dois. — Que lindo, meu amor! Você gostou? — perguntei, dando um sorriso e ela fez o mesmo, exibindo os dentinhos inferiores e babando um pouco.

E na mesma hora, eu derreti, embasbacada em como minha filha era linda.



## Dante Perazzo

Fiquei algum tempo observando enquanto Adriano interagia com Giovanna e aquilo me irritou bastante. Não gostava de saber que ele tinha mais intimidade com a minha filha do que eu mesmo. Era difícil conter meus sentimentos de raiva por Manuela nessas situações. Mesmo que eu estivesse tentando não entrar em conflitos, certas atitudes lembravam-me que eu não estava presente na vida da menina por ela ter optado dessa forma.

Gio tinha uma conexão maior com o Adriano, porque Manuela havia escondido de mim a sua existência. E também era por isso que eu nem mesmo sabia como agir perto da minha filha. Os hábitos e as rotinas dela não me incluíam, porque Manuela quis que fosse assim.

Como era possível que eu não tivesse raiva? De que modo eu conseguia passar por cima de tudo isso? E ao mesmo tempo, entendia que precisava de alguma forma suprir o sentimento de ódio, caso contrário seria impossível vivermos sobre o mesmo teto.

Mas como?

— Vocês conversaram? Manu parece mais calma — Guilherme comentou baixinho ao meu lado.

— Sim, conversamos ontem, mas ainda não sei como lidar com tudo isso, muito menos com ela.

— A Manu só está confusa e preocupada. Tente não deixar sua raiva e o medo dela dominarem toda situação. Vocês vão acabar brigando sem parar — advertiu.

— Ela é difícil.

— Como se você fosse um unicórnio, não é, Dante? — disse com sarcasmo e eu revirei os olhos.

— Dante, você vai jogar com a gente? — Julia apareceu ao nosso lado, agitada e seu irmão lhe lançou um olhar de ódio.

Eu não sabia o que era mais absurdo... A pergunta ou quem tinha feito. Julia era uma Lacerda, não fazia sentido algum que ela me tratasse com o mínimo de cordialidade. Aquilo quebrou minhas duas pernas, no entanto.

— Não, estou tranquilo — respondi.

— Então, pode ficar de olho nas crianças — ela afirmou, dando uma risada e eu ergui as sobrancelhas, um pouco surpreso com a sugestão.

— Julia! Não tem necessidade... Colocamos os dois no cercadinho, como sempre. — Manuela se levantou e veio na nossa direção.

— Não tem problema, posso ficar lendo no sofá enquanto eles brincam e qualquer coisa chamo vocês.

— Não precisa fazer isso — murmurou.

— Não me importo — disse, por fim.

Ela agradeceu, montou o cercadinho e colocou alguns brinquedos para entreter os dois enquanto eu buscava meu livro e meus óculos de leitura. Manuela se levantou ofegante quando voltei e soprou uma mecha de cabelo que fugiu para cima dos seus olhos.

— Você usa óculos? — perguntou, parecendo surpresa assim que os coloquei no rosto.

— Raramente. Só quando estou lendo à noite.

Seu olhar se manteve fixo no meu por alguns segundos e ela entreabriu um pouco os lábios, mas os fechou em seguida, dando um sorriso de canto.

— Algum problema? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Nenhum — afirmou, movimentando-se e tropeçando em um dos brinquedos.

Dei uma risada quando ela se desequilibrou, mas comprimi os lábios assim que recebi um olhar de ódio. Ela caminhou até a mesa de jantar em que os seus amigos estavam e eles começaram a jogar enquanto bebiam vinho.

Comecei a ler meu livro no sofá e neguei as quatro taças que a Julia ofereceu durante aquele meio tempo. Ainda achava estranho que ela estivesse sendo simpática e, para ser sincero, aquela maturidade me incomodava um pouco. Fazia com que eu me sentisse um idiota.

Não fazia muito sentido.

Além de todos os problemas entre as nossas famílias, eu tinha feito da vida do Guilherme, do Adriano e da Manuela um inferno naqueles acampamentos de Direito e nos Jogos Jurídicos. Não que eu me orgulhasse daquilo, eu fui um idiota pela maior parte da minha vida. E ela sabia disso, todo mundo sabia. Então por qual motivo Julia Lacerda estava agindo daquela forma? Ou será que ela estava fazendo tudo de forma irônica e no fundo debochando da minha cara?

Pelo local em que eu estava sentado, era possível ter uma visão direta da mesa. Adriano estava ao lado de Manuela e chegava a ser ridículo como, mesmo depois de tantos anos, ele ainda a olhava da mesma forma de quando namoravam. Não sabia o que tinha acontecido entre os dois, mas era óbvio que o arrombado tinha sentimentos por ela.

Depois de algum tempo, reparei que ela estava mais solta, rindo mais alto e mais animada e aquilo me lembrou da noite em que ficamos juntos na festa de monitores.

— Não é justo! Adriano está roubando! — Manuela gritou, irritada, e depois gargalhou, afundando o rosto no braço do idiota

Ele deslizou o dedo pela sua mão disfarçadamente e eu estalei a boca de forma involuntária. Meu Deus, como era patético.

— Manu, você não pode dizer que eu estou roubando toda vez que você começa a perder — disse, olhando-a deslumbrado, como se fosse um cachorro olhando um forno de frango de padaria.

— Manu, sabe quem encontrei ontem? — Guilherme perguntou, mexendo no tabuleiro e ela balançou a cabeça

negativamente. — Com Fabrizzio Medeiros. Ele perguntou se você estava solteira.

Fabrizzio Medeiros era o advogado do meu time e eu tinha sido seu calouro na faculdade. Será que ele tinha ficado com a Manuela? Não fazia muito sentido, tendo em vista que ela namorou durante o curso inteiro.

— Ela está sim! — a Julia gritou e seu irmão fechou a cara.

— Não! Diga que eu casei e que me mudei para outro país — pediu, rindo.

— Mas por qual motivo? — Sua amiga parecia inconformada.

— Ele é um gato!

— Ele dava em cima dela mesmo quando a gente namorava

— Adriano comentou, puto.

— Isso não é motivo para ela querer que eu diga isso. — Guilherme estreitou os olhos na sua direção e Manuela se jogou na cadeira em desistência. — Anda, pode contar!

O Adriano se mexeu, desconfortável, amassando um pouco as cartinhas que estavam na sua mão.

— Poucos meses depois que eu fiquei solteira, ele me mandou uma mensagem e eu tinha bebido algumas doses de uísque — começou a contar, um pouco sem graça. — Em resumo, eu pedi um... Ahn, um *nude*. E eu nem sei o motivo!

— E daí que você já viu a rola dele? — Julia perguntou, confusa.

— Não, eu não vi nada. Ele tinha me mandado mensagem para falar sobre a reunião que aconteceria no dia seguinte, porque ele iria acompanhar um cliente que queria fazer uma doação para a ONG! Ele queria discutir trabalho e eu pedi uma foto do pau dele!

Segurei as risadas, fingindo não estar ouvindo a conversa deles e precisei esconder meu rosto atrás do livro para não me entregar. Por sorte, as gargalhadas dos amigos dela desviaram a atenção das minhas.

— Foi vergonhoso! Eu acabei pedindo desculpas depois da reunião e bloqueei ele.

— Ok, muito engraçado, podemos mudar de assunto? — Adriano se manifestou, irritadíssimo.

— Podemos! Então, esquece o Fabrizzio. Vamos comemorar que Manuela vai sair com Marlon de novo. Um brinde a isso! — gritou, animada, levantando a taça sozinha, enquanto sua amiga a olhava com raiva.

Levantei os olhos e seu rosto estava corado.

— Você está indo a encontros? — Adriano parecia surpreso e ela olhou rapidamente na minha direção e desviou o olhar.

— Tive alguns...

— Alguns? — Sua voz saiu esganiçada e sua irmã levantou de fininho, indo até a cozinha.

— Sim, Adriano, alguns. Qual o problema? — respondeu um pouco mais ríspida e ele murmurou alguma coisa que não consegui ouvir.

— Vou buscar a pizza — Guilherme avisou, claramente querendo sair dali.

Lucca começou a gritar “mamãe” e a Julia veio em sua direção, abaixando-se para interagir com ele. Na mesma hora, Gio engatinhou até ela e segurou sua mão.

— Hoje eles estão tão calmos — comentou, dando uma risada e fazendo alguns barulinhos com a boca para as crianças.

— Pelo visto, sim...

— Normalmente temos que parar o jogo várias vezes porque eles ficam gritando, querendo ficar com a gente.

— Julia? — eu a chamei e ela levantou os olhos na minha direção. — Por que está sendo simpática comigo?

Ela suspirou, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Acho que você e a Manu não precisam de mais pessoas atrapalhando a relação de vocês — confessou, parecendo sincera.

— Sou mais flexível do que minha amiga, mas não posso dizer o mesmo dos meus irmãos e do restante da minha família. O Guilherme me faz ver as coisas de outra forma, então, decidi deixar o passado onde ele deve estar, afinal, você é o pai da minha filha. Não sou fã da sua família e sabe bem o motivo, mas qual seria o sentido de entrar em embates por conta disso? E o que eu ganharia sendo babaca contigo? O que aconteceu, já aconteceu, nada vai mudar.

— É, no momento não sou um grande fã da minha família também. De qualquer forma, obrigado por isso.

Ela sorriu, fazendo um meneio com a cabeça. Era estranho ter aquela espécie de apoio de duas pessoas que eu nunca imaginei. Tanto ela quanto seu marido estavam abertos para mim e, de alguma forma, aquilo era reconfortante.

— Vamos comer, Lucca? Vamos, Gio? — Manuela apareceu logo atrás.

— Eu te ajudo... — comecei a falar, mas ela me interrompeu.

— Não precisa, sério. Pode continuar lendo. — Deu um sorriso, pegou Giovanna e rumou em direção da cozinha seguida pela amiga e o seu irmão.

Após colocar Lucca na cadeira de Gio, ela foi esquentar alguma coisa no fogão. O babaca do Adriano insistiu para que ela entregasse minha filha para ele e a pegou no colo.

Respirei fundo, tentando encarar o livro.

Era uma cena ridícula de observar.

Depois de alguns minutos, apoiou Giovanna na bancada, de costas para mim e entregou uma mamadeira para ela, que segurou firme com suas mãozinhas. Adriano me encarou por trás da bancada, irritado, e voltou a olhar para Manuela com aquela expressão idiota, quase babando.

Não demorou para que Guilherme chegasse carregando umas caixas de pizza e logo trocou de lugar com sua esposa para alimentar o filho.

— Vai comer, Manu. Eu fico com ela — sugeriu o imbecil do Adriano.

— Adriano, a coisa que eu mais faço é comer com a Gio no colo — lembrou, dando uma risada antes de se virar para mim. — Dante, vem comer também.

— Porra, é tão estranho ver vocês interagindo “pacificamente”. — Guilherme deu uma gargalhada, fazendo as aspas no ar.

— Sou muito pacífica — ela zombou, pegando um pedaço de pizza.

— Desde quando, Maria Manuela? — Estreitei os olhos e ela estalou a boca.

— Uma dúvida... — Julia começou a dizer, divertida. — Quando vocês transaram você a chamava de Maria Manuela? Parando pra pensar... Dependendo do tom, me parece meio sexy...

— Julia! — Manuela repreendeu a amiga, completamente envergonhada e eu cocei a cabeça, dando uma risada.

Adriano estava mais vermelho do que o normal, cuspindo fogo pelos olhos e Guilherme claramente estava constrangido pela fala da mulher.

— O que foi? É só uma curiosidade. — Ela deu de ombros.

— Vamos testar isso, Guilherme Henrique — avisou em um tom provocante, dando um beijo rápido em sua boca.

— Julia, pelo amor de Deus! — o babaca reclamou, fazendo uma careta, como se estivesse prestes a vomitar.

— Será que é por isso que você pediu para que eu parasse de te chamar assim? — impliquei e Manuela revirou os olhos.

— Faz sentido... — Julia comentou, distraída, rindo ainda mais.

— Já chega! — ela pediu, deixando a pizza no prato e cortando o ar. — E você pare de dar corda pro idiota do Dante, Julia!

— Mas gente, somos adultos, todo mundo sabe o que vocês dois fizeram, tem uma prova bem aqui! — E apontou para Gio.

— Acabou, você não vai mais beber. Está de castigo! — ela resmungou, pegando o copo da amiga e virando totalmente a taça.

E depois de alguns segundos, as duas explodiram em gargalhadas, quase caindo no chão.

— Vou ao banheiro — Adriano avisou em um tom seco enquanto passava pelas duas.

— Ignore a Julia, ela às vezes não tem filtro algum, principalmente quando bebe — Guilherme pediu ao se aproximar de mim com a caixa de pizza.

— Sem problemas... Ela é engraçada — respondi.

Durante o resto da noite, ficou um clima levemente desconfortável porque o Adriano permaneceu emburrado o tempo todo. As crianças dormiram logo depois de tomar a mamadeira e eles foram embora carregando Lucca no colo, completamente apagado. Coloquei uma calça mais confortável e fiquei algum tempo no quarto, observando a Giovanna dormir. Percebi que as luzes da

cozinha ainda estavam acesas e quando fui até lá, vi que Manuela estava sentada em cima da ilha.

Suas pernas estavam entreabertas e o vestido havia subido um pouco, deixando suas coxas à mostra. Ela segurava um pote de sorvete em uma das mãos e levava a colher até a boca, distraída, balançando os pés. Claramente ainda estava sob efeito de álcool, parecia dócil demais.

— Ela está apagada — comentei, encostando o corpo na outra bancada à sua frente.

— Graças a Deus — disse, entre as risadas. — Sorvete?

— Não, obrigado.

— É bizarro demais você morar aqui — comentou, de forma aleatória.

— Sei disso.

Ela levou a colher até a boca, lambendo-a quase em câmera lenta, atraindo toda a minha atenção. Depois, passou a língua pelos lábios devagar, antes de olhar para o pote e sorrir para si mesma, como se tivesse pensado em algo engraçado.

— E é mais bizarro ainda te ver com uma calça de flanela. — Ela segurou uma risada, as bochechas ganhando uma tonalidade vermelha.

— O que tem de errado com minha calça? — Ergui uma das sobrancelhas.

Manuela ficou um tempo olhando a embalagem vazia e a deixou de lado, com um muxoxo. Depois, seu olhar vagueou pela cozinha até que se fixasse em mim. Ela me olhou de cima a baixo, mordendo o lábio inferior. Engoli em seco, pensando em como aquela mulher ficava incrivelmente sexy quando mordia a boca daquela forma.

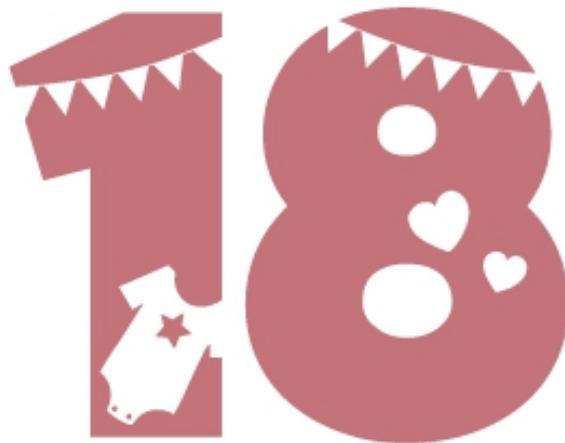
Meu coração disparou um pouco no momento em que ela pulou do balcão, o corpo se aproximando do meu. Manuela me encarou em silêncio, quase como se estivesse me analisando, tentando se esgueirar pela minha cabeça para me ler.

— Nada, só é estranho te ver como uma pessoa normal... — Os olhos estavam fixos nos meus e permaneceram assim por mais alguns segundos.

Manuela caminhou até a passagem que dividia a sala da cozinha e eu girei para vê-la pela abertura do balcão. Então, ela se virou para mim e um sorrisinho debochado cresceu nos seus lábios.

— Sabe, Dante... É realmente uma ironia do destino que a gente se odeie, já que fodemos tão bem.

Ela deu uma risadinha e saiu, deixando-me parado na cozinha sem reação alguma. É, Maria Manuela Guerra era realmente imprevisível.



*Ela é como um arco-íris  
Colorindo o ar  
Ah, em todo lugar  
Ela chega colorindo*

:: SHE'S A RAINBOW – THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Acordei bem cedo na manhã seguinte porque ouvi o som de algum metal caindo no chão e quando fui em direção à cozinha, ela estava atrás da bancada, com diversas panelas no fogão, completamente enrolada e suja de farinha.

Manuela vestia uma calça de moletom e uma blusa preta justa, colada no corpo, e seus cabelos estavam presos no topo da cabeça em um rabo de cavalo alto.

— Bom dia — falei, apoiando os cotovelos na bancada e depois, chequei meu relógio, percebendo que ainda eram seis e meia da manhã. — Ou boa madrugada.

- Bom dia — resmungou sem sequer olhar para mim.
- O que está fazendo?
- A comida da Gio para a semana.

Meus olhos vaguearam a bagunça e passei a mão pelo rosto, pensando como alguém conseguia fazer tanta zona cozinhando.

Então, eu vi algo se movimentando atrás dela e peguei uma das panelas vazias que estava na sua frente.

— Não se mexa — pedi, andando lentamente em direção ao que parecia ser o rabo de algum bicho.

Como aquela porra tinha entrado no apartamento? Será que era um gambá ou algo do tipo?

Manuela olhou para mim e acompanhou meu olhar até a cortininha da janela e se colocou na frente.

— Está louco? — indagou, colocando a mão na frente quando fiz menção de ir para cima do animal.

Então, um gato preto pulou na bancada e depois no chão. Ele veio caminhando lentamente e se esfregou na minha perna.

— Você ia matar meu gato? — Ela parecia horrorizada.

— Você tem um gato? — perguntei, confuso, saindo de perto do animal.

Em momento nenhum ela tinha falado absolutamente nada sobre ter um bicho de estimação.

— Tenho! Eu o adotei há uns anos. O nome dele é Ringo. — Ela revirou os olhos e voltou a mexer no fogão.

— Ringo? Não acredito que colocou o nome de um dos Beatles no seu gato. — Fiz uma careta.

— Sim, eu coloquei, porque ele é simplesmente o melhor baterista que existe — respondeu, cheia de si, e eu dei uma risada com deboche.

— Vai achando... Nunca vai chegar aos pés do Charlie Watts.

— Ela abriu a boca para contestar, mas eu continuei: — Não mencionou um gato quando conversamos sobre a mudança.

Não era nem um pouco fã de gatos. Muito menos um com o nome de um integrante de uma banda superestimada.

— Ele quase não fica aqui, Dante. Você nem vai perceber a presença dele. O safado gosta de ficar na casa da vizinha aqui do lado, às vezes fica lá por uma semana — ela resmungou. — Acho que a maior parte do tempo que ele ficou aqui foi quando eu estava grávida... — comentou, pensativa. — Ele não saía de perto de mim.

— Esse gato é estranho — sentenciei na hora em que ele subiu na bancada e tentou se esfregar em mim, ronronando.

— Espero que suas férias de uma semana tenham sido produtivas, seu ingrato — ela disse pra ele, pegando um potinho e colocando um sachê com alguma comida úmida que fedia a peixe.

Fez carinho nele durante um tempo, mas o gato estava mais preocupado em comer aquela gororoba fedida.

Manuela voltou a mexer na comida rapidamente, que já estava queimando o fundo da panela, pelo cheiro que começava a se espalhar pela cozinha.

— Posso? — perguntei, chegando perto dela e olhando para a bagunça que ela estava fazendo.

Ela bufou e se afastou, dando-me espaço. Cruzou os braços e rapidamente comecei a organizar as coisas, enquanto ela ficava olhando, curiosa.

Peguei os temperos que encontrei no armário e coloquei em cima da pia, organizando-os um ao lado do outro.

— Não acredito que você basicamente faz as comidas dela em água e sal. Coitada da Giovanna — falei, balançando a cabeça.

— Sou péssima cozinhando, prefiro não arriscar — explicou, parecendo envergonhada.

— É tão gratificante ouvir isso — retruquei em um tom irônico.

— O quê?

— Você assumindo que é péssima em algo.

Ela bufou.

— Não sei se ela pode comer isso! — comentou quando me viu colocando um pouco de cúrcuma nos legumes.

— Pode. Na verdade, ela pode comer a maioria desses temperos. — Ela me olhou descrente e eu estalei a boca. — Eu já li, não estou inventando, Manuela.

Ela inclinava a cabeça, analisando tudo que eu fazia e de tempos em tempos dava alguma opinião, perguntando se não era melhor fazer de outra forma, fazendo com que eu revirasse os olhos todas as vezes. Era incrível como queria se intrometer até mesmo nos assuntos em que claramente não tinha conhecimento.

— Afinal, onde você aprendeu a cozinhar? Isso não faz o menor sentido — disse, algum tempo depois.

— Fiz alguns cursos — respondi, distraído, enquanto temperava um purê de abóboras.

— Cursos? Onde? — Ela se esticou, colocando quase o rosto dentro da panela para cheirar a receita.

— Quando fui pra Itália... Acho que tem pouca quantidade de comida aqui pra uma semana — comentei, observando as porções.

— Ela almoça na pensão com minha mãe, ela nunca me deixa levar comida.

— Por que será? — perguntei com desdém e recebi um olhar de reprovação.

— Coentro no purê de abóbora? — Ela fez uma careta e eu respirei fundo, pegando uma colher e entregando para ela provar.

Chata pra um caralho!

— Porra, isso é... Muito bom! — confessou, surpresa.

Ela voltou com a colher para pegar mais um pouco, então dei um leve tapa na sua mão, fazendo com que me olhasse perplexa.

— Ei!

— Não vai colocar a mesma colher aqui dentro, Maria Manuela. Pega uma nova — avisei, fazendo com que ela franzisse o cenho.

— Como você é chato!

Gio começou a chorar e ela foi até o quarto e voltou alguns minutos depois com ela no colo, colocando-a em sua cadeira alta. Esquentou a mamadeira e não demorou para que ela tomasse tudo. Depois, Manuela cortou alguns pedacinhos de banana e colocou em um pratinho, recebendo gritinhos de felicidade em resposta.

Era muito engraçado vê-la comendo, porque ela fazia uma bagunça grande, sujava todo o rosto e ficava rindo sozinha. Manuela estava apoiada com a mão no queixo, olhando para a garota de forma apaixonada, divertindo-se com os barulhinhos que ela fazia.

O gato ficou de longe observando as duas, do outro lado da bancada. Giovanna percebeu que o animal estava ali quando ele miou e começou a gritar na sua direção, esticando as mãos, querendo segurá-lo.

— Viu quem voltou, Gio? — Ela sorriu, abriu e fechou as mãozinhas.

Manuela colocou os dois no chão e ela começou a engatinhar pela cozinha atrás do animal, dando algumas voltas na bancada e eventualmente se enrolando nos meus pés.

Fiquei um pouco nervoso, preocupado em acabar pisando nela e me mantive enraizado no chão, apenas me movimentando quando ela saía de perto.

Depois que terminei de fazer as refeições, Manuela começou a colocar as porções em potinhos, com etiquetas para os dias da semana com nomes, horários e cores de tampas diferentes.

Meu alarme tocou, anunciando que já eram nove horas e notei uma caralhada de mensagens de Dom que não tinha visto, dizendo que me buscara em menos de meia hora. Expliquei que precisava me arrumar, porque tinha um casamento em Itaipava e meu irmão já estava chegando.

— Tudo bem. Pode deixar que eu termino aqui — afirmou, começando a ajeitar as coisas na cozinha e antes que eu saísse, ela me chamou: — Ei, Dante... Obrigada por isso.

E então ela sorriu, fazendo com que meu ar se esvaísse.



## Maria Manuela Guerra

Decidi que iria para a praia com Giovanna e nós almoçamos na casa da minha mãe. Depois que ela dormiu, voltei para o apartamento, fiz uma pipoca e fiquei algumas horas vendo “Irmãos à Obra”.

Comecei a trabalhar por volta das cinco horas enquanto Giovanna assistia “Galinha Pintadinha” porque aparentemente aquele desenho tinha drogas e minha filha ficava completamente obcecada, sem nem piscar, olhando para a televisão.

Ouvi batidas na porta e quando abri, Dante estava do outro lado.

— Eu te dei uma chave!

— Já disse que vai demorar um tempo até que eu me acostume — resmungou, passando por mim.

Ele olhou para a mesa da sala, com diversas pilhas de papel, pastas e me olhou sem entender.

— Está trabalhando?

— Sim.

— É domingo — disse, como se aquilo tivesse alguma relevância.

— E? — Sentei novamente na cadeira e ajeitei algumas coisas. — O casamento estava tão ruim assim pra você já estar de volta?

— Não, estava ótimo, mas Dom precisava voltar cedo...

— Você está sóbrio — constatei. — Tem certeza de que foi bom?

Ele riu.

— Acredite, o que mais tinha nesse casamento era bebida. O melhor amigo do noivo é dono de um bar — contou entre as risadas.

— Eu bebi pouco porque sempre fico enjoado pra caralho naquelas curvas infernais no caminho pra Itaipava.

— Sim, eu também! — Meu rosto se retorceu e meu estômago embrulhou só de lembrar.

Ele deu uma risada e seu olhar voltou para o meio da sala.

— O que aconteceu com ela? — perguntou, vendo Giovanna sentadinha no carrinho e olhando hipnotizada para a televisão.

— Conheça o poder da Galinha Pintadinha. Nada tira a atenção dela, quando isso está passando.

— Duvido.

— Quer apostar?

— Ei, Giovanna?

Dante foi ignorado e soltou um ruído de frustração. Ele caminhou até onde ela estava e se colocou na sua frente, mas tudo o que minha filha fez foi jogar o corpinho para o lado, tentando ver por trás dele. Ele me olhou e apoiou as duas mãos na cintura, indignado, fazendo com que eu risse em resposta.

— Gio? — tentou novamente e eu abafei as risadas, colocando um papel na minha frente. — Vamos brincar? Giovanna? Olá?

Ele bateu palmas, mexeu as mãos e até mesmo as chaves que estavam no seu bolso, tentando a todo custo chamar sua atenção. E a frustração foi aumentando em cada frase até que ele voltasse onde eu estava.

— Desenho dos infernos — resmungou. — Já comeu?

— Acho que vou ter que fazer mais pipoca... — constatei ao puxar o pote de pipoca na minha direção para ver se tinha alguma sobra ali.

— Você ia jantar pipoca?

— Qual o problema? Pipoca é uma ótima janta.

Ele bufou, passando a mão nos cabelos. Tirou o terno, colocando-o na cadeira e começou a dobrar as mangas da camisa. Era difícil desviar os olhos dos seus braços, mas eu limpei a garganta e me forcei a encarar meus papéis.

— Também estou com fome, vou preparar algo — avisou, parado à minha frente, como se esperasse alguma resposta.

— Eu realmente não vou me opor a você cozinhar, não espere isso — falei, assinando um documento.

— Não esperava. Deveria agradecer a Deus por não precisar comer sua própria comida — ele implicou.

— Abaixe sua bola... Ainda prefiro comer minha comida do que ter você morando aqui.

— É, mas como nem sempre temos sorte na vida... — disse com desdém e eu suspirei.

Dante foi até a cozinha e voltou algum tempo depois com um macarrão com frango e eu pisquei, porque nem me lembrava de ter ingredientes para fazer aquilo.

Eu dei uma mamadeira para Giovanna e logo depois devorei o prato, tentando ignorar o fato de que o idiota estava achando a maior graça naquela situação. Nem adiantava mentir e dizer que ele cozinjava mal, porque até mesmo soltava uns gemidinhos involuntários entre uma garfada e outra.

Por que o idiota tinha que cozinhar tão bem?

Meu celular tocou e era a diretora da SOS Eco avisando que um navio havia encalhado com três milhões de litros de óleo na Baía de Sepetiba. Aparentemente, a imprensa já tinha sido notificada e um caos já estava começando, então eles precisavam de mim por lá.

— Merda, preciso sair — avisei, desligando o telefone e começando a organizar os papéis na mesa. — O pessoal da ONG ligou e deu merda com um navio.

— Precisa de ajuda?

— Não... Acho melhor eu resolver isso sozinha dessa vez. — Passei a mão pelo rosto e soltei o ar. — Na verdade sim, você pode arrumar a Giovanna?

— Você vai levar a garota com você? — indagou, perplexo.

— Claro que não, vou deixar ela com a minha mãe — expliquei, levando o meu prato para a cozinha e colocando-o na máquina lava-louças.

A melhor invenção criada pelo ser humano.

Abençoada seja, Josephine Cochrane.

— Com a sua mãe? Por qual motivo?

Pisquei devagar ao ver a confusão presente no seu rosto com um misto de irritabilidade. Era quase como se estivesse ofendido. Que merda aquilo queria dizer? Estava confusa. Será que Dante esperava que eu a deixasse com ele?

— É... Não sei. Você... Não tem nada pra fazer hoje?

— Não.

— Acha que vai ser tranquilo ficar com ela? Sozinho?

Ele abriu e fechou a boca, parecendo um pouco nervoso, mas logo depois pigarreou e cruzou os braços.

— Não vejo problema nisso.

Eu continuei olhando-o sem saber o que dizer. Dante não tinha experiência nenhuma com bebês. Ele ainda a segurava com se ela fosse um saco de açúcar em alguns momentos e a espremia bastante contra seu corpo.

— Ela precisa jantar...

— Manuela, não acredito que vá ser difícil dar comida para uma criança.

Me deu vontade de rir.

— Ahn... Ok. Mas qualquer coisa, vá até a casa da minha mãe... E de *Uber*, o seu carro não tem uma cadeirinha — lembrei, começando a ficar nervosa com a enxurrada de informações que eu precisava passar para ele.

— Já estou com outro carro e agora ele tem uma cadeirinha.

Pisquei, um pouco sem reação. Quando aquilo tinha acontecido?

— Eu tenho alguns — ele se justificou e depois pareceu triste. — Aquele era meu preferido, mas um *McLaren* infelizmente não foi projetada para um adulto com filhos.

— Ok. Certo... Então tome cuidado. Não tire os olhos dela por nem um segundo, Dante. Em um segundo ela pode colocar alguma coisa na boca, ficar sem ar e morrer. Meu Deus, tem certeza disso?

Estava sem fôlego e com o coração pulsando freneticamente.

— Fica tranquila, não vou tirar os olhos dela. Eu tive um bicho quando era mais novo e cuidava muito bem dele e...

Entreabri a boca, o ar congelando nos meus pulmões.

— ELA NÃO É UM BICHO! — berrei, chocada. Dante arregalou os olhos e percebi que Gio fez o mesmo.

— Eu sei que não é, apenas estou dizendo que vou cuidar dela direito. Foi um exemplo... — tentou se explicar, mas soltei um grunhido.

— Um bicho! — comecei a repetir enquanto andava até o meu quarto para trocar de roupa. — Um bicho... Inacreditável!

Como ele ousava comparar minha filha com um bicho?

Era só o que me faltava!



*Mas tudo bem, eu sou o João Bobo  
E isto é o maior barato!*

:: JUMPIN' JACK FLASH – THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Agora a garota tinha parado de focar naquela galinha azul estúpida e estava prestando atenção no chilique que Manuela estava dando porque eu mencionei que tinha cuidado muito bem do passarinho que eu tive quando era criança.

Achei que seria mais sensato omitir o fato de que eu tinha esquecido a gaiola aberta por três segundos e ele tinha voado e nunca mais voltado.

Eu era um adulto responsável agora!

Estava bem apreensivo em cuidar da Giovanna sozinho, mas seria uma ótima oportunidade para estreitar meus laços com ela. Ainda não estava completamente seguro sobre como cuidar de um bebê, mas precisava aprender, certo?

Não deveria ser tão difícil assim, eu tinha visto uns vídeos no YouTube antes de dormir. E eu era ótimo aprendendo as coisas na prática.

— Sua mãe é meio histérica, não é, Gio? — perguntei e ela gargalhou como se soubesse do que eu estava falando.

Provavelmente concordava comigo.

Alguns minutos depois, Manuela saiu do quarto arrumada, deu um beijo na menina e me lançou um olhar ameaçador. Reforçou que era para eu ir para a casa da sua mãe caso precisasse de algo e listou mais uma infinidade de orientações, falando bem mais rápido do que o normal.

— Bem, parece que somos só nós dois — comentei, dando um giro em mim mesmo e percebendo o silêncio no apartamento.

Ela esticou os bracinhos na minha direção e eu a peguei no colo, indo até a cozinha e colocando-a em uma cadeira alta. Peguei um dos potinhos que estava na geladeira, aqueci como ela tinha me explicado, testando a temperatura na palma da minha mão e me sentei no banco alto à sua frente.

Tudo perfeito até então. Qual era a dificuldade? Eu era foda!

Levei a colher até sua boca, mas Gio comprimiu os lábios e balançou a cabeça negativamente. Soltei o ar, frustrado, e tentei repetir a ação por mais alguns minutos. Antes que eu pudesse comemorar quando ela finalmente abriu a boca, Giovanna cuspiu todo o purê na minha cara e começou a rir.

Respirei fundo, peguei um guardanapo e voltei a tentar. Apoiei o potinho à sua frente e automaticamente ela enfiou os dedos dentro dele e passou no rosto, achando aquilo superdivertido.

Puta merda, que criança encapetada do caralho.

— Você gosta de fazer bagunça, não é? — ela deu um gritinho e lambeu os dedos.

Depois de muita insistência e de sujar toda a mesa acoplada à cadeira, ela comeu todo purê de abóbora com carne que estava ali.

Porra, eu já estava exausto só com aquela miniguerra para alimentá-la.

O vestidinho que a garota estava usando agora tinha ganhado uma nova tonalidade: laranja e eu lembrei que me esqueci da porra do babador. Os dois tufinhos que normalmente ficavam presos na sua cabeça já tinham ido com Deus e seu cabelo estava uma confusão só.

E sujo de purê.

Que merda do caralho.

Eu a peguei no colo e sentei no tapete com ela, entretendo-a com os brinquedos espalhados pelo chão. O gato chegou perto da gente e ficou um tempo esfregando a cabeça em mim. Tentei enxotá-lo em vão.

— Você é insistente — constatei, fazendo um rápido carinho atrás de sua orelha e ele ronronou. — Adeus, vai brincar com a Gio.

Apontei para ela, mas o animal não me deu muita atenção. Continuou colocando a cabeça embaixo da minha mão para que eu fizesse mais carinho. Suspirei fundo, buscando alguma paciência enquanto observava a menina engatinhando na minha direção, trazendo os bichinhos de pelúcia até mim e balbuciando alguns sons indefinidos.

— Esse bicho é realmente horrível — falei quando ela trouxe o presente que o Adriano havia dado na noite anterior. — Vou comprar um melhor pra você.

Ela riu, balançando a cabecinha. Essa criança definitivamente entendia o que eu estava dizendo.

— Giovanna, eu sou seu pai, ok? Não é aquele idiota que te deu esse bicho feio — avisei e ela sorriu novamente, mostrando os dentinhos inferiores e se apoiando no meu braço para se levantar.

— Consegue dizer papai, Gio? Vamos! Papai... — incentivei, mas ela não parecia muito animada.

Fiquei mais algum tempo repetindo a palavra “papai”, devagar e eu tenho certeza de que em um determinado momento ela balbuciou algo como se estivesse realmente tentando dizer.

Permaneci ali com a garota brincando e tentando pegar o gato até que um cheiro horrível empesteou a sala inteira. Eu precisava trocá-la e havia esquecido completamente de que isso poderia acontecer.

Não tinha condições de eu deixá-la assim até que Manuela voltasse, eu sequer sabia que horas ela estaria em casa.

Rumei em direção ao quarto e a coloquei na bancada. Tirei a fralda e segurei a respiração. Percebi somente depois que tinha que pegar as coisas para trocar a fralda e tentei fazer um malabarismo ao alcançá-las.

Talco, pomada, lenços umedecidos. Comecei tentando limpar aquela cagada, mas ela mexia as pernas incessantemente e eu

tentava segurá-la com uma das mãos com medo que a garota caísse dali de cima enquanto a outra tentava passar o lenço.

Meu Deus, era impossível! Eu precisava de umas duas mãos extras!

Pensei que seria mais fácil colocá-la no chuveiro, então asegurei pelo tronco e a levei até o banheiro. Esperei que água não ficasse nem muito fria nem muito quente e coloquei seu bumbum em direção aos jatos de água e meio que tentei dar um banho para tirar a sujeira do jantar.

Puta merda, os azulejos já estavam todos sujos de bosta de neném. Eu precisava contratar uma empregada.

Giovanna parecia estar se divertindo na água, mas eu não estava achando a menor graça e ainda estava molhando todo o chão.

Quando finalmente terminei, o banheiro estava quase inundado.

Que caos, porra!

Meu telefone tocou e era Domenico. No casamento, eu tinha prometido que faria uma chamada de vídeo com ele para mostrar a Giovanna. Ele comentou que seria melhor que eu falasse com Manuela primeiro antes de marcar um encontro entre os dois. Para ser sincero, acho que Domenico estava meio receoso, mas eu tinha falado tanto dela no evento, que ele quase subiu no apartamento. Depois, pensou melhor e disse que esperaria o momento certo.

Ele tinha me ligado no melhor momento, talvez meu irmão pudesse me ajudar naquela missão, porque eu nem lembrava mais quais eram os passos.

— E aí, o que está fazendo?

— Tentando trocar uma fralda — choraminguei, fazendo-o rir.

— Cadê a Giovanna?

— Porra, isso é difícil pra caralho — resmunguei e ele gargalhou. — Você deveria vir aqui ajudar e aproveitar para conhecer a sua sobrinha.

— Essa pica aí é sua... — ele zombou. — Cadê ela?

Posicionei o telefone em cima da sua cabeça e Giovanna esticou os braços tentando pegar o aparelho, dando risada.

— Olá, Giovanna — meu irmão falou, todo cordial. — Tudo bom?

— Ela não vai te responder, seu idiota — lembrei, virando a câmera para mim e franzindo o cenho.

— Deixa eu ver a menina, inferno!

Suspirei e tornei a colocar a câmera apontada para ela. Mostrei o sinal que ela tinha no braço e era igualzinho ao meu, colocando meu pulso ao lado para que meu irmão comparasse. Depois, apoiei o celular na parede de modo que ele pudesse me ver.

— Ela é a nossa cara — Dom constatou, ainda parecendo um pouco chocado.

— A minha cara — corrigi, implicando com ele.

— Nós somos superparecidos!

— Não, sou muito mais gato que você.

— Vai achando, Dante... — meu irmão suspirou, apoiando uma das mãos no queixo. — Ela é... Ahn... Uma criança adorável.

Dei uma risada e fiz uma careta. Meu irmão era bem carinhoso quando éramos mais novos, mas quando tinha uns dezenove anos, depois que um dos seus namoros deu errado, ele começou a se fechar para o mundo. Domenico focou totalmente na sua carreira e supriu qualquer lado sentimental que tinha até extinguí-lo. Ele só demonstrava isso comigo ou com nossa mãe.

— Você pode dizer que ela é fofa — avisei.

— Ok, ela é. Eu... Acho... — Ele limpou a garganta e pareceu desconfortável, levantando-se do sofá. — Preciso ir.

— Espera, você deveria me ajudar aqui...

— Não dá, Dan. Preciso ir. Beijo.

E desligou.

— Seu tio é um inútil, Gio — falei, jogando o celular de lado.

Ela deu uma risadinha, abrindo e fechando as mãos. Eu analisei tudo à minha frente, repassando os passos que ela tinha me ensinado. Ok, primeiro era a pomada, certo? E depois o talco. Ou era ao contrário?

Não, seria idiotice colocar o talco antes da pomada.

Abri um vídeo no YouTube e comecei a fazer exatamente o que eles estavam falando, mas percebi que o frasco do talco era diferente. No momento em que tentei abrir, acho que usei força

demais, então uma rajada de pó acertou o meu rosto e o restante caiu no chão, sujando tudo.

Gio gargalhou.

— Está achando engraçado? — Ela riu mais ainda, balançando as perninhas.

Respirei fundo e antes mesmo que eu pudesse terminar de soltar o ar, ouvi batidas na porta. Passei uma toalha no rosto, peguei Giovanna no colo e fui em direção à sala.

— Por Deus, o que aconteceu com você? — Guilherme perguntou, entrando no apartamento e dando risadas ao ver meu estado.

— Definitivamente não sei trocar fraldas — afirmei.

— Pra começar, o talco é pra colocar nela, não pra você comer. — Ele gargalhou e eu levantei o dedo do meio perto do seu rosto. — Vamos, vou te ajudar.

Ele me explicou mais de uma vez e mostrou que eu deveria ter girado o recipiente do talco e não tentado puxar.

— Maria Manuela te mandou vir aqui, não foi? — perguntei depois de um tempo.

— Não... — ele estava mentindo. — Apenas vim pegar uma blusa pra Julia.

— Corta essa Guilherme, tenho certeza que ela te mandou aqui. Mas tudo bem, estava a ponto de surtar depois de ter cheirado tanto talco — admiti, fazendo-o rir.

— Eu demorei pra pegar o jeito das coisas e Manuela também. Julia explicou muita coisa pra gente, ela sempre soube o que fazer — comentou com um olhar meio aéreo. — Precisa de alguma coisa?

— Acho que não, mas obrigado pela ajuda... De verdade — falei um pouco sem graça. — Estou tentando me conectar com ela.

— Fique tranquilo, Dante, as coisas vão dar certo — Guilherme afirmou em um tom solidário.

— Eu realmente estou tentando... Com a Manuela, quero dizer. Mas é difícil, principalmente conversar, porque ainda estou com raiva do que ela fez — desabafei.

Sabia que Guilherme não era meu amigo nem nada do tipo, mas aparentemente, ele era a única pessoa com quem eu poderia

falar sobre o que estava acontecendo. Quer dizer, eu tinha o meu irmão, mas Dom não conhecia direito a Manuela e também não era seu fã. E bem ou mal, Guilherme havia me ajudado com ela antes e a entendia melhor do que qualquer pessoa.

— Dante, tente não pensar demais no passado, se você se apegar a isso, vai ser difícil a convivência entre vocês. De qualquer forma, caso precise de ajuda com essa história de ser pai... — Ele deu uma risada. — Ou apenas conversar, pode contar comigo. Gio é minha afilhada e quero que ela seja feliz.

— Obrigado. Talvez eu precise — disse, por fim.

E quando ele foi embora, tive a impressão de que talvez as coisas fossem finalmente começar a se ajustar.



*Ei, Jude, não piore as coisas  
Escolha uma música triste e melhore-a  
Lembre-se de deixá-la sob sua pele  
Então você começará a ficar melhor*  
:: HEY JUDE - THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

A noite anterior havia sido estressante, mas graças a Deus nada tinha acontecido ainda. Havia risco de vazamento de óleo, mas a embarcação foi rebocada e os reparos já estavam sendo feitos.

Cheguei no apartamento quase de madrugada e percebi que Dante não estava na sala e minha filha também não estava no berço. Meu coração deu uma leve acelerada, mas quando abri a porta do quarto de hóspedes, vi Giovanna deitada sobre seu peito, subindo e descendo lentamente, de acordo com sua respiração. Os dois estavam dormindo, claramente exaustos, e Ringo também estava em cima da cama, com a cabeça apoiada em uma de suas pernas. Os cabelinhos dela estavam presos em quatro tufinhos de cabelo tortos e eu dei uma risada da cena.

E na manhã seguinte, quando eu acordei, Dante já tinha deixado o café na cafeteira. Havia também um bilhete em cima da

bancada dizendo que ele me encontraria no trabalho, porque precisava resolver um problema.

Notei alguns olhares quando passei pelo salão em que ficavam os demais funcionários antes de chegar até a minha sala e cheguei a me perguntar se estava com a roupa ao contrário ou se havia algo preso no meu cabelo.

Meu celular apitou no momento em que fechei a porta do meu escritório.

Gui: Abre o site da QueenG!

Gui: Manu?

Gui: Cadê você?

Meu coração disparou e eu corri até o meu computador, digitando as letras tremendo, já imaginando o que estava por vir. Abri o site e fiquei imóvel, fitando as letras juntas que formavam o título da mais nova manchete de Samuel Medici<sup>[8]</sup>.

## **AMOR, ÓDIO E ÓLEO A NOVA HERDEIRA SECRETA “ECOLOGICAMENTE INCORRETA” DA PETROLIO.**

**Por Samuel Medici.  
17 de julho de 2023.**

“Começando a segunda-feira da melhor forma: com uma notícia chocante que mais parece um enredo de novela mexicana. Aparentemente, a *Petrolio* não está deixando rastros apenas na Baía de Guanabara. O herdeiro da petrolífera que foi responsável por quase extinguir os botos cinzas fez uma outra herdeira que com certeza não precisará trabalhar até seu último dia de vida.

Bem sabemos que Deus tem seus escolhidos. O curioso fato que ninguém imaginava é que a mãe da criança é ninguém menos do que Maria Manuela Guerra, advogada e ativista ambiental que já ganhou diversos prêmios em defesa do meio ambiente e está constantemente em embates com a empresa.

O príncipe do petróleo, que sempre ostentou sua fortuna gerada pela exploração desenfreada de recursos naturais, finalmente se conectou com a consciência ambiental que sempre buscou exterminar (mas não da forma como nós gostaríamos). E a advogada fervorosa, que diariamente combate os grandes nomes responsáveis pela destruição da natureza, literalmente dormiu com o inimigo.

Ah, o amor é mesmo imprevisível! Uma ironia tão agradável quanto o derramamento de petróleo em alto-mar!

Como será que as longas conversas sobre os mariscos em extinção evoluíram para “Vamos popular a terra mais um pouco”? Ou talvez tenha sido um simples deslize depois de uma briga que saiu do controle? Eu, melhor que ninguém, entenderia a segunda opção.

Uma das famílias mais tradicionais e elitistas do Rio de Janeiro, os Perazzo, sempre manteve suas uniões dentro do Círculo de Ouro, nunca se misturando com reles mortais como nós. O herdeiro mais novo, entretanto, quebrou os paradigmas da sociedade, escolhendo como mãe da sua filha a maior inimiga da empresa do seu pai.

Que rebeldia é essa, jovem?

Após tantas reflexões, eu me pergunto se Dante Perazzo irá investir na criação de um parque eólico no quarto da criança. E deixo também um outro questionamento a ser feito: Será que ela irá crescer com um coração dividido entre o ativismo e a ganância? Seja qual for o desfecho, estaremos acompanhando todas as reviravoltas do que parece ser uma comédia romântica bizarra escrita por alguém sem bom senso algum.”

Sentia minha cabeça pesada, pulsando sem parar. Aquilo só poderia ser um pesadelo. Meu sangue parecia estar entrando em ebulição e eu estava pronta para explodir.

Abri a matéria no meu celular e saí do meu escritório pisando forte. Passei por Deusa, que me olhou assustada, e fui abrindo a porta da sala de Dante como um furacão.

— Você é um babaca, sabia? — gritei, jogando o celular em cima dele. — Qual é o seu problema? Por que fez isso?

— Acabei de ler a matéria e eu não fiz nada, Maria Manuela. Está louca?

— Claro que fez! — afirmei, olhando-o furiosa. — Ninguém mais sabia sobre a Giovanna, ninguém sabia sobre você ser o pai dela e agora que apareceu, a mídia simplesmente descobriu? — perguntei em um tom irônico. — Isso tudo é uma forma de me prejudicar pra ficar com ela?

— Não falei com jornal nenhum! — exclamou, irritado. — E muito menos falaria algo pro babaca do Medici.

— Me poupa, Dante! Quem mais falaria?

— Contei sobre a Giovanna para Marlon. Ele pode ter dito algo — respondeu de maneira sugestiva.

— Ele não teria motivos pra fazer isso. Além do mais, somos amigos — retruquei, sem paciência.

— Você não conhece o Marlon. — Ele deu uma risada de desdém.

— Mas eu conheço você muito bem, Dante — afirmei, com fogo nos olhos. — Você é uma cobra sorrateira assim como as pessoas da sua família. É isso que quer? Começar uma briga com a mídia pra ver quem eles apoiam? Porque você e sua família têm um histórico péssimo.

— E você acha que você tem uma ótima imagem, não é, Maria Manuela? A boazinha, a perfeita defensora do meio ambiente. Talvez eles devessem mesmo tomar ciência de quem você é. Como ficaria sua imagem quando soubessem que escondeu minha filha de mim esse tempo todo? — indagou de forma cruel.

E ele realmente achava que eu acreditaria que ele não estava envolvido? Eu sabia, era muita idiotice achar que Dante Perazzo era diferente do cara que conheci no passado. Talvez ele tivesse tudo arquitetado, talvez até mesmo estivesse trabalhando aqui como, sei lá, um agente infiltrado!

— Você não diga uma palavra sobre isso! — avisei, levantando o dedo em sua direção.

— Não está em posição de me exigir nada. Pode sair da minha sala? — ele retrucou e voltou a olhar para os papéis à sua frente.

Minha mente parecia transbordar com tantos pensamentos e eu sentia tanta raiva que era capaz de quebrar todos os móveis da sala na cabeça dele. Bufei e saí do escritório batendo a porta com força e quando voltei, Guilherme estava na minha sala, sentado no sofá.

— Acabei de ler a matéria — ele disse, com a plenitude de um Buda.

Como ele estava calmo assim, porra?

— O que eu faço, Gui? — perguntei, indo até ele, deixando com que as lágrimas rolassem dos meus olhos. — A hora que souberem que eu escondi a Giovanna dele, vai ser uma merda federal. Se tomar proporções gigantes, isso pode me prejudicar. Será que foi tudo calculado? Será que era a intenção desse idiota desde o início?

— Manu, você está nervosa, sequer está conseguindo raciocinar. — Meu melhor amigo passou os braços sobre meus ombros e me abraçou. — Qual sentido faria ele ir morar na sua casa pra tentar tirar a sua filha de você?

— Sei lá, Guilherme! Ele pode apenas estar querendo ficar perto dela... Não sei. — Funguei, limpando o rosto com as costas das mãos.

— Você precisa parar de deixar suas emoções tirarem o seu bom senso quando o Dante está envolvido. Eu nunca te vi assim, você não é essa pessoa!

— Ele é o culpado, é ele que me deixa assim!

— Não tome nenhuma decisão precipitada — pediu, segurando minha mão. — Vou falar com ele para também não falar nada com a imprensa até que a raiva de vocês diminua e consigam conversar como duas pessoas normais. Meu Deus, eu sinceramente não sei o que fazer com vocês, é como lidar com dois adolescentes!

Assenti com a cabeça, tentando me acalmar e ele ficou ali, abraçado comigo, penteando os meus fios com as mãos e me garantindo que tudo ficaria bem. Ainda assim, parecia impossível organizar as minhas ideias, ser coerente.

— Senhorita Guerra, o doutor Fazano quer vê-la — Deusa avisou após bater na porta.

Limpei o rosto e Guilherme se despediu de mim, cumprimentando Julio enquanto passava.

— Manuela, vi as matérias que estão saindo. Não fazia ideia de que Dante era o pai da Giovanna. Meu Deus, isso parece um filme. — Ele deu uma risada um pouco sem graça e eu retribuí da mesma forma. — Bem, não sei por quais motivos esconderam essa informação, mas era algo que deveria ser reportado ao RH.

— É complicado, Julio... Entre nós dois, quero dizer — confessei, suspirando, cansada. — Estou envergonhada, eu não podia dizer... Eu não tenho nada com ele, não estamos juntos nem nada do tipo, apenas dividimos o mesmo apartamento.

— Manuela, você não precisa me explicar nada além — ele me interrompeu. — Sua vida pessoal é somente sua. Você é uma das melhores funcionárias aqui do escritório e eu não vou fazer disso um problema... Ainda que tivessem alguma relação, não é contra a política da empresa e sei que é profissional o suficiente para separar as coisas. Passei aqui só para dizer que pode contar comigo para o que precisar e que já proibí que qualquer jornalista entre no prédio.

— Obrigada por isso, Julio — respondi, completamente agradecida. — Preciso pensar em como vou lidar com tudo. Nunca quis que a Giovanna passasse por essa exposição.

— Eu entendo e sinto muito por isso ter vazado — falou com um olhar solidário. — Se precisar de alguns dias de folga...

— Obrigada, mas não é preciso.

O dia pareceu não ter fim. Eram mensagens atrás de mensagens, *e-mails*, recados. No caminho para o almoço, diversos funcionários do escritório me pararam para comentar que não faziam ideia de que Dante era o pai da minha filha.

Estava me sentindo sufocada, impotente e nem mesmo conseguia organizar meus pensamentos. Passei na casa da minha mãe no final do meu expediente e conversei com ela, o que foi bom para que eu acalmasse o meu coração.

Quando cheguei em casa, Dante estava na cozinha comendo alguma coisa e não trocamos uma única palavra de imediato. Nossos olhares se cruzaram por alguns segundos enquanto o silêncio reinava no local.

O clima era apenas... Pesado demais.

— Pode fazer suas coisas que fico com ela — disse em um tom seco, quebrando o contato visual e indo até o tapete brincar com Giovanna.

Suspirei fundo e suprirei a vontade de chorar. Não queria ter voltado para casa, não tinha vontade alguma de estar no mesmo ambiente que ele.

Não havia muita escolha, entretanto. Havia concordado com aquele absurdo e eu não costumava desistir das coisas que me propunha a fazer. Além disso, minha filha estava se conectando com ele e Giovanna era a coisa mais importante da minha vida.

Então, eu engoliria o meu orgulho e aceitaria dividir o meu espaço com a serpente maldita.



*Muitas vezes, eu fiquei sozinho  
E muitas vezes, eu chorei  
De qualquer forma, você nunca soube  
O quanto eu tentei*

:: THE LONG AND WINDING ROAD - THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

Uma semana e meia havia se passado e todos os dias que se seguiram foram absurdamente insuportáveis. A mídia não saía de cima de nós dois e eu e Dante só conversávamos o mínimo, porque ainda estávamos com raiva um do outro e nossos diálogos se resumiam à rotina da Giovanna.

O final de semana havia sido péssimo, eu decidi passar a tarde de sábado quase toda na pensão e pelo visto ele foi fazer alguma outra coisa, porque chegou no apartamento algumas horas depois de mim. No domingo, quando acordei, ele avisou que faria as compras para a semana e acredito que essa foi nossa maior interação, pois nunca passávamos muito tempo juntos no mesmo cômodo.

Tudo bem que eu não queria discutir com ele naquele momento, que ainda estava com raiva e sabia que quando começássemos a falar, daria merda. Era muita coisa acumulada,

muitos sentimentos sendo suprimidos. Entendi que o silêncio era algo mais lógico até que os ânimos se acalmassem.

Até mesmo no trabalho, eu pedia que minha secretária tivesse a maior parte das conversas com ele. Havíamos tido poucas reuniões e tentei mantê-lo o mais ocupado possível com relatórios que não precisassem de muita explicação.

A única coisa que Dante havia me comunicado era que iria jantar com sua mãe e seu irmão no dia de hoje e, portanto, chegaria mais tarde. Não que eu tivesse a mínima curiosidade, até preferia que sua agenda estivesse lotada de diversos compromissos e ficasse mais tempo ainda longe de mim. Estava estressada, tendo que fugir da mídia e precisando aturar pessoas do trabalho sendo bem indiscretas, fazendo perguntas sobre minha vida pessoal.

Em contrapartida, Julia passou horas listando motivos para que eu saísse daquela bolha que tinha criado. Depois de muitos argumentos, ela me venceu pelo cansaço e me convenceu a encontrar Marlon, avisando que ficaria com a Giovanna até a hora que eu voltasse.

Eu juro que tentei lutar contra, mas a minha semana estava sendo horrível e me rendi porque precisava de uma distração. Marlon havia me chamado para jantar, então, aqui estava eu, em um barzinho de Coroa do Sul, porque, de acordo com ele, não havia a menor chance de alguém me encontrar ali.

Logo quando a matéria saiu, ele veio falar comigo e disse que entendia o fato de eu não ter dito nada sobre Dante ser o pai da Giovanna e que ficaria feliz de conhecê-la quando fosse a hora. Também me prometeu que não iríamos falar disso, porque eu não parecia preparada.

Como Dante ainda podia afirmar que aquele homem havia contado para a mídia? Ele estava sendo uma pessoa incrível. Na verdade, era a única pessoa, além do meu círculo de amigos e famílias, que não estava desesperado por algum tipo de informação, o que pesou bastante para que eu aceitasse aquele encontro.

Nós comemos alguns petiscos e provamos alguns *drinks* diferentes do cardápio, havia um que parecia um unicórnio ambulante. O que mais me chamou atenção no bar inteiro, entretanto, foi o *barman*, que era simplesmente uma das coisas

mais lindas já criadas por Deus. Ele tinha uma tatuagem do Baby Yoda atrás do triângulo do *Pink Floyd* e eu me perguntei se o universo estava me mandando algum sinal, porque eu adorava *Star Wars* e aquela banda.

Pelo amor de Deus, Manuela, você estava em um encontro! Precisava focar no gostoso que estava sorrindo do outro lado da mesa.

Desisti da minha paixonite pelo *barman* cabeludinho e me perdi nos olhos castanhos do homem à minha frente. Marlon era bem bonito, com sua pele bronzeada, os cabelos pretos e ombros largos. E o melhor: ele beijava muito bem.

Como ainda estava cedo, ele me convidou para tomar um café em sua casa. Sabia bem o que aquilo significava e também tinha noção do que eu queria e precisava. Marlon era divertido, atraente e talvez ele fosse uma boa opção para um futuro namoro. De alguma forma, eu me sentia confortável com ele, as coisas eram fáceis.

Logo quando entramos pela porta, Marlon me encarou por algum tempo e me beijou, colando seu corpo no meu. Suas mãos deslizaram pela minha cintura e subiram enquanto beijava meu pescoço. Os lábios passeavam pelos meus, voltavam para o meu ombro e percebi que aquilo estava devagar demais.

Não tinha certeza se ele estava achando que eu só estava ali para beijar na boca, mas tratei de deixar claro que não, quando comecei a tirar o nó da sua gravata, feliz pelas doses extras de álcool que sempre acabavam com a minha inibição. E só então ele se tocou e começou a tirar minha roupa.

Marlon estava animado, sem sombra de dúvidas e eu também, afinal, fazia tempo que eu não transava com alguém que não fosse Dante, mas meu corpo não parecia reagir da mesma forma.

Eu tentei, durante todas as preliminares, desesperadamente desligar a voz que gritava na minha cabeça de que a nossa química não chegava aos pés da que eu tinha com aquele loiro insuportável, mas foi difícil.

Será que o babaca tinha feito um feitiço para mim? Será que tinha me amaldiçoadado de alguma forma? Que merda estava

acontecendo, porra? Por qual motivo eu não estava excitada como deveria?

Não, sem condições. Dante não ia estragar o sexo para mim.  
Eu precisava ter uma boa foda.  
Eu iria ter uma, estava decidida e daria tudo de mim.  
Eu merecia isso, inferno!



Não gozei.

Foi rápido, frustrante e senti ainda mais raiva por isso. Quer dizer, pelo visto havia sido ruim somente para mim, porque Marlon parecia ter gostado demais. Aquilo não fazia o menor sentido, uma vez que na época dos Jogos Jurídicos ouvi algumas meninas comentando que ele transava bem. Ele, Dante e alguns meninos que andavam com eles tinham uma fama, mas, aparentemente, ela só se aplicava a um deles.

Que ódio!

Talvez fosse apenas pelo momento, por toda carga de estresse que eu estava vivendo. Sexo de primeira nem sempre era ótimo, certo? Dante era uma merda de uma exceção.

Eu e Adriano havíamos demorado um tempo para ajustar, descobrir o que o outro gostava para então ser prazeroso. Com alguns outros caras que transei também não havia sido muito bom de primeira...

*Com Dante, entretanto... As duas vezes que transamos foram ótimas.*

Foda-se! Foda-se a merda do Dante, aquele arrogante insuportável.

Era isso, tudo que eu precisava era dar mais algumas chances e com certeza as coisas ficariam melhores.

Quando olhei para o relógio, avisei que precisava ir embora. Confesso que poderia ter ficado para uma nova tentativa, mas estava um pouco desanimada para isso. Talvez fosse melhor tentar

em um outro momento em que minha cabeça estivesse um pouco menos abarrotada.

— Nos vemos amanhã — ele disse, dando um beijo rápido nos meus lábios quando me levou até a porta.

— Amanhã? — perguntei, confusa, porque não lembrava de termos nenhuma reunião.

— No *Happy Hour* de comemoração do aniversário do Fausto — ele lembrou e eu bufei.

Havia me esquecido completamente de que era aniversário dele e que iriam comemorar em um bar. Eu não tinha muita paciência para esse tipo de evento e costumava inventar alguma desculpa para não ir, mas faltar àquele aniversário em si seria complicado porque todos estariam lá.

— Certo. Nos vemos lá — afirmei, dando um sorriso.

— Gostei muito de hoje, precisamos repetir — sugeriu, passando a mão pelo meu rosto e eu concordei com a cabeça, sentindo minhas bochechas esquentarem.

Dei um outro beijo nele e pedi um *Uber* para a casa de Guilherme e Julia. As crianças já estavam dormindo e Julia me puxou para a cozinha, querendo saber como o encontro havia sido, enquanto meu melhor amigo ria da situação e voltava a ler seu livro.

— Ah, Julia, não foi nada demais — suspirei, nem tentando esconder o quanto estava frustrada.

— Porra, você não transou de novo? — indagou, perplexa.

— Transei, mas não foi nada de outro mundo.

— O loirinho babaca realmente estragou o sexo pra você, hein? — concluiu, abafando as risadas e eu a olhei com ódio.

— Ele não estragou nada, Julia. Claro que não. Até parece que eu ficaria pensando nele. Foi só uma questão de ajustes. Às vezes, essas coisas demoram a acontecer — informei e ela fingiu concordar, olhando-me com desdém.

— Você não comparou nem um pouquinho, então? — insistiu, com um sorriso vitorioso nos lábios.

— Nossa, Julia, você é insuportável. Não sei qual a graça que vê na minha infelicidade — resmunguei e ela soltou um gritinho, feliz por estar certa.

— Eu sabia! Mas a culpa disso é só sua. Não devia ter transado com ele de novo, agora a lembrança está bem mais vívida. É impossível não comparar — disse em um tom meio dramático, dando risadas.

— Sei disso, Julia, não precisa me lembrar — retruquei, irritada. — E eu não transei com ele de novo porque eu quis... Quer dizer, não exatamente.

— Ah não?

— Não, eu estava fora de mim, ok? É difícil pensar com ele tão perto — tentei me justificar, mexendo as mãos. — Fui inundada com aquelas imagens todas da noite em que transamos e eu estava na seca há longos meses! Uma mãe exausta não pode cometer erros a ponto de nem se lembrar que tem a filha do cara que odeia porque ele está com a boca próxima demais?

Ótimo, agora eu estava excitada lembrando do pau dele contra o meu corpo dentro do meu escritório.

Um pensamento. A porra de um pensamento me deixou mais molhada do que um cara me chupando. Qual era o meu problema?

Julia estava dando risadinhas, divertindo-se com minha desgraça, aquela sádica ridícula.

— Vou embora antes de te agredir — avisei e ela colocou a mão no peito, fingindo estar muito ofendida com meu comentário e logo depois explodiu em gargalhadas.



*Dante Perazzo*

O jantar com minha mãe e Dom havia sido um pouco frio e desconfortável. Nós havíamos optado por ir a um restaurante e ela passou a maior parte do tempo resmungando sobre a matéria do

jornal e como aquilo estava afetando a família. Disse que meu pai a estava culpando pelo “meu erro” e eu tentei não me exaltar.

Pedi que ela me encontrasse em algum lugar para conhecer a Gio e por mais que eu tenha notado um leve momento onde suas expressões pareceram oscilar, rapidamente seu rosto se fechou e ela continuou dizendo que não podia trair meu pai daquela forma.

Eu conhecia minha mãe, sabia que ela estava curiosa, que queria conhecê-la. Percebia pelo jeito que ela organizava as frases das perguntas, tentando descobrir mais um pouco sobre a garota. Além disso, sempre foi o sonho dela ter netos, mas Paola Perazzo não conseguia contrariar seu marido, não era capaz de enfrentá-lo.

De qualquer forma, contei um pouco sobre as minhas experiências com ela e meu irmão também mencionou que a tinha visto por vídeo. Dom achou melhor esperar que a poeira baixasse até que ele pudesse conhecer a Giovanna pessoalmente. Em alguns momentos, os lábios da minha mãe formavam um leve sorriso, mas em seguida se comprimiam. Eu sabia que era difícil para ela, uma luta interna entre seu coração e todos os valores que havia aprendido durante tantos anos pertencendo a uma família tradicional.

Não ficamos juntos muito tempo, então voltei para o apartamento e fiquei algumas horas sentado na sala, lendo um livro. Tentei ligar algumas vezes para saber onde elas estavam quando percebi que já estava tarde.

Um sentimento de desespero que eu nunca tinha experimentado antes começou a rastejar pela minha coluna, enredando-se pelas minhas vértebras. A preocupação deu as caras e uma infinidade de pensamentos ruins inundaram minha mente. Ela não tinha me avisado que iria demorar tanto. Será que alguma coisa tinha acontecido com elas?

O sentimento de não saber era horrível.

Ela deveria ter me dito que tinha algum compromisso e me avisado de que levaria minha filha junto, certo? Afinal, eu havia contado a ela sobre o jantar com a minha mãe e Domenico. Por mais que não estivéssemos nos falando, era o mínimo.

Certo?

Peguei o celular e comecei a vasculhar os sites de notícias, procurando algo sobre acidentes na Barra ou Recreio. Será que eu deveria pegar o carro e ir até a pensão da mãe dela? Abri algumas gavetas, procurando as porras dos contatos que ela tinha anotado.

Por que infernos eu não salvei na merda da minha agenda?

Meu coração estagnou no meu peito quando a porta se abriu e Manuela franziu o cenho, parecendo surpresa ao me ver esbaforido perto de uma mesinha com alguns papéis nas mãos. Olhei para a neném no seu colo, em um sono profundo.

— Onde estavam?

— Eu saí. Achei que fosse jantar com sua mãe — respondeu, pendurando sua bolsa perto da porta.

— Sim, e jantei pelo menos umas 3 horas atrás.

— Ahn... Eu... Tive um compromisso... — Seu rosto ficou um pouco vermelho. — Achei que você iria demorar.

— Poderia ter me avisado, não é? Ou pelo menos atendido o celular.

— Minha bateria acabou.

— Porra, Maria Manuela! — bufei, irritado, tentando manter meu tom de voz baixo. Fui até o meu quarto, pisando firme e peguei um carregador portátil, empurrando-o nas suas mãos. — Vê se anda com isso na bolsa, por favor. Achei que tivesse acontecido algo com vocês!

— Achei que chegaria antes de você — ela suspirou, sem paciência.

— Não adianta nada morarmos na mesma casa, quando estou tentando me fazer presente na vida da minha filha, se você me deixa totalmente de fora sobre onde ela vai estar.

— Ok, Dante. Já entendi. Da próxima vez eu vou te avisar — ela respondeu de má vontade. — Vou colocá-la no berço. Boa noite.

Depois de alguns minutos, fui até o quarto da Giovanna e fiquei encostado de braços cruzados no batente da porta, observando-a enquanto dormia. O cômodo dava uma visão lateral para o quarto de Manuela e havia uma pequena fresta aberta.

Foi impossível não olhar quando ela atravessou o cômodo, aparecendo no meu campo de visão, apenas de calcinha e sutiã, distraída, fazendo um coque nos cabelos.

Respirei fundo. Era irritante o quanto ela era linda.

Chacoalhei a cabeça e saí dali. Deitei na minha cama tentando tirar aquela imagem da cabeça. Era difícil não lembrar dos beijos, dos toques, do gosto daquela mulher desagradável.

Havia sido difícil durante tantos meses, mesmo longe dela, esquecer aquela noite no chalé da monitoria. Seria ainda pior afastar aqueles pensamentos morando embaixo do mesmo teto que ela. E não ajudava nem um pouco o fato de termos revivido aquilo há alguns dias, antes mesmo de saber sobre a existência da Giovanna.

E só de lembrar, a raiva novamente tomava conta de mim. Era um misto de sentimentos: ódio e desejo, que ficavam se alternando toda vez que alguém dizia seu nome ou que eu olhava para ela.

Como uma única pessoa era capaz de ter tanto efeito sobre mim?



*Eu disse, ei! (Ei!)  
Você! (Você!)*

*Cai fora da minha nuvem*

**:: GET OFF OF MY CLOUD - THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

O bar estava lotado de funcionários do Fazano Advogados. Era aniversário do Fausto, com o qual eu mal tinha alguma relação, mas não havia outra alternativa além de comparecer ao evento. Estava naquele cargo há pouco tempo e Manuela era basicamente o meu único contato lá dentro. O homem havia aparecido em apenas uma das minhas reuniões com ela e trocado meia dúzia de palavras comigo, mas ainda assim, era meu superior.

Avistei Guilherme sentado na bancada do bar de papo com mais alguns advogados e a secretária Deusa estava em uma mesa conversando com outras mulheres que eu nunca tinha visto.

Nenhum sinal dela.

Pedi um uísque e alguns minutos depois, Marlon apareceu, acomodando-se ao meu lado em uma das cadeiras do balcão.

— Dante, Dante... Já está enturmado? — perguntou, dando uma risada e passando os olhos pelo local.

— Não muito — respondi, sem muita vontade. — Marlon, você contou a alguém sobre a Giovanna, não contou?

Ele ergueu uma das sobrancelhas e na mesma hora começou a balançar a cabeça em diversas negativas.

— Não comentei com ninguém — mentiu, olhando para o copo.

Eu sabia quando Marlon mentia. Fizemos faculdade juntos e fomos amigos por anos, então conhecia bem suas formas de encobrir a verdade. O imbecil ficava nervoso e sempre desviava o olhar do meu.

— Marcella disse que te mandou uma mensagem. Conversou com ela? — ele mudou de assunto rapidamente.

Não adiantava insistir. Ele continuaria mentindo.

— Não tive tempo para responder. — Soltei o ar, cansado.

— Acho que ela ficou meio chateada com essa história de você ter uma filha, mas aposto que está com saudades. Você sempre sabe como convencê-la a ficar bem com você. — Ele deu um sorriso malicioso, dando com o cotovelo no meu braço.

Chateada não era bem a palavra, Marcella estava completamente transtornada. Mesmo que estivéssemos distantes durante tantos meses, ela ainda achava que, de alguma forma, ficaríamos juntos em algum momento. Era exaustivo.

Havia mandado diversas mensagens no dia seguinte da matéria e até mesmo um *e-mail* exigindo uma explicação para “toda essa palhaçada” e dizendo que eu tinha que ir até seu apartamento urgente. Era a última coisa que queria fazer, no entanto. Lidar com Marcella era cansativo, porque ela sempre focava em relembrar o passado, o nosso relacionamento desastroso, além de tentar insistir em construir um futuro que sempre deixei claro que nunca existiria.

Confesso que a procurei algumas vezes, durante o tempo que estive viajando, quando retornava para o Rio de Janeiro. Em especial quando a vontade de bater na porta de Maria Manuela chegava perto de me dominar.

Por mais que ela não fosse o que eu queria, de alguma forma, era o bastante para que eu continuasse contido. Depois que terminamos, deixei claro que não queria continuar um namoro e muito menos casar. Eu não gostava dela, então, Marcella sempre

soube que a única relação que teríamos seria sexo. Nunca escondei isso dela.

Era o que eu podia oferecer e ela aceitava.

Ainda assim, em alguns momentos, ela se deixava levar pelo sentimento que nutria por mim, mesmo que eu nunca tivesse incentivado. E por causa de toda essa insistência que eu havia parado de procurá-la há alguns meses.

Manuela entrou pela porta do bar alguns segundos depois. Havia trocado de roupa, porque agora usava um vestido azul-marinho colado ao corpo, realçando suas curvas, com um decote pequeno em V, mas o suficiente para deixar os homens do local curiosos.

Ela chamava atenção de todos enquanto ia andando pelo lugar, sorrindo e cumprimentando as pessoas pelo caminho. Ela parou e ficou algum tempo conversando com algumas advogadas, mas ainda estava no nosso campo de visão.

— Se eu soubesse que ela ficaria gata assim, teria investido nela na época da faculdade — Marlon comentou, dando uma risada e eu revirei os olhos.

— Ela namorava o Adriano, Marlon. Certamente não iria querer nada com você — lembrei, tomando um grande gole do meu uísque.

— Eu casaria com ela — suspirou e respiro fundo para não mandar o idiota tomar no meio do cu. — Só de pensar em transar com essa mulher todo dia... Ela é sensacional. — Ele deu uma risada. — Acho que sabe do que estou falando.

Como assim eu sabia do que ele estava falando?

Ele tinha transado com ela?

Quando?

Senti meu estômago embrulhar só de pensar naquela possibilidade.

— O que está dizendo? — perguntei, começando a me irritar com a resposta que ele daria.

— Estou dizendo que ela fode bem pra caralho e é claro que você sabe disso, afinal, pra fazer uma filha você precisa trepar. — Ele gargalhou, mostrando todos os dentes, que eu estava me segurando para não quebrar.

— Transou com ela? — perguntei, moendo meus dentes na boca.

— Ontem — comentou, distraído, e eu virei o uísque praticamente todo.

Ontem! Eu estava preocupado achando que poderia ter acontecido alguma coisa com a Giovanna enquanto ela estava dando para o meu colega de faculdade!

Não sabia do que tinha mais raiva, se era isso ou pelo fato do filho da puta estar fazendo com ela algo que eu desejava fazer. Porra, eu era um idiota! Como ainda conseguia pensar nisso? Ela tinha mentido para mim, caralho.

Escondido uma filha de mim!

Sentia o ódio emanando por cada parte do meu corpo, fervilhando e incendiando todas as minhas células. Eu sabia que precisava canalizar toda fúria e seguir em frente, mas parecia impossível quando eu recebia informações como aquela.

— Ela acabou comigo... — contou, dando uma risada.

— Você podia guardar seus comentários pra você, não é, Marlon? — retruquei de forma ríspida.

— Está incomodado, Dante? — ele perguntou com um tom debochado. — Sempre falamos de mulheres na faculdade. Lembro, inclusive, que a gente dava notas para elas. Manuela com certeza seria um 9.

Ainda que eu não fosse mais o cara babaca que resumia mulheres a números, chegava a ser incômodo que ele dissesse que Maria Manuela era um 9. Para mim, ela era um 10, sem sombra de dúvidas.

— Não estamos mais na faculdade, Marlon. Não somos mais adolescentes e esse tipo de coisa é machista pra caralho — afirmei, virando outra dose de uísque.

— Está com ciúmes? Achei que não rolasse nada entre vocês... — ele questionou em um tom divertido, ao ver minha expressão claramente incomodada.

— Marlon, não quero saber! Vai continuar insistindo nessa merda? — respondi, com raiva.

— Está com ciúmes! — ele concluiu por fim, dando uma risada.

— Já chega! Não tenho interesse em ouvir, caralho! Até porque, se formos realmente falar sobre vocês dois, eu te garanto que a Manuela não vai gostar de saber nem um pouco que foi você que contou pra mídia sobre a Giovanna — avisei em um tom ameaçador e ele fechou a cara.

— Você não tem como provar que eu disse nada pra ninguém — respondeu, seco.

— É mesmo? — Dei uma risada. — Parece que você se esquece de quem eu sou. Não teste minha paciência, Marlon.

— Que tipo de relação vocês têm, afinal, Dante? — ele perguntou, parecendo irritado.

— Não é da sua conta — retruquei, bebendo mais um gole do uísque e sentindo minha garganta queimar.

Que se foda!

— Ei! — Ela se aproximou de nós dois com um sorriso no rosto e me fitou nos olhos, um pouco apreensiva.

Nós concordamos que não iríamos deixar transparecer para as pessoas que estávamos tendo conflitos.

Marlon passou a mão pela sua cintura de uma forma discreta e ela virou o rosto quando ele foi cumprimentá-la, afastando-se dele imediatamente com o rosto corado.

— Estava aqui contando para Dante sobre nosso encontro ontem. — Ela pareceu sem graça, colocando uma das mãos na nuca e dando uma risada fraca.

Eu a olhava com ódio e Manuela percebeu.

— Vocês não têm nada melhor pra falar, não? — indagou, tentando mudar de assunto.

— Manuela, que horas vamos buscar a Gio? Não quero abusar da hospitalidade da sua mãe, afinal, a filha é nossa — lembrei com um leve tom de ironia.

Estava com raiva e, de alguma forma, queria que Marlon se incomodasse com qualquer relação que achava que tínhamos. Eu tinha certeza que ela não havia contado nada para ele.

Primeiro, porque Guilherme havia me pedido para não me manifestar com qualquer pessoa sobre nossa situação e segundo, porque ele pareceu curioso e aborrecido demais quando perguntou que tipo de relação tínhamos.

— Dante, minha mãe sabe que vamos demorar um pouco mais. — Seu olhar era um pouco confuso.

— Seria bom chegarmos em casa antes dela dormir — falei e Marlon arqueou uma das sobrancelhas.

— Espera... Vocês moram juntos? — ele perguntou, perplexo, e ela abriu a boca e fechou, sem reação.

— Sim. — Dei um leve sorriso vitorioso, quando percebi que tinha atingido um nervo.

Que satisfação ver o arrombado daquele jeito. Era impagável.

— Achamos que seria melhor dessa forma pra que a Gio pudesse conviver com os dois — mentiu, lançando-me disfarçadamente um olhar ameaçador.

— Vocês não acham isso meio estranho? — ele indagou, olhando de mim para ela.

— O que tem de estranho? O fato de já termos trepado? — questionei com desdém, fazendo com que o rosto dela ficasse vermelho. — Somos dois adultos responsáveis criando uma filha juntos — retruquei e ela pareceu confusa, mas concordou e deu um sorriso falso.

— Por que não me contou que moravam juntos, Manu? — ele me ignorou, parecendo desconfortável e voltou a atenção para ela.

— Marlon, de verdade... Eu não estava com cabeça para falar sobre essas coisas. — Ela soltou o ar, cansada. — Estamos sendo perseguidos pelos jornais.

— Sim, somos relevantes, Marlon. Eu sou um Perazzo e ela é Maria Manuela Guerra, todo mundo quer saber um pouco mais sobre nossa família — comentei em um tom divertido.

Eu já estava um pouco bêbado e bastante entretido em deixá-lo aborrecido e ela sem graça.

— Dante, acho que você tem razão...

— Meu Deus, eu tenho razão? — Estreitei os olhos na sua direção e ela deu uma risada apreensiva. — Tem ideia da dificuldade que é essa mulher dizer que eu tenho razão?

— Também acho melhor irmos embora. Depois nos falamos, ok? — Manuela deu um beijo no rosto do Marlon e saiu depressa, puxando-me pela manga da camisa.

Ela saiu quase me arrastando pelo bar e eu acenei para o Guilherme, que nos olhava levemente confuso.

— Vamos buscar a Giovanna e precisamos conversar — avisou, séria.

Entramos em um *Uber* e fomos em silêncio por todo o caminho. O motorista me olhou em cumplicidade ao perceber que ela estava emburrada. Apenas encolhi os ombros e ele acenou, como se soubesse o que eu estava passando. O que era meio absurdo, porque nem eu sabia.

Ele encostou o carro e a Mônica abriu a porta, entregando a Giovanna para ela enquanto eu segurava as bolsas. Minha filha começou a sorrir, animada ao me ver, esticando os bracinhos para vir para o meu colo.

Manuela bufou e me entregou a garota, que apoiou a cabecinha no meu peito e começou a chupar o dedo, querendo dormir. Não demorou muito para que chegássemos no apartamento e toda a sua raiva nos acompanhou pelo trajeto, mas isso já era normal.

Ela colocou a Gio no berço, ficou um tempo no quarto e quando voltou para a sala, me encarou, respirando fundo.

— O que foi aquilo? — perguntou em um tom calmo.

— O quê?

— Achei que fosse dizer para as pessoas que escondi a Giovanna de você. Não foi por isso que contou para os jornais? — Ela cruzou os braços.

— Já disse que não fui eu quem falou nada pra jornal nenhum, Maria Manuela. Por qual motivo insiste nessa merda? — retruquei, soltando o ar sem paciência.

Ela piscou, não parecendo acreditar.

— Não acho inteligente contar para as pessoas que você não me contou sobre ela. Primeiro, porque não quero a mídia se metendo ainda mais na minha vida. Segundo, porque temos um trabalho para fazer com as modificações das leis e com certeza isso acabaria tendo alguma influência negativa. Somos pessoas públicas e é por isso que eu aceitei esse trabalho. — Ela me olhava quieta, concordando com a cabeça. — Terceiro, porque acredito que uma

guarda compartilhada é a melhor opção para nós três e não acho que brigarmos publicamente vai ajudar nisso.

— Então, acha melhor dizermos para os jornais que vivemos em perfeita harmonia? — ela perguntou com um pouco de desdém.

— Sim. Podemos dizer que criamos nossa filha juntos, que foi uma decisão nossa e optamos por não dizer nada para ninguém antes justamente para não expor a Giovanna — sugeriu.

— Certo. Isso me parece sensato. — Ela ficou um tempo pensativa. — E por que contou para Marlon sobre morarmos juntos?

— Era segredo? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Não, mas eu gostaria de ter contado pra ele — respondeu de má vontade.

— Fique tranquila, seu relacionamentozinho com ele não vai acabar por conta disso — disse em um tom irônico. — Ah, e seja mais responsável quando for sair para suas fodas casuais. Acho que isso é o mínimo.

— Qual é o seu problema, Dante? — perguntou quase aos berros, vindo na minha direção.

— Qual o meu problema, Maria Manuela? Você ontem ligou o foda-se e foi trepar com o Marlon enquanto eu ficava aqui preocupado, achando que tinha acontecido alguma coisa com a minha filha — explodi, com raiva.

— Eu te disse que tinha um compromisso, o que faço da minha vida não diz respeito a você — retrucou, cruzando os braços.

— É, não diz... Só vê se não esquece de usar camisinha quando for foder com ele.

Ok, na hora que as palavras ecoaram pelo cômodo, percebi que havia passado dos limites, porque eu sabia que não tinha o direito de dar pitaco na sua vida. E a cara que ela fez em seguida me trouxe a certeza de que tinha dito merda. Estava irritado e com ciúmes, mas isso não dava direito de me meter na vida dela.

— Quer jogar na minha cara o fato de eu ter engravidado? Meu Deus! Você é um babaca, Dante. Definitivamente — falou, olhando-me com desprezo.

O quê? Que porra? De onde Manuela tinha tirado aquela merda?

Era incrível como ela sempre esperava o pior de mim.

— Não foi o que eu disse! — Estava ainda mais irritado com aquela suposição. — E jamais te responsabilizaria por você ter engravidado, até porque *EU* deveria ter me lembrado de usar. A única coisa que eu te culpo, Maria Manuela, é por você ter escondido minha filha de mim.

As palavras saíram amargas da minha boca, como sempre acontecia quando eu mencionava aquele fato. Era tão difícil ignorar a raiva que eclodia por cada uma das minhas células sempre que eu me lembrava do que ela tinha feito. E acho que nunca a perdoaria por aquilo.

Seu olhar se manteve fixo no meu, o lábio superior tremulando como se ela estivesse tentando conter algo dentro de si.

— Eu já sei que você me culpa por isso — retrucou, ríspida.  
— Ainda assim, não tem o direito de se meter na minha vida.

— Já te disse e vou repetir, porra! Você não conhece o Marlon. Ele vivia comendo mulheres por aí sem camisinha.

— Você me comeu sem camisinha — ponderou, cheia de desdém. — E tenho certeza que já fez isso com outras mulheres, então, deixa de ser um hipócrita de merda, Dante. Para de tentar descontar sei lá qual frustração que você tem no Marlon! Você não pode falar o que bem entende e nem te dou o direito de se intrometer na minha vida.

Ela estava ofegante, usando a mão para cortar o ar, demonstrando toda a sua irritação. A cada frase áspera trocada entre nós, a tensão dos meus músculos ardia e minhas mãos se cerravam em punhos de forma involuntária.

Aquela sensação de impotência crescia em mim, nublando toda a minha mente, como se eu estivesse refém de um ciclo interminável de acusações.

— Você foi a única pessoa que eu comi sem camisinha, sua idiota. E o que está dizendo? Você também não sabe sobre a minha vida e vive presumindo as piores coisas, me acusando de trepar com outras mulheres sem camisinha, de ter alguma frustração com o babaca do Marlon, de ter contado para os jornais... Caralho, Maria Manuela, por que você precisa sempre ser uma insuportável que acha que sabe mais do que todo mundo ao seu redor? — perguntei em um tom mais agressivo.

Era possível sentir meu coração pulsar no ritmo de cada uma das palavras que saíam da minha boca. Descontroladamente, como se quisesse rasgar o meu peito. Era como se meu corpo estivesse lutando contra a intensidade daquela discussão.

— Você acha que sou idiota? Não presumo nada, apenas sei a pessoa que você é — ela explodiu de novo, chegando ainda mais perto de mim. — Além disso, está sempre tentando fazer com que eu me sinta mal de alguma forma... Meu Deus, eu te odeio, Dante! — gritou. — Você é o mesmo garoto nojento e insuportável de sempre, com essa necessidade estúpida de ser irônico, com esse seu ar de superioridade, com essa mania... — E quando percebi, empurrei seu corpo contra a parede e colei meus lábios nos dela.

No momento em que colidimos contra a parede, a eletricidade entre nós foi palpável. Tudo entre nós era assim, como se estivéssemos presos em um campo magnético, atraindo e repelindo um ao outro ao mesmo tempo. A rigidez dos nossos músculos, reflexo de toda a tensão da briga começou a se suavizar, derretendo-se naquele calor que era só nosso.

E lá estavam meus sentimentos de ódio e desejo se misturando mais uma vez. No minuto em que ela começou a gritar, causando aquela típica irritação, uma onda de calor percorreu meus nervos e simplesmente não consegui me controlar. Aquela mulher me tirava do sério de uma forma inexplicável.

Meu corpo pressionava o dela cada vez mais forte, contrastando com a maciez da sua boca e fazendo com que meu pau começasse a latejar. Sua perna se enredou na minha cintura e eu suspirei, antecipando o que estava por vir.

Porra, como eu a queria. Eu a queria tanto que chegava a querer me socar por isso, porque era muita ignorância desejar a pessoa que eu odiava.

O beijo se intensificou, as línguas se entrelaçando em uma perfeita sincronia, trazendo aquela energia volátil, sempre instável como se estivesse prestes a explodir.

Eu entendia o poder da atmosfera que criávamos. Era como nossa relação. Imprevisível, caótica, potencialmente destrutiva e incendiária.

Suas mãos se perdiam pelos meus cabelos e ela puxava meu rosto cada vez mais na sua direção. Sem parar sequer pra respirar, suas mãos alcançaram minha gravata e ela afrouxou o nó, jogando-a no chão.

Uma sensação absurda tomava conta de mim só por sentir o calor do seu corpo junto ao meu. Sua língua passeou pelos meus lábios e ela os mordeu de leve, voltando a invadir minha boca no momento em que minhas mãos deslizaram pelas suas coxas.

Toda raiva começou a se esvair por completo, até que eu não me importasse com mais nada. Estábamos em uma local completamente distante de tudo, até mesmo do ódio que sentíamos um pelo outro. Naquela altura, quem éramos não fazia a menor diferença. Eu estava pronto para tê-la mais uma vez e para sentir todas as sensações que só Manuela me proporcionava.

E como se o universo estivesse rindo da minha cara, o momento foi quebrado pelo choro estridente da Giovanna no quarto, fazendo com que voltássemos à realidade.



*Ob-la-di, ob-la-da, a vida continua  
La la como continua a vida  
Ob-la-di, Ob-la-da, a vida continua  
La la como continua a vida*  
**:: OB-LA-DI, OB-LA-DA - THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

A manhã seguinte foi um pouco constrangedora. Nós dois fingimos que nada havia acontecido na noite anterior. Não falamos mais sobre a briga e claro que não mencionamos o beijo que foi interrompido pelo choro da Giovanna.

Nós apenas nos encaramos por alguns segundos, como se tivéssemos acabado de perceber o que estávamos fazendo e fui para o quarto de Gio e ele para o seu.

Não conseguia entender o que tinha acontecido. Em um segundo, estávamos aos berros e no outro, eu estava tirando sua gravata, pronta para transar com ele.

Qual era meu problema, meu Senhor Jesus Cristo? E qual era o dele?

Por que Dante tinha me agarrado? Por qual motivo ele sempre tinha que me tocar daquele jeito, com tanta intensidade, com tanto desejo? Era humanamente impossível desvincilar meu

corpo do dele, nada dentro de mim respondia aos meus comandos, como se eu tivesse algum problema de coordenação motora ou algo parecido com isso.

Detestava o fato de ele ter esse efeito sobre mim, em especial quando eu estava focada em odiá-lo.

Havia ficado surpresa na noite anterior quando o insuportável sugeriu que mentíssemos para a imprensa. Não esperava que Dante pudesse querer fazer isso, mas quando apresentou seus motivos, percebi que fazia sentido e que ele havia pensado bastante nas consequências.

Um pouco depois que terminei de dar o café da manhã para Gio, ouvi batidas na porta e quando abri, Guilherme estava parado, com Lucca sentado em seu carrinho.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, confusa.

— Estou quase pronto, Guilherme. — Dante apareceu atrás de mim, vestindo uma calça jeans preta e uma camiseta de manga comprida azul-marinho e foi em direção à cozinha.

— Pronto para o quê? — indaguei, sem entender.

— Ele me pediu para ir com ele comprar algumas coisas pra Gio — Guilherme cochichou.

— E quando vocês pretendiam me contar isso? — Cruzei os braços.

— Ontem, mas... — Ele parou e me encarou com um sorrisinho sarcástico. — Estávamos ocupados.

Senti meu rosto corar e desviei o olhar para Guilherme, ignorando sua resposta. Peguei Lucca no colo para falar com ele, porque o garoto gritava “Má” insistente, querendo minha atenção.

— Ahn... Ok, você está levando tudo?

— Sim.

— Fralda? Pomada? Talco?

— Já coloquei tudo na bolsa — ele respondeu e Guilherme ficou nos olhando de forma curiosa.

— Ela tem que comer...

— Ao meio-dia, eu sei — ele completou, mostrando o potinho em sua mão.

— Pegou um casaco?

— Sim, peguei. Podemos ir ou vamos ficar aqui até amanhã com você listando as coisas? — indagou, revirando os olhos e meu melhor amigo traíra abafou as risadas.

— Do que está rindo, Guilherme? — Dei um tapa na sua cabeça de leve e ele riu ainda mais. — Cuidado, pelo amor de Deus! — falei, depositando um beijo nas cabecinhas das duas crianças e dando uma última olhada para os dois.

Que cena: Dante Perazzo e Guilherme Henrique com bolsas de criança transpassadas no peito, empurrando carrinhos de bebês, prontos para uma manhã de compras no Rio de Janeiro.

Parecia até mesmo uma piada.



## Dante Perazzo

Andar com um carrinho pelas ruas era um pouco mais desafiador do que eu imaginava. E colocar tudo dentro do carro era outra punheta, mas Guilherme já parecia bem familiarizado com tudo e não tinha tanta dificuldade. Já eu, parecia um elefante tentando se equilibrar em um *slackline*.

— Obrigado por vir hoje comigo — falei assim que chegamos no *shopping*.

— Sem problemas. Ah, temos que passar em uma loja antes de irmos, tenho que comprar um presente pra Julia — ele disse, um pouco desanimado.

— É aniversário dela?

— Não, de acordo com ela, ontem soltei um comentário machista e agora ela está me ignorando — respondeu sem paciência e eu dei uma risada.

— Que comentário?

— Ela estava irritada e eu disse para ela ficar calma, que era só efeito da TPM — suspirou, cansado. — E aí ela simplesmente começou a gritar comigo, dizendo que não era só porque ela estava com raiva que iria menstruar e que eu era um machista por falar isso. Ficou descontrolada.

Segurei as risadas.

— O pior é que eu sei que ela está de TPM! Vou comprar uma caixa de chocolates, abrir a porta e jogar em cima dela, pra ver se acalma a fera — ele contou, gargalhando e fiz o mesmo.

— Isso não vai deixá-la com mais raiva?

— Vou dizer que estava passando pela loja e lembrei dela, Dante. Não vou dizer que é pra ela se acalmar da TPM. Está louco? Eu prezo pela minha vida — afirmou, sério, e abriu uma das portas da loja para entrarmos.

Era uma loja imensa, repleta de itens de bebês e crianças. Eram corredores e mais corredores com berços, chupetas, mamadeiras, bolsas, brinquedos, itens de higiene. E é claro que eu estava completamente perdido só de olhar.

— Então, o que quer comprar? Aqui tem quase tudo, mas tem outras lojas também...

Eu não sabia ao certo o que queria comprar, essa era a verdade. Eu queria poder ajudar de alguma forma e dar coisas para ela, visto que não fiz parte de nada até os últimos dias.

— Pensei em comprar algumas roupas e talvez alguns itens diferentes que ela não tenha? — Foi mais uma pergunta do que uma resposta.

— Certo. Vamos dar uma andada. Também preciso ver algumas coisas pro Lucca — ele falou, caminhando ao meu lado pelo corredor.

Nós saímos andando pelo local e conforme eu passava pelos corredores, ficava mais assustado. Existiam coisas que eu sequer imaginava.

— Por Deus, eles acham que as crianças são animais? — perguntei, olhando uma espécie de bebedouro para acoplar ao berço com um tubo, igualzinho ao que usávamos nas gaiolas de passarinhos.

Meu pobre passarinho que fugiu.

— É bizarro, mas seria prático — Guilherme comentou, rindo, e voltou a atenção para algum outro item na sua frente.

Eu vi uma capivarinha fofa de pelúcia e achei que Giovanna gostaria. Dei uma risada quando lembrei do meu amigo Marco que odiava aqueles bichos porque tinha um passado traumático com elas.

Coloquei no carrinho. A capivara era bem mais bonitinha que aquele bicho horroroso que o arrombado do Adriano tinha dado para ela.

— Olha, essas colheres mudam de cor quando a comida está quente demais. Interessante — comentei, analisando o produto.

— Dante, isso é gastar dinheiro à toa, é só você colocar na mão para ver se está quente demais ou não.

— Vou levar — disse por fim e ele revirou os olhos. — Guilherme, por que estamos usando carrinho quando existe isso? — Levantei uma espécie de bolsa ou roupa que encaixava o bebê, prendendo-o ao corpo.

Pelo visto era chamada de “canguru”.

— Eu tenho um, mas não curti o que comprei. — Ele chegou perto de mim, olhando o item.

— Esse aqui parece ser superfoda. — Apontei para a opção mais cara, lendo a embalagem que dizia vários benefícios. — Vou levar. Um pra mim e um pra você. Por estar me ajudando hoje.

— Você não precisa...

— Não foi uma pergunta, Guilherme — falei, colocando dois itens na sacola e ele bufou.

— Que genial, é um aquecedor para os lenços umedecidos.

— Mostrei o item.

— Dante, porra! Qual a necessidade de o lenço estar aquecido? — ele perguntou, revirando os olhos.

— Deve ser mais agradável, ué. E olha, tem um secador de bumbum também. Caralho, que invenções ótimas! — comentei, realmente perplexo com a indústria infantil.

— Dante! Você não vai usar um aquecedor de lenço umedecido, muito menos um secador de cu — ele disse sério, mas depois começou a rir da própria piada.

— Me parecem úteis. Vou levar — avisei.

— Não são úteis!

— São sim. Olha esse cinto com vários espaços para colocar as coisas. Olha, tem um espaço para a mamadeira, para os lençós, acho que esse buraco aqui até dá para colocar o celular. Porra, que foda! Vamos levar! — falei, animado.

— Dante, não vou usar isso. Não inventa, que coisa esquisita, parece que você vai para a guerra. — Ele passou a mão na cabeça, balançando-a.

— Não deixa de ser uma guerra, você viu o que eu sofri nas mãos da Giovanna tentando trocar aquela fralda.

— Você não precisa disso, muito menos eu — ele avisou, tirando o cinto das minhas mãos. — Não, você não vai levar isso também.

Ele balançou a cabeça em negação ao ver que eu estava com um capacete azul com orelhinhas em cima. Pelo visto era um capacete para crianças que engatinhavam, para não correr o risco de bater com a cabeça.

— Guilherme! Seja sensato, isso pode evitar que ela bata com a cabeça.

Que absurdo, será que ele não tinha medo do filho dele se machucar? Eu era pai há duas semanas e era mais preocupado e responsável que ele!

— Giovanna não precisa disso, Dante! Ela não vai sair batendo com a cabeça por aí.

— Vou levar, você claramente não tem noção do perigo, visto todas as merdas que fazia nos Jogos Jurídicos — lembrei.

— Claro que tenho! — Ele pareceu chocado com meu comentário.

— Guilherme, óbvio que você não tem. Quem em sã consciência anda na montanha-russa daquele parque xexelento que tinha em uma das cidades que sediaram os jogos? Eu soube que você vomitou em uma delas. Fora a vez em que andou de tirolesa com aquele equipamento de pobre todo enferrujado. Meu Deus! — Ele rolou os olhos e coloquei o capacete na sacola.

Quanto mais percorríamos a loja, mais coisas interessantes e práticas achávamos. Giovanna e Lucca estavam dormindo no

carrinho, plenos, enquanto eu andava de um lado para o outro perdido com tantos itens.

Minha cabeça parecia que iria explodir.

Peguei alguns tabuleiros que estimulavam os desempenhos cognitivos dos bebês. Minha filha certamente seria inteligente, não iria ficar brincando de bichinhos por muito tempo, até porque, já havia percebido que ela adorava os brinquedos de encaixe, ou seja, gostava de pensar.

Porra, ela era minha filha e da Manuela. E se tinha uma coisa que tínhamos em comum era o fato de sermos inteligentes.

— Acho que você precisa de um carrinho, Dante, sua bolsa está transbordando — Guilherme comentou, notando a sacola lotada que eu carregava. — Não acha que está se empolgando demais? — Ele riu.

— Guilherme, nunca comprei nada pra ela — expliquei, sentindo um nó na garganta e ele me olhou um pouco sem graça.

— Tudo bem.

O constrangimento daquele momento perdurou por alguns segundos, mas ele chamou minha atenção para uma boneca que parecia a filha perdida da Annabelle com o Chuck.

— Que porra é essa? — perguntei, em choque.

— Chamam de bebês *reborns*. É uma imitação de um bebê humano...

— Humano ou de satanás?

Ele riu alto.

— Eu só rezo para Deus para o Lucca nunca me pedir uma, eu morro de medo dessa merda — confessou e eu assenti, muito solidário.

— Como não ter medo disso, caralho? Aposto que é Bebê Lucifer *Reborn*...

— Forjado nas labaredas do inferno — ele zombou, gargalhando, empurrando o boneco na minha direção e fazendo com que eu desse um passo para trás.

— Mas será que já vem com o demônio ou a gente precisa fazer um ritual pra invocar?

Nós ficamos rindo por uns dez minutos daquela merda e depois de bastante tempo e de encher uma outra grande sacola,

nos dirigimos para o caixa. Em algum momento, eu sacaneei o boneco de novo e uma mãe passou por mim, me olhando cheia de julgamento.

Pigarrei, tentando parecer sério e Guilherme avisou que me esperaria do lado de fora. Paguei minhas compras e saí da loja, muito constrangido pelo jeito como a mulher me encarou.

Assim que pisei do lado de fora da loja percebi que minhas mãos estavam livres demais. Olhei para Guilherme segurando o carrinho e arregalei os olhos, desesperado.

— Puta que pariu, cadê a Giovanna? — ele perguntou, assustado ao ver meu rosto, provavelmente sem cor alguma.

Deixei as sacolas no chão e corri para dentro da loja, procurando o carrinho que nem um louco. Meu coração estava disparado, minhas mãos suavam e eu nem conseguia me lembrar mais de como andar por aquele labirinto dos infernos.

Parei e tentei raciocinar. Ela estava comigo no caixa, porra! Eu tinha acabado de checar se ela ainda estava dormindo.

Corri para o local e não sei explicar o alívio que senti quando vi o carrinho no mesmo lugar que eu havia deixado. Pelo menos ninguém havia percebido o carrinho abandonado com uma criança dormindo no cantinho da fila, muito menos a julgadora filha da puta do caralho. Ela, com certeza, me daria o pior dos olhares se tivesse presenciado aquilo.

Puxei o ar, ainda ofegante, quando cheguei até Giovanna. Eu a abracei instintivamente, não dando a mínima para o fato de que ela estava dormindo.

Não podia acreditar em como eu havia sido irresponsável, caralho.

Havia perdido a minha filha!  
Esqueci a porra da minha bebezinha.

— Não acredito que esqueci a Gio. Eu sou péssimo. Sou o pior pai, ela fez bem de não me contar sobre a neném. Porra! Meu Deus... Por favor, não conta pra Manuela, ela vai me matar, ou pior, gritar comigo e me expulsar do apartamento — supliquei, ainda abalado e Guilherme riu.

ELE RIU DO MEU SOFRIMENTO!

— Dante, se acalma, porra! — E em seguida, ele fez uma expressão confusa. — Como pode ser pior ela gritar e te expulsar do que morrer?

— Já viu aquela mulher berrando, cheia de ódio? — Arqueei minha sobrancelha e ele deu de ombros, concordando.

— É... Enfim, parabéns, você alcançou seu status de pai. — Ele gargalhou.

— Perdão? — perguntei, confuso.

— Uma vez esqueci Lucca do lado de fora da pensão. — Continuou rindo. — Mônica uma vez esqueceu a Manu em uma loja de santinhos. A Julia já saiu de casa umas dez vezes sem o Lucca, só notando no corredor ou no carro. Essas coisas acontecem — falou em um tom calmo. — Você não é o pior pai do mundo por isso, mas precisa prestar atenção, cara... Em especial por estarmos na rua.

— Se estivéssemos usando nossos cangurus, isso não teria acontecido. — concluí, irritado, e ele concordou, achando graça. — Odeio esses carrinhos.

Foda-se, eu nunca mais ia tirar aquela merda do corpo. Minha criança ia ficar agarrada em mim para sempre.



*Por favor, permita que eu me apresente  
Eu sou um homem de riquezas e de bom gosto*  
:: SYMPATHY FOR THE DEVIL - THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Sentamos para comer em um dos restaurantes próximos à loja que estávamos e aproveitamos para dar o almoço para os dois também. Confesso que era um pouco estranho passar o dia na companhia de Guilherme. Não sabia ao certo por qual motivo ele estava me ajudando desde o início, até porque, Maria Manuela era sua amiga, não eu.

Nós passamos a vida inteira sendo o oposto de amigos, eu era insuportável com os dois na época da faculdade. Ainda assim, apesar de tudo, era bom ter alguém para compartilhar essas experiências de ser pai e reconfortante poder conversar com alguém que de fato soubesse o que eu estava passando.

Talvez o clima entre nós estivesse melhor por termos amadurecido ou talvez fosse o fato de que agora éramos pais. A palavra ainda soava estranha quando eu repetia para mim mesmo.

Porra, eu era pai! Isso era muito louco.

— Você e Manu conseguiram chegar a um consenso? — perguntou, levando uma colher à boca do filho.

— Sim, foi o que você falou aquele dia e meu irmão repete o tempo inteiro. Não faz sentido dizer pra mídia que ela escondeu a Giovanna de mim. Não consigo ver nada positivo nisso — comentei, limpando as mãos da garotinha que já tinha conseguido alcançar o prato à minha frente.

— Pois é, só que você deveria ter pensado nisso antes de contar pra mídia.

— Guilherme, não fui eu quem contou para a mídia! Eu já te disse isso aquele dia, inferno — afirmei, sem paciência. — Foi Marlon.

— O Marlon do escritório? — Ele ergueu uma das sobrancelhas, um pouco descrente. — Ele não é seu amigo? Espera! Ele não está saindo com Manu? Por que faria isso?

— Marlon basicamente vive para os seus contatos. — Soltei o ar em frustração enquanto Gio ria animada, tentando pegar meu nariz. — Ele sempre faz algo que possa beneficiá-lo no futuro e é uma putinha do Samuel Medici. Nem eu sei ao certo o que estava pensando quando contei pra ele.

Na verdade, eu sabia. Estava tentando convencer o arrombado talarico de que não era uma boa ideia ele ter qualquer tipo de relação com Maria Manuela.

— Manu sabe disso? — indagou, ainda surpreso.

— Ela não acredita em mim. — Dei de ombros. — Acha que ela vai acreditar na pessoa que mais odeia ou no cara que está macetando ela? — Dei uma risada seca.

— É, faz sentido. — Ele riu um pouco sem graça.

— Não que eu me importe, mas não acho uma boa ideia ela se envolver com Marlon — comentei e ele me olhou desconfiado. — Não dá pra confiar nesse imbecil.

— Bem, você o conhece melhor do que eu...

— Exatamente, Guilherme. Você é amigo dela. Não deveria fazer alguma coisa? Sei lá, colocar algum juízo naquela cabeça teimosa? — aconselhei e ele ficou me encarando.

Não custava nada tentar, certo? Talvez se Guilherme falasse com ela sobre Marlon, Manuela escutaria.

— Você me parece bem incomodado pelo fato dela estar com ele — disse em um tom sugestivo e eu estalei a boca.

— Já disse, conheço a peça. E pra ser sincero, não quero o Marlon perto da minha filha — respondi por fim e ele pareceu aceitar. — E por favor, me diga que conhece alguma loja com roupas aceitáveis, porque aqueles trapos que vimos...

Ele deu uma risada enquanto organizávamos as coisas nos carrinhos. Fomos caminhando pelo shopping, olhando as vitrines e depois de muito andar, enfim encontrei uma loja decente.

— Guilherme, olha esse conjuntinho da *Burberry* — falei, mostrando para ele, mas bufei no segundo em que caminhou até onde eu estava e olhou a etiqueta.

— Dante, olha o preço disso, é muito desnecessário...

— Vou levar! — avisei e ele bufou, dando de ombros e murmurando um “desisto”.

— Essas roupas não são muito caras? Ela vai perder em pouco tempo.

— Diz isso porque se veste assim — respondi, olhando-o de cima a baixo.

Guilherme era muito brega, coitado. Usava uns ternos largos demais para o seu tamanho e fazia péssimas combinações de cores. No outro dia, ele estava com uma gravata que parecia uma estampa do *Agostinho Carrara*<sup>[9]</sup>.

— Ei! Qual o problema em como me visto? — ele perguntou, cruzando os braços, um pouco irritado.

— Sinto informar, cara, mas você não tem senso de moda algum, mas fique tranquilo, posso te ajudar nisso no futuro — avisei e ele saiu resmungando pelo corredor.

A loja tinha diversas roupas que deixavam minha filha parecendo uma princesinha. A coitadinha vivia usando uns macacões horríveis, mas Manuela era amiga do Guilherme. Provavelmente pegava dicas de moda com ele, porque ela era outro caso perdido.

Não dava. Minha filha precisava andar bem vestida, em especial agora que iríamos aparecer em público. Era o mínimo!

— Vamos trocar de roupa, Gio? — perguntei e ela sorriu, animada, batendo palminhas.

Eu a vesti com um conjuntinho de duas peças elegante em xadrez preto e branco. Era uma saia e um casaquinho e também

coloquei uma meia-calça com sapatinhos pretos de verniz.

Porra, ela estava tão bonitinha, sorrindo e mostrando os dentinhos inferiores. Era incrível como Giovanna era parecida comigo quando bebê.

Acho que me empolguei um pouco demais, mas eu tinha andado a merda do shopping inteiro e só visto lojas horrendas! Comprei umas trinta peças de roupas para ela e algumas outras para o Lucca, mas só entreguei quando saímos da loja.

— Porra, Dante! Obrigado, mas pare de comprar coisas pro Lucca — ele pediu, balançando a cabeça negativamente.

— Bem, sei que não sabe se vestir, mas não faça seu filho passar a mesma vergonha — ignorei o que ele tinha falado e ele me encarou, chocado por eu dizer a verdade. — Acho melhor usarmos os cangurus e colocarmos as compras nos carrinhos.

— Estamos carregando essas sacolas há horas! — ele suspirou, frustrado. — Como não pensamos nisso antes?

Perdemos um bom tempo tentando ajustar aquela espécie de mochila porta-bebês nos nossos corpos e foi um alívio quando conseguimos. As crianças pareciam ter gostado de ficar ali, pois estavam rindo, animadas.

Depois, os dois apoiaram a cabeça em nossos peitos, de forma confortável e ficaram quietinhos. O meu carrinho estava lotado de compras e precisei colocar algumas coisas no de Lucca, porque simplesmente não cabia mais nada.

Passamos por uma loja de importados e aproveitei para comprar alguns temperos para cozinhar, ouvindo Guilherme resmungando sobre o quanto tudo ali era caro.

— Leva esse chocolate — indiquei uma marca que havia comido na Bélgica.

— Setenta reais por uma caixa de chocolate? — ele perguntou com a voz esganiçada, olhando o preço.

— Deixe de ser mão de vaca, Guilherme. — Dei uma risada.

— Não sei pra que tanto pudor em gastar dinheiro. Você não é mais pobre.

Ele me olhou de cara feia.

— Ué, estou apenas sendo realista.

— Não. Não sou pobre, mas acho desnecessário...

— Dinheiro foi feito para gastar, Guilherme. A sua mulher está puta. Te garanto que ela vai te perdoar depois que comer esse chocolate.

— E desde quando você cozinha? — indagou, observando meus temperos. — Você não tem, tipo, elfos domésticos na sua casa? — zombou.

— Elfos o quê?

— Nada, piada de *Harry Potter*<sup>[10]</sup>. — Ele soltou o ar em desistência enquanto eu continuava com o cenho franzido, sem entender.

— Enfim, eu aprendi a cozinhar faz um tempo.

— Meu Deus, estou chocado. Achei que tinha um *chef* francês fazendo sua comida. Eu lembro bem do quanto você reclamava da comida do acampamento, berrando aos quatro ventos do refeitório que deveriam demitir os cozinheiros por servir “aquele lixo” — zombou e eu revirei os olhos.

— Há-há, já sabemos que eu era um babaca.

— Muito babaca. — Ele riu. — Sério... Cozinhando... Dante Perazzo dizendo que era um babaca e fazendo sua própria comida. Em que realidade paralela estamos?

— Muito engraçado. Você não é um pé no saco e eu gosto de cozinhar. Que bom que evoluímos, não é mesmo? Espero que seu senso de moda um dia tenha a mesma sorte — falei com um tom irônico e ele gargalhou.

— Pra que vai levar tantos? — perguntou, me vendo pegar mais algumas caixas de chocolate.

— Eu sofro de TPPMM.

— Sofre do quê? — Ele parecia confuso.

— Tensão Pré e Pós-Maria Manuela. Acho que preciso de chocolates pra diminuir meu estresse também — contei e ele abafou as risadas.

— Não vou mais fazer compras com você, estou gastando mais do que deveria — Guilherme afirmou, respirando fundo.

Saímos da loja e decidimos ir embora. Assim que chegamos no apartamento, Manuela e Julia estavam deitadas no sofá, bebendo vinho. E as duas simplesmente explodiram em

gargalhadas quando nos viram, quase cuspindo o que estavam bebendo.

— Por... Deus... Cadê meu celular? Eu só queria uma... Câmera para registrar esse momento — Julia berrou, quase caindo no chão.

Nós bufamos quase em sincronia, colocamos os bebês no chão e rapidamente os dois engatinharam até elas.

— Eu te deixo algumas horas com a Giovanna e você a transforma em uma versão feminina de você? — ela perguntou, rindo e olhando as roupas que ela estava vestindo.

— Trouxe algo pra você — Guilherme falou para a mulher, entregando a caixa de chocolate e ela sorriu, dando um gritinho animado.

— E pra mim? — Manuela fez um biquinho, olhando para seu amigo.

— Você não me chamou de machista — ele respondeu em um tom divertido.

— Ok, eu chamo agora. Machista, me dê chocolates! — exigiu e logo depois as duas voltaram a rir.

Ele balançou a cabeça em uma negativa e ela tornou a olhar para ele, incrédula.

— Que absurdo, eu sou praticamente sua irmã! — reclamou e ele passou a mão na cabeça.

— Manuela, pare de choramingar, tem umas 10 caixas aqui — falei, revirando os olhos e mostrando a sacola.

— Meu Deus, você é maravilhoso! — exclamou sem pensar e todo mundo a olhou sem entender, mas ela não percebeu e veio andando feliz em direção às caixas.

É, ela estava um pouco bêbada.

— Esse é o melhor chocolate da vida — Julia afirmou, enfiando dois de uma vez na boca. — Está perdoado por ter sido idiota, Gui. — E deu um beijo rápido em seus lábios.

— Dante gastou toda a fortuna da sua família com itens de bebê — ele contou e as duas riram.

— Só comprei o necessário.

— Vamos jantar com sua tia hoje? — ele perguntou para a esposa e ela assentiu.

— Vai com a gente, Manu? Ou você vai sair com o Marlon hoje? — Julia voltou a atenção para ela e eu fingi que não estava ouvindo, tirando os temperos que havia comprado da sacola e levando-os até o balcão da cozinha.

— Não vou, amiga. Quero ficar em casa quietinha hoje com a Gio e ver a quantidade de coisas desnecessárias que Dante comprou. — Ela estava segurando as colheres que mudavam de cor. — É sério isso?

— Achei útil — respondi, balançando os ombros e ela riu.

— Não, minha filha não vai usar esse capacete horroroso! — Manuela quase gritou ao pegar o objeto.

— Nunca se sabe quando ela pode bater a cabeça! — expliquei, ainda pasmo com a inconsequência que ela parecia ter adquirido por osmose pelo Guilherme.

— Por Deus, Dante, que coisa horrorosa. Vamos queimar isso no caminho de casa — sua amiga avisou quando chegou perto, mas eu puxei a caixa de sua mão, fazendo-a gargalhar.

— Vamos indo, amor? Estou exausto — Guilherme suspirou, indo até ela.

— Obrigado por hoje, cara — agradeci, apertando sua mão e ele deu um sorriso de volta.

— Obrigado pelas coisas que comprou pro Lucca, mesmo sem necessidade — brincou de uma forma descontraída.

E então os três foram embora e Manuela se sentou no chão, de pernas cruzadas. Giovanna engatinhou para cima dela enquanto mexia nas sacolas, desesperada para ver o que tinha ali.

— Vai ficar aí em pé ou mostrar pra sua filha as coisas que você comprou? — perguntou, abrindo um sorriso.

— Vamos testar o capacete — zombei e ela me lançou um olhar de ódio.

— O que é isso? — Maria Manuela perguntou, erguendo a capivarinha que eu tinha comprado. — Que fofa.

Giovanna deu um grito e quase se jogou em cima do bichinho, parecendo muito feliz.

— Gostou, meu amor? — ela perguntou, achando graça daquela euforia. — Agradeça ao seu pai...

Seu olhar cruzou com o meu e Manuela sorriu, o rosto ganhando uma tonalidade um pouco vermelha. Ela limpou a garganta e pediu que Giovanna mandasse beijos para mim.

E foi o que a neném fez, sem parar de esmagar a capivarinha em seus braços. Eu mandei um beijo de volta, fazendo-a abrir um sorriso ainda mais largo.

Porra, fofinha pra caralho!

— Acho que ela gostou.

— E eu acho que ela tem um novo amor — Manuela afirmou, rindo.

Ficamos ali, sentados os três no chão, abrindo as embalagens dos diversos brinquedos que havia comprado. Gio parecia alucinada com tantas coisas novas ao mesmo tempo, mas nunca desgrudava do seu novo bichinho. Soltava diversos barulhos com a boca e gargalhava. Tentava levantar se apoiando em mim e depois ia até sua mãe, carregando o que estivesse segurando com a mão livre para mostrar.

E Manuela sorria sem parar, olhando para ela, completamente apaixonada e suspirando de tempos em tempos.

Senti uma onda de calor preencher o meu corpo quando nossos olhares se cruzaram e ela sorriu, meio embasbacada, como se estivesse me perguntando: “dá pra acreditar que fizemos isso?”.

E realmente era difícil acreditar que fomos capazes de ter criado algo tão perfeito.



*Bem, eu aposto que vou ser uma grande estrela  
Quem sabe talvez até ganhe um Oscar  
O cinema vai fazer de mim uma grande estrela  
Porque eu faço o papel tão bem*  
:: ACT NATURALLY - THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

No domingo, Dante se ofereceu para fazer mais uma vez todas as refeições da semana da Giovanna, agora muito mais empolgado com os milhares de ingredientes que comprou em sua tarde no *shopping* com Gui.

Além das comidas, trocou diversas fraldas, deu banho e passou o dia todo sentado com ela brincando com os tabuleiros que havia comprado. Ok, ele ainda ficava bem atrapalhado, não tinha prática nenhuma, mas era realmente surpreendente como estava levando tudo aquilo a sério.

E sendo bem honesta, era bem menos cansativo ter outra pessoa para dividir as tarefas.

Gio era fascinada nele e aquilo apertava meu coração. Sentia-me mal e uma filha da puta pela escolha que eu tinha feito quando descobri que estava grávida. Passei tanto tempo focada,

com medo da família dele fazer alguma coisa com ela, que não pensei na falta que Dante poderia fazer na vida da minha filha.

Sim, havia sido egoísta demais, mesmo que achasse que era a melhor decisão para nós. Como eu saberia, entretanto? Eu jamais imaginaria que o babaca que eu conheci a vida toda pudesse agir dessa forma. Eram anos de péssimas experiências com ele, ouvindo os piores comentários, vendo o que ele fazia com as pessoas e o principal, sabendo do histórico da sua família com uma gravidez indesejada.

Suspirei, limpando meus pensamentos, tentando focar no fato de que havia uma jornalista na sala do meu apartamento. Porque era esse tipo de coisa que eu precisava passar por ter sentado na piroca de um dos herdeiros mais famosos do Rio de Janeiro.

Parabéns, Maria Manuela. Sempre tomando as melhores decisões. Você não poderia ter engravidado sem querer de um desconhecido? Talvez do gostoso que parecia o Duque de Hastings que estava com o carro quebrado ou o barman do bar de Coroa do Sul. Certeza que as famílias deles eram mais fáceis de lidar.

Eu e Dante chegamos à conclusão de que precisávamos falar sobre nossa vida para que as pessoas parassem de supor. Era o mais inteligente e ele sugeriu uma repórter superética que não ficaria inventando mil absurdos com qualquer coisa que falássemos.

Respirei fundo, cumprimentando Nicole Pestana, jornalista do “Estilo VIP”, uma revista do Rio de Janeiro que focava bastante na vida dos famosos e nas famílias elitizadas da cidade, mas sem todo aquele sensacionalismo e sarcasmo da QueenG!<sup>[11]</sup>.

Era melhor controlar o que a mídia divulgaria. Não queríamos correr o risco de ter Samuel Medici distorcendo ou insinuando coisas sobre nossas vidas.

Nicole Pestana era uma mulher negra de pele retinta, alta e magra e sua silhueta ficava incrível dentro de um terninho cinza que parecia ser caríssimo. Ela ostentava elegância e era famosa por sempre estar com seus grandes óculos vermelhos e hoje não estava diferente.

Ela quem conduziria a entrevista e eu sabia que era uma profissional com integridade, pois já tinha feito umas duas

entrevistas comigo quando algumas merdas estouraram a respeito da *Petrolio*.

— Bem, vamos começar? — perguntou, dando um sorriso e sentando-se à nossa frente, colocando a xícara de café que Dante tinha servido para ela na mesa.

— Vamos, claro — afirmei.

— Conta pra mim, Manuela... O que levou vocês a esconderem o nascimento da filha de vocês?

— Então, Nicole, você melhor do que ninguém sabe sobre os malefícios da exposição — comecei. — Não queria isso para a Gio.

— E você partilhava da mesma opinião, Dante?

Ele engoliu em seco e me olhou um pouco desanimado. Claramente estava desconfortável em falar sobre o passado que ele não havia sido incluído e eu cutuquei minhas cutículas, tentando acalmar minha ansiedade. Ignorei o sufocamento na garganta e o suor por trás da nuca pelo nervosismo.

— Sim, foi uma decisão conjunta. — Ele deu um sorriso seco.

— E vocês estão juntos desde então? — Sua sobrancelha se arqueou e ela abriu um sorrisinho traíçoeiro. — Casaram-se em segredo também?

Casar? Com Dante Perazzo? Realmente o mundo estava completamente louco por sequer cogitar isso.

— Não estamos juntos — dei claramente, um pouco sem graça, sentindo meu rosto corar. — Apenas moramos juntos. Ahn... Como amigos.

Amigos... Precisei segurar a vontade de rir e percebi que ele achou graça também apenas pelo olhar de desdém que me lançou.

Que papo furado do caralho!

— Entendi... Dois amigos criando uma filha... Interessante.

— É, apenas bons amigos — ele afirmou em um tom irônico que ninguém além de mim percebeu. — Só um minuto que vou checar a Giovanna no quarto.

Ele levantou rapidamente e sumiu pelo corredor, enquanto Nicole terminava de anotar algumas coisas em seu caderno e eu fitava minhas mãos, um pouco apreensiva. Dante voltou logo depois e disse que ela continuava cochilando.

— Você ficou fora do radar da imprensa por muito tempo, Dante — ela continuou, com um tom sugestivo. — Mas soube que estava trabalhando em um escritório em São Paulo alguns meses atrás. Acredito que a filha de vocês era bem novinha... Como foi isso?

Ele me olhou um pouco nervoso, porque era um tópico que não tínhamos lembrado que poderia surgir. Merda do caralho.

— Sim... Então, a oportunidade que apareceu era algo que eu queria muito e Manuela super me apoiou — mentiu, com toda sua cara de pau, agindo como se fosse a merda de um ator de *Hollywood*, muito sensato.

Que porra?

— Sim, ele não poderia perder a oportunidade de finalmente estar do lado certo, não é? — Dei um sorriso falso. — O escritório que ele trabalhou é referência em Direito Ambiental no país.

— Claro, claro, mas como vocês faziam? São Paulo não é tão perto.

— Eu tenho um jatinho, Nicole — ele respondeu, com aquele tom meio soberbo de rico dele e eu quase revirei os olhos.

JATINHO! Sério que ele tinha um jatinho?

Meu Deus, não conseguia acreditar. Ele não sabia nada sobre a pegada de carbono?

— E não era cansativo fazer ponte aérea o tempo todo?

— De forma alguma — o falso respondeu, encostando-se no sofá, demonstrando estar bem confortável com toda sua encenação.

— Chegava em tempo para fazer o jantar. Manuela ama a minha comida.

Como era debochada, a serpente. A cabeça da mulher girou para mim, parecendo surpresa e eu dei uma risada nervosa.

— É mesmo? Que interessante. E como funciona a rotina de vocês, contem um pouco mais.

— Ah, nós dividimos bem as coisas aqui em casa e o Dante gosta de cozinhar, graças a Deus, porque sou um desastre na cozinha — falei, rindo, descontraída e ele me olhou com uma expressão curiosa.

— Desastre é pouco — ele brincou. — Manuela cozinha muito mal, Nicole. Se fosse por ela, nossa filha comeria

basicamente legumes na água e sal — respondeu, dando uma risada e ficou um tempo me olhando cessar o riso.

— Vocês parecem ter realmente uma ótima sintonia — ela disse, sorridente, e nós nos olhamos um pouco sem graça. — Gio está perto de fazer um ano, certo?

Sintonia só no sexo, querida. Estava chocada que ela tinha caído naquele teatrinho ridículo. Ou então provavelmente a pobre coitada estava drogada para achar aquilo.

— Sim, ela faz 11 meses essa semana — informei.

— Pretendem fazer alguma comemoração?

— Não decidimos isso ainda — Dante respondeu.

— Certo. Como sua família reagiu ao saber da gravidez? Sabemos que a relação da Manuela com sua família é um pouco conturbada e também existe todo um padrão para os membros do Círculo de Ouro. — Ela quis saber e senti o Dante vacilar por alguns segundos.

— É um assunto pessoal, Nicole. Tenho certeza que podemos deixar de abordar isso — ele retrucou de forma ríspida.

— Desculpe, é que muitas pessoas têm se questionado a respeito disso — Nicole tentou.

— Ainda não estamos prontos para falar sobre — falei imediatamente.

Não havia conversado com Dante sobre a reação dos seus pais. A verdade é que fiquei tão preocupada inicialmente com o fato de ele querer tirá-la de mim, que não me interessei em saber absolutamente nada sobre em como a família dele tinha reagido à notícia. E pelo visto, existia algum conflito, mas isso já era de se esperar.

— Certo. — Ela deu um sorriso. — Vamos para assuntos mais leves... E vocês acham que a Giovanna puxou mais a quem?

— Você vai ver assim que a pegarmos para a foto — respondi em um tom divertido e Dante fez o mesmo.

— Uma miniatura do Dante, eu presumo — ela disse, dando uma risada.

— Não totalmente. O nariz e a boca dela são idênticos ao de Manuela. Ah, e a teimosia também — ele implicou e eu cerrei os olhos, segurando o riso.

Como era cara de pau!

— Minha teimosia? Ninguém é mais teimoso que você — lembrei e ele balançou a cabeça negativamente, comprimindo os lábios.

— Vocês são uma figura! — ela comentou entre risadas. — Não imaginava que a relação de vocês fosse assim, tendo em vista...

Ela limpou a garganta, interrompendo-se.

— Desculpe, não queria trazer o assunto da sua família novamente.

— Tudo bem, não é nenhum segredo que eu tenho problemas com os Perazzo — afirmei, encolhendo os ombros.

— A respeito disso, fiquei sabendo que estão trabalhando juntos. Como tem sido? — ela mudou de assunto.

— Sim, temos alguns projetos, mas não podemos discutir sobre — Dante se adiantou.

— Moram e trabalham juntos... Deve ser desafiador. Que bom que vocês dois se dão bem, certo?

— Graças a Deus, não é? — respondi em um tom sarcástico.

— É realmente ótimo — Dante retrucou no mesmo tom, olhando para mim.

Depois da entrevista, pegamos Gio para a foto e ela pediu para que o fotógrafo subisse para o apartamento. Ela estava linda, com o vestido azul-marinho superarrumadinho que Dante havia comprado e os cabelinhos presos em um único tufinho de cabelo com um lacinho da mesma cor. Minha filha já parecia uma cópia dele e vestida com aquelas roupinhas sofisticadas, ficava ainda mais.

Dante mostrou a marquinha que ela tinha e era igual a sua e Nicole ficou chocada. Então, o homem pediu que nós nos posicionássemos no sofá para tirar uma foto de nós três, como se fôssemos uma espécie de família de comercial de margarina.

Tão falso.

Eu odiava tudo aquilo. Odiava a mentira, a exposição, o fato de que minha filha agora era vista como uma herdeira de um império responsável por foder com o ecossistema inteiro.

Ainda assim, estava em um beco sem saída.

Nicole nos agradeceu diversas vezes e avisou que nos enviaria a foto porque nós precisávamos tê-la em um porta-retratos. O que me fez perceber que ela notou a falta de fotos no apartamento.

— Sério que você tem um jatinho? — perguntei algum tempo depois e ele assentiu, sorrindo de orelha a orelha como se estivesse orgulhoso. — Tem ideia da quantidade de CO<sub>2</sub> que um jatinho emite? É uma responsabilidade absurda para impulsionar o colapso climático e você, como advogado da área ambiental, deveria saber disso.

Ele me encarou, um pouco enfadado.

— Não adianta me olhar assim, sabe muito bem que está sendo irresponsável e incoerente.

— Não sou incoerente — rebateu, parecendo ofendido.

— Sim você é. Deveria se livrar disso.

— Não vou me livrar do meu jatinho, Maria Manuela. E se quer saber, eu tenho um contrato para zerar as emissões de carbono com plantios de árvores.

— Ainda assim, não tem necessidade nenhuma de você ter um jatinho...

— Ok. Quer almoçar? — ele perguntou, indo em direção à cozinha com Giovanna no colo.

— Você vai cozinhar? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Você é que não vai — afirmou, em um tom divertido.

— Sabemos que não vou. — Gio deu um gritinho e balbuciou alguns sons. — Quem vai comer tudo hoje? — perguntei, pegando-a nos braços para depois colocá-la na cadeira alta enquanto ela balançava a cabeça negativamente.

— Está vendo? Teimosa que nem você — implicou, rindo e olhando de canto de olho, ao passo em que colocava a panela no fogão e eu revirei os olhos.

Coloquei um brinquedo na frente da menina e na mesma hora ela se desligou do mundo e começou a brincar.

— Dante...

Fiz uma pausa e respirei fundo. Apertei minhas mãos, tentando esconder meu receio na pergunta que faria em seguida:

— O que seus pais falaram sobre a Gio?

— O que acha que disseram, Manuela? — Ele apoiou os braços na bancada e ficou encarando o chão.

— Não sei, mas posso pensar em algumas coisas.

— Eles não aceitam. Não aceitam que eu tenha quebrado a babaquice que eles chamam de “linhagem”.

Dante estalou a boca, balançando a cabeça negativamente. Ele não me olhava nos olhos, como se estivesse envergonhado, e eu sabia o motivo.

As famílias do Círculo de Ouro realmente se enxergavam como pessoas superiores, como se tivessem até mesmo a porra de um sangue diferente do nosso. Era ridículo.

E o homem à minha frente passou anos da sua vida repetindo aquele sermão. Eu me lembrava de logo no primeiro ano, uma das bolsistas ter se interessado por ele. Dante ficou sabendo e em algum momento, na frente de todo mundo, o idiota a olhou cheio de desprezo e disse que jamais se envolveria com uma morta de fome que nem ela.

— Agora acha babaca?

— Sim. Eu era um babaca, mas não me importo mais com nada disso.

— Você se importou com isso a vida toda — lembrei e ele me encarou.

— Eu cresci ouvindo toda aquela merda, de que éramos melhores que os outros, tratando as pessoas com menos poder aquisitivo como lixo... — ele suspirou, cansado. — Eu fui criado assim, Maria Manuela, dentro da minha maldita bolha, cercado por pessoas escrotas com comportamentos ridículos. Foi o que eu aprendi a vida toda, até começar a ter minhas próprias opiniões — disse por fim, desviando o olhar.

— E você mudou? Suas opiniões, quero dizer.

— Acha que eu bateria de frente com o meu pai aceitando trabalhar contra a empresa dele, se minhas percepções de mundo não tivessem mudado? Qual seria o sentido disso?

— Você realmente não tem as mesmas percepções de mundo? — Estreitei os olhos, um pouco desconfiada.

— Não.

— Não acha que as pessoas de fora do Círculo de Ouro são apenas meros pilares para sustentar a estrutura de vocês? — indaguei, cheia de deboche, usando uma frase que ele tinha dito no passado. — Não acha mais que os pobres são o problema do mundo? Ou que vamos precisar passar a vida inteira correndo atrás do próprio rabo para fazer algum tipo de diferença na sociedade?

— Não, não acho. E você, Maria Manuela, é a prova viva disso — respondeu, seco, voltando a me olhar nos olhos.

Senti meu rosto corar e fiquei um pouco sem graça. Era estranho ouvir aquele tipo de comentário vindo dele. Quando eu o conheci, de imediato, me incomodei com a quantidade de merda que saía da sua boca. Eu o odiei com cada fibra do meu ser, mas no meu último ano, tudo o que eu sentia era pena por ele ser um cara tão pequeno de espírito. Então, eu passei a tratá-lo com mais indiferença e deboche, o que o irritou ainda mais.

A hostilidade entre nós me mantinha forte, de alguma forma, naquela época. As coisas que ele dizia me davam mais gana para querer prová-lo do contrário. O que mais pegava para mim é que por mais que Dante fosse um imbecil, ele era muito inteligente. O babaca, mesmo que involuntariamente, me desafiava como ninguém.

Isso foi nosso combustível por todo tempo de faculdade. E eu realmente imaginava um futuro em que fôssemos ter embates reais e não simulações ou atividades aleatórias de um *Bootcamp*.

Dante nunca fez questão, no entanto. Assim que a faculdade acabou, ele não foi para um cargo na *Petrolio*, apenas decidiu torrar o dinheiro da sua família viajando por aí. E então, apareceu querendo ser o salvador do meio ambiente, sabe-se lá por qual motivo.

— Nossa relação já estava péssima desde que decidi aceitar o cargo no escritório — ele voltou a falar, chamando minha atenção.

— Aliás, por que fez isso?

— Como eu disse, minhas percepções mudaram — respondeu, como se aquilo fosse o máximo que diria sobre o assunto. — De qualquer forma, tudo estava ruim e então eu contei sobre ela e a situação piorou.

Dante suspirou, cortando quase que milimetricamente os cubinhos de cebola.

— Achei que minha mãe conseguiria lidar melhor, mas pelo visto, não.

— E seu irmão?

— Dom está ansioso para conhecer a Gio — contou e eu arregalei os olhos, um pouco surpresa.

— Mesmo?

— Sim, eu estava esperando para te perguntar quando seria um bom momento para que eu apresentasse os dois, mas com tudo o que está acontecendo... Além do mais, eu nunca saí sozinho com ela. — Seu olhar se voltou para a menininha brincando na cadeira e ele deu um meio-sorriso.

— Ele é seu irmão, Dante. Como você não disse nada, apenas achei que o Domenico não queria conhecer a Gio.

— Não, ele realmente quer. Eu fiz uma chamada de vídeo, mas...

— Meu Deus! Uma chamada de vídeo? — perguntei, perplexa.

— Eu não vou chamá-lo para sua casa, Maria Manuela. E além do mais, nós mal estávamos conversando.

— Você quer perguntar se ele quer almoçar? — indaguei e Dante piscou, um pouco em choque pela minha sugestão.

Abriu e fechou a boca, estreitou os olhos para mim e depois encostou uma das mãos na cintura, parecendo pensativo.

— Eu nunca cozinhei pro Dom — foi só o que disse.

— Oi? — Dei uma risada, achando graça do seu comentário.

— Sei lá. Meu irmão nem sabe que eu cozinho...

— Bem, talvez seja um bom dia pra você apresentar sua filha e sua comida — brinquei.

— Você tem certeza? — Percebi um reflexo de esperança nos seus olhos, mas em seguida, ele fez uma negativa com a cabeça. — Não, eu não sei se é o melhor momento. Vocês também não se dão muito bem e...

— Liga logo pra ele.

Dante pegou o aparelho e fez a ligação para o irmão, precisando repetir quatro vezes que sim, era para ele vir para o meu

apartamento para almoçar conosco. E também garantiu que eu não iria cozinar.

— Você disse pra ele que eu cozinho mal?

Que audácia.

— Não, meu irmão estava preocupado de isso ser uma emboscada pra você envenenar ele.

— Não preciso cozinar pra isso — zombei, fazendo-o rir. — O que está preparando aí? — perguntei quando vi que ele abriu um pacote de farinha.

— Um carbonara — contou, distraído.

— Oi? — Dei uma risada.

— Nunca comeu? — Ele me encarou sem acreditar.

— Claro que já comi, mas... Você vai fazer a massa?

— Sim — respondeu, como se fosse algo óbvio.

— Você sabe fazer massa de macarrão? — Meu tom de voz até mesmo ficou mais alto.

— É ridículo!

— Meu Deus, quem é você? — indaguei, perplexa, e ele deu uma risada.

— *Pa-pai*. — Ouvimos Gio dizer, sorrindo e apontando para o homem diante de mim.

Tanto a minha boca quanto a dele se abriram imediatamente e ficamos sem reação olhando a garota à nossa frente.

Não! Aquilo não podia ser real! A primeira palavra dela não tinha como ser papai.

Dante andou até a Giovanna, rindo, claramente surpreso e se inclinou na sua direção. Ela sorriu, animada, esticou os bracinhos pedindo colo e repetiu de novo a palavra.

Era como uma flechada no meu peito.

Traidorazinha maldita!

— Isso mesmo, Gio! Papai! — ele gritou, chacoalhando-a no ar e minha filha começou a gargalhar alto, completamente entretida.

— Eu carreguei essa criança por 9 meses, tive um parto de 12 horas pra primeira palavra dela ser “papai”? — explodi, irritada, e os dois ficaram me olhando, Dante comprimindo os lábios, segurando-se para não rir. — Você está aqui há duas semanas! Como você fez isso?

— Eu só pedi pra ela repetir algumas vezes... — respondeu calmamente.

— Algumas vezes? — perguntei, sem acreditar.

— Ok, muitas vezes — admitiu e dei um gritinho de raiva.

Parei na sua frente e comecei a dizer “mamãe” sem parar enquanto ela me olhava curiosa. De tempos em tempos, voltava a olhar para Dante em cumplicidade e dava uma risada. Lancei um olhar de ódio na sua direção e ele abafou o riso. Era muita audácia.

Ok, eu estava feliz por ela ter dito a primeira palavra, mas era simplesmente injusto demais!

Será que Deus estava me castigando por ter escondido a Giovanna dele? Só podia ser isso.



*Você é cegado por arco-íris  
Prestando atenção ao vento que sopra  
Cegado por arco-íris  
Você sonha na noite  
Você dorme na noite  
Eu duvido*

:: BLINDED BY RAINBOWS - THE ROLLING STONES::

*Dante Perazzo*

Meu irmão estava bem cabreiro quando entrou no apartamento. Abri a porta e notei que ele observou tudo rapidamente e de forma curiosa. Deu um sorriso sem vontade para Maria Manuela, seguido de um “boa tarde” seco.

Ela respondeu do mesmo jeito e eu nem esperava que fosse ser muito diferente daquilo. Como Dom era muito educado, agradeceu também pelo convite e entregou nas suas mãos uma garrafa de vinho.

Assim que ele avistou Giovanna, sua respiração pareceu ficar presa na garganta.

— Meu Deus, você realmente nem precisa de DNA — ele constatou, chocado, cobrindo a boca com uma das mãos.

A bebê ouviu sua voz e no mesmo instante, largou o brinquedo e abriu um sorriso, mandando um beijinho para ele antes de começar a se agitar na cadeirinha. Nós três rimos ao mesmo tempo e eu olhei para meu irmão, embasbacado, olhando para a criança à sua frente.

— Que falta de educação, eu não trouxe nada pra ela — começou a se justificar, virando-se para mim, preocupado.

— Fala sério, Dom.

Gio estava inquieta, quase pulando no próprio lugar, esticando os bracinhos em uma tentativa de alcançá-lo. Meu irmão pegou um frasco de álcool em gel do bolso e passou nas mãos.

— Prazer, Giovanna — cumprimentou, aproximando-se dela e apertando sua mãozinha cordialmente como se estivesse lidando com um dos clientes da *Petrolio*. — Como vai?

Dei uma risada quando ela pegou seu polegar e tentou levar até a boca.

— Sério que vai falar com ela como se ela fosse um adulto de trinta anos? — Manuela perguntou, abafando uma risada.

Ela tirou a Giovanna da cadeirinha e a acomodou em seu colo.

— Meu amor, esse é o seu tio Domenico — explicou, segurando o tronco da menina que estava desesperada para ir para os braços do tio.

Ele piscou, ainda sem reação.

— Boa tarde.

— Ela não vai te responder, seu idiota — impliquei. — Ei, Gio... Você quer ir no colo do seu tio, não quer?

— Não, Dan. Não tenho o menor jeito com... — ele se interrompeu, lançando-me um olhar de ódio quando eu coloquei minha filha nos seus braços.

Ver Dom segurando a Giovanna era engraçado, porque ele era um pouquinho mais alto e forte, mas o suficiente para que ela parecesse um pacotinho ainda menor em seu colo. Ele a segurou com muito mais segurança do que eu, o que me deixou surpreso.

— Você leva jeito — falei e ele estalou a boca. — Ela disse papai — contei, percebendo uma careta involuntária se formar no rosto da insuportável.

— Já? Que legal e o que mais ela fala?

— Só isso, aparentemente — ela respondeu, cheia de ódio.

— Ah, ela não aprendeu a falar “*ecochata*” ainda? — Dom fingiu um muxoxo.

— Não, mas fique tranquilo que quando ela crescer, vou ensinar direitinho para que minha filha possa te dar uma palestra sobre como ser ecologicamente consciente.

— Já deu, vocês dois.

Meu irmão respirou fundo, sentindo o cheirinho de bacon na panela e girou a cabeça novamente para Maria Manuela.

— O que está cozinhando? — indagou, fazendo com que ela engasgasse uma risada.

— Bom, não é? Com esse cheirinho você nem vai sentir o veneno — zombou e ele revirou os olhos.

— Acredite, o veneno seria doce perto da comida da Maria Manuela — impliquei e ela checou para ver se Gio estava olhando e levantou o dedo do meio na minha direção com um sorriso sem humor.

— Ué, então... — ele se interrompeu, o rosto se retorcendo em uma careta porque Giovanna estava babando em toda sua camisa, mordendo o tecido.

— Eu estou cozinhando, Dom — contei. — Fiz algumas aulas, nada demais.

Seus olhos se estreitaram para mim enquanto ele tentava inutilmente afastar a boca da Gio e suas mãozinhas que batiam insistente no seu rosto, porque ela estava querendo chegar até seu nariz.

— Impossível.

— É sério, fiz quando estava passando uma temporada na Itália.

— E ao invés de ir atrás das boce... — ele pigarreou, lembrando que estava na frente de um bebê. — Dos monumentos italianos, você decidiu brincar de *Masterchef*<sup>[12]</sup>? — zombou.

— Tanta classe. — Manuela estalou a boca.

— Bem mais que você. — E deu um sorriso apático para ela.

— Você podia ficar na sala com Gio enquanto eu termino, não é? — pedi, expulsando-o da cozinha.

Domenico foi para a sala com Giovanna e eu incentivei que ele sentasse no chão para brincar com a menina, o que fez a muito contragosto, porque meu irmão não era o tipo de pessoa que se sentava no chão.

Maria Manuela ficou espiando os dois da cozinha, hora ou outra inclinando-se na bancada para ver o que estavam fazendo. Ela estava analisando alguns documentos porque aquela mulher nunca parava de trabalhar.

Em algum momento, ela se aproximou de mim, como se fosse me contar um segredo e eu senti os pelos da minha nuca se eriçarem com a maldita proximidade e o cheiro do seu perfume.

— Seu irmão idiota está usando uma vozinha fofa pra falar com ela — cochichou, rindo e eu fiz o mesmo.

— Ei, Manuela... — eu a chamei, segurando seu pulso e ela olhou para o local, fazendo com que eu me afastasse na mesma hora. — Ahn, obrigado por receber meu irmão aqui.

— Não é nada. Só não espere que eu vá ser muito simpática.

— Meu Deus, isso é algo possível? — brinquei e ela estreitou os olhos.

— Sou simpática toda vez que não tento te jogar pela janela — retrucou, com um sorriso de desdém.

Nós almoçamos quase em silêncio, a conversa basicamente se resumindo à perguntas do meu irmão sobre Giovanna, à matéria ou aos seus comentários sobre como era absurda a bagunça que ela fazia comendo.

Ele estava horrorizado.

Dom ficou espantado com minha comida e depois do almoço, quando eu perguntei se ele queria ficar um pouco mais para brincar com sua sobrinha, ele pareceu um pouco desconfortável e disse que precisava ir embora. Ainda assim, foi um dia importante para mim e o principal:

Estava feliz que todos estavam vivos.



A matéria foi publicada na manhã seguinte, no site da revista, e assim que cheguei ao escritório, a secretária informou que minha mãe estava à minha espera.

Pedi que a mandasse entrar no momento em que pus os pés na minha sala, já pinçando a ponte do nariz, pensando no estresse que viria a seguir. Então ela entrou, caminhando com toda sua postura habitual.

— Como está? — perguntei, dando um beijo em sua testa.

— Dante... — ela começou com a voz trêmula, encarandome, e depois voltou a atenção para o celular que estava na sua mão.

Abriu a boca, fechou novamente e voltou a olhar para a imagem. Havia tanta mágoa em seu olhar e eu sabia exatamente o que minha mãe estava sentindo.

— Achamos melhor dizer que eu já sabia — comentei e ela continuou me olhando, um pouco sem reação.

— Ela é a sua cara — falou com a voz falhando, completamente abalada e eu dei um sorriso fraco.

— Eu te disse.

— Dante, eu não sei o que fazer!

E então ela desabou. Minha mãe não era uma pessoa que chorava com facilidade, pelo menos não na minha frente e normalmente quando isso acontecia, era por conta do meu pai, por algum comentário absurdo que ele havia feito ou por tratá-la mal.

Durante toda minha vida, sempre que minha mãe chorava, eu o ouvia dizer que ela não podia ser fraca, não podia se deixar abalar porque as mulheres da nossa família não eram daquele jeito. E em seguida, ela limpava o rosto, respirava fundo e voltava a manter uma expressão firme, sem emoção alguma. Exceto que por dentro, eu sabia como ela estava: em frangalhos, quebrada.

— Sempre prezei pela nossa família, pelo nosso nome, mas não consigo ser como seu pai. — Ela soltou o ar, cansada. — Não consigo saber que você tem uma filha e ignorá-la.

— Então não a ignore, mãe.

— Mas seu pai...

— Foda-se o meu pai e toda essa merda de Círculo de Ouro! Mãe, a Giovanna tem o meu sangue, o seu sangue — lembrei e ela

ficou me encarando, com os olhos ainda molhados. — Ela é minha família, nossa família.

— Sei disso — respondeu baixinho, quase como se estivesse confessando um crime.

Ela sabia. Família era tudo pelo que minha mãe vivia. Eu e meu irmão éramos tudo para ela e o amor que ela tinha por nós era maior do que qualquer sociedade elitista escrota.

— Eu não tive uma escolha, não pude conviver com ela desde o início como gostaria — comentei, sentindo um aperto no peito e um nó na garganta. — Você está tendo essa oportunidade agora e simplesmente está deixando passar. Tenho certeza que uma hora vai se arrepender.

— Não quero começar uma guerra com seu pai, Dante. Não tenho forças para isso. — Seu tom de voz era quase inaudível. — Os jornalistas estão nos procurando e ele anda cada vez mais irritado. Desde que a primeira matéria saiu, ele mal fica em casa.

— Não dê entrevistas, por favor — pedi.

— Não pretendo.

— Senhor Perazzo, a senhorita Rangel está na recepção esperando para vê-lo também. — Deusa surgiu pela porta e eu revirei os olhos.

Não queria lidar com Marcella. Puta que me pariu!

— Mãe, não posso decidir por você, mas caso queira conhecer a Gio, pode ir até o apartamento — avisei por fim e ela me abraçou, dando um beijo no meu rosto.

— Se cuide, meu amor — falou, saindo pela porta.

Alguns segundos depois, Marcella entrou na sala quase como um furacão. Sua expressão não era nem um pouco amigável e era bem nítido que ela estava mais irritada do que nas mensagens e áudios que tinha me enviado.

— Não me respondeu — cuspiu em um tom acusatório, andando até mim e se sentando na cadeira à minha frente.

— Estava ocupado, Marcella — respondi, mexendo nos papéis.

— Quando pretendia me contar que tinha uma filha de 10 meses? — perguntou, cruzando os braços.

— Às vezes que te encontrei não conversamos muito... Caso você não se lembre — retruquei, seco.

— Eu me lembro muito bem, mas ainda assim, acho que poderia ter encontrado um tempo entre nossas fodas pra você me dizer que tinha uma filha com Maria Manuela Guerra!

— Combinamos que ninguém saberia de nada — disse por fim.

— Eu não sou ninguém — ela resmungou com um olhar triste.

— Marcella, foi uma decisão minha e de Manuela...

Tentei explicar calmamente e suspirei quando percebi que seus olhos estavam com água acumulada.

— Você está com ela?

— Não estou com ela.

— O jornal diz que vocês moram juntos! — contestou, aborrecida.

— Porque moramos.

— Além de tudo, a matéria diz que você cozinha, que vocês têm uma relação incrível, que merda é essa? — Sua voz saiu esganiçada e eu sabia que ela começaria um escândalo em breve se eu não a cortasse.

— Não te devo explicações da minha vida, Marcella. Muito menos da minha rotina ou da relação que tenho com Manuela.

Era possível ver seu olhar de insatisfação e decepção. Sabia que ela estava magoada, mas era ridículo que me cobrasse aquelas coisas. Marcella foi apaixonada por mim a vida toda e tinha certeza de que, um dia, eu acabaria cedendo e casando com ela. Não importava quanto tempo tivesse que esperar, ela continuaria fazendo isso, por mais que eu afirmasse que era impossível.

— Como pôde, Dante? Como pôde ter uma filha com a vira-lata morta de fome? Como ainda pode morar com essa vagabunda? — indagou, transtornada.

— Você não vai chamá-la assim — avisei e ela me encarou, surpresa. — Tenha mais respeito, ela é a mãe da minha filha, Marcella.

As palavras pareciam tê-la atingido como uma flecha.

— Você queria um filho? Eu poderia ter te dado um filho, Dante. Quantos você quisesse. Um filho e não uma bastarda que não fosse acabar com a linhagem da sua família e nem trazer vergonha pra vocês. Poderíamos estar morando juntos, casados! — afirmou, levantando o tom de voz novamente.

— Não chame minha filha de bastarda, porra! — quase gritei, cortando o ar com a mão. — Que inferno, quantas vezes preciso repetir que acabou? Nunca quis casar ou ter herdeiros com você, sabe disso!

— Mas quis com ela? — perguntou com uma voz triste. — Você odiou essa mulher por tantos anos, Dante. Isso não faz o menor sentido!

— Não foi uma escolha.

Ela levantou, aproximou-se de mim e me encarou, passando a mão pela minha nuca.

— Sinto sua falta — sussurrou, colando o corpo no meu.

— Marcella, por favor! Estamos no meu ambiente de trabalho... — avisei, afastando-a. — Estou ocupado e cheio de coisas para fazer. Preciso que vá embora e pare com todo esse show.

— Sabe onde moro, Dante. Não demore para aparecer. — Ela me olhou, frustrada, e andou em direção à porta.

Eu sabia, mas não tinha intenção nenhuma de aparecer.



*Sou resistente o bastante?*

*Sou rude o bastante?*

*Sou rico o bastante?*

*Eu não sou cego demais pra ver*

**:: BEAST OF BURDEN - THE ROLLING STONES::**

*Dante Perazzo*

Ela voltou um pouco mais tarde do que de costume da pensão. Algumas noites, Manuela ficava um tempo conversando por lá antes de pegar a Giovanna. Provavelmente aquele babaca inconveniente do Adriano deveria ficar alugando-a e aproveitando para passar mais tempo com elas, porque pelo visto, não tinha capacidade de arrumar sua própria filha e queria a minha.

Quando finalmente chegou em casa, Manuela avisou que iria tomar um banho e perguntou se eu podia dar o jantar da Gio. Não sei quanto tempo ela ficou no quarto, mas demorou tanto que cheguei à conclusão de que havia dormido, mesmo sem dizer nada.

Abaixei as luzes da sala e peguei a capivarinha de pelúcia que ela não soltava mais, vendo seus bracinhos se enroscarem nela. Desde o dia em que eu havia dado, a menina grudou no bichinho e agora só conseguia dormir abraçada a ele.

Coloquei minha filha no colo e comecei a balançá-la de um lado para o outro para que pegasse no sono. Eu já estava ficando realmente bom em fazê-la dormir. Ela ficava tão calma nos meus braços e era incrível a sintonia que tínhamos, mesmo com tão pouco tempo.

— Está cansada, não está? — perguntei baixinho e ela me olhou com os olhinhos pesando.

Gostava de conversar com ela, mesmo que não tivesse resposta. Era como se, de alguma forma, Giovanna compreendesse o que eu estava dizendo.

— Saímos em uma revista hoje e aparentemente você é a bebê mais linda do Rio de Janeiro. E nem sou eu quem está dizendo, vi os comentários na publicação — sussurrei, com um tom de voz calmo.

Ela sorriu, mostrando os dentinhos e voltou a se acomodar entre meus braços.

— Sua mãe ainda está irritada por você ter dito “papai”.

Seus olhos se arregalaram, sua cabeça levantou um pouco e ela repetiu a palavra, fazendo com que meu coração batesse mais rápido. Eu ainda ficava um pouco chocado em como algo que eu nunca planejei fosse capaz de me proporcionar tantos sentimentos ao mesmo tempo. Era inexplicável.

— Talvez você devesse aprender a falar mamãe também, Gio. Ela já me odiava o suficiente antes. Agora então... — sugeri, dando uma risada.

A bebezinha piscou bem devagar e coçou os olhos, dando um grande bocejo.

— Hoje eu encontrei a sua avó... — Ela segurou meu dedo, fechando as mãozinhas. — Acho que, em breve, ela vai querer te conhecer e acredito que vão se dar bem... Mas agora com você falando, precisa me prometer que não vai contar para ninguém que eu te esqueci na loja.

— VOCÊ O QUÊ, DANTE? — Ouvi sua voz esganiçada atrás de mim.

Gelei por alguns segundos.

Merda.

Merda.

Porra, caralho.

Eu era um puta de um idiota.

— Shhhhhh — chiei, virando-me em sua direção e mostrando que a garota estava quase dormindo.

Maria Manuela me olhava furiosa, com fogo nos olhos. Porra, como eu era burro! Por que diabos eu tinha dito aquilo? E que tipo de pessoa ficava se esgueirando pela casa em silêncio como se fosse a porra de uma cobra sorrateira?

Passei por ela, levando-a para o quarto e fiquei ali alguns minutos, até que a bebê dormisse e pensando no que diria em minha defesa.

Foda-se, eu não tinha defesa. Decidi que iria para o meu quarto direto, passaria pelo corredor lentamente e evitaria a conversa até o dia seguinte. Talvez ela estivesse mais calma até lá.

Saí de fininho. A luz da sala estava completamente apagada, ou seja, ela já tinha ido dormir. Respirei aliviado com a possibilidade de ter mais tempo para arrumar uma desculpa.

Abri a porta do quarto e tomei um susto, porque ela estava apoiada na escrivaninha horrorosa que eu precisava ver todas as manhãs assim que acordava. Uma verdadeira visão do inferno.

— Você perdeu minha filha? — ela meio que berrou sem levantar demais a voz.

— Não foi bem assim... — Franzi o cenho.

— E como foi então, seu idiota? — perguntou, cuspindo as palavras.

— *F-foram...* — eu gaguejei. — Apenas alguns minutos, Giovanna estava dormindo e fui pagar as compras e quando vi, saí da loja sem ela, mas percebi na mesma hora...

— Você não pode estar falando sério! — Ela sacudiu as mãos ao lado do corpo, transtornada, chegando mais perto. — Você é muito inconsequente! Tem noção do que poderia ter acontecido? Poderiam ter sequestrado a Giovanna! Existem pessoas que fazem isso, levam as crianças embora e ninguém nunca mais acha!

— Não aconteceu nada. O Guilherme disse que isso é algo até normal, que ele mesmo já esqueceu o Lucca... — tentei me justificar.

— Normal? Perder sua filha é normal? — indagou, perplexa.

— O que Guilherme tem na cabeça pra te dizer uma coisa dessas? E vocês dois de conluio, escondendo isso de mim!

— Acalme-se, nada aconteceu! — exclamei e ela pareceu ficar com ainda mais raiva.

— Mas poderia ter acontecido! Você é muito irresponsável, Dante! Não deveria ter confiado em você e nem ter deixado que saísse com ela.

— Ela é minha filha também, Maria Manuela. Você não tem que “deixar” nada — retruquei, começando a perder a paciência também.

— Ah, mas eu tenho que deixar sim, porque claramente você não consegue cuidar de uma criança sozinho sem perdê-la por aí — disse com desdém.

— Já te disse que foi sem querer, acha mesmo que eu iria fazer isso de propósito?

— Não interessa se foi sem querer! Você a esqueceu em uma loja! — voltou a gritar, apontando o dedo perto do meu rosto. — Em uma loja!

— Por Deus, como você pode ser tão chata e insuportável? — perguntei, elevando o meu tom de voz e ela soltou um gritinho de indignação.

— Como você pode ser tão mimado e prepotente a ponto de achar que nada tem consequências? — indagou, ainda ofegante.

Ficamos em silêncio nos olhando, ambos com raiva um do outro, com as respirações pesadas. Estábamos próximos demais e aquilo nunca era bom. Suas bochechas estavam vermelhas, era possível ver seu peito subindo e descendo rapidamente pelo top rosa que ela vestia.

Desviei os olhos para notar que Manuela estava com a barriga de fora e dentro de um shortinho minúsculo. Porra, ela não podia ficar andando assim pela casa, pelo bem da minha sanidade mental. Eu precisava focar na porra do ódio que eu sentia por ela, não no tesão. O meu norte deveria estar na minha cabeça de cima, não na do meu pau.

E então, novamente todo aquele misto de sentimentos tomou conta do meu corpo e quando pisquei, ela avançou para cima de

mim, colando os lábios nos meus e puxando meu rosto para si com urgência.

Ah, que se foda!

Aquela sensação surreal e tão inexplicável me preencheu como sempre acontecia. No momento em que aquela atmosfera hostil nos cercava, tudo parava de fazer sentido e era assim desde a noite em que ficamos a primeira vez.

Tudo parava de existir. Éramos apenas nós dois. Todo o nosso ódio. Todo o nosso desejo enlouquecedor.

As emoções transbordavam e cada olhar era uma faísca que incendiava meu corpo, minha alma. Era impossível negar ou lutar contra a atração intensa que tínhamos um pelo outro, mesmo que em todos os outros momentos o ódio fosse o maior protagonista da nossa história.

Quando nossas línguas se tocavam era como se nada mais importasse, uma energia fora do comum. E aquela ligação inexplicável nos mantinha voltando um para o outro, como se estivéssemos presos em um ciclo inescapável. Cada encontro era uma mistura de incerteza, o fogo do desejo derretendo todo o gelo da hostilidade.

A irritação por saber que não existia ninguém que provocasse aquele tipo de efeito em mim como Maria Manuela fazia, me deixava com mais raiva dela ainda, mas o calor dos nossos corpos queimava tudo aquilo, transformando-a em cinzas.

Segurei seu pescoço e pressionei seu corpo contra a escrivaninha do quarto, fazendo com que toda as coisas que estavam ali em cima tombassem. Empurrei o porta-retratos com a foto dela com a mãe, o porta-canetas para o lado, puxando-a para cima da mesa e sentindo suas pernas se enroscarem no meu tronco.

Nenhum de nós dois se importou com a zona que estávamos fazendo, continuamos nos beijando violentamente até que ela mudou de posição, empurrando-me contra a cabeceira e fazendo com que o abajur se espatifasse em diversos pedaços.

Nossa discussão parecia estar acontecendo ali, durante aquele momento, com nossos corpos, enquanto andávamos pelo

quarto, nos beijando de maneira um pouco mais agressiva do que o normal e esbarrando nos objetos pelo caminho.

— As coisas estão quebrando... — informei, porque ela parecia nem estar percebendo o que estava acontecendo ao nosso redor.

— Foda-se — respondeu dentro da minha boca, sem parar de me beijar.

— Então podíamos aproveitar e quebrar essa coisa horrorosa que você restaurou.

— Cala a porra da boca, Dante, e...

Eu a segurei com força enquanto enredava a mão na sua cintura, erguendo-a no ar e voltando a colocá-la em cima da escrivaninha. Separei a boca da dela para tirar seu top e mantive a mão na sua garganta, olhando sério para ela ao perceber que todo o ódio por mim estava refletido nas suas pupilas.

Ela puxou minha camiseta pela base, subindo aos poucos e arranhando minha pele com as unhas. E em seguida, Maria Manuela me empurrou, batendo com as minhas costas no guarda-roupas com toda a força, dando um sorriso convencido.

— Filha da puta — xinguei, aumentando o aperto no seu pescoço e ela suspirou alto, voltando a me beijar no segundo em que nossos corpos quentes se encostaram.

Segurei seus pulsos com uma das mãos e a peguei no colo, caminhando com ela em direção à cama, ignorando o fato de que a mulher tentava se soltar do meu aperto por pura teimosia. Cobri meu corpo com o dela quando a joguei no colchão e as reclamações cessaram assim que minha língua correu por seu queixo, mandíbula e pescoço.

Deslizei a mão por sua coxa e ela girou para cima de mim, prendendo um dos meus braços com o joelho. A desgraçada estava linda com a respiração ofegante, as bochechas coradas e aquele pequeno sorriso vitorioso por aquela guerrinha que estávamos fazendo. Os cabelos bagunçados caíam sobre os olhos, os lábios inchados deixavam sua boca ainda mais convidativa e seus seios estavam enrijecidos.

Puta merda, era realmente uma visão fantástica.

Por mais que eu estivesse excitado com ela em cima de mim, queriavê-la irritada, porque, de alguma forma, aquilo me deixava com mais tesão ainda.

Foda, a maldita tinha estragado o sexo para mim. Eu não teria aquilo com mais ninguém. Aquele olhar tão singular, as expressões, o turbilhão de sentimentos.

O ódio.

— Acha mesmo que é assim que vai ganhar uma discussão, Maria Manuela? — Eu a joguei para o lado de novo e me posicionei entre suas pernas, prendendo suas mãos no topo da cabeça.

Ela me olhou furiosa e dei um sorrisinho sarcástico, voltando a beijá-la novamente. Era assim que eu a queria. Rendida para mim.

Minha mão deslizou por dentro da calcinha e ela soltou um gemido enquanto eu lambia sua barriga e alternava os chupões entre os mamilos. Fechei os olhos quando enterrei meus dedos na sua boceta melada, completamente alucinado pela sensação.

Seu corpo se contorcia na cama com a fricção e ela mexia os quadris, buscando ganhar algum tipo de controle. Tentava inutilmente soltar os pulsos e respirava cada vez mais ofegante.

— Por que... Está tão devagar? — ela reclamou, soltando um palavrão em seguida.

Nossos olhares se cruzaram e eu sorri.

— Nossas ações têm consequências, certo? — perguntei, divertido, pressionando um pouco mais seu clitóris e ela gemeu, fechando os olhos.

— Eu te odeio — sussurrou com a voz fraca e dei uma risada.

— É mesmo? Talvez eu devesse parar o que estou fazendo...

— sugeri, passando a língua pelos seus lábios e cessando os movimentos.

— Não ouse fazer isso — avisou, olhando-me séria.

— Já te disse, Maria Manuela. Você. Não. Me. Dá. Ordens.

Cada palavra foi dita pausadamente enquanto meu polegar resvalou devagar por sua garganta, sentindo-a engolir em seco. Voltei a acelerar os movimentos, buscando o seu ponto G.

A respiração se quebrando a cada réplica inconstante.

Eu estava obcecado por cada uma das suas reações. E não conseguia descolar a minha boca da dela, engolindo os xingamentos, os gemidos.

Cada detalhe físico tinha um significado. Os lábios macios que se moviam em sincronia com os meus, seus cabelos desalinhados, indicando a intensidade do que estávamos fazendo e o escuro dos seus olhos que refletia o desejo e o ódio. Páreo a páreo.

Meus dedos não deram descanso para ela, que não demorou para se contrair, as costas arqueando para trás, como se fossem empurradas pelo gemido longo que fugiu da sua garganta.

Os espasmos correndo pelo seu corpo, sem controle algum. E não havia nada melhor do que saber que eu fazia isso com ela.

No momento em que conseguiu se soltar um pouco, tirou a calcinha e rolou para cima de mim, fazendo com que eu desse uma risada. Minhas mãos se afundaram em seus cabelos e eu a olhei por alguns segundos em silêncio. Ela era linda, definitivamente.

Sua boca chegou perto da minha e senti seu hálito quente e sua respiração pesada.

— Sei jogar esse jogo, também, Dante — afirmou, estreitando os olhos, roçando a boceta no meu pau.

A língua passeou pelos meus lábios e tornou a invadir minha boca, anulando todo espaço entre nós.

Passou a mão pela minha barriga e escorregou por dentro da cueca, sentindo toda minha rigidez. Segurou a base com um pouco de força, fazendo com que eu soltasse um grunhido e me olhou satisfeita com aquilo.

Ela desceu em direção ao meu pau e o cobriu com a boca, deslizando a língua por todas as extremidades, deixando-me ainda mais ofegante. Rodeou a cabeça tão lentamente que cheguei a me perguntar se a maldita estava me torturando.

E pela forma como Maria Manuela sorriu, tive certeza.

Minha cabeça pendeu para trás quando ela sugou com mais força. Segurei seu cabelo, observando a sua cabeça subir e descer enquanto meu pau sumia dentro da sua boca, indo até o fundo da sua garganta. Seus movimentos alternavam entre o rápido e o lento, deixando cada parte pulsando de forma dolorida.

— Porra! — Respirei fundo, tentando puxá-la na minha direção, mas Manuela rapidamente subiu em cima de mim, encaixando sua boceta no meu pau e sentando sem nem me dar tempo para raciocinar.

Soltei um outro palavrão e arfei. Meu corpo queimando com a visão do seu arqueado para trás e dos seios balançando conforme ela cavalgava em cima de mim.

Então, ela mordeu o lábio inferior, dando outro sorrisinho safado por perceber que eu já estava fora de mim.

— Eu poderia ficar a porra da noite inteira sentada no seu pau... — sussurrou no meu ouvido, sem parar de movimentar os quadris e depois mordeu minha orelha.

Alcancei seu pescoço com uma das mãos e ela me olhou cheia de excitação.

— É exatamente o que você vai fazer.

— Vou, é? — indagou de um jeito meloso, mas com uma faísca de petulância.

— Sim.

— Se eu quiser...

E antes que eu pudesse responder, ela se ergueu um pouco e voltou a sentar em cima de mim, com mais força, indo até o fundo até que eu a preenchesse por completo.

Nós gememos quase em sincronia e precisei reunir todo esforço para não gozar dentro dela.

Puta merda, tinha esquecido o caralho da camisinha de novo!

— Esqueci da camisinha, porra! — falei, segurando sua cintura para que ela parasse. — Que merda acontece comigo quando você está por perto?

— Tudo bem, Dante. Eu tomo anticoncepcional — ela me tranquilizou e assim que abri a boca para perguntar, Manuela pareceu ler meus pensamentos. — E fica tranquilo, eu não transo com ninguém sem camisinha desde a noite em que fomos... Inconsequentes.

— Ótimo.

Meus dedos fincaram em suas coxas com força, segurei sua cintura e rolei por cima dela. Afastei suas pernas e empurrei para dentro dela, dessa vez com mais força.

— Ótimo?

— Gosto de saber que você só é inconsequente comigo — falei contra seus lábios, beijando sua boca em seguida.

Sua expressão se fechou, como se ela tivesse ficado irritada pelo fato que eu constatei.

— Não sou semp...

— Cala a boca, Maria Manuela.

Eu estoquei novamente e mais algumas vezes, engolindo cada um dos seus gemidos, sentindo o suor escorrendo dos nossos corpos conforme nos movimentávamos com brutalidade. Aquele sentimento quase masoquista de nos provocarmos marcava o melhor sexo da minha vida, com a pessoa mais improvável de todas.

Era quase como uma mistura tóxica de ódio e desejo.

Irresistível.

Viciante.

Minhas mãos deslizavam por toda sua pele e minha língua fazia o mesmo, desesperada para relembrar o gosto de cada centímetro daquela mulher que tirava a minha paz.

A razão da minha ruína.

Impulsionei com mais força, dando um tapa forte na sua coxa que fez com que ela me olhasse com deboche.

— É só isso que você tem, Dante?

Então, desferi um tapa no seu rosto, vendo seus olhos escurecerem ainda mais. Minha imagem refletida, pegando fogo. Não demorou para que ela tentasse fazer o mesmo comigo, mas segurei seu pulso, prendendo-o perto da sua cabeça.

— O que você disse? — perguntei, segurando seu rosto.

— Babaca.

Mais um tapa.

Seus olhos fecharam e ela sorriu, satisfeita.

Deixei meus dentes se arrastarem por sua mandíbula e minha respiração queimar um pouco abaixo da sua orelha, junto com uma risada.

— No fundo, Maria Manuela... Acho que adora que eu te dê ordens e faça o que quiser com você.

Não deixei que ela respondesse, meti novamente, indo até o fundo e fazendo com que sua respiração engasgassem. E eu continuei. Em um ritmo avassalador, desenfreado, até que meus músculos começassem a queimar.

Seu corpo tremia embaixo do meu, as mãos puxando minha nuca enquanto Manuela me beijava com violência. O orgasmo irradiava por cada partícula do seu corpo e os espasmos vinham em ondas. Os beijos eram interrompidos apenas pelos gemidos cada vez mais altos dentro da minha boca.

Intensifiquei os movimentos, querendo que ela gozasse mais uma vez. Meus lábios passearam pelos mamilos rígidos e ela parecia ficar desorientada toda vez que eu os alcançava.

Maria Manuela era tão quente, tão apertada e tão gostosa... Eu deslizava para dentro da sua boceta com tanta facilidade. Como se ela fosse feita exatamente para mim.

Era perfeito, ela toda era perfeita.

E era minha novamente.

Seus dentes fincaram no meu ombro, provavelmente deixando marcas, denunciando um outro orgasmo. As paredes dos seus músculos retraíram com força, apertando ainda mais o meu pau e fazendo com que eu gozasse dentro dela.

Porra, não havia sensação no mundo melhor do que aquela.

Beijei a sua boca, deixando que meu polegar contornasse seus lábios enquanto olhava para eles quase hipnotizado. Eu odiava o quanto aquela mulher maldita que tirava minha paz era linda. Não suportava o efeito que causava em mim e o fato de eu ser completamente rendido por ela.

Não tinha explicação. Eu não fazia uma porra de ideia do porquê me sentia daquela forma.

Eu gostaria de não sentir, essa era a verdade.

Daria tudo para não ter aquela sensação que atualmente me perseguia: de ser seu refém.

Deitei ao seu lado em silêncio, nossas respirações ofegantes ecoando pelo quarto, enquanto observávamos o teto, puxando todo ar possível.

— Preciso perder a Giovanna de novo pra isso voltar a acontecer? — perguntei, virando-me de lado, com a cabeça apoiada

na mão.

Dei uma risada, mas ela me lançou um olhar ameaçador.

— Você está brincando com o perigo, Dante. Não tem graça alguma.

— Manuela...

Soltei minha respiração devagar, ainda buscando me concentrar no que pretendia dizer. Era difícil quando eu tinha a impressão de estar me afogando naqueles olhos lindos.

— Oi?

— Desculpe por ter esquecido nossa filha na loja e por não falar nada para você — disse, agora sério.

Sua expressão mudou, como se toda a armadura que estava usando tivesse sido retirada. Ela me encarou durante alguns segundos, um pouco sem reação e aproveitei para desfrutar ainda mais do seu rosto tão perto do meu.

Eu estava tão fodido...

— É estranho ouvir você pedindo desculpas por alguma coisa.

— Eu sempre peço... — Ela estreitou os olhos, descrente. — Quando estou errado. O que é quase nunca.

Manuela deu um tapa no meu braço e eu gargalhei, fazendo-a revirar os olhos.

— Tudo bem — respondeu em um tom calmo. — Só que você precisa ficar mais atento, Dante. Graças a Deus não aconteceu nada, mas poderia ter acontecido e só de pensar na possibilidade, eu fico desesperada.

Assenti com a cabeça e ficamos em silêncio durante algum tempo.

— Ainda é tudo muito novo pra mim.

— Eu sei — murmurou, parecendo um pouco chateada. — E desculpa também por ter gritado.

— Tudo bem... Na real, você pode me punir dessa forma quando quiser, quando eu fizer algo errado. Não vou me opor a isso — comentei em um tom irônico.

— Meu Deus, como você é irritante — ela resmungou, bufando.

Passei meu corpo por cima do dela e beijei sua boca, junto com toda a irritação, vendo-a derreter nos meus braços.

Manuela sorriu e cheguei à conclusão de que eu seria seu refém voluntariamente se ela quisesse.



*Não, não, não uma segunda vez*

*Não uma segunda vez*

**:: NOT A SECOND TIME - THE BEATLES::**

# *Maria Manuela Guerra*

Acordei na manhã seguinte muito dolorida. Havíamos transado tanto que cheguei a perder as contas de quantos orgasmos eu tive.

Não era para ter acontecido isso, eu sabia, mas simplesmente recebi a visita daquelas forças sobrenaturais que tomavam conta do meu corpo quando Dante estava presente.

Era a única explicação lógica.

Fiquei alguns segundos observando-o enquanto dormia, com a respiração profunda pela exaustão e os cabelos bagunçados sobre o rosto. Que inferno, o idiota parecia uma miragem deitado ali na minha frente, com aquele corpo escultural que coçava minha língua para lamber cada centímetro da sua pele.

Aquele fogo habitual desencadeou pelas minhas terminações nervosas, entranhando-se em cada espaço, incendiando tudo dentro de mim. Suspirei, irritada comigo mesma, notando as marcas dos meus dentes no seu ombro e alguns outros arranhões também. Que ódio, o desgraçado me deixava totalmente fora de controle.

Odiava o efeito que ele tinha sobre mim e sabia o quanto era prejudicial. Os beijos, o sexo... Nada com ele poderia continuar se repetindo.

A gente se odiava! Estávamos em frente a um advogado alguns dias atrás com ele a plenos pulmões alegando que tiraria minha filha de mim. E eu sabia que se o idiota cismasse com isso, havia uma chance (mesmo que mínima) de eu me foder.

Em alguns momentos, eu podia ver, tão vítreo como a água, toda a mágoa, raiva e ressentimento que Dante tinha de mim, por eu ter escondido o fato de que ele era pai, por todo o tempo que perdeu com Gio.

Saí do quarto lentamente e percebi que minha bebê ainda estava dormindo. Então, tomei um banho rápido e fui até a cozinha para preparar um café.

Estava distraída na bancada, com a xícara na mão, ainda perdida na noite anterior. Dante surgiu pelo cômodo, vestindo apenas uma calça de flanela e sem camiseta, jogando os cabelos para trás, ainda sonolento.

— Agora vai passar a andar pela casa seminu? — perguntei, desviando o olhar e indo em direção à torradeira.

Seria demais para o meu psicológico.

O que eu tinha feito para o universo, Deus? Eu defendia o meio ambiente, poxa! Que vida injusta do caralho.

— Você poderia fazer o mesmo. Não me importaria com isso — comentou, dando uma risada, fazendo com que eu rolasse os olhos.

Ele caminhou em direção à cafeteira, passando por mim e fazendo com que todos os meus pelos se arrepiassem apenas pela brisa que seu corpo levou até o meu.

— Por que acordou tão cedo? Achei que estaria exausta... — disse em um tom divertido, levando a xícara até a boca e apoiando-se na bancada à minha frente.

*Perto demais. Perto demais, infernooooooooooo.*

— Estou exausta, mas estou ansiosa com a festinha que vamos fazer hoje — falei, mordendo um pedaço de torrada. — Tem certeza que vai conseguir trazer tudo? Posso sair mais cedo e te ajudar.

Giovanna estava fazendo 11 meses e iríamos receber meus amigos e o irmão dele para cantar parabéns e comer um bolo. Eu perguntei se Dante queria chamar seus pais, mesmo sabendo a resposta e ele só respondeu que apenas Domenico iria comparecer.

Antes de ter a Gio, achava completamente sem sentido o fato de as pessoas comemorarem os primeiros meses de aniversário dos filhos. Depois, percebi que chega a ser ridículo como mudamos nossas percepções em um estalar de dedos de acordo com as experiências que vamos tendo na vida.

Minha filha estava crescendo tão rápido, as fases que iam passando eram tão diferentes... Era bom comemorar isso, vibrar por cada dia das nossas vidas. E após a morte do meu pai, passei a dar muito mais valor a momentos em família como aqueles.

Além do mais, uma festinha era sempre uma boa desculpa para comer bolo e reunir as pessoas que amávamos...

E Dante Perazzo.

— Já disse que não tem necessidade nós dois sairmos cedo do trabalho, Manuela. Você já me deu uma lista.

Ele caminhou devagar na minha direção e engoli em seco, notando aquele estranho farfalhar dentro do meu estômago seguido pela disritmia do meu coração. Dante posicionou os braços entre o meu corpo na bancada, bloqueando minha passagem e ficou me encarando.

— O que acha que está fazendo? — perguntei, com a minha voz falhando miseravelmente.

Como eu era fraca.

Ele olhou para os meus lábios e deu um sorriso prepotente, como se pudesse ver através de mim. O filho da puta enxergava tudo, toda a minha falta de dignidade.

— Temos alguns minutos — concluiu, colando os lábios nos meus, segurando-me pela cintura antes de me sentar na bancada.

— É sério... — avisei, sem muito entusiasmo, enquanto ele beijava meu pescoço e o segurava com força. — *N-não* vamos... Ficar fazendo... Isso.

Havia algo no jeito como ele me tocava, na forma como me olhava... Era intenso e perturbador demais. Aquela atração quase

magnética que impelia nossos corpos mesmo sabendo que nada daquilo era saudável para a nossa “relação”.

— Ok. — Deu uma risada fraca, ignorando meu comentário e deslizando as mãos pela minha coxa.

Ah, foda-se! Que diferença algumas horas fariam?

Já estava rendida, aceitando meu destino, quando fui salva pelo choro da minha filha. Mais uma vez.

— Puta que pariu, essa criança tem um radar pra chorar toda vez que vamos começar a foder? — indagou, ainda com a boca no meu pescoço.

Dante se afastou de mim, claramente frustrado, e revirou os olhos.

— Talvez ela sinta de longe o quanto isso é errado — sugeriu em um tom divertido e depois apontei o meu indicador perto do seu rosto. — Não vamos mais fazer isso — afirmei, agora com algum tipo de dignidade, descendo da bancada e ajeitando meu vestido.

— Se você diz... — Ele riu, parecendo descrente.

E a verdade é que nem eu parecia muito certa daquela frase. Ela até mesmo soava irônica. Que vergonha, meu Deus.

— Eu estou falando sério. Ontem à noite não deveria ter acontecido — disse por fim e fui em direção ao quarto.

Entrei com um sorrisão e Giovanna parou de chorar na mesma hora, levantando os bracinhos no ar.

— Parabéns, meu amor! Hoje você faz 11 meses! — comemorei, indo até ela e fazendo cosquinha em sua barriga.

A bebê gargalhava alto, tentando se desvencilhar dos meus dedos e fazia diversos sons engraçados. Apertei minha filha contra o meu corpo e caminhei até a cozinha, achando graça dos barulhinhos que ela estava fazendo.

— Parabéns, Gio! — Seu rosto se iluminou ainda mais quando Dante apareceu no seu campo de visão.

Não demorou nem um segundo para que começasse a gritar “papai” com tanta intensidade, quase pulando do meu colo, que cheguei a bufar. Dante segurou a garota nos braços e a levantou acima da cabeça, fazendo com que ela gargalhasse ainda mais. E depois, a encheu de beijos.

Suspirei fundo e novamente senti um aperto no peito.

E culpa.

Eu sentia bastante remorso sempre que via os dois em momentos como aquele.



O dia passou rápido e quando cheguei em casa e olhei ao redor, meu queixo caiu. A sala estava completamente decorada com capivarinhas. Faixas, balões e diversas outras coisas que eu nem mesmo sabia o que eram.

Não era uma simples decoração, era excessiva para uma festinha em casa. Porra, eu nem sabia como ele tinha conseguido arrumar tantas coisas de capivara assim. Capivara não era um tema comum de festa infantil.

E como se toda aquela loucura não bastasse, havia uma mulher baixinha no meio da minha sala e uma caixa gigante com uma televisão no canto do cômodo.

Pisquei, sem entender porra nenhuma.

— Boa tarde. Você deve ser a senhorita Maria Manuela, certo? — a mulher me cumprimentou, simpática e eu assenti. — Sou a Judith.

— Prazer. E é só Manuela ou Manu, por favor — respondi, com um meio-sorriso e andei até a cozinha, puxando Dante até uma parte escondida. — Por que tem uma mulher desconhecida no meu apartamento? E uma TV nova?

— Ah... — Ele estava tirando alguns *cupcakes* de uma caixa. — É a Judith, ela é a governanta da casa dos meus pais. Eu... Bem, achei que ela podia me ajudar... Queria que tudo estivesse perfeito e não tenho tanto jeito pra essas coisas. E... Ahn... Não imaginei que fosse ter problema, ela é praticamente da família.

Arqueei uma das sobrancelhas, cheia de deboche pela última frase. Como se os Perazzo fossem considerar um funcionário como membro da família. Dante percebeu meu olhar e estalou a boca, tentando esconder uma risada.

— Pra mim — corrigiu. — E ela queria conhecer a Giovanna e ajudar nos preparativos. Dei um pulo na pensão e viemos pra cá. Sobre a televisão, eu comprei porque a sua é minúscula e superultrapassada.

Soltei um ruído de incredulidade.

— Se você não quiser que eu coloque na sala, posso deixar no meu quarto, mas não tinha muito espaço lá e o idiota que ia instalar me deu um bolo hoje. Tem problema? Porque vamos combinar, estou te fazendo um favor.

— Eu... Ahn... — Franzi o cenho, ainda tentando raciocinar, observando-o organizar os *cupcakes* em formato de capivaras. — Sem problemas. Capivaras?

— Ela não solta mais esse boneco e... — Ele me encarou, parecendo um pouco ansioso. — É o meu primeiro evento...

Dante não terminou a frase e engoliu em seco, como se fosse doloroso demais dar continuidade. Apenas assenti, entendendo todo o significado daquilo.

Ele escolheu a capivara porque era algo que conectava os dois. Dante tinha exagerado porque queria que tudo fosse perfeito. Porque seria a primeira lembrança de uma comemoração da Giovanna em que estivesse presente. Senti meu coração esquentar no momento em que conectei todos os pontos na minha cabeça.

— Tudo é tão fofo — comentei, vendo um brigadeiro com uma espécie de haste com o desenho de uma capivara de papel em cima. — Como consegui tudo em tão pouco tempo?

— Com dinheiro — ele zombou, com desdém. — Sabe o que é? Um negócio que move o mundo e permite que as pessoas façam tudo na hora em que você quer.

— Você é ridículo.

— Isso porque você não viu minha DM no *Instagram*. Depois da matéria, recebi dezenas de mensagens de pessoas querendo “patrocinar” a festinha dela. Como se eu precisasse disso! — falou, ofendido.

— Meu Deus!

— Dante, querido, já terminei de arrumar a mesa — a mulher avisou, um pouco esbaforida, entrando pela cozinha.

— Ei... Você quer um *cupcake*? — perguntei, estendendo um bolinho para ela.

Ela olhou para Dante, que estava distraído.

— Obrigada, senhorita Manuela, mas não há necessidade alguma.

— Pode pegar, Judith — ele incentivou, dando uma risada. — Não estamos na casa dos meus pais.

— Obrigada. — Ela sorriu e seu olhar o acompanhou para fora da cozinha antes de se voltar para mim. — O menino Dante é fantástico.

— Porque ele te deixou aceitar um *cupcake*? — Fiz uma careta, um pouco confusa.

— Não é por isso, é que os Perazzo são muito tradicionais — se justificou. — Nós temos regras de etiqueta e orientações para os funcionários.

— Dante disse que você é praticamente da família.

Ela suspirou, parecendo feliz ao ouvir aquilo.

— Não é bem assim. Eu vejo aqueles dois meninos quase como meus filhos, sabe? Eu os conheço desde que eram bebês, mas sempre soube o meu lugar.

— O que isso quer dizer?

— Funcionários não podem se misturar demais com os patrões.

— Minha mãe cuidava dos filhos dos Lacerda e isso nunca foi uma questão — comentei. — Pelo contrário, eu praticamente cresci com eles. Quando meu pai faleceu, minha mãe não tinha com quem me deixar e a Pamela, minha ex-sogra, gostava de me ter por perto.

Judith sorriu e encostou a mão na minha, com carinho.

— Vocês tiveram sorte, querida. Eles deviam gostar demais de vocês. Não é o protocolo. Em especial com famílias do Círculo de Ouro.

— Os irmãos do Adri veem minha mãe como uma mãe também. Ele até mora com ela agora — lembrei, dando uma risada, que morreu logo em seguida. — Eu nunca vou entender essa sociedade ridícula. Essa palhaçada de segregação...

— Não concordo com o que estão fazendo com ele, com o que dizem sobre a menina.

Um nó se formou na minha garganta no mesmo instante e senti meu estômago revirar.

— O que... O que dizem sobre a Giovanna, Judith? — Ela pareceu receosa, mas dessa vez, eu encostei em sua mão. — Eu não vou dizer para ninguém, prometo.

— Eu não deveria...

— Eu sou mãe. Gostaria de saber o que falam da minha filha — afirmei e ela soltou o ar em desistência.

— Ouvi o senhor Perazzo dizer para sua esposa sobre ela ser uma bastarda e todos aqueles termos errados que eles costumam usar para se referir a pessoas como nós... — Ela fez uma pausa e me olhou preocupada. — Perdão, não quis dizer que você é igual a mim... Meu Deus, não foi isso.

— Judith! — eu a interrompi, séria. — Eu sou exatamente como você.

— Sinto muito pela forma como eles estão lidando com a situação.

— Tudo bem, estou acostumada a ter o desprezo dessa família. — Dei um sorriso sem humor.

— O seu nome já foi mencionado diversas vezes pela mansão, mas se quer saber, acho você uma mulher maravilhosa. — Ela sorriu, muito fofa. — Já vi algumas das suas ações, suas lutas. É bom saber que existe alguém que bata de frente com os meus patrões.

— Seus patrões são um bando de pau no cu — afirmei e a senhorinha comprimiu os lábios, tentando não rir.

— Não os meninos. Eles são maravilhosos. Até mesmo pagaram o tratamento de câncer da minha mãe sem que seus pais soubessem, uns dois anos atrás. — Abri a boca, mas ela sorriu. — Ela está bem agora.

Era difícil de acreditar que Dante tivesse ajudado uma pessoa humilde, sendo que passou boa parte da vida sendo averso à classe trabalhadora.

Quanto mais descobria sobre sua versão atual, percebia que ele não era o mesmo Dante Perazzo que havia conhecido na época de faculdade. Decerto que muitos dos defeitos ainda estavam lá, mas me surpreendia o fato de ele ter aceitado trabalhar em uma

área contrária à da empresa do seu pai ou por suas percepções de mundo estarem diferentes.

Seus valores sempre foram muito enraizados e era estranhovê-lo ter atitudes contrárias ao que eu imaginava. Quem diria que um cara tão babaca tivesse evoluído em alguma coisa?

Era um alívio, entretanto. Ficava mais tranquila em saber que minha filha não teria ensinamentos de valores conflitantes em relação a isso.

— Eu preciso tomar um banho, Judith. Obrigada por toda ajuda. Foi um prazer. Ah, e se você quiser ficar para o aniversário... — sugeriu.

Ela explicou que não poderia e me agradeceu pelo convite. Eu disse que minhas portas estavam abertas e ela podia vir sempre que pudesse, o que fez com que a mulher sorrisse de forma radiante.

É, pelo menos alguém que Dante considerava da família não era uma decepção total.



*Sim,  
Nós vamos a uma festa, festa*

*Sim,  
Nós vamos a uma festa, festa  
:: BIRTHDAY - THE BEATLES::*

*Maria Manuela Guerra*

Tomei um banho rápido e fiquei alguns minutos escolhendo uma roupa. Decidi colocar um vestido azul-claro soltinho, com uma saia levemente rodada que ia até os joelhos e de mangas compridas feitas de tule.

Quando cheguei na sala, notei Dante sentado no sofá lendo um livro. Fiquei curiosa para ver a capa, mas ouvi batidas na porta e a abri para dar de cara com Adriano segurando a Giovanna no colo. Ela estava com um macacãozinho vermelho que ele havia comprado de presente uma semana atrás. Dei um sorriso e ele fez o mesmo, vindo na minha direção e dando um beijo no meu rosto.

— Você está linda — meu ex-namorado disse, ainda com a mão segurando a minha e senti meu rosto corar pelo elogio.

— Obrigada, Adri. Achei que viriam todos juntos — comentei ao ver que ele estava sozinho, dando passagem para que entrasse.

Reparei que Dante estava com os olhos em nós, mas na mesma hora voltou a atenção para o livro.

— Eles estavam demorando demais. Achei que pudesse te ajudar em alguma coisa.

— Boa noite, Adriano. — Dante se levantou, caminhando até o local em que estávamos. — Pode me dar a Giovanna.

Olhei para ele com uma das sobrancelhas arqueadas sem entender o seu tom de voz ríspido e o porquê de querer tirar nossa filha com tanta pressa dos braços de Adriano.

— Boa noite — respondeu sem vontade e voltou a atenção para a decoração, dando uma risada.

Ele ignorou seu pedido, não entregando a bebê para ele e notei que Dante começou a ficar impaciente.

— Capivaras? — perguntou, dando uma risada e andando em direção à cozinha. — Esses bichos são ridículos.

— Você é ridículo — Dante afirmou, puto.

— Gente, por favor... — tentei, mas Adriano ignorou o comentário dele e se virou para mim.

— Precisa de ajuda, Manu?

— Não, não precisamos da sua ajuda — o pai da minha filha praticamente vociferou.

Eu pisquei, olhando de um para o outro, sem reação ao ver os dois se fuzilando com os olhos.

— Adriano, me dá a minha filha — ordenou, com o maxilar travado de raiva. — Não vou pedir de novo.

Eu o olhei incrédula.

— Adriano, só um minuto — pedi, puxando Dante até o quarto. — Qual é o seu problema?

— O que foi? — Ele cruzou os braços.

— Por que está agindo assim? — indaguei, sem entender.

— Não estou agindo de forma nenhuma, Maria Manuela. Apenas quero trocar a roupa da Giovanna e o imbecil do Adriano não solta a garota.

— Por que quer trocar a roupa dela? O Adriano deu o macacão de presente.

— Eu comprei várias roupas pra ela não precisar ficar andando com esses trapos. Ah, e minha filha é uma Perazzo, não

uma Lacerda, caso você não se lembre — avisou, irritado.

— Ela também é minha filha e não está usando trapos — retruquei com raiva, levantando o tom de voz. — E ela pode não ser uma Lacerda de sangue, mas eles fazem parte da minha família, Dante.

— O Adriano não é o pai dela, Maria Manuela. Eu sou, por mais que você tenha tentado esse tempo todo agir de forma contrária. — Sua expressão endureceu e ele cerrou os dentes.

Franzi o cenho, sem entender.

— Não tento agir como se Adriano fosse o pai dela — afirmei e ele deu uma risada descrente.

Ouvi mais batidas na porta da frente e suspirei, cansada.

— Apenas pare com isso — pedi. — E isso não é um desfile de moda, Dante. Por favor, não vamos discutir hoje. Deixa a Gio com o macacão, ela está uma gracinha.

Era inacreditável. Como ele podia dizer que eu tentava agir como se Adriano fosse pai da Giovanna? Se ele soubesse que, na verdade, o meu ex tinha uma dificuldade absurda de se conectar com ela, não estaria dando esse ataque.

Eu não falaria isso, entretanto. Adriano estava tentando, isso era claro e a última coisa que eu queria era mais um conflito entre os dois.

Minha mãe, Guilherme, Julia e Lucca chegaram juntos. Adriano havia colocado Gio no chão e ela já estava brincando com um tabuleiro de encaixe. Dante apareceu emburrado na sala assim que abri a porta e a pegou no colo, mas soltou logo depois que Julia levou Lucca para brincar com ela.

Meu primo e Domenico chegaram em seguida.

— Ringo! Onde você estava? — Guilherme perguntou ao ver o gato se esgueirando pelos móveis.

Ele olhou para Adriano, arqueou as costas, suas orelhas foram para trás e mostrou os dentes, soltando um chiado baixo. Ringo odiava o Adriano.

— Amo a recepção calorosa que o Ringo sempre dá a você — Julia zombou do irmão.

O gato pulou no sofá e se sentou ao lado de Dante, esfregando-se no seu braço. Ele rolou os olhos, chegou para o lado,

tentando sair de perto, mas meu traidorzinho tornou a se acomodar, encostando-se nele e ronronando, enquanto esfregava a cabeça em seu corpo.

Desde que Dante se mudara, Ringo não tinha mais dado suas fugidas e vivia constantemente implorando por carinho do loiro, que tentava recuar sempre.

O gato era meu, mas ele só queria ficar atrás da porra do Dante, mal olhava na minha cara.

— Era só o que me faltava, o gato não gosta de mim, mas gosta do babaca! — Adriano resmungou quando se aproximou de mim e do Antonio.

— Dante não passou anos infernizando a vida do coitado — lembrei, porque quando namorávamos, Adriano enchia o saco dele tentando ensinar uns truques para o animal.

— Dante inferniza as pessoas só com sua presença e o gato está lá se esfregando nele — disse, com raiva.

— Até o gato sabe que você é insuportável, Adriano — meu primo brincou.

Todos estavam espalhados pela sala quando Lucca engatinhou em direção à televisão que Dante havia comprado, tentando se apoiar nela para ficar de pé.

— Manu! Que TV foda! — Gui disse, animado, analisando a caixa. — É 4K? Ela é imensa!

— Dante comprou — contei, sem dar muita atenção.

— É, obviamente seria você — constatou, rindo para o loiro que estava encostado na estante com um copo de uísque na mão, conversando com o irmão.

— Comprei para ver os jogos do Fluminense.

— Não acredito que você é tricolor. — Guilherme parecia nas nuvens.

— Óbvio que sou tricolor — disse, cheio de si. — O melhor time que existe.

— Tu viu que escalararam o Sávio Fortes? Ele só tem 18 anos, não sei se foi uma boa escolha, acabou de sair do Sub17...

— Foi uma péssima escolha. Conversei com a Duda Mazza uns dias atrás e estávamos discutindo sobre isso — Dante começou a dizer.

— Você conhece a Duda Mazza? — Os olhos do meu melhor amigo se arregalaram. — Quer dizer, pessoalmente?

— Conhece bem até demais... — Seu irmão revirou os olhos e o idiota do Dante esboçou um sorrisinho convencido.

— Sim... Ela é muito amiga de um amigo nosso. Já saímos algumas vezes.

— Meu Deus! Você já saiu com a Duda Mazza?

— Guilherme é obcecado na Duda — Julia debochou, chegando perto quando percebeu que seu marido estava empolgado com a conversa. — Se ela aparecesse na frente dele, era *game over* pra mim.

— Não fala assim, meu amor. Nunca! — Gui a puxou para um beijo rápido nos lábios e ela riu, achando graça.

— Então você já ficou com a Duda Mazza? — perguntei, não me aguentando de curiosidade.

Ele me deu um longo olhar penetrante e eu senti todos os fios da minha nuca se arrepiarem. Merda de inferno!

— Já, mas são águas muito passadas.

— Eu só estou imaginando como deve ser jogar o novo *Resident Evil* nessa TV — meu amigo suspirou, quase que para si mesmo.

— Ah, não. Você joga? — Dante agora era quem parecia animado.

— Óbvio!

Eles começaram um assunto completamente aleatório, falando sobre zumbis ou algo do tipo. Eu, Julia e Domenico estávamos olhando para os dois sem entender nada do que estavam falando e meu ex com certeza estava irritado com a interação dos dois.

Decidi ir até a cozinha pegar um pouco de vinho e Adriano veio atrás de mim. Do cômodo, eu ainda podia ver e ouvir toda a conversa pela ampla abertura para a sala.

— Do que eles estão falando? — perguntou baixinho.

— Videogame.

— Deprimente. Vou ao banheiro. — Ele bufou e saiu.

— Julia, amor, temos que comprar uma TV desse tamanho! — meu melhor amigo choramingou, olhando em direção à mulher.

— Gui, nossa TV é mais do que o suficiente... — respondeu, vindo até onde eu estava.

— Mas imagina ver os jogos nela?

— Não temos espaço, Guilherme — disse por fim.

— Pode vir ver os jogos aqui, Guilherme. — Ele fez uma pausa. — Se a Manuela não se importar, é claro.

Ele me encarou, quase como se estivesse pedindo desculpas por ter “convidado” o Guilherme.

— O Gui não precisa ser convidado pra vir aqui. — Dei uma risada e Julia veio até onde eu estava, servindo-se de vinho e achando graça da interação dos dois.

— Não sei se gosto dessa “amizade” — confessei.

— Deixa de ser chata — ela disse em um tom divertido. — Guilherme gosta tanto de futebol e quase não tem amigos do mesmo time. Além do mais, acho ótimo que ele venha gritar com a TV na sua casa — brincou.

— Não acha estranha essa aproximação? Nem um pouco?

— perguntei, vendo os dois discutindo fervorosamente à nossa frente.

— Os dois acharam coisas em comum, Manu. Principalmente nisso de ser pai. Guilherme disse que o Dante precisa de ajuda com a Gio e você sabe como seu melhor amigo é... Sempre tentando salvar o mundo, assim como você.

Ela deu uma risada e ficou pensativa.

— E vamos combinar, amiga, você trepou com o Dante e teve uma filha com ele. Nada depois disso é estranho. — Gargalhou e eu bufei, franzindo o cenho.

— Álcool foi o nome disso — lembrei.

— Ah, claro e você trabalha alcoolizada desde quando? — zombou, levando a taça à boca.

Que raiva! Eu odiava minha amiga por sempre ter uma maldita respostinha para jogar na minha cara o quanto eu era fraca e incoerente perto daquele insuportável.

Queria contar sobre a noite anterior, mas estava com medo dos julgamentos. Na verdade, sabia que Julia não me julgaria, mas se divertiria às minhas custas, exatamente como estava fazendo agora.

Decidi não falar.

Nada aconteceu.

Não tornaria a acontecer, então não tinha motivos para contar.

— Você é ridícula, Julia. — Ela riu ainda mais.

Não falaria nada.

Se eu dissesse, tornaria aquilo real e tudo que eu mais queria era fingir que aquilo fora apenas um sonho.



*Nunca tente domar um gato selvagem  
Você apenas perderá seu tempo  
Basta me deixar como você me encontrou  
Não me ponha em nenhuma gaiola*  
:: WILD CAT - THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

O tempo foi passando e eu estava um pouco aliviada pela situação estar sob controle. Domenico e Adriano se fuzilavam com os olhos a cada minuto, mas Dante estava entretido demais conversando com Guilherme sobre videogame e futebol.

Em algum momento, o herdeiro mais velho dos Perazzo desistiu dos dois, se sentou no sofá e ficou conversando baixinho com Gio, mostrando alguma coisa em seu celular.

Minha mãe tagarelava sem parar com o meu primo que, pelo visto, estava contando para ela sobre alguma aventura romântica que tinha se metido. E pelo tom da Dona Mônica, Antonio estava tomando um belo de um esporro. Dei uma risada quando ela deu um beliscão em sua orelha e ele gemeu de dor.

Julia estava no chão, brincando com Lucca, e eu aproveitei para ir até a cozinha buscar o bolo.

— Onde comprou esses *cupcakes*? Acho que já comi uns sete — Adriano confessou, entre as risadas, apoiando-se na bancada ao meu lado.

— Dante comprou.

Ele revirou os olhos e bufou.

— Não sei o que o Gui e ele tanto conversam — resmungou, cruzando os braços e olhando para os dois.

— Não faço ideia.

— Manu... — ele chamou baixinho e ficou alguns segundos encarando as unhas. — Está realmente saindo com o Marlon?

— Sim — respondi, um pouco encabulada. — Por quê?

— Achei que me diria quando começasse a ter encontros — comentou, olhando nos meus olhos, desanimado.

— Já tive alguns. E não era um segredo, achei que soubesse.

Ele ficou me encarando e se aproximou de mim, colocando a mão sobre a minha e ficou algum tempo brincando com meus dedos.

— Queria ter te chamado pra sair, mas nunca soube quando seria o momento certo — admitiu, um pouco sem graça, ainda encarando nossas mãos.

— Adri, nós já tentamos antes, não é? Não deu certo entre a gente — lembrei, tentando ser o mais fofa possível.

— As coisas são diferentes agora — afirmou, voltando a me olhar nos olhos.

— Qual é a dificuldade de vir buscar um bolo? — Dante apareceu na porta da cozinha com a Giovanna no colo.

Eu suspirei com a cena diante de mim e me xinguei mentalmente. Era só... Ver os dois juntos, um ao lado do outro, deixava o meu coração quente de uma forma que jamais achei que seria possível.

— Estamos conversando, Dante... Caso você não tenha percebido — Adriano disparou.

— Manuela, já está quase na hora dela dormir — ele disse sem paciência, ignorando-o completamente.

Soltei o ar e lancei um olhar de desculpas para Adriano, mas, por outro lado, fiquei um pouco feliz de conseguir escapar daquela

conversa. Não saberia o que dizer para ele. Nosso passado era tão distante e não fazia sentido reviver tudo aquilo novamente.

Sabia sobre os sentimentos dele por mim, mas tinha certeza sobre os meus. Tudo bem que nós dois não éramos mais as mesmas pessoas, mas não conseguia ver um motivo palpável para que tentássemos algo de novo.

E então, existia Gio e aquele abismo entre os dois. Por mais que Adriano estivesse tentando, talvez demorasse um pouco para desassociar que ela e Dante não eram a mesma pessoa.

Não iria ficar pensando naquilo. Fui em direção ao bolo, levando-o até a mesa.

Nós cantamos parabéns e Gio e Lucca, como sempre, acharam o máximo. Os dois batiam palmas, animados, e davam vários gritinhos ao mesmo tempo. Lucca conseguia balbuciar algumas palavras cortadas da música e minha filha emitia alguns sons indecifráveis.

Depois de algum tempo, fiquei apoiada na bancada da cozinha vendo minha bebê sentada no colo do Dante. Ele pegou um pouco da cobertura do *cupcake* e passou na ponta do nariz da Giovanna e os dois davam risada enquanto ela tentava lamber seu próprio nariz.

E quando o loiro se distraiu, Gio enfiou a mão no *cupcake* e passou no rosto dele, gargalhando ainda mais. Comecei a rir descontroladamente e o idiota me olhou como se estivesse me julgando.

— Está achando graça? — ele perguntou, vindo na minha direção, trazendo-a nos braços.

— Você é muito idiota, era óbvio que ela ia repetir o que você estava fazendo — continuei rindo, apoiada no móvel.

E então, quando levantei o corpo para pegar ar, ele passou a parte de cima de um *cupcake* na minha cara. Giovanna deu um grito e os dois começaram a rir, cheios de cumplicidade.

— Não acredito que fez isso. — Abri a boca, completamente perplexa com sua audácia, tentando limpar parte do meu rosto que estava suja de cobertura.

— Você deveria ter feito isso com sua mãe, Gio — Dante falou para ela entre os risos.

— *Mã-mãe* — ela balbuciou, sorrindo e esticou os bracinhos na minha direção.

Abri a boca novamente, sem reação, e Dante arregalou os olhos, também surpreso.

— Você... — gaguejei. — Ouviu, Dante? — perguntei, atônita, sem saber se realmente tinha ouvido direito.

E então, Giovanna repetiu e eu dei um gritinho de felicidade, pegando-a no colo e girando-a em comemoração. Dante ficou rindo da cena, apoiado no balcão.

— Ela disse mamãe! Ela disse mamãe! Finalmente! — eu saí berrando pela sala com a criança no colo e Dante nos seguiu.

Todos riram.

— Silêncio, gente — pedi, parando no meio da sala enquanto todos me observavam. — Quem sou eu, Gio? — perguntei e ela ficou me encarando, pensativa.

Era só o que me faltava. Tinha dito duas vezes e iria me fazer pagar de maluca na frente de todo mundo?

Ela continuou em silêncio e as pessoas ficaram me olhando sem acreditar.

— É sério, gente, ela acabou de dizer, eu juro! Vocês precisam ouvir —choraminguei. — Fala pra eles, Gio! Por favor — implorei.

E então a traidora virou-se para o Dante e gritou papai, fazendo com que todos gargalhassem.

Exceto Adriano, ele fechou a cara imediatamente.

— Desisto — falei, soltando o ar, irritada, e entregando-a para Dante, que estava abafando as risadas.

— Ei... — ele me chamou, segurando meu pulso quando me virei para ir até a cozinha. — Eu ouvi.

Olhei em seus olhos e depois para a mão que estava me segurando e senti meu rosto corar involuntariamente.

Ele me soltou no mesmo instante e eu dei um meio-sorriso.

Certeza de que eu estava pagando meus pecados.



# Dante Perazzo

Algum tempo depois, todos foram embora. Eu disse que colocaria a Giovanna para dormir e Manuela informou que terminaria de arrumar a sala e a cozinha. Quando saí do quarto, as luzes já estavam apagadas, então apenas tomei um banho quente e deitei na cama.

Eu tinha a impressão de que éramos uma boa dupla no que dizia respeito a cuidar da nossa filha. Cada vez mais eu percebia como funcionávamos em sincronia com toda a rotina dela.

Aquele dia foi realmente estranho. Não que os outros até o momento não tivessem sido, mas sentia que, de alguma forma, o dia de hoje fora o mais peculiar.

Primeiro, pelo fato do babaca do Adriano não ter me entregado a Gio quando pedi. Eu odiava aquele pau no cu, em especial por ele agir como se tivesse alguma autoridade.

Giovanna era minha filha, não dele.

Minha filha.

Minha.

Quem aquele estúpido pensava que era?

E para completar, Maria Manuela ainda achava aquilo normal, dizendo que Gio não tinha o sangue dele, mas que ele era parte da família. Vestindo-a com a porra daquele macacão pavoroso.

Chegava a ser patético.

Eu era tomado por um sentimento horrível quando via os dois juntos, era uma lembrança constante de que, sem sombra de dúvidas, ele estava tentando desempenhar um papel que era meu. E então, toda mágoa por ela ter escondido a Gio de mim voltava à tona.

Toda raiva, todo ódio.

E como se não bastasse querer disputar comigo a atenção da minha filha, ainda ficava fazendo carinho na mão da Manuela e olhando-a com aquela cara de punheteiro no meio da cozinha do apartamento.

Não fode!

Era incrível, aquele merda queria tudo o que era meu.

Babaca invejoso do caralho.

O segundo fato absurdo da noite foi a conversa com Guilherme sobre futebol e videogame. De alguma forma, era interessante ter uma pessoa que também gostava das mesmas coisas que eu, até porque meu irmão nunca teve os mesmos interesses.

Ele era uma boa companhia. Não que eu tivesse muitas, já que decidi me afastar das minhas amizades idiotas do passado, mas era inesperado que aparentemente tivéssemos coisas em comum. Mais absurdo ainda que eu fosse curtir conversar ou fazer algum *rolê* com ele.

E então por fim, o momento que eu e Manuela tivemos na cozinha. Toda minha raiva se dissipou naquele instante, quando seu rosto se iluminou e ela me olhou esperançosa, sem ter certeza de que Gio a havia chamado de ‘mamãe’, procurando uma confirmação minha.

“Mamãe”. A mulher que eu queria era mãe da minha filha. Puta merda, quando eu virei tão adulto, porra? Em que momento o “medo” de engravidar alguém na adolescência tinha ido embora?

Como se não bastasse todo aquele furacão, era uma eterna agonia estar perto dela. Em uma questão de minutos, a raiva virava desejo, a tranquilidade se tornava um inferno. Era de tirar qualquer ser humano do sério.



No dia seguinte, tivemos uma reunião e como sempre, perdemos um bom tempo discutindo estratégias. Era sempre assim, quase todas as vezes entrávamos em algum conflito e discordávamos um da ideia do outro.

Muito se dava por ela sempre querer seguir todas as regras à risca enquanto eu conseguia traçar planos ignorando-as sem que aquilo prejudicasse absolutamente nada.

Eu odiava o fato de Manuela ter que me passar a maioria das tarefas, de me dizer o que fazer e contava os dias para que eu tivesse mais autonomia naquele cargo.

— Tem certeza de que Julio irá aprovar essa questão de as reuniões serem marcadas em tão pouco tempo? — perguntei, entrando em seu escritório, distraído observando uma pasta e quando levantei os olhos, Marlon estava com as mãos em sua cintura, afastando-se dela.

Seu rosto ficou todo vermelho e ela limpou os lábios e começou a mexer nas pastas, agitada, fingindo que estava fazendo qualquer outra coisa além de estar beijando o arrombado.

Marlon estava apoiado na mesa dela e tinha um sorriso divertido no rosto, claramente sentindo-se vitorioso. Porque era óbvio que aquele filho da puta traiçoeiro sabia que eu não aprovava aquela relação.

Era impossível de acreditar naquilo. Ela estava transando comigo anteontem e agora estava ali com a língua dentro da garganta dele!

Como assim eles continuavam se encontrando? Não havia sido algo casual?

Senti uma corrente de ódio percorrer meu corpo.

— Boa tarde, Dante.

— Boa tarde, Marlon — respondi sem muita vontade e me virei para ela com o maxilar travado. — Quando terminar seja lá o que estiverem fazendo, Maria Manuela, aguardo você na minha sala. Caso não se lembre, temos muito trabalho pra fazer.

Joguei a pasta na mesa de má vontade e saí da sala odiando-me por não ter conseguido demonstrar indiferença pelo que tinha visto. Estava com raiva, com ciúmes e sequer conseguia raciocinar direito.

Quando foi que aquela chata insuportável começou a ganhar tanto espaço assim? Nada fazia uma porra de sentido.

Foi então que eu percebi. Ela continuaria saindo com Marlon, continuaria trepando com ele.

Seus beijos não eram só meus, seus gemidos não eram só para mim. Não era só comigo que Manuela tinha orgasmos, não era só a mim que ela queria.

Ela não era minha e eu não sabia lidar com aquilo. E que se foda, eu nunca soube. Sempre fui uma pessoa possessiva.

O que era meu, era meu.

E naquele momento eu precisava de algo que fosse meu.

Marcella era minha.

Sempre fora. Sempre seria.



*Para onde os ventos não sopram  
e correm rios dourados.*

*Este caminho é o que seguirei*

**:: I'LL BE ON MY WAY - THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

O mês seguinte passou extremamente lento e minha relação com Dante parecia ter voltado à estaca zero desde o dia em que ele encontrou seu colega de faculdade na minha sala. No mesmo instante, ele tornou a ser mais seco, limitando-se apenas a conversar comigo sobre trabalho, a rotina de Gio ou então para me avisar de que chegaria tarde. Nunca me dizia onde estava e quando ele retornava, eu já estava dormindo.

Ele também tinha deixado a barba por fazer e se tornou uma constante dúvida na minha cabeça se Dante ficava mais gostoso com ou sem ela.

Não sabia o real motivo da sua mudança, mas imaginei que ele tinha ficado meio puto pelo meu envolvimento com Marlon. E isso era bem sem-noção porque eu nunca disse que faria o contrário. Na verdade, deixei bem claro que nós não continuaríamos trepando pelo apartamento.

E para ser sincera, nem eu tinha certeza se continuaria saindo com o Marlon, mas ele era insistente e eu precisava de uma relação um pouco mais estável.

Em resumo, finalmente Dante tinha aceitado o fato de que nada entre nós dois iria se repetir. E tudo bem, talvez ser mais frio comigo fosse a maneira dele de lidar com isso.

Sem piadas. Sem ironias. Sem nenhuma briga que desencadeasse uma foda.

Até mesmo percebi que em um dos dias eu estava com minha caixinha de som ligada na cozinha ouvindo *Beatles* e ele deixou o cômodo ao invés de tecer algum comentário ácido.

Porque era isso que acontecia. Sempre assim. Quando começávamos nossas discussões, tudo ao redor se desintegrava, restando apenas aquela merda de química ridícula que tínhamos.

Porém, confesso que me incomodava mais quando ele era indiferente do que quando me irritava com seus comentários babacas.

Com certeza eu era perturbada!

Ele parecia ter uma interação muito mais amigável com Guilherme do que comigo, afinal, agora eles se reuniam no apartamento toda semana, sem falta, para ver os jogos do Fluminense. Conversavam, bebiam, riam juntos, gritavam para a televisão e comemoravam os gols que o time fazia. E como se não bastasse, ainda jogavam um pouco de videogame juntos *on-line*.

Era bizarrovê-los dessa forma.

A festa de um ano de Gio aconteceria naquela tarde e a última semana havia sido bem turbulenta com todos os preparativos, mesmo com Dante insistindo em contratar uma pessoa para cuidar dos maiores detalhes. E óbvio que não argumentei, estava evitando qualquer tipo de discussão com ele.

Alguns jornalistas nos procuraram querendo saber sobre a festa, que nem seria algo grandioso. Decidimos que não teríamos muitos convidados, mas mesmo assim, eles queriam saber cada detalhe, desde a decoração até a roupa que Gio usaria.

Era assustador.

O evento seria no jardim da pensão, o que, de início, Dante protestou, mas logo depois desistiu, porque provavelmente não

queria continuar travando uma briga comigo.

Quando cheguei, percebi que no jardim havia várias mesas redondas de madeira de demolição com um arranjo de eucalipto no centro delas. A decoração era bem rústica e tudo era em tom lilás. Faixas e velas estavam penduradas na árvore acima da mesa que apoiava um grande bolo de dois andares.

Balancei a cabeça e respirei fundo sem acreditar. Dante era mesmo exagerado pra caralho. O local estava mais arrumado do que um casamento e era uma simples festa de um ano para uma criança.

— Ele realmente se empenhou. — Ouvi a voz de Julia atrás de mim.

— Como sabe que foi ele? — perguntei, arqueando uma das sobrancelhas.

— Ah, Manuela, me poupa, né? Tenho certeza que nada disso foi sua ideia — afirmou, rindo.

— É tão desnecessário esse exagero todo.

— Ele é rico, esqueceu? Isso é tipo uma reunião de final de semana de jardim. — Ela gargalhou e fiz o mesmo.

— Vamos, Julia, preciso ver algumas coisas antes de me arrumar.

Dante disse que me encontraria diretamente na pensão, no horário da festa e decidi que me arrumaria com Giovanna lá mesmo, após verificar que tudo estava em ordem.

Coloquei um vestido creme com detalhes em renda, que ia até o joelho e era justo até metade do corpo. Fiquei alguns minutos pensando no que faria com meu cabelo e por fim, decidi por deixá-lo solto.

Gio estava com um dos vestidinhos que Dante tinha comprado e por mais que me doesse admitir, o maldito tinha um bom gosto. Minha filha parecia uma princesinha dentro daquelas roupas. Seus dentinhos superiores já estavam começando a aparecer quando ela sorria e era incrível como a cada dia que passava, seus olhos ficavam cada vez mais parecidos com os dele.

Eu estava distraída conversando com Guilherme e chequei o relógio, percebendo que Dante estava atrasado. Olhei o meu celular e percebi que não havia nenhuma mensagem.

Marlon chegou alguns minutos depois, trazendo um grande presente nas mãos. Ele veio sorrindo na minha direção, cumprimentou Gio, que estava no meu colo, e deu um beijo na minha bochecha de um jeito bem educado.

Nossa relação havia evoluído um pouco, mas não tanto na parte do sexo. Estava melhor, mas nada de extraordinário.

Sentia que ainda não era o momento de apresentá-lo para minha família, mas fiquei encurrallada quando ele se convidou para o evento, afirmando que me faria companhia. Até mesmo tentei dizer que não precisava, que seria algo bem pequeno e argumentei que era cedo demais, mas Marlon me parou, deixando claro que estaria ali apenas como um colega.

Alguns dos meus amigos estariam presentes. Eu tinha convidado os mais próximos, o grupinho que formei na época do *Bootcamp*.

Todos os bolsistas normalmente caíam nas “Raposas” e conosco não foi diferente. Estar no meio de indivíduos com um padrão muito diferente do seu faz com que as pessoas se conectem e foi o que aconteceu com a gente e nossa relação de amizade se manteve forte justamente pelo que vivemos naqueles anos.

Além do mais, Julia disse que aquela poderia ser uma ótima oportunidade para ver como ele se sairia e eu acabei aceitando. E para ser honesta, gostava da sua companhia. Marlon era uma pessoa agradável e divertida e achei que valeria a pena dar uma chance para ele.

Sorri ao ver que ele estava brincando com Giovanna e quando examinei o jardim, eu os vi. Meu estômago revirou com a imagem do passado, do casalzinho babaca que constantemente debochava de nós.

Não sabia ao certo descrever os meus sentimentos, era como uma espécie de *déjà vu*. Ao lado dela, a impressão que eu tinha era de que o Dante antigo estava de volta.

Só que agora havia uma outra fagulha de emoção irreconhecível alastrando-se por todo o meu corpo, quase como se fosse entrar em combustão.

Que merda ele estava fazendo com ela?



— Cella! — Marlon exclamou quando viu a mulher se aproximando e a envolveu em um abraço.

Olhei para Dante, fuzilando-o com os olhos e ele desviou, passando a mão por sua cintura.

— Maria Manuela — ela me cumprimentou um tempo depois, olhando-me de cima a baixo e eu fiz um meneio sem muita vontade.

Marcella era o tipo “Garota Má” e tentou fazer da minha vida um inferno com todos seus comentários escrotos ao longo dos anos. Ela fazia parte do Círculo de Ouro e era o tipo de pessoa que achava que os pobres tinham mesmo é que se foder. A herdeira caçula dos Rangel tinha se formado em Direito com uma bela vaga comprada por seu pai, um dos maiores bicheiros do Rio de Janeiro e dono de uma Escola de Samba.

Ela e Dante foram um casal por algum tempo (ela era mais nova e graças a Deus eu só precisei aturá-la nos dois últimos anos dos *Bootcamps*) e Adriano me contou que eles estavam “prometidos” um para o outro desde pequenos. Só que um pouco antes de Dante se formar, soube que terminaram de vez.

Marcella nunca foi uma boa pessoa. Ela sempre desdenhava de Adriano no acampamento por sua família ter sido expulsa do C.O., alegando que ele nem mesmo deveria estar ali. Tentou fazer com que Guilherme perdesse sua bolsa, mentindo que o viu transando com uma das professoras e jogou um balde de água gelada em cima de mim, mandando que eu voltasse para a favela em que eu morava.

Dante era fichinha perto daquela patricinha escrota que parecia nunca ter saído do ensino médio. Marcella atormentou o nosso grupo dezenas de vezes. Cada um de nós. E agora o imbecil tinha trazido ela para dentro da minha casa, para a festa da nossa filha, para o meio dos meus amigos.

Respirei fundo. Dante não era a mesma pessoa do passado, certo? Eu era uma pessoa equilibrada, poxa! Talvez ela tivesse evoluído também. Tentei ignorar o fato de que ela sequer conhecia

minha filha, decidi deixar para lá que Dante não tinha sequer perguntado minha opinião. Liguei o foda-se para ela estar vestida como se fosse para uma premiação do Oscar.

Maria Manuela Guerra era sensata! Eu era uma mulher evoluída!

Eles deveriam estar juntos, não é? Talvez os dois estivessem namorando. Será que era ela quem ele iria encontrar todas as vezes que chegava tarde em casa?

É claro que Dante tinha exagerado no presente. Ele chegou com um carrinho elétrico infantil. E como se não bastasse, comprou um para a Giovanna e outro para o Lucca.

Nossa filha ficou alucinada com sua miniatura de um *Porsche* rosa-bebê com uma placa escrito “GIO”.

Meu Deus, ele não tinha limites.

Lavanda chegou, muito animada, me dando um forte abraço. Aquele não era seu nome de batismo, mas era como gostava de ser chamada nos dias atuais. Ela era uma das minhas amigas que tinha abandonado a faculdade e agora morava em uma comunidade coletiva em Coroa do Sul chamada Três Amores.

— Manu, eu fiz um amuleto para Gio. — Ela tirou um cordão de pedras da bolsa e me entregou.

— Amuleto? — Marcella indagou, o deboche presente no seu tom. — Para o quê?

Lavanda sempre foi bem excêntrica e eu amava isso nela, mas era um motivo para os riquinhos azucrinarem a pobre coitada. E a minha paciência começou a se esvair conforme a patricinha analisava as roupas coloridas da minha amiga, segurando as risadas.

Puxei uma respiração, buscando calma.

— É um amuleto para saúde e para abrir o *chakra* — ela começou a explicar com calma. — Fiz uma junção de quartzo verde com o rosa que corresponde ao *chakra* Anahata, que também ajuda a restaurar o equilíbrio no corpo e na mente. Quando estamos com ele bloqueado, isso faz com que as relações sejam mais desafiadoras, impede que se conectem com as outras pessoas. — Ela sorriu, brincando com Giovanna, que sorriu animada. — Achei que seria bom para a pequena.

Todos estavam em silêncio, um pouco perplexos, e Dante parecia uma versão daquele meme da Nazaré confusa tentando fazer contas.

— Obrigada, amiga. Eu amei.

— Você fez um amuleto para a Maria Manuela deixar de ser pobre, mas esqueceu do coitado do Guilherme? — Ela fez um biquinho olhando para o meu melhor amigo alguns metros de distância que conversava animadamente com meu primo.

— Marcella! — Dante a chamou com repreensão e eu olhei para ela de cara feia.

A idiota gargalhou alto.

— Ai, Dante, só estou brincando, fala sério!

— Enfim, eu não entendi nada. — Marlon deu uma risada, chamando a atenção de Lavanda e tentando mudar o assunto ao ver que eu estava prestes a perder o meu réu primário. — Você vê, tipo, a aura das pessoas?

— Sim. — Lavanda deu um sorriso seco e se virou para mim.

— Amiga, olha só, os dentinhos da Gio já estão nascendo. Dizem que as vezes é extremamente doloroso, mas sabe o que é bom fazer? Molhar um algodão com chá de camomila gelado para massagear as gengivinhas dela. Ah, e o chá de raiz de sapé tem efeito anestésico e auxilia muito no processo de erupção dos dentes.

— Raiz do quê? — Dante perguntou, perplexo. — Não vou passar essas coisas nela.

— É só um chá. — Ela encolheu os ombros. — Falando em camomila, trouxe um pouco para a tia Mônica — comentou, afastando-se.

— Os anos passaram e essa garota continua maluca — Marcella disse, dando uma risada.

— Os anos passaram e você continua sendo um poço de inconveniência — respondi, dando um meio-sorriso e saindo da roda.

Ah, que se foda minha sensatez do caralho! Quem ela pensava que era para ficar soltando comentários maldosos sobre minha amiga na festa da minha filha? Ela nem deveria estar ali!

E não, estava bem óbvio para mim que não havia nada de evolução naquela cobra.



*Então, alguns anos atrás seu pai a segurou em seus braços  
O cobertor enrolado em torno de seus pés para mantê-los  
aquecidos*

*Quando ele beijou suas bochechas, oh, como seus olhos brilhavam*  
**:: HIS DAUGHTER CAROLINE - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Fui até a mesa de doces e comecei a comer algumas balinhas *Fin*<sup>[13]</sup> compulsivamente. Talvez o açúcar me acalmasse.

— Vai com calma, Manu — Antonio disse, aproximando-se de mim, rindo. — Deixe um pouco para os convidados.

— Desculpe. — Entreguei o pote para ele.

— Marlon Serra... Quem diria — comentou em um tom divertido. — Um playboyzinho rico não foi o suficiente pra você? Você tem algum tipo de fetiche ou algo assim? — E riu.

— Deixe de ser idiota, Antonio. — Revirei os olhos e ele bagunçou meu cabelo.

— Adriano não para de resmungar sobre isso. Sempre alimentando o delírio de que um dia vai voltar pra você. Essa semana eu mandei pra ele uma montagem de um livro que dizia: “Lidando com a Rejeição: Não, ela não está fazendo um jogo duro” — contou, gargalhando e eu olhei para ele chocada.

— Você não fez isso!

— Claro que eu fiz, parece que não conhece seu primo.

— Para de implicar com o coitado.

Antonio suspirou, observando as pessoas no jardim. Cruzou os braços rindo e observou Dona Rita, uma colega da minha mãe, conversando animadamente com o loiro sobre alguma coisa.

— Coitado do Dante... Dona Rita tá alugando ele.

Aparentemente, Marcella tinha ido para sei lá onde e ele tinha ficado sozinho com Giovanna e a senhorinha.

— Bem feito. Espero que ela o alugue a tarde toda — respondi, ríspida, finalmente achando a serpente que ele tinha trazido de acompanhante falando com alguém ao telefone.

Meus outros dois amigos, Leon e Gabriel, chegaram em seguida, ambos carregando um embrulho de presente nas mãos.

— Desculpe a demora, Manu. — Biel me deu um abraço e Leon fez o mesmo. — O Lê demora muito pra se arrumar — ele se justificou.

— Não vem com essa, Biel! — Julia apareceu atrás dos dois, abraçando-os ao mesmo tempo. — Aposto que estavam trepando antes de vir.

— Julia! Pelo amor de Deus! — ralhei, olhando para os lados e ela balançou os ombros como se não se importasse.

— Não estávamos transando antes de vir — Leon afirmou, um pouco envergonhado, e seu namorado deu uma risada.

— Que porra a Marcella Rangel faz aqui? — Gabriel indagou com a voz estridente, após passar os olhos pelo local.

— Não sabia? Manu está recrutando todos os herdeiros do Rio de Janeiro para um culto — meu primo zombou.

— Ela está com o Dante — respondi, seca, e Julia me encarou desconfiada.

— Coitada da Gio ter a Marcella de madrasta — Leon suspirou, provavelmente se lembrando de quando ela o *tirou do armário* para o acampamento inteiro.

— Não vamos esquecer do Marlon Serra como padrasto — Antonio lembrou, rindo. — Imaginem um jantar de domingo: Manuela, Dante, Marlon e Marcella... Poxa, que família feliz! — debochou e eu bufei.

Só essa ideia me dava ânsia de vômito.

— Como está sendo morar com o Dante? Quase cuspi meu café quando vi aquela entrevista. — Biel gargalhou. — Achei que a notícia da mamadeira de piroca foi mais verdadeira do que vocês dois mentindo que vivem em um mar de rosas. Graças a Deus você nos preparou antes.

— Sério, você é ridículo! Até que não é tão ruim assim, pra ser sincera... — comentei, rindo, e depois me distraí, observando Dante impaciente conversando com a Dona Rita. — Óbvio que estávamos tentando não piorar as coisas. A gente não interage muito, mas ele faz tudo pela Giovanna.

— Dante e Gui são melhores amigos agora — Julia contou entre as risadas, pegando alguns doces do pote.

— Como assim? — Leon quis saber, arregalando os olhos.

— Toda essa história de serem pais, acho que uniu um pouco os dois, e agora ficam vendo jogos juntos e jogando videogame também. É assustador — ela zombou.

— Cadê o Gui e o Adri, falando nisso?

— Estavam brincando com Lucca na cozinha, Manu. Bem, meu irmão estava comendo e vendo os dois brincarem, para ser mais exata.

— Os pais do Dante vão vir? — Leon perguntou, curioso. — Quer dizer, teve alguma atualização sobre isso? Estou superatulado essa semana, mal consigo acompanhar nosso grupo.

— Não temos atualizações. E não, eles não vão vir. Sequer quiseram conhecer a Gio até agora. Só quem deve vir é o irmão dele.

— Outro gostoso... — Biel soltou um suspiro sonhador e seu namorado concordou.

Dante havia avisado para sua mãe sobre a festa, mas ela não demonstrou nenhum interesse em participar e ele não entrou novamente no assunto comigo, afinal, mal estávamos conversando.

Não demorou para que Adriano e Guilherme surgissem na nossa rodinha. Naquele momento, eu me senti tão completa, como algum tempo não acontecia. Com a correria do dia a dia, nós mal conseguíamos nos reunir. Até porque Leon estava morando em Itaipava e quase não descia a serra.

— Gente, o melhor amigo de Dante Perazzo chegou — Antonio brincou e Adriano fechou a cara.

— Eu sou o melhor amigo do Guilherme, seu idiota — retrucou, parecendo ofendido.

— Será que ainda é? — Julia implicou. — Talvez agora seja só um simples cunhado...

Eles cumprimentaram nosso casal de amigos e os dois brincaram com Lucca, que estava no colo do Gui.

— Parem de pegar no meu pé — Guilherme pediu. — A gente só passa algum tempo juntos, temos interesses em comum, Lucca e Gio nunca se desgrudam... — Ele pausou por alguns segundos e apontou um dos dedos para mim. — Manuela reproduziu uma Perazzo, enchem o saco dela.

Eu o olhei como se ele tivesse me dado uma apunhalada nas costas.

— Manuela odiou o Dante por anos, mas na primeira oportunidade, arrumou um jeito de fazer uma miniatura dele. — Meu primo riu.

— Ah, claro, totalmente planejado ter uma filha do cara que eu odeio — disse com desdém.

— Pode não ter sido planejado, mas que vocês sabem fazer bebês, sabem — Leon brincou. — Deveriam fazer mais.

Adriano cruzou os braços, claramente aborrecido, e eu encarei meu amigo, em choque. Qual era o problema das pessoas do meu círculo?

— Eu? Ter outro filho do Dante? — Dei uma risada. — Vocês só podem ser loucos.

— Vocês realmente sabem fazer bebês bonitos — minha amiga comentou, observando Giovanna no colo do pai.

— Vamos combinar, né? Não tinha como a Gio não ser perfeita. Você sempre foi linda, Manu, e o Dante sempre foi uma perdição — Biel afirmou.

— Você já se esqueceu que ele debochava de sermos fodidos?

— Claro que não e acho que o fato dele ser babaca deixava ele ainda mais sexy — Leon comentou entre as risadas e senti meu rosto corar.

— E como se não bastasse, Manu disse que ele fode muito bem... Na verdade, mais do que muito bem — Julia contou, rindo e eu a olhei horrorizada por me expor daquele jeito.

— Meu Deus, Julia, cala a porcaria da boca! — Eu a olhei furiosa e ela continuou gargalhando.

Adriano estava com o rosto completamente vermelho e uma expressão de ódio. Eu sabia que minha amiga amava falar sobre aqueles assuntos na frente do seu irmão.

— Na boa, já deu essa merda desse assunto, Julia — vociferou.

— Adriano, como está sendo pra você agora que todos sabem que a filha da Manuela é do Dante e te tiraram a chance de falar que, na verdade, a Giovanna era uma Lacerda platinada? — meu primo brincou e todos gargalharam.

— Cala a boca, Antonio. Jesus, como você é idiota — falei, rolando os olhos.

— Não vou nem dizer onde você pode enfiar esse comentário — respondeu, ríspido.

— Lacerda platinada. — Julia continuava gargalhando com a mão no peito.

— Você é a pior irmã que existe. — Ele estalou a boca e saiu da rodinha.

— Já chega. Sério, não sei como o Adriano aguenta vocês com essas palhaçadas.

— É muito bom, porra. Ele cai demais na pilha, Manu — Antonio se justificou e Julia assentiu.

— Tá, agora vamos até lá pra vocês falarem com a Giovanna — disse, olhando para os meninos.

Marlon e Marcella conversavam apoiados em uma das mesas altas e ele sorriu para mim quando passei pelos dois. Conforme me aproximava de Dante, percebi seu olhar cheio de esperança, quase que implorando para que eu o salvasse daquela interação.

— Meus netos me dão muito trabalho, menino. Você não tem ideia! Aproveite a idade da Gio, porque depois que eles crescem... Eu já contei que esses dias o Tello estava se engracando para a vizinha? — Dona Rita falava tão rápido e o loiro apenas assentia.

— Sim, você disse. — Ele se virou para mim logo em seguida. — Ah, Maria Manuela, você está precisando de ajuda, não é?

— Ah, na verdade, não — retruquei, olhando-o com desdém.

— Só vim pegar a Gio, estou vendo que estão no maior papo aí...

— Estou contando pra ele sobre a minha vizinha que não segue a palavra de Deus. E eu já te contei que existe um funkeiro lá também? — Ela estalou a boca, revoltada, colocando uma das mãos no quadril.

— Ah, eu me lembro que você disse, mas explica pro Dante, porque ele tem um gosto musical muito duvidoso — zombei e ele estreitou os olhos na minha direção.

E eu saí segurando as risadas, ouvindo Dona Rita pedir o seu WhatsApp, avisando que iria colocá-lo na sua lista para mandar uns bons louvores para ele.

Enquanto meus amigos brincavam com minha filha, eu fiquei alguns minutos me divertindo, observando Dante desesperado tentando sair daquela situação. Não durou muito porque seu irmão chegou logo depois e seus ombros até mesmo caíram, relaxados. Ele abraçou o irmão com mais força do que a Rose segurou aquela porta no *Titanic*, que todo mundo sabe que tinha espaço para o Jack.

Domenico me cumprimentou algum tempo depois, de muita má vontade, como sempre, mas essa semana a raiva dele era um pouco maior, porque tínhamos conseguido uma vitória sobre o pedido de suspensão do imposto sobre exportação do petróleo.

Marlon veio até onde eu estava e nem sei como ele acabou me direcionando para uma rodinha com Dante, Marcella e Domenico. Giovanna ficou desesperada até que fosse para o colo do tio e eu definitivamente não entendia porque minha filha era obcecada pelos homens daquela família.

Uma traição sem fim!

— Posso segurá-la, Dante? — Marcella indagou, apontando para a menina e ele assentiu, tirando-a do colo do irmão e entregando para ela.

— Manu, seja sincera, como seus amigos estão lidando com todo o covil dos “Ursos” aqui? — Marlon gargalhou.

— Meu primo me perguntou se eu pretendo começar um culto. Talvez eu deva mesmo. Vou escolher um de vocês para um sacrifício — comentei em um tom sugestivo, cheia de sarcasmo.

Marcella estava sacudindo Giovanna de um lado para o outro.

— Acho melhor você não balançar tanto... — sugeriu baixinho, mas ela me ignorou.

— Sei que deve ser insuportável morar com o Dante, mas não é pra tanto — Marlon continuou, achando graça. — Logo, logo você se livra dele.

— Ou de você — Dante retrucou com um olhar irritado.

— Marcella, você está sacudindo demais a criança — Domenico chamou sua atenção baixinho e ela estalou a boca, como se não se importasse.

— Quer me dar ela aqui, Marcella? — Dante pediu.

— Não, está tudo bem — ela afirmou, finalmente parando, mas me lançando um olhar de desprezo. — E sinceramente, Marlon, não acho que Dante seja o problema dessa equação.

E então, no mesmo instante, Gio vomitou um pouco em cima do seu ombro e a expressão da Marcella foi impagável.

Ela olhou furiosa para Dante, ainda boquiaberta, entregando minha filha em seus braços imediatamente enquanto todos nós abafávamos as risadas porque tinha sido uma cena magnífica.

— Meu vestido — ela choramingou, vendo o líquido gosmento espalhando pela alça da roupa.

— Fala sério, Marcella, é só lavar — Dante retrucou, sem muita paciência.

— Ela faz isso o tempo todo? — a mulher perguntou, fazendo uma careta para Giovanna.

— Só com quem ela não gosta — falei com um tom irônico e ela e Dante me lançaram um olhar de raiva.

— Ela está brincando, Marcella — ele afirmou.

— A gente mandou você parar de chacoalhar a garota — Domenico resmungou. — Você é burra ou se faz?

— Domenico, você é sempre tão agradável — ela comentou em um tom sarcástico, cerrando os olhos. — Vou ao banheiro dessa espelunca limpar o estrago que ela fez.

Marcella saiu revoltada, xingando uma infinidade de palavrões e resmungando sobre algo do tecido da sua roupa caríssima.

— Dante, posso falar com você um minuto? — perguntei.

— Claro. — Ele deu um sorriso fraco, sem muita vontade. — Dom, pode ficar com a Gio? Ah, e Dona Rita... — ele chamou a senhora que estava há poucos metros de distância. — Meu amigo Marlon está supercurioso para saber sobre aquelas músicas que a senhora estava comentando comigo. Ele adora! — disse, dando um tapinha em suas costas e andando, enquanto Marlon o olhava sem entender.

Nós nos afastamos do local onde as pessoas estavam e fomos para um outro jardim que ficava atrás de um dos quartos da pensão.

— Por qual motivo trouxe a Marcella? Ela nem conhece a Giovanna!

— E daí? — ele respondeu sem muita vontade.

— E daí que isso não faz o menor sentido. A gente precisa conversar sobre essas coisas, não dá pra inserirmos qualquer pessoa na vida dela assim.

— Ah, é mesmo? E o que idiota do Marlon faz aqui? Veio servir os convidados? Cortar o bolo? — perguntou sarcasticamente.

— Ele se convidou e disse que viria como amigo... — me justifiquei e ele ergueu uma das sobrancelhas. — E diferente de você, não fiquei me esfregando com ele na frente da nossa filha.

— É você quem está incomodada com isso ou a Giovanna? — ele indagou em um tom irônico.

— Eu? Eu? — Soltei um barulho, incrédula. — Dante, Giovanna é uma criança, você não pode querer apresentar todas suas fofuras casuais pra ela. Isso pode... Confundi-la — retruquei, começando a levantar o tom de voz.

— E quem disse que Marcella é uma foda casual? — Ele franziu o cenho e eu arregalei um pouco os olhos, surpresa.

— Achei que fosse... Você voltou com a sua ex?

— Não te devo explicações sobre meus relacionamentos, assim como você nunca me informou sobre o seu, principalmente

durante todas as horas que estávamos fodendo. — Seu tom era áspero e cheio de ressentimento.

— Você sabia que eu estava saindo com Marlon, Dante! Pelo amor de Deus, não vem com essa...

— Não, eu sabia que você tinha dado pra ele, não que pretendia trepar comigo e com ele ao mesmo tempo — ele cuspiu as palavras na minha direção em um tom agressivo.

— Você é muito babaca! Eu trepo com quem eu quiser. Não tinha nada sério com ele e o que aconteceu entre a gente foi um erro. Te disse isso na porra da manhã seguinte! — gritei, completamente tomada pela raiva.

— Você diz isso sempre, porra! Eu não tenho o caralho de uma bola de cristal! — Ele ficou me encarando, meio ofegante depois de berrar de volta.

Ficamos imóveis durante alguns segundos e seu olhar desceu para minha boca. Mais uma vez senti aquele calor habitual percorrer o meu corpo junto com a vontade súbita de pular em cima do imbecil arrogante.

Era como se entrássemos em transe, hipnotizados um nos olhos do outro. Toda a atmosfera ao nosso redor parecia ficar congelada, a neblina nos cegando por completo e eliminando qualquer ressentimento ou raiva que tínhamos.

Dei um passo na sua direção, de modo involuntário e meu pé encostou em um graveto, quebrando-o e também me trazendo para a realidade. Desviei o olhar e engasguei uma respiração, dando um passo para trás.

Ele parecia decepcionado? Meio confuso? Não soube dizer. Apenas saí andando antes que eu fizesse (mais uma vez) algo que me arpendesse.



*Bem, no meu coração quase há uma explosão  
Quando eu cruzei aquele salão  
E segurei a mão dela na minha*

**:: I SAW HER STANDING THERE - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Estava pisando forte quando reparei Adriano e Marcella conversando a alguns metros de distância, um pouco mais afastados das outras pessoas. Desde quando os dois conseguiam manter uma relação minimamente cordial?

Um pouco antes de chegar até a mesa de doces para me afogar em mais algumas balinhas *Fini*, uma figura na porta chamou minha atenção. Uma mulher elegante e esguia estava parada olhando para os lados, perdida.

Seus olhos cruzaram com os meus e ela ficou imóvel. Não demorou nem um minuto para que Dante chegasse até o local em que eu estava, com um semblante irritado da pequena discussão que tínhamos tido.

Ele olhou de mim para ela, a raiva se derretendo em confusão. A cor do seu rosto estava começando a sumir e eu percebi que o loiro não fazia ideia de como proceder.

— O que faz aqui? — ele perguntou sem entender quando sua mãe deu alguns passos na nossa direção.

— Podemos conversar? — ela perguntou, olhando para ele e depois para mim.

— Eu vou deixar vocês a sós...

— Não, por favor, Maria Manuela. Gostaria que estivesse presente — falou com a voz baixa e eu a olhei, confusa, percebendo que Dante me encarava da mesma forma. — Eu posso ver a menina? E existe algum lugar onde podemos ter um pouco mais de privacidade?

Respondi que sim e avisei que buscaria a Giovanna. Corri até o jardim e nem mesmo contei para o irmão dele que sua mãe estava dentro da pensão. Apenas peguei minha filha no colo e depois voltei até o local em que os dois estavam.

Paola Perazzo estava apreensiva demais, mas percebi seus olhos marejarem quando ela viu a menina nos meus braços. Giovanna estava distraída, fazendo barulinhos engraçados com a boca e brincando com meu cabelo.

Eu os direcionei para um dos quartos que estava vazio e a mãe de Dante ficou estática por alguns minutos, olhando em choque para a criança. A impressão que tinha era de que aquela mulher estava tentando comprimir todas as suas emoções e se manter neutra.

Era possível perceber pelo brilho nos seus olhos, pela quantidade de vezes que ela engolia em seco e também na forma com que estalava os dedos compulsivamente.

— Dante... — Ela olhou para o filho. — Não sei por onde começar.

Ela fitou as mãos por alguns segundos e ele me olhou, parecendo inquieto. Havia uma tensão entre os dois que era bem palpável e logo depois, Dante ajeitou a postura e cruzou os braços, buscando demonstrar que não estava muito satisfeito com tudo aquilo.

— Pode começar dizendo o que faz aqui. Foi bem clara dizendo que não viria — ele respondeu, seco.

— Não estou aguentando mais nada disso. Eu quero... Eu estou disposta a fazer algumas concessões...

— Achei que não quisesse travar uma guerra com o meu pai — retrucou, decidido.

— Nunca quis isso, mas já entramos em guerra desde que descobrimos sobre ela — confessou baixinho, sem me encarar. — E tem sido difícil demais e eu não aguento mais viver dessa forma, porque você e seu irmão são tudo pra mim. E mesmo que seu pai não aceite, não consigo mais ignorar o fato de que essa menina existe.

Ela se virou na minha direção e comprimiu os lábios.

— Eu e Dom te pedimos para não ignorá-la. Sempre foi uma escolha sua, mãe — ele respondeu categoricamente.

— Sei disso, mas gostaria que a situação fosse diferente. — A mulher voltou a olhar nos meus olhos. — Eu fiz algumas escolhas na minha vida das quais não me orgulho, mas sempre fiz de tudo para manter minha família unida. Não vou mentir que o fato de vocês dois terem se envolvido é algo que não me traz grande alegria. Eu tinha outros planos para o meu filho e...

— Mãe — Dante a cortou, irritado. — Não vamos entrar nesse mérito. Seus planos não são os meus.

Paola deu um olhar longo na direção do filho e limpou a garganta, voltando sua atenção para mim.

— Apenas gostaria de saber se você concorda que eu faça parte da vida da menina.

— Jamais impediria isso — respondi calmamente.

— Imagino que deva me odiar por não querer contato inicialmente. Eu sou mãe e detestaria qualquer um que desprezasse um dos meus filhos...

— Somos diferentes, Paola. Cada pessoa é responsável por suas escolhas e temos que carregar nossas decisões. Não te odeio por isso, tenho plena certeza que a culpa que você sente é o suficiente — disse por fim e olhei para Dante.

Eu não a detestava por ter demorado para perceber que queria fazer parte de vida da Gio. Caso ela tivesse machucado minha filha, aí sim a odiaria.

Além do mais, seria hipocrisia julgá-la, sendo que eu mesma havia tomado decisões erradas. E aquela culpa seria somente minha, para sempre.

Dante nunca me perdoaria por ter escondido a Giovanna dele. Nem eu me perdoava.

Ele estreitou os olhos para mim e ficou alguns segundos me fitando com uma expressão indecifrável.

— Obrigada — ela agradeceu com lágrimas nos olhos. — Posso segurá-la? Por favor. — E voltou os olhos para sua neta.

Afirmei com a cabeça e a entreguei em seus braços e então, quando Giovanna olhou para ela e sorriu, Paola meio que desabou. Abraçou a menina tão forte e começou a chorar, murmurando desculpas. Dante me olhou um pouco sem graça e dei um sorriso fraco em solidariedade.

— Vou deixar vocês a sós — falei.

— Espere! — ela pediu, limpando as lágrimas com as costas das mãos. — Queria te perguntar uma coisa.

— Pode perguntar.

— Por qual motivo colocou o nome dela de Giovanna? — perguntou baixinho, olhando para mim e depois para ela, mexendo em seus tufinhos de cabelo.

Senti um nó na garganta quando Dante me olhou, curioso e desviei o olhar.

— O Adriano me disse que a família de vocês tem a tradição de colocar nomes com origem italiana na família — confessei e ele me olhou um pouco perplexo. — Porque acho que o avô deles era italiano ou algo assim, certo? Ahn... Eu sei que minha filha não é... Bem, apenas queria que Gio tivesse algo em comum com Dante, apesar de tudo.

Sua expressão dura se desfez e ele me olhou de um jeito diferente.

— Obrigada. Isso... Isso significa muito, Maria Manuela — ela afirmou, com os olhos marejados.

Dei um sorriso torto e caminhei em direção à porta. Senti um puxão e percebi que Dante segurou meu pulso. Seu olhar encontrou o meu e uma onda de calor percorreu do início até o final da minha espinha.

— Obrigado pelas coisas que disse — sussurrou.

Ficamos ali parados por alguns segundos, o calor transpassando entre nossas peles até que se tornasse quase

insuportável. Então, eu assenti com a cabeça e saí do cômodo.

Dante parecia emocionado em saber sobre o significado do nome dela, havia muita coisa naquele olhar, mas pela primeira vez, eu percebi que havia uma sensação de pertencimento. Além disso, era bem óbvio que ele estava aliviado por sua mãe ter decidido fazer parte da vida da Giovanna.

Foi como se uns dez quilos tivessem deixado seus ombros quando ela afirmou que não a ignoraria mais.

A culpa voltava a me assombrar quando presenciava esses momentos. Eu apenas sentia o meu peito apertar tão forte que o ar parecia sumir e me sentia sufocada.



Em algum momento da festa, estava conversando com Guilherme e Julia quando Dante chegou com Gio no colo. Ele cochichou para mim que pediu para que sua mãe agisse como se fosse supernormal que estivesse ali, afinal, quase ninguém sabia sobre a confusão que era a nossa vida.

Minutos depois, Marlon surgiu, trazendo uma bebida em uma das mãos e entregando para mim.

— Não tinha visto sua mãe, Dante. Por que Genaro não está aqui? — ele perguntou, observando a mulher do outro lado da festa conversando com Domenico.

— Ele tinha um compromisso — respondeu, seco e me encarou.

Guilherme fechou a cara no minuto em que ele apareceu.

— Ah, essa semana acho que vou levar o Lucca para brincar com a Gio — Gui mudou de assunto, falando com o seu mais novo amigo.

— Dante, eles são avós muito babões? — Marlon ignorou seu comentário e continuou: — Os meus sempre foram demais... Minha casa no Natal era uma alegria só e eu era supermimado por eles.

— Que bom, não é, Marlon? Que ninguém tentou estragar a alegria da sua família ou algo do tipo — Guilherme retrucou em um tom ácido e eu o olhei, erguendo uma das sobrancelhas.

Ele deu uma risada sem graça, sem entender direito o comentário.

— Sinto muito, Guilherme, não foi minha intenção falar nada a respeito da sua família — ele logo se desculpou, lembrando que o Gui não tinha mais os pais.

Julia me olhava apreensiva e Dante parecia levemente entretido.

Que porra?

— Oh, mas é claro que não. Foi apenas um comentário.

Seu tom não era nada amigável e eu não estava entendendo toda aquela hostilidade. Não fazia sentido que Guilherme fosse simpático com o pai da minha filha que sempre foi um babaca com a gente e não com cara que eu estava ficando. Porque, por mais que Marlon andasse com Dante e fosse bem rico também, ele não era escroto, apenas um playboyzinho.

— Ter uma família sólida, sem ninguém interferindo é importante... — meu amigo continuou, com ironia. — Talvez apenas os jornais, certo?

— É, definitivamente teria sido mais fácil sem ninguém interferir — Dante disse com desdém, dando uma risada.

— Acontece, cara... Ainda bem que vocês são uma boa dupla, assim como eu e Julia — ele disse para Dante, mas seu olhar se voltou para Marlon. — Então as coisas dão certo, apesar das adversidades. Não é, Manu?

Não estava entendendo qual era a deles dois. Julia parecia mais perdida ainda com o jeito como Guilherme estava conduzindo a conversa. Talvez toda interação com Dante o estivesse transformando em alguém mais sarcástico.

— Claro. — Dei um sorriso torto.

— Minha afilhada tem sorte de ter pais tão comprometidos e tão unidos. É incrível, não é, Marlon, a sintonia dos dois? — perguntou em um tom divertido e tive a certeza de que ele o estava provocando.

Dante parecia nas nuvens, observando Guilherme como se ele fosse seu herói. Qual era a deles dois, porra?

— É, é realmente inacreditável. — Ele deu um meio-sorriso.

— Manu e Gui, acho que a Lavanda está chamando a gente

— Julia comentou, puxando-nos pelo braço.

— O que foi isso, Guilherme? — perguntei assim que nos afastamos.

— Nada, apenas não estou com muita paciência no momento para socializar com esse idiota — respondeu, seco.

— O que ele te fez? — indaguei, confusa.

— A mim, nada — disse calmamente. — Preciso ir ao banheiro.

Olhei para Julia sem entender e ela encolheu os ombros.

Depois de algumas horas, nós fomos até a mesa do bolo, cantamos parabéns e tiramos várias fotos. Giovanna parecia tão feliz, com uma luz tão radiante que nunca havia visto nela.

Talvez minha filha se sentisse mais completa agora, com tantas pessoas que a amavam à sua volta. E pela maneira que a garota olhava para Dante, eu sabia que ele era a peça que faltava em sua vida e, de alguma forma, era como se Gio também fosse o elemento que o completava.



*Melro cantando na calada da noite  
Pegue essas asas quebradas e aprenda a voar  
Toda sua vida  
Você só estava esperando por esse momento para se erguer*  
:: BLACKBIRD - THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

No final da festa, quase todas as pessoas já tinham ido embora, inclusive Marlon e Dante com sua nova namoradinha. E pelo visto ele iria acompanhá-la até em casa, porque, com certeza era muito difícil pegar um *Uber* sozinha.

Estava terminando de organizar as coisas e arrumar os presentes que Giovanna havia ganhado na sala da pensão.

— Preciso falar com você — Guilherme avisou, demonstrando estar um pouco receoso.

— O que houve?

— Acho... Ahn... Antes da Ju, você sabe que eu tive um lance com uma jornalista da *QueenG!*, lembra? — Ele fez uma pausa e me olhou com as bochechas vermelhas, fazendo com que eu desse uma risada.

— Sim, eu lembro.

— Desde que o Dante mencionou que o Marlon podia ter envolvimento em contar para a imprensa...

— Dante tem implicância com ele, Gui — falei, soltando o ar.

— É nítido, eu percebi desde o primeiro dia em que ele chegou no escritório.

— As implicâncias têm um motivo, Manu. Depois de muita insistência e de eu usar meu charme e prometer que não falaria nada, ela me contou que sim, foi o Marlon que vazou isso para a imprensa. E sinceramente, não sei como o Dante sabe disso, mas é verdade. Marlon é um dos informantes da *QueenG!*.

A última frase me atingiu como um soco no estômago. Fiquei olhando para ele atônita, sem acreditar no que tinha acabado de ouvir. Não era possível. Samuel Medici já tinha falado várias vezes sobre a família dele e me lembrava de vê-lo resmungando sobre aquele site ser um desserviço.

Talvez...

Talvez fosse tudo uma forma de disfarçar. Ninguém desconfiaria dele daquele jeito. Ao mesmo tempo, todas as cenas começaram a passar na minha cabeça. Marlon se mostrando supercompreensivo sobre eu não ter contado para ele, dizendo que não precisávamos conversar sobre aquilo.

Puta merda, como era cara de pau!

Dante estava certo, afinal, e eu havia batido tanto de frente com ele, culpando-o por ter vazado a história.

Meu Deus, como eu era uma idiota.

O filho da puta havia mentido descaradamente, insistiu em um relacionamento comigo depois de me trair daquela forma.

Como alguém podia ser tão desonesto?

— Não é possível. — Eu ainda estava em choque.

— Sinto muito, mas foi o que aconteceu.

— Mas que escroto do caralho — xinguei, revoltada. — Que macho falso! Você deveria ter me dito mais cedo, Guilherme, que inferno!

— Não ia fazer isso no meio da festa.

— Era por isso que estava tratando o babaca daquele jeito, então?

— Sim, foi mais forte do que eu. — Meu melhor amigo deu uma risada fraca e eu passei as mãos pelo rosto, ainda transtornada.

Eu odiava ser feita de otária. Não tinha nada que eu odiasse mais no mundo do que alguém colocando minha inteligência em jogo.

— Nossa, eu estou com tanta raiva, mas tanta raiva! — explodi.

— Contou sobre Marlon, não foi? — Julia perguntou assim que surgiu no cômodo.

— Não acredito que transei com esse merda! — resmunguei.  
— Como pode a vida da mulher hétero solteira ser tão sofrida, porra? Por que caralhos homens são tão... Argh! — Eu me levantei, furiosa. — Vou falar com ele agora!

— Não acha melhor esperar um momento onde você esteja mais calma? — Guilherme perguntou e eu o fuzilei com os olhos, fazendo com que ele levantasse as mãos no ar em rendição.

Não! O babaca iria me ouvir hoje.

— Não! Vocês podem ficar com a Giovanna por alguns minutos, por favor? Não pretendo demorar — pedi e eles concordaram com a cabeça.

Marlon morava perto, cerca de quinze minutos da pensão. Pedi um carro de aplicativo e cheguei na sua casa mais rápido ainda porque o motorista estava achando que era piloto de fórmula 1.

Avisei na portaria e assim que saí do elevador, sua porta se abriu e ele me olhou surpreso, mas com um sorriso no rosto.

— Sentiu minha falta e veio me visitar? — brincou, abrindo a passagem para que eu entrasse.

Eu passei por ele e me virei, encarando-o cheia de raiva. Marlon deu alguns passos na minha direção, mas antes que se aproximasse demais, minha mão estalou com toda força em seu rosto.

— Você é um babaca, Marlon! — gritei e ele me olhou com os olhos arregalados. — Eu sei que foi você que vazou sobre a Giovanna para a QueenG!. Como pôde fazer isso? O que eu fiz para você?

— Não sei o que Dante andou te dizendo, mas tenho certeza que ele está fazendo isso porque não quer ver a gente junto. Aquele babaca sempre quis o que era meu... — ele disse sem dar muita importância, massageando o rosto.

— Não! Não foi Dante que me falou. Ele já havia me alertado, mas não achei que você pudesse ser tão desprezível. — Eu o olhei com nojo de cima a baixo. — Pra quê fez isso? Tem noção de como isso me prejudicou? Não era sua escolha! — gritei.

— Manu, por favor... — Ele segurou o meu braço.

— Não encosta em mim! — vociferei, desvencilhando-me dele. — Como teve coragem de transar comigo depois de fazer isso? De quantas formas você queria me foder? Só uma não era suficiente? — berrei, cuspindo as palavras.

Meu corpo estava em chamas, cada parte minha pulsava de raiva e eu estava me controlando pra não ir para cima dele. Porque tudo o que eu desejava naquele momento era socá-lo com todas as minhas forças.

O homem tornou a me olhar um pouco sem graça, umedeceu os lábios e se aproximou de mim novamente.

— Nunca foi minha intenção te prejudicar — foi tudo o que conseguiu dizer.

Suspirei, sabendo que ele provavelmente diria algo parecido como aquilo. Eu jamais entenderia o que o levou a contar para a mídia e sinceramente, não fazia mais questão de saber.

Ele não se preocupava comigo. Viu uma oportunidade de se beneficiar e aproveitou, como praticamente todos os seres humanos. Em algumas situações, eu pensava: não é possível que é por esse tipo de gente que eu luto tanto para salvar o planeta.

— Manu... — ele tornou a me chamar.

— Marlon, esquece que eu existo.

Eu o encarei mais uma vez, com os olhos carregados de decepção e dei as costas, saindo pela porta atrás de mim.



Quando cheguei no meu apartamento, Gio já estava dormindo. Eu a coloquei no quarto e vi, pela fresta do chão da porta, que a luz do quarto de Dante estava acesa. Respirei algumas vezes e bati sem muita força.

Ele me mandou entrar e assim que fiz isso, apoiei as costas na porta.

— Já chegamos — avisei.

— Percebi — ele respondeu sem muita vontade, baixando os olhos para o livro que estava lendo.

Provavelmente estava se perguntando o que eu estava fazendo dentro do seu quarto, mas Dante costumava não estender mais nossas conversas.

— Queria falar com você — disse baixinho e ele me olhou curioso.

— Sobre?

— Queria... — Fiz uma pausa, engolindo em seco. — Pedir desculpas por não ter acreditado quando você me disse que Marlon havia vazado a história da Gio — admiti, sem graça e ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Hm... Ele te disse?

— Não, o Gui — respondi sem olhá-lo nos olhos. — Eu só... Ainda não entendi porque ele fez isso.

— Marlon tem seus próprios interesses — respondeu, seco, voltando a atenção para as páginas.

— É, pelo visto sim — suspirei, cansada, e abri a porta. — Enfim, desculpe, deveria ter te escutado.

— Maria Manuela... — ele me chamou e eu virei. — Sinto muito por ele ser um babaca.

Eu dei um meio-sorriso e assenti, deixando o cômodo.

Fiquei deitada durante algum tempo olhando para o teto e me sentindo uma perfeita idiota. As conversas daquela noite ecoando na minha mente, forçando-me a refletir por mais uma escolha errada. Era como se eu as colecionasse agora.

Foi impossível não chorar. Não por aquele imbecil, mas pelas consequências. A impressão que eu tinha era de que a vida estava esmurrando na minha cara de que eu era uma estúpida, incapaz de tomar uma única decisão coerente.

Fui vencida pela exaustão daquele dia e dormi por algumas horas até ouvir o choro estridente da Giovanna. Levantei rápido e fui até seu quarto.

— O que houve, meu amor? — perguntei, vendo-a gritar inconsolável, as lágrimas rolando pelas bochechas avermelhadas.

Eu a peguei no colo e notei que seu corpinho estava um pouco mais quente que o normal. Fiquei embalando-a suavemente de um lado para o outro, mas não adiantou nada.

— O que houve? — Dante entrou no quarto, ainda sonolento.

— Não sei. Ela não para de chorar.

Ele a pegou nos braços e tentou niná-la, mas seus gritos aumentaram e ela começou a bater com as mãos na cabecinha.

— Ela está se batendo, Manuela! Por que ela está se batendo? — perguntou, preocupado, tentando segurar suas mãos.

— Não sei, Dante! Não faço ideia!

— Será que entrou alguma coisa no ouvido dela? — ele indagou em pânico, olhando as orelhas de Gio. — Meu Deus! Sua amiga *hippie* falou hoje algo de saúde, não falou? Ela é vidente, não é?

Pisquei, um pouco confusa. Vidente? De onde ele tinha tirado isso?

— Não e ela deu um amuleto para...

— Vá buscar! Onde está? — Era possível ver a aflição no seu tom enquanto segurava os bracinhos da Giovanna para que ela não se batesse.

— Não é possível que esteja falando sério. — Revirei os olhos.

Ele estava realmente me pedindo para pegar um amuleto que minha amiga tinha feito?

UM AMULETO DE QUARTZO.

PARA CURAR UMA FEBRE.

PORRA!

AQUELE HOMEM ESTAVA TRANSTORNADO.

— Por favor, vá buscar logo. Ela não está bem. — Dante me fuzilou com os olhos sem parar de apertar Giovanna contra seu peito, sussurrando algumas coisas para acalmá-la. — Eiiii, meu amor, fica calma. Você vai ficar boa logo.

Fui até minha bolsa e peguei o amuleto que Lavanda tinha me dado e ele puxou das minhas mãos, colocando ao redor do pescocinho da Gio.

— Meu Deus, Maria Manuela, ela está pelando!

— Dante! — chamei sua atenção, elevando minha voz. — Para de surtar. Você está deixando ela mais desesperada agindo assim. Respira e se controla para tentar passar alguma tranquilidade para a sua filha. Giovanna está com febre e vou pegar uma toalha para tentar abaixar a temperatura dela, ok?

Ele assentiu, pela primeira vez mantendo o controle.

Fui até o banheiro e quando voltei, ele não estava mais no quarto de Gio. Os dois estavam deitados na cama dele e a bebê continuava chorando, mas com menos intensidade.

Sentei ao seu lado e coloquei a toalha na testa dela, sob seus olhares apreensivos.

— Não é melhor dar logo um remédio pra ela?

Havia tanto desespero nos olhos de Dante que meu coração se apertou. Era a primeira vez que ele a via doente e estava surtando, olhando para mim e para ela como se não soubesse o que fazer.

— Vamos tentar a toalha primeiro, normalmente dá certo.

Gio continuava chorando e nos olhando de forma muito triste, fazendo um biquinho com o lábio inferior.

— Meu amor, fica calma — pedi, deitando-me ao seu lado e segurando sua mãozinha.

Não sei por quantas horas ficamos ali, agoniados com o choro desesperado da Giovanna invadindo nossos ouvidos. Ela segurava nossos dedos com força, olhava para mim e depois para Dante, provavelmente se perguntando porque não estávamos fazendo nada para que sua dor parasse.

Em algum momento, ela levou os dedos até a boca e voltou a berrar, o que fez com que uma luz se acendesse na minha cabeça.

— Meu Deus, que burra! Acho que ela está com dor por conta dos dentes, Dante — concluí, analisando seu último movimento.

— Claro que não, Manuela, ela está com febre!

— Sim, e pode dar febre em alguns casos — comentei, pensativa, e ele bufou, tirando um livro enorme de dentro da gaveta e começando a folhear.

— O que está fazendo? — perguntei, confusa, e ele me ignorou.

Continuou pesquisando algo nas páginas por algum tempo.

— É, pode dar febre — disse por fim, frustrado, e fechou o livro, jogando-o para o lado sem que eu pudesse ler a capa.

— Você... Está lendo um livro de bebês?

— Eu li alguns desde que descobri sobre ela e já tinha lido sobre isso, mas não estou conseguindo raciocinar direito — confessou.

— Alguns? — Arqueei uma das sobrancelhas, ainda perplexa.

Como eu nunca tinha ouvido aquilo antes?

Dante indicou com a cabeça uma das prateleiras com uns dez livros diferentes sobre bebês e paternidade. Entreabri a boca, um pouco chocada, mas ele nem mesmo percebeu, voltou a prestar atenção nos suspiros dramáticos que Giovanna começou a dar.

Bem, ela tinha a quem puxar!

— Acho que está diminuindo — concluí, tirando a toalha e ele posicionou a mão em sua testa para checar.

O choro de Giovanna foi cessando bem lentamente e eu cheguei bem perto do seu rosto e comecei a cantar “*Black Bird*” para que ela se acalmasse enquanto fazia carinho em seus bracinhos.

— Sério? — Dante revirou os olhos ao ouvir a música dos *Beatles*.

— Ela gosta!

Eu continuei, vendo minha filha esticar as mãozinhas para fazer carinho no meu rosto. E quando ela abriu um sorrisinho, finalmente parando de chorar, meu coração sossegou.



Abri meus olhos com dificuldade na manhã seguinte e forcei a vista para que tudo tomasse foco. Nós três estávamos deitados na cama dele, Giovanna entre nós.

Minha mão estava em cima de suas perninhas e as de Dante estavam sobre meus dedos. Puxei meu braço devagar e ele acordou alarmado, levantando uma parte do tronco na minha direção.

— Shhh... — sussurrei para que não fizesse barulho e ele passou uma das mãos pelo cabelo. — Acho que a febre passou. — Mexi a boca para falar, mas sem som algum.

Ele olhou para os meus lábios e cravou os olhos nos meus. E naquele momento, as únicas coisas que senti foram os pelos da minha nuca eriçarem.

— Ahn... *P-pode* voltar a dormir, se quiser — murmurei e Dante deitou a cabeça no travesseiro, fechando os olhos novamente.

Eu observei os dois respirando no mesmo ritmo, tão em paz que cheguei à conclusão de que aquela cena era uma das coisas atuais que mais me trazia plenitude.



*Você está parada no seu lado  
Eu estou parado no meu  
Apenas precisa de um passo  
E você poderia estar cruzando a linha  
Não há nada entre nós  
Ou talvez tenha muito  
O que quer que seja, é muito frágil para tocar*  
**:: BABY BREAK IT DOWN - THE ROLLING STONES::**

*Dante Perazzo*

Acordei com Giovanna escalando em cima de mim e brincando com meus cílios. Abri os olhos e ela começou a gritar “papai” de um jeito animado. Nem parecia que havia chorado por horas e mais horas na noite anterior.

Sério, que noite fodida do caralho. Um desespero tomou conta de mim quando a vi sofrendo daquele jeito, sem muita noção do que fazer. Manuela não estava tão nervosa, talvez por já ter passado por alguma situação parecida com ela, mas eu fiquei em pânico.

Havia experimentado tantas coisas novas algumas horas atrás. Percebi que se pudesse, transferiria toda a sua dor para mim e cheguei à conclusão de que jamais me perdoaria se algo

acontecesse àquela garotinha. E porra, era horrível a sensação de impotência, não poder fazer nada realmente relevante.

Giovanna bateu palminhas e soltou um gritinho, balbuciando algumas sílabas aleatórias. Eu estava exausto, como ela também não estava?

— Está com fome, Gio? — perguntei e ela abriu um sorrisão.

Fui até a cozinha e notei que Manuela não estava por ali. Fiz um café e quando comecei a preparar as panquecas, ela adentrou o cômodo.

A insuportável estava com uma camiseta surrada dos *Beatles* e eu estalei a boca, observando-a fazer um coque alto no cabelo e ir em direção à Giovanna para dar um beijo no topo de sua cabeça.

— Ela já comeu? — Manuela se inclinou na bancada para olhar o que eu estava fazendo.

— Resolvi fazer uma panqueca pra ela... — Ela me deu um olhar de desaprovação, pois não era o que ela normalmente comia pela manhã. — Ela sofreu o suficiente ontem, Maria Manuela. Deixe a garota comer algo gostoso.

— Panquecas? Estamos nos Estados Unidos agora? — zombou.

— Eu sou meio viciado em panquecas. — Dei de ombros. — Sempre tinha na minha casa.

— Ricos... Você e toda sua burguesia vão estragar essa criança se continuar mimando ela desse jeito. — Ela deu uma risada.

— Eu não mimo ela — afirmei e Manuela abriu a boca, incrédula.

— Você faz tudo o que ela quer, Dante — bufei, balançando a cabeça em uma negativa.

— Não faço, não e vê se não me irrita porque se me encher o saco, vai acabar tendo que comer aquele pão velho ali.

— Pãozinho dormido na chapa é tudo! — Ela encolheu os ombros, rindo, e eu fiz uma careta. — Não é, Gio?

Manuela fez cosquinha na barriga da menina e foi impossível me manter sério quando a neném gargalhou, jogando a cabeça para trás, achando a maior graça.

Ela me olhou e eu coloquei algumas panquecas em um prato e empurrei na sua direção de má vontade. Seus olhos brilharam na mesma hora e ela puxou uma respiração quase derretendo na cadeira com o cheiro.

Eu ri.

Pão dormido é o caralho.

— Eu estou fazendo uma diferente pra ela — avisei.

— Minha mãe me deu um doce de leite maravilhoso! — contou, correndo até o armário. — É o Viçosa, já comeu?

Franzi o cenho, tentando me lembrar.

— É argentino? — perguntei e ela comprimiu os lábios.

— Meu Deus, você é tão insuportavelmente rico. Não, idiota, é de Minas. E dá de mil nesses argentinos, se quer saber. Ah, mas o melhor de todos é o da lata de leite condensado na panela de pressão! — ela suspirou, parecendo sonhadora.

— Oi?

— Cursinho de gastronomia na Itália, mas não sabe fazer o melhor doce que tem! — Ela deu de ombros, levando uma colher cheia de doce de leite até a boca.

E aquela ação prendeu toda a minha atenção.

A ponto de eu me queimar na porra da panela.

— Porra! — xinguei baixinho.

Mulher infernal do caralho!

— Tudo bem aí?

— Tudo.

Ela colocou uma montanha de doce de leite na sua panqueca e eu passei as mãos pelo rosto sem acreditar. Sério que eu tinha usado fava de baunilha pra isso?

Giovanna gritou “mamãe” algumas vezes e Manuela sorriu, realizada. Depois balbuciou a palavra “água” ou algo que parecia com isso, mas já sabíamos o que significava.

Terminei de fazer as panquecas e entreguei para Gio junto com algumas frutas e ela mal respirou, enfiando tudo na boca com rapidez.

— Vai com calma, Gio — Manuela pediu entre as risadas, mostrando como a bebê podia cortar em pedaços menores.

A bebê sorriu e se balançou na cadeira, batendo palminhas. Em seguida, ela repetiu o movimento e me chamou para se exibir.

Porra, minha filha era fofinha pra caralho!

— Tem algum compromisso hoje? — ela perguntou baixinho, olhando para o próprio prato e brincando com a comida.

Eu tinha. Marcella havia me pedido para ir até seu apartamento, visto que, de acordo com ela, não havia dado muita atenção para ela na festa da minha filha.

— Tenho, por quê? Precisa que eu fique com Gio para ir em algum lugar? — perguntei, sem muito entusiasmo.

— Não... — Ela fez uma pausa, — ia sugerir de irmos naquela sorveteria de frente para a praia com a Gio. Minha mãe sempre falava que sorvete alivia dores de dentes... E sou meio desesperada com sorvete. Então, eu e o Gui sempre fingíamos estar com dor para comer. — Ela deu uma risada.

Eu me sentia sem saída quando ela sorria dessa forma. Era tão difícil ter raiva dela quando Manuela baixava a guarda. Aquele mês havia sido tão péssimo, vivendo sob o mesmo teto sem interagir. Nossa relação era cada vez mais fria, cada vez mais seca.

Era um inferno e exaustivo.

E hoje... As coisas pareciam mais leves.

Fiquei em silêncio, tomando alguns segundos para processar o fato de que ela estava sugerindo que fizéssemos algo juntos. Ela estava tentando, de algum modo, estreitar os laços comigo, depois de saber que havia me acusado de algo que eu não tinha feito.

De alguma forma, aquilo era meio que um respiro.

— Tudo bem, eu vou falar com Julia... — Ela me olhou sem graça, percebendo que eu não havia dito nada sobre sua sugestão.

— Podemos ir — afirmei e ela levantou os olhos, um pouco surpresa.

— Achei que tinha um compromisso...

— Não é importante — disse por fim e ela deu um meio-sorriso.



Nós sentamos em uma das mesas do lado de fora da sorveteria que se chamava “*O Império do Sorvete Contra-Ataca*” e era toda temática de *Star Wars* porque a mãe da minha filha era nerd. E pelo visto minha filha também, porque Giovanna ficou louca com um bicho gigante que parecia um cachorro e balbuciava uns barulhos estranhos.

Gio estava no meu colo e Maria Manuela estava de frente para mim, dando sorvete em sua boca. Ela estava tão feliz e ria de tempos em tempos com os gritinhos que dava e as palavras que tentava pronunciar.

— Que dia Guilherme vai lá em casa essa semana? — ela perguntou, levantando os olhos para mim.

— O jogo é quarta à noite.

— Acho que vou encontrar a Julia — ela comentou. — Vocês olham as crianças?

— Vamos estar em casa, Manuela.

— Certo...

Um silêncio levemente constrangedor pairou no ar.

— Pretende chamar sua mãe algum dia para ir até o apartamento? — perguntou algum tempo depois.

— Não precisamos nos encontrar lá.

— Sabe que pode convidar a sua mãe, você também mora lá.

— Posso encontrar com ela em outro lugar — disse por fim e ela ficou me olhando um pouco frustrada, soltando o ar. — O que foi?

— Nada — respondeu, voltando sua atenção para o pote de sorvete e levando a colher até a boca.

Mais uma vez meus pensamentos fugiram por um instante e imaginei como seria beijar a sua boca com sorvete.

Que merda! Que ódio! Como aquela maldita conseguia ter aquele efeito em mim? Qual era a merda do meu problema? Eu estava obcecado!

— O que foi? — tornei a perguntar.

— Estou tentando, Dante, mas é difícil me comunicar com você dessa forma — afirmou, sem vontade.

— E por que está fazendo isso?

— Passamos um mês vivendo na mesma casa sem mal trocar uma dúzia de palavras por dia. É exaustivo e não aguento mais — confessou, como se tivesse tirado um peso de si.

— E por qual motivo está me dizendo isso agora? — indaguei, totalmente na defensiva. — O fato de finalmente ter visto que Marlon é um babaca?

— Nunca quis que fosse assim. — Manuela respirou fundo. — Já pedi desculpas por não ter acreditado em você. E eu só... Só estou cansada dessa dinâmica, Dante.

E a verdade é que ela realmente parecia.

Manuela se levantou, pegou Giovanna do meu colo e foi em direção ao lixo com os potinhos. Eu a segui, ainda em silêncio enquanto caminhávamos por algumas lojas até chegarmos no meu carro. Parei em frente a uma loja de produtos naturais e ela ficou me encarando sem entender.

Minha mente estava dividida. A parte magoada queria manter a guarda alta, não permitir que ela se aproximasse novamente. Havia algo diferente no seu olhar, entretanto. Algo genuíno que parecia querer consertar o que estava quebrado entre nós.

Quer dizer, restaurar a mínima relação que conseguimos construir entre todas as brigas.

Respirei fundo e finalmente decidi dar uma chance. Afinal, se eu continuasse com aquilo, estaríamos destinados a viver em um ciclo interminável de ressentimento e distância.

— Concordo com você... — comecei, mas ela franziu o cenho, demonstrando não saber do que eu estava falando. — Sobre nossa dinâmica. Também acho exaustivo.

Maria Manuela me encarou por alguns segundos e ficamos naquele silêncio constrangedor. Eu não sabia mais o que dizer, ela muito menos. Seu olhar se voltou para a vitrine da loja.

— E você chegou a essa conclusão olhando as ervas? — tentou brincar com uma risada nervosa.

— Vou comprar o chá de camomila e o de raiz de sapé — expliquei e ela me olhou desconfiada. — Sua amiga estava certa, parece que realmente aliviam a dor de dente. Eu chequei.

Ela sorriu e entrou na loja atrás de mim com Giovanna nos braços, que observava os itens com bastante curiosidade. Tudo

chamava sua atenção. Manuela apontava para algumas ervas e plantas, mostrando para a menina e explicando para ela algumas coisas da natureza.

— Achei que iria comprar só uma essência — ela disse ao ver que tinha separado vários outros chás.

— Sou uma pessoa precavida. — Ela concordou com a cabeça como se dissesse: “estou vendo”.

Nós voltamos para casa um tempo depois e fui tomar um banho. Demorei um bom tempo deixando que a água quente caísse sobre as minhas costas. Porra, eu ainda estava tão cansado da noite anterior.

Coloquei uma roupa com má vontade, porque não queria ir para a casa da Marcella, mas ela já havia mandado dezenas de mensagens. Naqueles momentos, eu me perguntava que merda estava fazendo da minha vida voltando avê-la com frequência.

Eu sustentei o último ano do nosso namoro apenas porque era menos desgastante. Tinha levado Marcella para a festa simplesmente porque ela me azucrinou tanto que eu acabei concordando para que calasse a boca.

Puta merda! Não acreditava que tinha voltado para aquele ciclo vicioso!

Chacoalhei a cabeça, irritado comigo mesmo e com toda a minha burrice. E era culpa da Maria Manuela, aquela maldita que eu não conseguia tirar da cabeça.

Eu estava fazendo tudo errado, mas parecia tão mais fácil....

Giovanna estava dormindo e quando cheguei na sala, a razão do meu tormento estava enrolada em um edredom, com o controle da televisão na mão e um pote de sorvete na outra.

— Como você aguenta comer tanto sorvete? — perguntei, horrorizado, sentando-me ao seu lado e vendo que o pote já estava quase no fim.

— Nem comi tanto assim — ela disse sem tirar os olhos da TV.

— Você está vendo um programa de reformas? — indaguei, cheio de ironia, dando uma risada aovê-la hipnotizada, mas acho que ela não percebeu o meu tom.

— Esse programa é o melhor de todos! Eles são gêmeos e reformam as casas das pessoas. Olha! Olha! — Ela encostou no meu joelho e apontou animada para a TV, que voltou a mostrar uma casa completamente horrorosa e destruída. — Olha como era. Já está no meio, daqui a pouco vão mostrar como ficou.

Abafei o riso com sua empolgação e ela não pareceu sequer prestar atenção em mim. Fiquei de braços cruzados enquanto assistia ao programa.

— Puta merda, que cor horrível — comentei ao ver uma sala pintada com um roxo beterraba.

— Poxa, estava pensando em pintar o corredor nesse tom — ela zombou.

— Isso era pra ser uma piada? Porque com o seu gosto, não me espantaria que pintasse mesmo — debochei e ela me fuzilou com os olhos. — O que foi? Não é minha culpa, é você que tem uma escrivaninha verde horrenda e um quadro preto pavoroso de girassóis.

— Sério que está falando mal do meu quadro também?

Eu olhei para a atrocidade na parede e balancei com a cabeça.

— Eu tenho vontade de morrer toda vez que entro pela porta — confessei e ela entreabriu a boca, incrédula, mas com vontade de rir.

— Você é ridículo!

— Não, o quadro é. Eu juro que se pudesse, colocava fogo nele. Na verdade, esse é meu maior sonho desde que cheguei aqui. Fazer uma fogueira com ele e a escrivaninha.

Ela cruzou os braços, ofendida.

— Veja o programa e cala a boca, Dante.

Ficamos ali sentados por alguns minutos vendo televisão e na mesma hora que ela pegou o controle para mexer em alguma coisa, eu me levantei.

— Vou fazer pipoca, vai começar outro! — comemorou e então me fitou com aqueles olhos grandes, um pouco confusa. — Ué... Vai sair?

Era impressão ou ela estava levemente decepcionada?

Não, certeza que minha cabeça de baixo estava confundindo a de cima. Sempre que Maria Manuela estava por perto era isso que acontecia.

Que inferno, o que eu tinha de errado? Eu deveria ser capaz de simplesmente ignorá-la e ir para onde eu tinha a intenção desde o momento em que saí do meu quarto.

Só que não. Eu estava ali, prestes a trocar sexo por uma noite vendo um programa ridículo de gêmeos que reformam casas com a pessoa mais brega do Rio de Janeiro.

Quem em sã consciência faria isso?

Porra, eu me sentia tão idiota por querer estar com ela. E aquilo não fazia sentido algum, porque meu pau nem iria dar as caras! Nunca tinha passado aquilo em toda a minha vida e nem mesmo sabia como reagir.

*Supera, Dante, caralho! É só a porra de uma mulher!*

Exceto que não era.

Eu a queria tanto. Queria seus beijos, seu toque, qualquer coisa que me fizesse voltar a ter a sanidade mental que havia se esvaído há quase um mês.

As memórias com ela me corroíam por inteiro há dias. Desejava sua boca, seus olhares, seus gemidos, o calor do seu corpo. Maria Manuela Guerra me atraía de uma forma inexplicável, roubava todos os meus sentidos e fazia uma bagunça interna.

Depois dela, todas as mulheres pareciam sem graça. Aquela chata insuportável era linda demais e perfeita em absolutamente tudo, por mais que fosse difícil de admitir.

Eu a odiava por isso.

— Vou... Pegar um uísque, Maria Manuela. Preciso de um para digerir essas casas horrendas — falei em um tom irônico e ela riu.

Na verdade, eu precisava beber para eliminar todos aqueles pensamentos que estava tendo a respeito da mulher que eu odiava. Necessitava de álcool se iria ficar tão perto dela. Porque sim, a vida era a porra de uma festa, eu era a pinhata e aquela filha da puta era o pedaço de madeira. E ela não hesitaria em me acertar quantas vezes fossem necessárias.



*Enquanto eu, estou esperando tão pacientemente  
Deitado aqui no chão*

*Estou tentando fazer o meu quebra-cabeça  
Antes que volte a chover*

**:: JIGSAW PUZZLE - THE ROLLING STONES::**

## Dante Perazzo

No dia seguinte, tínhamos uma reunião logo no primeiro horário pela manhã. Saímos de casa mais cedo do que o normal, sequer tivemos tempo para comer alguma coisa.

Durou pelo menos umas duas horas, com uma advogada dissertando sobre a necessidade de promover o trabalho remoto entre alguns funcionários.

Eu estava praticamente dormindo em pé, tamanho o tédio. Ainda precisávamos resolver tantas outras coisas e aquilo parecia uma tremenda perda de tempo.

— Senhor Perazzo, a senhorita Marcella Rangel está aguardando na sua sala — Deusa avisou quando eu já estava entrando no meu escritório.

— Você deixou que ela entrasse?

— Ahn... Desculpe, ela disse que era sua namorada e tinha sua autorização para esperar lá.

— Ela não é minha namorada e não tem autorização para entrar na minha sala — deixei claro.

Rolei os olhos e quando entrei, ela estava sentada na minha cadeira, com o celular na mão.

— O que faz aqui, Marcella? E que palhaçada é essa de dizer que é minha namorada?

— Você não foi me ver ontem — reclamou, ignorando o que eu tinha dito. — Estava ocupado demais brincando de casinha com a morta de fome e sua bastardinha? — Ela jogou o aparelho na minha direção.

Havia uma foto de nós três na orla da praia em uma das colunas de fofoca, dizendo: “Tarde agradável para a família Perazzo”.

— Já disse para não chamar nenhuma das duas assim. — Cerrei os dentes, deixando nítida toda minha irritação.

— Você disse que iria me ver — ela tornou a cobrar, levantando o tom de voz.

Era desgastante pra caralho. Estava exausto de todo aquele circo.

— Marcella, foda-se! Eu estava com a minha filha.

— Não acha que já passa muito tempo com ela? — Ela colocou a mão na cintura e eu entreabri a boca, chocado com o que estava saindo dela. — Você não larga mais essa criança. Eu também preciso de atenção.

— Ele é minha prioridade, não você — retruquei sem paciência e ela me olhou triste.

— Queria que tivesse mais tempo para mim — choramingou, melosa, e veio andando na minha direção.

— Eu odeio quando você começa a agir assim. Já te levei pra festa que tanto queria ir, não é o suficiente? — perguntei, irritado.

— E me deixou de lado a maior parte do tempo, andando para lá e para cá atrás dessa foda mal dada que você teve e do outro pobretão de quem virou amiguinho...

— Meu Deus, você não cansa de ser babaca? Foda-se que eles eram pobres, porra! Maria Manuela é a mãe da minha filha, Marcella. Já mandei você parar com seus comentários. Por favor,

vai embora — suspirei, procurando qualquer resquício de calma que pudesse ter.

Eu odiava toda a cobrança, a babaquice. E era sempre assim, quando passávamos alguns dias a mais nos vendo, ela deduzia que estávamos em algum tipo de relacionamento.

Sabia que era minha culpa por procurá-la mais vezes do que o necessário durante aquele mês, mas eu precisava tirar Maria Manuela da minha cabeça e apenas segui meus instintos.

Não era tão eficaz quanto eu gostaria, afinal, Marcella não chegava aos pés dela em literalmente nenhum quesito, mas ainda assim, era uma distração. Então, ela começava a agir dessa forma e eu me arrependia amargamente de tudo.

Estava no meu limite.

— Como acha que me sinto? — Ela fechou a cara.

— Não me importo como se sente — respondi, seco, e ela me encarou.

— Sei que se importa.

— Pare de me atribuir expectativas que nunca te dei! — eu a interrompi.

— Você só se importa com essa maldita criança agora. Tudo era melhor antes. Eu queria que ela não existisse! — ela vociferou com raiva.

— Cala a boca! — gritei, cortando o ar e passando a mão no rosto em seguida. — Vá embora, Marcella, antes que eu perca o resto de consideração que ainda tenho por você.

— Não, Dante... Desculpe, não foi o que quis dizer. — Ela veio na minha direção, envolvendo os braços no meu pescoço.

A porta se abriu na mesma hora, revelando Manuela segurando um copo de café.

— Estamos ocupados — Marcella disse, fulminando-a com os olhos.

Eu a afastei.

— Percebi. Tranque a porta da próxima vez. Sei que sabe como fazer isso — disse com desdém, indo até a mesa e deixando o copo de café que aparentemente tinha trazido para mim.

— Manuela... — chamei, mas ela já tinha saído.

Eu olhei para Marcella com raiva.

— Meu Deus, me solta! O que ainda está fazendo aqui? — explodi. — Eu disse que era pra ir embora!

— Está irritado porque ela nos viu? Ela sabe que somos um casal. Sempre fomos. Qualquer um que nos conhece sabe disso, Dante — ela tornou a falar com uma voz melosa e colocou a mão no meu rosto. — O Círculo de Ouro inteiro sabe disso, nossas famílias... Eu sempre fui sua e sempre vou ser. Podemos ter uma família. Eu posso te dar quantos filhos você quiser. Herdeiros de verdade, herdeiros que vão dar orgulho para seus pais, para o nome da sua família. Você não precisa dela e...

Respirei fundo, tentando conter toda a raiva dentro de mim. Eu odiava a forma como Marcella enxergava a vida, como minha própria família fazia isso.

Como eles não viam o quanto aquilo era ridículo e absurdo? Como eu mesmo fui capaz de reproduzir tantos comentários babacas e preconceituosos parecidos com os dela até uns anos atrás?

— Não somos um casal e eu já tenho uma família. Agora, por favor, saia — pedi pela última vez, segurando seu pulso e afastando-a.

Ela me olhou chateada e saiu da sala. Fiquei alguns segundos encarando a parede. Ainda não acreditava no quanto eu era burro e inconsequente por voltar a me relacionar com aquela mulher.

Peguei o copo de café da *Starbucks* e dei um gole, tentando organizar meus pensamentos.

Ela tinha comprado café para mim. O que aquilo significava?

Fui em direção à sala de Manuela, bati na porta e entrei. Seus olhos subiram do relatório que estava preenchendo e quando me viu, voltou a sua atenção para ele.

— Obrigado pelo café — falei, sentando-me na cadeira à sua frente.

— Sem problemas.

— Temos uma reunião daqui a pouco.

— Sei disso, por isso levei o café. Você estava quase dormindo em cima da mesa na reunião passada.

— Era entediente — logo me justifiquei. — Pelo menos nessa vamos falar sobre bebidas alcoólicas. Tenho certeza que será mais animador — brinquei, lembrando que o tema era uma festa do escritório.

— Tenho certeza que sim. — Ela deu um sorriso fraco, levantou e começou a arrumar algumas pastas. — Te encontro na sala de reuniões, preciso resolver algumas coisas no caminho.

Sabia que Manuela estava irritada por ter visto Marcella na minha sala. Deveria me achar um hipócrita, visto que a havia julgado por estar agarrada com Marlon um mês atrás em seu próprio escritório.

Era incrível, quando as coisas pareciam um pouco menos turbulentas entre nós dois, algo acontecia. E a verdade é que nossa relação era extremamente frágil e qualquer coisa era capaz de desestabilizá-la.



Eu estava procurando a capivara da Gio porque ela chorava incessantemente repetindo “Pipi” sem parar e era como ela se referia ao bichinho.

— Não está em lugar nenhum, Manuela! — Ela estava no banheiro dando banho na menina enquanto eu revirava a casa feito um louco.

— Já viu no meu quarto? No seu? Pode estar por lá — sugeriu enquanto a neném batia as mãos na água, irritada. — Por favor, filha, fica calma!

Fui até o quarto dela, examinando o local. Era estranho estar ali porque eu nunca entrava naquele cômodo.

Procurei por cima dos móveis e não havia nada lá. Agachei para olhar embaixo da cama e a avistei, bem no fundo, ao lado de uma pequena caixa, como se fosse um baú em miniatura.

O que diabos ela guardava embaixo da cama como se fosse uma idosa?

Confesso que a curiosidade foi suficiente para que eu a abrisse. Havia vários envelopes dobrados de maneira idêntica e todos, absolutamente todos, tinham meu nome na frente.

Eram cartas. Cartas endereçadas a mim. Pelo menos uma dúzia delas.

Fiquei em choque lendo meu nome ali, sem entender porra nenhuma. Era meu nome, sem sombra de dúvidas, eu reli várias vezes para ter certeza. Não havia muitos “Dantes Perazzos” no Rio de Janeiro.

Diversos pensamentos começaram a invadir minha cabeça, pensando no que poderia estar escrito naquelas cartas.

— Dante, achou? — Sua voz ecoou pelo corredor e eu quase derrubei a caixa.

— Porra! — xinguei baixinho, colocando tudo no devido lugar.

Não havia tempo para olhar o conteúdo agora, ela estava a poucos metros de distância.

— Achei — falei, entrando no banheiro.

— Graças a Deus! Onde estava? — Na mesma hora, Giovanna parou de chorar e deu um gritinho de felicidade.

— Ah... — Não podia dizer que estava embaixo da cama e correr o risco de ela mudar a caixa de lugar, então resolvi mentir. — Estava em cima do seu móvel.

Foda-se! Eu precisava saber o conteúdo daqueles envelopes.



*Entenda baby, eu pus um feitiço em você  
Você não pode resistir, eu só te enfeitei*  
:: KEYS TO YOUR LOVE – THE ROLLING STONES ::

## *Dante Perazzo*

Era sábado e Guilherme viria assistir ao jogo no apartamento. Manuela saiu algumas horas antes do horário que ele combinou de chegar e Gio estava dormindo. Cheguei à conclusão de que aquele era o melhor momento para ler o conteúdo daquelas cartas.

Sentei no chão, alcancei o pequeno baú e abri o primeiro envelope, notando que havia diversos rabiscos.

*“Dante... Como você está? Espero que bem. Não sei se você se lembra daquela noite que tivemos no encontro de monitores do Bootcamp... Enfim, pode parecer meio absurdo, mas descobri que estou grávida.*

*É, realmente é uma loucura e eu ainda não consegui processar isso direito, mas achei que você deveria saber. Talvez seja um pouco ridículo dar uma notícia dessas por carta, mas não sabia a melhor forma e assim consigo organizar meus pensamentos.*

*Bem, é isso.*

*Atenciosamente, Manuela Guerra.”*

Porra, não era de se espantar que ela não tivesse enviado essa carta péssima, que mais parecia um bilhete, como se estivesse avisando que iria até a padaria e já voltava.

Quem dá esse tipo de notícia dessa forma? Puta que pariu!

Abri a segunda:

*"Dante, espero que esteja bem e conseguindo concluir seus projetos pessoais. Sei que você deve estar achando estranho receber uma carta minha, mas preciso te contar algo sobre a última vez que nos vimos.*

*Compreendo que demorei um bom tempo para dizer isso e talvez você nem queira saber, mas... Eu fiquei grávida. Imagino que essa não é a melhor forma de dar esse tipo de notícia, mas acredito que seja a mais eficaz, afinal, nós não temos nenhum tipo de contato. O nome dela é Giovanna e ela já tem alguns dias de vida.*

*Ela tem seus cabelos e seus olhos...*

*Sei que deveria ter dito isso antes, mas estava com medo. Você e sua família sempre prezaram muito pela "linhagem" e o nome de vocês, e soube de algumas coisas que me fizeram tomar essa decisão. Também descobri que os filhos "fora do casamento" do Círculo de Ouro são chamados de "bastardos" e eu achei isso muito absurdo.*

*Não sei como lidar com tudo isso e sequer estou pedindo qualquer coisa para você, gostaria de deixar isso bem claro antes de mais nada.*

*Ah, e não precisa se envolver. Ninguém precisa saber sobre a Gio, muito menos seus pais. Ela não precisa ser o motivo de desgraça da sua família ou qualquer coisa parecida.*

*Desde o momento em que descobri sobre a gravidez, Guilherme insiste que tenho que contar para você e eu já cheguei a escrever uma outra carta, diversos e-mails e mensagens, mas nunca consegui enviar.*

*Espero que entenda o motivo de não ter feito isso até agora.  
Sinto muito."*

E então ela assinou e colocou o endereço do seu apartamento.

Senti meus olhos doerem. Um nó atravessou minha garganta e permaneceu ali. Continuei abrindo as cartas e elas pareciam ter o

mesmo conteúdo, exceto pelo fato de que Maria Manuela contava que ela tinha 1, 2, 3 meses e aí por diante. Havia 13 cartas. A primeira era de quando ela estava grávida, a segunda, ao descobrir que era uma menina e contando sobre o significado do seu nome. Uma terceira de quando Giovanna tinha acabado de nascer e mais 10, uma para cada mês. Todas falavam um pouco sobre a garota, relatando sua rotina ou alguma curiosidade.

Manuela escreveu quando ela começou a balbuciar as palavras, quando os dentinhos começaram a nascer, quando começou a comer comidas sólidas... A última havia sido escrita alguns dias antes de eu começar no escritório.

As palavras escritas ecoavam em minha mente como se ela as tivesse dito em voz alta, sufocando meu coração em uma mistura devastadora de emoções. Cada revelação, cada pedaço da vida que eu não fazia ideia que havia perdido...

Tantos meses.

Tudo se desdobrava diante dos meus olhos, como se uma venda tivesse sido retirada, revelando a profundidade das minhas próprias perdas e a amplitude daquele segredo.

A impressão que eu tinha era de estar vendo nas cartas, as janelas para o que eu não tinha vivenciado, as infinitas possibilidades surgindo caso eu as tivesse recebido. Como linhas do tempo sendo criadas em paralelo, mostrando o que “poderia ter sido”.

Foi impossível não chorar. Nem mesmo tentei segurar as lágrimas. Eu queria ter feito parte de todos aqueles momentos. Era uma espécie de falta por algo que eu nem tinha vivido e não podia recuperar.

Eu não entendia porque Manuela não tinha enviado nenhuma das cartas. Além disso, no dia em que conheci a Gio, ela afirmou com todas as letras que nunca tinha tido a intenção de me contar sobre a bebê.

E a verdade é que ela tinha.

Aparentemente, por todos os meses desde seu nascimento.

Ela tinha medo, isso estava claro. Repetia isso em todas as cartas e reforçava cada vez mais na medida em que os meses se passavam. Eu já tinha ouvido muitas histórias sobre famílias

forçando abortos de filhos fora do casamento dentro do C.O., mas aquilo era extremo demais, eu mesmo não conhecia ninguém próximo que já tivesse feito uma coisa tão bizarra assim.

Eram tantos sentimentos dentro de mim e eu estava muito confuso. Ela não tinha escondido a gravidez por vingança, como imaginei inicialmente.

Nós não éramos amigos, sequer nos gostávamos e ainda assim ela estava tentando ser cordial. Mesmo que Manuela tivesse deixado um pouco de lado o sentimentalismo nas cartas, era possível enxergar a preocupação profunda e a ansiedade de um futuro incerto.

Era quase como se ela soubesse bem mais do que eu sobre o que estava alegando. E ainda assim, era difícil entender e digerir tudo aquilo.

Respirei fundo, levei a caixa para o meu quarto e coloquei dentro da minha gaveta. Acharia algum momento para conversar com ela.

Foda-se, eu precisava perguntar. Não dava a mínima se ela daria um chilique por eu ser um enxerido fofocaço fuçando nas suas coisas.

Parando para pensar, as cartas estavam endereçadas a mim. Não era tão absurdo que eu as lesse. Certo? Qualquer um no meu lugar faria o mesmo.

Tomei um banho, fiz minha barba e algum tempo depois Guilherme bateu na porta com Lucca no colo.

— Não consegui fazer esse carinha dormir — resmungou, revirando os olhos e o garoto sorriu para mim, feliz.

Baguncei os seus cabelos e ele gargalhou e começou a chamar “Gigi”, desesperado para brincar com sua amiga.

— Gio está dormindo, Lucca. Vamos acordar sua amiguinha? — perguntei e ele disse “xim”.

Era engraçado a forma como eles se comunicavam, com palavras pela metade, trocando o x pelo s. E era mais incrível ainda o fato de parecerem entender tudo o que dizíamos.

Nós colocamos os dois brincando no tapete e começamos a assistir ao jogo. Guilherme era uma boa companhia e eu realmente gostava de ter alguém para discutir sobre as partidas, já que o

babaca do meu irmão se achava “intelectual” demais para curtir futebol.

— Porra! — gritei em direção à televisão. — Que susto!

— Achei que o Ganso<sup>[14]</sup> fosse acertar — Guilherme se exaltou também, levantando do sofá ao ver que o jogador havia atingido a trave.

— Eles estão errando todos os passes, puta que pariu! — reclamei e ele concordou.

O final do primeiro tempo foi péssimo porque o Botafogo estava jogando bem melhor que o Flu, mas graças a Deus o jogo estava em 0 a 0. Nós fomos até a cozinha, demos o jantar das crianças enquanto comíamos algumas fatias de pizza e fizemos tudo em tempo recorde para poder ver o segundo tempo.

Porra, eu estava ficando *pica* em toda essa função de ser pai!

— O que elas foram fazer, afinal? — perguntei quando nos sentamos novamente.

— Em algum bar na Barra — ele respondeu, olhando para a TV.

— Bar?

— Sim. Minha noite vai ser longa — comentou, dando uma risada.

— Por quê?

— Elas se empolgam demais quando eu e Adriano não vamos junto. Por isso que preferem ir sem a gente. — Guilherme riu novamente e eu balancei a cabeça, dando uma risada também.

Quase na metade do segundo tempo, os dois começaram a reclamar. Provavelmente estavam morrendo de sono porque já estavam brincando bem agitados há umas duas horas.

Então, ficamos nós dois tentando assistir à partida em silêncio e embalando-os de um lado para o outro. Essa vida de pai não é nada fácil e eu sequer imaginava que fosse capaz de fazer tantas coisas ao mesmo tempo, principalmente segurando uma criança.

Graças a Deus eles não demoraram para dormir. Colocamos os dois no quarto e voltamos a ver o jogo.

Quando faltavam apenas alguns minutos para o final, as duas entraram pela porta, uma pendurada no ombro da outra, rindo sem

parar. Estavam bêbadas.

— Vocês continuam vendo essa chatice? — Manuela perguntou, dando uma risada e abrindo espaço no meio de nós dois para se sentar.

Julia sentou no colo de Guilherme e se pendurou em seu pescoço.

— Nossa, esse homem é jogador ou modelo? — ela perguntou quando o Lucas Perri, goleiro do Botafogo, apareceu em um close na TV.

— Jogador, amor, estamos vendo um jogo, caso não tenha percebido — Guilherme respondeu, tentando tirá-la do seu campo de visão.

— Por Deus, eu poderia fazer tantas coisas com ele... — Manuela soltou um suspiro e deu uma risada olhando para a tela.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Eu amo a Manu bêbada e safada que não tem filtro nenhum — Julia murmurou para mim.

Dei uma risada.

— O que está cochichando aí, Ju?

— Nada, Manu! Apenas comentando que se eu não fosse casada, já teria invadido aquele campo. — Ela deu uma piscadinha para mim, gargalhou, e Guilherme me lançou um olhar de impaciência, balançando a cabeça em desaprovação.

— Julia, você é casada, mas eu não sou. Onde será que é esse jogo? Será que consigo ir até lá? — Elas começaram a rir ainda mais.

— Você não vai a lugar nenhum, Manu — Guilherme falou, sem paciência. — Por Deus, a gente tá tentando ver o jogo!

— Você. É. Chato! — ela resmungou para o amigo, jogou o corpo para trás, respirando fundo e depois ficou um tempo me encarando.

— O que foi? — perguntei e ela estreitou os olhos.

— Nada. — E voltou a fitar a TV.

O jogo finalmente acabou. Guilherme foi até a cozinha e sua mulher o seguiu e alguns segundos depois, era possível ver que ela estava em cima dele, atrás da pilastra, beijando-o sem parar.

Manuela continuava sentada ao meu lado, olhando para as unhas, distraída.

— Já vamos indo — ele disse ofegante, colocando a cabeça pela porta e saindo do apartamento.

— Se divertiu hoje? — perguntei e ela voltou sua atenção para mim.

Ela ficou me encarando com aqueles grandes olhos que pareciam brilhar ainda mais, por alguns segundos. Estava levemente agitada, a ponta do nariz vermelha e sua boca era convidativa demais quando ela sorriu.

— A noite não acabou — respondeu em um tom sugestivo e arqueei uma das sobrancelhas.

O que ela queria dizer com aquilo?

Guilherme voltou três minutos depois, com a camiseta meio amarrrotada, arfando e com os cabelos bagunçados.

— Merda, esquecemos o Lucca — falou um pouco sem graça e eu dei uma gargalhada enquanto ele ia até o quarto buscar o filho.

Ele voltou alguns segundos depois com o garoto no colo, se despediu e sumiu pela porta quase na velocidade da luz.

— Viu? Todo mundo esquece os filhos — zombei e ela cerrou os olhos.

Eu definitivamente não tinha medo do perigo.

— Está mesmo querendo voltar nesse assunto? — ela perguntou de modo divertido, inclinando o corpo na minha direção e então desceu o olhar lentamente para minha boca. — Quer que eu te puna novamente?

Maria Manuela arqueou uma das sobrancelhas e sorriu cheia de malícia. Engoli em seco, porque precisava me controlar. Aquilo não podia voltar a acontecer. Eu não saberia lidar quando ela simplesmente arrumasse outra foda casual.

Então, ela puxou minha camiseta, colou os lábios nos meus e em poucos segundos já estava em cima do meu colo. Que merda do caralho, eu precisava manter aquela mulher longe de álcool, era prejudicial demais para minha saúde mental.

— Não acho que devemos fazer isso — falei, afastando-a com toda força que consegui reunir dentro de mim.

— Essa fala normalmente é minha — ela resmungou contra o meu pescoço.

— É sério, Maria Manuela — afirmei, afastando-a novamente.

— Você bebeu demais.

— Eu bebi três *drinks*! — protestou, como se fosse uma criança mimada.

— Você não estaria em cima de mim se não tivesse bebido.

— Eu certamente iria querer estar — confessou baixinho. —

Eu custumo precisar de um pouco de incentivo para fazer esse tipo de coisa...

— Que tipo de coisa? — indaguei, fingindo estar confuso e comprimindo uma risada.

— Me jogar em cima do cara que eu jurei pra mim mesma que iria manter distância... — Seus dedos resvalaram pela minha mandíbula. — Você fez a barba.

— Eu fiz.

— Por que infernos você fica gostoso de tudo o que é jeito?

— Dei uma risada porque ela parecia de fato indignada com aquilo.

— Manuela, eu não vou transar com você — deixei claro. — Pode me elogiar o quanto quiser, implorar ou esfregar a sua boceta no meu pau... — Ela me olhou com uma cara de safada. — Por favor, não faça isso.

Ela fez um biquinho. A minha vontade era gritar de frustração, agarrar o seu pescoço e beijar aquela boca perfeita.

Filha da puta desgraçada linda do caralho.

— Você é chato.

— Não, essa é uma característica sua... — debochei. — E vamos ver se quando o efeito do álcool passar, ainda vai querer fazer “esse tipo de coisa”.

Manuela me olhou e soltou o ar, frustrada, saindo do meu colo. Ela me deu uma última olhada e sumiu pelo corredor.

Puxei o ar com força e afundei meu rosto nas mãos. Era foda pra caralho resistir. Ela literalmente estava em cima de mim. E não me importava que ela não tivesse bebido tanto assim, não iria trepar com ela daquele jeito.

Fiquei algum tempo fitando a televisão e tentando acalmar o fogo que se alastrava cada vez mais dentro do meu corpo. Porra, eu

precisava tomar um banho gelado.

Foi o que fiz, mas como não foi suficiente, precisei tocar uma punheta. Já tinha perdido a conta de quantas já havia dedicado à Maria Manuela. Eu até tentava não pensar nela quando estava me masturbando, mas aquela maldita enviada do inferno tomava conta de todos os meus pensamentos mais baixos.

Eu me revirei na cama por quase quatro horas. Chequei o relógio e vi que já eram duas horas da manhã. Decidi tomar uma água e quando estava andando em direção à cozinha, pisei em um boneco daqueles com apito dentro que Giovanna tinha deixado espalhado pelo meio do caminho.

Retorci meu rosto, rezando para todos os santos para que a garota não acordasse. Chequei o quarto e ela continuava apagada, graças a Deus.

Abri a geladeira, enchi o copo de água e fiquei apoiado na bancada, fitando o nada, apenas pensando em como minha vida era patética. Assim que levantei o rosto, dei de cara com Maria Manuela parada na porta da cozinha, vestindo um shortinho extremamente curto e um sutiã de renda vermelho.

Sem camiseta.

Apenas a porra da lingerie.

Aquilo não podia ser real, ela não estava jogando baixo dessa forma.

Ela passou por mim e foi até o armário.

— O que está fazendo, Maria Manuela?

— Comendo... — respondeu, dando de ombros.

Ela estava segurando um potinho de *Nutella* e se apoiou na parede, olhando-me de um jeito divertido. Então, para romper o único fio que ainda sustentava minha sanidade, a desgraçada enfiou o indicador dentro do pote e colocou na boca, sem quebrar o contato visual comigo. E fez isso em um movimento lento e quase torturante, provocando um arrepiado que espiralou do início até o final da minha coluna.

Limpei meus pensamentos e respirei fundo, ignorando o fato de que eu estava louco para enfiar o meu pau naquela boca grossa e perfeita.

— Por que está seminua na cozinha? — Fui mais direto e ela se aproximou de mim.

— Achei que não se importasse... O efeito do álcool passou e vim aqui despretensiosamente só comer um docinho — respondeu com uma voz melosa e mordeu o lábio inferior, encolhendo os ombros.

Eu empurrei meu corpo contra o dela, prensando-a na parede da cozinha e segurei seu pescoço com rigidez. Manuela deu um sorriso vitorioso, sem tirar os olhos dos meus, porque sim, ela me tinha exatamente onde queria, sem controle algum.

— Despretensiosamente? — indaguei, deslizando o polegar por sua garganta, sentindo quando ela engoliu em seco.

— Sim, mas não me importo se começarmos a brigar.

— É, Maria Manuela? É isso mesmo que você quer fazer? — sussurrei contra os seus lábios e ela fechou os olhos, cantarolando um ruído de afirmação.

— Depende, elas vão terminar como sempre terminam?

— E como elas sempre terminam? — deixei a pergunta queimar sua pele, bem próximo do seu ouvido, mas logo depois voltei a olhar em seus olhos, mais pretos do que nunca, a pupila cobrindo quase toda sua íris.

— Com seu pau enterrado na minha boceta.

Era um fato que Maria Manuela parecia se tornar outra pessoa depois de algumas doses de álcool. Não havia tédio em sua voz, ela era mais ousada, mais indiscreta, mais solta. Era como se fosse quebrada a barreira que tanto segurava para se manter perfeita. Agora parecia diferente, no entanto. Porque ela não estava bêbada e sim decidida.

— Está brincando com fogo, Maria Manuela — avisei, ainda com a mão na sua garganta, passando os olhos pelo seu colo e voltando para sua boca.

— Posso começar um incêndio se você quiser, Dante. — Ela deslizou os dedos por baixo da minha camiseta e roçou a boca na minha. — E acredite, eu definitivamente não preciso de álcool pra isso.

Não consegui me controlar. Grudei meus lábios nos dela e sua língua quente invadiu minha boca ferozmente, sem nenhuma

restrição, sem qualquer pudor. Nossos dentes chegaram a se chocar em algum instante, tamanho o desespero. Ela sugava minha língua, mordia meus lábios e eu já estava sem fôlego, sem sequer lembrar o que era oxigênio naquele momento.

Seus dedos se perderam nos meus cabelos e ela levantou as pernas até a altura da minha cintura, entrelaçando-as no meu tronco. Éramos apenas um embraçado de toques, suspiros, saliva e respirações entrecortadas. Uma das minhas mãos agarrava seu pescoço enquanto a outra apertava sua coxa com força. Meu corpo fazia tanta pressão no dela contra a parede que eu não precisava nem segurá-la.

Eu a peguei pela cintura, sem romper o beijo, e a levei para o quarto, jogando-a na minha cama. Meus dentes arranharam sua mandíbula, seu ombro, seus peitos e ela arfou quando tirei o sutiã e minha língua passeou por toda sua pele.

Elá estava molhada por cima do short, a umidade tornando o tecido cinza-claro ainda mais escuro. E porra, aquilo me deixou ainda mais duro, porque não havia sensação melhor do que saber que Manuela ficava daquele jeito sem que eu sequer tivesse encostado na sua boceta.

Me livrei de todas as peças, afastando suas pernas e perdendo algum tempo vendo-a toda aberta para mim. Seus dentes prenderam o lábio e ela se contorceu um pouco, com um sorrisinho cheio de malícia.

Lambi toda sua extensão, suspirando fundo com o seu gosto na minha língua. Levantei os olhos para vê-la fechar as pálpebras, mordendo o lábio inferior a fim de conter um gemido.

Aquela era minha visão preferida de toda a vida.

Rodeei a ponta da minha língua no seu clitóris e quando todo o seu corpo se encolheu, eu a mantive no lugar, chupando-a com mais força. E conforme os palavrões iam sendo sussurrados junto com o espaçamento das respirações, fui ficando ainda mais excitado.

Comecei a perder a noção de tempo e espaço conforme chupava aquela boceta perfeita que era a perdição da minha vida. Meu pau já estava latejando enquanto eu me afogava nela como se fosse um viciado.

Nada fazia muito sentido quando Maria Manuela estava envolvida. Meu corpo não tinha o mesmo funcionamento e a impressão era de que algo dentro de mim estivesse quebrado.

Totalmente fora do eixo.

Introduzi meus dedos sem parar de chupar sua boceta, fazendo com que ela ficasse ainda mais desesperada para gozar. Alguns segundos depois, diminuí o ritmo e minha boca deslizou por sua barriga, seios, até chegar na sua boca.

E eu a beijei até que não restasse nem um único resquício de oxigênio entre nós.

Me afastei um pouco e observei o seu corpo se contorcendo com o meu toque, as mãos apertando os lençóis, enquanto ela mordia o lábio. Deus, ela era tão linda que eu não me espantaria que aquela mulher pudesse me mandar para o inferno.

Não sabia como, mas uma parte de mim sabia que eu faria tudo o que ela mandasse sem sequer questionar.

Ainda assim, não entregaria essa informação para ela de jeito nenhum. Ela não era inteligente? Que descobrisse sozinha.

Esfreguei os dedos em seu clitóris devagar, indo e voltando. Os movimentos se alternando entre o rápido e o lento em uma tortura quase viciante. Minha língua se movia em sincronia, em um movimento quase natural, passeando por cada centímetro de pele que pudesse alcançar.

— Para de me torturar, Dante — ela pediu, ofegante.

— Você quis me provocar, não quis? — Dei um sorriso malicioso e encostei a boca em seu ouvido, apertando os dedos ainda mais e fazendo com que ela desse um gritinho. — Agora aguenta.

Ela tentou segurar minhas mãos, forçando-as ainda mais, querendo que eu finalmente a fizesse gozar. Dei uma risada cheia de desdém e balancei a cabeça em uma negativa.

O ódio queimando nos seus olhos fez o meu pau ficar ainda mais duro.

Não faria ela gozar, não agora.

Eu queria mais. Da raiva, do ódio, do desejo e todos os sentimentos que ela normalmente direcionava para mim.

Parei o que estava fazendo e peguei seus pulsos, segurando-os no topo da cabeça e puxei uma das minhas gravatas que estava na cabeceira para amarrá-los. Manuela me olhou sem acreditar e eu dei um outro sorriso, voltando a passar a língua pela sua boca e deslizando novamente os dedos para dentro dela.

Tão melada, porra!

A mulher que eu odiei por tantos anos estava entregue para mim, completamente fora de si. Gemia cada vez mais alto, suspirava pesado enquanto seu corpo arqueava toda vez que eu fazia um pouco mais de pressão. Minha boca explorando cada milímetro de pele, deixando marcas que se tornariam aparentes no dia seguinte.

Não me importava, na verdade, gostava de marcá-la. Queria que ela lembrasse de como era estar comigo.

Eu enterrei novamente o meu rosto entre as suas pernas, brincando devagar com seu clitóris até que ela mexesse as mãos amarradas, tentando alcançar meus cabelos para forçar os quadris contra minha boca.

A restrição de movimentos por conta dos pulsos presos estava começando a fazer com que sua paciência se extinguisse.

— Eu te odeio pra caralho.

— Sei disso... E eu gosto do quanto você me odeia, Maria Manuela — respondi, dando um tapa na lateral da sua coxa e passando a ponta da língua por toda sua extensão. — É exatamente por isso que fodemos tão bem.

Prendi o seu clitóris nos meus lábios, sugando-o com força até que o orgasmo a rasgasse por inteira. As unhas cravando fundo no meu couro cabeludo, o gemido lânguido que ecoava pelo quarto parecendo nunca ter um fim. Era possível sentir toda energia concentrada, explodindo e vibrando na minha língua.

E não havia sensação mais maravilhosa do que aquela.

Merda, eu sentia tanta falta daquela chata insuportável. Dos beijos, do seu cheiro, do gosto, do sexo, das brigas... Das brigas que resultavam em sexo.

Foda-se, todo aquele tempo sabendo que ela estava com outro tinha fodido com a minha sanidade. E eu odiava o fato de

estar obcecado por ela, tinha raiva do quanto Maria Manuela me afetava.

Não havia nada que eu pudesse fazer, entretanto.

Ela era o *meu* inferno.

Sempre fora.

E seria para sempre.

Manuela ainda estava se recuperando quando me posicionei entre suas pernas e me enterrei nela, fazendo com que soltasse um palavrão quando cheguei até o fim. Ela respirou fundo e apertei seu pescoço, restringindo um pouco de ar enquanto observava suas pupilas escurecerem.

Soltei seus pulsos e suas unhas cravaram nas minhas costas no mesmo instante em que eu estoquei com mais força dentro dela.

— Como você consegue... Me deixar assim? Porra! — ela sussurrou entre os gemidos.

Voltei a olhá-la nos olhos e ainda sem sair de dentro dela, dei um sorriso convencido.

— Ninguém mais vai te deixar assim, ouviu? — avisei em um tom autoritário, voltando a segurar seu pescoço com uma das mãos.

Ela deu uma risada alta.

A maldita estava se divertindo às custas do meu sofrimento.

— Estou falando sério. — Minha mão subiu um pouco mais para o seu maxilar, forçando-a a fazer contato visual.

Ficava alucinado com toda a excitação cintilando nos seus olhos. Manuela passou a língua nos lábios e voltou a me encarar com um sorriso no rosto. Acho que perdi a linha de raciocínio por alguns segundos e até mesmo precisei diminuir os movimentos. Aquilo era perturbador, para ser sincero. Todas as reações daquela mulher detinham minha total atenção.

Meu ritmo ainda era lento e suas mãos forçavam meu corpo ainda mais contra o dela.

— O que quer dizer com isso, Dante? — Ela puxou minha nuca para que meu rosto ficasse mais perto do seu e puxou meu lábio inferior com os dentes, dando uma risadinha ordinária.

— Quero dizer que não divido o que é meu.

Meu polegar roçou no seu queixo, entreabriindo sua boca e ela arqueou um pouco as costas quando fui mais fundo.

— Você é um pouco possessivo, não acha? — ela disse em um tom irônico.

— Não. Eu sou totalmente possessivo, Maria Manuela — corrigi e um sorriso se formou em seus lábios. — Ou você é minha...

— Ou...? — ela me desafiou, entretida.

— Ou paramos por aqui — avisei, literalmente cessando os movimentos.

Eu nem sei como fui capaz de fazer aquilo porque parar produzia quase uma dor física (principalmente no pobre coitado do meu pau).

A frustração foi visível pela expressão que surgiu no seu rosto, mas eu não esmoreci. Continuei dentro dela, deixando claro com o meu olhar que estava falando sério.

Então, ela puxou minha cabeça e encostou a boca no meu ouvido, deixando a respiração queimar minha pele.

— Não quero parar — sussurrou, fazendo os pelos da minha nuca eriçarem.

— O quanto está disposta para me convencer que eu não devo parar?

— Bem disposta, Dante — afirmou com uma voz tão rouca e sexy que ressoou contra os meus ossos, desabando qualquer barreira que eu tentava manter.

— Quero te ouvir dizer que é minha. — Eu estoquei com mais força, sem tirar os olhos dela e ela grunhiu.

Suas pálpebras se fecharam e Manuela puxou todo ar que conseguiu. Ela mordeu novamente o lábio inferior com um sorrisinho quase que maléfico, daqueles que uma pessoa sádica normalmente esboça ao cutucar a ferida de alguém.

— Anda.

Ela não respondeu de propósito. Ela estava brincando comigo. Destinada a extinguir toda minha paciência.

Desferi um tapa em seu rosto, fazendo o sorriso aumentar ainda mais.

Filha da puta.

— Não me testa, Maria Manuela...

— Sou sua — afirmou baixinho.

Eu segurei seu rosto, deslizando o polegar pelo local avermelhado, fazendo carinho enquanto a beijava lentamente, sem parar de me empurrar para dentro dela.

— Boa garota.

Aumentei os movimentos e em segundos eles se tornaram mais agressivos. Nossa sexo era o reflexo das nossas brigas, de nós mesmos nos nossos dias mais caóticos.

Selvagem. Incansável. Devastador.

Os gemidos ecoavam pelo quarto, tanto os meus quanto os dela. Estávamos completamente suados, sem fôlego, em um ritmo incessante. Meu pau pulsava dentro dela desesperado para gozar.

Seus dentes mordiam meus braços, meu ombro, qualquer parte que ela conseguisse alcançar, provocando um calor enlouquecedor por todas as minhas extremidades. Eram tantas sensações absurdas que aquela mulher me fazia produzir. E tudo era viciante e intenso demais.

Agarrei uma de suas pernas, fintando os dedos em sua coxa e minha boca alcançou os seus seios. Agitei seus quadris e a invadi mais uma, duas, três vezes, até que os espasmos viessem, apertando meu pau dentro dela e fazendo com gozássemos ao mesmo tempo.

Porra!

A boca entreaberta, soltando gemidos baixinhos, a respiração descompassada, o corpo completamente mole sobre o meu. Ver Maria Manuela Guerra tendo um orgasmo era a coisa mais prazerosa do mundo.

Saí de dentro dela e observei meu gozo escorrendo por toda a sua boceta inchada. E eu ainda estava ranqueando na minha cabeça qual imagem daquela mulher me assombraria por mais tempo até que ela esfregou os dedos e os levou até a boca, lambendo-os lentamente.

Eu estava tão fodido...

Cobri novamente meu corpo com o dela e a beijei preguiçosamente, deixando que a letargia pós-sexo me guiasse. Sua boca tinha o nosso gosto, a mistura perfeita de nós dois.

— Por que você faz essas coisas comigo, sua filha da puta?

Ela riu dentro da minha boca, entrelaçando as pernas ainda mais nas minhas. Eu estava tentando acalmar minha respiração, mas parecia impossível parar de beijá-la.

— Ai, ai... Eu tomo as melhores decisões bêbada — ela concluiu e eu estreitei os olhos na sua direção.

— Sério que vai continuar com isso?

Ela gargalhou, achando graça.

— É minha melhor desculpa!

— Não ouse usar essa merda de desculpa para dizer que isso não vai acontecer de novo — avisei, segurando seu rosto.

— Dante, Dante... O que sua namoradinha vai pensar disso?

— ela brincou, pressionando mais ainda seu corpo contra o meu.

— Ela não é minha namoradinha — respondi, sério, e Manuela arqueou uma das sobrancelhas, como se não acreditasse.

Ela passou a língua pelos meus lábios devagar e puxou o inferior entre os dentes, sorrindo de forma provocante. Desceu pela minha mandíbula, lambendo-a devagar até o meu pescoço e parou com a boca no meu ouvido.

— Acho bom, porque se eu sou sua... — ela sussurrava devagar, deslizando a mão pelo meu pau que já tinha ganhado vida novamente, movimentando-o para cima e para baixo. — Você também é meu.

— Espero que não se esqueça disso amanhã — disse, cravando os olhos nos dela.

— Já está pensando no amanhã? — ela perguntou, rindo entre os beijos e depois fez um biquinho. — Já pretende acabar com a nossa noite?

— Acabar?

Dei uma risada. Encostei meus lábios nos dela e os arrastei até o seu pescoço, parando bem perto do seu ouvido para sussurrar:

— Só estamos começando, linda. Porque hoje eu vou te foder até você perder todos os seus sentidos, Maria Manuela.

— Eu espero que sim. — E deu um sorriso, voltando a me beijar.



*Eu quero segurar a sua mão  
E quando eu te toco, sinto-me feliz por dentro  
É um sentimento que meu amor  
Eu não consigo esconder, não consigo esconder, não consigo  
esconder*  
**:: I WANT TO HOLD YOUR HAND – THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

Acordei, ainda com dificuldade para abrir os olhos, com o choro da Giovanna. Sentia todo meu corpo dolorido e era difícil me mexer. Perdi as contas de quantas vezes eu gozei. Quem estava contando, não é mesmo?

Naquela noite, eu tive a certeza de que meu cérebro poderia se derreter e voltar ao seu estado natural. Talvez eu fosse uma mutante (não aquelas da novela da Record, pelo amor de Deus). Ainda assim, a madrugada anterior definitivamente tinha sido algo fora do normal. Nem sabia que o sexo poderia ser daquela forma e eu já havia transado muitas vezes na minha vida. E algumas com o próprio Dante.

— Sua filha está chorando — resmunguei, fazendo o máximo de esforço pra empurrar seu braço.

— Agora ela é só minha filha? — perguntou com uma voz preguiçosa, dando uma risada, puxando meu corpo para mais perto do dele e dando um beijo no meu ombro. — Será que se ficarmos em silêncio ela para?

— Não, ela não vai parar. Vá logo e me deixe dormir.

Eu o empurrei para fora da cama, espreguiçando-me entre os lençóis e ele bufou.

— Isso não é justo.

— Depois do que você fez comigo, o mínimo é me deixar dormir o quanto eu quiser — afirmei, ainda de olhos fechados, abraçando o travesseiro ao meu lado e Dante deu uma risada, saindo do quarto.

Seu cheiro estava em mim, misturado com o meu e impregnado na fronha do travesseiro, nos lençóis. O quarto tinha cheiro de sexo.

Do melhor sexo.

Do nosso sexo.

De um sexo que era definitivamente único.

Quando o choro da bebê começou a cessar, meus olhos pesaram novamente e eu deixei que o cansaço me levasse.

Acordei novamente algum tempo depois com um cheiro forte de café invadindo o quarto. Abri as pálpebras para ver Dante se sentando ao meu lado na cama com uma caneca na mão.

— Obrigada. Gio já comeu? — perguntei, cobrindo-me com o lençol e ajeitando a postura.

— Sim... Ela está no cercadinho brincando — respondeu, observando enquanto eu fazia um biquinho para assoprar o café e eu dei uma risada.

— Por que está me olhando assim?

— Nada, apenas pensando quanto tempo vai demorar pra você dizer o que sempre diz.

— Não pretendia — afirmei, levando a caneca até a boca e ele ergueu uma das sobrancelhas.

Talvez não fosse a escolha mais lógica, mas a última coisa que eu queria era que aquilo não tivesse continuidade.

— O que foi? — Ele permanecia me encarando sem acreditar. — Não vou ficar lutando contra algo que nós dois

sabemos que vai continuar acontecendo.

— Que bom que finalmente percebeu isso. O que eu fiz dessa vez pra te convencer? — Ele estreitou os olhos antes de dar uma risada e em seguida colocou o corpo entre minhas pernas, beijando o meu pescoço.

Nem eu mesma sabia, mas era incrível como toda minha capacidade de raciocinar sumia no segundo em que ele começava a me tocar.

— Não sei, mas continue fazendo.

— Espero que não tenha esquecido o que combinamos ontem — avisou, sério, olhando nos meus olhos.

— Sobre? — brinquei e ele fechou as expressões. — Não me esqueci, apesar do seu jogo sujo pra me “obrigar” a dizer o que você queria — falei em um tom divertido.

— Não me importo de jogar sujo pra conseguir o que eu quero... Cada um joga com as armas que tem, Maria Manuela — retrucou sarcasticamente. — Além do mais, você fez o mesmo. Ou se esqueceu de que foi você que veio pra cima de mim e ainda ficou perambulando pela casa de sutiã?

— Foi a Manuela bêbada.

— Primeiro que você não estava mais bêbada e segundo que a Manuela bêbada só faz o que a Manuela sóbria não tem coragem de fazer. — Ele se aproximou perto do meu ouvido. — Ah, e eu gosto dessa sua versão. Perto de mim, ela pode aparecer quando quiser...

Dei uma risada e o beijei.

— Está com fome?

— Estou morrendo de fome, Dante, mas eu sequer tenho forças pra levantar.

Eu suspirei e joguei meu corpo mole em cima do seu. Ele arqueou uma das sobrancelhas e me pegou no colo, fazendo com que eu desse um gritinho, assustada, porque não estava esperando por aquilo.

— Vou fazer o café da manhã pra alimentar esse *alien* que você tem aí — zombou, colocando-me no chão e saindo pela porta.

— Ei, eu não tenho um *alien*! — gritei para o corredor e só ouvi sua risada em resposta.

Que culpa eu tinha se a comida dele era tão boa? Eu apenas estava aproveitando as oportunidades da vida.

Fui para o meu quarto e tomei um banho rápido. Logo depois, peguei Gio no colo e quando cheguei na cozinha, Dante estava na frente do fogão fazendo tapiocas.

E não era só isso. Havia uma cumbuquinha com ovos mexidos, uns *croissants* e diversos outros pãezinhos diferentes. Como caralhos ele tinha comprado aquilo em tão pouco tempo?

E meu Deus, o cheiro era simplesmente enlouquecedor!

— Como você arrumou isso? — perguntei, chocada.

Coloquei Giovanna na cadeira alta e dei um brinquedinho para distraí-la.

— Eu pedi em uma confeitoria que eu gosto enquanto você ainda estava dormindo.

Sentei na banqueta e ele colocou um prato na minha frente e quando eu mordi a tapioca, soltei um gemido de satisfação. Dante deu uma risada e ao abrir os olhos, percebi que ele estava me encarando, quase como se estivesse esperando pela minha reação.

— Para de me olhar assim!

— Não dá — respondeu, rindo. — Cozinhar pra você é sempre uma injeção para minha autoestima.

— Você é ridículo! — Comi mais um pouco do que ele tinha preparado e odiei ainda mais aquele homem.

Como um ovo mexido poderia ter gosto de felicidade?

— Sério, como você cozinha tão bem?

— Na real, eu cozinho “ok”. O seu padrão é que é muito baixo.

Dante压缩了嘴唇，我紧闭着眼睛，凝视着他的方向，那是一个威吓的眼神。Gio感知到了他的味道，开始不停地叫着“爸爸”以示绝望。然后，他拿起了一个碗，放了一点蛋在上面，她把手伸进里面，一边笑着一边做着她的乱七八糟。

— Ela definitivamente come tanto que nem você — constatou, ainda entre as risadas.

— Sério, isso é um absurdo! Eu não tenho um *alien* e nem como tanto assim! — falei, perplexa.

— Sim, você come. Não come, Gio? — Minha filha traidora deu um gritinho, balançando a cabeça positivamente. — Parece um saco sem fundo.

Eu o olhei, boquiaberta, e cruzei os braços, emburrando a cara.

— Inacreditável!

Dante continuou rindo e caminhou na minha direção, inclinando-se para beijar a minha boca.

— Tudo bem você ser um saquinho sem fundo, de qualquer forma, eu gosto de te ver comendo... — sussurrou contra os meus lábios. — Principalmente a minha comida.

Aquele sorrisinho de desdém que normalmente o acompanhava cresceu em seu rosto.

— Fora que você fica tão mais dócil e agradável depois de comer...

— É o meu *alien* — respondi com ironia e ele gargalhou.

— Gosto de alimentar vocês dois... Quer dizer, além da outrazinha ali... — E apontou para a Giovanna. — Ei, capivarinha... — ele a chamou, mandando um beijinho para ela, que se derreteu inteira.

Eu suspirei, vendo-o completamente embasbacado pela nossa filha, puxando o celular do bolso para tirar algumas fotos. Porque, de uns tempos para cá, Dante tirava milhares delas.

E não duvidava que entupisse a conversa do seu irmão com todas elas.



Estava na cozinha ajeitando algumas coisas na lava-louças enquanto Dante brincava com Giovanna na sala. Eventualmente, eu dava risada de alguma coisa que ele dizia tentando conversar com ela.

— Gio! — Eu o ouvi falando em um tom mais grosso e a garota começou a chorar e gritar. — Eu só quero ver. Acho que está quebrado.

— O que houve? — perguntei, indo até a sala.

— Meu! — ela disse entre os soluços e arregalamos os olhos, vendo que tinha aprendido outra palavra.

— Filha, está quebrado, não está vendo?

Ela o ignorou e continuou gritando incessantemente. Meu ouvido já estava começando a doer.

— Você vai se machucar, está quebrado. Vamos brincar com a capivarinha? — Dante tentou calmamente, pegando o bichinho e ela esticou as mãos na sua direção e gritou “meu” de novo.

— Giovanna! Que isso! Para de birra — ralhei, andando até onde ela estava.

Nossa filha ficou um tempo me olhando e parou de gritar. Engatinhou pelo tapete, buscando todos os brinquedos que estavam espalhados e fez uma pilha no cantinho da sala, longe de nós dois. Ainda com o rostinho molhado, nos olhou com bastante raiva sem soltar a sua capivara preferida e disse “meu”.

— Parabéns, Dante, sua filha é possessiva igual a você. — Ele abafou as risadas e eu lancei um olhar de ódio. — Isso não é engraçado.

— Ah, é um pouco. — E me puxou pelo braço, de modo que eu caísse em seu colo. — A capivara é dela... — Sua mão deslizou pela minha nuca. — Você é minha... — ele falou a última frase quase em um sussurro no meu ouvido, fazendo com que eu sentisse um arrepio percorrer pela minha espinha. — O que há de errado nisso, Maria Manuela?

Um sorriso cínico se estampou em seus lábios.

— Você é ridículo — respondi, levantando-me, ainda com as pernas um pouco bambas, fingindo não estar nada afetada. — Gio, meu amor, a gente tem que saber dividir as nossas coisas. Você tem que emprestar pra mamãe e pro papai seus brinquedos — expliquei com calma, indo até onde ela estava com a pilha de brinquedos. — Você empresta a sua capivarinha linda pra mamãe?

Ela balançou a cabeça em uma negativa, mas mesmo assim eu peguei o bichinho. E então a menina começou a gritar cada vez mais alto, desesperadamente.

— Manuela, por Deus, devolve a capivara dela — implorou, tampando os ouvidos.

A frustração tomou conta de mim. Por mais que meu ouvido também estivesse doendo com os gritos estridentes, Giovanna não podia ficar fazendo esse tipo de coisa.

Já tinha lido que era normal que as crianças tivessem aquele comportamento naquela fase, mas nós sempre temos a expectativa de que com nossos filhos as coisas serão diferentes, em especial as “manias ruins”.

— Não, Dante, ela não pode achar que tudo é dela. — Eu me virei em sua direção. — Gio, vamos brincar todos juntos, certo? Eu, você e o papai.

A bebê ficou quieta e me encarou. Seu olhar foi para o Dante e ela gritou “papai” novamente, como se estivesse chamando-o para que participasse.

— Vamos brincar todos juntos. Tá ok, nem só? — ele afirmou, sentando-se ao meu lado.

Giovanna pareceu se acalmar e ficou um bom tempo brincando com a gente, até que conseguimos desfazer a pilha de brinquedos que ela havia feito.

Após algumas horas, ela dormiu e fomos para a cozinha preparar as refeições da semana. Bem, eu estava ali para observar Dante cozinhando, já que ele recusava a minha ajuda.

— Sua mãe não te ensinou a dividir as coisas, não? — perguntei e ele revirou os olhos.

— Nunca precisei dividir nada com o Dom — ele comentou, distraído. — Até porque se eu pegasse algo dele, tomava um empurrão... Mas acho que está exagerando com tudo isso.

— Exagerando? Sua filha fez uma pilha de brinquedos pra que nós não pegássemos, como se fosse uma vilã de filme querendo dominar o mundo — falei e logo depois me arrependi, pois já estávamos gargalhando. — É sério, não podemos deixar que ela pense que essa atitude é certa. Não sei onde foi que Giovanna aprendeu isso.

— Tudo bem, mas deve ter sido uma coisa pontual.

Ele terminou de fazer as refeições enquanto eu consultava alguns artigos na internet e ia lendo uma enxurrada de informações sobre o assunto. Depois, Dante começou a contar algumas histórias de quando ele e Domenico eram crianças.

Ainda achava estranho quando tínhamos aqueles momentos em que partilhávamos lembranças e coisas das nossas vidas. Sem brigas, sem alfinetadas, como se fôssemos apenas duas pessoas normais sem um passado cagado por trás.

E quando eu fui organizar a mesa para almoçarmos, ele passou a mão pela minha cintura, dando um beijo no meu pescoço, embaralhando toda a minha racionalidade e confundindo tudo ainda mais.

Não parou por aí. Nós comemos em paz, conversando e depois sentamos no sofá. Dante começou a zapear pelos canais, mas parou em um que estava passando um programa de reforma de casas.

— Já sei, vou deixar aí — avisou, rindo, quando percebeu que eu estava abrindo a boca para dizer que queria assistir. — Eu não sei como você vê tantos programas desses e mantém um quadro tão horrendo aqui nessa parede e uma escrivaninha enviada do inferno no meu quarto.

Dei com uma almofada na sua cara e ele gargalhou. Deixou o controle para o lado e me puxou para os seus braços, acomodando-me entre eles sob meus protestos.

Era muito estranho ver Dante sendo carinhoso (porque pelo visto ele estava sendo, mesmo que isso incluisse zombar das decorações da minha casa). Eu sabia que ele era assim com a Giovanna, até mais do que imaginei que pudesse ser, mas comigo?

Ainda era esquisito. Não que fosse algo ruim. Não era, definitivamente, mas ainda assim parecia irreal. Em especial porque estávamos em uma zona bem complicada até uns dias atrás.

Depois da noite anterior, entendi que o real motivo de Dante ter me tratado de maneira tão fria durante um mês inteiro, era porque eu estava com Marlon e ele não queria que eu estivesse.

Era possessivo demais para isso.

Sempre me considerei uma pessoa ciumenta, mas aparentemente, Dante era bem mais. Tudo bem que eu também não havia gostado nem um pouco de vê-lo com Marcella Rangel, admito, mas me achava um pouco melhor em esconder isso.

Para ser sincera, não queria que eles estivessem juntos. E também não desejava Marlon ou qualquer outro cara.

Eu o queria. Só para mim. E o queria tanto que chegava a me odiar por isso.

É, Julia estava certa, Dante havia arruinado o sexo para mim.

Não que eu gostasse dele ou qualquer outra coisa do tipo. Não estava procurando nenhum tipo de relacionamento, principalmente um com Dante Perazzo.

Não podia negar o fato de que nosso sexo era incrível, entretanto. E também tinha bastante certeza de que por mais que eu buscasse, não encontraria nada parecido.

Além do mais, ele estava aqui dentro da minha casa, pela questão da logística era bem mais fácil, certo?



*E eu disse  
Que você não pode ter sempre o que quer  
Você não pode ter sempre o que quer*  
**:: YOU CAN'T ALWAYS GET WHAT YOU WANT – THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

As duas semanas seguintes passaram rapidamente, talvez pelo fato da nossa convivência estar assustadoramente boa. Não era de se espantar, nós transávamos bastante, o que queria dizer que estávamos de bom humor a maior parte do tempo.

E por incrível que parecesse, a única coisa que estava nos estressando era o trabalho. Ah, os jornais também, que continuavam em cima de nós dois querendo algum depoimento sobre o que minha família achava a respeito de eu ter quebrado uma tradição de anos.

Meu pai não se posicionava, é claro, e sua relação com minha mãe caminhava para a beirada de um precipício. Ela nos visitou algumas vezes e havia levado diversos presentes para Giovanna. Inclusive, uma manta centenária que estava na família que ela tinha guardado para o nosso primeiro herdeiro. Claro que

Manuela, muito sensata, se recusava a usar, alegando que tinha cheiro de mofo.

O destino da manta acabou sendo a cama do Ringo.

Anos de tradição da família Perazzo agora descansavam na cama de um gato carente com um nome ridículo de um dos *Beatles*.

Talvez eu devesse adotar um cachorro para chamá-lo de Jagger. Certeza que ia ser um pet muito mais prestativo do que o Ringo.

Em contrapartida, minha mãe tentava agir com naturalidade. Quer dizer, o máximo que ela conseguia. Buscava demonstrar que tudo estava bem, mas eu sabia que era só uma “cortina de fumaça”.

Eu tinha frustrado seus planos e Maria Manuela não era “a nora que ela pediu”.

Não que ela fosse ser a nora da minha mãe.

Porra, não.

Não foi isso que quis dizer.

Maria Manuela não era a mulher que minha mãe sonhava para ser a mãe dos meus filhos. E toda a parte de não ter feito aulas de etiquetas ou de não se vestir com elegância e sofisticação era o de menos. O foda mesmo era que além de tudo isso, ela ainda era uma advogada ativista ambiental.

E como se não bastasse, eu tinha entrado para o time.

Minha mãe também ficava apavorada de saber que morávamos em um apartamento tão pequeno. Já tinha tentado convencer Manuela de que deveríamos nos mudar para um imóvel maior, mas ela sempre dava um jeito de fugir do assunto.

Gio estava começando a balbuciar novas palavras e era engraçado, porque a maioria delas estava errada ou incompleta. Ela permanecia tendo dificuldade em dividir as coisas, por mais que tentássemos, a garota continuava gritando que tudo era dela e aparentemente estava fazendo isso inclusive com os brinquedos do Lucca.

Nós tínhamos ido atrás de alguns profissionais quando o episódio se repetiu mais algumas vezes depois da primeira. Marquei algumas consultas com pessoas renomadas da área de saúde infantil e estávamos seguindo as orientações.

Depois de uma tarde bem exaustiva, nossa última reunião do dia era com Marlon e eu sabia que, apesar dos esforços dele, os dois não se falavam desde o “término”. E hoje Manuela parecia bem irritada, estava sem paciência até mesmo para a nossa secretária.

— Por que está agindo assim? — perguntei depois que elevou a voz para Deusa, dizendo que ela deveria aprender a organizar melhor suas coisas.

— Não estou agindo de jeito nenhum, apenas cansada de tanta incompetência — resmungou, abrindo a gaveta com força, procurando um relatório.

— Está assim por conta da reunião com Marlon? — indaguei e ela me olhou furiosa.

— Você só pode estar brincando, Dante. Acha que vou perder meu tempo me irritando com Marlon?

— Não está nem um pouco afetada por conta dele?

— Olha... Eu vou te dar 10 minutos pra sair da minha frente ou não respondo por mim — avisou e eu arregalei os olhos, um pouco chocado. — Vai buscar uma das pastas que preciso pra amanhã com o Guilherme e me encontra na sala de reuniões.

Pisquei e fiquei um tempo vendo-a xingar baixinho enquanto espalhava diversos papéis pelo escritório.

Qual era o problema daquela mulher, meu Deus?

— O que está esperando? — Ela me olhou rápido e saí da sala antes que jogasse um peso de papel na minha direção, porque, sinceramente, nem me espantaria se ela o fizesse.

Fui até a mesa do Guilherme e notei que ele estava olhando para o nada, completamente distraído.

— Guilherme, boa tarde. Preciso de uma pasta que está com você — falei, encostando-me em sua escrivaninha.

— Achei que Manu só iria precisar disso depois. Não posso entregar amanhã? — perguntou, vasculhando os milhares de papéis que estavam ao seu alcance.

— Porra, cara, arruma sua mesa! Meu Deus, isso aqui parece um lixão. E não, Manuela está parecendo o Bruce Banner lutando para não se transformar no Hulk. Não sou eu quem vai dar a notícia de que você não vai entregar a pasta no prazo nem fodendo — avisei.

— Ela está de TPM também, não está? — ele suspirou, cansado.

— Não sei, machista, mas da última vez que você assumiu isso, não foi muito inteligente — lembrei, rindo.

— Julia também está. Mulheres que convivem demais tem o ciclo sincronizados.

— Puta que pariu, como você sabe essas coisas? — perguntei, horrorizado, fazendo uma careta.

— Eu convivo com Manu e Julia há anos, Dante. Não tem noção do que são as duas com crises pesadas de TPM juntas. Tem dias que a morte parece menos dolorosa.

— E olha que você já quase morreu, não é?

— Eu?

— Sim, até hoje não sei como não se cortou e não pegou tétano naquele equipamento nojento daquele parque.

— Meu Deus, esse parque realmente te traumatizou, não é?

— perguntou, dando uma risada, e eu assenti, lembrando com tristeza daquele lugar horrível. — Enfim, a Manu geralmente não fica tão irritada, mas Julia tem o desejo de me assassinar quase todo mês.

— Não sei o que me assusta mais, ela ou você.

— Diga pra Manu que entrego amanhã, ok?

— Nunca.

— Faço o que você quiser — implorou, quase choramingando.

— Nem. Fodendo! Guilherme, eu só quero sobreviver ao dia de hoje. — Soltei o ar devagar. — E algo me diz que se eu der essa notícia, não irei. Você tem mais chances, ela não te odiou boa parte da vida como bônus.

— Ela te odiou com motivos — ele constatou e eu dei de ombros. — Ok. Puta merda, hein? Onde ela está?

— Temos uma reunião agora com o Marlon — respondi e ele deu uma risada.

— Ela vai acabar com o arrombado — falou em um tom divertido.

— Bem, pelo menos algo de bom irá acontecer.

Fomos andando até a sala de reunião e ela já estava parada na porta, batendo o pé incessantemente. E agora eu tinha certeza. Maria Manuela Guerra de TPM era assustadora, sem sombra de dúvidas.

— Está atrasado 5 minutos — ela disse olhando para mim. — E qual é a desculpa que veio me dar, Guilherme?

— Não achei que fosse precisar da pasta hoje...

— Você precisa ter mais responsabilidade. Eu te disse especificamente que precisava da pasta hoje — ela começou a brigar, tentando não gritar, mas de tempos em tempos sua voz ficava esganicada. — Pra quê que serve a porcaria da Alexa que comprei pra você?

— Manu, eu tentei usar, mas essa maldita mais me atrapalha do que ajuda.

— Então, arrume um outro jeito de se organizar sem fazer da minha vida um verdadeiro inferno. Vergonhoso... Vergonhoso, é isso. Olha, Guilherme, eu te amo, mas muitas vezes também te odeio — ela saiu resmungando e entrando na sala.

— Eu te avisei — falei, dando uma risada e entrando na sala atrás dela.

— Manuela... — Marlon foi em sua direção, seguido por outros membros da equipe, mas ela sequer olhou na cara dele e respondeu um “boa tarde” sem muita vontade. — Dante.

Ele me olhou com um pouco de raiva e depois voltou sua atenção para ela. Eu odiava a forma como Marlon a olhava, com tanto desejo, como se quisesse desesperadamente agarrá-la ali mesmo, sem nem se importar com o fato de que estávamos dentro de um escritório.

Minha vontade era de dar um soco no meio da sua cara apenas por saber o que provavelmente ele estava imaginando pela forma com que a encarava. Não suportava o fato de os dois já terem trepado.

— Não tenho muito tempo a perder, Marlon. Estou completamente enrolada hoje e ainda não entendi o motivo dessa reunião — ela disse, impaciente, e todos os membros que estavam na mesa pareceram se espantar pela forma como ela estava falando.

— Tive uma reunião com meu time e estávamos pensando sobre o estatuto de Políticas Financeiras, como havia informado antes de marcar a reunião. Com base na seção de "Controle de Custos e Despesas", achamos que poderíamos considerar a redução dos custos de viagens corporativas, utilizando apenas videoconferências — Marlon comunicou e Manuela deu uma risada, achando que era brincadeira.

— Não pode estar falando sério. Quer eliminar as viagens e utilizar somente videoconferências?

— Sim.

— Isso não pode ser real. — Ela balançou sua cabeça em uma negativa.

— Reduzir os gastos em viagens corporativas poderia nos dar uma vantagem competitiva ao permitir que realocássemos recursos para áreas estratégicas. Minha área, assim como algumas outras, estão precisando bastante de uma verba maior... Além do mais, como tem toda essa questão do carbono que vocês tanto prezam, achei que seria válido discutirmos isso para que sua comissão apoie minha sugestão.

— Sei tudo sobre a questão do carbono e sobre a sustentabilidade ambiental, Marlon. E também sei bem que essa é a sua última preocupação. — Ele respirou fundo e a olhou um pouco chateado pela forma como ela estava respondendo.

Eu estava achando ótimo.

— Apenas gostaríamos de modificar isso porque acho que existe uma área que acaba se beneficiando demais e prejudicando outras — ele disse por fim.

— Marlon — eu comecei a dizer, com um pouco de desdém camuflado —, sua consideração ambiental é louvável. No entanto, é importante lembrar que alguns de nossos casos e clientes exigem interações pessoais e presenciais. Além disso, como escritório de Advocacia, a confidencialidade e o atendimento de qualidade aos nossos clientes são essenciais e nem sempre as videoconferências atendem a esses requisitos.

Manuela me observava levemente impressionada e com um pouco de tesão, talvez?

— Além do mais, a porcentagem de recursos utilizada em viagens já foi reduzida algum tempo atrás, caso você não tenha notado. Seria bom consultar as últimas atas antes de propor alterações para serem discutidas com a diretoria. E faz menos sentido ainda trazer isso em pauta em tão pouco tempo.

Para alguma merda ler aquele bando de relatório tinha servido.

— Apenas estávamos conversando em uma reunião de equipe e achamos que seria uma boa forma de realocarmos os recursos — um dos membros da equipe disse baixinho.

— A reputação da empresa está diretamente ligada à nossa capacidade de prestar serviços jurídicos de excelência. Algumas situações podem exigir que nossa equipe esteja presente pessoalmente para representar os interesses dos nossos clientes de maneira eficaz. E eu já tive diversas discussões sobre isso e hoje trabalhamos da melhor forma, com uma abordagem híbrida, focando na sustentabilidade sem perder os pilares do escritório. Sinto muito, mas não vamos levar essa questão para frente, até porque me parece que é algo muito mais pessoal do que qualquer outra coisa. A reunião está encerrada — ela sentenciou e começou a arrumar sua bolsa enquanto as pessoas saíam.

— Manuela, será que não podemos discutir isso melhor? — Marlon perguntou depois que todos saíram.

Senti meus dedos formigarem de raiva.

— O que você quer, Marlon? Não ouviu que a reunião acabou? — indaguei entre os dentes, antes que ela pudesse responder.

— Não falei com você, Dante — disse, ríspido, e voltou a olhar para ela. — Ela é a pessoa responsável, você é um mero advogado.

— Trabalhamos juntos e agora eu também faço parte da Comissão. Então, o que for discutir com ela, também diz respeito a mim — retruquei, chegando mais perto.

— Marlon, talvez você esteja muito desocupado ou sem trabalho pra fazer, mas não invente essas reuniões ridículas sem nenhum fundamento. Não vou levar algo tão absurdo para os meus

superiores. Não me faça perder mais tempo com isso — ela disse, fuzilando-o com os olhos e saiu batendo a porta.

— Ainda não acredito que inventou uma reunião inteira pra poder ter um momento com ela — comentei com deboche.

— É isso que acha, Dante? — Ele deu um sorrisinho com desdém. — Nós trabalhamos no mesmo lugar, eu posso esbarrar com a Manuzinha em uma sala em tantos momentos...

— Não chegue mais perto dela — avisei.

— Ou o quê? — ele me provocou, inclinando-se na minha direção e cerrei os punhos de forma involuntária.

— Ou você vai preferir não ter me conhecido — disse em um tom ameaçador, com o dedo bem próximo ao seu rosto. — Você sabe que posso acabar com você em um segundo. Não me teste.

Ele andou até a porta e a abriu, mas antes de fechá-la, virou-se para mim.

— Aposto que te consome saber que eu comi a Manu. — Ele deu uma risada. — E isso é mais prazeroso do que eu imaginava.

Ele fechou a porta rapidamente e tive que me segurar para não sair da sala e acertar um murro bem no meio do seu rosto.

Bem ou mal, estávamos em um ambiente de trabalho.

A única coisa que fiz foi chutar a cadeira que estava na minha frente para descontar toda raiva que estava sentindo.

O que, obviamente, não adiantou.

E Marlon estava certo, aquilo me consumia.



*Antes de nos beijarmos, eu não sabia as sensações que podia provar*

*Antes de nos beijarmos, eu não fazia ideia dos anos que estava desperdiçando*

*Mas agora eu sei que eu estava esperando  
Para você voltar*

**:: WHERE HAVE YOU BEEN ALL MY LIFE? – THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

Meu dia estava sendo horrível. Além de ter que aturar toda a desorganização da minha secretária e do Gui, ainda tinha perdido meu tempo em uma reunião ridícula com Marlon. Eu não costumava ter TPMs tão fortes, mas essa estava se superando.

Qualquer coisa estava me tirando do sério, a dor da cólica era insuportável e os remédios que eu tinha na bolsa não faziam efeito algum.

Dante praticamente me expulsou do escritório, alegando que ficaria um pouco a mais para terminar o que eu estava fazendo e eu fui buscar a Giovanna. Quando cheguei na pensão, Guilherme, Adriano e Antonio estavam sentados na mesa conversando animadamente e bebendo cerveja.

— Está mais calma? — Guilherme perguntou, um pouco receoso.

— Por qual motivo eu estaria mais calma? Você me entregou a pasta que deveria? — Ele balançou a cabeça negativamente e os outros dois ficaram me olhando assustados. — Então, não!

— Chegou a época que temos que proteger nossos rabos de serem chutados? — Antonio perguntou, rindo, e eu o fuzilei com os olhos.

— Sim. Onde a Ju tá? Não tem nada doce pra comer aqui? — perguntei, procurando algum açúcar pelos potes da cozinha.

— Ela foi até o *Barra Shopping*<sup>[15]</sup>, disse que precisava comprar o presente da filha da Josiane — comentou, dando um gole na bebida.

— Inferno! Esqueci dessa festa, nem falei nada com o Dante — bufei, jogando-me na cadeira.

— Dante... — Adriano resmungou ao lado.

— Não acho que ele vá querer ir — falei, ignorando completamente a repetição cheia de nojo do meu ex.

— Ah, ele vai sim. Não vou entrar nessa furada sozinho — Gui se manifestou.

— Não acredito que faz questão de que o Dante seja uma companhia pra você. — Adriano parecia incrédulo.

— Adriano, aceite, a cobra já deu o bote no seu homem. Já era! — meu primo implicou, gargalhando.

— Vocês dois são ridículos.

— Ridículos, Guilherme? Ridículo é você fazendo planos todos os finais de semana com o babaca do Dante. — A irritação na sua voz era mais do que visível.

— Os jogos do Fluzão tão rolando toda a semana — ele se defendeu. — Não tenho culpa que você não curte futebol.

— Ah, e fiquei sabendo que depois eles bebem e ficam falando mal de você, Adriano — meu primo zombou e Adriano o fuzilou com os olhos. — Deve ser divertido, posso ir um dia, Manu?

— Você é implicante, hein, porra? — respondi.

— É inacreditável essa palhaçada. O Perazzo é um babaca, como aguenta ficar perto dele?

— Ele é uma companhia boa, pra falar a verdade... Exceto quando começa com os comentários sarcásticos ou a gastar rios de dinheiro em inutilidades, mas é só ignorar — comentou, distraído.

— Sim, é só ignorar — conclui, também pensativa.

— Manuela caiu no charme da serpente loira e agora o Guilherme. Estou começando a ficar preocupado comigo mesmo — Antonio brincou.

— Sério, é patético. Não fazemos mais nada juntos — meu ex namorado tornou a resmungar e Guilherme bufou antes de dizer:

— Adriano, caralho! Estamos literalmente tendo uma resenha<sup>[16]</sup> agora.

— Achei que Manuela estava de TPM, mas pelo visto a menstruação de Adriano vai descer também. — Meu primo implicante gargalhou.

— Antonio, você não tem mais o que fazer? Vai lavar uma louça. — Antonio riu, veio até mim e me afogou em um abraço. — E você, Adriano, deixa o Gui em paz. Qual o problema de os dois serem amigos?

Ele me olhou perplexo.

— Problema? Como se não bastasse você morando com ele, agora os dois são amigos? — Sua voz saiu esganiçada.

— Arrume um bebê também e entra pro clube, Adri. Quem sabe assim o Guilherme arruma um tempinho pra você — Antonio disse por fim e meu ex levantou o dedo do meio na sua direção.

— Não tenho mais paciência pra vocês. Onde está Giovanna, Gui?

— Com sua mãe lá em cima.

— Manu... — Adriano veio atrás de mim. — Quando vamos fazer outra noite de jogos?

— Podemos fazer no próximo final de semana. O que acha?

Ele, com certeza, estava se sentindo excluído por conta da proximidade de Dante e Gui. Tudo bem, eu entendia seus motivos porque era meio assustador o quanto os dois se davam bem ultimamente.

— Certo, podemos fazer aqui dessa vez.

— Adri, sempre fazemos na minha casa — lembrei, falando de maneira calma. — Já basta todo trabalho que a minha mãe tem

com as crianças a semana toda e com o povo da pensão. Não acho justo atrapalharmos o sábado dela.

— Verdade. Na casa de Guilherme e Julia então? — ele tentou.

— Ok.

Não iria criar um embate por conta disso. Sabia que ele não queria que fosse lá em casa por causa do Dante e aquela era nossa noite de jogos antes mesmo do pai da minha filha entrar de vez nas nossas vidas.

— Cheguei! — anunciei, entrando no quarto e o rosto de Gio se iluminou. — Quem é o amor da mamãe?

Ela deu uma risadinha e esticou os braços para que eu a pegasse no colo. Dei um beijo e um abraço na minha mãe e depois me virei para a menina.

— Está cansando sua vovó?

— Está nada, Manu. Você age como se eu fosse uma inválida. Eu estou ótima, querida. Inclusive, arrasando corações por aí.

Dei uma risada e arqueei uma das sobrancelhas.

— Mesmo, mãe? De quem?

— O novo dono no mercadinho — cochichou, corando. — Ele ficou me olhando e me deu desconto no leite condensado.

— E te dar desconto quer dizer que ele te deu mole, mãe?

— Claro, já viu o preço que está o leite condensado? E não foi qualquer um não, foi um *Leite Moça!* — contou, chocada.

— Verdade, isso é quase uma declaração de amor — concordei, rindo e a abracei.

— Como estão as coisas, filhota?

— Cansativas. Ah... E acho que na semana que vem tem um dia em que a Paola vai ficar com ela — contei, recebendo um olhar de surpresa.

— Mesmo?

— Sabe que prefiro que a Giovanna fique com você, mas ela também é avó dela.

— E a Gio está se dando bem com ela? — indagou com uma leve desconfiança.

— Com quem a Gio não se dá bem, mamãe?

— Ela não vomitou na garota lá? — lembrou, comprimindo os lábios e fiz o mesmo.

— Mãe... — chamei em repreensão.

— Ela falou merda sobre você, meu Gui e meu Adriano. Por mim, minha neta vomitava nela mais uma vez para aprender a deixar de ser mal-educada. E como se não bastasse, eu vi a metidinha julgando o meu filtro de barro quando a encontrei na cozinha.

— Ela não deve nem saber o que é um filtro de barro, mãe. Provavelmente estava tentando entender o que era aquilo. De qualquer forma, preciso alinhar essas coisas da mãe do Dante com ele.

— Bem, então me avise... Você está se alimentando direito?

— perguntou, segurando meu rosto com as duas mãos.

— Sim, pode ficar tranquila. O Dante gosta de cozinhar e meio que se apossou da minha cozinha. — Giovanna deu um gritinho. — Isso, meu amor, seu pai cozinha superbem, não é?

Ela concordou, sorrindo e mostrando os dentinhos e nós gargalhamos e ficamos mais algum tempo brincando com a bebê. Minha mãe falou um pouco mais sobre os hóspedes da pensão, contou algumas fofocas e depois eu fui para minha casa.

O cheiro de comida invadiu minhas narinas e dei graças a Deus por aquele filho da puta morar comigo.

*Quem diria, hein, Maria Manuela?*

Entrei na cozinha e Giovanna começou a fazer festa quando o viu e ele a pegou no colo, enchendo-a de beijos. Depois a jogou para cima, fazendo com que a menina gargalhasse bastante.

Senti vontade de chorar ao ver os dois assim. Que inferno, eu odiava essas mudanças de humor.

— O que está fazendo? — perguntei, jogando-me na banqueta e espiando o fogão antes de choramingar: — Diz que é Carbonara, por favor.

— É Carbonara. — Ele riu.

— Não tenho palavras pra definir o que estou sentindo — suspirei, apoiando a mão no queixo.

A emoção foi tanta que poderia dizer que o amava facilmente por aquilo, mas eu só estava de TPM, não louca.

— Pensei que isso pudesse melhorar seu humor — ele respondeu. — Achei que iria me agredir mais cedo.

— Desculpe, estava irritada — falei, um pouco sem graça.

— Percebi. — Ele riu.

— Eu estou de TPM.

— Você esteve de TPM por todos os anos que interagimos?

— zombou e depois comprimiu os lábios para segurar as risadas. Depois se virou para Giovanna: — Anota aí, capivarinha, não fazer piadas quando sua mãe estiver de TPM.

— Mamãe — ela balbuciou e depois procurou seu bichinho de pelúcia, encolhendo os ombrinhos. — Capi. Capi. Meu.

Fui até a bolsa e peguei a capivara que ela nunca soltava. Depois fiquei observando toda derretida enquanto Dante conversava com a Gio e eventualmente parava para tirar algumas fotos porque ela estava fazendo gracinha.

— Eu não dou conta do quanto essa garota é linda — ele cochichou para mim, inclinando-se para me mostrar no celular uma foto dela fazendo biquinho.

— Ela tem a quem puxar — falei, me vangloriando.

— Obrigado, tem mesmo — zombou, rindo e depois seu olhar prendeu no meu.

— Você não me beijou hoje — deixei escapar.

Como eu odiava o quanto eu ficava emotiva e carente quando minha TPM atacava com força. Eu me lembro de que Adriano, no início, não tinha muita paciência naquelas fases e sempre acabávamos brigando. O que chegava a ser uma piada, porque ele era tão dramático sobre coisas idiotas.

— Não sabia se era seguro me aproximar — explicou em um tom divertido e ergueu uma das sobrancelhas.

Revirei os olhos e ele andou na minha direção, segurou meu rosto e colou os lábios nos meus.

Em uma fração de segundos, foi como ter sido direcionada para outra dimensão. A língua quente entrando em contato com a minha até que o tempo ao nosso redor congelasse. Eu suspirei entre o beijo, sentindo uma corrente elétrica percorrer todo meu corpo que perdurou até depois que sua boca se separou da minha. E eu continuei perdida dentro do castanho-esverdeado dos seus

olhos enquanto Dante dissecava minha alma, olhando no fundo dela.

— Melhor agora? — Assenti com a cabeça e mordi o lábio inferior. — Não faz isso, Maria Manuela — pediu baixinho, dando um sorriso provocante.

Giovanna resmungou alguma coisa e nos viramos para ver, dando uma risada quando a bebê começou a fazer bolinhas com a boca. Enquanto isso, Dante terminou de esquentar a comida dela e jantamos os três juntos.

Aquela sensação de “família” sempre estava presente naqueles momentos e quando eu parava para lembrar das noites sem ele no apartamento, tudo parecia errado demais.

O interfone tocou e Dante desceu para buscar alguma encomenda e alguns minutos depois, ele simplesmente passou pela porta com uma caixa gigante.

— O que você comprou? — perguntei, chocada.

— Presente pra neném! — ele gritou, animado, para Giovanna e ela tentou se levantar, caindo no chão em seguida.

Eu dei uma risada, porque era impossível. Ele se sentou no chão e os dois começaram a rasgar toda a caixa e depois Dante me chamou para ajudar.

— Daqui a pouco nós é que não vamos caber nessa casa.

— Se livra daquela escrivaninha horrorosa e daquela planta feia que você colocou ali na semana passada — sugeriu e eu o mandei tomar no cu mexendo os lábios, fazendo-o gargalhar.

Entreabri a boca quando vi que ele tinha comprado a porra de um “piano infantil”. Era uma miniatura real de um piano acústico vertical. Todo preto e elegante, muito mais bonito do que alguns que eu já tinha visto por aí.

Giovanna ficou em polvorosa quando ele a colocou no colo e mostrou que apertar as teclas emitia sons. A garota olhava para mim, para ele, dando gritinhos enquanto repetia o movimento, encantada.

— Eu ainda estou perplexa por você ter comprado um minipiano.

— Dom viu na internet e me mandou um *link*, ele lembrou que tínhamos um quando éramos pequenos, mas depois mudamos para

o maior quando fizemos aulas.

— Você fez aulas de piano? — Arqueei uma das sobrancelhas.

— Ricos fazem uma infinidade de aulas aleatórias. Também já fiz de tênis, equitação, etiqueta...

— Equitação?

— Eu ganhei um pônei quando tinha cinco anos — contou e minha boca se abriu ainda mais.

— Você ganhou... Um pônei?

— Sim, o Dom também. Eles ficavam em uma das fazendas que temos. — Então, Dante parou e seu rosto se iluminou. — Meu Deus! Gio, você quer um...

— Não ouse — eu o interrompi, com o dedo em riste na sua direção ao ver que ele estava superanimado já oferecendo um cavalo para nossa filha.

Nós ficamos um tempão sentados tentando ensinar a Giovanna a tocar o início de “brilha, brilha, estrelinha” e em algum momento, quando fui ao banheiro fazer xixi, Dante começou a gritar me chamando, dizendo que ela tinha conseguido.

Cheguei na sala e ele estava fazendo um vídeo com o irmão, dizendo que nossa filha provavelmente era um prodígio musical. Eu cheguei a achar que estava maluca por arquear a sobrancelha, achando que Dante estava exagerando, mas Domenico tinha a mesma expressão no rosto.

— Faz de novo, Gio! — ele pediu, novamente mostrando as teclas que ela deveria apertar.

A bichinha passou longe.

— Viram? Foi perfeito! Mais um pouquinho e ela consegue completar a introdução toda — comemorou, animado.

— Que linda, filha! — comemorei também quando ela levantou os bracinhos no ar, feliz.

— Viu, Dom? Você é o único péssimo em piano na família agora.

— É, Dan. Sou o único — concordou, dando uma risada fraca e depois fez um estalo com a boca para chamar atenção da sobrinha. — Ei, Mini Mozart, o titio vai te dar uma bateria agora pra você fazer muito barulho.

— Não! — Eu praticamente pulei na frente do celular.

— Sua mãe vai adorar, Gigi. — Ele gargalhou, achando graça.

— Dá sim, Domenico — incentivei. — Quem sabe eu não ensino sua sobrinha a começar uma bateção de pratos na frente da sua empresa?

Dante deu uma risada alta, jogando a cabeça para trás e seu irmão fechou o rosto, avisando que precisava desligar.

— Seria o tipo de coisa que eu faria para te irritar, se não morássemos juntos — Dante confessou.

— É, eu sei, seu idiota.

— *Diota!* — Giovanna repetiu, rindo, e nós fizemos o mesmo.

Eu fiquei escutando os dois na sala tocando o pianinho enquanto organizava as louças do jantar na máquina. Em algum momento, Giovanna enjoou e começou a brincar com o gato.

Não demorou para ouvir Dante tentando explicar que ela não podia esmagar o Ringo. Era mais um dos episódios de “posse”, porque nossa filha começou a chorar enquanto os gritos ecoavam até a cozinha, alegando que o gato era dela.

— O que aconteceu? — perguntei quando ele entrou no cômodo, passando as mãos no rosto, claramente estressado.

— Tive que separar os dois. O *Beatle sentimental* quase arranhou a Giovanna — contou, mostrando que seu braço tinha um pequeno machucado.

— Machucou? — perguntei, olhando a feridinha.

— Não, mas olha o meu tamanho e o dela. Se eu não tivesse me metido na frente, talvez machucasse. A pele dela é bem mais sensível.

— O Ringo nunca arranhou ninguém — comentei, sem nem tentar esconder a frustração.

— Ela estava apertando o pobre coitado, parecendo a Felícia<sup>[17]</sup>. Nem foi culpa dele.

— Talvez a gente esteja fazendo algo errado, Dante.

— Manuela, não estamos fazendo nada de errado. Já lemos várias coisas, conversamos com o pediatra, um psicólogo e desde então seguimos tudo o que eles sugeriram, sabe disso. — Eu

concordava com a cabeça, ainda me sentindo desolada. — Vamos continuar e vai dar tudo certo.

Ficamos algum tempo com ela e depois decidi tomar um banho quente. Se tinha uma coisa que eu me martirizava, era amar ficar debaixo do chuveiro quentinho sentindo a água caindo nas minhas costas por uma quantidade de tempo que eu não considerava muito sustentável.

E o idiota do Dante já tinha percebido isso e eventualmente soltava algumas piadinhas sobre. Em especial quando eu criticava o seu consumo excessivo de roupas ou o fato de ele ter escondido uma máquina de *Nespresso* na sua sala com todos os sabores existentes, porque ele não conseguia se conter comprando apenas alguns.

Fui até a cozinha desesperada procurando por qualquer doce, mas não achei nada. Meu doce de leite tinha acabado, a *Nutella* e naquele momento comecei a me sentir triste de verdade.

Voltei para a sala, sentei em frente à televisão, enrolando-me em um cobertor e comecei a ver “*Yesterday*”. Eu já estava sofrendo diante da possibilidade de um mundo sem os *Beatles*, mas quando começou a passar um comercial da *Ben & Jerry's*, senti as lágrimas rolarem pelo meu rosto e comecei a chorar.

— Ei! Por que está chorando? — Dante apareceu na sala e apontei para a televisão. — Está chorando por um comercial de sorvete?

— Estou... Triste. Eu queria um sorvete, mas não tem nenhum no freezer — solucei, passando a mão pelo rosto. — E como se não bastasse, esse aí é importado e está caríssimo. É um absurdo as pessoas precisarem de sorvetes e a indústria se aproveitar disso para cobrar fortunas. E por que está passando comercial sendo que estamos no Brasil? É tão injusto!

Eu falava descontroladamente e ele abafou uma risada, mas assim que eu o olhei com raiva, Dante ficou sério e voltei a me lamentar:

— E além disso, o Ringo quase arranhou a Giovanna, eu esqueci de comprar o presente da festa de amanhã, que, por sinal, será um inferno, como a maioria das festas de criança. Você não tem ideia, Dante, têm vários pais que são extremamente

competitivos e como se tudo isso não fosse o suficiente, estou com tanta cólica que parece que tem um dinossauro rasgando meu útero.

— Manuela — ele me chamou, sério, e segurou meu rosto com as duas mãos. — Vamos por partes... Já tomou algum remédio?

— Acabei de tomar, mas acho que venceu mês passado.

— Eu sou amigo do dono da *DuploM*<sup>[18]</sup>, ele me disse uma vez que os prazos dos medicamentos são sempre colocados com uma margem. Então, fica calma que vai fazer efeito logo. Sobre a Gio, já disse que vai ficar tudo bem. Não adianta você sofrer por antecedência. E que festa é essa? — Ele parecia confuso.

— Esqueci de te avisar, é a festa da filha da Josiane, uma advogada do escritório, mas tenho certeza que você não vai querer ir... — Limpei as lágrimas com as mãos e respirei fundo, tentando me recompor.

— Podemos ir. — Ele ficou me encarando um tempo. — Agora fica aí que eu já volto, ok?

— Onde vai?

— Preciso pegar uma coisa na portaria, é rapidinho.

— Você vai demorar? — perguntei, triste, e ele abriu um sorrisinho antes de negar com a cabeça.

Me deu um beijo rápido nos lábios e sumiu pela porta. Pisquei duas vezes e voltei os olhos ainda marejados para a televisão. Mudei de canal várias vezes e deixei em um filme de animação porque não queria mais sofrer com um filme que retratava um mundo sem minha banda favorita.

Não demorou muito para que Dante voltasse, um pouco ofegante e com uma sacola imensa nas mãos.

— O que você...?

— Não sabia qual você queria. — Ele jogou em torno de dez potes de sorvete em cima do sofá e meus olhos voltaram a encher de água.

Ah, foda-se! Como assim Dante Perazzo era aquele tipo de cara? Aquele que sai no meio da noite para buscar sorvete (importado) e ainda traz todos os sabores possíveis.

— Ah não, vai chorar de novo? — ele perguntou, sem entender. — Achei que isso iria te fazer parar de chorar!

— Estou chorando de emoção — respondi, segurando o pote de sorvete como se fosse algum tipo de item de sobrevivência e depois pulei em seu colo, prendendo as pernas em seu tronco e distribuí vários beijos rápidos pelo seu rosto enquanto ele ria.

— Ok, Manuela. Agora vamos comer antes que derreta — ele disse, cessando o riso.

Dei algumas colheradas no pote de sorvete e talvez fosse apenas o açúcar falando, mas finalmente eu parecia estar em paz naquele dia.



*Assim como a noite, se dissolve no sono  
Eu serei seu Salvador, imutável e verdadeiro  
Eu virei para te resgatar*

:: EMOTIONAL RESCUE - THE ROLLING STONES::

*Dante Perazzo*

Definitivamente, eu me preocupava com Manuela, nem adiantava tentar negar. Eu já me considerava um caso perdido. Evê-la naquele estado, que não parecia nada com seu “eu habitual”, me deixava um pouco agoniado.

Era estranho. Achava normal o fato de querer estar com ela, afinal, nosso sexo era incrível, mas não esperava de maneira nenhuma desenvolver sentimentos e pelo visto era isso que estava acontecendo.

Sentia-me confuso, nunca havia experimentado nada como aquilo. Durante toda minha vida, todas as mulheres com quem me envolvi eram apenas corpos, nenhuma delas me interessou de verdade. Ninguém nunca me chamou atenção ou foi minimamente relevante. Todas eram extremamente indiferentes para mim.

Maria Manuela Guerra nunca, desde que cruzou a minha vida, havia sido indiferente. Eu sempre tive sentimentos por ela, afinal, ódio era um sentimento bem forte.

Talvez essa fosse a questão.

Durante o último ano do *Bootcamp*, a raiva latente meio que se dissipou e virou apenas um incômodo, por ela ser sempre tão cheia de si e por todo nosso histórico.

Até que, no encontro dos monitores, veio o desejo e eu a vi sob uma nova ótica. De alguma forma, as coisas que ela havia me dito na noite em que ficamos juntos passaram a ter relevância.

Eu já estava tentando mudar minha visão sobre o mundo desde que algumas frases que ela havia dito pesaram minha consciência em um dos últimos embates que tivemos sobre meio ambiente dentro de uma simulação. Naquele dia, suas palavras me atingiram como um soco. A *Petrolío* tinha sido responsável por foder com alguma espécie marinha e Manuela estava transtornada.

A forma como ela me olhou, com ainda mais repulsa do que o de costume, fez com que eu me sentisse um péssimo ser humano. E naquele dia, descobri que eu de fato era.

Só que foi após o nosso encontro que eu decidi estudar sobre assuntos que antes eu não considerava importantes. Fiz cursos, viajei, conheci muita gente e passei até mesmo umas semanas com pescadores artesanais de algumas áreas impactadas por empreendimentos. Li sobre os projetos que ela criou e comecei a me perguntar se realmente minha inteligência não estava sendo desperdiçada.

Eu me questionei sobre o impacto que eu gostaria de ter no mundo.

Por todos aqueles meses de “aprendizado”, eu precisei conter a vontade devê-la. E bem ou mal, parando para pensar, o sentimento era de saudades, de querer estar com ela mais uma vez.

Depois, o ódio voltou a me preencher, ao saber sobre a Giovanna. E morando junto com Manuela, o desejo retornou, acompanhado da admiração que eu fui construindo ao ver o quanto ela era empenhada com a nossa filha, com seu trabalho, com a família.

Os ciúmes, a vontade de que ela fosse só minha, a necessidade devê-la sorrindo também parecia constante agora.

A verdade é que a maioria dos sentimentos fortes que eu experimentei durante toda minha vida, estranhamente, a envolviam.

Era um pouco assustador, fazendo essa retrospectiva.

Um pouco não, porra. Bastante assustador.

Coloquei alguma série de comédia e ficamos embaixo das cobertas comendo sorvete, até que ela finalmente relaxou e dormiu no meu peito.

Que ódio, ela era linda mesmo dormindo.

E eu me sentia um idiota perto dela agora.

Tinha dificuldade de conter minhas ações, meus sorrisos. Era quase como uma necessidade beijá-la a cada instante, fazer algum tipo de carinho. Como se meu corpo fosse atraído para o dela de novo e de novo. Chegava a ser patético.

— Ei — falei baixinho, tirando uma mecha de cabelo do seu rosto e observando os detalhes. Porque sim, eu fazia muito isso agora também. — Vamos dormir?

— Quero dormir com você — falou, ainda sonolenta, apertando meu corpo e voltando a acomodar a cabeça no meu peito.

Ah, porra, como eu iria conseguir me manter indiferente assim?

Nós normalmente só dormíamos juntos depois de transar. E talvez fosse apenas a TPM que a deixava bem emotiva, mas eu havia gostado de ela ter dito mais cedo que eu não a tinha beijado e também quanto a vontade de dormir comigo, só por dormir.

Tudo era novo e uma surpresa para mim, afinal, eu sempre odiei as carências de Marcella, mas pelo visto gostava de quando Manuela demonstrava qualquer tipo de afeto, por menor que fosse.

Será que a *hippie* doida da amiga dela tinha algum chá pra isso? Porque não era possível. Certeza que eu não estava muito normal.

— Ok, mas vamos pro meu quarto, você tá toda torta no sofá.

Ela assentiu com a cabeça e a ajudei a levantar, basicamente carregando-a até o cômodo.

E.

Nós.

Dormimos.

De.

Conchinha.

Foda-se, eu já tinha atingido o fundo do precipício mesmo.



Na manhã seguinte, ela acordou bem cedo e disse que iria atrás do maldito presente que havia esquecido de comprar. Recebi uma mensagem do Guilherme me intimando a ir até a festa e respondi que já pretendia comparecer, independentemente das suas ameaças em deixar o Lucca um dia sob meus cuidados quando ele estivesse com diarreia.

Assim que chegamos no local do evento, ainda na porta, Manuela hesitou em entrar.

— Olha, pais tendem a ser um pouco competitivos — avisou.  
— Eu não costumo ir em muitas, mas Julia sempre me conta coisas absurdas.

— Manuela, não deve ser tão ruim assim. Sabe muito bem que a Julia é exagerada pra caralho — lembrei, pegando Gio de seu colo e praticamente empurrando-a para dentro do salão.

O lugar já parecia cheio e havia mais pessoas da faculdade do que eu gostaria de encontrar. O Rio de Janeiro já era um ovo, dentro do Direito então...

Tinha umas duas mulheres que eu já tinha comido na época da faculdade, agora casadas e com filhos (uma delas com um juiz togado e a outra com um vereador). Uns dois babacas da minha turma já estavam bebendo, provavelmente achando que ainda estavam nos Jogos Jurídicos.

Fomos até a Josiane, que pareceu um pouco surpresa ao me ver, mas foi muito simpática. Nós nunca tínhamos conversado no escritório, mas ela tinha estendido o convite a mim pelo que Manuela tinha dito.

A filha dela era sua cara. A menina sorriu para nós e rapidamente saiu correndo em direção a outras crianças. Ficamos alguns minutos conversando sobre trivialidades e depois localizamos Guilherme, Julia e Lucca do outro lado do salão.

Quando estávamos indo na direção da família, Fabíola Mansur apareceu carregando uma menina nos braços. Ela também fez o *Bootcamp* com a gente, era de uma outra faculdade e na época soube que ela namorou o Guilherme durante o evento.

Sequer lembrava que ela existia, muito menos fazia ideia de que já tinha uma filha. Ela pareceu extremamente simpática e nos puxou para perto da sua mesa.

— Manuela, querida, sempre vejo vocês nos jornais. — Ela deu uma risada e brincou com Giovanna. — Como está, Dante?

— Bem e você, Fabíola?

— Bem também. Giovanna é realmente uma gracinha. Soube que a Manu não costumava aparecer nos eventos, mas aparentemente agora que todos já sabem sobre a família de vocês, vamos nos encontrar muito — ela comentou um pouco ácida.

— Aparentemente — respondi e ela me olhou antes de voltar sua atenção para Manuela.

— Ah, obrigada, Fabi. Sim, com certeza vamos. — Ela deu um sorriso torto. — E essa é sua filha? Ela é linda, qual o nome?

— Obrigada. Essa é Kumiko, diga “oi”, meu amor. — E a menina repetiu um “oi, tudo bom?” tímido e escondeu o rostinho nas mãos.

Kumiko? Esse nome não me era estranho.

— Olá, Kumiko, essa é a Gio — Manuela falou com a menininha loirinha e de olhos azuis.

— Kumiko, que nome diferente... — comentei e ela me deu um longo olhar, antes de ajeitar a postura.

— Meu marido é amante da cultura japonesa. Kumiko significa “beleza perpétua” — ela começou a dizer de um jeito esnobe.

— Quantos anos ela tem? — perguntei, distraído.

— Um ano e meio, quase a mesma idade da Gio — respondeu prontamente.

— Elas dão trabalho nessa fase, não é? — Manuela perguntou, dando uma risada fraca.

— Na verdade, não — respondeu, bem prepotente. — Quer dizer, ela está tendo um pouco de dificuldade para aprender a contar em alemão, mas também, estamos ensinando três línguas para ela

ao mesmo tempo. — Fabíola deu uma risada e a Manuela me encarou. — A Giovanna já fala?

— Sim, ela fala — ela respondeu com um sorriso seco.

— Ah, que bom, é preocupante quando eles só dizem algumas palavras sem nexo, não é? Kumiko já fala desde os oito meses — afirmou, cheia de orgulho. — Mas alemão e inglês mesmo tem apenas 5 meses que começou a falar. Fiquei extremamente nervosa quando ela fez 11 meses e ainda não estava andando, mas no dia seguinte, conseguiu. — Ela deu uma risada. — Com quanto tempo Gio começou a andar?

— Ela ainda não anda — falei e Manuela me fuzilou com os olhos.

Ela pretendia mentir, porra? E se a mulher pedisse para elas apostarem uma corrida? Giovanna, coitada, ficaria em pé e seguraria a barra da minha calça, porque ela estava bem longe de conseguir dar alguns passos sozinha.

— Ah... — Ela pareceu sem graça. — Alguns bebês demoram mesmo. Temos que estimulá-los sempre, não é? A agenda da Kumiko está sempre lotada! Ela está fazendo aulas de natação para bebês e dança. E graças a Deus ela passou daquela época de ficar brincando e encaixar bloquinhos. É uma perda de tempo.

Eu olhei para Manuela e ela parecia desolada. Fabíola estava nos massacrando com tantos comentários absurdos sobre sua “filha perfeita”. Giovanna parecia mais idiota que um saco de batatas de acordo com aquela filha da puta.

— Gio gosta de brincar de bloquinhos, não vejo problema nenhum nisso, li que é ótimo para que eles desenvolvam a parte motora e raciocínio — Manuela respondeu, com todo seu ar habitual de certeza e depois deu uma risada fraca. — Além disso, não estamos focados em que ela seja a próxima substituta do Michael Felps<sup>[19]</sup> ou algo assim.

— Considero esses estudos ultrapassados. A gente lê tanta besteira. — *Fabíola Escrota* riu, debochada, e colocou a filha no chão. — Têm pessoas que continuam insistindo em dar glúten para os filhos, sendo que isso afeta tantas coisas.

— Existem pais que também afetam seus filhos — respondi, ríspido, e ela me encarou, claramente pegando a indireta.

— Com certeza. — E me lançou o mesmo olhar.

— Além do mais, Giovanna não anda, mas aprendeu a tocar teclado e está acertando vários acordes — contei e ela pareceu extremamente surpresa e com inveja. — Não é, Manuela?

— Mesmo, Manu? — Fabíola voltou a atenção para ela, que sorriu, satisfeita.

— Sim. Dante comprou um pianinho e Gio reproduz direitinho o que ensinamos para ela. — Eu a olhei em cumplicidade, quase implorando para que ela colocasse aquela idiota no seu lugar e como se fosse capaz de ler meus pensamentos, perguntou: — A Kumiko já tentou?

— Ah, acho que não tivemos oportunidade ainda...

— Ah, tudo bem, não ligue para isso — Manuela a interrompeu, abanando o ar, o desdém crescendo nas suas expressões. — Nós lemos que é algo que nem toda criança consegue fazer.

Ah, foda-se, eu estava orgulhoso pra caralho.

E então, antes que a escrota pudesse se manifestar, empurrei disfarçadamente um vaso que estava ao nosso lado no chão, fazendo um grande barulho pelo salão.

— Fabíola, parece que Kumiko gosta de quebrar coisas também — respondi em um tom sarcástico. — É uma pena ver um talento tão precoce com esses desejos obscuros. Guilherme está acenando, temos que ir. Realmente *não* foi um prazer encontrar você — afirmei, puxando Manuela para longe da mulher que nos olhava boquiaberta.

— Não acredito que você fez isso — Manuela disse, rindo na medida em que íamos nos afastando e podíamos ouvir a mulher brigando com a filha: “Kumiko, você não pode fazer isso, que vergonha, meu Deus!”

— Ninguém vai falar que nossa filha é uma idiota e achar que vou ficar quieto — respondi, expondo o óbvio. — Ela é uma Perazzo. Na verdade, uma Guerra-Perazzo, o que significa mais ainda — lembrei.

Manuela sorriu. E aquele sorriso foi o suficiente.



*Sou livre pra fazer o que quero a qualquer hora  
Sou livre pra cantar a minha música sabendo que está errada*  
**:: I'M FREE- THE ROLLING STONES::**

*Dante Perazzo*

— Por que estão com essa cara? — Julia perguntou assim que chegamos

— A babaca da Fabíola — Manuela respondeu sem muita vontade.

— O que tem ela? — Guilherme questionou, chegando mais perto.

— Está interessado em saber da sua ex, Guilherme? — Sua mulher o olhou com raiva e ele bufou, revirando os olhos na minha direção.

— Ela deu a entender que a Giovanna é lenta pra aprender as coisas — contou, meio triste, e se inclinou para dar um beijinho na bochecha da garota.

— Como assim?

— “Kumiko fala 10 idiomas, Kumiko caga cor de arco-íris, Kumiko sabe cantar ópera com apenas 1 ano e meio de idade” — eu imitei e todos gargalharam.

— “Kumiko não come glúten, Kumiko já está nadando 100 metros rasos, Kumiko é a nova candidata a presidente do país” — ela continuou, arrancando mais risadas dos dois.

— Ela está sempre se vangloriando da filha dela... — Julia começou a dizer.

— *Karatê Kid*<sup>[20]</sup>, porra! — eu soltei, alto demais e atraindo a atenção de algumas pessoas para mim. — Kumiko é a namorada do senhor Miyagi!

Guilherme gargalhou, assentindo.

— Ela inventou para vocês a história de que o marido dela é amante da cultura japonesa?

— Sim! — Manuela afirmou.

— Porra nenhuma, o cara é fissurado em *Karatê Kid*. Já vi umas postagens no *Instagram* dele. Ele inclusive comprou um dojo para colocar o nome de *Cobra Kai*<sup>[21]</sup>.

Pisquei, chocado.

— Isso é genial! — Refleti por alguns segundos. — E burro ao mesmo tempo, ele pode tomar um processo.

— Sim, muito burro — Guilherme comentou, rindo.

— Essa mulher é um nojo. — Julia revirou os olhos. — Do que ela ficou se gabando?

— Ela disse que a filha dela já sabe falar em três línguas, que já conta até 10, que tinha andado com 11 meses e que crianças que brincavam de bloquinhos eram idiotas.

— Que babaca! Lucca e Giovanna, se um de vocês dois se envolver com a filha dessa vaca, vamos dar um jeito de deserdar vocês — a amiga de Manuela avisou para as crianças, que a olhavam sorrindo, sem entender o que ela estava falando. — Que mulher pau no cu!

— Julia! Pelo amor de Deus! Está cheio de crianças aqui — Guilherme pediu, olhando sem graça para os lados.

— Julia, que horror, ela é só um bebê — Manuela disse, mas abafou as risadas.

— Como se você fosse querer que ela um dia se envolvesse com a sua filha... — Ela colocou a mão na cintura.

— Vira essa boca pra lá, Julia, minha filha jamais vai se misturar com alguém que tem a agenda tão cheia a ponto de

precisar preencher um formulário com 5 vias e aviso prévio de 30 dias — comentei em um tom sarcástico e todos gargalharam.

— Ela também disse que glúten afetava as crianças — Manuela contou.

— É a cara dela que vai ficar afetada — a mulher resmungou entredentes.

— Ah, o Dante derrubou um vaso e colocou a culpa na Kumiko e também deu uma boa resposta pra ela, além do mais, ela quase teve um ataque quando dissemos que a Giovanna estava tocando piano.

— Ela está tocando piano? — Julia se derreteu.

— Piano? — Guilherme franziu o cenho. — Espera, você comprou...?

— Sim, comprei. Li que a música era superimportante para o desenvolvimento das crianças.

— Você fica procurando informações para justificar suas compras compulsivas?

— Eu nunca precisei fazer isso, mas também nunca lidei com tanta gente julgando a porra da minha fatura — respondi com um sorriso seco.

— Que incrível, Gio! Meu amor, como você é esperta! O que foi que você fez? Conta pra titia, você está apertando todas as teclas com força para irritar o seu pai? — Julia indagou, entre as risadas, e minha filha fez o mesmo, achando graça.

— Não, ela vai fazer isso quando você for visitar — respondi e ela riu.

— Parabéns, Gio! — Guilherme também comemorou. — Viu, Lucca? Sua amiga vai te ensinar a tocar piano.

— Ela é muito boa — contei, orgulhoso. — Sério mesmo. Acertou várias coisas, não é, Manuela?

— Aham...

— Não estou querendo me gabar, mas talvez a gente tenha uma pianista na família.

— Meu Deus, o Dante é a nova Fabíola — Julia desdenhou e eu revirei os olhos.

— Não fode! — resmunguei baixinho.

— Você realmente derrubou um vaso e culpou uma criança?

— Guilherme perguntou, segurando as risadas.

— Claro, pra ela parar de achar que a filha dela é perfeita — justifiquei, dando de ombros.

— Fez muito bem! Eu ainda não engoli o que aquela nojenta falou... Sei que somos mulheres e temos que dar as mãos e sermos unidas, mas algumas mãos simplesmente dão vontade de soltar.

— Vamos levar as crianças lá fora — Guilherme avisou para elas e depois cochichou: — Vamos sair daqui. Elas vão ficar pelo menos mais meia hora xingando a Fabíola.

Eu também queria ficar lá xingando a idiota que tinha falado mal da minha filha, mas o segui porque ele não parecia estar muito interessado em conversar sobre a sua ex.

Nós fomos andando até uma área externa que tinha alguns brinquedos. Algumas crianças estavam todas sujas de tinta, correndo e quase nos derrubando pelo caminho.

— Papai, bolinha — Lucca gritou ao ver uma piscina de bolinhas vazia a alguns metros de nós.

Fomos até ela e colocamos os dois dentro. Eu ainda estava um pouco chocado com a euforia de algumas daquelas crianças. Tinha uma garotinha ruiva que parecia ter sido ligada na tomada, pulando de um lugar para o outro, alucinada.

Meu Deus, estava horrorizado.

— Vem, papai — o menino pediu, esticando as mãos.

Ele entrou na piscina de bolinhas com o filho e ficou sentado, claramente desconfortável. Eu estava em pé, abafando as risadas com aquela cena até que Gio me olhou triste e começou a dizer “papai” e bater com uma bolinha na outra.

— Bem feito, otário.

Ainda contra minha vontade, respirei fundo e entrei dentro da piscina, sentando-me ao seu lado. Sério, aquela cena era deprimente.

Dois adultos cercados de bolinhas coloridas.

As crianças estavam sentadas à nossa frente, jogando bolinhas para o alto e gargalhando. Eu tirei algumas fotos para mandar para o Dom, porque parecia impossível ficar perto da Giovanna e não tirar dezenas delas.

Ela era muito fofinha, porra.

Eu sabia que meu *iPhone* com memória máxima não tinha sido uma compra desnecessária. Na real, nada do que eu comprava era supérfluo. Eu pensava pelo futuro.

— Na moral, como você conseguiu namorar a Fabíola? Ela é simplesmente insuportável — comentei, vendo a mulher passar alguns metros de distância.

— Sinceramente, Dante, nem eu sei. Ela chorou a primeira vez que a gente transou porque lembrou do ex. Eu devia ter percebido a cilada naquele momento — ele se lamentou, segurando o riso.

— Você transa tão mal assim? — perguntei com desdém.

— Muito engraçado, a mesma piada que Adriano fez — disse, rindo, e eu fiz uma careta.

— Retiro minha piada. — Fiquei um tempo em silêncio. — Por que ele e a Maria Manuela terminaram?

— Ah, não deu certo, eles ficaram juntos bastante tempo, mas começaram a brigar demais. Adriano queria voltar, mas aí, você sabe... — Ele pareceu um pouco sem graça.

— O quê? — indaguei, confuso.

— Eles tinham terminado há pouco tempo quando vocês se encontraram no *Bootcamp*. E então, ela engravidou.

— Papai, papai — Lucca chamou, querendo sair da piscina e graças a Deus levantamos.

Minha calça novinha da *Brunello Cucinelli*<sup>[22]</sup> já estava toda suja. Eu sabia que não deveria ter colocado aquela roupa para um evento de criança, mas ela tinha ficado foda em mim.

— Tem certeza de que quer voltar? Manuela tinha falado que esses pais eram competitivos, mas fiquei bem assustado, para ser sincero.

— Manuela só não aprendeu ainda como lidar. Ela não costuma socializar demais com a Giovanna nas festas porque... Na real, ela tinha medo de encontrar você ou alguém próximo.

Engoli em seco, lembrando das cartas, mas Guilherme percebeu minha mudança de postura e continuou:

— E, na real, a própria Manu é competitiva, a hora que ela se soltar, fodeu — ele concluiu, rindo. — Ah, e se você achava que ela

era competitiva na faculdade, sábado que vem você vai ver quando formos jogar *War*.

— Sábado que vem?

— Sim. Vamos jogar sábado lá em casa. A Manu não te avisou?

— Não. Achei que vocês jogassem sempre no nosso apartamento — comentei, lembrando que Manuela disse que eles sempre se reuniam lá.

Assim que eu disse a frase, a palavra “nossa” ecoou na minha cabeça e uma espécie de formigamento pinicou minhas beiradas. Era estranho mencionar o apartamento como se fosse “minha casa” ou algo parecido, mas o mais bizarro de tudo era pensar involuntariamente naquilo.

E a verdade é que agora me parecia estranho pensar no meu apartamento vazio como lar.

Sem Giovanna.

Sem os brinquedos espalhados.

Sem uma decoração horrorosa em um dos cômodos.

Sem ela.



*Bem, eu sou um rei abelha, bebê  
Quero que seja minha rainha  
Juntos podemos fazer mel  
O mundo nunca viu*

**:: I'M A KING BEE - THE ROLLING STONES::**

*Dante Perazzo*

O restante da festa até que não foi tão ruim, mas depois de algum tempo, as crianças começaram a ficar sonolentas e aproveitamos para ir embora. Já estava exausto com todo aquele absurdo da idiota da Fabíola.

— Acha que nossa filha é devagar? — perguntou um pouco triste quando estávamos na cozinha, depois de colocar a Giovanna no berço.

— Claro que não, Maria Manuela, está louca? Aposto o que quiser que você já leu uns vinte livros e que todos dizem que é super normal o tempo que ela está levando para aprender as coisas. Ou estou errado?

Ela negou com a cabeça.

— Fora que todos os que eu li também diziam isso. Você está se deixando influenciar pela babaca da Fabíola e questionando sua

própria inteligência, o que eu acho meio bizarro, pra ser sincero. Você não é essa pessoa.

Manuela estreitou um pouco os olhos, como se estivesse me analisando. Havia um toque de surpresa misturado com deboche. E eu entendi exatamente o que fez suas expressões ficarem daquele jeito. A forma como eu estava falando sobre sua personalidade era quase como se eu soubesse exatamente quem ela era, de um jeito que costumamos nos referir a pessoas próximas.

A verdade é que eu a conhecia. Bem demais, até. Eu estudei cada detalhe daquela mulher por anos devido a toda competição que criamos na época de faculdade. Ah, e pelo simples prazer de atormentar a sua vida.

Eu reparei, logo no primeiro ano, que seus lábios tremiam levemente no canto superior direito quando ela ficava sem resposta. Entendi que sua pontualidade era insuportável, que Manuela se entupia de café antes dos nossos debates e que era teimosa pra caralho. Sabia que se irritava mais quando eu era um babaca com seus amigos do que com ela mesma, que seus olhos sempre encontravam os meus antes que ela pudesse analisar o ambiente quando estávamos no mesmo lugar.

E mais uma infinidade de coisas.

Dom sempre me ensinou a estudar bem o “oponente” e eu era muito bom no que fazia.

— E Manuela, foda-se que a menina conta em alemão. Eu aprendi essa porra e não lembro nada. Em breve, Giovanna vai pra escola e vai falar várias línguas também. E eu tenho muito mais dinheiro que essa imbecil, eu matriculo nossa filha em todas as aulas existentes para bebês no Rio de Janeiro. Ou em qualquer lugar do país, se você quiser.

— No país?

— Eu tenho um jatinho.

— Já te disse que não é motivo para orgulho... E você precisa dizer isso toda hora? — Ela abafou uma risada e revirou os olhos.

— Sim. E se eu me estressar demais, dou um jeito de enfiar aquela família chata e mandar pro Japão dentro dele — comentei em um tom divertido e ela gargalhou.

— Seria ótimo.

Fiz uma pausa e decidi perguntar o que estava rodeando minha cabeça desde o momento em que Guilherme mencionou a noite de jogos:

— Guilherme falou mais cedo sobre jogarmos algum jogo na casa dele sábado, mas você não me disse nada. Posso ficar aqui se não quiser que eu vá — comentei, bebendo um copo de água.

— Ahn... — Sua boca se entreabriu e ela pareceu confusa. — Eu não... O Gui te chamou?

— Sim, mas não me importo em ficar em casa, se você não quiser...

— Não — ela me interrompeu. — É que foi uma sugestão do Adri e ele falou para irmos para a casa da Ju e eu... Bem, eu estava um pouco confusa com isso, mas se o Gui falou com você, tudo bem.

Claro que esse filho da puta tinha sugerido outro lugar. Ele me queria longe para poder ficar dando em cima da minha mulher.

*Minha mulher.*

Que porra, Dante?

Meu Deus, eu precisava superar a desgraçada da Maria Manuela. Porque por mais que ela fosse “só minha” na cama, sabia que cogitar um relacionamento com aquela mulher era impossível.

Além do mais, eu não tinha intenção de namorar.

Eu só queria que ela não ficasse com mais ninguém além de mim.

E não queria outros homens olhando para ela.

E a ideia de saberem que ela estava indisponível era muito agradável.

Porém, era só isso. Nada de namoro.



*Maria Manuela Guerra*

A semana seguinte passou voando e a cada dia eu e Dante parecíamos mais conectados. Tudo parecia ótimo e até mesmo minha relação com a Paola teve uma evolução. Ela estava apaixonada por Gio, era nítido pelo jeito como olhava para ela, toda derretida.

Sempre levava presentes e obviamente minha filha adorava. Não era à toa que Dante havia sido uma criança tão mimada, ela estava tentando fazer o mesmo com a Giovanna. Os dois estavam, na verdade.

Apesar da minha preocupação com todo o “consumo exagerado”, eu decidi ignorar. Já havia privado a convivência entre eles por tantos meses, não iria colocar empecilhos agora. Giovanna parecia gostar muito dela, principalmente quando ela cantarolava uma música para fazê-la comer, era instantâneo.

Ainda que estivesse feliz, era possível ver no rosto de Paola os efeitos dos estresses. Dante havia me dito que a situação entre ela e seu pai continuava ruim. Ele não aceitava a Giovanna e também não admitia que sua esposa quisesse ser presente na vida dela.

Toda vez que a mãe do Dante me encontrava, soltava algum comentário sobre como seria maravilhoso se nós fôssemos morar em um dos milhares imóveis que a família tinha, mas sempre deixei claro que não pretendia sair da minha casa.

Eu e Dante sequer tínhamos alguma relação. Ok, nós transávamos e morávamos juntos, mas era só isso. Não éramos namorados nem nada do tipo, nem para Julia, que era minha melhor amiga, eu tinha contado que estava transando com ele.

Ainda assim, estávamos bem “inseridos” um na vida do outro. Eventualmente, almoçávamos juntos e naquela semana até mesmo o *irmão derramador de petróleo* se juntou a nós.

Ele também tinha me chamado para ir jantar em uma das noites com um de seus amigos, o Yuri. Outro herdeiro que esbanjava dinheiro por aí (sim, era muito assustador a quantidade de pessoas que viviam das heranças das suas famílias, mas uma vez que você era inserida nesse mundo, aparecia um a cada esquina e todos meio que se conheciam).

De qualquer forma, os dois eram bem próximos e ele estava ansioso para conhecer a Giovanna. Não sabia ao certo o motivo do convite, porque nós não éramos namorados nem nada do tipo, mas acabei indo porque ele me disse que iríamos em um restaurante com um dos melhores Carbonaras do Rio de Janeiro, de um chef que tinha ficado famosinho por conta de um *reality show* com a Lexie Taylor<sup>[23]</sup>.

E eu fui pela comida, obviamente.

O quão bizarro era o fato de que eu ainda preferisse o carbonara dele?

Cheguei à conclusão de que gostávamos da companhia um do outro quando não estávamos brigando. Então, aqui estávamos nós três, na soleira da casa dos meus melhores amigos para uma noite de jogos.

Adriano abriu a porta, mas seu sorriso se fechou no mesmo instante que viu Dante logo atrás de mim. E eu fiz a coisa mais sensata naquele momento: fingi uma cara de paisagem e fui entrando.

— Se não é a família mais improvável do nosso país *Errejota*<sup>[24]</sup> — Antonio brincou quando entramos.

— Antonio pediu para vir hoje, acho que se irritou com a menina que trabalha com ele e disse que precisava de álcool — Julia contou baixinho, rindo, passando logo atrás de mim e depois me puxou para um canto. — Não sabia que o Dante vinha, quando Adriano me perguntou se podíamos jogar aqui, achei que fosse por conta dele.

— O Gui chamou — expliquei e ela abafou as gargalhadas.

— Isso vai ser ótimo.

— Não, vai dar merda — avisei.

— Manuela, posso falar com você? — Adriano perguntou e Dante me olhou de canto de olho enquanto levava a Giovanna até onde o Lucca estava.

Meu ex-namorado me direcionou até o jardim da casa da sua irmã e eu já estava prevendo toda a falação.

— Por que caralhos você trouxe o Dante, porra? — ele quase gritou quando chegamos.

— Adriano, foi o Gui que chamou o Dante.

— Você... É sério isso? — Era possível ver a irritação pela veia que saltava no seu pescoço.

— Sim, ele me disse. E por favor, Adri, não faz um escândalo, ok? As crianças estão na sala e não quero que fique um clima de merda. Vamos apenas jogar e pronto.

— Sinceramente, isso é inacreditável! — resmungou, soltando o ar.

— Adriano, pelo amor de Deus, somos todos adultos e...

— Ok, Manuela — me cortou, sem muita vontade.

Guilherme e Dante foram até o jardim com as crianças no colo e o loiro me acompanhou com os olhos.

— Viu? Coloquei um adesivo do Fluzão, não é, Lucca? — Meu amigo mostrou o carrinho elétrico que Dante tinha comprado para seu filho, animado.

— Meu Deus, Guilherme, que coisa brega. Ninguém colocaria um adesivo de time em uma *BMW* — Dante se lamentou, olhando para o brinquedo como se ele tivesse sido destruído.

Giovanna estava tentando escalar o carrinho e ele a posicionou dentro, ajudando-a a andar, porque ela era muito pequena para conseguir sozinha.

— Sério, é ridícula essa proximidade dos dois — Adriano disse com um tom bem ranzinza e saiu andando para dentro da casa, pisando forte.

— Eu vi essa semana um *Mini Jeep* que cabe os dois! Vou comprar — Dante anunciou alto, dando risada.

— Dante, pelo amor de Deus! Pare de comprar carros para crianças com menos de dois anos! Eles nem conseguem andar nesse direito — Julia lembrou, surgindo pelo jardim.

— Sim, Dante. Eu sei que é muito necessário que você compre outro carrinho, mas vamos ao menos esperar eles conseguirem andar? — eu perguntei cheia de desdém, me aproximando deles.

— E você está achando graça porque o da Giovanna ficou na casa da Mônica. Leva pro apartamento, vai ser superdivertido quando ela começar a quebrar todos os móveis — Julia disse, rindo.

— Não é uma má ideia — Dante ponderou com um sorrisinho para mim. — Tem uma escrivaninha que a Gio está louca para

atropelar, certeza.

— E eu estou louca para dar com ela na sua cabeça. — Dei um sorriso falso, fazendo todos rirem.

— Devíamos mudar para uma casa com jardim — ele disse, sério, olhando no fundo dos meus olhos, da maneira que fazia quando estávamos só nós dois.

Engoli em seco, sentindo cada poro do meu corpo se arrepiar. Algo naquela frase fez com que tudo dentro de mim desmoronasse e eu nem conseguia entender o motivo.

— Não é o melhor momento pra discutir isso — falei baixinho, sentindo meu rosto corar apenas pelo jeito como ele me encarou.

— Cospe isso, Gio! COSPE! Pelo amor de Deus — Guilherme gritou e corremos até os dois. — Não, Lucca, não é pra imitar!

Eles estavam colocando os gnomos sujos de jardim na boca, rindo, felizes.

— Não pode colocar isso na boca, Giovanna. Que nojo, filha!

— Dante a pegou no colo, fazendo uma careta enquanto tentava limpar toda a cara dela suja de baba e terra e Guilherme fez o mesmo com Lucca.

Ele olhou para a mão e ao seu redor, percebendo que não havia nenhum lugar para limpar. Meu Deus, como era fresco!

— Limpa na sua calça, Dante.

— Na minha...? — Sua voz chegou até mesmo a ficar fina, tamanha indignação.

— É só baba. Da sua filha. Que te baba o dia inteiro.

— E terra! — retrucou, ainda chocado com a minha sugestão.

— Eu não vou passar terra na minha calça de linho italiano.

Ele foi resmungando enquanto entrávamos na casa e eu apenas estava rindo e revirando os olhos por todo aquele exagero. Deixamos as crianças no cercadinho, colocamos nossas bebidas nas taças e sentamos na mesa redonda da sala.

Eu adorava o apartamento dos meus amigos. Ele era bem mais cheio de plantas do que o meu, com móveis de demolição e uma decoração bem rústica. Havia fotos nossas por todos os lugares e uma penca de livros que eu tinha dado para eles ao longo dos anos.

Porque livros eram os melhores presentes do universo, obviamente.

Isso era uma coisa que me chamava a atenção em Dante. Ele gostava de ler também, sempre gostou. Eu sempre o via com algum exemplar na mão durante os *Bootcamps* quando ele não estava usando seu tempo para ser um babaca.

E Deus, como ele ficava gostoso com seus óculos de leitura. Eu só tinha tido a oportunidade de ter aquela visão maravilhosa algumas vezes pelo apartamento e confesso que a vontade de pular no pau dele quase tomou conta do meu corpo.

A primeira vez que o vi foi na reunião de jogos que fizemos no apartamento e acho que fiquei meio desconfigurada pelo restante da noite. E duas noites atrás, eu pude fazer isso sem me preocupar com o que Dante pensaria.

Graças a Deus pelas fodas casuais dentro do apartamento com o cara que sempre odiei e que também era o pai da minha filha.

Uhul! Viva a logística!



*Mas quando eu chego em casa  
Eu vejo que as coisas que você faz  
Você me faz sentir bem  
Aow!*

:: A HARD DAY'S NIGHT – THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

Eles começaram a distribuir os objetivos do jogo e eu ignorei o fato de que Adriano estava resmungando e de cara feia. O meu era conquistar a Europa, Oceania e mais um continente à minha escolha.

O tempo foi passando, fomos jogando e basicamente todos os ataques de Dante eram em Adriano e vice-versa. Claro que eles atacavam outras pessoas para disfarçar, mas provavelmente a missão de um era destruir o outro, o que era meio irônico na verdade. Antonio também me atacava bastante e fui perdendo alguns territórios. Analisei cada um deles e em pouco tempo, eu já tinha quase certeza do objetivo de cada um no jogo.

- Manu, porra, para de me atacar — Gui pediu, irritado.
- Você está no meu caminho, é óbvio que vou te atacar.
- Ataca a Julia, então — sugeriu.

— Ei! Não me ataque ou vai ficar sem bebida — minha amiga me ameaçou.

— Ela tem um bom ponto, Gui. Desculpa!

— Fique tranquila, Manu, não vou te deixar sem bebida. Pode atacar os dois — Adriano disse e dei uma risada.

— Deveria focar em não perder seus territórios, Adriano. Você já está quase sem nenhum — Dante implicou, cheio de sarcasmo.

— Adriano está sendo aniquilado do mapa pelo Dante — meu primo comentou, rindo, e ele lançou um olhar de raiva em sua direção.

— Julia, porra! Você também? — Guilherme reclamou.

— É bom ser traído pela própria família, não é, Guilherme? — Adriano disse, sugestivo, e ele o olhou confuso.

— Manu, se você atacar Guilherme na China, vou na cozinha encher sua taça. Bora! — Antonio falou e recebeu alguns xingamentos do restante do grupo.

— Ei, vocês não podem fazer alianças! — Adriano resmungou.

— Eu posso fazer o que eu quiser — respondi, atacando Guilherme.

Na mesma hora, meu primo comemorou alegremente e foi até a cozinha colocar mais bebida para mim. Eu já estava começando a ficar feliz demais, falando alto e perigosamente solta. O meu jeito competitivo nos jogos piorava muito quando álcool estava envolvido.

Não demorou para Dante me atacar e eu o olhei cheia de ódio.

— EU TE DEI UMA FILHA E É ASSIM QUE VOCÊ RETRIBUI? — gritei e ele deu uma risada alta.

— Você estava no meu caminho. — Ele deu de ombros.

— Eu te dei um filho também, Julia, para de me atacar — Guilherme choramingou, mas depois começou a rir.

— Como ninguém deu filhos pro Adriano, a gente pode atacar ele então?

— Vai dar meia hora de cu, Antonio! — ele retrucou.

Depois de algum tempo, Dante eliminou Adriano do jogo e fiquei levemente irritada, achando que ele tinha ganhado, mas pelo visto aquele não era seu objetivo.

— Você não ganhou? — perguntei, confusa.

— Não.

— Achei que seu objetivo fosse me destruir — meu ex falou, perplexo, cruzando os braços.

— Não, Adriano, isso eu fiz por prazer.

Julia quase se engasgou rindo, mas em menos de dois segundos o clima pesou, porque Adriano soltou:

— Nossa, você realmente não nega o sangue que tem, não é? — alfinetou, referindo-se ao fato do pai de Dante ter roubado as terras da família dele.

— Não vamos começar um embate dentro da minha casa. Ouviu, Adriano? — Julia pediu para o irmão, séria, e ele e Dante se fuzilaram com os olhos, respondendo apenas com um meneio.

Nós continuamos o jogo em um clima meio bosta, que durou alguns minutos. Ao final, eu estava quase perto de completar meu objetivo, mas Antonio foi mais rápido e eu fiquei muito revoltada porque odiava perder as partidas.

— Ridículo, mal chegou e já quer sentar na janela? — resmunguei para o meu primo e ele riu.

— Aceita, Manu, sou melhor que você.

— Não, você não é. Apenas teve sorte — disse com raiva.

— Chega desse jogo, vamos jogar Jogo da Vida! — Julia gritou, animada. — Só que temos que jogar em dupla porque alguns carrinhos sumiram.

— Um dia inteiro rezando e garimpando o cocô do Lucca pra ver se ele não tinha comido essa merda — Gui lembrou, passando as duas mãos no rosto e nós rimos.

— Faço dupla com a Manu — Adriano avisou e Dante nem tentou disfarçar ao revirar os olhos.

— Eu com Julia! — Guilherme disse e então o Antonio soltou um muxoxo.

— Parece que sobramos, Dante.

Nós checamos as crianças, brincamos um pouco com elas e comemos pizza enquanto explicávamos as regras básicas para o

Dante (que não sei como nunca tinha jogado).

Começamos e Julia e Guilherme caíram na profissão “advogados”. Dante e Antonio caíram na casinha de “médicos” e eu Adriano caímos na pior opção, que era “diploma universitário”, era a que ganhava menos.

Qualquer semelhança com a realidade...

Que ótimo, já tinha começado mal. Nós continuamos até passar pela parte do tabuleiro em que todos os participantes precisavam parar e casar.

— Casamos de novo, meu amor — Julia comemorou, feliz, dando um beijo no seu marido.

Minha melhor amiga já estava completamente bêbada, anos-luz na minha frente.

— Own, Adriano e Manuela casaram! Achei que esse momento só aconteceria nos sonhos do Adri — Antonio zombou quando passamos pelo local com o carrinho e logo em seguida exclamou: — Oh meu Deus, agora eu sou um Perazzo! — E colocou a mão no peito, fingindo estar emocionado e todos riram.

— Que ótimo, meu pai vai adorar saber disso — Dante disse de modo divertido.

— Tivemos gêmeos, Manu! Sempre te disse que isso ia acontecer — Adriano brincou e eu ri alto, porque ele sempre falava isso quando namorávamos mesmo.

— Ô, Adriano, não sei se percebeu, mas isso não é a vida real. Tenta não ficar tão animado — Dante comentou com ironia e eu lancei um olhar de repreensão para ele, que apenas sorriu de canto de lábio.

— Ai, Dan! Nós tivemos outra menina, eu sempre te disse que isso ia acontecer! — meu primo imitou Adriano com uma vozinha fina e Dante gargalhou.

— Porra, Antonio, você é chato pra caralho — Adriano reclamou.

— Sabe que ele só implica com você porque sabe que se irrita — murmurei e ele apoiou a mão na minha, dando um meio-sorriso.

Tirei a mão rapidamente quando vi que Dante me fuzilava com os olhos, claramente irritado com nossa proximidade.

— Ah não, um bode comeu nossas orquídeas — Julia se lamentou, triste, quando caiu em uma casa de azar e depois gritou para o tabuleiro, entre as risadas: — Espero que morra engasgado, seu maldito!

No meio do jogo, Antonio e Dante estavam cheios de dinheiro e com o carrinho lotado de filhos. Os dois já estavam bem alegrinhos e na maior intimidade, achando graça de tudo. Minha sorte era nula e o álcool não estava ajudando com que eu ficasse calma. O Adriano era péssimo em tirar os números certos, já estávamos devendo ao banco e eu estava sem paciência alguma.

— Eu te falei para fazer o seguro da casa, agora vamos ter que pagar isso tudo. Vamos ficar quase sem dinheiro — resmunguei, irritada, nem tentando mais amansar o meu lado competitivo. — Poxa, Adri, eu te disse que isso podia acontecer, você não me ouve!

— Fala sério, Manu. Não achei que isso fosse acontecer.

— Se quiserem, podem pegar as notas promissórias com Antonio e o Dante — Julia sugeriu.

— Não — seu irmão respondeu, seco.

— Precisamos do dinheiro, Adriano. Anda, vamos sim pegar as notas — decidi. — Passa pra cá, Dante. Você já tem muito dinheiro.

Ele estreitou os olhos para mim e cochichou:

— Já te disse que tenho um jatinho? — brincou, dando um sorrisinho de cumplicidade pela nossa brincadeirinha.

Senti meu rosto corar e meu coração acelerou.

Deus, eu era uma perfeita idiota!

Bêbada estúpida!

Durante algumas rodadas, Antonio e Dante ficavam nos cobrando, implicando que estávamos devendo dinheiro a eles e nesse meio-tempo, tiveram mais filhos.

— Manu, vocês vão falir em breve — Guilherme avisou.

— Não me diga, você percebeu isso sozinho? — perguntei com desdém e ele arregalou os olhos. — Ai, Adriano, vou pedir o divórcio, já chega! Não temos futuro, você acabou com nossas economias! — decretei entre as risadas.

— Poxa, isso foi cruel — ele disse baixinho e me olhou, chateado.

Pisquei duas vezes, sem entender.

— Estava brincando, Adri — ressaltei, mas ele continuou com a mesma cara.

— Maria Manuela, eu não sei sobre os seus, mas os meus filhos com o Antonio já têm ótimas profissões e são os melhores da área, tudo isso porque eles não comem glúten — Dante zombou e eu simplesmente comecei a gargalhar tanto que caí da cadeira e fiquei sentada no chão.

Todos estavam rindo, menos Adriano, que parecia não ter entendido a piada. Ele ficou me encarando confuso e estendeu a mão para que eu me sentasse novamente na cadeira.

— Dante... — eu tentei dizer, ainda ofegante, tentando cessar as risadas.

— É sério, Manu, deveria colocar seus filhos para aprender alemão — Guilherme sugeriu e eu explodi junto com Julia.

— Dante, falando nisso... A Julia me contou que você empurrou um vaso e colocou a culpa em uma criança de 1 ano e meio — meu primo disse e eu voltei a rir.

— Sim, ele fez! — eu respondi, gargalhando ainda mais.

— Do que vocês estão falando, porra? — Adriano interrompeu, já sem paciência.

— Da filha da Fabíola. Como é o nome dela mesmo? *KIMICO*? — Antonio zombou.

— Socorro! — eu gritei, não me aguentando de tanto rir, caindo novamente no chão.

— Meu Deus, como você é quinta-série, Antonio. — Gui balançou a cabeça. — Fazendo *bullying* com o nome da criança.

— Não é *bullying* se ela não está aqui! — ele se defendeu.

— Meu Deus, isso é muito errado — falei, tentando comprimir os lábios.

Dante me olhava entretido, abafando as risadas. Quando fui levantar do chão, dei com a cabeça na mesa e na mesma hora soltei um gemido de dor. Dante e Adriano abaixaram no chão ao mesmo tempo para checar se eu tinha me machucado.

— Por Deus, Manu. Você está bem? — Adriano veio até mim, segurando minha mão.

— Cuidado, Maria Manuela, porra! — Dante exclamou, olhando-me levemente preocupado e, em seguida, estendeu a mão para que eu levantasse.

Eles se olharam com raiva enquanto me ajudavam a sentar na cadeira novamente.

— Quem colocou a mesa aqui? — brinquei, dando uma risada fraca e massageando minha cabeça. — Julia, você tem um pote de sorvete ou...

— É sério isso? — Dante perguntou, incrédulo, olhando para mim, tentando não rir. — Mulher, você comeu meio pote de sorvete hoje e ainda tem mais quatro dos que eu comprei outro dia pra você.

O silêncio se instaurou no ambiente e todos pareceram olhar com uma expressão estranha para nós dois.

— Não é pra comer, idiota. É pra colocar na minha cabeça, poxa. Está doendo.

— Vou pegar um pouco de gelo — meu melhor amigo avisou, indo até a geladeira. — Sorvete? Você queria colocar sorvete na cabeça? Qual é o seu problema?

Adriano foi em direção a Guilherme, pegou o saco de gelo e ficou segurando na minha cabeça. Nesse meio-tempo, Dante voltou a sentar no seu lugar, parecendo aborrecido.

— Ah, eles dormiram! — Julia comemorou baixinho quando viu Gio e Lucca deitados no chão, com as cabeças nos travesseiros que havíamos colocado no cercadinho e os dedinhos na boca.

— Valeu, Adri — agradeci, afastando sua mão gentilmente e ele deu um sorriso.

Fiquei mais um tempinho com o gelo e depois voltei para a mesa. Nós terminamos a partida e eu já estava com tanta dor de cabeça que nem me importei com a derrota de lavada que tivemos.

Fui até o banheiro e na volta parei na cozinha, vendo que Julia estava organizando a louça. Ofereci minha ajuda e comecei a lavar alguns copos até que senti a minha amiga se aproximando sorrateiramente.

— Vocês estão trepando, sua vadia, e não me contou nada — ela disse baixinho em um tom divertido.

— O quê? — gaguejei.  
— Não se faça de idiota — avisou e eu bufei.  
— Como você sabe essas coisas? — Cruzei os braços, perplexa.

— Primeiro, pela forma que vocês estão se olhando. O Dante parece que quer tirar sua roupa o tempo todo — ela começou pontuando, cheia de prepotência por sua descoberta. — Segundo, quando ele disse pra vocês comprarem uma casa com jardim, você ficou com um olhar idiota na cara. Terceiro, toda vez que meu irmão fala alguma coisa de vocês dois, o idiota retruca, porque não está se aguentando. E quarto e o mais importante: ele comprou sorvete pra você. Que tipo de homem faz isso pra alguém por fazer?

Ela parou, refletiu e quando eu abri minha boca para contestar, ela abriu um sorriso maléfico.

— Na verdade, vocês não estão só fodendo, estão apaixonadinhos — implicou entre as risadas.

— Não fala merda, Julia. “Apaixonadinhos” — repeti em um tom descrente.

Era só o que me faltava agora.

— Pode se enganar o quanto quiser. — Ela deu de ombros e saiu da cozinha com um sorriso satisfeito no rosto.

Meu Deus, como a Julia era insuportável.



*Apesar de todo perigo  
Apesar de tudo o que pode ser  
Farei qualquer coisa por você, qualquer coisa que você quiser que  
eu faça  
Se você for verdadeiro comigo*  
**:: IN SPITE OF ALL THE DANGER – THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

Saí da cozinha e reparei que todos estavam ajeitando a bagunça na mesa. Falei com Dante para organizar as coisas porque já estava ficando tarde e ele assentiu, avisando que ia até o banheiro.

Notei que Adriano não estava no cômodo e fui até o jardim, para encontrá-lo olhando para o nada, pensativo. A noite estava agradável, com uma brisa gostosa que parecia ressoar nas folhas das árvores, quase como um sussurro.

— Eu sinto falta do jardim da sua antiga casa — confessei, lembrando das noites em que passávamos no jardim apenas conversando quando éramos mais novos. — Era um dos meus lugares preferidos.

— Era o meu também... — falou, olhando para o céu e soltando o ar, cansado.

— Ei, está chateado comigo porque eu disse que queria pedir o divórcio? — perguntei em um tom divertido.

— Não, apenas pensativo por você ter dito que não tínhamos um futuro. — Ele se virou e me olhou nos olhos, a decepção presente em todo seu semblante.

— Adriano, é só um jogo, eu estava brincando.

Não era possível que ele realmente estivesse triste por uma fala tão idiota sobre um jogo.

— Acha que temos algum futuro, então? — ele perguntou sério, chegando perto de mim e encostando no meu braço.

— Por que está me perguntando isso?

— Manu, quero falar sobre a gente — insistiu.

— Adriano, não existe “a gente”. Sabe muito bem disso — voltei a dizer e ele me olhou triste.

— Mas poderia voltar a existir. — Ele se aproximou. — Sabe o motivo daquele jardim ser o meu lugar preferido, Manu? Foi onde eu descobri que estava apaixonado por você, onde tivemos tantas memórias maravilhosas.

— Nós já conversamos sobre isso, Adriano — tentei com muita calma. — Isso não faz sentido.

— Sim, faz. E você sabe muito bem que se não fosse pelo...

— Ele fez uma pausa. — O que aconteceu, nós estaríamos juntos até hoje.

Não, nós não estaríamos. Quando eu terminei com ele, não tinha nenhuma intenção de voltar. Tudo bem que tivemos umas três recaídas um pouco antes de eu encontrar com o Dante, mas foi a carência. Eu estava transando com caras aleatórios e mesmo que minha vida sexual estivesse incrível, em alguns momentos, eu sentia falta do afeto. Além do mais, o nosso sexo era bom. Tudo bem que, no início do namoro, demoramos um pouco para ajustar as coisas, mas depois deu certo.

— Manuela, vamos? — Dante apareceu na porta, claramente irritado.

— Puta merda, você não percebe quando duas pessoas estão conversando? Caralho, Dante, você é muito inconveniente! — Adriano quase gritou.

— Maria Manuela — ele me chamou, ignorando-o, deixando claro que estava falando comigo, os olhos fixos nos meus. — Você disse que queria ir embora. Vamos?

— Adriano, eu tenho que ir. A Gio está um bom tempo dormindo no chão — ele bufou. — Não fica chateado comigo, ok? Estava brincando.

Dei um abraço rápido nele, mas quando fui tentar sair, percebi que ele me segurou por mais alguns segundos antes de me soltar. Percebi que Dante estava de braços cruzados, esperando impacientemente quando me afastei.

Voltamos para dentro da casa e ele pegou Giovanna. Ela se encolheu ainda mais, se ajeitando confortavelmente nos seus braços.

— Dante, você vai trocar o nosso lar pra ir embora com a Manu? Esperava mais de você como marido — meu primo brincou, fazendo todos gargalharem.

Nós nos despedimos e voltamos em absoluto silêncio. Tentei puxar assunto, mas ele me deu alguns cortes. Assim que chegamos no apartamento, Dante foi direto para o quarto de Giovanna para colocá-la no berço.

Estava na cozinha mexendo no celular até que ele passou por mim em direção ao filtro de água.

— Vou dormir, boa noite — anunciou, depois de beber todo o conteúdo do copo.

— Ei! Eu tinha mais um jogo em mente... — Segurei seu braço e me aproximei, falando em um tom malicioso, até que notei que ele estava com o maxilar travado e bem irritado. — O que foi? Por que está assim?

— Nada, Maria Manuela — disse seco. — Estou com sono, vou dormir.

— Por que está sendo grosso? — perguntei, chateada.  
Ele ficou me encarando um tempo em silêncio.

— Hein?

— Estou puto! Não vou ficar vendo aquele babaca dar em cima de você na minha frente — avisou, deixando a raiva ecoar por cada palavra. — Quero que conte pro Adriano que estamos juntos — disse por fim.

Era só o que me faltava agora.

— Oi? — indaguei, achando graça e ele me olhou com mais raiva.

— Você é minha. Avise isso pra ele — respondeu, ríspido.

— Tá falando sério? Quer que todo mundo saiba que sou sua? Vai me pedir em casamento? — Dei uma risada, entretida com minha própria piada e depois percebi o que eu tinha dito.

Eu realmente deveria evitar beber.

— O-o quê? — Dante gaguejou, claramente desconfortável.

— Quem falou em casamento, você... Você está louca? Da onde tirou isso? — O pânico no seu rosto era visível e achei divertido.

— Calma, é só uma piada!

— Manuela, estou falando sério. Não estou com paciência — disse, cruzando os braços.

— Isso é ridículo, sério — falei, balançando a cabeça. — O que você quer, Dante? Não vou dizer para as pessoas que estamos fodendo por todos os cômodos da casa só pra você se sentir melhor com isso.

Ele soltou um ruído de incredulidade e colocou uma das mãos na cintura. Dava para ver o quanto ele estava incomodado com toda aquela situação e irritado como se eu não estivesse entendendo seu ponto.

— Não quero que diga isso. Quero que diga que estamos juntos!

— Juntos como?

— Como juntos, Maria Manuela? Como as pessoas normalmente fazem. Namorando, ué.

Pisquei, um pouco confusa. O que aquilo queria dizer? Ele estava me pedindo em namoro? Será que eu tinha bebido tanto a ponto de ouvir coisas aleatórias?

— É sério isso?

— Manuela, não sei se você percebeu, mas já te engravidiei, moramos juntos e transamos feito dois coelhos no cio. Estamos juntos, queira você ou não, porque até onde me disse, você não está com mais ninguém e eu também não estou. Que diferença faz como chamamos isso?

— Nossa, essa é realmente sua forma de me pedir em namoro? — perguntei, irritada. — Não vou te namorar por conveniência só porque tivemos uma filha ou moramos juntos e transamos. Ou pior, porque você está com ciúmes do meu ex.

Era só o que me faltava! O que ele achava? As coisas não podiam ser dessa forma. Agora eu estava com bastante raiva pelo jeito como ele estava tratando aquela situação.

— Ei! Desculpa, não...

Dante suavizou os movimentos, segurou meu maxilar com uma das mãos e olhou fundo nos meus olhos. Ele respirou fundo, parecendo estar tentando escolher alguma palavra.

— Eu não estou acostumado com essas coisas de relacionamento. Menos ainda quando você está envolvida. Só quero te explicar que não é nada demais a gente namorar.

— Não me parecem os motivos certos. Pessoas namoram porque se gostam, porque estão apaixonadas, não por comodidade. E até onde eu sei, você me odeia... — lembrei e ele deu uma risada rouca que tremeu as minhas pernas.

— Claro e minha aversão por você tem sido quase poética, não é? Principalmente na cama — respondeu cheio de sarcasmo.

— E se vamos por esse caminho, linda, odiar alguém é a base de todos os relacionamentos saudáveis.

— Ah, sim, poética é definitivamente a palavra.

— Gosto de você, Maria Manuela. Sabe disso, não seja idiota. E eu também sei que você gosta de mim. — Ele deu um sorriso prepotente.

Era incrível como se achava!

Só que em partes seu pensamento não era totalmente errado. Eu gostava dele, por mais que fosse estranho aceitar e admitir isso. Além disso, nós tínhamos uma filha. Talvez valesse a pena dar uma chance para aquela relação, por mais que parecesse loucura.

— Queria ter sua autoestima — afirmei e ele riu, colando o corpo no meu e começou a beijar meu rosto e depois minha mandíbula.

— Estou errado? — perguntou baixinho no meu ouvido.

— Pode ser que esteja — respondi com a voz falhada, já fechando os olhos.

— Vou te provar que não estou.



*Se você me deixar  
Ficarei triste  
Não me deixe nunca  
Estou tão apaixonado por você*  
:: BAD TO ME – THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

Acordei na manhã seguinte no meu quarto sem o Dante. Nós não tínhamos mais conversado sobre toda aquela história de namoro. Apenas transamos feito loucos e dormimos. Escovei os dentes e fui em direção à cozinha. Ele estava apoiado na bancada com minha caneca preferida em uma das mãos, Giovanna no colo e Ringo em cima da bancada se esfregando em seu braço.

— Minha filha, minha caneca e meu gato — resmunguei, cruzando os braços.

— Achei que soubesse dividir as coisas — ele zombou e eu ri.

Gio esticou as mãos querendo vir para o meu colo e eu a peguei.

— Você estava tomando café com o papai, meu amor?

— Xim — respondeu, sorrindo e balbuciou algumas palavras aleatórias.

— Como é o nome disso aqui, capivarinha? Fala pra mamãe  
— Dante incentivou mostrando uma colher.

— *Lher* — disse, felixinha.

— Que linda, Gio! Aprendeu outra palavra! — comemorei, enchendo-a de beijos e fazendo com que ela gargalhasse.

— *Ingo* — tentou, apontando para o gato. — Meu.

— Quer brincar com o Ringo, neném? — perguntei e ela negou com a cabeça.

Nós rimos e ele a colocou no chão para que ela brincasse com alguns bloquinhos de encaixe. Depois, voltou e me suspendeu no ar antes de me sentar na bancada e me puxar para um beijo.

Eu senti meu corpo derreter por inteiro.

— Eu fiz *waffle* — contou, sem parar de me beijar. — Pra alimentar o seu *alien*. Tá vendo? Eu gosto de você.

— Uhum — cantarolei, ainda de olhos fechados. — Estou começando a ficar bem convencida.

— E você gosta de mim porque eu não deixo o pobre ser que habita o seu corpo com fome — continuou, rindo, roçando o lábio pelo meu pescoço.

Ok, ainda estávamos naquele assunto. Senti um farfalhar no estômago diante da possibilidade da palavra “namoro” sair da sua boca. Chegava a ser ridículo, era como se eu tivesse quinze anos de novo. E eu nem queria namorá-lo até outro dia.

Que merda? Qual era meu problema?

— Você é ridículo, Dante! Espera... Você fez mesmo *waffles*? Desde quando temos uma máquina de *waffle*?

— Eu comprei.

— Meu Deus!

Ele deu uma risada contra minha pele.

— Eu, definitivamente, não gosto do seu consumismo.

— Ele faz parte de quem eu sou e já estabelecemos que você gosta de mim.

— Ah, é? — impliquei e ele continuou beijando meu pescoço.

— Sim. Você gosta da minha comida, de como eu sou lindo e gostoso... — Ele riu. — Das minhas piadas, de como eu tenho o melhor gosto para bandas, de como eu te fodo...

A última ele sussurrou no meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha e produzindo um arrepio que escalou por cada vértebra da minha coluna.

— Você tem o pior gosto para bandas, mas... Eu, de fato, amo quando você me fode — concordei baixinho.

— É, fica bem nítido. — Ele se afastou e deu um sorriso convencido.

— Já das suas piadas, ahn... Não sei... — Fiz uma careta de pena e ele estreitou os olhos, me fazendo rir.

— Vai comer logo, insuportável — ele bufou, pegando um dos pratos com o *waffle* e entregando na minha mão.

— Ah, o aniversário do Gui está chegando e a Julia quer fazer uma festa — comentei, cortando um pedaço da massa e reparei que Dante estava me olhando.

— E o Guilherme sabe disso? Outro dia ele me disse que odiava surpresas.

— Ele sabe. — Coloquei um pedaço na boca e dei um gemidinho, fazendo-o rir.

Dante sugeriu que fôssemos dar uma volta no Parque Chico Mendes para mostrar as capivaras<sup>[25]</sup> que tinham sido grafitadas no local por um artista que ninguém sabia quem era.

Nossa filha ficou alucinada com os desenhos e nós tiramos algumas fotos. Uma das funcionárias disse que normalmente havia algumas capivaras lá, mas elas só apareceriam no final da tarde, então, ele teve a brilhante ideia de irmos em um parque em Coroa do Sul que era cheio delas.

Eu tentei argumentar que seria perigoso, que não poderíamos nos aproximar e dei um sermão sobre carrapatos e a febre maculosa. Dante explicou que iríamos apenasvê-las de longe, que ele tinha um amigo que tinha sido atacado por uma e sabia que não deveríamos chegar muito perto.

Então, nós fomos até Coroa do Sul e demos uma volta no parque. Eu comprei um sorvete colorido no caminho e comecei a rir porque o pai da minha filha era um idiota e ficava fazendo caretas para Giovanna, que estava no canguru acoplado a ele.

Nós achamos uma árvore perto do lago de onde podíamos ver algumas capivaras ali, relaxando na beira da água. Gio chorou

um pouco porque queria ir até elas, mas nós tentamos explicar que ela não podia e eventualmente a garota esqueceu e ficou brincando com sua pelúcia.

— Vamos tentar andar aqui na grama, Gio? — ele sugeriu e ela bateu palminhas.

Eu me afastei um pouco e Dante segurou suas mãozinhas, ajudando-a a andar até onde eu estava. Nós ficamos ali por bastante tempo, soltando gradativamente suas mãozinhas como tentávamos fazer em casa.

Em algum momento, ela deu dois passinhos na minha direção e caiu no chão, mas antes que pudéssemos levantá-la, Gio apoiou as duas mãos, colocou o bumbum para o alto e se levantou sozinha.

Nós dois nos olhamos boquiabertos enquanto ela tentava se equilibrar sem ajuda nenhuma.

— Meu amor, parabéns, você levantou sozinha! — ela disse “*xim*” e bateu palminhas, quase se desequilibrando.

— Filha, parabéns! Isso, isso. Vem até o papai agora. — Dante se afastou um pouco, mexendo as mãos e ela o olhou, receosa.

Giovanna estava em pé, com as perninhas bambas tentando não perder o equilíbrio. Ela deu um passo, dois, três e se jogou nos braços de Dante, que a jogou pra cima, comemorando, fazendo com que ela gargalhasse alto.

— *Papapapapa* — balbuciou entre as risadas.

— Você conseguiu! — eu comemorei, indo até os dois, enchendo seu pequeno rostinho de beijos. — Ela conseguiu! — falei, com os olhos cheios de água e Dante deu uma risada e um beijo rápido nos lábios.

— Eu disse que ela ia conseguir. Nossa filha é foda! — cochichou.

Depois, apertou a menina e deu um beijo em sua bochecha.

— Você é muito inteligente, não é, neném?

— *Xim*.

Ela respondeu, séria, e nós rimos.

— E convencida que nem o seu pai também?

— *Xim*.

Dante jogou a cabeça para trás, gargalhando, e Giovanna passou os bracinhos em volta de nós dois. Eu suspirei, sentindo o cheirinho de shampoo da sua cabecinha. Aquela sensação de plenitude me preencheu como nunca tinha acontecido antes.

Naquele momento, eu tive a certeza de que éramos uma família, mesmo que não fosse das mais tradicionais.

— Em breve, Gio, nós vamos te treinar para correr e ganhar da Kumiko — Dante brincou, fazendo-me rir.

Ela fez um biquinho e mandou um beijo para mim, entre as risadas.

— Você está mandando beijo pra mamãe? — Ela sacudiu a cabeça positivamente e encolheu o nariz mostrando os dentinhos.

Sério, não havia criança mais linda no mundo inteiro do que a minha.

— Vamos encher a mamãe de beijos, capivarinha? — Dante perguntou, vindo até meu rosto com a Giovanna e distribuíram vários beijos enquanto eu gargalhava.

Nós ficamos incentivando que ela andasse um pouco mais e depois a menina começou a brincar com uns bloquinhos que estavam na bolsa. E nós continuamos ali, ambos apoiados em uma árvore, observando-a.

— Ela é tão lindinha que, às vezes, me dá vontade de esmagá-la — confessou, rindo, com o queixo apoiado no meu ombro.

— Sou um péssimo pai por isso?

— Claro que não! Eu tenho a mesma vontade — disse entre as risadas.

Dante estava brincando com meus dedos e olhou para baixo, apertando-os ainda mais entre a sua mão.

— Eu nunca pensei que sentiria o que eu sinto por ela — falou baixinho e suspirou. — Não sabia nem que isso era possível.

— Eu também não — afirmei, olhando para a bebê.

Ele puxou uma respiração e ajeitou a postura para que seu rosto ficasse próximo ao meu.

— Olha, sobre ontem... — começou a dizer, ficando sério. — Eu não queria que parecesse que estava propondo um namoro apenas por propor. Na verdade, eu não sabia que queria isso também. Acontece que eu quero. E quero pelos motivos certos.

Eu o encarei, buscando inutilmente ignorar as borboletas no meu estômago. Meu coração parecia acompanhá-las, pulsando em um ritmo diferente do habitual, derrubando todas as minhas incertezas, afastando os meus medos.

Dante me encarou, um misto de receio, carinho e cumplicidade. Havia tanto em seu olhar.

— Eu não consigo mais imaginar a minha vida sem a Giovanna... — Ele fez uma pausa. — E sem você.

Prendi o ar, incapaz de me mover, mas ele continuou:

— Não consigo superar você, mesmo que eu tente. Não consigo te tirar da minha cabeça, Maria Manuela. Essa é a verdade — ele suspirou, como se estivesse irritado consigo mesmo. Eu entendia a sensação. — E sim, eu estou louco de ciúmes. Estava antes, quando você estava com o pau no cu do Marlon e ontem... Porra, cada vez que aquele idiota do seu ex se aproxima, eu me imagino socando a cara dele de todas as formas possíveis.

Seus ombros relaxaram, como se um peso tivesse sido retirado deles. Ele parecia um pouco nervoso, entretanto.

— Também não consigo te superar, Dante — confessei, sentindo meu rosto corar. — E acho... Não sei mais como seriam as coisas sem você. Só que...

Engoli em seco e ele me encarou, com um pouco de expectativa e preocupação.

— Estar com você tem sido tão... Eu realmente gosto de você, Dante. E uma parte de mim quer muito dizer sim... Uma parte de mim quer ser sua namorada, mesmo que isso soe absurdo.

Dei uma risada fraca, mas ele continuou sério.

— Então seja minha namorada.

— Só que tenho a impressão de que todas as decisões que eu tomei, o nosso passado, a sua família... Não sei o quanto isso ainda pode afetar nossa relação. E...

— Nada disso vai afetar nossa relação — ele afirmou, segurando o meu rosto com as duas mãos.

Eu suspirei, perdendo-me no castanho-esverdeado dos seus olhos. Aquela cor tão única que sempre me atormentou, que sempre tirou minha paz, agora era o motivo do meu coração acelerar. Os olhos que me julgaram e me desprezaram por anos agora me

encaravam com carinho e expectativa. Não havia nenhum resquício do passado.

Nós olhamos para nossa filha, que mandou alguns beijinhos antes de voltar a brincar com os bloquinhos de encaixar. Ela estava perdida no seu próprio mundinho, toda fofinha concentrada.

— Escuta a sua parte racional — pediu, contra os meus lábios.

— A minha parte racional não é a que quer namorar você — comentei, dando uma risada e ele fez o mesmo.

— Claro que é. Qualquer pessoa com um pingo de racionalidade saberia que namorar comigo é tipo ganhar na loteria — ele brincou.

— Meu Deus, você é tão insuportável — revirei os olhos, rindo.

— Um namorado insuportável? — Ele arqueou uma das sobrancelhas e eu mordi o lábio inferior, percebendo que seus olhos desceram para minha boca.

— Sim, um namorado *muito* insuportável.

Ele riu e puxou meu rosto para um beijo.

— Dante... — chamei, afastando-o um pouco. — Não quero que nada atrapalhe nossa relação, principalmente as minhas decisões. E... Eu... Eu realmente sinto muito por não ter te contado sobre ela. Eu me arrependo todos os dias.

As palavras arranharam minha garganta, forçadas pelo nó que se instalou ali. Dante desviou o olhar para Giovanna e ficou alguns segundos em silêncio.

— Por que mentiu para mim? — perguntou algum tempo depois e eu o olhei confusa.

— Quando menti para você?

— Eu achei as cartas, Manuela. No dia em que estávamos procurando a capivara. Estavam embaixo da sua cama — ele contou.

Eu assenti, olhando para baixo e engolindo em seco.

— No dia que soube sobre a Giovanna, você me disse que nunca teve a intenção de me contar. Por que falou isso? — indagou e eu levantei os olhos para encontrar os dele.

— Nem eu sei, Dante. Estava nervosa, com medo. — Sua expressão era um pouco dura. — Eu sempre quis te contar, eu escrevia as cartas, passava horas encarando os e-mails, mas nunca conseguia continuar. Eu tinha tanto medo da sua família, de acontecer algo parecido com o que ocorreu com o seu irmão...

Ele franziu o cenho, parecendo confuso.

— O que aconteceu com meu irmão? — repetiu, como se não fizesse ideia do que eu estava dizendo.

Será que ele não se lembrava?

— A gravidez — tentei.

— Que gravidez, Maria Manuela? — O desespero ficou nítido em como o final do meu nome saiu falhado.

Ele se mexeu, incomodado, e sua respiração estava presa na garganta. Eu pisquei, um pouco sem reação, porque não fazia ideia de que Dante não sabia do que eu estava falando.

— Que gravidez? — A impaciência começou a surgir. — Pelo amor de Deus, diz alguma coisa. Eu não sei do que você está falando!

— Desculpa, eu não... Não sei bem como dizer, eu realmente achei que você soubesse...

— Apenas... Só me diz o que você sabe.

— É que... Os seus pais eram amigos dos pais do Adriano, não eram? — Ele concordou com a cabeça. — Um pouco antes de toda a confusão e briga entre as famílias acontecerem... Eles contaram que quando seu irmão tinha dezoito ou dezenove anos, ele engravidou uma namorada, mas ela não tinha condições, não era do Círculo de Ouro...

Fiz uma pausa, tentando escolher as melhores palavras. Era difícil, eu não estava esperando ter que dar uma notícia daquela para ele, muito menos no meio de um parque.

Que merda do caralho!

— O que eu fiquei sabendo é que... — Respirei fundo. — O Domenico e seus pais forçaram a menina a abortar.

A boca de Dante se entreabriu, a perplexidade presente em cada microexpressão.

— Oi?

— Isso mesmo.

— Não, não é — afirmou. — Se meu irmão tivesse engravidado alguém, Maria Manuela, eu saberia. Tenho certeza de que esse merda do Adriano inventou isso pra que você não me contasse nada...

— Eu sabia disso antes mesmo de transar com você.

Ele parou, o desespero refletido em sua íris. A impressão que eu tinha era de que todo o mundo de Dante tinha desmoronado ali na sua frente. Ele não conseguia dizer uma única palavra, seus músculos estavam retesados e a mandíbula travada.

— Não. Isso não... — Ele passou as duas mãos no rosto, transtornado. — Isso é um absurdo! Como assim forçaram...?

— O Adriano contou que eles convenceram a menina a tirar o bebê e que graças a Deus não foi tão difícil assim... — falei, triste.

— Porque eles não precisaram tomar nenhuma medida mais drástica.

— Meu Deus!

— Desculpa, eu... Dante... Eu achei que você soubesse.

— Não. Eu não fazia ideia — respondeu, desolado.

Giovanna o chamou, mostrando uma das pecinhas e ele sorriu, sem muita vontade.

— Sinto muito. Você, ahn... Quer ir embora? Talvez seja melhor irmos para casa.

— Não. — Ele limpou a garganta, balançando a cabeça em negativa. — Continua o que você estava dizendo, por favor.

Eu o olhei um pouco triste, vendo uma infinidade de perguntas silenciosas se formando em sua cabeça. Dante pediu novamente que eu continuasse o que estava dizendo.

— Essa história ficou na minha cabeça desde o dia em que fiz o teste de gravidez. Eu tinha tanto medo, Dante. Eu conheço sua família, eu já lidei com eles, já perdi tantos embates... Você sabe o poder que eles têm. Não podia arriscar.

Ele me encarou e assentiu, ainda em silêncio.

— E todas as vezes que eu tentava enviar as cartas ou os emails, isso me impedia. E depois de um tempo, escrever acabou virando uma forma de “muleta” pra mim. Não sei explicar. — Minha voz falhou. — Sinto muito. Não sabe o quanto me odeio por isso e

sei que uma parte de você também me odeia. — Uma lágrima escorreu e limpei rapidamente.

— Não te odeio, Manuela — ele afirmou, segurando meu rosto e fitando-me intensamente. — Estou falando sério. Eu não te odeio e não quero que se odeie também.

Senti as mãozinhas de Gio na minha coxa. Ela tinha engatinhado até onde estávamos e fez um biquinho ao ver que eu estava chorando. Se apoiou nos nossos braços para ficar de pé, enfiando-se no meio de nós dois.

— Vamos ficar bem. Tudo vai ficar bem — garantiu.

Ele me abraçou, dando um beijo no topo da minha cabeça. E pela primeira vez em muito tempo, eu acreditei naquela frase.



*Não faça um homem crescido chorar  
Meus olhos dilatam, meus lábios ficam verdes  
Minhas mãos estão suando  
Ela é uma máquina, uma máquina malvada*  
:: START ME UP - THE ROLLING STONES ::

## Dante Perazzo

Eu estava confuso pra caralho.

A informação que Maria Manuela tinha dado parecia um eco na minha cabeça, distorcendo toda a realidade que eu conhecia. Vasculhava minha cabeça sem parar, revisitando todas as memórias do meu eu adolescente em busca de pistas ou fragmentos do passado.

Como meu irmão tinha escondido aquilo de mim? O que mais ele e meus pais tinham mantido em segredo?

Eu busquei qualquer traço de mentira quando as palavras saíram da sua boca, mas era impossível. Eu conseguia ver tudo através dela, em especial, o medo e a dor que a acompanhavam.

Liguei para o meu irmão, pedindo que ele me encontrasse no meu antigo apartamento. Deixei as duas em casa e pedi um *Uber* para o local, tentando organizar meus pensamentos. E graças a Deus, Domenico não demorou a chegar, cerca de duas doses de uísque depois.

— O que aconteceu, porra? — perguntou, preocupado, entrando no apartamento. — A Giovanna está bem?

— Sim, está tudo bem.

Ele olhou ao redor, um pouco confuso.

— Você saiu do apartamento? Deu merda com a “eco chata”?

— Ele deu uma risada. — Ela te expulsou por você não ter separado o lixo? O que está fazendo aqui?

— Não, está tudo bem com a Manuela. Inclusive, estamos namorando — contei e ele arregalou os olhos. — E se você não parar de falar mal dela, vou fazer com que ela te dê uma palestra sobre meio ambiente. Enfim, só achei melhor conversarmos aqui.

— Namorando? — Sua voz saiu esganiçada. — Namorando? Dante, não acho que seja prudente...

— Foda-se o que você acha, Domenico.

Meu irmão me olhou de cara feia, bem irritado pela minha atitude.

— Você engravidou aquela namorada que você teve? — perguntei de uma vez e ele pareceu desconfigurar na mesma hora.

Era possível ver todo o incômodo começando a aparecer nas suas feições. Dom jogou o peso de uma perna para a outra, cruzou os braços e em seguida, segurou o encosto do sofá.

— Quem te disse isso?

— E isso importa, porra? — berrei. — Como assim você engravidou uma pessoa e eu nunca soube disso?

— Dan, você era muito novo e...

— Eu não acredito nessa merda! — Joguei as mãos para cima, transtornado e me aproximei dele, empurrando seu peito com o indicador. — Eu sou a porra do seu irmão, caralho! O que você tem na cabeça? Desde quando você esconde as coisas de mim?

— Não queria você se preocupando comigo.

Estreitei os olhos e dei uma risada de desdém, balançando a cabeça negativamente.

— Não fode, Domenico. Você sempre me contou tudo, nunca tivemos segredos e você tá metendo essa? Anda, deixa de ser um covarde de merda e fala logo porque fez isso, caralho!

— Porque eu precisava me afastar de toda aquela merda! — ele gritou em resposta, com raiva.

Dei uma risada descrente, era amarga e traduzia tudo o que eu estava sentido. Era muita audácia. Eu tinha certeza que Dom não tinha

me dito nada porque sabia que eu provavelmente o julgaria. Mesmo que naquela época eu ainda fosse um babaca, jamais concordaria com aquele absurdo. E na verdade, me espantava que ele tivesse aceitado.

Minhas mãos se cerraram em punhos e meu peito arfava com uma indignação intensa. Talvez meu irmão não fosse a pessoa que eu imaginava, mas estava revoltado com toda sua cara de pau.

— Me poupa, Dom! — berrei entredentes. — Sabe o que eu acho mais fodido? É que eu nem te reconheço! Admite, admite que escondeu de mim porque sabia que eu te julgaria pelo que fez.

As palavras pesaram no ar, como uma acusação que não poderia ser retirada. A raiva borbulhando pela superfície da minha pele. Eu estava com tanto ódio, tão decepcionado. Queria gritar com ele, com meus pais. Aquilo era perverso pra caralho. Fazer a garota abortar por conta de uma merda de sociedade maldita?

— O que eu fiz? — Ele franziu o cenho, como se não soubesse do que eu estava falando. — O que acha que eu fiz, seu idiota?

— Você sabe muito bem do que estou falando, Dom! — Meu tom era ríspido. — Como tiveram coragem de fazer a sua namorada abortar por conta da porra do Círculo de Ouro?

— Oi? — Sua voz saiu esganiçada. — Eu não fiz minha namorada abortar por conta do C.O.! Ela abortou porque quis, porque aquela vagabunda só se importava com dinheiro.

Ele cuspiu as palavras com nojo e eu percebi seus olhos brilhando. E em segundos, Dom começou a desmontar totalmente na minha frente, porque havia uma confusão genuína em seus olhos, misturada com uma dor que parecia estar camuflada todo aquele tempo.

— Hã? — Fiz uma careta, sem entender.

Domenico afundou o rosto nas mãos, como se não conseguisse se conter e escorregou pela parede que estava perto dele. Então, ele desabou de vez e começou a chorar. Pisquei devagar, tentando assimilar tudo aquilo. Dom podia ser bom em esconder suas emoções, mas não fingi-las. E eu nunca tinha visto meu irmão daquele jeito.

Não entendia o que estava acontecendo e um novo quebra-cabeças começou a se formar na minha mente.

— Dom! Porra, calma. — Eu me joguei no chão, abraçando-o e meu irmão afundou o rosto no meu ombro, chorando copiosamente.

— Que merda do caralho. Eu não fiz isso, Dan — ele afirmou, segurando meu pescoço para que eu o olhasse nos olhos. — Eu

jamais pediria que ela tirasse o meu filho. O que... Quem disse esse absurdo pra você?

— Fica calmo — pedi, sentindo meu peito apertar. — Não sei se existe um mal-entendido, mas... O Adriano contou para a Manuela que vocês convenceram a garota a fazer o aborto.

— Ela está mentindo pra você, Dan e eu...

Ele se interrompeu e piscou. Limpou o rosto com as costas das mãos e franziu o cenho, como se alguma coisa tivesse cruzado sua cabeça.

— Quando estávamos na audiência, eu disse que ela sabia que tinha feito uma coisa errada e a Maria Manuela perguntou: "Você, de todas as pessoas, vai me julgar?". Era disso que ela estava falando?

— Não sei, Dom. Manuela achou que eu soubesse. Aparentemente, nossos pais contaram para os Lacerda antes de toda a briga e chegou até ela. E esse foi o motivo que fez ela ficar com tanto medo de me contar sobre a Giovanna.

— Isso não faz sentido, Dan. Eu implorai para que ela não fizesse isso. Eu queria casar, queria o bebê. E então, aquela filha da puta acabou com a minha vida! — contou, cheio de mágoa, voltando a passar as mãos no rosto. — Eu, literalmente, fiquei de joelhos e implorai pra ela não tirar.

Dom começou a chorar novamente e ficou assim por um tempo, murmurando uma infinidade de frases que eu não conseguia distinguir. Era como se meu irmão tivesse quebrado.

Algum tempo depois, ele se acalmou, pegou o telefone e ligou para nossa mãe. Ele começou a exigir explicações, exaltando-se a cada frase que dizia, andando pelo apartamento completamente desequilibrado. Eu o seguia, preocupado, pedindo que se controlasse, mas parecia que eu era um espírito.

— Por que está chorando? Hein? Responde, caralho! Eu não vou aceitar essa merda, mãe. Eu não sou a porra de um adolescente idiota! — ele berrava para o aparelho. — Ou você me fala exatamente o que aconteceu ou...

Domenico começou a ouvir o que minha mãe estava dizendo do outro lado da linha. E após alguns segundos, toda a cor do seu rosto se esvaiu e seu corpo perdeu a força, caindo no sofá.

Ele apoiou uma das mãos na cabeça e a balançou, como se não acreditasse. Então, arremessou o celular com toda a força na parede, fazendo um estrondo absurdo.

— Dom... Fala comigo, porra! — pedi, tentando segurar o seu rosto, vendo que ele tinha voltado a chorar.

— Eu sou um idiota! Passei a minha vida inteira fazendo o que eles queriam, abri mão de tanta coisa... Do nosso pai eu espero tudo, mas como nossa mãe pode ter feito essa merda comigo?

— Dom, o que ela disse?

Meu irmão suspirou, cansado.

— Eu fiquei cego pela Tália, Dante. Ela percebeu que eu estava completamente de quatro por ela e arquitetou tudo. Começou a pedir para eu não usar camisinha, dizendo que estava dando alergia e jurando que estava tomando remédio. Então, ela engravidou e disse que pretendia abortar. E eu tentei de tudo para mudar sua cabeça, disse que casaria com ela, que confrontaria meus pais... — Dom deu uma risada sem humor. — Ela se transformou depois disso. Me chamou de patético, disse que nunca casaria comigo e que aquilo era só uma “transação”. *Aquilo*. A minha filha!

Ele fitou o nada e limpou rapidamente uma lágrima que tinha fugido. Meu coração estava cada vez mais apertado, vendo meu irmão quebrando cada vez mais diante de mim.

— Era uma menina, nós fizemos o exame de sangue assim que descobrimos — contou, triste. — Ela também me levou na primeira ultra e fez isso pra foder com a minha cabeça de vez.

As palavras pareciam provocar uma dor física nele e elas tiveram o mesmo efeito em mim. Como alguém podia ser tão desumano assim? Que tipo de pessoa fazia algo assim?

— Acho que, a princípio, a Tália não imaginou que eu fosse querer o bebê, mas quando percebeu, começou a me pedir dinheiro para continuar com a gravidez — continuou. — Me ameaçava constantemente e fez isso por quase dois meses. Foi uma tortura psicológica horrível. Dei tudo o que aquela filha da puta queria, Dan, mas ela abortou mesmo assim.

— Sinto muito... Sinto muito que tenha passado por isso sozinho — falei, abraçando-o.

Domenico levantou do sofá, encheu um dos copos de uísque e virou de uma só vez. Depois, tornou a derramar mais um pouco e voltou a se sentar ao meu lado no sofá.

— Eu passei esse tempo todo achando que nossos pais não tinham nada a ver com isso... — falou com um tom um pouco distante, como se estivesse revisitando suas memórias. — Eu me lembro que

meu pai veio com uma solução, disse que poderíamos tentar uma aliança com o Virgílio Braga, que mesmo ele não sendo um membro do Círculo de Ouro, ainda era de uma família de elite. A Paula ainda era nova, mas ele disse que seu pai a convenceria de casar comigo para entrar no C.O..

— Ele não deu um chilique quando você ficou com ela, uns anos depois?

— Sim, ele descobriu e tratou de me avisar que aquilo não iria passar de uma foda.

— Acho que você e a Paula se matariam — tentei descontrair.

— Eu cogitei, de verdade. Ela sempre foi bonita, elegante, fodia bem e entende bem sobre nossa sociedade, mas tinha todo o lance com o Marco e achei melhor não arrumar problema. Se eu fizesse alguma merda com ela, e eu ia fazer, ele comeria meu cu. Ele e os dois outros amigos dela. — Meu irmão deu uma risada fraca, passando o dedo pela borda do copo e eu concordei. — Chega a dar vergonha do quanto eu era idiota! Em que mundo eu achei que eles aceitariam que eu me casasse com alguém de fora?

— E o que minha mãe disse? — perguntei. — O que ela te contou, Dom?

— Ela admitiu que eles ofereceram um valor irrecusável para a Tália acabar com o problema de uma vez. Disse que eu teria estragado minha vida inteira e eles acharam melhor que fosse dessa forma. — Então, ele explodiu novamente: — Que porra eles têm na cabeça, Dan? Como foder com minha vida e tirar a minha filha de mim pode ser a melhor forma? Eu poderia ter criado ela sozinho. Meu Deus!

— Calma, Dom... Fica calmo — tentei, mas eu estava completamente perdido, sem saber escolher as melhores palavras. Que merda a gente diz em uma hora dessas, porra? — E se... Talvez ela... Como tem certeza de que a Tália interrompeu a gravidez? Talvez nossos pais tenham...

— Eu contratei vários detetives nos anos que se seguiram. Eu cogitei a possibilidade de ela ter mentido e fugido, mas não. Ela realmente não seguiu com a gravidez. Tenho fotos dela sem barriga de alguns meses depois e todos os documentos de entrada na clínica. Não existe criança alguma perdida, Dan. Ela vive muito bem na Europa e está casada e com dois filhos pequenos de um outro babaca rico.

Fiquei em silêncio, vendo meu irmão olhando para o nada, completamente apático.

— Se eles não tivessem dado o dinheiro, Dan, ela não teria escolha... A Tália não queria continuar a gravidez, mas ela só se importava com o dinheiro. Aquela filha da puta provavelmente me pediria algum valor absurdo e deixaria a garota comigo.

Agora eu conseguia entender todo afastamento inicial do meu irmão com a minha filha. No início, Domenico parecia relutante com a proximidade, com as coisas que a envolviam. Até que ele a conheceu e foi uma conexão instantânea. Dom era louco pela Giovanna, era outra pessoa com ela e vivia demonstrando afeto, coisa que ele não fazia. Além do mais, constantemente me mandava mensagens perguntando como ela estava, enviava *links* de coisas que eu deveria comprar e me enchia o saco pedindo fotos.

Foi uma surpresa boa, porque eu nunca tinha visto meu irmão sendo afetuoso com uma criança antes e agora eu entendia o motivo. A relação com a Gio provavelmente tinha despertado alguns gatilhos nele e também as memórias do passado.

Aquela história era tão absurda e eu não conseguia acreditar que Domenico tinha passado por tudo sem que eu soubesse. Como eu fiquei alheio àquilo? Como ele conseguiu mentir para mim agindo como se fosse apenas um término ruim de namoro?

Eu não vi as marcas. E a verdade é que elas sempre estiveram ali. Todo o seu cuidado comigo, que passou a ser ainda mais exacerbado, a aversão a relacionamentos, o fato de ele ter se tornado mais ranzinza e fechado.

Um namoro de adolescência “bobó” não era capaz de deixar aquilo tudo de traumas. E era só o que eu imaginei que fosse, foi o que achei pela vida toda.

Avisei que ia até o banheiro e no caminho peguei o meu celular que estava na bancada. Havia umas trinta chamadas da minha mãe e nas notificações algumas mensagens da Manuela.

Maria Manuela: Sua mãe  
tá me ligando.

Maria Manuela: Tudo  
bem por aí?

Maria Manuela: Me dá

notícias quando puder,  
ok?

Dante: Não diz onde eu estou

Maria Manuela: Já e agora  
está vendo a Galinha  
Pintadinha.

Dante: Gio já comeu?

Dante: As “drogas pesadas  
para as bebês.

Dante: kkkkkkkkkkkkkkkkk

Maria Manuela: E eu estou  
com a minha.

Maria Manuela:



Dante:



Maria Manuela: Desde quando você usa figurinhas?

Dante: Desde sempre.

Maria Manuela: E por que nunca mandou pra mim?

Dante: Eu tinha uma fama de manter, Maria Manuela.

Maria Manuela: E agora não tem mais?

Dante: Estamos namorando, já era. Agora você vai conhecer o lado bom de mim.

Dante:

VEJA PELÔ  
LADO BOM:  
NÃO HÁ.

Maria Manuela:  
kkkkkkkkkkkk

[REDACTED]

Maria  
Idiota.

Manuela:

Voltei para a sala e Domenico continuava na mesma posição, segurando o copo de uísque vazio e fitando a parede. Tentei convencê-lo a ir para casa comigo, mas ele disse que não queria, que provavelmente ficaria ali mesmo.

Durante o restante da noite, nós conversamos, ele chorou um pouco mais e desabafou sobre tudo o que tinha acontecido, dando outros detalhes daquela situação. Meu coração apertava mais e mais conforme Dom contava sobre os planos que tinha para a bebê.

Ele sentiu que tudo foi arrancado das suas mãos. E doía. Doía pra caralhovê-lo assim. Mesmo que não “conhecesse” essa versão do meu irmão, era fácil de entender, porque eu também havia mudado pela minha filha. Tudo dentro de mim se transformou no minuto em que eu descobri que ela existia.

Domenico estava apaixonado, cogitando começar uma vida com a mulher que ele amava, que achava que sentia o mesmo. E Tália não só planejou, como usou isso para conseguir o que queria. Porra, isso era fodido pra caralho.

Eu estava destruído, sequer podia imaginar o que meu irmão estava passando. Aquela sensação de traição e de ver o que a sua vida poderia ter sido correndo diante de você mesmo. Conseguia me relacionar com aquilo, mesmo que hoje eu conseguisse entender os motivos da Manuela.

Acho que mesmo sabendo de tudo, aquele sentimento nunca iria embora. Eu sempre me perguntaria como teria sido minha vida se eu soubesse de tudo desde o primeiro dia.

É o tipo de coisa que não nos abandona. E eu podia ver isso nos olhos do Dom. Parte dele sempre seria fodida e quebrada.



*Por favor, diga que me ama  
Pare de me enlouquecer*

:: HONEST I DO - THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Meu irmão decidiu pegar o meu jatinho e ir para nossa casa em Orlando. Tudo estava um caos dentro da minha família e achei que seria melhor não conversar com minha mãe naquele momento. Pedi que se afastasse e ela disse que respeitaria.

Eu e Manuela estávamos bem e trabalhando feito dois camelos. Havia uma espécie de paz que me rodeava sempre que estávamos juntos. E porra, agora o meu programa preferido era ficar em casa. Brincando com Giovanna, vendo televisão com ela e debochando de todas as peças horríveis de decoração que Manuela curtia.

Nosso tempo livre se tornou tudo para mim.

Nós visitamos alguns parques.

Eu lotei o nosso freezer de sorvetes.

Nós fomos à praia e montamos diversos castelinhos de areia com a Gio.

Ela conheceu o meu jatinho, mas se negou a ir jantar em São Paulo e passou a noite toda “dando uma aula” sobre a pegada de

carbono.

Nós transamos por todos os cômodos da casa.

(Depois de eu instalar um isolamento acústico em todos os cômodos).

Eu tentei ensinar alguns pratos e ela estragou todos eles.

(De mais formas do que eu imaginava ser possível).

Nós visitamos algumas creches.

Ela comprou uma planta nova e me fez carregar por dois quilômetros.

E cheguei à conclusão de que nunca tinha sido completo de verdade antes delas. Percebi que a mulher que “eu jamais escolheria para ser a mãe dos meus filhos” era a única possível. E eu estava completamente apaixonado por ela.

— Já sei o que vou dar pro Guilherme — anunciei.

— O quê?

— Um banho de loja.

Manuela quase se engasgou com a água que estava bebendo.

— Claro, ele vai aceitar isso sim — disse, com ironia, cessando as risadas.

— Pra isso, Maria Manuela, a gente engana as pessoas. Vou pedir para ele dar um pulo comigo no CT do Fluminense.

— Qual o seu problema em querer vestir as pessoas? Primeiro a Giovanna, você refez todo o guarda-roupa dela... Agora meu melhor amigo. Fico me perguntando quando será... — Ela estreitou os olhos na minha direção, desconfiada. — Você não está planejando fazer nada do tipo comigo, não é?

— Não, apesar de você ser muito brega escolhendo itens de decoração, você até que não se veste tão mal.

— Tão mal? — Soltou um gritinho e colocou as mãos na cintura.

Eu gargalhei, puxando-a para um abraço,

— Você tem umas cinco camisetas dos *Beatles* — lembrei. — Isso nunca vai ser se vestir bem.

— Porque *Beatles* é a banda mais marav... — eu a calei, beijando sua boca, amando ver todo seu corpo se derreter nos meus braços.

— Você fica linda até mesmo com essas camisetas horríveis dessa banda medíocre, mas se usasse a minha dos Stones... — falei em um tom sugestivo no seu ouvido, vendo toda sua pele se arrepiar.

— Nos seus sonhos, Dante.



## Maria Manuela Guerra

Dante tinha me pedido para contar para o Adriano que estávamos namorando e eu estava esperando um momento adequado para dar a notícia. E quando ele apareceu no apartamento, achei que seria o momento ideal.

— Oi, Adri! — Ele me abraçou, deu um beijo no meu rosto e entrou. — Aconteceu alguma coisa?

— Ah, discuti com seu primo e quis sair um pouco da pensão. Me ajuda a pensar em algo para comprar pro Guilherme?

— O que aconteceu?

— Besteira, só estou cansado das piadinhas do Antonio. Enfim, cadê o Dante? — ele perguntou, checando a cozinha, antes de se sentar no sofá.

— Foi na padaria.

— *Timing* perfeito o meu — disse com desdém. — A casa parece realmente mais leve.

— Adriano...

Giovanna veio andando meio desengonçada em sua direção, mostrando sua capivara e ele fez carinho em sua cabeça, pegando-a no colo.

— E aí, garotinha. Está andando bastante? — indagou e minha filha assentiu, balbuciando algumas palavras aleatórias,

tentando conversar com ele. — Não entendo nada que ela tá dizendo, Manu.

— Tudo bem... Ela está andando muito, não é, princesinha? Você viu o vídeo que mandei no grupo?

— Eu vi... E aí, o que comprou pra ele?

— Comprei um box de edição especial de “O Senhor dos Anéis”<sup>[26]</sup> — contei, rindo.

— Cara, o Guilherme é muito difícil de dar presente. E pra ser sincero, estou sem saco pra pensar em algo porque estou irritado. Minha vontade é embrulhar um murro e dar na cara dele desde que ele estragou nossa noite de jogos — resmungou.

— Você está parecendo uma criança, Adriano — retruquei sem paciência. — Ele não estragou nada.

— E você está parecendo sua mãe, me dando sermões — ele grunhiu.

— Você vai ter dois trabalhos, ficar puto e deixar de ficar. Eles são amigos agora, Adriano.

— Isso é ridículo!

— Você está sendo ridículo. Você deveria aprender a lidar com ele. Dante é o pai da Gio, ele sempre vai estar por perto agora, até porque eu...

— Não — ele me interrompeu, cortando o ar com uma das mãos. — Não vou aprender a lidar com esse idiota. E nem você deveria, Manuela. Você se esqueceu o que ele fez com você? Com o que os Perazzo fizeram com a minha família? Fico chocado em como todo mundo apagou isso da cabeça. Até mesmo a minha irmã!

Abri minha boca para tentar argumentar. Talvez aquela não fosse a melhor hora para contar, mas quando seria? Eu sabia que ele ficaria machucado, será que era egoísta da minha parte puxar o *band-aid* e dizer logo?

— Chega, não quero mais falar desse cara, já estou irritado. Pode me ajudar a fazer uma lista?

— Posso, sem problemas — afirmei baixinho, pegando um pedaço de papel.

— Ah, eu te disse que a Carol está pensando em voltar?

Foi impossível não conter minha surpresa. A irmã mais nova do Adriano e da Julia morava há anos nos Estados Unidos e não

pisava no Brasil desde que os Lacerda tinham sido expulsos do Círculo de Ouro.

Conversamos um pouco mais sobre isso e depois listamos algumas ideias de presente. Em algum momento, Gio começou a tentar desenhar na sua mão com a caneta e eu fiquei feliz por ver que meu amigo estava brincando com ela.

— O que faz aqui, Adriano? — Dante perguntou quando entrou pela sala, a irritação presente em todas as suas feições.

Eu comprimi os lábios, porque ele estava puto, mas continuava segurando uma das minhas ecobags, a rosa cheia de coraçõezinhos.

— Conversando com Manu, caso não tenha percebido. O que acho difícil, porque você interrompe todas as vezes — respondeu, ríspido.

— Achei que tivessem te dado uma educação um pouco melhor... Ou ser quicado do C.O. fez com que esquecesse as aulas de etiqueta? Fica aparecendo na casa dos outros sem ser convidado? — ele perguntou em um tom irônico.

— Dante! — Franzi o cenho, irritada, e ele cruzou os braços.

— Essa casa não é sua, é dela — Adriano retrucou, aumentando o tom de voz e dando uma risada debochada. — E eu não preciso de convite.

— Também é minha casa agora. Eu moro aqui. COM ELA — enfatizou. — Ou se esqueceu disso? — Ele avançou alguns passos.

Minha filha estava com os olhinhos arregalados, olhando de um para o outro, curiosa.

— Já chega, vocês dois! — Dei um basta. — Vocês não vão ficar brigando na frente da Giovanna.

— Vou dar banho na minha filha — avisou, indo até o Adriano e quase arrancando a Gio de seu colo.

Ele me lançou um olhar furioso enquanto passava por mim e sumiu no corredor. Ah pronto, era só o que me faltava! Agora estava puto comigo?

— Desculpa — pedi, sem graça.

— Não vejo a hora dele se mudar — disse, irritado, e eu engoli em seco.

Não queria nem imaginar sua reação quando ele soubesse de nós dois. Porque, pelo visto, Dante não tinha pretensão alguma de se mudar. E se Adriano estava transtornado por conta de uma amizade com Guilherme, como seria quando soubesse que nós estávamos namorando? Que merda, alguns dias atrás ele estava perguntando se eu via um futuro para nós dois!

Puta que pariu, Adriano ficaria arrasado.

— Manu, vou embora — avisou.

Ele se levantou, caminhou até a porta e me deu um abraço, agradecendo pela minha ajuda.

Peguei a sacola que Dante tinha deixado em cima da mesa e decidi guardar as compras na cozinha. Toda aquela situação era ruim e eu não sabia a melhor forma de lidar.

— Não devia ter falado daquela forma com ele — comecei a dizer quando ele apareceu com Giovanna nos braços.

Ele não me respondeu. Comecei a colocar o jantar da nossa filha em um pratinho e continuei:

— Adriano é meu amigo, Dante. Ele e Guilherme podem vir aqui quando quiserem, você não pode simplesmente dar a entender que ele não é bem-vindo aqui.

— Não vamos brigar na frente dela — avisou, sério, e a colocou na cadeirinha.

— Vamos brigar? — Ergui uma das sobrancelhas.

— Prevejo que sim — respondeu sem me olhar.

Eu entreguei o prato para a Giovanna, mas ele rapidamente tirou antes que ela começasse sua bagunça habitual com as mãos.

— Deixa ela comer sozinho, Dante.

— De jeito nenhum. Eu acabei de dar banho nela, vai se sujar toda — falou, sentando-se na sua frente e erguendo a colher para dar a comida na sua boca.

— Por isso ela toma banho depois e não antes. Sabe disso.

— Queria que eu fizesse o quê? Um chá para seu ex-namorado e ficasse batendo um papo com vocês? — indagou em um tom sarcástico e revirei os olhos. — Não, obrigado. Achei melhor adiantar o banho.

— Combinamos que não mudaríamos a rotina dela.

— Combinamos que você contaria para o Adriano sobre nós dois — retrucou, seco, levantando os olhos na minha direção e parando com a colher no meio do caminho. — Não me parece que ele sabia disso.

Gio, que tentava alcançar o talher com a boca, resmungou frustrada e disse “papai”, chamando a sua atenção.

— Desculpa, bebê — pediu, dando uma colherada para ela.

— Eu tentei dizer, mas ele estava bem irritado com o Gui e achei melhor em um outro momento.

— Bem, agora eu estou irritado.

— Dante, por favor... Não quero que fique chateado comigo, só não achei a oportunidade ainda. Tudo é meio complicado, naquele dia, na noite de jogos — comecei, um pouco sem graça —, ele estava me pedindo para dar uma chance para nós dois e...

— Ele o quê? — indagou, virando-se para mim.

— Já tem algum tempo que ele tenta falar disso comigo — admiti. — Eu corto todas as vezes e já disse que não vai rolar, mas o Adriano é insistente.

— Maria Manuela, conta pra ele.

— Eu vou, só estou tentando achar a melhor forma, não quero que ele se magoe.

— Foda-se ele, porra!

— “*Fofase*” — Gio repetiu e eu levei a mão à boca.

— Não, Gio, não pode falar isso! — briguei e ela começou a rir e repetir várias vezes, batendo palminhas, animada.

Merda, a gente precisava controlar a quantidade de palavrão que falávamos perto dela. Era difícil pra caralho!

— Filha, não pode — Dante falou em um tom firme e depois se virou para mim, irritado. — Está vendo? Eu disse para não falarmos disso na frente dela.

— Foi você quem xingou e está me culpando? — Coloquei as mãos na cintura, perplexa.

— Estou xingando porque estou irritado, Maria Manuela! — disse novamente em um tom mais ríspido, olhando na minha direção.

— “*Maía Nuela*” — Gio repetiu de novo, entretida, mostrando os dentinhos e apontando para mim.

— Ah pronto! — Dante segurou o riso e eu o olhei com ódio, apontando o dedo na sua direção. — Está vendo isso? Se minha filha ficar me chamando assim, você vai ter grandes problemas, Dante.

Eu saí da cozinha pisando forte e bati a porta do quarto, decidida a adiantar os relatórios da semana. Depois de algumas horas, Dante bateu na porta e eu o mandei entrar, ainda sem muita vontade. Ele estava segurando um prato com algum sanduíche na mão, mas ainda parecia irritado.

— Está tentando me comprar com comida?

— Só impedindo que você passe fome, ainda tô puto com toda essa história. — Ele fez menção de sair.

— Dante! — chamei e ele se virou sem paciência. — Vamos conversar.

— O que você quer, Maria Manuela? — Eu levantei e fui até ele. — Não tenho culpa que ela repetiu, eu pedi para não discutirmos na frente dela. Além do mais, é nossa filha, vai acabar falando palavrão, a gente fala bastante.

— Você fala bem mais do que eu.

— É, eu sei, porra. — Ele soltou o ar, frustrado. — Eu tenho tentado me controlar perto dela.

— Eu sei, eu também... Agora me diz, está arrumando motivos pra brigar comigo por conta de uma foda de reconciliação? — brinquei, deslizando os dedos pelo seu peito e ele respirou fundo.

— Não, estou realmente irritado com tudo isso — afirmou, ainda sem se mexer e eu fiquei nas pontas dos pés e puxei sua nuca até minha boca.

— Continua irritado? — Deslizei a língua devagar por seu pescoço.

— Sim. — Dante pareceu vacilar.

— Ainda? — Puxei seu lábio inferior com os dentes e passei a mão pelo seu membro, por cima da roupa e ele deu um gemido.

Em um impulso, ele me colocou contra a parede, segurou meu pescoço e eu dei um sorriso vitorioso.

— Eu te odeio quando você me deixa puto.

— É, eu sei... Mas te deixar puto tem uma consequência boa. Você me fode ainda melhor. Quer brigar comigo, Dante? — Eu dei

um tapa no seu rosto, mordendo o lábio inferior e ele respirou fundo com os olhos queimando nos meus. — Então, faça isso enquanto estiver me fodendo.

As palavras foram ditas contra os seus lábios e ele xingou praticamente dentro da minha boca, tomando-a para si de um jeito bruto que acabava com a minha sanidade.



*Ei, ei, ei  
É o que eu digo  
Não consigo nenhuma  
Não consigo nenhuma  
Não consigo nenhuma satisfação*  
**:: (I CAN'T GET NO) SATISFACTION - THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

Uns três dias se passaram e sabia que Manuela não tinha dito absolutamente nada para o Adriano, porque eu e Guilherme almoçamos e tinha certeza de que ele soltaria algum comentário se já estivesse a par da situação.

Ninguém sabia sobre o namoro porque ela não queria que o pau no cu do ex-namorado descobrisse por seus amigos ou família. Isso era uma coisa que, em momentos como aquele, eu odiava nela. Manuela se importava demais com as pessoas, colocando-as acima das suas vontades e de si mesma.

Toda a situação me tirava do sério porque eu sabia que era uma questão de tempo para aquele babaca forçar alguma coisa. Ele sempre dava um jeito de segurar suas mãos, tocar em alguma parte do seu corpo.

Que Adriano era patético, eu já sabia. Ele continuaria se humilhando mesmo que Manuela dissesse que não. E para ser sincero, acho que nem mesmo quando ela contasse, o filho da puta respeitaria o nosso namoro.

Ainda assim, eu queria que ele soubesse. Era o certo, porra!

Manuela precisou ficar um pouco a mais no escritório para um fechamento e pediu que eu desse uma carona para o Guilherme até a pensão. O carro dele estava na oficina e eu passei o caminho inteiro tentando convencê-lo a trocar aquela merda.

Ainda estávamos discutindo quando entramos pela porta e eu ouvi o choro estridente da minha filha e a voz daquele babaca maldito em um tom bem rígido.

— Giovanna, já chega! Para de agir como uma criança mimada! — ele gritou. — Devolve o boneco do Lucca. Agora!

— Mas que porra? — Eu cruzei o cômodo, transtornado. — Quem te deu o direito de gritar com ela? Tá maluco, caralho? — eu quase berrei, querendo voar em cima dele, mas senti a mão a mão do Guilherme segurar meu braço.

— O que está acontecendo aqui? — A mãe da Manuela chegou, esbaforida.

— O Lucca estava chorando e a Giovanna não queria devolver o boneco e ficou dizendo que era dela — justificou, claramente irritado.

— Você não vai gritar com ela, Adriano. Ela não é sua filha — vociferei, indo em sua direção e pegando a garota no colo.

Minha bebê me olhou triste, seus olhos estavam molhados e seus lábios formavam um biquinho.

— *Papai*. — Ela me abraçou e eu passei a mão em sua cabeça, dando um beijo na sua bochecha.

— Tudo bem, meu amor. O papai está aqui, não chora... — falei baixinho, encostando sua cabecinha no meu peito.

— Me dá ela aqui, Dante — Mônica pediu, percebendo que nós estávamos exaltados. Ela segurou o Lucca em um dos braços e se virou para a menina. — Vem com a vovó, Gio! Vamos pegar a florzinha pro seu papai no jardim?

Giovanna limpou os olhinhos e suspirou dramaticamente, jogando-se no colo da mãe da Manuela.

— Zá voto, papai — avisou e eu sorri ao ver que ela estava me avisando que já voltava, imitando o que eu tinha feito naquela manhã, quando a deixei sozinha na cadeirinha para pegar sua capivarinha.

— Ela estava fora de controle! — Adriano tentou se justificar assim que os três deixaram o cômodo.

— E você achou certo gritar com ela desse jeito, seu imbecil?

— retruquei, sentindo meu sangue ferver. — Qual é o seu problema?

— Essa garota precisa ter educação.

— Adriano, a Giovanna está passando por uma fase totalmente normal... — Guilherme começou, mas eu o interrompi.

Era difícil controlar todo o ódio que eu estava sentindo. Tudo ao meu redor parecia turvo e eu estava cego. Não admitiria que aquele escroto levantasse a voz para a minha filha, muito menos que tentasse dizer para ela o que era certo ou errado.

Eu fui tomado por uma avalanche de raiva que rebatia dentro de mim como ondas quebrando ininterruptamente, envolta por uma necessidade de proteção surreal. Ninguém falaria assim com a minha filha, eu jamais permitiria que alguém a tratasse daquele jeito.

Me aproximei dele, inflando o peito, tentando manter uma postura intimidadora. Segurei a gola do seu terno e aproximei o meu rosto do dele para olhar no fundo dos seus olhos. Minha respiração estava descompassada e o sangue corria desenfreadamente pelas minhas veias.

— Você não é o pai dela, porra! — berrei e depois estreitei os olhos, mantendo minha voz carregada de intensidade para que ele entendesse bem o recado. — Você conhece o meu sobrenome e sabe do que um Perazzo é capaz, não sabe? Então, escute bem: você nunca mais vai gritar com a MINHA filha. E muito menos tentar disciplinar ela de alguma forma. Está ouvindo, Adriano?

— É, sei que, infelizmente, Giovanna é uma Perazzo. É bem nítido. E ela vai crescer sendo a mesma criança mimada que você foi — alfinetou, dando um riso sarcástico.

— Adriano, já chega! — Guilherme segurou meu punho cerrado, que estava pronto para acertar a cara daquele filho da puta, e se meteu no meio de nós dois.

— Vai tomar no cu, Adriano! — gritei, tentando romper a barreira que o Guilherme fazia com o corpo.

— Que se foda! — o babaca resmungou e saiu da sala, sumindo pelas escadas.

Eu me desvencilhei dos braços do Guilherme e passei a mão no rosto, sem acreditar naquela merda.

— Dante, fica calmo. O Adriano não tem muita experiência, ele não fez por mal.

— Não interessa, Guilherme! Acha que estou errado, porra? Como você reagiria se chegasse aqui e ele estivesse gritando com seu filho? — perguntei e ele me olhou, cansado.

— Não, você não tá errado. Também pediria pra que não fizesse isso. — E soltou o ar. — Só que o Adriano não tem experiência e acho que vocês estão levando isso para o pessoal.

— Tá bom, Guilherme. Que se foda. A gente se vê amanhã — resmunguei sem paciência alguma.

Peguei a bolsa da minha filha e fui até o jardim, até onde eles estavam. Ela estava na grama e andou na minha direção, trazendo uma florzinha para mim.

— Que linda, capivarinha. É pro papai?

— *Xim* — afirmou, sorrindo e tentando colocar na minha orelha.

Eu a ajudei e ela bateu palminhas, adorando ver a flor na minha cabeça.

— Vamos mandar uma foto pra sua mãe e pro tio Dom? — perguntei e virei a câmera do celular para nós dois.

Dei uma risada de mim mesmo, de terno, com uma margarida na orelha, já imaginando o meu irmão mandando o Yuri fazer uma figurinha para mandar no grupo dos nossos amigos.

Nós tiramos diversas fotos. Sorrendo, dando língua e fazendo biquinho e depois, ela me apertou, enchendo-me de beijos.

Que raiva, como uma criança podia ser tão fofinha, porra?

— Vamos pra casa, Gigi? Mônica, obrigado por ficar com ela...

— Dante, eu sinto muito — a mãe da Manuela me interrompeu, triste. — Eu apenas pedi que o Adriano olhasse os

meninos por alguns minutos. Ele parece meio sem paciência nesses últimos dias, até mesmo comigo.

— Mônica, eu e Manuela agradecemos muito por você cuidar da Giovanna o dia inteiro e sei o quanto isso é desgastante. Eu sou muito grato pela senhora fazer isso, mas não vou admitir ninguém gritando com minha filha. Principalmente, porque estamos cientes da fase que ela está passando e estamos tentando lidar da melhor forma possível, como os profissionais indicaram — comuniquei e ela balançou a cabeça positivamente.

— Sim, eu sei. Tenho conversado muito com a Manu sobre isso e sempre estou fazendo como vocês indicaram. Quase não tenho tido problemas entre as crianças, dá pra ver que ela melhorou bastante.

— Sim, ela está bem melhor, mas não dá pra alguém começar a gritar dessa forma e atrapalhar tudo o que estamos fazendo — expliquei e ela concordou.

— Com toda razão. Sinto muito. Vou conversar com o Adriano mais tarde.

— Sei que ele é como um filho pra você, Mônica — falei, sério. — A Manuela já deixou isso claro diversas vezes, mas eu sou o pai da Giovanna e o Adriano não tem voz alguma dentro da *minha* família.

Ela assentiu, parecendo envergonhada. Era possível ver que Mônica de fato tratava o babaca do Adriano como um filho.

Me despedi, coloquei Giovanna na cadeirinha e fomos para casa. Manuela ainda não estava lá quando chegamos e eu fiquei sentado no sofá com a bebê no meu colo, vendo televisão.

Meu corpo ainda tremia de raiva daquele maldito achando que tinha alguma autoridade sobre a minha filha. Só queria ver o que a Manuela falaria para defender sua atitude, porque eu não duvidava que esse fosse o desfecho. Afinal, parecia que Adriano era a porra de um cristal inquebrável!

Filho da puta do caralho!

Ela chegou em torno de uma hora depois e se jogou no sofá quase em cima de nós dois. Encheu a Gio de beijos enquanto ela fazia o mesmo, tentando conversar sobre a florzinha que tinha dado para mim.

Depois ela se sentou no chão, próxima ao sofá e ficou pedindo que Giovanna andasse de mim até ela. Seus passinhos eram mais confiantes agora e quando caía, apoiava-se no chão e ficava de pé novamente.

Era possível sentir meu coração derretendo quando ela alcançava os braços de Manuela e seus olhos procuravam os meus, sorrindo, satisfeita, querendo saber se eu tinha visto o que ela havia feito e esperando minha comemoração.

Nós jantamos juntos e aquela que era a melhor parte do meu dia estava ofuscada por toda a raiva que eu ainda estava sentindo. Manuela disse que iria tomar banho e Giovanna dormiu no meu colo enquanto eu lia um livro.

— Vou levar ela pro quarto — avisou, tirando a menina dos meus braços e levando-a para o berço.

Ela voltou alguns minutos depois e se sentou no meu colo, me dando um beijo demorado. Em seguida, se afastou um pouco, me olhando com desconfiança.

— Por que você tá meio aéreo hoje?

— Quero conversar com você — avisei, sério.

— O que aconteceu?

Ela saiu de cima de mim e se sentou ao meu lado. Suas sobrancelhas se juntaram, a preocupação surgindo em seu rosto.

— Quando fui buscar a Giovanna, cheguei na pensão e o babaca do Adriano estava gritando com ela.

Manuela piscou, como se não acreditasse. Depois, sua expressão se fechou e ela franziu o cenho.

— Gritando? Gritando o quê?

— Chamando a Giovanna de mimada, mandando que devolvesse imediatamente o brinquedo do Lucca. Gritando “já chega”. Eu não vou tolerar essa merda, Manuela. Estou pouco me fodendo se ele é seu amigo ou não, se sua mãe o considera um filho ou o caralho de asa. Eu sou o pai dela e esse cara não tem o direito de disciplinar a nossa filha, muito menos aos berros — avisei.

— Não, óbvio que ele não tem — ela afirmou e eu entreabri a boca, um pouco surpreso. — Disse isso pra ele?

— Sim e ele respondeu que a Giovanna precisava de educação! Como se nós não déssemos!

Manuela soltou um gritinho de incredulidade e se levantou, colocando as duas mãos na cintura. Começou a vasculhar alguma coisa na bolsa e pegou o celular.

— Manuela... — eu a chamei, mas ela fez um sinal para que eu esperasse, colocando o aparelho no ouvido.

— Ele desligou — começou a resmungar, apertando a tela com força e tentando ligar novamente. — Era só o que me faltava! Quem ele pensa que é pra dizer que não damos educação pra ela?

— Não sei, mas, sinceramente... Não sei se quero que a Giovanna continue indo para lá.

Ela parou o que estava fazendo e voltou a se sentar ao meu lado. Puxou uma respiração devagar e fitou o aparelho em suas mãos.

— Dante, minha mãe sempre seguiu nossas recomendações. Ela faz tudo pela Gio e o Lucca, e eu acho essa relação dos dois tão importante antes que eles comecem na creche — começou a pontuar. — Você sabe que, inclusive, isso está sendo fundamental em toda essa questão de dividir.

— Sei disso, Manuela, mas não me sinto confortável sabendo que a porra do Adriano mora lá e pode gritar com ela de novo — expliquei, tentando não me exaltar, porque sempre que eu lembrava da cena, meu sangue borbulhava.

— Eu vou conversar com ele, Dante. Ele não podia ter falado isso.

— Não sei se confio muito nessa sua frase — retruquei, seco.

— Dante, a Giovanna está acima de qualquer coisa. *Ela* é minha prioridade. Se você quiser, eu posso ir agora na pensão falar com ele... — Manuela fez menção de se levantar, mas eu segurei sua cintura e a sentei no meu colo.

— Não quero que vá agora. — Eu a olhei nos olhos e tirei o celular das suas mãos. — Eu só não sei se quero nossa filha lá.

— Dante, decidimos as coisas juntos agora e precisamos chegar a um consenso. Sei que está com raiva porque viu o Adriano gritando com a Giovanna. E acredite, eu tô puta com isso, mas é bom pra nossa filha passar o dia lá.

Manuela se ajeitou, começando sua defesa e eu tive um vislumbre do passado, de quando ela se preparava para cuspir uma

infinidade de argumentos nos nossos embates.

— Ela fica lá com a minha mãe, não com um desconhecido. Tem noção do quanto é difícil arrumar uma pessoa de confiança? E ela nunca vai ter o vínculo que tem com a própria avó. Além do mais, na pensão a Gio socializa com o Lucca. Você sabe, é importante demais para que ela se torne uma adulta com um bom relacionamento interpessoal, para que troque experiências com o Lucca, entre milhares de outras coisas.

O jeito como as palavras escorregavam da sua boca, mesmo com seu habitual jeito convencido, dando explicações com fundamentos para qualquer mínimo detalhe, fazia algo acender dentro de mim. O Dante do passado ficaria chocado com o que tínhamos nos tornado.

Eu estava excitado pela garota que eu achava ser a pessoa mais chata já nascida no mundo.

— Você tem sempre uma resposta pra tudo, não tem? — perguntei em um tom divertido, lembrando que havia feito a mesma pergunta quando passamos nossa primeira noite juntos.

Minha mão escorregou por seus fios e eu segurei sua nuca, olhando-a nos olhos, sentindo sua respiração suave contra minha pele. Ela corou, abrindo um sorriso capaz de extinguir todo meu oxigênio.

Maria Manuela era linda, cada centímetro de pele.

— Você sabe que tenho.

— E quando não tem, aparentemente me distrai com sexo.

— Continua sendo uma resposta, mas do meu corpo — disse, rindo, com uma das mãos segurando meu rosto e me beijando.

Eu me perdi naquele beijo, dentro do meu próprio mundo interior. Aquela mulher agora era capaz de transformar os momentos mais tensos em algo insignificante. Toda a minha raiva foi embora, dando lugar ao furacão de emoções que somente ela era capaz de me proporcionar.

É, eu não tinha controle algum perto dela.

Maria Manuela era o caminho para o meu inferno pessoal e eu não me importava nem um pouco com isso. Tudo o que eu queria era queimar. Corpo, alma e todo o resto.



*As palavras estão fluindo como uma chuva sem fim num copo de papel*

*Elas deslizam enquanto transcorrem através do universo  
:: ACROSS THE UNIVERSE – THE BEATLES ::*

*Maria Manuela Guerra*

— Onde o Dante se enfiou com o Guilherme? — Julia perguntou disfarçadamente enquanto sorria para um dos advogados que trabalhava com a gente e havia chegado cedo demais na festa.

— Ele disse que eles tomariam banho no apartamento depois do jogo e viriam direto pra cá.

— Inventar de ir pra jogo hoje! No dia da porra da comemoração... — minha amiga resmungou.

Passei os olhos pelo local, observando toda a decoração que tínhamos feito. As mesas de madeira estavam espalhadas pelo jardim com pequenos arranjos de flores delicadas. As luzes penduradas nas árvores davam um toque acolhedor, criando uma atmosfera mágica à medida que a noite caía.

Eu amava eventos ao ar livre, com luzinhas enfeitando o ambiente. Aquilo me lembrava a minha infância, as festinhas que meu pai sempre fazia no nosso jardim quando estava vivo.

Giovanna e Lucca brincavam na grama, ao lado de uma das mesas em que minha mãe estava e conforme os convidados iam chegando, passavam pelos dois, brincando com eles.

E então, alguns segundos depois, quase me engasguei com meu copo de gin ao ver Dante e Guilherme juntos adentrando o jardim. O olhar embasbacado de Julia era impagável. Guilherme parecia outra pessoa, com um corte de cabelo bem moderno e roupas mais elegantes, como as que Dante costumava usar.

— O que ele fez com o Gui e por que não fez isso antes? — Julia o olhava de cima a baixo mordendo o lábio inferior.

Dante era o homem mais lindo do lugar e literalmente todos os olhares se desviavam para ele, mas isso não era nenhuma novidade. Ainda assim, aquele fogo habitual se alastrou pelo meu corpo, fazendo com que meus dedos formigassem e as borboletas formassem um redemoinho no meu estômago.

— Era só o que me faltava... — Adriano resmungou.

— Antonio, talvez você devesse andar um pouco mais com o Dante — Julia zombou.

— É um perigo, Ju. Todo mundo que se aproxima desse macho se perde naqueles olhos esverdeados. Cuidado, hein? Pro Gui não aparecer grávido por aí, já basta a Manu. Foram necessários apenas alguns minutos presa em um cômodo com ele — zombou.

Nós gargalhamos e eu dei uma cotovelada em sua costela quando percebi que minha mãe e Dona Rita estavam me olhando, curiosas. Fofoqueirinhas dos infernos.

A primeira coisa que Dante fez foi ir até Giovanna e a pegar no colo, jogando-a para cima e enchendo-a de beijos. O Gui veio na nossa direção, cumprimentou um a um, recebendo as felicitações de aniversário e logo depois, Dante entrou na nossa rodinha, também falando com todas as pessoas. Exceto por Adriano, que ele simplesmente passou reto, fingindo que era uma pilha.

— Parabéns, amigo — falei, dando um abraço forte no Gui.  
— Como foi ser enganado pela serpente?

Dante abriu um sorriso cheio de cumplicidade e seus olhos chegaram a diminuir. Precisei puxar o ar e me manter equilibrada, porque minhas pernas ficaram bambas na mesma hora.

Quando ele sorria daquele jeito... Dante era como um sol, que iluminava cada parte nebulosa do meu próprio corpo, fazendo com que meu sangue circulasse melhor e meu coração pulsasse mais rápido.

Foda-se a vitamina-D!

Qualquer cenário podia ser transformado com a presença daquele homem que emitia tanta luz própria que me impedia de raciocinar. E o jeito como ele me olhava. Ah, o jeito como seu olhar cravava no meu fazia com que todo o mundo ao nosso redor fosse reduzido a um grão de areia.

Se o John Lennon<sup>[27]</sup> se materializasse na minha frente, eu não daria a mínima.

— Ele me disse que tinha arrumado ingresso pro jogo, mas que precisava passar no shopping pra comprar uma camisa do fluzão. Quando chegamos lá, esse idiota avisou que só iríamos se eu deixasse ele me dar um banho de loja.

— Eu faço caridade eventualmente — Dante comentou, cheio de desdém, e Adriano revirou os olhos. — Só para os muito necessitados, é claro.

— Não acredito que realmente conseguiu enganar o Gui — Antonio falou. — Você já foi mais esperto, cara.

— É muito fácil enganar pessoas ingênuas.

— Sou superingênuo, Dante. Pode me enganar com seu cartão de crédito quando quiser — brincou, gargalhando.

— Você, definitivamente, é o próximo.

— Me sinto pronto — meu primo falou, fingindo estar emocionado.

— Não caia nessa conversa, Antonio — Gui alertou.

— Não fode, Guilherme. Você ficou puto, resmungando, mas na hora em que vestiu esse blazer italiano, calou a boquinha — Dante contou, rindo e pegando o meu copo de gin, dando um gole, totalmente distraído.

Arregalei um pouco os olhos e preendi a respiração.

Foi um movimento natural. Como se ele tivesse se esquecido de que as pessoas ao redor não soubessem que tínhamos aquela intimidade. Ele fazia isso o tempo todo em casa, pegando a minha caneca para bicar o meu café ou algo parecido.

A merda foi que todos pareceram reparar, porque um silêncio se instaurou no local. E é claro que minha melhor amiga me deu um longo olhar, cheio de insinuações.

— “Acha que a Ju vai curtir?” — Dante o imitou, rindo.

— Nossa, eu estava me sentindo a própria Julia Roberts em “*Uma Linda Mulher*” — Gui balançou a cabeça, dando uma risada.

— Preciso ir ao banheiro — ele avisou.

— Ah, vou com você, preciso te mostrar um... Ahn... —

Merda nenhuma vinha na minha cabeça. — Um macaco.

Ele franziu o cenho, dando uma risada, sem entender.

— Um... Ah, um vídeo de um macaco que eu recebi — continuei divagando, percebendo que as pessoas me encaravam como se eu fosse maluca. — É sobre trabalho. Um macaco ficou preso na sede da ONG e eles precisam de ajuda jurídica — menti.

Meu Deus, eu era patética.

Eu o puxei pelo braço, andando a passos apertados e no minuto em que ele percebeu que estávamos sozinhos, me colocou contra uma parede e me beijou preguiçosamente.

— Você está linda — disse baixinho, arrastando os lábios pelo meu pescoço e fazendo com que eu fechasse os olhos em um movimento involuntário.

— Você também...

— E eu queria muito rasgar esse vestido e te comer aqui mesmo — sussurrou no meu ouvido.

— Nós teríamos grandes problemas com isso.

— Tem um grande problema acontecendo aqui embaixo também — Dante avisou, dando uma risada rouca que ressoou dentro dos meus ossos e pressionando seu pau contra minha coxa.

— Pelo amor de Deus, sai de perto de mim — implorei, quase choramingando.

Eu o afastei e um sorrisinho surgiu em seus lábios.

— Foi você que inventou um macaco... — Ele fez uma careta.

— Porra, um macaco, Maria Manuela? Sério?

— Foi o que veio na minha cabeça! — Encolhi os ombros.

— Você pensa em macacos quando está querendo se esgueirar comigo às escondidas? — indagou com um sorrisinho safado, passando o polegar pelo meu lábio.

— Eu não queria me esgueirar por aí com você, seu idiota.

— Aham, eu acredito. — Ele me deu um beijo rápido entre as risadas.

— Que porra? — A voz incrédula de Adriano ecoou pelos meus ouvidos.

Abri as pálpebras para observar seu rosto mais vermelho do que jamais havia visto em toda a minha vida. O olhar de ódio fuzilando o Dante era um bônus. Guilherme veio atrás, como se estivesse prevendo que alguma merda aconteceria.

Em alguns momentos, eu me perguntava se meu melhor amigo era meio bruxo.

— Adriano...

— Tira suas mãos dela — Adriano ordenou, caminhando na nossa direção e o Dante riu, cheio de deboche.

— Adriano, nós estamos juntos — expliquei, colocando-me entre os dois.

Meu ex-namorado piscou e soltou uma risada descrente. Quando percebeu que eu continuava séria, se virou para o Gui.

— Você sabia disso, Guilherme Henrique?

— Soube mais cedo, Dante me falou quando...

— Não acredito nessa merda! — ele berrou, subindo as escadas e Guilherme o seguiu.

— Que merda do caralho! Eu já volto.

Estava com raiva de mim mesma. Não deveria ter postergado tanto para dar aquela notícia para ele. Deveria ter previsto que algo assim pudesse acontecer.

Era tão difícil, entretanto. Sabia como Adriano se sentia em relação a mim, porque fazia apenas alguns dias que estávamos ali, parados no jardim da casa do Gui com ele perguntando sobre nosso futuro, o que vale ressaltar, eu deixei claro que não existia.

Entendia toda a confusão entre meu ex e meu atual namorado, afinal, fiz parte daquilo por anos. Todo o ódio que Adriano sentia pelos Perazzo não era algo irracional. Eles eram próximos quando crianças e foi como uma facada nas costas. Além do mais, Dante não facilitou nada sendo um babaca durante a faculdade.

Nós dois tínhamos um passado. Eu o amei muito, ele ainda era meu amigo, praticamente uma extensão da minha família. E mesmo com nossas adversidades, nunca quis causar qualquer sofrimento. Minha intenção era esperar um momento calmo para dar uma notícia que eu sabia que o deixaria triste.

Porque a verdade é que Adriano realmente esperava que um dia ficaríamos juntos. Poderia repetir mil vezes o contrário, ele continuaria fixo com aquela ideia. Ele se esquecia de que não éramos mais as mesmas pessoas desde que nos apaixonamos quando mais novos. E esse era o motivo pelo qual terminamos, em primeiro lugar.

Subi as escadas atrás deles e logo que me aproximei da porta, escutei os berros do Adriano.

— Você é mesmo ridículo, Guilherme. Fazendo programas, deixando que ele comprasse roupinhas pra você. — Seu tom era debochado. — Meu Deus, não enxerga o quanto é patético? Tô cansado dessa palhaçada! Como você, de todas as pessoas, pode ser amigo desse filho da puta?

— Adriano, cresce, porra! Somos adultos, não temos mais 18 anos e eu não tenho paciência para sua infantilidade — respondeu, ríspido.

— Infantilidade? Esse merda infernizou nossas vidas por anos, a família dele fodeu com a minha e agora você simplesmente acha que ele é a melhor companhia do mundo? — Era possível notar toda a revolta em cada uma das palavras.

— Ele tem sido uma companhia melhor do que você, que passa boa parte do tempo resmungando.

— Você é um idiota, Guilherme. Vai tomar no cu. O Dante é um babaca. Um babaca. Olha tudo o que ele fez no comigo, com as minhas irmãs, com os meus pais!

— Adriano, vai se foder! Você não tá mais preocupado com o que a família dele fez, está preocupado porque ele está com a Manu! Acorda, porra! Você e ela não vão voltar, aprende a lidar com essa merda — ele berrou, irritado.

— Ela é sua melhor amiga e você está de acordo com isso?

— Ele é pai da filha dela, Adriano, porra!

— Gente... — Eu abri a porta.

— O que você quer, Manuela?

— Olha, eu sei que deveria ter contado antes pra vocês, mas eu não conseguia achar o melhor momento — comecei a explicar.

— Como pôde fazer isso? Já é absurda toda essa ideia de você ter um filho com esse arrombado e agora está com ele? Namorando ou sei lá o que estão fazendo juntos? — Ele me olhou com repulsa.

— Sim, estamos namorando — afirmei, começando a sentir raiva. — Não me importo sobre o passado dele, Dante não é a mesma pessoa... E ele também não é o pai dele, Adriano.

Ele me interrompeu com uma risada de desdém.

— Deixa de ser burra. Acha mesmo que ele não é um babaca? Ele é o mesmo idiota que conhecemos no passado e vocês dois não conseguem enxergar isso. Caíram nesse papo de redenção do pobre bilionário arrependido que agora quer cuidar do meio ambiente. Ah, vai pra porra!

— Adriano, ele é o pai da Giovanna e desde que...

— Que ameaçou tirar a sua filha de você, porra!

— Nós dois falamos muita merda quando tudo isso começou, mas ele não fez nada além de ser um pai incrível para a Giovanna.

— O que acha, Manuela? Que vocês dois vão ser uma grande família feliz? — perguntou, as palavras encharcadas de deboche. — Você sabe muito bem do que os Perazzo são capazes. Não se espante se ele virar sua filha contra você quando ela tiver idade suficiente para entender as coisas. Você é uma idiota se acha mesmo que no fundo ele pensava em você para ser a mãe dos filhos dele. Ele, provavelmente, vai te foder até achar algo melhor e...

— Adriano! — Guilherme o chamou em um tom firme. — Já chega, porra! Tá maluco, caralho?

— Por que está fazendo isso? — indaguei, triste, olhando-o nos olhos. — Achei que se importasse comigo, que quisesse que eu fosse feliz.

— Você nunca vai ser feliz com ele, Manuela. Se manca! Ele não tem caráter, nunca teve. Na primeira oportunidade que ele tiver, vai pisar em você, porque ele é Dante Perazzo e é isso que esse merda faz.

— Adriano, acabou! Eu não aguento mais essa merda. Você precisa respeitar tanto as minhas decisões quanto as de Manuela.

— Ele é uma péssima influência, para vocês e também para a sua filha — ele continuou dizendo, as palavras sendo cuspidas cheias de raiva de sua boca.

Eu estava tentando controlar toda minha frustração. Meus olhos ardiam pela dor de segurar as lágrimas a cada frase que ecoava pelo cômodo, ricocheteando no meu coração. O aperto no meu peito se intensificou, a discussão fazendo com que eu me sentisse cada vez mais vulnerável.

Ele estava questionando a minha capacidade de tomar decisões, meus melhores julgamentos. Como se eu fosse a porra de uma idiota estúpida!

— E você sabe que estou certo. Desde que ele chegou, a Giovanna tem se tornado cada vez mais mimada, exatamente como uma Perazzo...

— Adriano! Já chega! — eu gritei e ele estremeceu. — Não vou aceitar que você fale que o pai da minha filha é uma péssima influência para ela. Quem seria uma boa? Você? Que mal conseguia ficar perto dela porque não aguentava o fato dela ser parecida com Dante?

Dei uma risada sem humor que doeu na minha alma, mas tudo o que eu queria fazer naquele momento era desabar.

— Você não tem o direito de dizer porra nenhuma! Dante também é minha família agora e me faz muito feliz. Foda-se o que você pensa, ele realmente me faz bem. Não vou admitir você dizendo esse bando de merda e me chamando de idiota.

Adriano parecia ainda mais irritado com minhas palavras e soltou um ruído de incredulidade.

— Além disso, não gostei nem um pouco de saber que você gritou com a minha filha — continuei falando. — Não autorizei que fizesse isso em momento nenhum. Você é meu amigo, mas não decide sobre a educação dela. Giovanna está passando por muitas mudanças, tanto com a idade quanto com o fato de ter o pai dela entrando na sua vida tarde. Eu e Dante somos os pais e sabemos como educá-la, então não se meta e não abra mais a boca para dizer que ele é uma influência negativa.

Ele ficou me encarando em silêncio por algum tempo.

— Não vou me meter na educação da sua filha, Manuela. Como você bem disse, ela é SUA filha, não minha, afinal, você deixou sua dignidade no lixo e foi trepar bêbada com o Dante como se isso fosse algo aceitável.

Então, a minha mão voou no seu rosto com toda a força. O silêncio que se seguiu era quase ensurdecedor, preenchido apenas pelo zumbido em meus ouvidos e pelo eco daquela ação impulsiva.

Meus lábios tremiam, meu peito subia e descia sem parar, o turbilhão de emoções dentro de mim ameaçando transbordar. Meus músculos retesaram, as veias pulsando em uma mistura de raiva e adrenalina.

— Vai embora, Adriano — Guilherme mandou, ríspido, e ele o olhou incrédulo. — Você não vai desrespeitar a Manuela na minha frente ou eu vou quebrar a porra da sua cara.

Eu ainda olhava em choque para o seu rosto vermelho, apertando a mão que o havia acertado na minha outra.

— Sério isso? Está me expulsando da sua casa? — Ele parecia indignado. — Da casa da minha irmã?

— Estou. E se não sair por bem, vai sair por mal. Você arruinou a porra do meu dia com seu ataque ridículo de ciúmes e ainda está sendo um escroto com a Manuela. Espero que esfrie sua cabeça e reveja as merdas que disse hoje.

Guilherme lançou um olhar irritado na direção de Adriano e colocou a mão nas minhas costas, apertando-me contra o seu corpo para me direcionar até a porta. Antes que nós deixássemos o cômodo, eu parei e me virei para encará-lo novamente.

— Você diz que o Dante é um babaca, que sempre foi durante toda a vida, certo? — eu perguntei, sentindo minha voz vacilar. — Só que ele nunca foi meu amigo ou algo parecido. E você? O que você é por agir assim com as pessoas que sempre te amaram?

E então, nós saímos do quarto e eu senti que ia começar a chorar. Guilherme me puxou para dentro do quarto do Lucca, fechou a porta e me abraçou enquanto eu chorava baixinho, molhando toda sua roupa nova.

— Obrigada... Por ficar do meu lado — falei entre os soluços.

— Eu sabia que seria difícil, mas não imaginei que ele fosse reagir dessa forma. Não imaginei que fosse dizer tantas merdas.

— Me desculpa, eu sinto que isso tudo é minha culpa.

— Sua culpa? Claro que não, Gui.

— Eu sempre passei muito a mão na cabeça do Adriano. — Ele soltou o ar, frustrado.

— Você sabe que não foi o único. Eu também sempre fiz isso

— lembrei. — Eu só... Eu não esperava que ele fosse dizer coisas tão horríveis.

— Manu, eu te amo, você é minha irmã de alma — ele afirmou, segurando meu rosto. — Adriano não tem o direito de falar aquelas coisas e ele não vai te ofender na minha frente uma segunda vez sem que eu deixe um dos seus olhos roxos.

— Você não vai cair na porrada com o irmão da sua mulher — afirmei.

— Por você? Eu bateria na porra do papa.

— O que ele te fez, o pobre coitado? — perguntei, dando uma risada, tentando melhorar aquele clima de merda.

— Tenta não absorver nada disso, Manu — pediu, limpando as minhas lágrimas. — Sei que você queria ter me contado, mas você é péssima escondendo as coisas e o Dante pior ainda. Hoje ele quase se entregou e eu o coloquei contra a parede. De qualquer forma, fico feliz por vocês estarem juntos. Acho que ele gosta de você de verdade e o fato de estarem convivendo bem e felizes é muito importante para a Gio.

— Obrigada. Mas estragamos seu aniversário e...

— Ninguém estragou nada — ele afirmou, passando a mão pelos meus cabelos. — Vem, vamos lavar o rosto.

— Não fale nada pra minha mãe ou pra Ju, por favor. Não quero criar atrito entre eles — pedi e ele não me respondeu, apenas mandou que eu entrasse no banheiro.

Lavei o rosto e esperei algum tempo até voltar ao normal. Fiquei alguns segundos olhando meu reflexo no espelho. Eu estava tão triste, o meu coração parecia ter sido quebrado em muitos pedaços.

Quando descemos as escadas e olhamos para os jardins, notamos que o Adriano não estava em lugar algum. Minha mãe e a Julia vieram na nossa direção.

Já Dante, que estava brincando com a Gio e o Lucca no chão, me olhou de canto de olho, mas não se moveu.

— Adriano foi embora, não foi? — minha amiga perguntou.

— Eu mandei que ele fosse — Guilherme deixou claro, o maxilar trancado e minha mãe levou uma das mãos à boca. — Ele se exaltou demais, ofendeu Manuela e achei melhor que fosse embora antes que eu o machucasse.

Olhei para ele, irritada. Porra, eu mandei não dizer!

— Ele fez o quê? — mamãe quase berrou e depois começou a balançar a cabeça em diversas negativas. — Eu estou cansada, sinceramente. Adriano passou de qualquer limite. O que ele disse, filha?

— Nada, mãe. Já foi.

Eu estava arrasada. Não tem nada pior do que ouvir coisas absurdas das pessoas que você ama, que você considerou parte da sua família por tantos anos.

— Não foi nada, mãe. É sério, eu estou bem — afirmei, dando um beijo no seu rosto.

Julia veio até mim e também me abraçou, pedindo desculpas baixinho pelo irmão.

— Sim, foi. E eu vou ter uma conversa séria com ele depois — Guilherme avisou, irritado.

— Nós vamos — as duas mulheres mais importantes da minha vida disseram ao mesmo tempo.

Uma das advogadas do escritório não percebeu que estávamos tendo um momento e me pediu ajuda para achar o banheiro. Julia tentou dizer que poderia levá-la até lá, mas eu falei que não havia necessidade, que estava indo até a cozinha.

Fui até a parte interna da casa e não demorou nem dois minutos para que Dante passasse pela porta. Ele segurou minha mão e me levou para um canto afastado.

— Está com raiva de mim? — Dante perguntou baixinho no meu ouvido e deu um beijo no meu pescoço e depois no meu rosto.

— Por que eu estaria com raiva de você?

— Porque eu não consegui manter minhas mãos longe de você — tentou brincar e eu dei um meio-sorriso.

— Não. Só queria ter evitado tudo isso.

— O Adriano foi embora, não foi? O que aconteceu?

— Eu dei um tapa na cara dele... — Seus olhos se arregalaram e eu soltei o ar, cansada. — Guilherme mandou que ele fosse embora... Foi bem caótico.

— O que o filho da puta fez com você?

— Dante, não quero falar disso.

— Mas eu quero saber que merda o idiota falou pra você a ponto de você meter a mão na cara dele. A ponto de precisar ser expulso da casa do melhor amigo e cunhado dele. — Sua voz subiu um tom e ele fechou a cara.

— Nós discutimos. Ele disse muita merda. E eu aproveitei para dizer que ele não poder gritar com a Giovanna, que ele não era o pai dela.

— Quero saber o que ele falou de você.

Então, eu contei sobre todas as coisas que Adriano tinha dito, sobre como eu estava me sentindo. Simplesmente porque eu precisava desabafar, precisava tirar aquilo do meu peito. Dante ouviu tudo quieto, estalando os dedos de ódio. Eu podia ver refletida na sua íris toda a raiva crescendo.

— A próxima vez que eu encontrar esse merda...

— Dante, para — pedi, entrelaçando os dedos nos dele. — Não te contei isso para inflamar mais as coisas, apenas queria desabafar.

— Não, Manuela, mas que porra! Você não pode relevar tudo o que esse arrombado diz.

— Dante, eu sei lidar com o Adriano.

— Não. Você não sabe. Ele não tem o direito de falar com você desse jeito, principalmente te julgando por conta das coisas que aconteceram. — Dante segurou meu rosto e me encarou, sério.

— E eu não estou com você só por sexo ou até achar alguém melhor...

— Sei disso.

— E não existe ninguém mais perfeita que você para ser a mãe dos meus filhos, Manuela — afirmou, dando um beijo nos meus

lábios. — Ouviu?

Assenti e encostei a minha testa na dele, sentindo finalmente meu coração ficar em paz.



*A infância é algo fácil de viver  
As coisas que você queria, eu comprei pra você*  
:: WILD HORSES - THE ROLLING STONES ::

## Dante Perazzo

Conforme os dias iam correndo, eu descobria alguma coisa diferente em Manuela que me surpreendia.

Ela perguntava todos os dias sobre como meu irmão estava lidando com a situação mesmo que não fosse com a cara dele. Sempre cantarolava uma musiquinha bem baixo quando estava molhando as plantas da casa e ligava para sua mãe todos os dias mesmo que estivesse destruída de cansaço apenas para dar um “boa noite”.

Manuela ouvia a mesma *playlist* dos *Beatles* enquanto estava trabalhando em casa, organizava seus milhares de livros por cores e enchia a Giovanna de beijinhos mesmo que ela estivesse dormindo, simplesmente porque não se aguentava.

Eu não podia nem criticar, fazia o mesmo.

Nós contamos para sua família e os demais amigos sobre o namoro e na última semana, acabamos sendo flagrados por um fotógrafo muito inconveniente da QueenG!. Nós assumimos o relacionamento nas redes sociais e tudo se tornou um caos em seguida.

Meu pai estava puto. Marcella também. E o Adriano certamente estava espumando em seu quarto na pensão.

E tudo o que eu pensava sobre o assunto era: Que se fodam!

Ainda não estava conversando direito com a minha mãe desde o que tinha acontecido com Domenico. Ela tinha encontrado a Manuela duas vezes no *shopping* para ver a Giovanna e eu achei melhor não estar presente.

Eu saí do banho e encostei na parede para ver Manuela na frente do celular fazendo uma dancinha do *TikTok*. Giovanna em um dos braços e o Ringo no outro. Ambos vestidos de bruxinhas. Foi impossível não dar uma risada, porque eu nunca a imaginei fazendo aquilo.

— Ahn... Eu... Tava brincando com eles — ela meio que gaguejou, envergonhada, o rosto ficando totalmente vermelho. — Decidiu não acabar com a água do mundo hoje?

— Salvar o planeta certamente tem seus benefícios — zombei, indicando o celular com a cabeça.

O Ringo pulou dos seus braços, tirou o chapeuzinho que ela tinha colocado em sua cabeça e a olhou como se dissesse: “Eu sou uma piada pra você, Maria Manuela?”

— Meu Deus, é a bruxinha mais linda do mundo! — exclamei, indo até a Giovanna e a pegando no colo para assoprar a sua barriguinha.

Ela gargalhou, jogando a cabeça para trás, divertindo-se com toda a festa. A cabeça da Manuela se inclinou um pouco para o lado e ela suspirou, criando aquela onda de agitação no meu peito.

Amava a forma como ela me olhava, principalmente quando eu estava com a nossa filha. Aquele olhar era uma mistura de carinho e admiração que eu nunca poderia explicar por palavras, mas que preenchia cada lacuna vazia do meu coração.

E eu tinha tantas delas antes da Giovanna entrar na minha vida.

Aqueles momentos, mesmo que simples, costumavam me proporcionar uma plenitude inimaginável.

O começo, o meio e o fim, todos ali, diante de mim. Era como se, naquele instante, todas as preocupações e o estresse do mundo desaparecessem. Só existíamos nós três, criando memórias que eu jamais esqueceria.

Juntos. Para sempre. Na mais pura essência que existia. A nossa. A da nossa família.

Então, eu percebi. Olhando-as ali diante de mim, eu entendi que *amor* talvez fosse uma palavra fraca demais para o que eu sentia por elas.

— *Xinha, papai!*

— Isso, capivarinha. Você é uma bruxinha — incentivei, dando um sorriso largo e ela me deu um beijinho no rosto. Fui até Manuela e perguntei perto do seu ouvido: — Então você faz dancinhas do *TikTok*...

— Eu não *faço dancinhas* do *TikTok* — ela repetiu, enfatizando as palavras e revirando os olhos. — Só vi um vídeo e... Ela gosta de dançar.

Eu ri, achando graça do quanto ela parecia constrangida, como se eu a tivesse pego no flagra cometendo um crime. E era mais engraçado porque Maria Manuela tentava ser séria boa parte do tempo.

— Ela está tão bonitinha — choramingou, ajeitando o vestidinho da nossa filha. — Acho que tirei cem fotos enquanto você estava no banheiro.

— Cem? Eu vou tirar muito mais do que isso, acredice — confessei, esmagando a bebê em um abraço. — Diz agora que minha compra foi inútil, Maria Manuela.

Ajeitei a postura, esperando uma retratação e ela bufou.

— Certo, essa roupinha é a coisa mais linda do mundo. Mas o Ringo odiou o chapéu dele — ela falou, rindo, mostrando o gato arranhando o chapeuzinho cheio de ódio.

— Ele fazia parte do cenário da foto! Ah, Ringo, não! Não destrói!

Nós tiramos milhares de fotos e depois terminamos de nos arrumar para a festinha de *Halloween* do *shopping*. Eu lotei a conversa do meu irmão de imagens da Gio antes mesmo de sairmos de casa.

Dom: Fofinha pra caralho.

Dom: Manda vídeo?

Dom: Vi várias criancinhas bonitinhas hoje, mas ninguém chega aos pés da

Gigi. Ela é muito mais fofa que todas elas.

Dom: Ano que vem podíamos vir pra cá e sair com ela para pedir doces.

Dante: Você está dando doces?

Dante: Sério?

Dom: Não tenho porra nenhuma pra fazer, Dante. O que você acha?

Dom: Eu acho que comprei uns doces maneiros e as crianças tão fazendo fila aqui na porta. Sou burro pra caralho.

Dante: PORRA! POR QUE EU NÃO PENSEI EM IR PRA COM ELAS?

Dom: Porque você é CLT agora. Kkkkkkkkkkkkk

Dom: Trouxa.

Dom: Porra, tem uma criança vestida de sushi.

Dom: A gente podia ir de Mário, Luigi e a Giovanna da Princesa Peach.

Dante: E a Manuela, Dom?

Dante: Ela é minha namorada agora, porra.

Dom: A “eco chata” pode ser o Toad, aquele cogumelo. Não gosta tanto de natureza?

Dante: Vai dar meia hora d  
cu, Dom.

Dom: Tem uma fantasia de Yoshi muito fofa. A Gigi vai ficar linda.

Dom: Ah, foda-se, vou comprar.

Dei uma risada da foto que ele enviou logo em seguida. Bem, pelo menos Domenico estava se divertindo um pouco. Atualmente, a única coisa que empolgava o meu irmão era a Giovanna.

Talvez a vontade de vê-la fizesse com que ele voltasse logo. Eu estava torcendo por isso.

— Vamos pra Orlando no próximo *Halloween* — avisei, antes de dar partida no carro para sairmos da garagem.

Virei um pouco de lado para ela e Manuela deu uma risada, um pouco confusa, levantando os olhos do seu celular. Giovanna estava na cadeirinha, no banco de trás, entretida com sua capivara de pelúcia.

— Estamos fazendo planos para daqui um ano?

— Qual o problema? — Franzi o cenho, um pouco confuso, e depois finalmente as palavras pareceram se fixar na minha mente.

Abri e fechei a boca, um pouco sem reação, percebendo que ela também estava sem graça.

— Ahn, nenhum — disse rapidamente.

— Manuela... — eu a chamei, apertando o volante e reunindo toda a coragem do mundo. — Eu não tenho a intenção de ir a lugar algum. Todas as vezes que toco no assunto de irmos para uma casa maior, percebo que você fica com receio e eu entendo.

— Não, você não entende, Dante.

— Sim, eu entendo que aquele é o seu apartamento, que existe um apego com ele, principalmente porque você batalhou pra caralho pra isso — expliquei e ela assentiu, cutucando as cutículas dos dedos e eu entrelacei os meus nos dela.

— Você é minha namorada, a mãe da minha filha e nós moramos juntos. Sei que essa ideia não foi nossa, que não começou da melhor forma e que nem mesmo queríamos isso, mas nossa realidade é outra agora.

— É, eu sei. — Ela levantou os olhos para encontrar os meus.

— Eu acho que deveríamos ter um espaço nosso. Do zero. Como um novo recomeço — sugeri. — E você poderia até mesmo levar a sua escrivaninha tenebrosa e aquele quadro enviado do inferno. A gente pode ter um quarto dos horrores...

Ela me deu um tapa no braço e eu joguei a cabeça para trás, rindo.

— Estou falando sério... — Fiz uma pausa e comprimi os lábios.

— Talvez não sobre a escrivaninha.

— Você é um idiota!

— Acho que pode ser bom pra nós três. A não ser que você queira que eventualmente eu me mude e...

— Não! Eu não quero que você se mude. — Manuela soltou o ar, sem quebrar o contato visual. — Acho que você tem razão. Acho que vai ser bom “começarmos” do zero em uma casa nova.

— Mesmo? — perguntei, esperançoso e depois estreitei os olhos. — Tem certeza?

Ela assentiu e abriu um sorriso.

— Ótimo, porque eu vi uma casa em um condomínio perfeito e fiz uma oferta — confessei e ela entreabriu a boca chocada.

— Você... Como assim?

— Fiquei com medo de perder. Ela é perfeita, Manuela. É perto da pensão da sua mãe, tem uma puta área infantil...

— Você só pode ser maluco. — Ela riu de nervoso. — Como deu uma oferta na casa assim? E se eu não quisesse?

— Ué, eu provavelmente mandaria meu corretor alugar, como ele faz com todos os meus outros imóveis — respondi, mostrando o óbvio. — É só uma casa, Maria Manuela, não há muito o que se fazer com uma além de morar e alugar.

— Não é só uma casa... — Havia uma careta de confusão em seu rosto. — É uma casa!

— Você prefere um apartamento? — perguntei, já pegando o número do meu corretor na agenda. — Podemos pegar um apartamento...

— Esse não é o ponto, Dante! — ela respondeu exasperada. — Jesus Cristo!

— Eu não devia ter escolhido sem você, não é? Desculpa, eu acho que me empolguei por conta da proximidade. É que não é fácil achar um imóvel em bons condomínios e eu tenho alguns por aqui, mas não sei se você iria gostar, porque a maioria é no início da Barra

ou em São Conrado... — Ela estava me encarando perplexa conforme eu falava. — Tudo bem, a gente compra outra. Para de me olhar assim, Maria Manuela!

— Meu Deus, você é impossível! Estou chocada porque você simplesmente fez uma oferta em uma casa e está agindo como se tivesse comprado um quilo de açúcar extra. E eu sei que você é rico, mas...

Quase dei uma risada com a palavra “rico” e segurei a gracinha de corrigi-la dizendo que na verdade eu era bilionário. Tinha amor à minha vida. Ela valia muito. Bem mais do que a de uma pessoa rica.

— Eu só estava tentando explicar... — suspirei e desisti. Nossas realidades eram muito diferentes. — Posso apenas te mostrar a casa? Se você não gostar, retiro a oferta.

Ela me deu um longo olhar e assentiu. Eu mostrei uma infinidade de fotos até que o receio começasse a se transformar em animação. Manuela amou a área externa e todas as comodidades do condomínio.

— Dante, isso é uma mansão...

Eu ri. Coitada.

— Isso definitivamente não é uma mansão — afirmei.

— Bem, pra mim é. — Ela deu de ombros, como se não se importasse.

— Nós podemos reformar tudo, que nem nos programas que você gosta de ver — incentivei e ela mordeu o lábio inferior, pensativa.

— Papai! *Bi-bi*, papai! — Giovanna chamou minha atenção como se estivesse brigando comigo, olhando para os lados e percebendo que continuávamos parados na garagem.

— Desculpa, Gio. Já estamos indo. Tô só tentando convencer sua mãe de aceitar a casa nova — contei, me virando para ela. — Você quer morar em uma casa nova, capivarinha?

— *Xim!*

— Viu? Sua filha também quer — falei, de um jeito convencido.

— Ela diz “sim” pra tudo o que você pergunta, Dante.

— Deixa de ser teimosa e assume que está apaixonada pela casa, Maria Manuela.

Ela choramingou.

— Que inferno, eu estou — confessou, olhando para a tela do meu celular e eu dei uma risada.

— Bem, temos uma casa então.

Manuela piscou e eu dei um beijo rápido nos seus lábios, mexendo no câmbio para sair da garagem.

— Como assim? Você não tinha apenas feito uma oferta?

— Eles seriam malucos de não aceitar a oferta que eu fiz — disse, rindo.

— Você é ridículo.



## Maria Manuela Guerra

O celular vibrou na minha mão e preendi a respiração quando vi o nome “Marcella Rangel” nas notificações.

— Sua ex está te mandando mensagem — avisei, sentindo meu sangue gelar.

— Dizendo o quê? — disse, parecendo indiferente, prestando atenção no trânsito.

— Ahn... Quer que eu leia? — indaguei e ele assentiu. — É, ela disse que falou com seu pai.

Antes que Dante pudesse responder, o nome dela apareceu no painel do carro, já que o celular estava pareado. Ele recusou algumas chamadas, mas ela continuou insistindo.

— Responde aí que estou ocupado, Manuela. Porra, ela tá insuportável nos últimos dias.

— Acho melhor você responder.

Não iria falar com ela como se fosse ele. Nem queria abrir a conversa, me parecia estranho demais. Ela continuou ligando e Giovanna começou a gritar “*Fone, mamãe*”, tentando nos avisar que estava tocando.

— Pode ser importante, Dante.

— O que foi, Marcella? — ele perguntou de má vontade. — Tô dirigindo.

Eu fiquei constrangida, olhando para a Avenida das Américas com uma cara de paisagem ridícula.

— Vai continuar me ignorando? — ela perguntou com uma voz melosa e Dante me deu uma olhada. — Você não responde minhas mensagens, não me visita mais...

Foda-se, não conseguia olhar para ele. Será que Dante não iria avisar que estava no viva-voz?

— Eu estou namorando, Marcella. Deixei claro da última vez que nos falamos. O que queria falar sobre o meu pai?

— Namoro! — Ela soltou um ruído de incredulidade. — Você não namora, Dante. Eu fui sua única namorada. A única! E esse namoro com a vira-lata não vai...

— Marcella. É a última vez que eu digo. Se você falar assim dela de novo, vamos ter sérios problemas. Eu e ela estamos juntos. Supera, inferno! E agradeça à minha filha, que está no carro, por eu estar tendo o mínimo de educação com você.

Sentia seus olhos em mim, mas apenas continuei fingindo estar muito interessada nos carros ao lado.

A mulher ficou em silêncio por alguns segundos e depois sua voz soou cheia de ressentimento:

— Ela está aí com você, não é?

Eu olhei para ele e neguei com a cabeça. Nem sei bem o motivo, mas não queria fazer parte daquilo. Dante me olhou, sério, e eu pedi apenas com os lábios que ele dissesse que eu não estava ali.

— Não, ela não está. Preciso desligar...

— Dante... Você sempre volta pra mim. Eu sou a mulher certa pra você. A minha família sabe disso, a sua também. Tem ideia do que as pessoas estão comentando no C.O.? É humilhante!

— Marcella, segue a sua vida, pelo amor de Deus!

— Você é a minha vida.

— Marcella, já chega! — ele suspirou, cansado, apertando o volante com tanta força que os nós dos seus dedos ficaram brancos.

— Não vou falar duas vezes. Se continuar insistindo, vou bloquear seu número. Tchau.

E desligou.

Ficamos em silêncio por alguns minutos e eu mantive meu olhar na rua, tentando parecer indiferente. Era foda presenciar aquilo, eu não fazia ideia do quanto aquela mulher era dependente emocional dele.

— Por que pediu para eu falar que você não estava aqui? — ele perguntou algum tempo depois.

— Qual a necessidade, Dante? Era capaz de ela começar a gritar e me xingar.

— Sinto muito por isso tudo.

— Tudo bem, lidar com ex-namorados é algo complicado — falei, dando um meio-sorriso. — Entendo que vocês têm um passado, mas acho que ela deveria ver um psicólogo.

— Já disse isso mil vezes. Hoje eu vejo que tenho um pouco de culpa também — confessou, um pouco envergonhado, sem me olhar nos olhos. — Mesmo que eu dissesse pra Marcella que não queria nada, continuava procurando ela pra... — Fez uma pausa quando percebeu que não estávamos sozinhos. — Você sabe. Não era uma coisa voluntária. Nem sei explicar, na real.

— Familiaridade — respondi, dando de ombros. — Às vezes ficamos perdidos e voltamos para algo seguro.

Ele me encarou, assentindo com a cabeça.

— Odeio o quanto você é inteligente — brincou.

— E melhor que você nas argumentações.

— Isso é discutível, Maria Manuela.



*Tudo o que você precisa é de amor  
Tudo o que você precisa é de amor  
Tudo o que você precisa é de amor, amor  
O amor é tudo que você precisa*  
**:: ALL YOU NEED IS LOVE – THE BEATLES ::**

*Maria Manuela Guerra*

Eu e Dante criávamos mais intimidade a cada dia e eu sequer sabia como era uma vida sem ele agora. Não conseguia imaginar uma manhã sem os seus beijos ou os jantares com a Giovanna. Quando meus momentos no sofá vendo programas sobre reforma não eram acompanhados por sua implicância, nem graça tinha.

Estava completamente apaixonada por ele, essa era a verdade. Sentia-me uma perfeita idiota porque o meu coração disparava sempre no minuto em que ele surgia na minha frente.

Além do mais, havia todo o companheirismo, as conversas, o respiro de não precisar lidar com tudo sozinha. Nossa relação tinha se transformado em algo que eu jamais sonhei. Nunca imaginei que pudéssemos namorar, mas tudo parecia certo demais entre nós dois. Quase como se estivesse escrito em algum lugar.

Estava relutante sobre mudar de casa, porque por mais que nossa relação fosse sólida e intensa, estávamos juntos há pouco

tempo. Tudo bem que as coisas para nós dois aconteciam de maneira bem mais rápida do que provavelmente para a maioria das pessoas.

Nada no meu relacionamento com Dante havia sido dentro dos padrões. Eu tinha certeza dos meus sentimentos e sabia que era recíproco, mas abrir mão da minha casa chegava a dar um frio na barriga.

Não sabia explicar. Não era como se fôssemos casar ou algo parecido, nós já morávamos no mesmo lugar há alguns meses, criávamos nossa filha juntos e namorávamos, mas mudar para uma casa totalmente nova, começar do zero, dava a impressão de que era um passo um pouco maior dentro da nossa relação.

Quando Dante se mudou, ele precisou se adequar ao meu ambiente. Tudo dentro do apartamento era meu, do meu jeito. Ir para uma casa com ele significava construir algo em parceria. Eu realmente estava disposta a vencer esse medo, entretanto. A vontade de ter um lar que fosse nosso parecia borbulhar dentro de mim quase como um vulcão em erupção desde o dia em que ele disse que tinha comprado a casa, uma semana atrás.

Para ser sincera, eu podia me ver perfeitamente casada com Dante. Durante toda a minha vida, eu nunca consegui de fato me imaginar dentro de um casamento, nem mesmo com Adriano. Sempre houve algo um pouco fora dos eixos que gritava que aquilo não era uma boa ideia, mas eu nunca soube ao certo o que era.

De qualquer forma, era diferente com Dante. Talvez por termos uma rotina tão bem estruturada, por eu sentir que já éramos uma família ou então por eu estar completamente embasbacada por ele.

E eu estava. A ponto de suspirar sozinha pela manhã quando o via deitado na cama dormindo ou quando ele estava rindo e brincando com Gio em algum outro momento do dia.

Nossa filha já estava falando algumas palavras novas e agora ela literalmente repetia tudo o que dizíamos, desesperada por aprender algo diferente. Também já estava andando com mais segurança e agora tentava dar pequenas corridas pelo apartamento, o que fazia com que ficássemos desesperados. Giovanna nunca se equilibrava perfeitamente e ia correndo inclinada para algum lado

específico prestes a bater em alguma parede ou móvel, como se fosse um bebê-pinguim.

Naquele meio tempo, Adriano pediu para ter uma conversa comigo e com Guilherme. Ele me pediu desculpas pelas coisas que disse e explicou que precisava de um pouco de tempo para assimilar tudo.

Por mais que Guilherme estivesse irritado com tudo o que havia acontecido, procurava ser um pouco mais presente na vida de Adriano, na tentativa de fazer com que ele se sentisse menos excluído devido à sua proximidade com Dante.

Guilherme me contou que em um dos dias, Adriano bebeu à beça e chorou bastante com ele, dizendo que nunca imaginou que nós dois não fôssemos ficar juntos. Contou que sempre teve planos e esperança de que um dia nós nos casássemos ou algo assim.

Era foda. E a verdade é que eu tinha pena de Adriano. Ele se afundou em uma ilusão de uma realidade minha e dele que nunca existiu, fixado no passado em que nós dois vivemos, quando ainda éramos outras pessoas. Eu não era a Maria Manuela que ele namorou e ele certamente não era o Adriano que eu me relatei. Havia um penhasco entre nós e a história que tivemos um dia.

Naquela sexta, Dante programou uma viagem surpresa em Búzios para o final de semana do meu aniversário em alguma das muitas propriedades que ele tinha.

Aquilo ainda me assustava. Para quê tantas casas, meu Deus?

A propriedade era imensa. Uma arquitetura moderna, quase toda em vidro. As grandes portas venezianas e a varanda imensa no primeiro andar acrescentavam um toque de sofisticação à estrutura. Aquilo não parecia uma casa de férias e sim um daqueles espaços de retiro que ricos costumam fazer.

A parte interior da casa de veraneio dos Perazzo era espaçosa, com um mobiliário elegante quase todo em preto e cinza. E eu estava completamente obcecada pelas bancadas de mármore preto. A cozinha era aberta, equipada com aparelhos de última geração e tudo o que eu conseguia imaginar era Dante brincando com seus ingredientes ali.

Eu estava tão empolgada com a reforma da nossa casa!

Giovanna deu um gritinho animado e ficou se chacoalhando no meu colo quando fomos para a área externa da casa. E meu queixo simplesmente caiu quando vi minha melhor amiga sentada em uma das cadeiras com um *drink* nas mãos.

— Finalmente vocês chegaram! — Julia gritou, animada, e eu fiquei olhando sem entender.

— Surpresa! — Guilherme falou, sorrindo com Lucca no colo.

— Ah, eu não acredito que vocês vieram também! — choraminguei de emoção, indo até eles e abraçando-os.

— Gigi! — Lucca chamou e então nós colocamos os dois no chão.

— Já está instalada, não é, Julia? — Dante perguntou, rindo, e ela assentiu com a cabeça, cruzando as pernas e sugando o canudinho rosa da sua bebida.

— Eu amei sua casa, você devia nos chamar mais vezes. Vocês vão ficar aí ou vamos para o ofurô? — Julia questionou, animada.

— Tem um ofurô aqui?

— Tem — meu namorado contou, rindo.

A casa era perfeita, mas me lembrava um hotel de luxo. Nós colocamos as roupas de banho e entramos no ofurô com as crianças, que mais parecia uma minipiscina de tão grande. Acho que era o maior ofurô que eu já havia visto em toda minha vida. Ficava na parte externa da casa, cercado por um caminho de pedras e um jardim lindo e o suporte de madeira deixava tudo mais rústico.

As crianças batiam as mãozinhas, animadas, na água e tentavam se soltar dos nossos braços para nadar.

— Kimiko já estaria nadando aqui dentro — Dante zombou e todos nós gargalhamos.

Nós ficamos ali algumas horas, conversando e bebendo nossos *drinks* até que escurecesse. Enquanto Gui e Ju davam banho nas crianças, resolvi ajudar Dante na cozinha, porque ele fez questão de mostrar seus dotes culinários para os nossos amigos apenas para se exibir e ganhar elogios.

Ele tentou me explicar como fazia o risoto, mas no único minuto que saiu para atender um telefonema do Domenico, eu

queimei o alho.

Sério, eu era um desastre.

Dante tentou me explicar calmamente o passo a passo como se eu fosse uma criança idiota. Para ser honesta, era vergonhoso. Eu não costumava me sair mal nas coisas que me propunha a fazer. Me irritava demais porque em teoria era só seguir orientações. E Maria Manuela Guerra era *FODA* em seguir regras.

Nós jantamos, demos a comida das crianças e ficamos brincando com eles até que Giovanna e Lucca estivessem apagados no colo de seus respectivos pais. Suspirei no momento em que olhei para Dante, vendo-o falar animadamente sobre uma de suas viagens enquanto segurava uma taça de vinho na mão e fazia carinho na cabecinha da Gio com a outra.

A camiseta toda babada era um charme extra e ele não estava dando a mínima. Era a definição da frase “o útero chega a coçar”. Meu Deus, ele era tão lindo... Eu poderia popular a porra de uma cidade inteira com aquele homem.

— Eles realmente se dão bem, não é? — cochichei com Julia, apoiando uma das mãos no queixo, observando Dante e Guilherme discutindo qual era a relevância de um peniquinho com suporte para tablet, a nova inutilidade que meu namorado queria comprar.

— Sim... Já parou para pensar como seria se os dois tivessem sido amigos desde a faculdade? — Ela riu.

— Acho que teria sido bom pro Dante.

— Qualquer influência positiva na vida dele teria sido boa. — Minha amiga gargalhou.

Fiquei ali mais um tempo perdida nos meus pensamentos. Realmente, como seriam nossas vidas se Dante não tivesse sido aquele cara de anos atrás?

Não acreditava que as coisas estariam muito diferentes de agora. Eu havia me apaixonado pelo Dante que ele era hoje, certamente me apaixonaria por uma versão sua menos babaca no passado.



A parte externa da casa tinha um espaço projetado para uma fogueira urbana de frente para a praia. Os sofás eram cercados por um vidro e formavam um “U” e no centro havia um vaso de concreto com pedras vulcânicas.

Sério, aquela casa parecia um paraíso.

Nós estávamos sozinhos, abraçados e sentados ali, apenas observando as ondas quebrando no mar, as estrelas e ouvindo o crepitante das chamas.

— Você acha que se tivéssemos sido amigos quando éramos novos, as coisas seriam diferentes? — perguntei no final daquela noite, aconchegando-me em seus braços.

— Você diz entre nós dois? — perguntou, rindo.

— Sim, nossas vidas. Acha que estariam parecidas?

— Nós nos odiámos a vida toda e demos um jeito de ficar juntos. Como você acha que estaríamos se não tivéssemos nos odiado?

— Mas eu acho que ficamos juntos justamente por todo atrito que sempre tivemos.

— Claro que não, Maria Manuela. Ficamos juntos porque você me agarrou no chalé dos monitores já que eu sou gostoso. Você teria feito isso da mesma forma — zombou e eu dei um soquinho em seu braço.

— Você é tão ridículo.

Ele riu, apertando-me ainda mais contra o seu corpo e deu um beijo no meu pescoço.

— Acho que no máximo eu seria amigo do Guilherme. Você era irritante na época da faculdade — afirmou, dando uma risada.

Virei o corpo para olhá-lo, demonstrando toda minha perplexidade.

— Ah, qual é... Você sabe que era bem insuportável naquela época. Ou seja, teríamos atrito.

— Eu não era insuportável.

— Sempre foi. Ainda é um pouco... — eu soltei um gritinho de incredulidade e cruzei os braços. — Mas eu sou apaixonado por

você mesmo assim.

Dante me beijou devagar, fazendo carinho no meu rosto. Tudo dentro de mim parou de funcionar de maneira correta e eu me derreti nos seus braços, produzindo uma série de suspiros involuntários.

Apoiei a cabeça no seu peito e fiquei ali, ouvindo os batimentos do seu coração pulsando junto ao meu. Nós ficamos bastante tempo conversando sobre os assuntos mais aleatórios.

Falamos sobre o passado, a respeito de algumas das viagens que ele fez, sobre as experiências que teve. Ali, eu percebi o quanto Dante havia se esforçado para mudar suas percepções sobre o mundo. Não fazia ideia que ele saiu da sua bolha e chegou até mesmo a passar uma semana com os pescadores que sofreram pelos empreendimentos da sua família.

— Li todos seus projetos — confessou algum tempo depois, fazendo círculos na palma da minha mão. — Depois que nos encontramos naquele evento. Eu... Você me fez repensar tantas coisas nos últimos anos. E depois daquela noite, eu meio que... Parecia um sinal, sabe? Como se você fosse o caminho para me fazer enxergar melhor as coisas, mudar as minhas percepções.

Eu me virei para ele e pisquei, completamente chocada com aquela nova informação.

— Você tinha sido simpática comigo e bem... Tão simpática a ponto de trepar comigo.

Ele deu uma risada divertida e eu fiz o mesmo.

— Eu me perguntei se aquilo não era um recado do universo. E conforme eu via o seu trabalho... Entendi que também podia fazer alguma coisa. Você inspira tanta gente, Manuela — Dante falou, segurando o meu rosto, olhando no fundo dos meus olhos. — E você nem faz ideia. Até fora do Brasil falam seu nome.

— Oi? — perguntei, franzindo o cenho e ele deu uma risada fraca.

— As pessoas não falam só sobre o fato de você ser insuportavelmente inteligente, mas elas conseguem ver toda sua paixão, sua devoção pelas batalhas que escolhe. Eu estava em uma palestra certa vez em Palm Beach e havia um biólogo marinho falando sobre os botos... Guilherme Maricato? Acho que era esse o

nome, ele trabalhou com você. — Dante fez uma careta, pensativo e eu assenti. — A filha dele de seis anos estava do meu lado e quando apareceu uma foto de vocês dois, ela disse que queria ser como você.

— Ela é uma fofa!

— Você inspira as pessoas, Maria Manuela. E definitivamente fez parte da minha mudança de percepção de mundo. Na verdade, você sempre fez. Você foi o motivo de eu me questionar desde sempre sobre toda essa merda de Círculo de Ouro.

— Eu?

— Você era só uma bolsista e eu já sabia que faria uma diferença absurda em qualquer área que entrasse. E me lembro de ter falado de você para o meu pai logo no início da sua carreira, afirmindo que você seria uma pedra no sapato, mas ele apenas riu e disse que você não era ninguém. — Dante deu uma risada fraca.

— Se você soubesse quanto dinheiro fez o velho perder...

Eu ri.

— Sinto muito por você ter uma família tão...

— Fodida? — ele indagou, sem muito humor e eu comprimi os lábios. — As coisas são como são, Manuela. Toda essa merda, esse complexo de superioridade, essa sociedade elitista escrota que passa por cima de tudo e de todos... — Dante suspirou, cansado. — Fico feliz por eu ter sido a pessoa que quebrou toda a “linhagem” da minha família.

Prendi a respiração, vendo o meu reflexo nos seus olhos e ele deslizou o polegar devagar pelo meu maxilar, analisando o meu rosto por alguns segundos.

— E fico feliz que tenha sido com você. — E então, ele me beijou.



*Nós formamos um lindo time  
Um lindo time*

**:: LOVE IS STRONG - THE ROLLING STONES::**

*Dante Perazzo*

Na manhã seguinte, nós ficamos na praia com as crianças. Giovanna estava mais do que animada, mergulhava as mãos na areia e ria de tempos em tempos, fazendo castelinhos com alguns brinquedos que eu tinha comprado.

Lucca estava igualmente feliz e os dois pareciam estar se divertindo bastante. Em algum momento, ela pegou sua um brinquedinho e deu para o Lucca e foi como se um peso saísse dos meus ombros.

— Você viu? — Manuela comentou baixinho, entrelaçando os dedos nos meus. — Ela está dividindo.

Porra, que alívio do caralho. Nós estávamos desesperados em como seria se ela fosse para a creche, já imaginando nossa filha metendo a porrada nas outras crianças que tentassem pegar suas coisas.

— Eu te disse que tudo iria dar certo — afirmei, dando um beijo na sua mão.

— Quem quer ir pra água? — Manuela perguntou, levantando-se e as crianças começaram a gritar, empolgados.

— Manuela, não acha que o mar está batendo demais?

Ela olhou de mim para o mar. Uma. Duas vezes e depois deu uma risada.

— Dante, pelo amor de Deus. Está parecendo uma piscina!

— Sério, como você é desesperado. Certeza que uma hora infarta. — Julia revirou os olhos e pegou seu filho no colo. — Vamos, Luquinha!

Eu a olhei apreensivo. Odiava ir com a Giovanna para a praia justamente por conta do mar.

O mar era traiçoeiro, porra!

Manuela constantemente dizia que eu era neurótico. A hora que as minhas neuroses salvassem nossa filha, ela me agradeceria. O mundo era perigoso! Não era minha culpa!

Ela tentava me dizer que no início também era assim e com o tempo eu me acostumaria e seria menos desesperado.

Nem fodendo.

Minha vontade era deixar a Giovanna dentro de uma bolha. Eu morria de medo de que algo acontecesse com ela.

Nós quatro ficamos na beira e os bebês estavam sentados com metade dos corpinhos na água. Quando uma leve onda vinha, Gio dava gritinhos e levantava o tronco de leve, com um pouco de medo. Era engraçado, depois que meu coração parecia parar por alguns segundos.

Eles estavam se divertindo horrores. Giovanna não parava de falar e Lucca a todo instante pegava a água fazendo uma conchinha com as mãos e depois jogava para cima.

— *Peixinho, papai, cadê?* — ele perguntou olhando para os lados e Guilherme riu.

— Não tem peixinhos aqui, Lucca, só lá pro fundo.

— *Pixinho*, Lulu — Gio repetiu.

— Meu Deus, como você é fofa, neném — falei, apertando suas bochechas e enchendo-a de beijos enquanto ela gargalhava.

À tarde, nós fomos passear pela Rua das Pedras e enquanto Manuela ia com Julia comprar um sorvete, eu aproveitei para mentir

que ia trocar a fralda da Giovanna e me esgueirei em uma loja de bebê porque tinha visto um vestidinho que ficaria lindo nela.

Estava olhando os sapatinhos e mostrando para Gio, quando ouvi uma voz familiar ecoando atrás de mim:

— Porra, Paula! Eu sei lá que tamanho é isso!

— Marco? — chamei, dando uma risada e ele se virou e arregalou um pouco os olhos, surpreso ao me ver.

— Já te ligo — ele disse, desligando o aparelho e vindo na minha direção para um abraço. — O que faz aqui, Dan?

Eu cheguei para o lado para mostrar minha filha no carrinho e ele piscou, como se estivesse assimilando tudo.

— Toda hora eu esqueço que você virou pai — comentou, rindo e depois se agachou para ver a Giovanna. — Ei, Gio... Tudo bom?

— Oi — Giovanna falou, abrindo um sorrisão e ele fez o mesmo.

Porém, em menos de um segundo, seu rosto se fechou.

— Não acredito que você deu uma capivara de pelúcia pra sua filha, Dante — resmungou, irritado, levantando-se e cruzando os braços.

— Capi! — A bebê se inclinou no carrinho e esticou os braçinhos com o bichinho, como se estivesse oferecendo-a para ele.

— Não, nem só disso — ele falou de um jeito simpático com ela e eu ri. — Sabia que esses bichos são perigosos? Você não deveria...

— Marco! — eu o chamei e cochichei: — Não vai assustar minha filha com seu trauma, porra.

— É ridículo você dar uma miniatura desse roedor filho da puta pra uma bebê, sendo que sabe o que aconteceu comigo.

— Supera, Marco! Meu Deus, você não esquece essa história nunca?

— Não foi com você, né, babaca? — disse baixinho, irritado.

— Enfim, o que faz aqui?

— Eu, ahn... — Ele coçou a cabeça, limpou a garganta e se virou para minha filha, sorrindo. — Então... Você vai ter um amiguinho pra brincar em breve, Gio.

Arregalei os olhos, sem acreditar.

— Você vai...

— É, vou entrar para o time dos papais — contou, um pouco sem jeito, dando uma risada.

— Meu Deus, cara! Parabéns! — comemorei, abraçando meu amigo.

— Obrigado — respondeu, dando uns tapinhas nas minhas costas. — Ainda estou processando tudo... E ninguém sabe ainda, Dan. Então mantenha sua boca fechada.

— Sem problemas. Que foda!

— Tô com medo pra caralho — confessou baixinho. — Mas a gente conversa sobre isso depois, com calma. Estou tentando comprar a porcaria de uma roupinha sem que a Alice saiba e não consigo achar o tamanho...

— Sei tudo sobre roupinhas... — comentei, empolgado, perguntando um pouco mais sobre o que ele precisava e quando entreguei algumas opções em sua mão, continuei: — Sério, eu tenho muitas dicas!

— Vou precisar de todas elas — garantiu, rindo.

— Está aqui em Búzios a trabalho? — indaguei, pegando Giovanna no colo porque ela estava começando a se agitar.

— Não, vim para um final de semana com a Alice — explicou e gargalhou quando a Giovanna mandou um beijinho para ele, mandando outro em resposta. — Ela é fofinha demais, Dante.

— Não é?

— E é a sua cara — comentou, rindo. — Ela dá muito trabalho?

— Não, ela é de boa. Vem cá, vocês podiam jantar com a gente...

— Hoje não vai dar, mas podemos marcar lá em casa? Estou curioso pra conhecer a Manuela. — Marco balançou a cabeça negativamente e depois riu. — Ainda não acredito que está namorando a mulher que fode diariamente com a empresa do seu pai. Porra, desculpa, não devia ter falado palavrão.

Eu ri e ele passou a mão no rosto quando percebeu que tinha dito outro em seguida. — Relaxa, Marco. E olha quem fala... Acha que me esqueço do aniversário do Yuri que bebemos pra cacete e

você passou duas horas reclamando da mulher insuportável que trabalhava na Anvisa e tinha atrasado um lote de um medicamento?

Ele franziu o cenho.

— Não lembro.

— Nossa, eu não aguentava mais ouvir você falando “Rossi”, resmungando sobre o quanto ela era insuportável e se achava — lembrei, gargalhando. — Acho que somos a mesma pessoa em um universo paralelo.

— Só que eu sou muito mais rico que você — zombou. — Muito mais gato e agradável também.

— Vai achando, idiota... Eu tenho um jatinho.

— Ainda fica se gabando daquela lata velha, Dan? Me poupa!

Nós sempre brincávamos com isso, desde que éramos novos. Quando se cresce dentro do Círculo de Ouro, suas amizades tendem a ser fechadas. A maioria das pessoas é escrota, mas até que tínhamos um grupo legal atualmente. Era uma pena que não tivéssemos tanto contato quanto antes.

Nós nos despedimos e eu finalizei minhas compras, já prevendo o esporro de Manuela ao me ver com sete sacolas. E óbvio que foi o que aconteceu assim que retornei para encontrá-los.

Voltamos para casa algum tempo depois. Fiz um jantar especial para ela e finalizei com um bolo com diversas camadas de sorvete. Deu trabalho pra caralho e xinguei umas três gerações do confeiteiro que inventou a receita que estava seguindo, mas a felicidade no seu rosto foi impagável. E tudo o que eu conseguia fazer era olhar embasbacado para aquela mulher que tinha roubado o meu coração.

Nós cantamos parabéns, nos entupimos de bolo e depois avisei que era o momento dos presentes. Julia deu um perfume para sua amiga e o Guilherme fez a felicidade dela com uma edição especial de *Orgulho e Preconceito*<sup>[28]</sup>.

Por último, entreguei um presente na mão de Giovanna, que foi correndo na sua direção com o embrulho. Ela abriu, olhando o porta-retratos com uma foto de nós três rindo e tomando sorvete juntos.

— *Béns*, mamãe — falou, se inclinando para lhe dar um beijinho.

As lágrimas se acumularam enquanto ela observava a foto com nossa filha pendurada nos braços, apontando para cada um de nós. Me aproximei e ela nos abraçou, afundando o rosto no meu peito. As palavras saíam abafadas conforme ela repetia diversas vezes o quanto estava feliz.

— Esse é o primeiro de muitos porta-retratos da nossa casa nova — avisei.

Ela sorriu, os olhos ainda molhados e assentiu.

Na mesma hora, o meu coração disparou e em seguida uma sensação de paz me preencheu. Porra, como eu amava momentos como aquele.

— Falta o meu — avisei, entregando uma caixa de madeira para ela.

Manuela me encarou receosa e estreitou os olhos para mim.

— Eu sei que não deveria incentivar seus gostos ruins, mas... — comecei a dizer quando vi sua boca se abrindo.

— Isso é... — Manuela piscou, atônita, as mãos tremendo um pouco ao segurar a primeira cópia do “White Album”, dos Beatles. Ela se virou para mim e eu ri da sua reação. — Você...

— Aham. Agora vira — mandei.

Manuela deu um gritinho e levou as duas mãos até a boca, deixando o disco cair em seu colo. Comprimi os lábios, tentando segurar as risadas e ela tornou a me olhar em choque.

— Está autografado! — Ela mostrou e eu confirmei. — Pra mim! Tem o meu nome. Está escrito Maria Manuela.

— É, eu sei, linda. Seria estranho se tivesse o nome de outra pessoa aí. — Eu ri, achando graça da sua felicidade.

Ela jogou o corpo em cima do meu e me beijou, os agradecimentos sendo ditos contra os meus lábios.

— Ei, estamos aqui também — Julia zombou, dando uma risada. — E tem crianças na sala!

— O Ringo e o Paul autografaram — ela berrou, mostrando para os amigos. — Com o meu nome! Meu Deus, o Ringo e o Paul sabem quem eu sou!

Manuela se virou para mim, completamente em transe. Ela olhava para o disco e para os meus olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Não, isso não é real. Isso, isso é uma fortuna, Dante. Você é maluco. Meu Deus, isso vale mais do que... Eu nem sei.

— O leilão foi para ajudar uma causa ambiental — expliquei.

— E bem, eu tenho um conhecido que é amigo dos dois... Continue vendo os presentes.

Manuela piscou devagar, como se estivesse tendo dificuldade para assimilar tudo. Ela continuou abrindo, notando um par de ingressos para o primeiro show do cantor que aconteceria naquele mês em Brasília e uma outra caixinha retangular preta de veludo.

Meu coração acelerou um pouco quando ela prendeu os lábios entre os dentes e me olhou com expectativa. Abriu a caixinha devagar e viu a joia. Era um cordão de ouro branco com alguns diamantes e ônix que formavam um passarinho preto, em referência à música *Blackbird*, que ela sempre cantava para Giovanna, e atrás eu tinha mandado gravar a frase “*All my loving I will send to you*<sup>[29]</sup>”.

Seus olhos tornaram a brilhar e ela engoliu em seco, como se estivesse tentando manter todas suas emoções dentro de si. Manuela estava prestes a desabar, era nítido.

— Isso... É... Meu Deus, Dante, é lindo — sussurrou, passando o polegar pelas palavras.

Seus olhos levantaram para encontrar os meus e ela me beijou.

— Eu amo você — disse baixinho, com a testa encostada na minha.

— Que bom, porque eu não mandei gravar essa frase aí à toa — brinquei e ela sorriu. Olhei novamente nos seus olhos e segurei a base do seu pescoço. — É verdade. Todo o meu amor é seu, Maria Manuela.



*Todo o meu amor, eu mandarei para você  
Todo o meu amor, querido, eu serei fiel  
Feche os olhos e eu te beijarei  
Amanhã sentirei a sua falta*  
:: ALL MY LOVING - THE BEATLES ::

*Maria Manuela Guerra*

Já tinha vasculhado todos os cantos do apartamento, mas não achava minha cartela de anticoncepcional de jeito nenhum. Comecei a abrir as gavetas da cozinha, xingando-me por não conseguir lembrar onde tinha enfiado aquela merda.

— O que aconteceu? — ele perguntou, distraído, surgindo pela cozinha apenas com uma toalha amarrada na cintura, as gotinhas de água descendo lentamente pelos gominhos do abdômen.

Dante foi até o filtro, pegou um copo de água e deu um gole, apoiando uma das mãos na bancada. Abri e fechei a boca, incapaz de produzir um único som. As veias do braço marcavam um pouco e ele se virou na minha direção, com o cabelo caindo nos olhos.

— O que foi? — Um sorrisinho safado surgiu nos seus lábios.

— Ahn... Nada. Apenas... — A capacidade de falar foi se esvaindo conforme ele caminhou na minha direção, colando o corpo

no meu e segurando meu pescoço com as duas mãos.

— Apenas...?

— Não acho meu anticoncepcional — resmunguei, me afastando um pouco, porque se não fizesse aquilo, seria meu fim.

— Não toma então.

Ele encolheu os ombros, cruzou os braços e eu o olhei sem entender.

— Dante, está louco?

— Deveríamos ter outro bebê — disse, sério, e eu fiquei perplexa.

Meu Deus, eu não acreditava nas palavras que estavam saindo de sua boca. Dante estava mesmo dizendo que nós dois deveríamos ter outro filho juntos? Assim, do nada?

— O quê? De onde tirou isso?

— Qual o problema? — indagou e eu pisquei.

— Dante, nós nunca conversamos sobre isso...

— Bem, estamos conversando agora — respondeu, como se fosse óbvio.

— Não, você está simplesmente sugerindo isso do nada, como se estivéssemos pensando em comprar um jogo de copos ou os legumes para preparar as refeições da Giovanna. — Dei uma risada nervosa.

Ele rolou os olhos e tornou a segurar meu rosto.

— Manuela, somos uma família. Estamos namorando, vamos nos mudar e morar juntos por livre e espontânea vontade. Qual é o problema? Ou... Ahn... Ou você não quer mais filhos?

Entreabri a boca, buscando por um argumento. Minhas emoções se agitaram diante de suas palavras, queimando minhas vértebras uma a uma. Olhei em seus olhos, tentando expressar toda a complexidade que se formava dentro do meu coração.

Sim, eu queria mais filhos. Sempre quis filhos, no plural. E eu me pegava pensando em como nossos outros filhos seriam, hora ou outra, mas nós dois nunca tínhamos sentado para conversar sobre isso.

Casais deveriam se planejar, não é? Nós estávamos apenas namorando. E se não desse certo? E se estivéssemos nos precipitando? Não era rápido demais pensar nisso? Como será que

Giovanna lidaria? Milhares de perguntas inundavam minha cabeça. Finalmente, respirei fundo, buscando escolher minhas palavras com cuidado.

— Manuela? — ele me chamou, tirando-me do meu transe.

— Você me pegou de surpresa com esse assunto — confessei. — Não acha que deveríamos discutir um pouco mais sobre isso? Não podemos tomar decisões baseadas em impulsos de uma manhã após uma ótima foda. — Dei uma risada e ele fechou a cara, parecendo ofendido.

— Não estou em um momento de impulso.

— Ok, mas podemos sentar e discutir isso com calma?

Ofeguei, vendo o ar se esvaindo. Tentei isolar o calor que formigava sob a minha pele e a torção no meu estômago. Era desesperador quando eu parava para refletir sobre os meus desejos e receios. Porque sim, eu queria ter mais filhos com ele. O quão louco era aquilo?

Eu tinha medo, entretanto. Nós não estávamos juntos há tanto tempo, havia toda a questão com o pai dele. E se tudo desse errado?

— Podemos e eu amaria entrar em uma disputa de argumentação com você, pelos velhos tempos... — ele zombou, beijando meu maxilar. — Mas também podemos fazer como fizemos da outra vez e deixar o universo agir... — sugeriu, cheio de insinuações.

— Você é muito idiota... — falei, rindo enquanto sua língua deslizava pelo meu pescoço.

— E lindo, e gostoso e tenho genes maravilhosos, você sabe... — ele pontuava, mordendo minha pele entre as risadas.

Suspirei.

Ele realmente tinha genes maravilhosos.

Ouvimos o choro estridente da Giovanna no quarto e eu ajeitei minhas roupas, desvencilhando-me dele antes que começássemos a trepar na cozinha. Olhei para o lado e vi o Ringo com um pedaço da cartela vazia do meu remédio.

— Ringo! Onde você pegou isso? — Puxei a cartela babada e destruída da sua boca e fiz uma careta.

— Você sabe que isso é um sinal, certo? — Dante comprimiu os lábios, abafando as risadas.

— Até o gato está mancomunado com você!

Ele jogou a cabeça para trás, rindo.

— Não terminamos de conversar — avisei, com o dedo perto do seu rosto.

— Acho que terminamos... O universo está literalmente mandando você me dar outro filho — zombou. — Depois dessa, eu encerro meus argumentos!

Estreitei os olhos na sua direção e me virei para sair da cozinha.

— Ei... — ele me chamou com um sorrisinho digno de molhar calcinhas. — Você fica linda irritada, *amor*.

Ah, porra. *Amor*?

Jogo baixo do caralho!



# Dante Perazzo

Mandei algumas mensagens para Dom, perguntando se eu tinha feito merda e a única coisa que ele me perguntou foi: “Sério? Outro bebê?”. Então, decidi chamar Guilherme para almoçar na tentativa de analisar toda a conversa daquela manhã. Não sabia ao certo o que tinha dado em mim, mas se estamos sendo honestos, já fazia tempo que eu não me reconhecia.

Nunca tinha sido aquele tipo de cara, com certeza não era um que fazia planos futuros com uma mulher. Durante todo o meu namoro com a Marcella, sequer cogitei casamento por vontade própria. Também não era romântico e nem meloso e hoje eu me via como um caso perdido.

Literalmente um cachorrinho da Maria Manuela.

— Não acredito que me trouxe em um restaurante caro pra caralho, Dante — Guilherme resmungou, olhando o cardápio. — Tem ideia do quanto é nosso VR?

Pisquei, confuso.

— A gente tem isso?

— Você tá de sacanagem, Dante?

Levantei as mãos no alto, em rendição.

— Eu não sabia, ué. Nem sei quanto eles me pagam, pra ser sincero...

— Ok, sabemos que você caga dinheiro, mas não precisa humilhar, caralho.

— Não era minha intenção. De qualquer forma, eu estou pagando — avisei.

— Ah, é claro que você está. Eu não vou dar vinte reais na porra de uma Coca! — Guilherme continuava encarando o cardápio, balançando a cabeça negativamente. — KS<sup>[30]</sup> ainda! Sabe quanto custa para encher isso? Que cara de pau!

— Ok, Guilherme, seu *mão de vaca* do caralho. Foda-se o preço da Coca. Vamos focar no que é importante?

Ele chamou o garçom e nós fizemos os pedidos. Depois, o melhor amigo de Manuela me encarou com um olhar de deboche e cruzou os braços.

— Que merda você fez agora?

— Quem disse que eu fiz alguma merda, idiota? — Mais uma expressão de desdém, que me fez bufar. — Só disse para ela não tomar o anticoncepcional.

A boca de Guilherme se entreabriu e eu comprimi os lábios, levemente preocupado por sua reação.

— Fiz merda? Fui machista ou sei lá o quê?

— Hã? Eu sei lá! Como eu vou saber?

— Sei lá, porra, sua mulher que te acusou de ser machista por causa do lance da TPM. Você deveria saber.

— Se foder, Dante! — Ele revirou os olhos e depois voltou a parecer surpreso. — Quer mesmo outro bebê?

— Por qual motivo isso te espanta? Por que as pessoas estão espantadas com isso? Eu amo minha bebê, caralho!

Eu não conseguia entender porque as pessoas pareciam tão perplexas quando eu dizia isso. Era apaixonado por aquela garota e desde o momento em que bati os olhos na Giovanna, eu soube que não queria ter só uma filha.

Além do mais, eu queria viver toda a fase inicial que não pude ter com ela. Queria ver Manuela grávida, queria participar de todos os momentos que perdi. Afinal, eu não tinha dúvida nenhuma de que aquela era a mulher ideal para mim, para ser a mãe dos meus filhos. Não havia ninguém como Manuela.

— Sei lá, só não achei que você fosse querer isso. Ainda mais tão cedo — comentou, arqueando uma das sobrancelhas. — E também por toda a questão da sua família...

— Achei que, a essa altura, soubesse que sou diferente do restante da minha família, Guilherme — respondi, irritado.

— Dante, não precisa ficar na defensiva. — Ele ergueu as mãos no ar. — Só não imaginei mesmo que pudesse querer mais filhos.

— Mas eu quero — afirmei. — O que tem de errado, porra?

— Nada, estressadinho do caralho. Eu também quero. Bem, e o que Manu acha disso?

— Quer discutir isso com calma. Eu só... Óbvio que não tem problema nenhum se ela não quiser ou se não for a hora, mas... — eu me interrompi, um pouco receoso. — Ela não escolheu ter a Giovanna comigo, entende? E então, eu comentei sobre e ela meio que recuou. Isso me fez questionar algumas coisas.

— Você só está inseguro.

— Não sou inseguro!

— Não é não — disse, cheio de ironia e depois fez uma vozinha fina, em uma tentativa patética de me imitar: — “Ela não escolheu ter a Giovanna comigo”.

— Você é um babaca.

Ele riu.

— Dante, sim, vocês tiveram um filho juntos sem planejamento algum e não foi fácil pra ela. E o relacionamento de vocês é relativamente novo, por mais que morem juntos e já tenham a Giovanna — ele começou a ponderar. — Além do mais, vocês não

são casados. Já parou para pensar que talvez ela queira, sei lá... Casar primeiro?

— Ela te falou que quer casar? — Arqueei uma das sobrancelhas.

Será que era isso? Será que ela estava hesitante de alguma forma por não sermos casados? Porque se fosse, uma aliança resolveria o problema, certo?

Não era como se eu não estivesse tendo pensamentos do tipo. E se eu não fosse casar com Manuela, eu certamente não me casaria com mais ninguém. O único problema é que eu não tinha certeza de que era algo que ela quisesse.

Porra, que ódio! Será que Maria Manuela não tinha nenhuma intenção de casar? Odiava não saber. Tudo aquilo era muito novo para mim, mas de uma coisa eu tinha certeza: eu a amava, era ela quem eu queria.

— Não! Ela não disse nada disso, mas eu não sei, pode ser. Acho que vocês precisam mesmo conversar.

Ok. Nós sabíamos conversar. Éramos melhores ainda debatendo argumentos. Então, uma ideia surgiu na minha cabeça e porra, parecia fantástica.

Será que se eu montasse uma apresentação de *Power Point* com todos os meus pontos, conseguiria convencê-la a me dar outro bebê?



*Você pode me levar de volta para de onde eu vim?  
Será que você pode me levar de volta?*  
**:: CRY BABY CRY - THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Dante marcou um horário na minha agenda alguns dias depois e entrou na minha sala com um computador na mão.

De início, achei que era algo sobre trabalho, mas precisei conter a risada quando ele veio, todo sério, discutir sobre os motivos de termos mais um filho.

COM. UMA. APRESENTAÇÃO. DE. POWER. POINT.  
TINHA ATÉ ANIMAÇÃO, PELO AMOR DE DEUS.

Explicou que tinha feito tudo aquilo para mostrar que realmente não era algo “da boca para fora” e que era muito melhor do que eu nas argumentações.

Contei para ele que naquela semana eu tinha deixado de tomar a pílula, que também queria ter outro bebê e fiquei animada com a possibilidade, mas uns dias depois, refleti melhor e cheguei à conclusão de que seria bom esperarmos estar na casa nova.

Ver a expressão de alívio e felicidade no seu rosto atiçou as borboletas do meu estômago. Ele concordou, afirmando que “meu

"tempo era o seu tempo" e eu sorri, tendo a certeza de que Dante era o cara certo para mim.

Minha menstruação desceu umas duas semanas depois e confesso que fiquei um pouco frustrada com aquilo. Talvez toda a empolgação de Dante tivesse me afetado de alguma forma, então, foi decepcionante saber que eu não estava grávida.

Naquele meio tempo, visitamos a casa e tivemos várias reuniões com muitos arquitetos e outros profissionais da área. Era um pouco estressante planejar uma mudança, obras e ainda ter que cuidar de uma bebezinha, eu confesso.

Como se não bastasse, um furacão havia se instalado dentro do escritório. Estávamos criando duas áreas de proteção ambiental em um local que estava sendo afetado por algumas petrolíferas. E é claro que os recebedores dos *royalties* estavam protestando, alegando que acabaríamos com o desenvolvimento da região.

E o pior, sabíamos bem quem incentivava aquelas manifestações. A grande maioria estava ali para proteger seus próprios bolsos. O prefeito da cidade, que era muito amigo de Genaro Perazzo, estava bem ativo nas redes sociais contra as audiências públicas.

Eu e Dante estávamos à frente, sendo xingados de todos os nomes possíveis e imagináveis. No dia em que avisamos sobre a criação do corredor ecológico, algumas pessoas chegaram até mesmo a aparecer na porta do escritório.

Nos reunimos com o Prefeito de Coroa do Sul, explicando em uma comitiva que já tínhamos realizado uma ação parecida na cidade pouco tempo atrás. Ele passou um bom tempo, com toda sua paciência (muito maior que a minha, diga-se de passagem), alegando que estava do nosso lado e mostrando os benefícios de o turismo ecológico substituir a renda dos *royalties*.

Hoje Dante estava ainda mais estressado, porque seu pai estava sendo insistente e enviando diversas mensagens desaforadas para ele, mandando-o recuar. E como se não bastasse, Domenico tinha voltado naquela manhã.

— O que foi, Marcella? Estou ocupado.

Ele atendeu de má vontade enquanto procurava algum documento na pilha da sua mesa e eu o olhei disfarçadamente.

— Eu sei lá porque o Dom não te atende — resmungou, bufando. — Cadê essa merda? — Mais uma pausa. — Você virou secretária do meu pai agora, porra?

Olhei para minhas unhas, fingindo que nem estava prestando atenção e depois comecei a rabiscar algumas coisas na folha da minha pasta.

— Uhum... Não sei. Sim, sim, no Scorpius — disse, todo monossilábico, mencionando apenas o nome de um dos hotéis mais luxuosos do Rio de Janeiro.

Ele desligou, jogando o celular de lado.

— A Marcella está empenhada em unir sua família, não é? — perguntei de um jeito sugestivo e ele levantou os olhos para mim.

— Meu pai deve estar no pé dela — explicou, rodeando a mesa e andando até onde eu estava sentada.

— Hm...

Um sorrisinho cresceu nos seus lábios e ele apoiou as duas mãos nos encostos da cadeira, mantendo o rosto a centímetros do meu.

— Ciúmes, Maria Manuela? — Uma das suas sobrancelhas se arqueou e eu estalei a boca.

Ah, foda-se, claro que eu estava com ciúmes. Dante e Marcella tinham um passado, uma história. As suas famílias planejavam um casamento para os dois antes mesmo que eles tivessem beijado na boca. Além disso, aquela mulher era obcecada por ele.

— Você fica uma gracinha com ciúmes — falou, roçando os lábios nos meus, entre as risadas.

— Você é tão insuportável! — resmunguei e ele me beijou.

— Vou chegar mais tarde hoje. Vou dar um pulo no hotel para encontrar o Dom. Ok?

— Não vamos almoçar?

— Não dá, linda. Marquei de almoçar com o Reno porque ele queria tirar umas dúvidas comigo sobre um empreendimento — explicou e eu fiz um biquinho.

— Tudo bem.



No almoço, decidi que daria um pulo na livraria que ficava na esquina do trabalho para procurar um livro e franzi o cenho quando vi o Reno do lado de fora como se estivesse esperando por alguém.

— Ah, oi, Manu! — ele me cumprimentou quando saí pela porta.

— Oi! Tá esperando o Dante? Acho que ele já saiu.

Reno deu uma risada, parecendo um pouco confuso, e franziu o cenho.

— Não, não. Tô esperando minha gata, ela vem almoçar comigo hoje.

— Ah sim. Bom almoço!

Que porra?

Era sério isso? Dante estava mentindo para mim? Respirei fundo, tentando ignorar o meu sangue fervendo de ódio. Não havia nada que eu odiasse mais do que mentira, mas eu sabia que a conversa que eu tinha ouvido estava se arrastando pelas lacunas do meu cérebro, infiltrando-o com paranoias.

Por que ele tinha mencionado o hotel para ela?

Não. A última coisa que eu deveria fazer era seguir por esse caminho.

Fui almoçar e fiquei pensativa sobre aquilo, tentando afastar todas as minhas inseguranças. Ele entrou na minha sala algum tempo depois, avisando que tinha marcado uma reunião com a ONG e acabei perguntando como tinha sido o almoço. Dante me deu uma resposta evasiva, apenas dizendo que Reno tinha muitas perguntas e que passaram o almoço inteiro discutindo assuntos chatos.

É, ele realmente estava mentindo.

Não queria confrontá-lo, como se fosse uma louca que o estivesse perseguindo. Foi a verdade que veio até mim!

Talvez Dante tivesse ido resolver algum assunto sobre sua família, talvez ele não quisesse comentar nada sobre no momento. Não era certo eu assumir as piores coisas, isso nunca era a melhor alternativa. Ele me amava, certo?

O restante do dia foi turbulento e fiquei um bom tempo na pensão quando fui buscar Giovanna, conversando com a minha mãe e Antonio. Eles estavam me contando uma fofoca de um dos moradores que tinha sido preso por participar de lutas clandestinas.

— Eu nem sabia que isso existia.

— Existe. Você lembra do Pedro? — meu primo perguntou e balancei a cabeça negativamente. — Ele dá aula em uma academia aqui perto pras crianças e eu o conheci quando fui fazer uns treinos...

Dei uma gargalhada.

— Não, Antonio, você tomou porrada na aula — lembrei e ele levantou o dedo do meio na minha direção.

— Antonio! Modos! — minha mãe chamou sua atenção.

— Enfim, a gente acabou ficando próximo e eu mandei uma mensagem pra ele hoje pra sondar...

— Meu Deus, como você é fofoqueiro.

— Apenas atrás de informações verídicas — ele se defendeu, rindo.

Algum tempo depois, Adriano chegou e perguntou se poderíamos conversar um pouco no jardim. Ele contou sobre um caso que estava tratando no escritório em que trabalhava e disse que estava animado. Falou também que a Carol tinha realmente decidido voltar para o Brasil e faria isso em breve.

A Carol era mais nova, ela era meia-irmã dos dois, e nunca tivemos muito contato, porque quando ela foi embora para os Estados Unidos com o pai e a madrasta do Adriano e da Julia, ainda era uma criança.

— Ei, Manu... Queria me desculpar de novo por tudo o que disse aquele dia — ele falou, quando percebeu que minhas respostas estavam mais secas. — Eu só... Ninguém mais se importa com você como eu me importo, entende?

— Não é justo você falar isso... E eu já te desculpei, Adriano.

Era uma relação difícil a que tínhamos. Minha mãe o via como um filho, nós fomos amigos por tantos anos e depois namorados.

Talvez houvesse um pouco de “apego” da minha parte. Talvez Guilherme estivesse certo com toda aquela história de passarmos a

mão na cabeça quando Adriano começou a vacilar.

— Sinto sua falta, Manu.

— Você não deixou as coisas fáceis pra nós dois.

— Não quero que as coisas continuem estranhas entre nós. Eu realmente só quero o seu bem.

— Precisamos de tempo, só isso — afirmei, dando um sorriso fraco e ele fez o mesmo, segurando a minha mão.

— Eu te amo, Manu. Sabe disso, não sabe? — disse, sério, olhando no fundo dos meus olhos. — Simplesmente... Minha vida não existe sem você. Não quero perder o que sempre tivemos. Somos família antes de tudo.

— Não vamos perder — respondi, sorrindo e o abracei. — Também amo você.

Uma coisa que Dante não conseguia entender, apesar de tudo, é que eu, Adriano, Julia e Guilherme éramos uma família. Por mais que brigássemos, havia algo muito mais forte que nos unia e era impossível ignorar isso.

Eu sabia que relevava mais do que deveria as coisas que Adriano havia feito, mas eu realmente o amava. Era muito difícil ficar longe dele e não tentar justificar o motivo pelo qual ele agia de alguma forma específica.

Nós tendemos a fazer isso quando temos carinho pelas pessoas, não é? Muitas vezes mantendo relações que se tornam tóxicas apenas por conta de familiaridade, um passado e até mesmo gratidão.

Adriano perdeu a mãe cedo, se sentiu rejeitado quando seu pai casou de novo e então, depois do escândalo, eles decidiram ir embora sem consultar nem ele e nem a Ju. A minha mãe era o maior vínculo afetivo que ele tinha depois das irmãs.

E para completar, eu engravidei do cara que ele mais odiou durante anos. Sabia que depois de Dante ter entrado novamente nas nossas vidas, todos os medos dele voltaram à tona, com a amizade com Guilherme e o fato de estarmos namorando.

Era muito difícil não ficar triste por ele, porque eu sabia que Adriano tinha plena certeza de que nós dois ficaríamos juntos no final.

— Preciso ir, estou atrasado para encontrar um amigo meu — ele avisou e eu assenti. — A gente se fala amanhã.

Voltei para casa e reparei que Dante ainda não havia chegado. Fiz toda a rotina noturna com Giovanna e depois a coloquei para dormir. Preparei um sanduíche e fiquei algum tempo assistindo “*Irmãos à Obra*”.

Comecei a ficar aflita conforme as horas se passaram. Tentei ligar algumas vezes, mas o celular só dava “fora de área”. A última mensagem que Dante tinha me mandado dizia que ele estava bebendo com Domenico.

Será que ele tinha decidido dormir lá? Porra, mas não fazia sentido desligar o celular e não me avisar.

Andei pela casa, em círculos, por horas, tentei de tudo para ocupar minha cabeça, mas eu estava nervosa demais. Entrei em todos os sites de notícias e vi que não havia nada no *Twitter* sobre acidentes. Como última tentativa, disquei o número do Domenico, mas não tive resposta também.

Não sabia o que fazer! Não iria pegar um *Uber* e ir até o hotel, Giovanna estava dormindo no quarto ao lado.

Meu celular apitou algum tempo depois. A notificação de um número desconhecido fez com que meu coração disparasse. Abri a janela da conversa e cliquei para baixar uma das fotos.

A primeira era uma imagem da Marcella entrando no hotel. Na segunda, ela e Dante estavam conversando no bar. A terceira fez com que um nó se formasse na minha garganta, impedindo-me até mesmo de engolir. Tinha sido tirada de um ângulo como se alguém estivesse escondido, mas era possível vê-la em cima dele, de *lingerie*, mas o que quebrou meu coração em pedaços foi o áudio.

— *Porra, Marcella!* — ele xingou, ofegante. — *Essa lingerie te deixa gostosa pra caralho!*

— *Sentiu falta da minha boceta, Dan?* Diz pra mim que sentiu... — pediu com uma voz melosa.

— *Não estaria aqui se não tivesse sentido.*

Minhas mãos tremiam enquanto eu segurava o celular, incapaz de acreditar no que estava diante de mim. A voz da

Marcella, carregada de intimidade, parecia me dilacerar. Palavra por palavra, cortando-me como uma faca.

O peso no meu estômago me deixou tonta. Tudo parecia se revirar. A raiva formigando nas minhas extremidades, a decepção se misturando com a tristeza. Não podia acreditar que aquilo estava acontecendo comigo.

Minha visão turvou, borrando a foto refletida na tela do aparelho. Eu engasguei uma respiração, mas fui incapaz de segurar as lágrimas que transbordaram sem que eu nem mesmo tivesse escolha.

Um buraco se abriu dentro do meu peito, aquela sensação dolorosa devorando meus nervos, vértebras, pulmões, coração. Tomando conta de tudo. Sem controle algum. Era difícil respirar e a sensação era de que tudo estava em chamas dentro de mim.

Naquele instante, eu senti meu mundo inteiro afundar.



*E em seus olhos você não vê nada  
Nenhum sinal de amor por trás das lágrimas  
Choradas por ninguém  
Um amor que deveria ter durado anos  
:: FOR NO ONE - THE BEATLES ::*

*Maria Manuela Guerra*

Eu chorei durante a madrugada inteira, até ser vencida pela exaustão. Meu rosto estava inchado e tive dificuldade de abrir meus olhos quando o sol entrou pela janela, bem cedo.

Peguei meu celular e abri a conversa mais uma vez, confirmando que não havia sido um pesadelo. Milhares de pensamentos invadiam minha cabeça, como um furacão que não parecia cessar. Sentia-me sufocada, como se tudo dentro de mim tivesse sido devastado.

E então, raiva, na sua maior intensidade.

Olhei para a foto novamente e meu estômago revirou, fazendo com que eu corresse para o banheiro para vomitar. Tomei um banho e deixei que a água quente caísse sobre minhas costas, misturando-se com as lágrimas. Nem sei quanto tempo fiquei ali, sentindo os azulejos gelados contra minha pele.

Eu coloquei uma roupa e fui andando em direção à cozinha, mas parei na sala quando ouvi o barulho da chave girando na porta. Prendi a respiração de maneira involuntária e meu coração disparou quando a maçaneta virou.

Dante estava com as roupas de ontem, o cabelo levemente bagunçado e com uma expressão indecifrável no rosto.

— Manuela, desculpe por ter sumido ontem, eu não sei... — Ele fez uma careta quando prestou atenção no meu rosto. — O que houve?

Dei uma risada sem humor.

Peguei o meu celular e entreguei na sua mão. Ele deu alguns cliques na tela e seus olhos se arregalaram um pouco.

— Por favor, não ouça o áudio no viva-voz — pedi, o gosto amargo das palavras contaminando toda a minha boca. — Eu não quero ouvir isso de novo.

Ele levou o telefone até o ouvido, o olhar fixo no meu enquanto eu me esforçava para segurar o choro. Meus olhos ardiam como nunca. Eu não queria desabar, não na frente dele.

Dante parecia em choque. Ele passou uma das mãos no rosto, comprimiu os lábios e puxou uma respiração antes de abaixar o aparelho.

— Manuela, não sei que porra é essa, mas...

— Não sabe? — eu gritei no tom mais baixo que consegui, sentindo o ódio emanando por todo meu corpo.

Ele deu alguns passos na minha direção, mas eu recuei.

— Como pôde fazer isso comigo? — perguntei, sentindo minha voz embargar.

— Eu não... — ele se interrompeu, olhando para a foto no celular, parecendo irritado. — Não traí você. Que merda! Não sei como isso aconteceu!

— Sério, Dante?

— Eu não lembro nada da noite de ontem!

Era isso que iria dizer? Soltei o ar, sem acreditar, e ele tentou se aproximar, mas eu o afastei, tirando suas mãos de mim.

— Não encosta em mim — praticamente rosnei.

— Quem te mandou isso, Manuela?

— Que se foda quem enviou! Vai dizer que não estava com ela? — Dei uma risada sem vontade. — Que isso é uma montagem? Acha mesmo que sou tão idiota assim?

— Eu fui beber com o meu irmão ontem. E sim, a Marcella apareceu no hotel, mas disse que estava com uma amiga. Nós conversamos bem rápido e eu não me lembro direito do que aconteceu depois.

— Você bebeu...

— Sim, o Dom estava na merda, mas não bebi tanto a ponto de não me lembrar das coisas, Manuela. Não sei que merda a Marcella fez, mas...

— Ah, claro, ela com certeza te obrigou a subir para um quarto com ela e dizer aquelas coisas — disse com desdém. — Você realmente acha que sou estúpida?

— Manuela... — ele chamou, olhando-me triste, como se não tivesse uma explicação plausível para o que tinha feito.

Senti meu coração apertado. As palavras se tornando um sentimento cada vez mais tangível, empurmando-me para as lembranças do áudio.

— Não sou idiota, para de me tratar como se eu fosse!

— Eu não me lembro do que aconteceu, porra, mas eu nunca trairia você. Acordei na merda da cama do hotel sem saber o que aconteceu e vim direto pra casa.

— O que aconteceu, Dante, foi que você bebeu demais e resolveu foder a sua ex. — Minha voz saiu baixa e entrecortada.

— Manuela, por Deus, seja racional...

— Eu? Eu não estou sendo racional? Recebi fotos suas com ela, um áudio nojento, você literalmente assumiu que acordou em uma cama de hotel e eu não estou sendo racional? Qual é o seu problema, Dante? — Eu voltei a levantar a minha voz e limpei uma lágrima rápida que escapou dos meus olhos.

Ele me olhava sem reação alguma.

— Eu não faria isso com você!

— Como ainda tem coragem de negar? Como tem coragem de dizer que não faria isso? Eu tenho a porra da comprovação aqui!

— Manuela, isso não faz sentido. Nós somos felizes, eu te amo! Estamos juntos e...

— Não estamos mais — falei, séria, sentindo um nó na garganta. — Apenas... Só vai embora.

Ele me olhou em pânico e veio na minha direção, segurando meu rosto.

— Me solta, Dante — pedi, quebrando o contato visual.

— Por favor, não faz isso — ele pediu baixinho, parecendo transtornado e com os olhos marejados. — Eu te amo, você é a única mulher que eu quero.

Aquela sensação de vazio tomou conta de mim novamente. Tudo o que eu queria era desabar no chão e chorar. Era desesperador e eu não conseguia entender por qual motivo ele tinha jogado tudo o que tínhamos construído no lixo.

Nós éramos uma família!

Reuni todas as forças que tinha e me afastei dele, não conseguia olhá-lo, nem estar perto dele.

— Depois de tudo o que já passamos, como pôde fazer isso comigo? — perguntei, limpando as lágrimas com as costas das mãos e ele me olhou triste.



# Dante Perazzo

Vi a figura de Manuela sumindo no corredor e senti como se meu coração estivesse sendo quebrado em mil pedaços e pisoteado. Sequer conseguia dizer alguma coisa, minha cabeça doía e pulsava, como se o teto tivesse desabado sobre mim.

E eu simplesmente não conseguia me lembrar do que tinha acontecido na noite anterior.

Fiquei algum tempo encarando o chão sem acreditar. Eu me lembra de estar com Domenico no hotel, bebendo e conversando sobre nossa família de merda.

Marcella chegou algum tempo depois, quando ele foi ao banheiro e eu até achei que ela estivesse lá para me perturbar, mas minha ex-namorada afirmou que estava com uma amiga e que precisava falar com Dom.

Esperou que ele voltasse, informou que tinha conversado com o meu pai e repassou uns dois recados sobre a empresa. Ela também disse que torcia para que tudo desse certo e a gente se acertasse.

Depois foi para o outro lado do bar. Nós continuamos bebendo e Dom me disse que tinha gostado do seu tempo em Orlando, contou sobre uma reforma que inventou na casa e também que comeu uma vizinha loira e peituda. Ficou horas falando que estava acompanhando todos os jogos de futebol americano, inclusive os universitários e citou até mesmo um jogador chamado Drake que parecia ser o destaque da temporada e tinha sido expulso do time.

Até aquele momento minha memória estava boa, porra!

Dom ficou emotivo, chorou e nós bebemos mais um pouco, porque toda a situação dele era difícil pra caralho. Eu não sabia como lidar com aquilo, vendo meu irmão quebrado daquele jeito.

Será que eu tinha bebido tanto assim? Sem ao menos perceber?

Saí do apartamento, peguei meu telefone e disquei o seu número. Entrei no meu carro e precisei fazer isso algumas vezes até que ele atendesse.

— Que merda aconteceu ontem?

— *Bom dia pra você também* — resmungou, sonolento. —

*Ressaca fodida do caralho!*

— Dom! O que aconteceu ontem, porra?

— *Sei lá, caralho. Por quê?*

— Mandaram umas fotos minhas com a Marcella... E um áudio.

O silêncio na linha ecoava uma reprovação tácita.

— *Você trepou com a Marcella?*

— Eu não sei, caralho! — Dei um soco no volante do meu carro e passei uma das mãos pelo rosto. — Eu acordei na merda de

um quarto do Scorpius e não era o seu. A última coisa que me lembro foi de você dizendo que iria mijar.

— *Eu fui e aí a amiga da Marcella me encontrou no meio do caminho e me agarrou... Eu, ahn... Já tinha comido ela uns meses atrás. Ela veio praticamente pegando no meu pau, porra.*

— Puta merda! Não consigo me lembrar de mais nada depois disso. Só acordei pelado na cama. Eu bebi tanto assim?

— A gente bebeu pra caralho.

— Puta merda!

— *Dante, se você cagou com tudo...* — Seu tom era ameaçador.

— Eu não caguei com tudo, Dom! — Minha voz subiu um tom, meu instinto de defesa se fundindo com o desespero. — Estou indo até o apartamento da Marcella, quero uma explicação, porra!

Virei bruscamente o volante, entrando em uma das ruas, sem sequer conseguir me lembrar o endereço dela. Uma infinidade de sentimentos se alternava dentro de mim, ameaçando me sufocar. Era agonizante não ter acesso à todas as informações, como se um pedaço de concreto estivesse bloqueando minhas lembranças.

Tentei acessá-las novamente, irritado comigo mesmo. O olhar da mulher que eu amava, completamente decepcionado, as lágrimas que ela não conseguiu segurar... Aquilo escavou uma cratera no meu peito e eu a sentia queimar. Meus dedos já estavam brancos pela força que eu estava fazendo apertando o volante.

Coloquei o endereço no GPS e assim que cheguei, Marcella abriu a porta com um grande sorriso e veio na minha direção, na tentativa de passar a mão pelo meu pescoço.

— Desculpe não ter ficado com você essa manhã, mas tinha um compromisso — ela disse com um tom meloso, mas eu a afastei.

O desespero se instalou na boca do meu estômago. Aquilo era uma resposta para o que eu tinha vindo buscar.

— Marcella, que merda aconteceu ontem? — perguntei, irritado, e ela franziu o cenho, cruzando os braços.

— Você não pode estar falando sério.

Passei as mãos pelas têmporas, massageando-as em uma tentativa de conter minha raiva.

— Sabe muito bem que estou com a Manuela, como essa merda aconteceu? — indaguei e ela deu uma risadinha e rapidamente comprimiu os lábios quando eu lhe lancei um olhar de ódio.

— Dante, aconteceu o que acontece sempre... Você e eu, tudo voltando a ser como era antes — retrucou, sentando-se no sofá e cruzando as pernas tranquilamente.

— Nada entre a gente voltou a ser como era antes, Marcella! — eu quase gritei. — Quero entender que porra aconteceu ontem e sei que isso tem dedo seu. Eu estava com meu irmão, você foi pra lá sabendo disso.

— Ok, culpada! — Ela ergueu as mãos no ar. — Apenas fui atrás do meu homem...

— Não sou seu homem, caralho! O que você fez, Marcella?

— Eu não fiz nada além de ir atrás de você. E talvez tenha apenas levado uma distração para o Dom... Nós só bebemos juntos, transamos... O de sempre — ela comentou, mexendo nas próprias unhas de maneira indiferente.

— Eu não faria isso.

Marcella riu e caminhou até onde eu estava parado, enraizado no chão.

— Quantas vezes você já apareceu na minha porta depois de muitas doses de uísque querendo sentir seu pau na minha boceta? — perguntou baixinho, deslizando os dedos pelos meus braços. — Sou sua mulher, Dante. Sempre fui, você sabe disso. É por mim que você procura quando bebe e se livra das suas próprias amarras, das coisas idiotas que colocou na sua cabeça, tentando “ser uma pessoa melhor”. Eu sempre amei quem você é, até suas partes obscuras... Amo você por inteiro. Você não precisa fingir ser alguém que não é perto de mim, como faz com ela — falou, olhando no fundo dos meus olhos. — É sempre assim, não é? Você se afasta, mas uma hora volta.

Era isso que estava acabando comigo. Eu realmente sempre procurava Marcella depois de muitas doses de uísque. Era um padrão que eu havia seguido por anos, mesmo com todo tempo em que passei viajando, querendo mudar minha percepção de mundo, na tentativa de me tornar alguém melhor.

Todas as vezes em que me sentia um merda por todas as coisas que havia feito, quando meus próprios fantasmas me assombravam dizendo que eu nunca poderia me reinventar, eu bebia e a procurava. Quando meu pai jogava na minha cara a farsa que eu estava tentando ser, eu bebia e a procurava.

Eu me julgava por ter sido um babaca escroto no passado, mas Marcella não. Poderia fazer o que fosse, ela sempre acharia qualquer merda coerente e eu sabia que isso era prejudicial, mas nunca forte o bastante para afastá-la por completo, justamente por achar que, se falhasse, ela estaria ali.

Não tinha sentimentos por ela, mas Marcella era uma muleta para mim e sei que fui um filho da puta por deixar que isso tudo acontecesse, por “usá-la” dessa forma. Nem eu conseguia entender o que se passava dentro de mim, agia por impulso na tentativa de suprir as coisas que estava sentindo. E infelizmente, com ela, sempre fui uma pessoa egoísta.

Nunca tive responsabilidade afetiva por ela e hoje eu conseguia ver isso. Mesmo que insistisse que nunca teríamos nada, ainda assim a procurava para sexo. Deveria ter me afastado há muito tempo, era o certo a se fazer e também porque eu sabia que ela não era flor que se cheirasse.

Marcella podia ser meio obcecada por mim, mas ela era muito mais pelo seu próprio *status*. Ela não queria só o Dante, ela desejava o meu sobrenome e tudo o que estava atrelado a ele. E talvez por isso eu tenha ligado o foda-se por tanto tempo e procurado aquela mulher tantas vezes.

E se eu tivesse repetido os padrões involuntariamente? O sentimento de incerteza parecia acabar comigo por completo, matando-me por dentro lentamente.

— Marcella, quantas vezes mais preciso te dizer que não quero você? Por que infernos você não entende isso, pelo amor de Deus? — Eu a afastei e comecei a andar em círculos pelo apartamento. — E eu não tento fingir ser alguém que não sou, do que está falando?

— Eu te conheço, Dante. Você é você de verdade quando está comigo.

— Não, eu não sou — afirmei e ela deu de ombros.

— Você não precisa se enganar, não somos mais crianças...

— Então pare de agir como uma, porra!

— Não estou agindo como uma — ela disse, séria. — Eu sempre vou estar aqui quando você precisar, quando tudo estiver desmoronando, quando você me quiser. De novo e de novo. E você sabe disso, todas as células do seu corpo sabem disso. Ontem foi só mais uma prova.

Puxei o ar, irritado.

— Nosso namoro sempre foi assim. Quantas vezes terminamos e voltamos? Presta atenção no que eu falo, Dante! Podem se passar anos, mas o que temos nunca vai morrer. Nós estamos destinados um ao outro desde que nascemos. Todo o Círculo sabe disso.

— Foda-se essa merda de Círculo, Marcella!

— Você pode virar as costas para ele, pode tentar fazer de tudo para me afastar, mas é algo maior do que nós dois. Você finge que é indiferente a mim, ao C.O., à sua família, mas você não é — afirmou, olhando-me intensamente. — Se você não perdesse tanto tempo tentando fingir fazer parte da vidinha medíocre desses mortos de fome, nós poderíamos casar e viver a vida que sabemos ser a nossa.

Eu pisquei, perplexo com toda a insanidade que estava saindo de sua boca. Sério, como ela podia achar que tudo aquilo era normal?

— Você está completamente louca, Marcella. Eu amo a Manuela! — Ela arqueou uma das sobrancelhas, cheia de deboche. — Sou completamente apaixonado por ela. Eu sinceramente não sei em qual realidade você vive a ponto de criar essas teorias na sua cabeça. Eu não faço ideia do que aconteceu ontem, mas entenda de uma vez por todas: não quero ficar com você. Não quero te comer, nem te namorar, nem nada parecido. O que tínhamos já acabou há muito tempo.

— Você disse isso da última vez e aqui estamos nós novamente — retrucou, seca.

— Porra, Marcella, você gosta de me tirar do sério, não é? Puta merda! — Passei a mão pelo rosto. — Ah, foda-se, não tenho condições de lidar com você agora.

Saí do apartamento dela completamente transtornado. Nada daquilo fazia sentido. Por mais que eu quisesse com todas as minhas forças acreditar que eu não tinha feito nada, eu não tinha certeza. Afinal, já tinha agido de forma impulsiva diversas vezes com minha ex-namorada no passado.

Só que tudo isso era antes de Manuela. Eu a amava agora e eu a amava com todas as minhas forças. Não queria estar com ninguém além dela, ela era a única para mim.

Como poderia afirmar para Manuela que nada havia acontecido entre nós dois quando eu mesmo não tinha certeza? Como ela acreditaria em mim? Eu estava tão irritado, tão fora de mim. O pensamento de perdê-la me sufocava por inteiro e eu nunca havia me sentido tão impotente como agora.

Voltei para o meu apartamento antigo e vazio, assim como minha alma parecia estar. O silêncio era devastador e ecoava dentro de mim.

Estava completamente perdido e quebrado.



*Estou tão cansado que não sei o que fazer  
Estou tão cansado, só penso em você  
Será que eu devo lhe telefonar? Mas eu sei o que você faria*  
:: I'M SO TIRED - THE BEATLES ::

## *Maria Manuela Guerra*

Decidi não ir trabalhar naquele dia.

Foda-se.

Eu podia ser irresponsável um dia e faltar. Liguei para o Gui assim que tudo aconteceu e ele veio correndo para o apartamento. Mostrei as fotos, o áudio e nós ficamos um bom tempo conversando.

Chorei bastante no seu ombro também, até que Giovanna acordasse. Naquele momento, limpei meu rosto e coloquei uma máscara para que minha filha não percebesse o quanto eu estava abalada.

- Tem certeza que não quer que eu fique hoje com você?
- Não, Gui, você precisa ir para o escritório.
- Posso tirar uma folga, não se preocupe com isso.
- Não, você não pode, sabe disso. Seu departamento está uma loucura. Eu vou ficar bem — falei, dando um meio-sorriso e ele me abraçou.

- Sinto muito que você esteja passando por isso, Manu.
- É, eu sinto também.
- Vamos comer alguma coisa? Eu trouxe pão.
- Não estou com fome.

Senti meus olhos arderem novamente. Olhei para Giovanna brincando feliz no tapete sem ter noção alguma do que estava acontecendo. Não entendia como Dante podia querer jogar tudo o que tínhamos no lixo, nada daquilo parecia fazer sentido para mim.

Ele havia dito que queria ter outro filho, disse que me amava, nós estávamos de mudança, porra! Que tipo de pessoa faz isso?

Respirei fundo, tentando organizar todas as peças. Eles tinham um passado de anos, ela falava disso com tanta propriedade... Provavelmente algum desejo do subconsciente dele falou mais alto ou talvez Dante tenha sentido falta dela, da relação ou do sexo que tinham.

Era difícil acreditar nisso e ainda me sentia um pouco idiota por manter meu cérebro trabalhando (inutilmente, porque eu sequer conseguia raciocinar direito), tentando de alguma forma procurar qualquer coisa que justificasse as fotos, o áudio.

Uma vez, eu ouvi uma conversa em um dos aniversários que fui obrigada a ir de um dos funcionários da minha equipe. Um dos advogados que trabalhava comigo dizia ser apaixonado por sua mulher, mas mantinha uma amante. Ele não se separava da esposa, alegando que a amava, que ela era a mãe dos seus filhos e não havia nenhuma mulher como ela.

Contou que ele nunca a deixaria, mas que gostava de ter um sexo diferente vez ou outra e alguns dos caras com quem ele estava conversando riram e disseram que isso era normal.

Em que mundo aquela merda era normal, porra? Como alguém poderia ser tão baixo?

E se Dante tivesse aquela mesma visão absurda, por mais que parecesse irreal? Talvez eu tivesse uma visão diferente sobre quem ele era.

Minha cabeça parecia um turbilhão, sendo invadido por diversos pensamentos absurdos e, ao mesmo tempo, sendo refutados com qualquer lógica que eu tentava obter.

Por que era tão difícil acreditar que ele de fato tinha me traído? Por que eu continuava buscando alguma explicação para aquilo? Dante não era a mesma pessoa do passado, a evolução que ele tinha conquistado, o desenvolvimento de toda a nossa relação... Ele parecia verdadeiramente feliz com a nossa família.

Eu era tão idiota assim?

Ou talvez, no fundo, ele ainda fosse o cara babaca que eu conheci no passado. Talvez eu tivesse me deixado enganar ou não tivesse visto os sinais.

Ouvimos batidas na porta e quando abri, Adriano entrou como um furacão, vindo diretamente até mim.

Adriano.

*“Você nunca vai ser feliz com ele, Manuela. Se manca! Ele não tem caráter, nunca teve. Na primeira oportunidade que ele tiver, vai pisar em você, porque ele é Dante Perazzo e é isso que esse merda faz.”*

Não.

Eu me recusava a acreditar que Adriano estivesse certo.

— Como você está? — ele questionou, sentando-se ao meu lado e segurando uma das minhas mãos.

— Como você sabe? — Olhei para Gui, que franziu o cenho, sem entender.

Adriano me olhou sério e segurou a minha mão. Abriu e fechou a boca, como se estivesse procurando as melhores palavras para me dizer alguma coisa.

— Eu sempre tentei te alertar sobre o Dante, Manu. E tudo bem, você é uma pessoa muito boa e nunca consegue enxergar a maldade nos outros — começou a dizer. — Sabia que era só uma questão de tempo e pedi para um amigo ficar de olho nele.

— Você...

— Você fez isso? — Guilherme perguntou, irritado. — Qual é o seu problema, Adriano?

— Não vou discutir com você, Guilherme — ele o cortou e se virou para mim. — Só estava tentando te proteger do que sabia que daria errado. Eu prometi que sempre cuidaria de você, não disse? Ao contrário dele, eu não quebro as minhas promessas. E você sabe que, se estivesse comigo, nunca passaria por isso.

— Não tô acreditando nisso! — Meu melhor amigo passou as duas mãos no rosto e o fuzilou com os olhos.

— Não pedi pra você fazer isso — falei.

— Achei que merecia saber a verdade. E eu não tô fazendo isso por mim, mas sim por você.

— Adriano, pelo amor de Deus, cala a boca! — Guilherme disse entredentes, sem paciência alguma.

— Apenas estou dizendo que...

— Não, você está sendo inconveniente, cara.

— Não vou falar mais nada, Guilherme. Enfim, você não vai trabalhar hoje? — ele perguntou e eu balancei a cabeça negativamente, ainda tentando assimilar todas aquelas informações.

— Posso ficar aqui com você.

— Não, não precisa.

— Não vou te deixar sozinha.

— Eu vou ficar com ela, Adriano — Gui retrucou.

— Não quero que nenhum dos dois fique aqui. Eu só quero ficar sozinha — disse por fim. — Vou passar na minha mãe mais tarde. Por favor, não insistam.

— Vou levar a Gio pra pensão, ok? — meu melhor amigo avisou e eu assenti.

Os três foram embora e eu me afundei ainda mais no sofá. Fiquei um bom tempo olhando para o teto, buscando entender como eu me sentia a respeito de tudo aquilo.

Não estava confortável sabendo que Adriano tinha se metido na minha vida daquela forma, mas ao mesmo tempo, não queria ter uma venda sob meus olhos, não queria ser enganada.

Gui saiu mais cedo do trabalho e me trouxe um *Cheddar*<sup>[31]</sup> do *McDonalds* em uma tentativa de me animar. Sem que eu precisasse perguntar nada, comentou que não tinha encontrado o Dante no escritório, mas que sabia que ele tinha ido trabalhar.

Eu nunca tinha sentido nada semelhante, era como se um pedaço de mim estivesse em um limbo completo. Talvez nem eu tivesse ideia da dimensão dos meus sentimentos por ele, mas tudo ao meu redor havia perdido o sentido agora.

Era como se toda minha vida fosse uma torre de bloquinhos de madeira derrubados e me parecia cansativo demais tentar

recolocar todas as peças no lugar.

Desmoronando. Mais e mais. Era assim que eu me sentia.

Por mais que eu soubesse que toda a dor que eu sentia hoje eventualmente iria passar, meu coração gritava em desespero agora.

*“Dor de amor passa”.*

Ouvi a voz da Déia Freitas, do podcast “*Não Inviabilize*”<sup>[32]</sup>, ecoando na minha cabeça.

Quanto tempo demoraria para passar, entretanto?

As frases ditas no áudio se moviam como uma espécie de tentáculos, entrelaçando-se na minha mente e me envolvendo em uma tempestade emocional.

Fui para a pensão algum tempo depois. Contei tudo o que tinha acontecido para minha mãe e meu primo, que tentaram me animar de todas as formas, só que tudo o que eu queria naquele dia era não existir. Amanhã seria um novo dia. Amanhã eu reuniria todas as minhas forças novamente, mas não hoje.

Decidi que dormiria lá, não queria trombar com ele no apartamento e Dante já tinha enviado dezenas de mensagens perguntando se ele poderia ir até lá para conversarmos.

Assim que terminei de dar comida para Giovanna, fiquei deitada com ela na cama do meu antigo quarto. Ela brincou durante algum tempo com alguns bonequinhos e depois, quando me ouviu fungando, veio até mim, deitou a cabecinha do meu lado e limpou minhas lágrimas com as mãozinhas pequenas.

Eu olhei para ela, fitando aqueles olhos castanhos-verdeados, da mesma cor que os de Dante, aqueles olhos que faziam com que meu coração derretesse em um segundo.

Eles eram tão iguais. Havia tanto de Dante em Gio.

A parte dele e a minha. O resultado de nós dois.

Ela piscava para mim, sem entender o que estava acontecendo, mas ficou quietinha, com os braços em volta do meu pescoço e balbuciou algumas vezes algo como “*tá tisti, mamãe?*”, enquanto pousava as mãos nas minhas bochechas, como eu normalmente fazia com ela.

Sua cabeça girou ao redor, observando o cômodo onde estávamos.

— Papai. Mamãe. Cadê? — perguntou, sentando-se de frente para mim e erguendo os dois bracinhos no ar.

— O papai não está aqui hoje, vamos dormir na casa da vovó.

Ela fez um biquinho e suspirou frustrada. Tudo o que eu não desejava era mais uma mudança na vida da Giovanna, mas estava fora do meu alcance que as coisas fossem diferentes.

Nada daquilo foi minha escolha.

Depois de algum tempo, ela tornou a se agitar, engatinhando pelo colchão e erguendo uma pilha de bloquinhos.

Parecia tão fácil e eu gostaria que minha vida fosse assim.



## Dante Perazzo

O dia havia sido péssimo. Ela não tinha ido trabalhar, como eu suspeitava. Sendo assim, evitei sair da minha sala ao máximo, tendo contato apenas com nossa secretária.

Fui até o hotel, questionei alguns funcionários sobre a noite anterior e identifiquei o *barman* que estava nos servindo. Comentei que havia bebido muito e perguntei se ele notou algo de diferente acontecendo na nossa mesa. A resposta foi imediata: pediu desculpas e falou que não havia visto nada de anormal, que muitos clientes passavam por ali.

Um inútil.

Tentei contato com o gerente, mas ele não estava lá, então resolvi que voltaria no dia seguinte.

Enviei mensagens até que Manuela bloqueasse meu número e Guilherme apenas me respondeu que estava tudo bem, de uma forma bem seca e pediu que eu respeitasse o tempo dela, que se precisasse saber da Giovanna, era só mandar mensagem para ele.

— Não sei o que fazer, Dom — falei, sentindo-me derrotado quando ele chegou no meu apartamento. — Passei a tarde inteira pensando, nada dessa merda faz sentido.

— Ela confirmou que vocês preparam?

— Sim, mas não é possível! Eu não trairia a Manuela, tô completamente apaixonado. — Respirei fundo. — Eu ia pedir ela em casamento.

Meu irmão arregalou os olhos e levou uma das mãos até a boca.

— Você...

— Sim, eu tinha ido até uma joalheria ver anéis anteontem — contei, com a voz baixa, sentindo-a embargar.

Eu estava tão certo do que queria. Casar com Manuela era simplesmente como uma força da natureza: inevitável. Tê-la para sempre na minha vida parecia a única coisa que fazia sentido.

Dom fez uma careta.

— Você não vai usar um dos anéis da família?

— Ah, claro... Porque nosso pai vai liberar um dos anéis da nossa família para eu colocar no dedo da Manuela — respondi, cheio de ironia.

— Foda-se ele! — Dom cuspiu as palavras, tirando algo do bolso e colocando-o no centro da mesa.

Minhas sobrancelhas se juntaram na mesma hora, demonstrando toda minha confusão. Abri a caixinha de veludo preta, que revelava o anel preferido do meu irmão.

Uma vez, quando estávamos olhando o cofre da família, Dom me mostrou aquela joia. Ele era de ouro branco refinado e tinha um grande diamante no centro da peça. Alguns detalhes intricados esculpidos à mão adornavam o aro, com alguns arabescos e grânulos.

— Por que você tem um anel de noivado no bolso? — foi a única coisa que consegui perguntar.

— Eu ia te sugerir de pedir a “eco chata” em casamento... — Ele revirou os olhos. — Pra ver se desfaz a merda que fez. Não que eu me anime com o fato de tê-la como cunhada, mas é bem nítido que você está de quatro por ela e... Bem, eu nunca te vi assim. E

eu, melhor do que ninguém, sei que a gente não escolhe por quem se apaixona.

A última frase saiu cheia de ressentimento e meu irmão olhou para as mãos, que apertavam o estofado da cadeira com força.

— Eu ainda estou confuso pra caralho. Esse é o seu anel e como você tirou isso do cofre hoje se nem está falando com nossos pais?

— Não tirei hoje, já tem um tempo. Tinha decidido que ia parar de postergar todo esse lance de casar — ele confessou.

Arqueei uma das sobrancelhas.

— Você não disse nada. Quais eram as opções?

— Marcella era uma delas — contou, olhando para mim como se esperasse alguma reação. Meus olhos arregalaram ainda mais, porque o Dom não tinha muita paciência para ela. — A família dela está pendurada e meu pai estava perturbando sobre isso.

Me parecia absurdo que os Rangel pudessem ser expulsos do C.O., mas nada naquela merda de sociedade escrota me espantava.

— Eu disse que nem pensar, mas sabe bem como Genaro Perazzo é manipulador... — Ele deu uma risada sem humor. — Cheguei a cogitar aquela sem noção.

— Não consigo imaginar você casado com ela. — Dei uma risada.

— Nem eu. Na real, pra mim, sempre foi indiferente quem seria, sabe disso. É só um posto — comentou, pensativo.

— Não precisa ser, Dom.

— Não sei de mais nada, Dan. De qualquer forma, estou pouco me fodendo para o anel. — Ele deu de ombros e depois tamborilou os dedos pelo vidro da mesa. — Manuela é a mãe da sua filha, da sua herdeira, nada mais do que justo que você a peça em casamento com uma joia da família.

— Dom, ela deixou bem claro que não queria nada comigo.

— Guarda essa merda e resolve as coisas, Dante. Se ela é o que você quer, dá um jeito de consertar as coisas.

Eu assenti, mesmo sem ter certeza. O olhar decepcionado de Manuela rasgava meu peito e era mais dolorido do que facas cortando todas as partes do meu corpo.

— Não me conformo com o fato de não me lembrar de nada. Como eu posso me defender de algo que nem sei se fiz? E se eu tiver feito...

— Não sei como te ajudar — ele disse, parecendo chateado.

— Eu fui até o hotel, tentei convencer o gerente a me dar as filmagens de forma amigável... — Dom fez uma pausa. — De forma não amigável também.

Entreabri a boca, um pouco surpreso. Nem tinha conseguido falar com o arrombado do gerente. Não sei como ainda me espantava com o fato de Domenico sempre tomar a frente de tudo para me proteger ou me ajudar.

— Eles não querem liberar sem autorização judicial. Já pedi tudo para o advogado, mas sabe bem que dentro do Scorpius as coisas entram em uma zona cinza. Tem muita gente poderosa por trás, reuniões que ninguém tem autorização para saber... É complexo demais e existe um limite. Até mesmo para nós.

Meu irmão soltou o ar, cansado.

— Pela primeira vez, eu sinto que não posso resolver as coisas por você e isso me dói pra caralho, porque eu moveria o mundo por você, irmão.

— Eu sei, Dom — falei baixinho, indo até ele e envolvendo-o em um abraço. — Obrigado por isso, por pelo menos ter tentando. Amo você.

— Também te amo.

Dom foi embora e eu tentei me concentrar ao máximo e ocupar minha cabeça com o trabalho, mas foi completamente em vão. Eu conseguia focar por alguns minutos e novamente meus pensamentos se desviavam para Manuela.

Passei a porra da noite inteira olhando os vídeos e fotos no meu celular e detonei uma garrafa inteira de uísque e depois peguei um *Uber* para o apartamento dela. Sabia que Manuela estava dormindo na pensão, Guilherme tinha avisado algumas horas atrás.

A sensação de vazio não se dissipou quando cheguei no apartamento. Aliás, piorou. Fiquei sentado no sofá, observando uma rachadura da parede que parecia representar bem a minha vida agora.

Rachado, quebrado.

Suspirei profundamente e andei pelo corredor, parando no quarto da Giovanna. O berço vazio, as luzes apagadas. Desde que eu tinha descoberto sobre a minha filha, não tinha passado um único dia sem ela.

Eu deitei na cama, a cama que era nossa. Afundei meu rosto em seu travesseiro, inalando o perfume inebriante dela que ainda estava por todo o tecido. Peguei o anel que Dom tinha me dado e fiquei rodando-o no meu dedo, perdido nos meus pensamentos, imaginando o momento que eu havia repassado na minha cabeça tantas vezes, pedindo-a em casamento, e tentando entender por qual motivo minha vida parecia um trem descarrilhado agora.

Era óbvio. Manuela não estava aqui, como minha vida estaria nos eixos sem ela?



*Mas acho que simplesmente cometi o maior erro de minha vida  
Acho que simplesmente cometi o maior erro de minha vida*  
:: BIGGEST MISTAKE - THE ROLLING STONES ::

*Dante Perazzo*

Eu não dormi nada naquela noite e isso era visível pelas rodelas acinzentadas abaixo dos meus olhos, mas não me importava nem um pouco. Eu havia passado a madrugada inteira tentando me lembrar do que tinha acontecido, sem sucesso algum.

Quando cheguei ao escritório, Deusa me informou que Manuela estava em sua sala e eu senti meu corpo conflitando entre o desespero devê-la e o medo do seu olhar. Fiquei plantado por cinco minutos, encarando a porta à minha frente, até dar algumas batidas e ouvir sua voz, autorizando minha entrada.

E lá estavam aqueles olhos que eu tanto amava, encarando-me da mesma forma: cheios de tristeza.

— Manuela... — eu chamei, fechando a porta atrás de mim e andando apressadamente até sua mesa.

Ela se levantou e deu um passo para trás, distanciando-se de mim. Abraçou os braços e encarou o chão.

Não sabia bem o que dizer. “Bom dia” me parecia irrelevante. “Como vai?” soava até debochado, porque é claro que ninguém

estava bem, porra.

— Pensei em passar na pensão para ver a Giovanna, mas não sabia se deveria.

— Ela é sua filha, você podevê-la a hora que quiser — respondeu, seca. — Não vou impedir isso.

— Podemos conversar, por favor?

— Dante, eu realmente não quero conversar — ela afirmou com a voz fraca, desviando os olhos dos meus.

— Manuela... — Eu me aproximei dela em um movimento involuntário, colocando uma das mãos em sua cintura e a outra em seu rosto.

Ela pareceu vacilar, mas não se moveu. Seus olhos encontraram os meus e eles estavam brilhando. Manuela estava se segurando para não chorar e eu sentia meus olhos ardendo da mesma forma. Passei o polegar por sua bochecha e seu corpo pareceu tremer com meu toque.

Minha outra mão afastou uma mecha de seu cabelo, prendendo-o atrás da orelha e ela continuou me encarando daquela forma, como se estivesse prestes a se desfazer nas minhas mãos.

— Por favor, Dante — pediu baixinho. — Nós estamos no trabalho e a última coisa que quero é misturar as coisas.

— Eu não sei mais o que fazer. Até mesmo respirar me parece difícil agora. Me diz o que fazer, Manuela, por favor.

Ela finalmente reuniu forças para se afastar e eu senti meu estômago afundando quando o calor do seu corpo se soltou do meu.

— Não acho que há nada para fazer — ela disse com a voz falhando, sem conseguir levantar os olhos para me encarar. — Por favor, Dante, não vamos falar sobre nossa vida pessoal no trabalho. Já vai ser extremamente doloroso trabalharmos juntos, não tenho emocional para lidar com os problemas aqui também. A única coisa que eu te peço é que você não traga esse assunto dentro do escritório.

Eu assenti.

— Vamos fingir que nada disso aconteceu enquanto estivermos aqui. Somos adultos, somos profissionais e temos uma filha. Não me importo de falarmos sobre a Giovanna, o que aliás, precisamos fazer, mas não quero discutir nossa relação.

— Como ela está?

— Ontem ela perguntou por você — contou e sua respiração pareceu desregular.

— Senti falta dela. — Fiz uma pausa, tentando segurar as lágrimas. — E também senti a sua falta.

— Dante, por favor! — ela insistiu, seu olhar tinha tanta dor que eu senti meu coração se partir em mais pedaços. — Você pode buscar a Giovanna hoje na pensão. Podemos dividir os dias, acho que assim será menos impactante para que ela se acostume com a nova dinâmica.

Eu a encarei e engoli em seco.

*Nova dinâmica.*

De uma vida sem ela.

Era real. As palavras dela eram tão duras e Manuela parecia tão decidida sobre nós dois. Era como se eu a visse escorregando pelos meus dedos e não pudesse fazer absolutamente nada.

— Tudo bem pra você? — ela perguntou alguns segundos depois.

— Tudo bem — respondi simplesmente, mas a sensação era como se um trator estivesse massacrando meu peito.

— Certo. Nós temos a reunião agendada com Julio nesta semana. Vou organizar as propostas que trabalhamos durante essa semana e envio para que você acrescente alguma coisa.

Eu concordei e depois fui para minha sala. Não queria insistir e estressá-la ainda mais. Eu daria algum tempo para ela antes de tentar conversar novamente.

Mandei um recado para Guilherme, perguntando se poderíamos almoçar juntos, mas ele informou que ficaria com Manuela e disse que no final do expediente poderia vir até minha sala.



O vazio no meu peito crescia a cada tique do ponteiro do relógio, as horas se arrastando por uma dor silenciosa que me

lembava a todo instante da ausência dela.

— Dante. — Guilherme entrou na sala e parecia irritado.

— Guilherme. Precisamos conversar...

— O que eu te disse, Dante? Eu disse para não fazer a Manu sofrer. — Ele me olhou, chateado, e depois explodiu: — Porra, como você pôde ser tão imbecil?

— Eu não sei que merda aconteceu!

— Sério?

— Não me lembro de nada, mas eu não trairia Manuela. Eu estou queimando meus neurônios tentando me lembrar da porra daquela noite. Você sabe como me sinto a respeito dela!

— É bem difícil acreditar quando existe uma foto da sua ex em cima de você e um áudio em que você diz o quanto sente falta da boceta dela!

— Sei que bebi demais, mas não consigo acreditar que isso tenha acontecido. Eu nem sinto tesão em outra mulher, Guilherme, caralho! Se a porra da Gal Gadot<sup>[33]</sup> aparecesse pelada aqui na minha frente, acho que meu pau continuaria morto dentro das calças. Eu só... Não me lembro de nada!

Ele me deu um longo olhar. Havia algo ali, como se Guilherme estivesse tentando me analisar, me dissecar.

— Se você não se lembra, como pode ter certeza de que nada aconteceu?

— Eu não posso — respondi, sentindo minha voz fraca e passei as mãos no rosto, revoltado com toda a situação. — Mas eu não faria isso, cara! Eu sei que não faria. Acha mesmo que jogaria minha família no lixo por conta de uma foda com a Marcella? Honestamente, isso sequer faz sentido!

— Você teria que ser muito burro, de fato, mas existem pessoas burras no mundo — retrucou, seco, cruzando os braços.

— Não sou burro, Guilherme — respondi com raiva. — E você sabe disso.

— Eu sei que você estava com a sua ex, Dante! — ele quase rosnou. — Não era uma montagem, era você! O que quer que eu faça? Manuela está destruída, não para de chorar.

Essa frase me atingiu como uma faca.

— Sei que ficamos amigos e, pra ser sincero, foi difícil acreditar quando a Manu me contou, mas quebrei minha cara quando ouvi o áudio e vi aquela foto. Desculpe, cara, mas eu não consigo te defender dessa vez. Já estou me segurando pra não dar um soco na sua cara.

— Vou dar um jeito de descobrir o que aconteceu — afirmei.  
Ele me olhou com pena e suspirou frustrado.

— Você vai ficar com a Giovanna hoje, certo? — ele perguntou e eu balancei a cabeça positivamente. — Não precisa ir até a pensão, eu a levo até o seu apartamento. A última coisa que precisamos é de Adriano querendo bater em você.

— E quem esse merda acha que é para querer fazer alguma coisa?

— Eu ainda tenho um mínimo de consideração por você e é por isso que não faço isso eu mesmo, mas o Adriano quer o seu sangue.

— Ele foi atrás dela? — perguntei, irritado. — Sério, porra?

— Foi ele quem descobriu tudo, Dante — contou e eu franzi o cenho, sem entender. — Ele colocou alguém pra ficar na sua cola, sabendo que você ia vacilar. É por isso que existem fotos, áudios...

— Ele fez o quê? — eu berrei e depois pincei a ponte do meu nariz, lembrando que eu estava no meu ambiente de trabalho. — Filho da puta!

Dei uma risada sem humor.

— Não confio nele. Aposto que esse filho da puta é responsável por isso!

— Responsável pelo quê, Dante? Acha que o Adriano te obrigou a ir para um quarto com a sua ex e dizer as coisas que disse pra ela? Pelo amor de Deus! Assume seus B.O.s<sup>[34]</sup>, porra!

— Não sei, mas isso não tá certo. Pagar alguém pra me seguir? Isso é um filme, caralho? — indaguei, puto, mexendo as mãos freneticamente e sentindo meu sangue ferver.

— Não concordo com o que ele fez, mas você era a pessoa da foto, Dante. Não é como se ele tivesse tomado uma poção *Polissuco*<sup>[35]</sup> e se passado por você.

— Tomado o quê, porra?

— Esquece! — Ele balançou a cabeça e eu fiz uma careta, sem entender merda nenhuma.

Provavelmente era alguma referência *nerd* daquele idiota.

— Era só o que me faltava agora. O arrombado vai aproveitar isso tudo para dar em cima de Manuela.

— Não acredito que ele vá fazer isso, Dante. A Manu tá bem fragilizada...

— Mesmo? Você realmente acha isso, Guilherme? — perguntei com desdém e ele não me respondeu. — Exato.

— Eles são amigos, Dante.

— Não, ela é amiga dele. Adriano é apenas um babaca manipulador, que fica tentando roubar a porra da minha filha e a minha mulher de mim. Esse filho da puta quer a minha vida! Recalcado do caralho!

— Roubar Gio de você? — ele perguntou, confuso, e deu uma risada fraca. — Eu vejo que o Adriano melhorou muito com a Giovanna, mas acho que você está exagerando.

— Han? Melhorou com a Giovanna? — indaguei sem entender e ele me olhou, franzindo o cenho.

— Sim, ué. Ele tem se empenhado em ter uma relação melhor com ela.

— De que porra está falando, Guilherme?

— Ah! — Sua expressão mudou e ele murmurou um palavrão para si mesmo. — Ahn... A Manu nunca te contou? Merda. Esquece o que eu falei — ele começou a balbuciar as palavras e sua voz tremeu enquanto ele ia andando em direção à porta. — Eu passo no apartamento para...

— Guilherme! — eu quase gritei novamente, batendo a porta antes que ele pudesse sair por ela. — O que Manuela nunca me contou?

— Merda, Dante. Se ela não te falou, não sou eu quem vai falar.

— Ah, sim, você vai!

— Não é nada demais, realmente — ele tentou, um pouco sem graça. — Esquece isso. Está tudo bem agora.

— Eu é quem vou julgar se não é nada demais. Anda, fala logo essa merda.

Ele me olhou, exausto, e bufou.

— O Adriano sempre teve uma relação difícil com a Giovanna. Ele e a Manu chegaram a brigar por isso porque ele nunca aceitou o fato dela ser sua filha e acabou criando uma cratera de distanciamento da Gio.

— O quê? — Franzi o cenho, completamente confuso. — Desde que eu descobri sobre a Gio, o babaca sempre ficou em cima dela como se fosse um urubu.

— Sempre foi uma coisa meio estranha. A gente achava que pudesse ser coisa da nossa cabeça. Ele era bem próximo do Lucca, mas também tinha a questão da Giovanna ser menina... Sei lá, achávamos que ele talvez não tivesse se conectado muito com a neném.

Pisquei, um pouco perplexo por nunca ter ouvido nada daquilo.

— Só que um pouco antes de você descobrir, ele falou umas merdas e a Manu ficou puta e disse que se afastaria. Foi meio que uma confirmação do que a gente desconfiava. Só que o Adriano se desculpou, disse que não tinha nada a ver e prometeu que se esforçaria para ter uma relação melhor com a garota. A verdade é que ele nunca aceitou toda essa história, a Giovanna era um lembrete diário de que ela tinha uma filha com você e não com ele.

— Que filho da puta! Giovanna é uma criança, porra!

— É, é, eu sei. Não tento entender as paranoias do Adriano, Dante. Ele já teve até ciúmes de mim com ela. — Ele soltou o ar, dando de ombros.

— Ele é doente. Não acredito que esse idiota possa ser tão baixo a ponto de descontar suas frustrações em uma criança.

— Nem gosto de entrar nesse assunto, já discuti muito com ele sobre isso.

Era quase inimaginável pensar nisso. Como uma pessoa poderia ser tão louca assim?

— Dante, por favor, não fala pra Manu que te disse, ok? Não arruma mais confusão. Já foi, já passou. Ela resolveu, impôs limites e você nem tinha entrado na vida das duas. As coisas já estão mais turbulentas do que deveriam e isso seria outro problema para a

pilha. Manuela está estressada, machucada e a última coisa que precisamos agora é mais um atrito entre você e Adriano.

— Eu não vou falar nada — afirmei.

— Bom. Eu estou indo e encontro você no apartamento mais tarde.

Ele se virou para sair da sala.

— Guilherme... Apenas cuide dela, ok? — pedi e ele assentiu com a cabeça.

Eu peguei algumas pastas e passei pela sala de Manuela. Ela já havia ido embora e eu deixei os documentos em cima da sua mesa.

Fui até o meu apartamento, tomei um banho e não demorou muito para que Guilherme chegasse com a Giovanna. Fazia só um dia e meio que eu não a via e isso parecia tão errado.

Meu coração transbordou quando ela esticou os braços para vir para o meu colo, gritando “papai” animadamente. Guilherme não ficou mais do que cinco minutos, alegando que precisava ajudar Julia com o jantar.

Eu a apertei contra o meu corpo, enchendo-a de beijos, aproveitando para sentir o seu cheirinho, porque já estava morrendo de saudades. Deus, eu amava tanto aquela garota... E só de pensar na possibilidade de fazê-la sofrer, uma sensação de sufocamento me atingia.

Como podia existir um amor daquela magnitude?

Era um amor que transcendia as palavras e ações, que não podia ser medido e explicado nem mesmo pela mais profunda das descrições.

Dentro daquele abraço, eu conseguia sentir o laço único que era somente nosso, independentemente de ter sido criado tão tarde. Naqueles momentos, eu percebia que nossa relação nunca tinha sido afetada pelas decisões que Manuela tomou. Não era uma “história perfeita”, mas nós não precisávamos de perfeição para aquele tipo de amor.

Giovanna era o meu centro. De absolutamente tudo. Independente de tempo ou qualquer outra coisa.

Observei seus olhinhos curiosos examinando o local, como se ela quisesse explorar tudo à sua volta.

— Você se divertiu com o Lucca hoje? — perguntei e ela respondeu que sim, balançando a cabeça e começou a conversar comigo, tentando dizer várias outras coisas.

— É mesmo, capivarinha?

— *Xim, papai*.

Nós ficamos ali conversando e brincando e ela andou pelo apartamento inteiro, derrubando tudo o que estava a seu alcance. Graças a Deus eu era prevenido e tinha tirado os vasos do lugar.

— O titio Dom chegou! — avisei quando o interfone tocou e ela gritou, animada, correndo como um pinguinzinho até a porta.

— *DomDom!* — repetiu, batendo palminhas e eu a peguei no colo, dando um beijo em sua bochecha.

O rosto de Giovanna irradiou quando ela viu o meu irmão e o mesmo aconteceu com ele. Domenico a puxou dos meus braços, enchendo sua sobrinha de beijos enquanto ela gargalhava com a cosquinha que a barba fazia.

Dom trouxe uma sacola de presentes e ela surtou, rasgando os papéis, fazendo uma zona na sala.

— *Tííííícho...* — ela o chamou, balbuciando várias palavras sem sentido e Domenico deu uma risada.

Ele tinha comprado um helicóptero de empurrar e ela estava dando gritinhos animados, correndo como uma louca pelo apartamento. Ela gargalhava, olhando para nós dois, questionando se estávamos vendo o que estava acontecendo. Suas expressões eram engraçadas demais e eu e meu irmão começamos a rir.

Porra, como eu queria que Manuela estivesse aqui paravê-la assim.

Nós comemos juntos e eu agradeci ao Domenico por ter ficado comigo. Já imaginava que Giovanna demoraria mais tempo do que o normal para pegar no sono, mas meu peito apertou quando ela começou a chamar por Manuela diversas vezes, chegando até mesmo a chorar por alguns minutos.

Mais uma noite sem ela. Queria poder abraçá-la, afundar minha cabeça no seu ombro e me perder no seu calor enquanto contava sobre como Gio tinha ficado feliz com os presentes.

Manuela não estava aqui, entretanto.

Havia apenas um vazio imenso.  
E escuridão.



*Eu não posso agüentar mais um dia  
Talvez você pense que eu vi o mundo  
Mas eu preferiria ver minha garota*  
:: GOING HOME - THE ROLLING STONES ::

## *Dante Perazzo*

Duas semanas se passaram e há 5 dias eu havia saído do apartamento e ido para a casa nova. Tudo já estava pronto, da maneira como nós dois queríamos. Exceto que, agora, estava morando na maldita casa sem ela, sendo obrigado a observar todos os detalhes que Manuela havia escolhido.

Até mesmo os bregas. E nem mesmo podia zombar dela.

Nossa relação permanecia da mesma forma. Nós conversávamos apenas a respeito da Giovanna e sobre as questões do trabalho. O único assunto diverso que tivemos foi quando avisei que estava indo para a casa nova, ela apenas me olhou triste e deu um meio-sorriso.

Estávamos dividindo os dias com a bebê e isso era uma merda, porque eu sabia que ela estava confusa com o que estava acontecendo. Quase todos os dias me perguntava onde Manuela estava e das vezes em que mencionei isso, ela disse que Gio fazia

a mesma coisa quando estavam juntas. E mudou de assunto na primeira oportunidade.

Graças a Deus estávamos cheios de trabalho, isso era bom para ocupar minha cabeça. Quase todo dia havia uma manifestação diferente e algumas vezes elas acabavam se tornando um pouco mais agressivas, sendo necessário chamar reforço.

Nós dois chegamos a receber uma ameaça anônima, ordenando que parássemos com o que estávamos fazendo. Meu pai mesmo já tinha enviado dezenas de mensagens desaforadas deixando claro o quanto eu estava envergonhando a família com meus atos.

Na semana seguinte ao ocorrido, dei uma surtada e fui até a porta do prédio do escritório do Adriano. Estava convencido de que ele tinha armado alguma coisa e queria pressioná-lo a me dar o contato do filho da puta que tinha tirado as fotos e gravado o vídeo. Obviamente o arrombado não me deu, chamou o segurança da portaria e ainda disse que se eu me aproximasse dele, faria um boletim de ocorrência.

Não tínhamos tido nenhum sucesso com as câmeras, mas isso já era esperado, porque o hotel recebia muita gente que não queria “ser vista”.

Guilherme estava distante também. Nós chegamos a almoçar juntos no dia seguinte ao que eu fui atrás do Adriano porque ele queria me pedir para “segurar a minha onda”. Conversávamos um pouco sobre o trabalho, sobre a Giovanna e foi basicamente isso.

Foram inúmeras as noites onde eu fiquei repassando aquele dia, em vão. Ainda estava intrigado, matutando na minha cabeça o que ela poderia ter feito. Como alguém tinha entrado no quarto para tirar uma foto e gravar um áudio sem que tivéssemos notado?

Ela me ligou diversas vezes, mas começou a ficar irritada porque sempre que eu a atendia, queria perguntar sobre aquela noite. Suas respostas eram sempre na linha do “sei lá, Dante, eu estava bêbada também”.

De qualquer forma, eu não aguentava mais pensar naquele assunto, já estava me consumindo. Precisava me concentrar nos relatórios que eu e Manuela estávamos fazendo a respeito da área de preservação.

— Você acha válido tentarmos algum tipo de parceria com as ONGs locais e as empresas de turismo para impulsionar a aceitação do corredor ecológico? — ela perguntou sem me olhar nos olhos enquanto rabiscava algumas coisas no papel.

— Acho que sim. Talvez a gente possa envolver as comunidades locais de maneira mais direta.

— É, fico pensando se é a melhor alternativa. — Ela torceu o lábio, pensativa, batendo de levinho a caneta no queixo.

Porra, ela era tão linda.

Eu sentia tanta falta de beijá-la, de sentir seu cheiro e o calor do seu corpo junto ao meu. E a dor era ainda maior por saber que aquele sentimento nunca sairia de mim.

— Só precisamos garantir que essas parcerias sejam transparentes e comprometidas com os princípios de conservação. A última coisa que queremos é que a exploração turística acabe prejudicando os mesmos ecossistemas que estamos tentando proteger. Acha que isso pode acontecer?

— Possivelmente. O Leonardo Ortega comentou sobre isso, disse que passou por alguns casos de gente manipulando informações por interesses particulares.

Ela voltou a escrever algumas coisas no documento, concentrada, enquanto eu observava cada movimento seu.

— Eu e o Dom levamos a Gio em um carrossel ontem — eu contei e ela levantou os olhos, curiosa. — Certeza que as pessoas acharam que a gente era um casal.

Ela riu e eu cheguei a perder o ar por alguns instantes.

— Ela ficou tão feliz e repetiu o nome de todos os bichinhos que eu mostrei pra ela. Você tinha que ter visto, Manuela.

Seu corpo pareceu relaxar, um sorriso bobo estampado no rosto.

— Queria ter visto...

— Você pode ir com a gente da próxima vez — eu sugeriu e no mesmo segundo me arrependi, porque ela respirou fundo e tornou a me encarar com um olhar triste.

— Não acho uma boa ideia, Dante.

— Certo... — Fiz uma pausa e limpei a garganta. — Enfim, o Dom achou umas fotos antigas nossas de quando tínhamos a idade

dela.

— Sua mãe me mostrou uma foto sua uma vez que a encontrei no shopping. Mal sabia dizer quem era você e quem era a Giovanna. — Ela tornou a sorrir.

— Não exagera, Manuela, ela tem tanto de você.

Ela fez um chiado com a boca e rolou os olhos como se eu estivesse inventando aquilo. Por alguns segundos, eu me transportei para algumas semanas antes e tudo parecia igual.

— Não adianta você fazer essa cara. Ela pode ter meu cabelo, a cor dos meus olhos e talvez ser tão desprovida de vitamina D quanto eu... — Ela comprimiu uma risada. — Mas a Gio é uma junção perfeita de nós dois, Manuela.

— É, ela é. — Ela tornou a dar um meio-sorriso e suspirou fundo, desviando os olhos dos meus imediatamente.

Manuela mantinha o olhar fixo nos papéis, escrevendo de cabeça baixa. Era difícil olhá-la nos olhos e talvez ela tivesse a mesma dificuldade. Eu não aguentava mais toda distância, não poder compartilhar as coisas, não tê-la mais na minha vida da mesma forma de antes.

— Nós... Eu sei que você não quer isso, mas Giovanna tem perguntado tanto de você quando estamos só nos dois. Acho que ela sente falta de nós três reunidos. — Senti minha voz embargar e ela me olhou através dos cílios, sem levantar muito o rosto.

— Dante...

— Entendo que essa situação toda tá foda e sei que você sequer quer me ver pintado de ouro, mas parte meu coração ver a nossa filha procurando você.

— Ela também te procura todas as noites pela casa — confessou, soltando o ar e sustentando o olhar apenas por alguns segundos. Depois, tornou a abaixar os olhos e sua voz soou fraca:  
— Também acaba comigo ver a Giovanna assim.

— Pensa melhor sobre a gente passar uma tarde juntos. Ou talvez um almoço, um jantar. — Ela fez menção de começar a falar, mas eu a interrompi. — Por favor, apenas pensa, Manuela.

E ficou em silêncio, mas só assentiu.



# Maria Manuela Guerra

Giovanna estava há duas horas chorando ininterruptamente, gritando “papai” entre os soluços desde a hora que eu havia sentado com ela na cadeira alta para que jantasse.

Desde que Dante tinha se mudado, ela estava demorando mais tempo para comer e eu sabia que era apenas birra porque queria comer com ele. Isso acabava comigo. Já era difícil não pensar em Dante 24 horas por dia e simplesmente partia o meu coração ver Gio também sentindo falta da nossa antiga rotina.

Nos últimos dias, ela chorava um pouco e depois parava, mas hoje estava furiosa, jogando a colher no chão, irritada, todas as vezes em que eu pegava e colocava em suas mãos. Eu tentei alimentá-la, mas Gio apenas comprimia a boca e me olhava com raiva.

Estava completamente exausta e a garota continuava chorando sem parar, implorando pelo Dante.

Era de foder! Como eu pararia de pensar nele se minha filha repetia o seu nome como um maldito papagaio fofo?

— Meu Deus, Gio! Você precisa comer!

— *Pa... pai!* — ela soluçava pausadamente, como se eu estivesse com dificuldade de compreender o que ela queria, o rosto completamente molhado.

Dramática e teimosa que nem o pai.

— Ele não está aqui, meu amor, amanhã você vai estar com ele, ok? — tentei, colocando um pouco mais de comida na colher e ela tornou a se debater. Fazendo biquinho.

Depois de mais vinte minutos, desisti. Estava exausta e não sabia mais o que fazer. Limpei a bagunça inteira e peguei meu

celular. Talvez fosse melhor deixar a Giovanna hoje com ele. Liguei, mas Dante não atendeu, então decidi pedir um *Uber*.

Eu não precisei me identificar, minha biometria já estava cadastrada no condomínio. Parei na soleira da casa e senti meu peito apertar. Eu não deveria ter ido até lá. Não deveria. Que merda eu estava fazendo? Era cedo demais para isso.

Meu celular começou a tocar alto e eu fiquei algum tempo encarando seu nome na tela.

— *Alô, mamãe. Alô!*

Aquela sensação de sufocamento começou a tomar conta de mim. Não deveria ter ido até a casa. Porra!

Girei os calcanhares para dar meia-volta, mas parei quando ouvi a porta se abrindo.

— Ei... O que...? — Me virei para dar de cara com o Dante, olhando-me um pouco surpreso e confuso.

Gio o viu e seus olhinhos brilharam. Ela esticou as mãos e o corpo em sua direção, quase se jogando dos meus braços e Dante a pegou, sorrindo e dando um beijo em sua bochechinha.

— Oi, capivarinha.

— Oi, *papai*. — Ela sorriu e depois levou a mão até a barriga.

— *Papá, neném.*

— Giovanna não quer comer — falei, revirando os olhos e Dante me deu passagem para entrar. — Estou há duas horas tentando, mas ela não para de chamar por você e... Estou realmente cansada.

Puxei o ar e soltei, quando finalmente terminei de falar. Então meus olhos percorreram a entrada da casa, finalmente decorada com os móveis que havíamos escolhido.

— Tudo bem. Quem vai comer com o *papai*? — ele perguntou para ela, sacudindo seu corpinho em cima da cabeça e ela gargalhou, gritando animadamente.

— Neném!

— E o que a *neném* é?

— *Inda* — respondeu, franzindo o narizinho e mostrando os dentinhos, fazendo com que déssemos uma risada.

Dante a apertou, dando beijinhos no seu cangotinho e depois se virou para mim.

— Você já comeu?

— Não, eu estava tentando alimentar a pequena dragãozinha — brinquei, olhando para minha filha, que agora estava com a cabeça apoiada no ombro de Dante e as mãos em volta do seu pescoço, abraçando-o.

— Estou fazendo Carbonara — ele disse, meio sugestivo, e abriu um sorriso que fez meu mundo desandar a ponto de eu sequer conseguir segurar um suspiro. — Vamos jantar com ela, acho que vai ser mais fácil assim.

Eu assenti, como se fosse incapaz de fazer qualquer outra coisa. Dante encostou uma das mãos nas minhas costas, direcionando-me até a cozinha e eu senti cada partícula do meu corpo estremecer. Então, me afastei e fui andando um pouco na frente.

A cozinha estava linda, exatamente da forma como ele imaginou. De todos os cômodos, esse foi o único onde ele realmente bateu o pé e disse que a disposição dos móveis ficaria do jeito dele, já que eu era uma negação. Lembrava claramente de ter gargalhado, falando que não tinha intenção nenhuma de me meter em sua cozinha, que ele podia pintá-la de roxo-beterraba, contanto que cozinhasse para mim para o resto das nossas vidas.

E ele apenas zombou, dizendo que não era brega como eu, que jamais pintaria a cozinha daquela cor.

Era doloroso demais estar ali. Minha vontade era mexer em tudo, ver como cada cômodo havia ficado depois da reforma, com as decorações que tínhamos escolhido nos seus devidos lugares.

— Você achou as panelas que queria? — perguntei, observando-o com um jogo de panelas italianas que ele estava procurando.

Dante me entregou a Giovanna e eu a coloquei em uma cadeira alta parecida com a nossa do apartamento. Sentei no banco em frente à bancada, observando enquanto ele se movimentava pelo fogão, mexendo entusiasmado nos ingredientes.

— Não, eu mandei trazer da Itália — contou, rindo.

Por alguns segundos era possível esquecer tudo o que tinha acontecido, olhando-o cozinhar como eu fiz tantas vezes. Era uma memória tão reconfortante e incrível, que eu me sentia em paz.

— Você brincou com Lucca hoje, Giovanna? — ele perguntou, voltando sua atenção para nossa filha enquanto salpicava um pouco de sal na comida.

— *Xim, papai. De ssoura.* — Dante deu uma risada, sem entender.

Meu primo havia comprado uma vassoura infantil para Giovanna e para o Lucca, zombando que eles precisavam aprender a ajudar a limpar a pensão. Eu expliquei e ele deu uma risada.

— E você limpou tudinho, capivarinha?

— Conta pro papai o que você quebrou quando estava varrendo, Gio — incentivei e ela começou a rir, mostrando os dentinhos.

— *Nominho.*

— Os gnomos de jardim? — ele perguntou para mim e eu assenti, rindo também. — Sua mãe deve ter adorado.

— O Antonio tomou um esporro gigante — contei, gargalhando.

Giovanna falou mais algumas coisas, animada por estarmos todos juntos. Metade nós entendemos, metade não, mas ainda assim, aquela sensação de plenitude me atingiu como há um bom tempo não acontecia.

Nós três jantamos juntos, sentados à mesa e nossos olhares se encontraram por mais tempo do que o normal em diversos momentos.

Era foda.

Como eu sentia saudades daquilo... Mais do que qualquer outra coisa.

Falta da nossa família junta, de poder ver Dante rindo com Giovanna quando ela falava alguma palavra completamente errada. De como a corrigia enquanto nossa filha olhava emburrada para ele e tornava a repetir a palavra como se estivesse certa.

— Ela é mesmo nossa filha — Dante brincou quando aquilo tornou a se repetir.

— Puxou isso de você.

Eu ri e ele semicerrou os olhos na minha direção, balançando a cabeça em uma negativa.

— Cara de pau.

Levantei, cessando as risadas e tirando os pratos da mesa, indo em direção à bancada. Dante entregou um livro com texturas e na mesma hora Gio ficou hipnotizada brincando, ignorando nossa presença.

— Eu senti falta disso — ele disse baixinho, quando se aproximou, ficando de frente para mim.

— É, eu também — confessei, desviando o olhar do dele, mexendo em uma toalha que estava ao alcance das minhas mãos.

Dante estava me encarando. Sentia o seu olhar totalmente em mim e ele engoliu em seco quando eu levantei o rosto para encará-lo.

— Porra, Manuela, eu sinto tanto a sua falta... — Sua voz saiu entrecortada e percebi que seus olhos estavam marejados, assim como os meus.

Estava prestes a cair em lágrimas, apenas por olhar no fundo dos olhos dele. Engasguei uma respiração e notei que o meu coração acelerou involuntariamente. Uma das suas mãos envolveu minha cintura e a outra se firmou no meu rosto, enquanto seu polegar fazia carinho na minha bochecha.

Nossos corpos estavam colados e eu sequer conseguia me mover. Para ser sincera, eu não queria. Tudo o que eu desejava era permanecer ali, sem me importar com mais nada. Desejava ficar presa naquele momento por toda a eternidade.

Sua testa encostou na minha, como se ambos precisassem daquele apoio para que nenhum de nós dois desabássemos. A mínima distância parecia asfixiante e era possível sentir sua pulsação contra minha pele, transpassando-a como se houvesse a intenção de que ela se tornasse apenas uma.

— Eu amo você. Eu preciso de você. Não sei mais viver assim — disse em uma espécie de respiração sibilante.

— Dante... — Acho que nenhum som saiu de dentro de mim e eu vacilei, meu corpo se desfazendo em seus braços.

Ele se inclinou e me beijou, a língua quente encontrando a minha, enredando-se de forma apressada, como se uma eternidade tivesse se passado desde nosso último beijo. E era assim que parecia.

Não me afastei de imediato, eu não tinha forças emocionalmente para isso. Precisava do calor dele, como se fosse algum tipo de combustível. Necessitava de uma lembrança do seu gosto, da forma como eu me sentia completa e amada em seus braços.

O nosso beijo transparecia tanto sobre os nossos sentimentos a ponto de eu ter plena certeza de que Dante me amava. Eu nem mesmo precisava de palavras, gestos ou qualquer coisa parecida, era possível decifrar tudo apenas pelo jeito como ele me olhava, como me beijava. Era uma linguagem única e somente nossa.

— Por favor, por favor, não vá embora — sussurrava entre os beijos, com uma voz sôfrega, enquanto fazia carinho no meu rosto, que ele segurava com as duas mãos de forma firme, como se não quisesse que eu saísse dali nunca mais.

E eu não queria.

— Eu te amo tanto, Manuela. Sério, porra — ele disse, sério, olhando nos meus olhos. — Não aguento mais ficar longe de você. É quase como uma dor física e eu não sei mais o que fazer!

— Dante... — voltei a chamar e me afastei, sem quebrar o contato visual.

Ele tentou diminuir a distância entre nós e eu tirei suas mãos do meu rosto, respirando fundo.

— Não faça isso, por favor — pedi, comprimindo os lábios e fazendo esforço para não chorar.

— Não vai embora — implorou, passando as duas mãos no rosto. — Por favor, não vai.

E então, ele puxou todo o ar que conseguiu e se engasgou em um soluço, deixando algumas lágrimas caírem dos olhos e limpando rapidamente. O silêncio pareceu nos rodear e tudo o que eu conseguia ouvir eram os reflexos da dor.

Foi como uma estaca. Ecoou pelos meus ouvidos.

— Porra, amor, eu não sei mais o que fazer — ele suplicava, sem parar de chorar. — O que você quer que eu faça? Eu faço o que você quiser. Só... Volta pra mim.

— Dante... Por favor. — E então, eu também estava chorando.

— Tem noção de que tudo o que eu faço é existir agora? Eu ainda tenho a Giovanna, mas você é minha família também e... Essa separação... É tão errado. Isso não parece vida. Sinto que só o que eu sou é um corpo orbitando no meio do nada.

Merda, aquilo tudo era doloroso demais. Era pior do que qualquer dor física. Vê-lo daquela forma, implorando, dizendo que me amava, acabava comigo. Cada traço do seu sofrimento era evidente. Os olhos vermelhos, o tremor quase imperceptível de suas mãos, a angústia se materializando diante de mim.

Meu próprio corpo respondia de maneira involuntária. Meus dedos coçaram para tocar seu rosto e oferecer o conforto que ele estava buscando.

Não fiz nada, no entanto.

Ignorei a tempestade que parecia rasgar as minhas costelas, o chão que parecia se abrir abaixo de mim fazendo com que eu retornasse para a realidade vazia sem ele.

Ouvir a dor nas palavras de Dante era como um punhal direto no coração. Porque cada fibra do meu ser gritava em busca de uma esperança oculta. A parte emocional batalhando contra a racional.

Eu sabia que Dante me amava. Era tão nítido para mim que ele sequer precisava falar, mas quando as palavras saíam de sua boca, atravessavam minha alma, cortando-a por inteiro porque eu nunca seria capaz de entender o que ele tinha feito.

— Eu realmente preciso... Preciso ir embora — falei, recuando e limpando as lágrimas. — Obrigada pelo jantar. Você... Você fica com a Gio hoje, ok?

Fui andando em direção à nossa filha, dando um beijo no topo de sua cabeça e dizendo que ela ficaria com o papai. Dante meio que andou, meio que correu até mim na porta.

Eu meio que enraizei no chão quando percebi que ele mantinha na chave da casa o meu chaveirinho de coração. Senti sua mão segurando meu pulso e ele me virou para encará-lo.

— Não vai embora, eu te imploro.

— Não me peça isso, por favor — eu quase supliquei, puxando meu braço e girando a maçaneta. — Obrigada pelo jantar. Boa noite, Dante.

Ele me olhou triste e quando eu fechei a porta atrás de mim, senti meu coração se partir em mais um pedaço. Eu tinha uma infinidade de cacos agora, uma pilha deles, tentando se recompor.

E tinha a impressão de que ele nunca mais seria o mesmo.



*A noite selvagem e ventosa  
Que a chuva lavou  
Deixou uma poça de lágrimas  
Clamando pelo dia  
Por que me deixar aqui sozinho?  
Me mostre o caminho*

**:: THE LONG AND WINDING ROAD - THE BEATLES::**

*Maria Manuela Guerra*

Era tarde de domingo na pensão e eu estava sentada em um banquinho no jardim enquanto observava Lucca e Gio brincando animadamente com os carrinhos que Dante tinha comprado.

Julia estava comigo, segurando uma xícara de café em uma das mãos, dizendo que tinha recebido mensagem da escola que tínhamos visitado e que eles concordaram em dar uma bolsa parcial para o Lucca. Ela disse que tinha certeza que Dante estava por trás, mas que não estava nem aí, que era uma pequena reparação por toda a merda que a família dele tinha feito com a dela.

Não duvidava que ele tivesse mexido alguns pauzinhos porque já tinha dito que gostaria que Lucca estudasse com ela, alegando que no futuro ele poderia meter a porrada em qualquer “idiota assanhadinho” que se aproximasse da nossa filha.

Merda, eu sentia tanto a sua falta.

Em algumas noites, eu acordava e pensava “não, ele não fez isso”, então, era tomada pela súbita vontade de ir para nossa casa e dizer que deveríamos deixar tudo aquilo de lado, que eu sabia que ele jamais faria qualquer coisa para me magoar ou prejudicar nossa família. O meu lado racional acabava falando mais alto, no entanto. Era uma eterna luta interna e eu estava exausta.

— Vou pegar mais um pouco de café. Você quer? — perguntei, me levantando.

— Não. Vai lá, vou ficar aqui com eles. Se o Gui estiver na cozinha, pede para ele vir aqui, tá?

Eu assenti e fui andando até a casa. Adriano e Guilherme estavam conversando sobre algum filme.

— Julia pediu pra você ir lá fora — avisei e ele saiu imediatamente em direção ao jardim.

— Tô passando mal... Acho que comi demais — Adriano resmungou, fazendo uma careta. — Meu estômago tá doendo pra caralho.

— Quando você não come demais, Adriano?

— Olha quem fala...

Coloquei um pouco de água para ferver, fui até a hortinha que minha mãe mantinha perto da janela e retirei algumas folhas de louro. Fiquei fitando as chamas do fogão até que as bolinhas começassem a aparecer na leiteira.

— Eles estão animados lá fora — comentou, aproximando-se e entreabriindo a cortininha da janela na minha frente.

— Giovanna está apaixonada nesse carrinho. Certeza que puxou isso do Dante — falei sem perceber, dando uma risada, mas Adriano ignorou.

— O Lucca bate bastante. — Ele deu uma risada, vendo o sobrinho acertar um toquinho de madeira e depois voltou sua atenção para mim. — Ei, você está fazendo chá de louro pra mim?

— Sim, você disse que está com dor no estômago, ué.

— Sabe que eu odeio esse chá...

— Azar o seu, você também sabe que só ele melhora sua dor — lembrei, entregando a xícara de chá com as folhas em suas mãos e ele deu uma risada.

— Você é incrível, sabia? Sempre cuidando de mim. Eu nem me lembro de uma vida onde você não fazia isso.

— Sempre salvando sua vida e seus órgãos, não é? — brinquei, apertando a garrafa térmica e colocando um pouco de café na minha caneca.

Ele continuou me olhando, ainda cessando as risadas e de repente deu um passo para frente, segurando o meu rosto e se inclinando um pouco.

— Adriano! O que está fazendo? — Eu fechei minhas expressões e me afastei.

— Desculpe, Manu, achei que...

— Meu Deus! — explodi, descontrolada. — Você continua insistindo em algo entre nós dois? Já te disse que isso não vai acontecer!

— Você não está mais com o Dante e eu pensei que...

Não era realmente possível que Adriano estivesse achando que eu estava pronta para qualquer tipo de relacionamento. Principalmente com ele, porra!

Já tinha dito mil vezes, mesmo antes de Dante, que não havia nada mais entre nós dois e esse era o pior momento para que ele de fato tentasse me beijar ou algo do tipo.

Quantas mil vezes eu precisaria repetir para ele que amava o pai da minha filha, que nunca mais poderia existir “Adriano e Manuela”? Nossa história já tinha acabado e éramos melhores como amigos. E isso ainda era uma coisa contestável, porque vivíamos cheios de problemas, já que ele insistia em ser inconveniente boa parte do tempo.

— Pensou errado, Adriano — cuspi as palavras, muito irritada. — Nós não estamos juntos, mas eu continuo apaixonada por ele e honestamente, você precisa respeitar o meu espaço. Nós mal terminamos, tudo ainda é muito recente, a última coisa que eu quero é que alguém me beije. Não sei em que mundo você achou que isso seria uma boa ideia, mas para! Eu e você, isso não vai mais acontecer — respondi, ríspida, pegando minha caneca e saindo batendo a porta da frente em direção ao jardim, furiosa.

Depois de algumas horas conversando com minha mãe, meu primo, a Ju e o Gui, voltei para casa. Havia me despedido de

Adriano e notei que ele parecia chateado.

Talvez eu tivesse de fato pegado um pouco pesado com ele. Afinal, eu sabia que ele ainda nutria sentimentos por mim, a última coisa que eu queria era ser babaca de graça.

Merda! Será que eu tinha exagerado?

Cheguei à conclusão de que precisava ter uma conversa definitiva com ele. Tentaria explicar por quais motivos não ficaríamos juntos e tentaria dar um jeito de fazê-lo entender de uma vez por todas.

Giovanna não demorou a dormir e eu sentei no sofá. Fiquei enrolada nas cobertas, vendo meus programas de reforma, desejando imensamente que eu tivesse um pote de sorvete agora.

Também queria que Dante estivesse aqui, fazendo carinho nos meus braços enquanto criticávamos as decorações das casas reformadas e ele zombava do meu gosto peculiar.

Eu dormi ali mesmo, agarrada ao edredom que ainda tinha o seu cheiro, como fazia em todas as noites. Sequer imaginava como seria quando o perfume dele saísse do tecido e, infelizmente, isso já estava começando a acontecer.

Logo na manhã seguinte, deixei Gio na pensão e fui para o escritório. Peguei o jornal e vi que tinham anunciado a aprovação técnica do projeto de corredor ecológico e agora só faltava homologação pelo Ibama, ou seja, o dia hoje seria tumultuado.

Passamos a manhã toda dando algumas entrevistas, explicando mais a fundo sobre todas as modificações e mostrando os pontos com cuidado. Era importante ter Dante como uma espécie de porta-voz junto comigo e cada vez mais eu tinha certeza disso. Quando ele, o herdeiro de uma petrolífera bilionária, demonstrava preocupação pelas áreas afetadas, as pessoas viam as coisas de outra forma. Bem ou mal, isso também afetava seu patrimônio.

Meu coração se aquecia vendo-o falar sobre a importância da preservação dos ecossistemas em questão e todos os pontos cruciais das nossas propostas. E se há alguns anos alguém me dissesse que ele se posicionaria dessa forma, eu certamente chamaria a pessoa de louca.

Era incrível como Dante havia evoluído, como toda a visão de mundo dele fora transformada e eu tinha tanto orgulho do homem

que ele estava se tornando. Diversas vezes, durante a entrevista, Dante frisou que eu fui peça fundamental para isso, que ele aprendeu demais comigo, com o nosso passado e que eu o fiz questionar muitas coisas.

Leonardo Ortega arrumou um tempo na sua agenda para dar um rápido pronunciamento e discursou um pouco a respeito das perdas de arrecadação de *royalties*, que seriam compensadas pelos ganhos com turismo, entre outras coisas. Se comprometeu a fazer uma ação em um final de semana para o plantio de árvores para o corredor e reforçou que isso poderia gerar créditos de carbono, além da qualidade de vida com redução da poluição do ar.

Dava gosto de ver o prefeito falar, porque ele era muito inteligente e realmente se importava com o meio ambiente. Além de tudo, era tipo um deus grego, com aqueles olhos verdes e seus quase dois metros de altura.

A primeira-dama de Coroa do Sul estava muito bem-servida, graças a Deus.

— Leonardo, muito obrigada, de verdade — comecei a dizer assim que terminamos. — A sua aceitação popular é algo fora da curva e tenho certeza que vai ser fundamental para todo esse projeto.

— Sem problemas, Manu. Estamos juntos nessa, brigando pelo nosso planeta e para um futuro melhor pra nossas famílias e filhos. — Ele deu um sorriso simpático.

Sério, que homem lindo.

— Claro, com certeza — falei, assentindo algumas vezes com a cabeça.

Dante me fitou, os olhos estreitos, como se estivesse me analisando. Talvez eu estivesse empolgada um pouquinho demais perto do prefeito. Não me julguem, vocês também estariam.

— Sim, foi fundamental. Obrigado por ter arrumado um tempinho na sua agenda — Dante comentou, simpático, e depois riu. — Falando nisso, estava combinando com o Marco de tomar um uísque qualquer dia, você deveria ir.

— É, ele disse — o prefeito respondeu, não parecendo muito animado. — Comentou também que poderíamos dar um pulo em São Paulo no seu jatinho, como se isso fosse algo aceitável, como

se eu fosse entrar no meio de transporte mais poluente que existe apenas pra beber alguma coisa. Espero realmente que você, um advogado ambientalista, não faça esse tipo de coisa.

Arqueei uma das sobrancelhas e o olhei cheia de deboche, com um “eu te avisei” estampado na minha testa.

— Estou evitando o jatinho. Ainda que eu tenha um contrato pra zerar as emissões de carbono com plantio de árvores, não estou utilizando sem necessidade — respondeu de má vontade. — Talvez Marco não saiba disso.

— Não? Achei que vocês eram tipo melhores amigos — Leonardo comentou e eu senti um pinguinho de ironia. — Enfim, podemos marcar sim, claro... Contanto que seja no Rio.

— Claro, claro. Foi um prazer. — Dante apertou sua mão e eu fiz o mesmo, vendo-o se afastar.

— Você foi muito bem hoje — falei quando ficamos sozinhos.

— Melhor que o Ortega? — perguntou, sugestivo, e eu mordi o lábio inferior, percebendo que ele estava com ciúmes.

Odiei o fato de as borboletas no meu estômago baterem asas, criando um redemoinho.

— Isso não é uma competição, Dante. Você está do mesmo lado — lembrei, dando uma risada.

— Hm...

— Você foi ótimo hoje, para de bobeira — garanti.

— Tirando a parte que tomei uma comida de rabo do prefeito, né? — Ele revirou os olhos e eu ri.

— Se você me ouvisse e vendesse esse jatinho...

— Deixa meu pobre jatinho em paz. — Ele deu uma risada e depois me encarou por alguns segundos. — Você... Ahn... Você quer almoçar? Sei que já são quase 15 horas, mas estou morrendo de fome.

— Ah, eu não vou poder, já tinha planos.

— Onde você vai? Quer que eu te deixe lá de carro?

— Não, vou dar um pulo no escritório do Adriano. Preciso falar com ele.

Sua expressão se fechou no mesmo instante.

— Hm...

Eu o olhei e ele estava nitidamente irritado, com certeza se controlando para perguntar alguma coisa.

— Bem, eu... Ahn, vou indo.

E saí rapidamente da sala, sem olhar para trás.



*Você diz mentiras achando que eu não posso ver  
Você não pode chorar porque está rindo de mim*  
**:: I'M DOWN- THE BEATLES ::**

## *Maria Manuela Guerra*

Eu estava chegando no prédio do escritório do Adriano quando vi Marcella Rangel entregando seu documento de identificação na recepção.

Que porra aquela mulher estava fazendo ali?

Me positionei atrás de uma coluna e quando ela caminhou em direção ao elevador, fui até o balcão e entreguei minha identidade, com o maior cuidado para que não fosse vista.

— Qual andar, senhora? — a mulher perguntou, simpática.

— Sétimo — respondi, desviando o olhar casualmente para o *hall*.

— Seja bem-vinda e boa tarde.

— Boa tarde.

Minha cabeça estava um turbilhão porque eu não conseguia imaginar um cenário em que Marcella e Adriano tivessem qualquer contato, mas algo me dizia que ela estava ali por ele.

O coração martelava forte no meu peito conforme os números do painel se modificavam até chegar no sete. Engoli em

seco e entrei no elevador livre, apertando minhas mãos uma na outra e batendo meu pé no piso, impaciente.

Não fazia sentido que ela estivesse ali e eu estava intrigada com isso. Uma sensação incômoda se alojou no fundo do meu estômago, tornando todo ar à minha volta mais denso. Nem mesmo era capaz de evitar todas as suposições na minha mente.

A sala do escritório do Adriano era pequena, afinal, era somente ele e o sócio, que nunca ficava lá. Assim que você entrava pela porta de vidro, havia um pequeno espaço com um sofá para espera, uma máquina de café e uma planta que eu mesma escolhi.

Ele dava acesso à duas outras portas, uma para a sala de reuniões e outra para o local onde os dois tinham suas mesas de trabalho.

Já tinha entrado naquele imóvel diversas vezes, porque quando meu ex-namorado o alugou, eu ajudei na mudança. Além do mais, eventualmente, eu o esperava para almoçar sentada naquele ambiente quando ele tinha uma reunião. Eu tinha total acesso ao escritório, minha biometria sempre foi cadastrada na porta. Adriano nunca limitou a minha entrada, nunca precisei de nenhuma autorização, pelo contrário. Ele dizia que eu poderia entrar e sair de lá quando bem entendesse, sempre sugeriu que eu fizesse surpresas, que iria amar me ver lá.

E pela primeira vez eu iria usar desse incentivo.

Peguei meu celular e quando escaneei o meu dedo, a porta de vidro se abriu. Entrei devagar para não fazer barulho algum, mas a voz de Marcella ecoando por toda a sala me fez sobressaltar.

Porque sim. Não era uma infeliz coincidência. Ela estava lá.

Os dois estavam dentro da sala dele, discutindo em alto e bom som e era possível ouvir tudo do *hall* de espera.

— Porque não! Para de me ligar. Não vou continuar com isso — ela disse, decidida. — Você está sendo patético insistindo.

Será que eles estavam tendo um caso, porra?

Meu Deus, eu vomitaria se ouvisse qualquer coisa.

— Achei que você fosse tudo, menos covarde — Adriano retrucou de maneira debochada. — Já te disse que é uma questão de tempo até...

— Eu não tenho tempo, seu idiota! O meu pai está me pressionando, o Genaro também.

Pisquei, sem entender.

— Porra, Marcella! Dois meses, caralho. Foi a porra do tempo que combinamos, não foi?

— Dante não quer nada comigo, Adriano. Ele nunca quis. E Maria Manuela não quer nada com você também. Por que infernos você não acorda?

— Você quer mesmo desistir de Perazzo? Depois de tudo o que a gente fez?

*Depois de tudo o que a gente fez.*

— Você não escuta, porra? — ela berrou e depois começou a pausar a cada palavra: — Eu. Não. Posso. Esperar! Meu pai está “pendurado” e eu provavelmente vou ter que me contentar com o Domenico como prêmio de consolação.

Adriano deu uma risada cruel.

— Foda-se quem vai botar a porra do anel no seu dedo, Marcella. Sabe bem que isso nunca foi relevante dentro do Círculo. Você pode continuar dando sua boceta pra quem quiser.

— Dante nunca aceitaria isso.

— Faça ele aceitar — respondeu, ríspido. — Duvido que o Domenico vá querer te comer, de qualquer forma. Deixa de ser idiota, você é a ex do irmão dele, obcecada por ele desde que éramos crianças. Acorda! Nós finalmente conseguimos separar os dois e agora você quer jogar tudo para o alto?

Eu senti como se tivesse recebido um soco no estômago. Não acreditava nas coisas que estava ouvindo. Eram eles. De alguma forma, os dois tinham feito algo para que Dante e eu nos separássemos.

Como Adriano podia ser capaz disso, porra?

Um nó atravessou minha garganta, as lágrimas escapando dos meus olhos. Meus músculos retesaram, como se estivessem travando uma batalha contra a perplexidade que me invadia. Segurei a respiração para não fazer nenhum barulho, lutando para manter aquela avalanche de sentimentos dentro de mim.

Meus pensamentos pareciam embaralhados e aquelas palavras ecoavam na minha cabeça, martelando no meu crânio, nos

meus ossos, buscando quebrá-los.

— Dante está começando a desconfiar — ela tentou, a voz um pouco mais baixa.

— Desconfiar do quê, Marcella? Pelo amor de Deus!

— Ele me perguntou ontem se eu tinha algum vídeo nosso trepando.

Vídeo. Vídeo. Fiquei tão arrasada que nem pensei no fato de que não havia um vídeo dos dois. Apenas um áudio... Só que... Como? Será que era de alguma gravação antiga? Meu Deus! Era por isso que eu não tinha recebido um vídeo em movimento dos dois trepando. Porque não existia!

Meu Deus, como eu era burra. Como não tinha considerado aquilo?

Meu coração disparou diante de qualquer possibilidade. Era como se um bloco de concreto tivesse saído do meu peito e o ar pudesse circular novamente. A ficha caiu como um baque, uma peça do quebra-cabeças finalmente se encaixando. Não queria acreditar que estava sendo manipulada daquela forma, mas tudo estava ali.

A verdade. Crua.

— Foda-se? Você não disse que ele não sabia da gravação do vídeo de vocês?

— Eu disse que ele não lembrava, mas você subestima demais o Dante. Eu te avisei, Adriano. Ele não é burro!

— Fala sério, ele é um idiota. — Meu ex-namorado estalou a boca.

— Não, ele não é. E está cavando a fundo essa porra porque ele está surtado e obcecado por conta dessa vagabunda...

— Não fala assim dela, caralho! Ele não vai descobrir porra nenhuma, porque não tem chance de ele lembrar de nada. Deixa de ser burra, Marcella...

Os minutos que se seguiram pareceram uma eternidade. Minha mente trabalhava em um ritmo frenético, reorganizando tudo o que pensava saber sobre a situação.

E então, eu me vi abrindo a porta e os dois me olharam.

Em pânico.

— Manu...

— Eu deixei passar todas as vezes em que você foi um babaca comigo — comecei a dizer, limpando as lágrimas e olhando para o Adriano com raiva. — Quando éramos namorados, quando você teve problemas com a Giovanna porque não conseguia aceitar o fato de ela ser filha do Dante, quando falou aquele bando de merda pra mim na festa do Guilherme... Até aí você estava sendo apenas um pau no cu e eu tentei te entender todas as vezes. Sempre havia uma desculpa da minha parte pro seu comportamento.

Dei uma risada fraca e ele tentou começar a falar, mas eu ignorei.

— Sabe, Adriano, eu sempre te amei muito. Sempre te considerei da minha família, mas nunca achei que você pudesse fazer mal pra mim.

— Manuela, por fav...

— Cala a porra da boca! — gritei, e ele e Marcella arregalaram os olhos, sobressaltando-se no próprio lugar. — Você ficou completamente louco, obsessivo com nossa relação e eu honestamente acho que deveria se tratar. Tem noção da merda que você fez?

Lancei um olhar de nojo para ele e depois para ela.

— Ela, eu esperava ser tão baixa, mas você? Adriano... — Minha voz vacilou por um segundo, mas eu limpei a garganta e continuei: — Olha tudo o que já passamos. E você fez o quê? Criou a porra de um plano para destruir minha família. Tem noção disso? Você tem ideia do quanto isso é horrível e doente?

E como se o álcool fosse jogado no meio de uma fagulha, eu entrei em combustão. Minha voz tornou a se elevar e eu sentia tanta raiva que não duvidaria se os vidros da mesa estivessem tremendo.

— Eu tenho uma filha, seu babaca de merda! Tem noção do quanto ela está sofrendo com tudo isso? Tendo que passar dias longe do pai? Não é só sobre mim, existe uma criança indefesa envolvida. O que aconteceu com você?

— Manuela, posso falar? — Ele tentou se aproximar um pouco e eu o olhei com tanto ódio que ele se manteve no lugar com as mãos no ar.

— Não, eu não quero ouvir nenhuma merda que você tem pra dizer. Não existe nada nesse mundo que possa justificar o que fizeram. Aliás, eu entendi que vocês usaram um áudio antigo para me enviar, mas vocês drogaram o Dante, não foi?

Os dois ficaram em silêncio.

— Responde, porra! — cuspi as palavras, sentindo a veia do meu pescoço pulsar. — Porque eu já vou foder com vocês dois, mas estou dando a chance de assumirem essa merda.

— Foder com a gente? — ela perguntou, debochada. — Se manca, garota, você não tem como provar nada. Ele precisaria ter ido pro hospital pra acusar alguma coisa no sistema dele.

— Cala a porra da boca, Marcella — rosnou para ela. — Manu, eu te amo, você precisa entender que tudo o que eu fiz...

— Você não me ama Adriano, você nunca amou. Quando a gente ama alguém, não fazemos a pessoa sofrer, nós queremos o bem dela. Você não me ama nem como homem, como você diz e nem como amigo ou família, como eu achei que amasse.

— Claro que eu amo, Manu. Você sabe e por isso sei que você seria feliz apenas comigo e...

— Não! Você não ama, porra! Que tipo de amor doentio é esse onde você acha que eu só seria feliz com você?

Meu Deus, que merda estava acontecendo?

— Eu era feliz, eu estava feliz — continuei. — Com o homem que eu amo, tendo um relacionamento incrível como eu nunca tive.

— Ele abriu a boca, mas eu o cortei: — Não, nosso relacionamento nunca foi incrível e você sabe disso.

— Você não sabe o que está dizendo...

— Já chega! Vocês dois são doentes!

Dei uma outra olhada para os dois e senti meu estômago embrulhando, as lágrimas não paravam de sair do meu rosto. Então, eu saí correndo e desci as escadas quase tropeçando.

Não dava mais, eu não conseguia mais olhar para a cara deles, não queria ter que lidar com aquela situação, não queria estar perto de nenhum dos dois. Minha cabeça parecia um turbilhão agora e eu me odiava demais.

Odiava-me por não ter insistido na possibilidade de que aquilo tudo havia sido armado, por não ter acreditado plenamente

em Dante quando ele disse que jamais me trairia.

Tudo bem que ele não tinha nem ideia do que tinha acontecido, que ele mesmo parecia estar confuso com toda a situação, mas ainda assim, no fundo, eu sabia o quanto ele me amava e eu preferi ouvir meu lado lógico. Odiava Adriano por ter me traído daquela forma, por me conhecer tão bem a ponto de saber que eu ouviria meu lado racional.

Saí andando pelas ruas, completamente transtornada, limpando o rosto com as costas das mãos. Minhas mãos estavam trêmulas, mas isso não me impediu de anexar no e-mail a gravação que tinha feito desde o momento em que pisei naquela sala.

Meu instinto. Eu havia confiado nele finalmente depois de tanto tempo. O instinto que gritava para que eu desse um voto de confiança para o homem que eu amava, o instinto que me sufocava quase que diariamente fazendo-me questionar tudo.

Sequer estava raciocinando direito, mas eu precisava encontrar Dante. Tentei ligar para o seu número, mas foi em vão. Parecia impossível parar de chorar e eu mandei uma mensagem de áudio, pedindo desculpas por ser tão idiota, pedindo que ele olhasse o seu e-mail.

A manifestação ainda estava acontecendo na porta do prédio e nem mesmo consegui traçar uma rota, apenas me enfiei no meio das pessoas em direção ao escritório.

Havia uma grande urgência em voltar. Ignorei a fumaça, o barulho ensurdecedor e a agitação ao meu redor, focada apenas em chegar ao escritório. Era como se todo o cenário caótico ao meu redor se transformasse em um borrão enquanto eu avançava em meio à multidão.

Eu precisava ir até onde ele estava para ter certeza de que tudo ficaria bem. Minha cabeça era inundada de pensamentos e meus olhos turvavam pelas lágrimas. Já estava meio zonza, respirando com dificuldade. O ar ficando escasso, o coração batendo descompassado no peito e, de repente, eu senti alguma coisa atingindo minha cabeça, antes de cair.

E então, tudo ficou preto.



*Eu tenho esperado tanto tempo  
Eu tenho dormido sozinho  
Caramba, estou com saudades  
Estive pendurado ao telefone  
Eu tenho dormido sozinho  
Eu quero te beijar*

**:: MISS YOU - THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

Estava perplexo encarando o meu computador sem acreditar em tudo o que eu tinha ouvido. Cheguei do almoço, sem bateria e quando liguei o celular, vi uma mensagem da Manuela, desesperada, dizendo que tinha enviado uma gravação para mim.

Dois filhos de uma puta.

Eu iria acabar com a raça deles.

Busquei ignorar os pensamentos intrusivos e violentos do que eu desejava fazer com o Adriano, aquele babaca escroto. Tentei ligar para ela algumas vezes, sem sucesso algum. Busquei o contato de Marcella, meus dedos afundando na tela, canalizando todo meu ódio.

Chamada rejeitada.

Passei a mão pela nuca, sentindo a umidade do suor, a frustração aumentando a cada tentativa não atendida. A onda de raiva parecia me consumir.

Passei as mãos pelo rosto em desistência quando minha secretária irrompeu ofegante na minha sala, desesperada.

— O que aconteceu, mulher? — perguntei, sem entender.

— A senhorita... Manuela.

— O quê? O que aconteceu com a Manuela? — eu perguntei, levantando da minha cadeira em um supetão e andando até o local que ela estava.

— As manifestações... — a mulher disse, trêmula. — Acho que alguém a atingiu... Ela foi levada para o hospital.

Meus pulmões se contraíram, a pressão tomando conta de tudo. Todo o meu ar se extinguiu e uma pontada apertou minha garganta, ameaçando me asfixiar. Eu estava em pânico e tudo dentro de mim chamuscou em velocidade recorde, multiplicando-se, crescendo e incendiando meu peito.

— Que hospital, porra? — Minha voz saiu falhada.

Minha visão parecia turva e, por alguns segundos, achei que fosse desmaiar.

— Eles a levaram para o Albertelli<sup>[36]</sup> — informou.

— Avisa pro Guilherme. Eu estou indo — respondi, ainda desnorteado, pegando meu celular em cima da mesa.

Graças a Deus a porra do escritório tinha convênio com o hospital Albertelli. Eu saí praticamente correndo pelos corredores e liguei para a Larissa, a filha do dono do hospital, que era uma amiga antiga. Pedi que ela tentasse descobrir qualquer coisa. Peguei meu carro e acho que tomei umas dez multas pela merda da Avenida das Américas.

Que se foda!

Entrei no hospital quase derrubando tudo e todos à minha frente. Assim que cheguei na recepção, Inácio Albertelli estava à minha espera.

— Oi, querido. Como você está? Lari me ligou agorinha e disse que sua namorada está aqui, certo? — Eu assenti, hiperventilando.

Meu Deus, Inácio estava aqui. Tinha dado merda. Tinha dado muita merda!

— Sim, o que aconteceu, Inácio, pelo amor de Deus?

— Fica calmo, ela está em atendimento — disse de uma forma serena e depois apoiou uma das mãos no meu ombro. — Dante, acalme-se, meu filho.

— Como vou me acalmar se a mãe da minha filha sofreu um acidente?

Porra, e se acontecesse alguma coisa com ela? Que merda eu diria para a Giovanna? O desespero pinicou minha superfície, prestes a explodir enquanto eu tentava respirar em vão.

Foda-se, agora eu estava em prantos.

— Quer um calmante?

— Não quero um calmante, Inácio! — quase berrei, sentindo meu coração querer rasgar a caixa torácica, limpando as lágrimas de um jeito meio brusco.

— Acredito que ela vá ficar bem, apenas fique calmo. Preparei um quarto para a senhorita Maria Manuela na ala presidencial, você pode esperar por lá. Eu estou acompanhando tudo, fique tranquilo. Quer que avise para os seus pais?

— Nem fodendo, Inácio. Não avisa nada pros meus pais, sério.

— Claro, sem problemas. Preciso ir. Daqui a pouco trago notícias, vá para o quarto, tome um *capuccino*...

*Capuccino, porra?*

Meu Deus, como alguém tinha aquela calma? Ela podia estar morrendo!

— Doutor Marcel, pode acompanhar o Dante até o elevador, por gentileza? — ele chamou um dos médicos que estava passando na hora.

— Claro, senhor Albertelli — um homem que deveria ter a minha idade me cumprimentou, apresentando-se.

Eles me direcionaram para um quarto e nem sei como um buraco não se formou no chão, porque eu estava andando em círculos no mesmo lugar, os pensamentos em turbilhão. Saí e entrei do quarto umas dez vezes, indo até as atendentes do andar, implorando por qualquer notícia.

Algum tempo depois, Guilherme irrompeu pela porta, também ofegante, completamente desesperado e com um olhar perdido no rosto.

— O que aconteceu, porra?

— Não sei, ela está em atendimento. E acho que essas enfermeiras vão me expulsar daqui se eu for lá fora mais uma vez. Você pode ir? Já tem cinco minutos que fui.

— Mas o que aconteceu? O segurança só me falou que ela foi atingida no meio da manifestação, mas que a reconheceu e interfonou para o escritório.

— Atingida como, caralho? Ninguém me disse nada!

— Não sei! — Guilherme disse, nervoso, e deu um soco na porta.

— Licença, senhores... — O enfermeiro surgiu na porta, empurrando uma maca.

Com ela.

Respirando.

Acordada.

Viva.

O oxigênio pareceu encher os meus pulmões e minhas pernas bambearam quando percebi que ela estava em segurança. Respirar era libertador, eu nem mesmo conseguia me lembrar se estava respirando antes.

— Linda, pelo amor de Deus! Você tá bem? — perguntei, correndo até ela e segurando o seu rosto, apalpando seus braços e vendo se tudo estava no lugar.

— Estou bem, Dante. Está tudo bem — ela garantiu baixinho, encostando a mão com o acesso no meu braço.

— O que aconteceu? — Me virei para o médico que estava do lado de fora.

Percebi que tinha interrompido o trajeto e bloqueado a entrada dos profissionais no quarto.

— Desculpa — falei, dando passagem para que eles entrassem.

O homem me deu um sorriso

— Ela foi atingida na lateral da cabeça e acabou perdendo a consciência por algum tempo. Fizemos todos os exames

necessários e demorou um pouco mais por conta da condição da paciente...

— Condição? — ela quis saber, franzindo o cenho e o médico fez o mesmo, olhando a ficha e depois assentindo com a cabeça.

— Sim, a gravidez — o médico explicou. — Está tudo bem com o bebê.

— Que bebê? — eu quase berrei.

— Como assim gravidez? — Manuela perguntou, em choque.

Meu Deus, se eu não morresse hoje, certeza de que era imortal.

O homem olhou de mim para ela, um pouco sem graça.

— Ahn... Posso ficar a sós com a paciente? — ele pediu, percebendo que talvez tivesse dado uma informação que não deveria.

— Não tem necessidade, doutor. Eu... Ahn... Eu estou grávida? — Sua voz quase sumiu.

— Porra! — Guilherme soltou, também chocado.

— Sim, desculpe. Achei que soubesse, porque quando você acordou, você murmurou algo sobre sua filha... — Ele coçou a cabeça, um pouco sem graça. — A senhora está grávida de aproximadamente 6 semanas e o bebê está fora de risco.

Olhei para ela e pisquei. A incredulidade com certeza presente em cada expressão do meu rosto. Seu olhar marejado encontrou o meu, como se somente agora ela tivesse me visto de verdade, se dado conta de que eu estava ali.

Eu me aproximei novamente e Manuela jogou o corpo na minha direção, afundando a cabeça no meu peito e começou a chorar.

Porra, ela estava GRÁVIDA.

— Dante, desculpa — ela soluçou baixinho sem me soltar e aumentando o aperto.

Guilherme e o médico me olharam, me encarando sem entender absolutamente nada e eu estava tão confuso quanto. Ela estava pedindo perdão? Por que infernos ela estava se desculpando?

— O quê? Por quê? Manuela, para de chorar, eu queria esse filho e...

— *N-não...* Não é por isso. Dante... — Ela se afastou um pouco e me olhou nos olhos, as palavras saindo trêmulas e entrecortadas. — Eu deveria ter acreditado em você... Eu descobri...

— Eu vi seu *e-mail* — afirmei baixinho, segurando seu rosto com firmeza. — Você... Pelo amor de Deus! Você não tem que se desculpar. Vamos resolver isso depois, ok?

Ela assentiu, chorosa.

— Vamos ter um bebê — repeti, como se aquelas palavras precisassem sair da minha boca para parecerem reais.

— Vamos ter um bebê... — Manuela me olhou, preocupada, e depois sorriu, a respiração tropeçando. — Meu Deus, vamos ter um bebê!

Então, eu encostei os lábios nos dela, beijando-a carinhosamente, sentindo seu corpo se desfazer nos meus braços. Era como se finalmente a Terra voltasse a rodar de forma correta, como se todas as coisas desequilibradas retornassem ao estado devido.

Aquele beijo tinha gosto de *normalidade*.

E não no sentido trivial da palavra. Era aquela sensação de conforto, de encontrar o seu porto seguro depois de uma tempestade turbulenta. Era um beijo com gosto de promessa, de futuro, de um amor que transpassava qualquer barreira física.

O médico pediu desculpas por nos interromper e explicou mais algumas coisas, dizendo que seria necessário que ela ficasse mais um tempo em observação. Guilherme nos parabenizou e avisou que nos daria um momento a sós e que ligaria para a família dela para contar sobre o ocorrido.

— Ainda não acredito no que aconteceu — ela sussurrou, limpando as lágrimas que voltaram a cair. — Amor, eu me sinto tão idiota por não ter pensado nas possibilidades...

— Para, por favor — pedi, sério, levantando seu rosto para fazer contato visual. — Nós finalmente descobrimos o que aconteceu, mas a única coisa que me importa é você e o bebê. Nada mudou entre a gente, linda, estamos exatamente no mesmo lugar.

Eu beijei seus lábios rapidamente, limpando uma das lágrimas e ela fez menção de começar a contestar.

— É sério, Manuela. No momento não estou dando a mínima para a merda do Adriano e da Marcella. Vamos lidar com isso depois. — Minha voz era firme. — Você ouviu o que o médico falou? Nós vamos ter outro bebê! Nada além disso importa, amor — eu lembrei e seus olhos pareceram brilhar agora.

Ela assentiu, levando as duas mãos até a boca, segurando uma risada e eu fiz o mesmo.

— Meu Deus, Dante! — Ela tornou a jogar o corpo em cima do meu, abraçando-me com força.

— Parece que o universo nos ajudou no final das contas — brinquei, fazendo-a rir.

— Como... Eu ainda... Ainda não acredito nisso!

Olhei no fundo daqueles olhos castanhos que me hipnotizavam. Ela sorriu e eu a beijei, como se não pudesse me conter. Não havia nada no mundo capaz de me transportar para a mais completa plenitude como quando nossas bocas se encontravam.

Todos aqueles dias de sofrimento pareciam ter acontecido em outra vida. Tudo parecia em perfeita harmonia agora, sentia como se fosse capaz de fazer qualquer coisa, como se pudesse lutar contra o mundo inteiro só por ter a certeza de que agora ela estava ao meu lado novamente.

Giovanna era meu grande amor e Manuela era a mulher da minha vida. Nada, nem ninguém era mais importante do que a nossa família.



*Eu posso voar como um pássaro no céu  
Hey, e eu posso comprar tudo que o dinheiro pode comprar  
Eu posso transformar um rio em um fogo enfurecido  
Eu poderia viver para sempre se eu desejasse assim*

...

*Infeliz eu sou com todos os poderes que eu tenho  
Pois garota, você é a chave para a minha felicidade*  
**:: CAN'T GET NEXT TO YOU - THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

Todos apareceram no hospital algum tempo depois. Manuela acabou contando o que tinha acontecido com detalhes, o que fez com que as pessoas ficassem horrorizadas. Dom, Antonio e Guilherme ficaram bem putos, a Julia, morrendo de vergonha pelas atitudes do irmão, mas foi um pouco doloroso ver a decepção no olhar da mãe da Manuela.

Era foda. Aquela mulher tinha um coração gigante, uma pena que tinha escolhido “adotar como filho” um pau no cu fodido do caralho.

Aquele assunto já estava me irritando e avisei que iria descer para pegar um dos brinquedos da Giovanna no meu carro. Guilherme correu e me alcançou, dizendo que me acompanharia.

— Isso tudo é uma merda — ele suspirou, assim que saímos do hospital e paramos em frente à entrada.

O hospital Albertelli era um prédio de luxo e tinha tudo, menos a aparência de um hospital. O lado de fora era aconchegante, com uma praça, um caminho de pedras, diversas plantas rodeando uma grande fonte.

— É, não quero pensar nisso agora, mas vou foder com eles dois — informei, furioso, cortando o ar com as mãos. — Eles me drogaram, Guilherme, porra! Tem noção disso? Eu...

— Ah, não! — o melhor amigo da Manuela me interrompeu, olhando para frente.

— Você só pode estar de sacanagem! — disse, entredentes, já sentindo a mão do Guilherme me mantendo no lugar.

Porque sim, aquele filho da puta tinha tido a pachorra de aparecer no hospital! Adriano estava andando na nossa direção como se tivesse algum direito de fazer aquilo.

A cara de pau do ser humano era de foder!

— Vai embora, Adriano — Guilherme pediu em voz alta, dando a entender que ele não deveria se aproximar.

— Só quero saber como ela está. Você me mandou uma mensagem... — ele falou para o amigo.

— Eu não sabia a merda que você tinha feito, seu idiota!

— Vai embora, porra! — dessa vez, eu berrei, cerrando meus pulsos de maneira involuntária, meu corpo começando a entrar em combustão.

— Não tô falando com você, Dante. — Ele me fuzilou com os olhos, aproximando-se.

— Adriano, vai embora! Já não basta tudo o que causou pra Manu?

— Você é mesmo muito cara de pau, seu fodido!

Me descontrolei, soltando-me do aperto do Guilherme e empurrando o Adriano, que se desequilibrou um pouco, mas me empurrou de volta.

— Dante... — Guilherme me chamou, mas eu o ignorei.

Minha atenção estava totalmente focada em Adriano, minha visão estreitada para ele. Sentia uma fúria incontrolável, um ódio que me cegava, que já estava acumulado por muito tempo. Tudo o

que ele tinha feito com Manuela, com a minha filha, com o meu relacionamento.

— Qual é a porra do seu problema, filho da puta?

Minhas mãos tremiam, meus músculos doendo por toda a tensão. A raiva parecia açoitar cada um dos meus nervos, implorando para que eu agisse. Eu o empurrei de novo, com mais força agora.

— Gente! — Guilherme tentou falar, avançando um pouco na nossa direção.

— Vai tomar no cu, Dante — Adriano retrucou.

— Sabe, Adriano, eu sempre achei você deprimente, digno de pena, mas você é pior! Você é mesmo desprezível pra caralho. Como pode um ser humano descontar suas frustrações e raiva em uma criança? — Tornei a empurrá-lo com raiva.

Adriano rosnou, o rosto contorcido em uma mistura de raiva e desafio. O babaca desejava uma briga, mas para o azar dele, eu também queria. Ele avançou na minha direção com os punhos cerrados.

— Que se foda o que você acha!

— E como se não bastasse, se juntou com a Marcella para foder o relacionamento da mulher que você dizia ser sua melhor amiga. Que tipo de pessoa é você? — Mais um empurrão. — Você fez a minha filha sofrer porque estávamos separados, seu merda.

E então, antes que eu pudesse raciocinar, minha mão fechada estava atingindo o seu rosto. Adriano cambaleou, mas se ajeitou rapidamente, tentando dar um soco em resposta. Esquivei, acertando-o mais uma vez e sentindo uma liberação maravilhosa vibrando pelo meu corpo. A adrenalina queimando no meu sangue, formigando minhas extremidades, enquanto meus instintos me dominavam por completo.

Quando dei por mim, estávamos no chão, trocando socos. Os gritos de Guilherme estavam distantes e ele estava pedindo ajuda para os seguranças. Senti o gosto de sangue na boca, mas não me importei. Aquela confusão caótica era quase como uma descarga emocional.

Cada impacto era uma maneira de externalizar a dor interna que me consumiu por tanto tempo. Era libertador pra caralho.

Alguns segundos depois, eu meio que fui suspenso no ar por algumas mãos, afastando-me dele. Examinei seu rosto, tendo a certeza de que o meu estrago naquela cara sonsa tinha sido maior do que o dele em mim.

— Se você não for embora, vou chamar a polícia — avisei, cheio de ódio. — E acredite, você nunca mais vai chegar tão perto assim da minha família ou eu não me chamo Dante Perazzo. Acho que você sabe o estrago que meu nome pode fazer com a sua vida, não é?

Ele me encarou, os olhos brilhando de ódio, e se soltou da barreira que havia sido feita no meio de nós. Me lançou um último olhar cheio de ódio e saiu.

E a sensação que eu tive era de que se Adriano pudesse, ele me mataria.

Nós fomos até o carro e antes de subir para o quarto, passei na emergência para dar um jeito no meu rosto. Guilherme tentou me dar um sermão de que violência não resolia as coisas. Fiquei em silêncio o tempo todo, deixando-o falar sozinho até que ele concordasse, verbalizando que Adriano tinha merecido um daqueles socos.

Pacifista chato do caralho. Por que eu era amigo dele mesmo?

Nós voltamos para o quarto e obviamente precisei explicar porque estava com curativos. Giovanna, que estava toda agarrada com a Manuela, notou que havia algo estranho e começou a dizer “dodói”, agora para mim.

— Você tá cuidando da mamãe, neném?

— *Xim, papai. Dodói.* — Ela deu um beijinho na mãe e depois esticou os bracinhos para vir para o meu colo.

Cutucou o dedinho no meu supercílio, por cima do esparadrapo, repetiu a palavra e mais algumas coisas, como se estivesse brigando comigo.

— O papai está bem, meu amor.

Manuela me olhou com um pouco de reprovação, porque é óbvio que ela não concordava com o fato de que eu tinha entrado em uma briga, mas graças a Deus o médico apareceu, avisando que ela estava liberada.

— Você quer ficar lá em casa, filha?  
— Não, mãe, não precisa...  
— Não precisa, Mônica. Nós vamos para a *nossa* casa — afirmei, olhando para Manuela e ela suspirou, dando um sorriso genuíno.

E pela primeira vez desde que eu tinha me mudado, a palavra *casa* se tornou *lar*.



— Coloquei a Gio pra dormir e preparei a banheira para você com alguns sais de banho, mas não fique muito tempo nela — avisei, saindo do banheiro e ela fez um biquinho.

— Por que não?  
— Não quero que você cozinhe o bebê.  
— Eu não vou cozinhar o bebê na banheira — ela disse, rindo. — De onde você tirou isso?

— Google. Acabei de ler que não é recomendado tomar banho de banheira na gravidez, então, não espere seu banho quente e nem fique muito tempo dentro dela.

— Não tem problema se a água estiver abaixo de 30 graus, eu acho.

— Ela está aceitavelmente morna, Manuela... E está bem longe de 30 graus.

— Você vai me fazer tomar banho gelado? — indagou, chocada.

— Claro que não. Aceitavelmente morna — repeti, dando uma risada quando ela rolou os olhos.

Esperei sentado na beira da nossa cama que ela tivesse banho, rodando a caixinha de veludo entre os meus dedos. Foda-se, eu não queria esperar mais nem um dia.

Ela saiu com os cabelos molhados e dentro da minha camiseta do *Rolling Stones*, que batia nas suas coxas, quase como um vestido.

— Foi só o que eu achei — ela se justificou, esticando o tecido pela barra e deu uma risadinha, achando graça.

Suspirei, completamente embasbacado. Porra, ela era linda!

— É um absurdo você vestir isso hoje, de todos os dias — choraminguei quando ela veio para cima de mim.

— Por quê?

— Porque só consigo pensar no quanto eu quero te comer — sussurrei contra a pele do seu pescoço.

— Eu não vou te impedir — disse, arrastando os lábios nos meus.

— Sabe que não vou fazer isso. — Eu a afastei e Manuela fez um biquinho. — Você precisa de repouso.

— Chato! — resmungou e eu dei uma risada, olhando no fundo dos seus olhos e fazendo carinho na base do seu pescoço.

— Manuela... — Respirei fundo, buscando coragem. — Eu... Sei que esse não é o melhor lugar, também não é como eu planejei fazer isso, mas realmente não quero mais esperar nem um minuto.

Ela me encarou, parecendo confusa.

— Já estava planejando isso antes de tudo acontecer e... — Limpei a garganta e dei um sorriso nervoso.

Porra, eu estava mesmo fazendo isso.

— Desde o minuto em que você cruzou a minha vida, eu tive sentimentos por você... — Ela franziu o cenho, de um jeito desdenhoso e eu fiquei sério. — Ódio é um sentimento, Maria Manuela.

— É, você está certo. — Ela riu e eu fiz o mesmo.

— Bem... A verdade é que todos os maiores sentimentos que eu experimentei estranhamente te envolviam, desde sempre. Você sempre foi a aluna que eu mais admirei na faculdade, a que competia comigo, que me desafiava...

Manuela prendeu o lábio entre os dentes, um olhar cheio de expectativa brilhando nos olhos.

— O fato de você ser de um mundo diferente do meu e ainda assim ser tão incrível despertava muitas outras sensações em mim. Você quebrava tudo o que eu aprendi sobre as pessoas de classes sociais mais baixas. E então, depois que ficamos juntos a primeira vez, a admiração que eu tinha por você e minha vontade de me

tornar um ser humano melhor pareceram explodir em mim, juntamente com toda vontade de te ter de novo.

Seus olhos já estavam marejados, mas eu continuei:

— Eu nunca tinha sentido “saudades” de alguém antes — comentei, desviando o olhar do dela, com uma risada fraca e ela me deu um olhar solidário, fazendo carinho na minha mão. — Os ciúmes, eu não vou nem comentar... Nunca algo me consumiu tanto.

Nós dois demos uma risada.

— E então, você me deu a Giovanna. Jamais, em toda minha vida, vou saber explicar em palavras o tipo de amor que sinto pela nossa filha.

Eu percebia minha voz embargando e ela já estava limpando as lágrimas que escapavam enquanto balançava a cabeça positivamente.

— Você me deu uma família e durante nossa convivência, você fez crescer amor em mim. Nunca achei que eu fosse capaz disso, Manuela, de verdade. Nunca achei que pudesse amar alguém como eu te amo. Eu já sabia disso antes, mas ficar longe de você me destruiu de uma maneira que nem mesmo eu achei que fosse possível. Não existe nada no mundo que eu queira mais do que passar todos os meus dias com você — afirmei, tirando o anel da minha família do bolso e então, ela levou as duas mãos até a boca e arregalou os olhos.

— Você está... — Sua voz sumiu.

— Maria Manuela Guerra... — comecei a dizer, com uma risada nervosa. — A razão do meu ódio por anos... — Sorri e ela fez o mesmo. — Você quer se casar comigo?

— Sim! Sim! Mil vezes sim, Dante — ela gritou, puxando meu rosto em sua direção e colando os lábios nos meus. — Eu te amo tanto... — dizia entre os beijos. — Tanto.

Eu peguei sua mão direita e coloquei o anel no seu dedo e ela perdeu alguns segundos observando-o.

— É da sua... — Ela parou quando percebeu que era uma joia de família e eu assenti. — Sua família concordou com isso?

— Não necessariamente... Eu tinha escolhido um outro anel, mas Dom fez questão de que você ficasse com o da família e depois, eu refleti eachei que fazia sentido — contei e ela arregalou

um pouco os olhos. — Mas se você não gostou, tenho outro. Eu comprei no dia de toda aquela confusão.

— Eu amei e não quero outro — afirmou, sorrindo. — E se é importante pra você...

— Acho que é importante para a nossa história. E se meus pais vão gostar ou não, foda-se.

— Queria que as coisas com sua família fossem diferentes — ela comentou, um pouco triste, entrelaçando os dedos nos meus.

— É, eu também, mas as coisas são como são.

Ela me beijou e depois de admirar um pouco mais o anel, suas sobrancelhas se juntaram.

— Espera, então foi por isso que você mentiu dizendo que tinha um almoço com o Reno?

Assenti e depois estreitei os olhos.

— Ei... Como você sabe que eu menti?

— Encontrei com ele e a namorada naquele dia, os dois estavam indo almoçar... Isso me deixou com um pé atrás também.

— Eu não poderia te contar que estava comprando anéis, não é, Maria Manuela? — Dei uma risada e ela suspirou fundo.

— Ei... — ela me chamou, fazendo carinho no meu pulso. — Eu te amo tanto... Não acredito que vamos casar e ter outro bebê. Acho que hoje é um dos dias mais felizes da minha vida.

— Também é um dos meus, tirando o desespero de achar que tinha perdido você para sempre.

— Você é tão dramático... Foi só uma porradinha na cabeça — ela brincou e eu a olhei, aborrecido.

Era hora de fazer piada, porra?

Manuela segurou meu rosto e me beijou, derretendo toda minha irritação. Finalmente minha vida estava de volta aos eixos. Não era mentira, a felicidade plena era algo real e enfim eu havia conseguido atingi-la na minha vida, através da minha família, que era a única coisa que realmente importava.

Parecia até engraçado, parando para pensar. Eu nunca achei que fosse possível me sentir assim por alguém, ter uma história como aquelas melosas de livros, mas a verdade é que nós tínhamos isso. Ela havia começado da maneira mais louca possível, mas era nossa.

Maria Manuela um dia tinha sido a responsável pelas minhas pequenas guerras no passado, mas hoje... Hoje aquela mulher era minha paz.

Ela tinha mudado toda a minha vida. Ela tinha me mostrado um caminho que nunca imaginei existir para mim. Ela ressignificou o sentido de família, de amor.

Ela, junto com Giovanna e o bebê que estava a caminho eram a *minha nova chance*.

Minha chance mais perfeita de felicidade.

**FIM.**



*Bem, esta poderia ser a última vez  
Essa poderia ser a última vez  
Talvez a última vez  
Eu não sei, oh não, oh não  
Bem, me desculpe garota mas eu não sei ficar  
Me sentindo como hoje  
É muita dor e também muita tristeza  
Acho que sentirei o mesmo amanhã*  
**:: THE LAST TIME - THE ROLLING STONES ::**

*Dante Perazzo*

Era como se o meu coração estivesse sendo arrancado do meu corpo, deixando um vazio quase insuperável. Aquele seria um dos dias que eu nunca mais iria esquecer. Eu me lembrava de todos os momentos que já havíamos passado juntos. O dia em que nos conhecemos ou o solavanco que fez com que eu derramasse café por todo o seu tecido. Recordava-me de como meu coração disparava sempre que algo parecia dar errado, de como seu perfume era reconfortante, presente em diversas memórias que tivemos juntos.

O destino hora ou outra nos colocava em situações complicadas, mas me orgulhava da forma como lidávamos com isso. Suspirei, pensando em quantos caminhos eu tinha percorrido por sua causa, sendo levado a lugares que nem mesmo podia imaginar serem reais.

Viagens, jantares, encontros e desencontros. As vezes em que eu achei que tudo daria errado, sabia que havia algo que

sempre estaria comigo.

A sua toxidade era muito grande, entretanto. Eu sabia do mal que era causado, entendia que agora precisávamos seguir caminhos diferentes.

E agora, eu encarava o horizonte com um aperto na garganta, prestes a me separar daquilo que pensei ser o único amor da minha vida.

Quem poderia imaginar que meu coração seria conquistado por um amontoado de metal e luxo?

Ah, o meu amado jatinho.

Por que ele precisava ser tão prejudicial ao meio ambiente?

Suspirei, analisando os detalhes da sua asa pela janela. Será que cuidariam bem dele? Será que sempre usariam aquela cera de polimento especial?

— O seu sofrimento é visível — Manuela falou, dando um beijo nos meus lábios, sentando no meu colo.

Nós tínhamos levantado voo há uns dez minutos. Estávamos indo para um final de semana em Buenos Aires como despedida. Manuela tinha razão, eu era um advogado ambientalista agora e já era suficiente que minha família fosse responsável por foder boa parte do ecossistema. Nada mais justo do que eu equilibrar as coisas.

E meu jatinho era quem pagaria por isso, coitado.

Teria que me contentar com a primeira classe para a maioria das viagens. Com pessoas roncando ao meu lado e falando alto pra caralho. Por horas. Meu Deus, minha vontade de viajar ia até sumindo.

Talvez eu pudesse alugar um em alguns casos específicos...

— É claro, eu vou me desfazer de uma parte de mim — justifiquei e ela revirou os olhos, rindo.

— Dramático!

— Não é drama, é...

Ela me beijou, a língua quente se entrelaçando na minha e queimando todos os pontos de argumentos que eu estava tentando elaborar. Manuela passou os joelhos ao redor do meu corpo, sentando de frente para mim.

— Vamos tornar essa despedida memorável, ok? Você merece todo o meu tempo, já que está sendo um ótimo ser humano, pensado na integridade da camada de ozônio... — As palavras eram ditas contra minha pele, de maneira suave, a língua descendo pelo meu queixo, mandíbula, pescoço. — Seu compromisso com a redução da pegada de carbono é admirável, amor.

— Uhum... — cantarolei, ainda de olhos fechados, sentindo o meu pau começar a ficar duro conforme ela esfregava a boceta por cima da minha calça.

A maldita estava de vestido e quando subi minhas mãos por suas coxas, percebi, pela finura do elástico da calcinha, que Maria Manuela tinha tudo calculado desde o início.

Seus dedos arranharam meus braços e ela puxou minha camiseta para que eu me livrasse dela. Tirou o vestido logo depois, comprovando que eu estava certo.

Perfeita, dentro de um conjunto verde-musgo que eu tinha comprado para ela alguns dias atrás. A cor contrastava com sua pele, os cabelos caíndo por cima do sutiã de renda que deixava seus peitos ainda mais gostosos.

Ela começou a beijar o meu tórax, trilhando um caminho molhado, descendo e se ajoelhando na frente do assento. Manuela sorriu daquele jeito que fodia minha mente, deslizando a mão por cima do tecido, apalpando o meu pau.

— Você sabe bem o quanto a adoção de tecnologias mais limpas e eficientes pode reduzir de maneira significativa as emissões de gases de efeito estufa, aliviando o impacto no aquecimento global... — E abriu a fivela do meu cinto, mordendo o lábio inferior com um sorrisinho. — Não sabe?

— Sei tudo sobre a porra do aquecimento global, linda — respondi, ofegante. — Tá acontecendo dentro das minhas calças.

Ela riu, jogando a cabeça para trás, finalmente desafivelando meu cinto e liberando meu pau, que já estava latejando. Manuela o olhou, cheia de expectativa, segurando a base e fazendo um movimento bem lento.

— Pense nisso tudo como uma forma de ajustar o equilíbrio ambiental — falou de um jeito sensual, lambendo a minha glande preguiçosamente.

Sua língua rodeou a cabeça, sugando-o de leve e eu fechei os olhos, passando as mãos no rosto.

Porra, eu estava excitado pra caralho e nunca pensei que fosse amar tanto a porra do meio ambiente. Foda-se o jatinho, foda-se tudo. Se ela continuasse dizendo aquelas coisas enquanto chupava o meu pau, era capaz de eu prometer plantar uma cidade inteira de árvores.

— Sabe também que quando reduzimos a poluição estamos efetivamente ajustando a composição química do ar... O nosso oxigênio é muito importante, Dante.

Porra, não havia visão mais perfeita do que aquela

— Eu amo o caralho do ar, Maria Manuela — afirmei e ela sorriu, engolindo-me por inteiro.

Senti meu pau batendo no fundo da sua garganta, mas isso não a impediu de continuar, pelo contrário. Eu amava o quanto aquela mulher conseguia me deixar louco apenas com um boquete.

Segurei seu rosto com uma das mãos, agarrando seus cabelos com a outra e dei um tapa de leve no seu rosto. Manuela sorriu, sem parar de me masturbar com as mãos antes de voltar a me chupar.

Forcei um pouco mais os quadris e suas unhas fincaram na minha coxa quando ela engasgou um pouco. Ela se afastou, buscando por ar e colocando a língua para fora de um jeito bem safado.

— Porra, eu amo você, linda — falei, meu polegar resvalando por sua bochecha, fazendo carinho ao observá-la, hipnotizado.

— Também amo você — respondeu, levantando-se rapidamente e vindo para cima de mim.

Eu a beijei, sentindo a renda molhada da calcinha se arrastar por cima do meu pau. Puxei uma respiração, apertando o seu corpo contra o meu, amando o calor se espalhando por cada célula.

Manuela se inclinou, apertando o botão para que o assento deitasse e soltou uma risadinha, assoprando uma mecha de cabelo que caiu na frente do seu rosto.

Ela afastou a calcinha para o lado, encaixando meu pau na sua boceta e enterrando-se nele. Xinguei baixinho quando nem

mesmo consegui ter tempo para raciocinar porque minha mulher estava rebolando em cima de mim.

Tudo ao meu redor começou a desaparecer, o foco se mantendo apenas naquele universo que era somente nosso. O ritmo aumentando, tornando-se cada vez mais intenso, agressivo. O ar ao redor ficando rarefeito, os sentidos começando a me abandonar.

Me perdi em um encontro de peles, bocas, suor e gemidos... A energia se fundindo em uma conexão etérea que desafiava qualquer lógica e se expandia sempre que eu estava dentro dela.

Seu corpo arqueou, os peitos balançando dentro da *lingerie* até que eu não aguentasse mais. Então, rasguei aquela merda em um único movimento, apenas porque precisava alcançá-los com a minha boca.

As unhas cravando na minha pele, marcando-me conforme eu fazia o mesmo com ela, os gemidos sussurrados entre os beijos molhados, em uma réplica inconstante.

Manuela cavalgava sem parar, a boceta encharcada entrando e saindo do meu pau. Segurei sua cintura com força, tentando contê-la um pouco e recebi um tapa no rosto, seguido por um beijo.

— Filha da puta!

Ela riu e eu agarrei seu pescoço com mais rigidez, forçando-a a olhar nos meus olhos. Percebi seu corpo se derretendo pelo aperto, a satisfação reluzindo nas pupilas dilatadas. Os cabelos em uma bagunça perfeita, quase que selvagem, o brilho do suor na pele... Deus, o paraíso com certeza existia e eu tinha total acesso a ele.

— Você me deixa louco, caralho!

— Estou quase, Dante... Por favor, amor, não para... — ela estava suplicando, porra!

E eu amava vê-la implorando daquele jeito.

Afrouxei meu aperto, louco para gozar também e deixei que ela permanecesse no comando. Manuela continuou se impulsionando, cada vez mais rápido, os gemidos sendo abafados pelos beijos porque ela tentava desesperadamente não fazer muito barulho.

— Porra, linda, eu vou gozar — avisei e na mesma hora, ela segurou com força no encosto do assento, indo até o fundo.

Enterrei meu rosto no seu pescoço, apertando-a contra mim.  
O fogo queimou meus pulmões.  
Seu corpo estremeceu por completo.  
E as respirações se quebraram ao mesmo tempo.

A cabeça de Manuela caiu para trás e eu podia sentir o orgasmo flutuando entre nós dois, roubando nossos fôlegos. Aquele fio invisível que fundia nossas almas, nossos sentidos em algo além da materialidade corpórea.

Ela ficou mole, caída por cima de mim enquanto buscávamos estabilizar nossos corpos. Deslizei o nariz pela curva do seu pescoço e ela praticamente ronronou.

— Realmente não vai ser mais fácil me desfazer do meu jatinho. São muitas memórias e depois dessa agora...

— Calma, quero que você tenha ótimas memórias dele e nós ainda vamos criar mais umas hoje... — ela sussurrou no meu ouvido, com a voz arranhada. — Em cada espacinho. Porque sei o quanto ele é especial pra você.

— Muito especial — concordei, rindo. — Especial pra caralho, Maria Manuela.

Ela gargalhou e beijou a minha boca.  
Não tinha despedida melhor do que aquela.

# EPÍLOGO 2

*Porque eu amo demais  
Não posso evitar se te amo demais  
O que você fez para que eu te amasse demais?  
:: I CAN'T HELP IT - THE ROLLING STONES ::*

*Dante Perazzo*

Os meses da gravidez de Manuela passaram como um furacão e eu nem mesmo era capaz de acreditar que faltava apenas uma semana para o prazo que a médica havia estimado.

Todo aquele tempo foi turbulento. Nosso trabalho se tornou ainda mais incisivo e, como se não bastasse, havia todo o desenrolar a respeito do Adriano e da Marcella.

Pedi uma ordem de restrição e finalmente aquele arrombado saiu da pensão. Os dois estavam respondendo em juízo, porque é claro que eu não iria deixar de lado toda aquela merda, mas não era o meu foco.

Minhas prioridades eram minha mulher, minha filha e meu filho.

Sim, nós teríamos um menino!

Era tudo emocionante demais na gestação e ainda não estava pronto para dar adeus àquele momento. Eu amei cada passo. Lemos diversos livros, fizemos aulas e comprei quase uma loja inteira de bebês, sob protestos.

É claro que também tive uma carga gigante de estresse, porque eu vivia preocupado 24 horas por dia. Ainda assim, mesmo com os nervos à flor da pele, era maravilhoso ver o desenvolvimento dele. Não havia nada mais incrível do que ficar imaginando sobre

sua personalidade ou sonhando a respeito de como seu rostinho seria baseado nos exames 5D que tínhamos feito.

Eu estava ansioso para tudo.

O quartinho estava pronto, nós havíamos decidido que inicialmente ele e Giovanna dividiriam o cômodo, seria muito mais fácil dessa forma.

Nós estávamos na pensão hoje para um almoço de domingo. Gio e Lucca estavam brincando com triciclos, mais gargalhando do que pedalando.

— Vocês não vão acreditar... — Guilherme disse, com os olhinhos brilhando, desesperando para contar alguma fofoca.

— O quê? — nós todos perguntamos em uníssono.

— A Fabíola está grávida — ele contou, gargalhando. — E não é do marido dela.

— De quem é? — Manuela franziu o cenho.

— Essa é a melhor parte! Vocês nem imaginam...

— Para de fazer suspense, porra — eu pedi, sem paciência, e ele me deu um sorrisinho prepotente em resposta e cruzou os braços.

— Marlon Serra! — berrou, rindo.

— Tá zoando! — Julia falou, em choque.

Eu e Manuela continuávamos incrédulos. Que porra?

— É a mãe da *Ki-mico*? — Antonio perguntou entre as risadas. — Mano, esse apelido é muito bom, eu sou foda!

Nós todos rimos.

— Antonio, você é tão idiota. — Manuela rolou os olhos, tentando não rir. — Para de se vangloriar disso, na escola uma legião de crianças te odiava por conta dessa mania estúpida.

— Lembra do Matos? — Guilherme questionou, rindo. — Esses dias eu tava no fórum e vi um advogado gritando “Moita”. MOITA! Você apelidou ele assim na sexta série e até hoje chamam o cara assim.

— Grande Moita — Antonio suspirou. — Saudades desse filho da puta.

— Voltando para a fofoca, será que agora a Fabíola vai treinar seu próximo filho para ser o bebê mais fofoqueiro do Rio? — perguntei para o grupo, comprimindo os lábios.

— Pelo menos ele saberá fazer a fofoca em várias línguas — Manuela zombou, gargalhando.

— Sério, Gui, como você descobriu isso? — Julia perguntou.

— Que casal bizarro.

— Eu descubro tudo, meu amor...

— Ah pronto — falei, estalando a boca. — Até parece que tudo...

— Amor? — Manuela chamou, olhando para o chão, levemente assustada.

— O que...? — Eu vi uma poça de água no chão e levei as mãos até a cabeça. — Puta merda!

— Você mijou no chão, porra? — Antonio berrou, incrédulo, o rosto se retorcendo em uma careta de nojo. — Grávidas não conseguem segurar o xixi?

— Cala a boca, seu idiota. A bolsa dela estourou. Meu Deus, qual é o seu problema? — Julia perguntou, chocada, olhando para o primo da Manuela como se ele fosse um louco.

— Ah... Merda, eu esqueci desse negócio de bolsa.

— Mas... — Minha voz sumiu e eu fiquei olhando para a minha noiva, levemente desesperado. — Não... Não está... Não está na hora ainda.

— Ele tem a própria hora, Dante.

— Deve ter algo errado, a médica disse mais uma semana. E eu li que isso acontece assim do nada com só 10% e... — comecei a dizer, entrando no *Google* e digitando rápido as minhas dúvidas.

— Então, eu estou nos 10%, Dante!

— Isso não é momento para surtar, Dante. É normal adiantar ou atrasar um pouco — Guilherme explicou, vindo na minha direção.

— Cadê a tia Mônica, pelo amor de Deus? — Antonio levantou, aflito.

Eu continuava imóvel na cadeira.

— Você vai ficar sentado aí? — Manuela perguntou, balançando as mãos no ar.

— Você não consegue mesmo segurar ele aí dentro por mais um tempo? — para ser sincero, eu sequer sabia o que estava perguntando.

— Dante, você não pode estar falando sério.

— Certo, desculpa, eu estou nervoso — afirmei, levantando-me de maneira apressada, como se apenas naquele momento minhas pernas tivessem ganhado vida. Então, comecei a andar em círculos pela sala. — O que fazemos agora? Meu Deus, ok. Vamos embora, onde está a bolsa? Temos que pegar a Gio e ligar pra sua mãe e...

— Dante! — Manuela veio andando até mim e segurou meu rosto. — Apenas respire — pediu suavemente, olhando nos meus olhos. — Nós já combinamos isso. Você liga para a obstetra e a doula. Gui vai achar minha mãe e levar ela pra nossa casa, Antonio e Julia ficam com as crianças.

— Eu vou...? — Antonio franziu o cenho, mas Manuela olhou para ele irritada. — Sim, eu vou. Alguém tire essa mulher daqui antes que ela cuspa fogo em mim, Jesus? Tia? Tia, cadê você? — ele gritou pelas escadas.



E, em menos de vinte minutos, minha casa estava completamente lotada. Quando Manuela disse que queria um parto em casa e humanizado, quase tive um infarto. Eu era muito desesperado para aquilo, mas foi uma batalha perdida, então fiz questão de contratar os melhores profissionais da área e havia uma equipe grande, fora os funcionários que trabalhavam para a gente agora.

A amiga dela, Lavanda, tinha levado uns *hippies* para harmonizar o ambiente. Eu estava no quarto, meio drogado de incenso, andando de um lado para o outro enquanto a médica conversava com a Manuela. Acho que a obstetra já estava levemente irritada com todas as minhas interrupções.

Eu busquei gelo, respirei com ela e até mesmo baixei uma *playlist* dos *Beatles* no meu *Spotify*<sup>[37]</sup>. Coloquei uma toalha úmida na sua testa e deixei minha mão livre para que ela a esmagasse sempre que necessário.

Na verdade, me sentia um pouco inútil, mas tentava ajudar da melhor maneira que podia, buscando transmitir todo o meu amor e apoio.

Era muito difícil ficar tranquilo, entretanto. As horas foram passando devagar e eu comecei a me irritar, porque ela estava gemendo de dor há um bom tempo e a imbecil não dava um remédio mais potente.

Eu ia processar aquela mulher. CERTEZA!

— Você não vê que ela está quase morrendo? — indaguei novamente, demonstrando minha perplexidade.

— Eu não... Estou quase morrendo, Dante — Manuela afirmou, levemente ofegante, fazendo uma careta quando outra contração a acertou.

— Ela parece que vai morrer — eu tornei a afirmar e a mulher suspirou sem paciência.

— Senhor Dante, foi uma escolha da Manu não tomar nada...

— Por quê? — perguntei quando minha noiva choramingou e passei as mãos pelo rosto, nervoso. — Isso não pode ser normal, doutora! Puta merda!

— Mãe! — Manuela gritou e a Mônica entrou no quarto em menos de 2 segundos.

— Sim, meu amor?

— Por favor, apenas tira Dante daqui! — ela pediu, parecendo exausta.

— Eu não vou sair daqui — avisei categoricamente.

— Acho que seria melhor para o senhor aguardar um pouco...

— a obstetra começou a dizer, mas eu a interrompi. — Quer um calman...

Que porra que todo mundo queria me oferecer calmante, caralho?

Ou *capuccino*!

— A senhora não ouse terminar essa frase. — falei em um tom ameaçador.

— Dante... — Manuela chamou baixinho e eu me aproximei dela. — Meu amor, por favor, você está deixando todo mundo mais agitado. Eu sei que você está ansioso, mas apenas fica um pouco

com a Giovanna. Eu nem comecei a gritar e você já está dessa forma. — Ela deu uma risada e um beijo nas minhas mãos.

— Você parece estar com tanta dor... — falei, preocupado. — Eu dividiria com você, se pudesse. Eu juro!

Ela sorriu.

— Eu sei. Eu amo você.

— Te amo mais — afirmei, colando os lábios nos dela. — Tudo bem, vou ficar um pouco lá fora, ok? Não quero te estressar.

Manuela assentiu, afirmando que me chamaria quando estivesse mais próximo. Estava decepcionado comigo mesmo, porque eu precisava manter a tranquilidade, mas era foda demais.

As horas pareciam se arrastar e eu não aguentava mais a voz de Guilherme ou a frase: “Fica calmo, Dante”, que ele tornava a repetir feito um maldito papagaio.

— Está na hora, Dante. Mas... — Dona Mônica apareceu na sala e começou a dizer: — Vê se fica tranquilo, está tudo bem com ela e com o bebê.

Eu assenti com a cabeça e saí correndo em direção ao quarto. Manuela parecia que tinha saído debaixo de uma manada de bois, coitada. Seu rosto estava vermelho, os cabelos totalmente desgrenhados e ela estava molhada de suor.

O que eu tinha feito com ela, porra?

Joguei meu corpo ao seu lado e ela esticou os braços, quase em desespero, para segurar minhas mãos.

— Você está aqui. — Sua voz era fraquinha.

— Onde mais eu estaria? Eu só não estava aqui até agora ouvindo essa coisa infernal que você chama de música porque você me enxotou — tentei brincar para distraí-la.

Manuela deu uma risada fraca e depois gemeu de dor.

— Desculpa.

— Pelo quê, Dante?

— Por fazer isso com você. Não queria que você sofresse tanto.

Ela tornou a rir.

— Está tudo bem. — E puxou meu rosto, beijando meus lábios.

— Manuela, preciso que você empurre com mais força, querida — a obstetra pediu.

— Eu não consigo, amor — ela disse, com a voz trêmula e sôfrega. — Eu quero... Eu quero deixar o bebê aí dentro.

— Sim, você consegue, linda — garanti, apertando sua mão com mais firmeza. — Ele não pode ficar aí dentro. Vamos, amor, respira.

— Eu não consigo mais.

— Você é Maria Manuela Guerra, você é uma mulher foda e consegue fazer absolutamente qualquer coisa.

Manuela me encarou por alguns instantes e respirou fundo. Os olhos fixos nos meus, transpassando a nossa conexão. Eu pude sentir toda a intensidade, concentração e determinação sendo canalizadas.

Eu fui para trás dela e ela fez mais força. Alguns segundos depois, gritou tão alto que eu achei que os vidros das janelas se quebrariam. Naquele momento, sabe-se lá como, eu me mantive calmo, como se uma parte de mim soubesse que ela necessitava que eu estivesse daquela forma. Até mesmo meu próprio corpo respondia a qualquer coisa que Manuela precisasse sem que eu sequer percebesse.

Não sei explicar o que senti quando eu o vi escorregando pelas mãos da médica. Foi como se meu coração tivesse parado de bater e um segundo depois, acelerou como nunca.

Na mesma hora, ela colocou o bebê nos braços da Manuela e então, eu desabei. Eu chorei como nunca, agarrado aos dois, sentindo meu coração contra o dela até que o choro ecoasse pelo quarto.

Era tão puro e cheio de vida.

Fiquei levemente hipnotizado pelo som e pela imagem do bebê nos seus braços, tão pequeno e frágil. Beijei seu rosto, sua testa, enquanto chorávamos juntos, tentando expressar toda a minha gratidão e todo o meu amor. Nem sei quantas vezes repeti que a amava e o quanto ela era incrível.

Cortei o cordão umbilical, tremendo, ainda mantendo o meu corpo como uma espécie de barreira, sem soltar os dois. Estava completamente inundado por uma avalanche de sentimentos. O

mundo parecia menor e ao mesmo tempo com infinitas possibilidades. Era como se houvesse uma conexão com algo maior, algo que eu era incapaz de descrever.

Eu não conseguia parar de sorrir, de beijar seu rosto ou fazer carinho nos seus braços. Nós ficamos ali abraçados, juntos, presos em uma bolha que era somente nossa. Como se todo o tempo tivesse sido suspenso.

No momento em que a médica o tirou dos braços dela para fazer os procedimentos, o corpo de Manuela relaxou, apoiando a cabeça no meu ombro. O cansaço sendo visível por todas as horas intensas do parto, os olhos agora refletindo uma mistura de alívio e exaustão, junto com uma respiração profunda e irregular.

Seus dedos se entrelaçaram nos meus e algum tempo depois, nós a movemos até a cama. Eles trouxeram o nosso menino enroladinho em uma mantinha amarela e o colocaram nos seus braços.

Ele era lindo e tinha uma quantidade considerável de cabelinhos loiros, quase brancos, no topo da cabeça. Os olhinhos tentavam se abrir, acostumando-se à luminosidade, mexendo a boquinha inconsistentemente.

— Ei, Pietro... — eu o chamei, atraindo sua atenção e depois olhei para Manuela.

Eu continuava imóvel encarando-o, sentindo meus olhos arderem. Ela olhou para mim e sorriu enquanto uma das mãozinhas dele se desprendeu da manta, chacoalhando no ar.

— Meu Deus, ele é perfeito — falei baixinho e ela assentiu com a cabeça.

— Ele é. Está pronto para pegar seu filho no colo?

— Sim... Estou pronto. — Minha voz saiu trêmula e eu me ajeitei ao lado dela.

Meus sentimentos pareciam me inundar como ondas quando o senti contra o meu peito e uma plenitude inexplicável tomou conta de mim. Como era possível amar tanto um serzinho tão minúsculo que eu conhecia há menos de vinte minutos?

Fiquei algum tempo dentro de um transe, completamente hipnotizado pelo rostinho e cada movimento que o Pietro fazia. A

doula se aproximou com Giovanna no colo e ela meio que engatinhou pelas pernas da Manuela.

— Cuidado com a mamãe, filha — pedi baixinho.

— *Tá bom, papai.* — Nossa filha sorriu e deu um beijinho na bochecha dela.

— Gio, esse é seu irmãozinho, Pietro — Manuela sussurrou e ela olhou levemente assustada, levantando os olhos para mim e depois olhando para Manuela, confusa.

— *Neném?*

— Isso, ele é um neném — expliquei. — Que nem você, capivarinha. E agora você precisa cuidar do seu maninho, porque você é a mais velha, certo? Você pode fazer isso, Gigi?

— *Xim* — afirmou, sorrindo e se inclinando ainda mais para vê-lo.

Eu olhei à minha volta e suspirei fundo. Nunca havia me sentido tão completo e, sem sombra de dúvidas, essa era a forma mais pura de felicidade.

Existe um motivo para as coisas acontecerem nas nossas vidas e cada parte da nossa história é escrita de uma forma. Tudo o que nós fazemos nos leva a um determinado caminho.

Durante anos, eu havia me odiado por todo o passado e também desejei poder voltar no tempo e refazer algumas das minhas escolhas.

Só que a minha história, mesmo que fodida, quebrada e cheia de arrependimentos, havia me levado para Manuela. De alguma forma, eu havia achado o meu caminho para ela. E a verdade é que eu faria tudo de novo, se eu tivesse plena certeza de que esse era o meu final.

# NOTINHA FINAL

Fico muito feliz que tenha terminado o livro e do fundo do meu coração, espero que tenha gostado. Eu escrevi com todo o meu amor, de verdade. Eu me apaixonei por essa história, pelos personagens e espero que o mesmo tenha acontecido com vocês.

Sinta-se à vontade para deixar uma avaliação (vou adorar ler) e também para me procurar nas redes sociais para falar (ou surtar) comigo. Eu amo conversar e fazer amizade. Amo pra caralho... kkkkkkkkk

Caso não tenha curtido, tudo bem. Acredito que nem todas as histórias se conectam com as pessoas da mesma forma. Ainda assim, espero que um dia, alguma outra conquiste você.

**Ah, e se quiser conhecer mais do meu trabalho, não deixe de ler a série “E se...”.**

Beijos,

Tati.

# AGRADECIMENTOS

A todos os leitores, responsáveis pela minha carreira e aos que deram uma chance para conhecer o meu trabalho, que vibram e se apaixonam pelas minhas histórias. Eu não seria absolutamente nada sem vocês.

Ao meu marido, Thyerry, que é meu maior apoiador, que lê os meus textos, opina, vibra comigo e me dá suporte todos os dias na profissão que eu escolhi. Eu te amo e você é o melhor “beto” que existe! kkkkkk

Agradeço também à minha mãe, que me ensinou o significado de família e que fez tanto por mim desde que eu me entendo por gente.

Helene, você não tem ideia do quanto foi maravilhoso viver cada momento dessa história de novo com você. Não sei como te agradecer por todo companheirismo sempre. Você sabe que foi difícil lidar com algumas coisas dessa história e eu sou muito grata por você ter estado presente a cada passo. De verdade.

Às minhas outras betas, que se apaixonaram por essa família que eu tanto amo. Aline, você é uma mãe incrível que me inspira todos os dias e eu sou muito grata por toda ajuda que você me dá sempre. Carol, ninguém surta tanto com meus personagens quanto você e eu amo o quanto você me empolga quando eu mesma estou desanimada. Isa, não sei o que seria de mim sem suas aulas, sem seus incentivos e sem sua animação com as minhas histórias. E Patty, você é incrível, sempre me motivando com surtos e tentando me mostrar minhas evoluções na escrita. Eu amo muito cada uma de vocês.

Camis, obrigada por toda a sua amizade, por estar comigo nessa jornada e me dar sempre uma luz quando eu estou no meio do furacão.

À minha prima, Mari, pelo apoio de sempre.

A todas da minha equipe que estão comigo nos bastidores. April, Bebel, Bru, Gabi, Laís, Rosi e Tati, as meninas lindas que

fazem parte do meu time, cada uma cuidando com muito carinho e profissionalismo de vários pontos essenciais para a minha carreira.

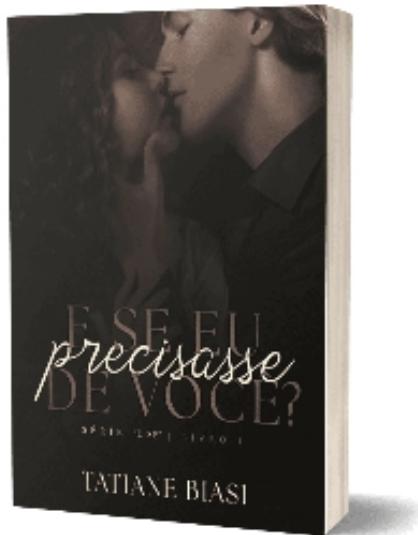
Bu, Dri, Stef e Mi, eu amo o fato de vocês sempre me darem um respiro, de saber que no nosso grupinho eu consigo ter o apoio que preciso. Vocês são tudo.

A todas as minhas parceiras e *influencers*, que estão ao meu lado, me divulgando, torcendo por mim e fazendo de tudo para pregar a palavra de Tati Biasi.

A todas as pessoas que estão ao meu lado diariamente, me auxiliando de alguma forma, me dando força e a todos que vão me perdoar por ter esquecido alguém, porque minha memória já foi com Deus.

# OUTRAS OBRAS

CONHEÇA MEUS OUTROS LIVROS



## E SE EU PRECISASSE DE VOCÊ?

<https://amzn.to/3ZQJKoh>

Alice Rossi tem uma vida sexual um pouco frustrante. Marco Montes tem uma vida sexual invejável.

Ambos se odeiam desde que se entendem por gente, mas Alice vê sua vida virando de ponta cabeça quando descobre uma traição de seu namorado e aceita se mudar temporariamente para o apartamento da sua melhor amiga. Existe apenas um porém, ela mora com Marco.

Depois de muitos encontros frustrantes e uma noite atípica, os dois acham termos para a convivência se tornar mais tolerável.

Sem envolvimento. Sem exclusividade. Sem beijos.

Eles não contavam que o universo, intitulado por Alice como seu arqui-inimigo, fosse criar uma forma de aniquilar todas as questões do passado, reduzindo a pó tudo o que antes era tão bem definido entre os dois.

Marco Montes poderia descrever esse livro como: a nerd insuportável que odeia o gostoso empresário e dá um jeito de foder

com toda sua vida.



## **E SE EU ME IMPORTASSE? LIVRO 2 DA SÉRIE 'E SE'**

<https://amzn.to/3JabXjL>

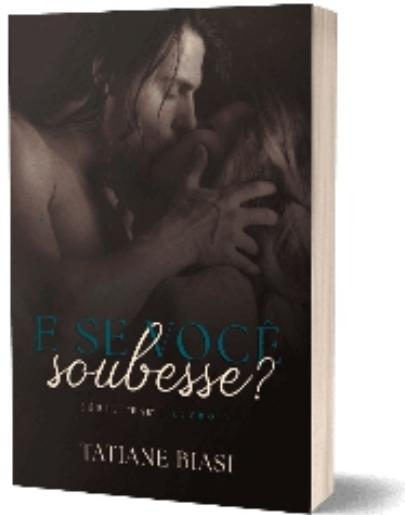
Paula Braga nunca se importou com ninguém além dos seus. Leonardo Ortega se importa com qualquer ser humano que cruza seu caminho.

Ela é a Princesa da Tríade do Mal. Ele é o Garoto de Ouro da cidade.

O ódio sempre ditou a relação dos dois. E quando a fase mais esperada da vida de Leonardo se inicia, ele descobre que Paula será responsável por cuidar da sua imagem para que seja eleito o Prefeito de Coroa do Sul.

Mesmo que Leonardo repita milhares de mantras na sua cabeça, a raiva de Paula por ele parece incontrolável e seu jeito o tira do sério. E por mais que seja difícil trabalharem juntos, com o tempo, se torna ainda pior permanecerem separados.

Totalmente opostos e capazes de criar uma química de intensa potência quando toda raiva explode entre eles.



## **E SE VOCÊ SOUBESSE? LIVRO 3 DA SÉRIE 'E SE'**

<https://amzn.to/3H3PtOK>

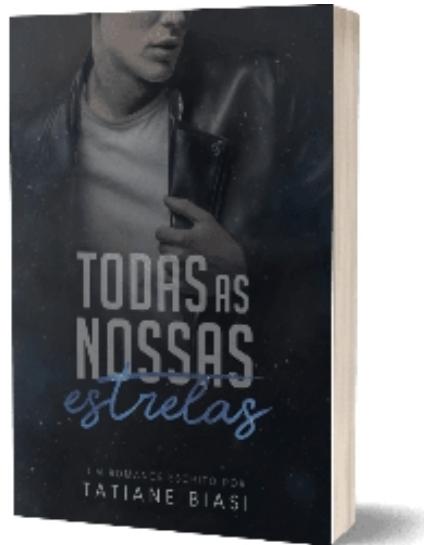
Duda Mazza sempre soube lidar com seus sentimentos. Nicolas Guedes construiu uma barreira em seu coração.

O ódio que se transformou em amizade. A amizade que se transformou em amor.

Um acontecimento altera tudo, desestabilizando o que antes parecia tão intocável. Duda se vê tendo que lidar com as consequências de um segredo de sua família escondido por anos. Nick precisa entender como ultrapassar seus medos e inseguranças.

Em um momento em que todas as relações são postas à prova e os sentimentos são questionados, ambos precisam aprender como domar seus próprios demônios.

A história dos dois parecia escrita, mas sempre houve uma parte que não foi contada. E agora, existia uma outra que ditava novas direções.



## TODAS AS NOSSAS ESTRELAS

<https://amzn.to/3jN77Pf>

Samuel Medici é um colunista de fofocas que odeia famosos. Conhecido por seu humor ácido e por não perdoar as celebridades, ele diz o que pensa, sem medo de retaliações.

Lexie Taylor é uma artista que cresceu na mídia e não suporta os fofoqueiros de plantão. Sempre com o rosto estampado nas colunas da QueenG!, o maior site de fofocas do Brasil, tem uma lista de namoros fracassados.

Tudo muda quando Lexie ganha o seu próprio reality show: “Quem vai ficar com Lexie?” e se vê indo para um resort em Angra dos Reis em busca de um namorado.

O que ela não contava era que Samuel Medici, seu maior pesadelo, também estaria lá. Em uma confusão de dinâmicas, provas, encontros e desencontros os dois vão percebendo que o ódio é apenas uma combustão para algo ainda mais forte.



## **PECADO PREFERIDO**

<https://amzn.to/3ZbG00N>

### **:: New Adult :: Haters to Lovers :: Romance Proibido ::**

Larissa Albertelli é estudante de Medicina, filha perfeita e herdeira de um dos maiores hospitais do Rio de Janeiro. Pedro Queiroz é um tatuador que mora em uma comunidade no Recreio e também ganha a vida sendo garçom em um condomínio luxuoso na Barra da Tijuca.

Ele não suporta pessoas com dinheiro. Ela abomina pessoas que se acham donas da razão.

E os dois se odeiam desde a primeira interação.

Por obra do destino, Pedro recebe uma proposta que pode mudar sua vida profissional. E como alegria de pobre dura pouco, a consequência é se tornar o novo vizinho da patricinha que detesta.

Ele tem um mandamento de vida e ela veio para quebrá-lo.

Olhares furtivos. Desejos escondidos. Um romance proibido.

Uma atração explosiva e simplesmente irresistível.

E à medida em que a tensão aumenta, os sentimentos surgem, arrastando-os para um romance intenso a ponto de quebrar todas as barreiras pessoais e sociais.

- [1] Termo em inglês que significa ‘tempo’, utilizado coloquialmente.
- [2] Casas Bahia é uma popular rede de varejo de móveis e eletrodomésticos do Brasil.
- [3] Expressão que significa fazendo loucuras, tomando decisões sem pensar muito.
- [4] Um meme que virou sinônimo de palavras de incentivo na internet.
- [5] O Exame da Ordem dos Advogados do Brasil ou Prova da OAB é uma avaliação a que se submetem, por força de lei, os bacharéis em Direito no Brasil.
- [6] Significa Trabalho de Conclusão de Curso, é uma avaliação feita no final da graduação.
- [7] *The Sims* é uma série de jogos eletrônicos de simulação de vida real criado pelo designer de jogos Will Wright e produzida pela Maxis.
- [8] Personagem fictício da autora do livro “Todas as nossas estrelas”.
- [9] Agostinho Carrara é um personagem fictício da série *A Grande Família* da TV Globo.
- [10] Harry Potter é uma série de sete romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling.
- [11] Site de fofocas fictício da autora.
- [12] Reality show de culinária.
- [13] A Fini é uma empresa espanhola de doces fundada em 1971.
- [14] Paulo Henrique de Chagas Lima, mais conhecido como Paulo Henrique Ganso ou simplesmente Ganso, é um futebolista brasileiro que atua como meio-campista que joga no Fluminense (2023).
- [15] O Barra Shopping, estilizado como BarraShopping, é um shopping center da cidade do Rio de Janeiro, localizado na Barra da Tijuca.
- [16] Resenha é uma gíria carioca utilizada para denominar encontro, festa ou reunião entre amigos.
- [17] Felícia é uma personagem da animação “Pinky e o Cérebro” que ama abraçar e apertar os animais.
- [18] Empresa fictícia da série “E se”, da autora.
- [19] Michael Fred Phelps II é um nadador profissional americano aposentado, conquistou trinta e sete recordes mundiais e conquistou o maior número de medalhas de ouro olímpicas em uma única edição, feito este realizado nos Jogos de Pequim, na China, em agosto de 2008.
- [20] É um filme de artes marciais e drama romântico norte-americano de 1984, que tem personagens marcantes como senhor Miyagi, um mestre de karatê.
- [21] Escola de karatê fictícia do filme *Karatê Kid* (1984).
- [22] Uma das marcas italianas de moda masculina e feminina mais exclusivas do mundo.
- [23] Personagem fictícia do livro “Todas as nossas estrelas”, da autora.
- [24] É a sigla RJ escrita por extenso, uma gíria utilizada por alguns cariocas.

[25] O Parque Chico Mendes fica localizado no Recreio dos Bandeirantes e conta com uma obra de arte feita por um artista em parceria com a autora, mencionada no seu livro “*Pecado Preferido*”.

[26] *O Senhor dos Anéis* é uma trilogia de livros de alta fantasia, escrita pelo autor britânico J. R. R. Tolkien.

[27] John Lennon foi um cantor, compositor e ativista da paz britânico que fundou os *Beatles*, a banda de maior sucesso comercial na história da música popular.

[28] Romance da escritora britânica Jane Austen.

[29] Trecho da música dos *Beatles* que significa: Todo o meu amor, eu mandarei para você.

[30] Garrafa de vidro, popularmente chamada assim.

[31] O *Cheddar McMelt* é um sanduíche exclusivo do Brasil, clássico da rede de *fast-food* *McDonald's*.

[32] Déia Freitas é uma *podcaster*, contadora de histórias e psicóloga brasileira. Seu *podcast*, *Não Inviabilize*, é um dos maiores do Brasil.

[33] Gal Gadot-Varsano é uma atriz e modelo israelense, conhecida principalmente pelo papel da Diana Prince em *Mulher-Maravilha* no Universo Estendido DC.

[34] É uma gíria que vem do significado da sigla "boletim de ocorrência". Significa que algo deu errado, que existe um problema.

[35] Mencionada na saga de Harry Potter, a Poção *Polissuco* é uma poção que permite ao bebedor assumir a forma de outra pessoa.

[36] Hospital fictício do universo da autora, mencionado no livro *Pecado Preferido*.

[37] O *Spotify* é um serviço digital que dá acesso instantâneo a milhões de músicas, *podcasts*, vídeos e outros conteúdos de criadores no mundo todo.